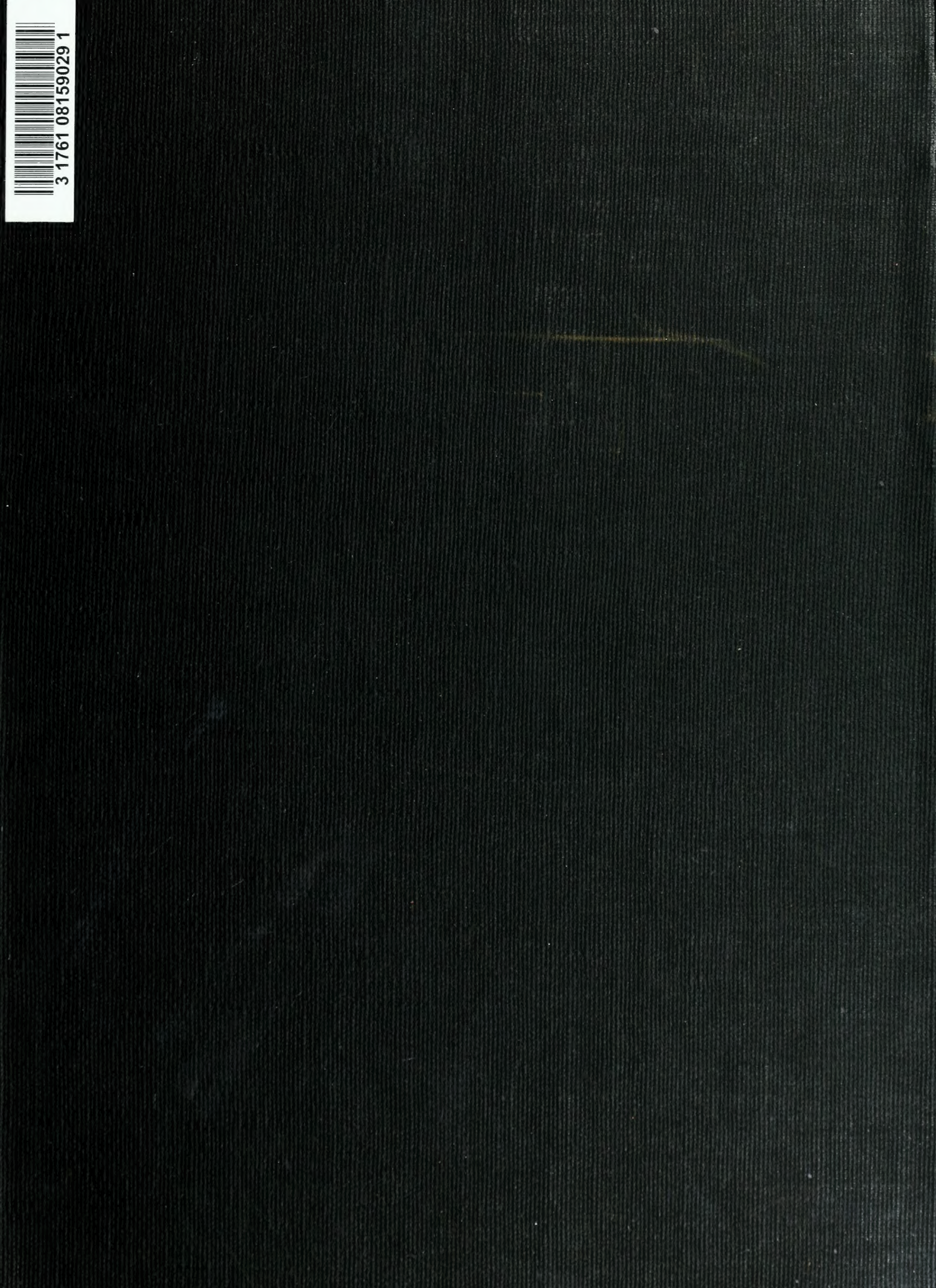

3 1761 08159029 1

THE ROYAL CANADIAN INSTITUTE

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/histriadelaciu00masc

26

ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

COMISSÃO DOS CENTENÁRIOS DE CEUTA E ALBUQUERQUE

COMEMORAÇÃO
DO
QUINTO CENTENÁRIO
DA
TOMADA DE CEUTA

I SÉRIE — TEXTOS HISTÓRICOS

HISTÓRIA

DE LA

CIUDAD DE CEUTA

SUS SUCESSOS MILITARES, Y POLITICOS;
MEMORIAS DE SUS SANTOS Y PRELADOS, Y ELOGIOS
DE SUS CAPITANES GENERALES

ESCRITA EM 1648 POR

D. JERONIMO DE MASCARENHAS

PUBLICADA POR ORDEM DA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

E SOB A DIRECÇÃO DE

AFONSO DE DORNELAS
Sócio correspondente da Real Academia de la Historia, Madrid.





ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA
Rua do Arco a Jesus, 113
LISBOA

Coimbra — Imprensa da Universidade — 1918

DT
329
C5M2
1918
610431
4.7.55



PREFÁCIO

Muito se dedicou D. Jerónimo de Mascarenhas aos estudos históricos, deixando bastantes trabalhos inéditos havendo conhecimento da existência de alguns, entre os quais se encontra a *História de Ceuta,* precioso manuscrito que tanta luz vem fazer sôbre a vida desta praça de guerra.

D. Jerónimo de Mascarenhas era português, mas, pela Restauração de 1640, foi para Espanha, onde pôs os seus méritos à disposição de Felipe IV, pelo que teve várias mercês como outros portugueses que nessa época, não julgando talvez que a Restauração vingasse, abandonaram Portugal.

Andou D. Jerónimo de Mascarenhas pelas praças do norte de África pelo que tem o seu trabalho toda a autoridade, pois que teve ao alcance da vista os documentos existentes nos conventos e mais arquivos, e todos os dados necessários para poder basear o seu estudo que hoje nos vem dar a conhecer a vida íntima de Ceuta.

Pertencia a capitania desta praça à casa dos Condes, Marqueses e Duques de Vila Rial, em cujo arquivo existiam preciosos documentos referentes ao govêrno de Ceuta.

Conheceu D. Jerónimo de Mascarenhas êste arquivo como por vezes indica na *História de Ceuta*, o que lhe deu ocasião de fazer um trabalho intitulado *Epitome de la Casa de los Marqueses de Villa Real, Duques de Caminha,* do qual infelizmente se ignora o paradeiro.

Sendo há tempos meu desejo o estudar a vida de D. António Caetano de Sousa, o príncipe dos genealogistas portugueses, o autor do maior trabalho português sôbre genealogia, com precio-

sissimos dados de história pátria, intitulado *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa,* entre os inúmeros elementos com que deparei para o meu referido trabalho que tenciono publicar, encontrei as actas da Academia Real da Historia Portuguesa, arquivadas na secção dos manuscritos[1] da Biblioteca Nacional de Lisboa, sob a designação de *Códice* 684 e seguintes.

Foi pela leitura destas actas que tive conhecimento da existência de uma *História de Ceuta,* por D. Jerónimo de Mascarenhas.

D. António Caetano de Sousa foi pela Academia Real da História Portuguesa, incumbido de escrever as *Memorias para a historia ecclesiastica das egrejas em as novas conquistas ultramarinas, ou fóra de Portugal,* pelo que não encontrando elementos suficientes nos arquivos portugueses, escreveu ao então Bispo de Ceuta D. Thomaz de Agnero pedindo-lhe esclarecimentos na parte respeitante a esta diocese.

Dêste facto deu parte na sessão da referida Academia, de 24 de julho de 1726, sendo êste facto relatado na respectiva acta nos seguintes termos:

«... E porque o meu estudo não podia conseguir pelo que «anda escripto, as noticias de que necessito, me resolvi a escrever «uma carta ao Bispo d'esta Egreja, a que ajuntei um papel de per- «guntas, para que do archivo da Camara Episcopal, e do Cabido, «se dignasse de me mandar as noticias que apontava, de tudo o «que pertencia aquella diocese, e dos Prelados, que occuparam a «cadeira d'aquella Egreja. Não me esqueceu lembrar-lhe, se por «ventura a curiosidade de alguma pessoa levou áquella Praça o «livro com o titulo de *Historia da Cidade de Ceuta, seus successos «Militares, e Politicos; memoria dos seus Santos, e Prelados; Elo- «gios de seus Capitaens Generaes»* — que escreveu D. Jeronimo de «Mascarenhas, que foi Bispo de Segovia, filho de D. Jorge de «Mascarenhas, Marquez de Montalvão, de que elle mesmo faz «menção no catalogo das suas obras.»

Um ano depois, na sessão de 23 de maio de 1727, dá D. António Caetano de Sousa conta à Academia Real da História Por-

tuguesa, da resposta que obteve de D. Tomás de Agnero que nessa data já não era Bispo de Ceuta, mas sim Arcebispo de Saragoça.

Na acta da mesma sessão está descrito que D. António Caetano de Sousa, depois de várias considerações, disse:

«... Contudo porque se não imagine que me tenho esquecido «das Memorias Ecclesiasticas do Ultramar que me forão destri«buidas, direi do estado em que se acha o Catalogo, que tenho «prometido dos Bispos de Ceuta. A este fim escrevi ao Bispo «d'aquella Diocese, D. Thomaz de Agnero, hoje eleito dignissimo «Arcebispo de Saragoça, para que dos archivos d'aquella Cathe«dral podesse ter um cupioso socorro, com que ornasse as memo«rias dos Prelados que a governaram, e nesta esperança me pôz «a benignidade d'aquelle Illustrissimo Prelado, mandando-me «segurar, tinha encarregado esta deligencia a pessoa de toda a «satisfação; pois entrava n'ella com curiosidade e genio; com «efeito me tornou a obrigar o mesmo Bispo com uma carta cheia «de estimaveis expressões, escripta a 6 de dezembro de 1726 «acompanhada com uma individual noticia d'aquella cidade; mas «tão sucinta e tão deminuta que nem os annos em que entrarão «n'ella, seus Bispos pôde averiguar, nem ao menos me deu algum «dos que eu não tivesse noticia, e das suas acções nada; e con«cluindo com estas formaes palavras do mesmo papel, digo tudo «o que contem a memoria: = Los antigos Portuguezes, que sir«viron en este antemoral, más cuidaron de eternizarse con suas «lanças, que hazer-se memorables con la pluma, por lo que no «fixaron inscripciones dentro, né fuera, de las Iglesias, ni aunen «las nuebas fortificaciones =.»

Continua D. António Caetano de Sousa relatando o que D. Tomás de Agnero lhe manda dizer, em que aparece simplesmente como novidade uma lápide com uma inscripção existente numa torre, a qual motivou o meu estudo *Uma lápide em Ceuta*, que inclui no vol. I da *Historia e Genealogia*.

Como acima ficou dito, na sessão da Academia Real da Historia Portuguesa, efectuada em 24 de junho de 1726, fez D. An-

tónio Caetano de Sousa duas referências que me despertaram a curiosidade: uma foi sôbre a existência da *História de Ceuta,* outra foi sôbre a existência dum catálogo das obras de D. Jerónimo de Mascarenhas.

Este catálogo fui encontrá-lo dias depois no princípio da obra *Viage de la Serenissima Reyna Doña Maria Ana de Austria;* faltava-me, portanto, descobrir a *História de Ceuta,* que não constava dos catálogos das Bibliotecas públicas e particulares portuguesas. Passar uma busca à parte não catalogada das mesmas Bibliotecas, nem pensar em tal, pois seriam necessárias vidas para levar essa tarefa a efeito. Portanto, com poucas esperanças de bom éxito, dirigi-me às Bibliotecas estrangeiras não pensando sequer na possibilidade de que estivesse em Espanha, atendendo às relações entre os estudiosos das duas nações.

Como chegassem respostas às minhas cartas, dizendo-me que não aparecia tal manuscrito, aproveitei a ocasião de estar em correspondência com D. Santiago Otero, Marquês de Hermocillas, da *Revista de Historia y de Genealogia Española, de Madrid,* que eu sabia se dedicava a estudos sôbre Ceuta por vários motivos e principalmente por os seus ascendentes serem naturais da mesma cidade, perguntando-lhe se por acaso existiria nas Bibliotecas espanholas a desejada *História de Ceuta.*

Dias depois, com data de 6 de maio de 1913, chega-me notícia de que a *História de Ceuta,* estava na Biblioteca Nacional de Madrid.

Em princípios de julho seguinte recebi, por intermédio de D. Santiago Otero, as primeiras dezenas de folhas da cópia do precioso manuscrito de D. Jerónimo de Mascarenhas.

Em meados do século XVIII, fundou-se em Madrid a Biblioteca Nacional que teve por principal base grande quantidade de obras oferecidas pela Biblioteca Real de Madrid, indo entre essas obras a *História de Ceuta* de D. Jerónimo de Mascarenhas.

Na mesma Biblioteca existe uma cópia dêste manuscrito, com letra do século XVII e que foi adquirida por compra quando da venda da colecção de manuscritos de D. Pascoal Gayangos.

D. Jerónimo de Mascarenhas escreveu a *História de Ceuta* em 1648 como declara no decorrer do seu trabalho, mas infelizmente não a completou, pois que chegando com alguns capítulos até àquella data, termina por exemplo com os feitos dos governadores em 1553, não se referindo aos Prelados como no título promete.

Divide-se a *História de Ceuta* em 76 capítulos, tendo por lapzo o autor repetido a numeração do 26.º, havendo portanto dois capítulos com êste número, o que dá ao todo 77 capítulos.

A prova evidente de que êste trabalho não está completo, é que os últimos três capítulos não teem título, referindo-se o 74.º ao fim do govêrno de D. Afonso de Noronha, o 75.º ao govêrno de D. Antão de Noronha e o 76.º aos govêrnos de Jorge Vieira e D. Pedro de Menezes, Marquês de Vila Rial e ao desterro de Luiz de Camões em Ceuta.



Dos inúmeros trabalhos históricos de D. Jerónimo de Mascarenhas, consegui encontrar referências àqueles de que vou dar notícia, começando pelo único que, segundo parece, foi impresso em Portugal:

— *Oração exhortatoria e panegyrica,* no terceiro dia do Synodo, que aos 8 do mez de maio de 1639 começou a celebrar o ill.^{mo} e rev.^{mo} sr. D. Joanne Mendes de Tavora, bispo de Coimbra, etc. Lisboa, por Antonio Alvares, 1640, 4.º, de 24 folhas numeradas só na frente. No final da última página tem declaração de ter sido impresso em 1639.

Este sermão, que foi o 3.º prégado no referido Synodo como declara o seu autor, foi por êste dedicado a seu pai D. Jorge de Montalvão, que a êsse tempo se achava no Brasil.

Parece que êste livro não foi pelo autor posto à venda, porque tendo sido impresso em 1639, diz D. Jerónimo de Mascarenhas que o seu primeiro livro, que aparece em público, é o que se segue e que foi impresso em 1650.

— *Viage de la Serenissima Reyna Dona Maria Ana de Austria.* Segunda muger de Don Phelipe Quarto deste nombre, Rey Catholico de Hespaña Hasta la Real Corte de Madrid, desde la Impe-

rial de Viena. Al Rey Nvestro Señor por D. Jeronimo de Mascarenhas, etc. Con privilegio em Madrid, por Diego Diaz de la Carrera, ano 1650, 4.º 50 + 301 + 14.

Escreveu D. Jerónimo de Mascarenhas êste livro com conhecimento da causa, porque com os títulos de Esmoler Mór e Capelão Mór da Rainha D. Mariana de Áustria, fez parte da comitiva que foi à Alemanha para conduzir a Espanha esta senhora.

No princípio dêste livro diz o seu autor:

«Razon de otros Escritos del Autor. — Esto és el primer Libro «(de los que he escrito) q̃ aparece en publico, por medio de la «Estampa, y el que por la materia correrá mas mundo. Por vna «y otra cosa me pareció dar razon en el de mis Escritos, y de lo «que ha trabajado en la Historia; materia, q̃ mas me arrebató el «gusto. Sucessiva, ó interpoladamête imprimiré, cõ el favor «divino, los seguientes Libros:

— *Itinerario deste mismo Viage*, en que se escribirán las antiguedades, y grandezas de las Ciudades, y Pueblos del transito.

— *Monumentos de Italia.* Consta de los Epitafios, y Inscripciones notables, que hallé en aquella Provincia, dignos de imprimirse.

— *Descripcion de Trente, noticias,* noticia de su general cõcilio, y Elogios de todos los Españoles, que en él se hallarõ.

— *Arboles Genealogicas de la Reyna N. Señora,* junto un Epitome de la descendencia de la Augustissima casa de Austria, desde su origen, hasta nuestros tiempos.

— *Excelencias, y Vtilidades de la Historia.* Contiene mas materias este assumpto, que outros Libros, que le han tocado, a que se añaden, consideraciones propias en alabança deste noble empleo.

— *Historia de la ciudad de Coimbra.* Su principal assumpto es lo tocante á lo Eclesiastico; si bien de lo antiguo se tocan algunas materias con espacio, y novedad. Este es mi primer escrito.

— *Historia de la ciudad de Ceuta* (vnica Plaza de Portugal, y sus conquistas, que conservó la debida obdiencia al Rey N. S.) sus sucessos militares, y Politicos; memorias de sus Santos y Prelados, y Elogios de sus Capitanes Generales.

— *Genealogia Regia de Portugal,* y Elogios de sus Varones, y Mugeres Ilustres. Llega hasta el Rey N. S. Don Phelipe IV q̃ Dios guarde; y se escriben em Epitome las vidas de todas las Personas Reales de aquel Reyno.

— *Iglesias de Portugal* y vidas de sus Prelados. Dividese en quatro partes. En la primera se escribe la Metropoli de Braga, y sus sufraganeas. En la segũda la de Lisboa, con las Iglesias de su jurisdiciõ. En la tercera la de Evora, y los Obispados, que le estan sujetos. En la quarta el Arçobispado de Goa, con todas las Iglesias vltramarinas.

— *Varones Illustres Portugueses.* Tratase aunque en Epitome, de cada vno, sin reservar accion notable suya. El primer Tomo comprehenderá veinte y quatro sugetos grãdes; y en los siguintes se proseguirá con otros no desiguales á estos.

— *Historia de la Illustrissima Religion de Calatrava.* Escribese desde su origen hasta nuestros tiempos, con muchas antiguedades, hasta aora no tocadas de los Escritores.

— *Historia de las Ordens Militares de Portugal,* que son las de Christo, Santiago, y Avis.

— *Descripcion de Portugal,* y sus conquistas. Es materia tratada ya de otros, más discurrida aora con mas, y mejores noticias.

— *Noticias de la ciudad de Leiria;* descripcion de su Obispado, y elogios de sus Obispos.

— *Vida de D. Leonor de Mascareñas,* Dama de la Emperatriz D. Isabel, Aya de Phelipe II y su hijo el Principe D. Carlos, Camarera Mayor de la Emperatriz Dona Maria.

— *Vida del B. Amadeo de Portugal,* en el siglo Juan de Silva de Menezes, fundador de la Ilustrissima Cõgregaciõ de los Amadeos en Italia, de la Religion Serafica.

— *Vida de D. Beatriz de Silva* su Hermana, Fundadora de la Concepcion en España.

— *Vida de la Princesa D. Juana.* Hija del Rey D. Alonso el V de Portugal.

— *Vida de S. Isabel* Reyna de Portugal, Infanta de Aragon.

— *Vida del S. Infante de Portugal D. Fernando,* Hijo del Rei Don Juan I.

—*Vida del Infante de Portugal D. Pedro*, Hijo del mismo Rey.

— *Vida de S. Juan Evangelista,* Apostol, y Discipulo amado de Christo.

—*Vida de S. Tomas,* Apostol de la India Oriental.

—*Epitome de la Casa de los Marqueses de Villa-Real,* Duques de Camiña.

—*Origen de la Inquisicion de Portugal.* Refutaráse en el con papeles originales, y Bulas Pontificias el embuste introducido entre los poco noticiosos.

— *Cronica del Rey D. Sebastiã*, Vnico deste nombre y XVI en ordem de los Reyes de Portugal.

Terminando aqui o catálogo das obras de D. Jerónimo de Mascarenhas, referidas pelo próprio, diz em seguida este escritor:

«Destos Libros, los mas estan acabados, otros necessitan de «algun trabajo, para la vltima perfeccion. I para q̃ los referidos «la tengan (si bien los que la tienẽ no dexarán desde oy descan-«sar la Prẽsa) necessito de algunos años de trabajo. Si Dios fuere «servido de concedernelos, y algunos otros, entoces se logrará mi «principal, y mi mayor estudio en la Historia, á que siempre fui «enderezando mi leciõ cõtinua. Este es el de los Anales Ecle-«siasticos de Portugal, obra, sin duda, por la materia digna de «un avẽtajado sugeto, sino de muchos. No refiero los materiales, «que se hã juntado para este Escrito (que promete muchos To-«mos) ni la lecion de Autores, ó conocidos, ó esquisitos, q̃ se hal-«larán en los quadernos de mis Anotaciones Historicas; porque «solamẽte será creible á quien viere logrado este trabajo. En el «se hallará ilustrissimas memorias Eclesiasticas de aquél Reyno, «ó le considerémos en los años de la Primitiva Iglesia, por los Mar-«tires, por los Confessores, y por los Concilios, que la sustentaron «como firmissimas Colunas suyas. O le tomemos despues con la «entrada de las Religiones en él, y las muchas, que fundaron sus «Hijos, alli, o en otros Reynos, con obundante logro espiritual del «Imperio Catolico. O finalmente, despues q̃ los Portugueses salidos «de Europa, se entraron por las vastissimas Provincias de Africa,

«Asia, y America à predicar el Sagrado Evangelio. No ay duda, «q̃ fueron los q̃ mas lexos q̃ otros echaron la barra en las con- «quistas espirituales de todo el mundo. Es esto tan notorio, que «quien dellas no sabe mucho, sabe poco del. Por su medio se «descubrio la mayor y mejor parte de las tres del universo. A «ellas, como hijas mas feas y menos politicas, repartio Dios mayor «dote de riquezas, pára que fuessen buscadas, como fueron de los «antiguos. Mas buscadas de muchos por muchos años, los Por- «tugueses las hallarõ, estendiendo su dominio, justamẽte con la «Fé de Sol a Sol. Lo q̃ en aumento della obraron en aquellas «partes, materiaes de no pocos, ni cortos volumenes. Testigos «seriàn las muchas Provincias reducidas al gremio de la Iglesia; «los Martires, que desde su descubrimiento, hasta el dia de oy «dieron testimonio con su sangre, de la verdad de nuestra Reli- «gion. Las muchas fundaciones en Reynos remotissimos, las «conversiones, los sudores, y los trabajos. Finalmento será obra «de grã servicio a la Iglesia, de igual honra á España, y digno el «assumpto, de que sea imitado de otros Reyos della; pues tienem «todos tanta materia de que gloriarse. Y me redusce á lo que «mas me toca, por parecerme poco coprehensible de una sola «pluma la materia toda.»

Vejamos agora as outras obras de que há conhecimento de terem publicadas:

— *Raymvndo Abadde Fitero* de la orden de cister, fvndador de la sagrada religion, y inclyta cavalleria de Santa Maria de Calatrava; primer Capitan General de sv espiritval, y temporal milicia. xx + 112, fl. 4.° com licencia En Madrid, por Diego Dias de la Carrera, año de MDCLIII.

— *Campaña de Portugal por la parte de Extremadura* el año de 1662, executada por el serenissimo señor D. Juan de Austria. Madrid, por Diego Dias de la Carrera 1663. 4.° XII-128 pag.

O conde da Ericeira no *Portugal Restaurado,* tomo II, pag. 334 da primeira edição, invectiva fortemente êste livro e o seu autor.

— *Apologia Historica* por la ilvstrissima religion, y inclita cavalleria de calatrava: Sv antigvedad, sv extension, sus grandezas entre las militares de Espana. Al Rey Nvestro señor. Con

privilegio. En Madrid por Diego Diaz de la Carrera, Año de MDCLI. XX + 178. 4.º

—*Amadeo de Portugal,* en el siglo Jvan de Menezes de Silva, Religioso de la orden de S. Francisco de la Obseruancia: y Fundador de la Illustrissima Congregacion de los Amadeos en Italia. A D. Pedro Mascareñas, Marques de Montalvan Conde de Castelnouo, et. Con privilegio. En Madrid: Por Diego Diaz de la Carrera, Impressor del Reyno. Año de 1653-16.º-10 + 60 folhas.

—*Fray Jvan Pecador,* Religioso del orden, y Hospitalidad de san Jvan de Dios y Fvndador del Hospital de Xerez de la Frontera. Sv vida, virtvdes, y maravillas. Al Excellentissimo Señor Don Pedro Mascareñas etc. Con licença. En Madrid, Por Melchor Alegre. Año 1665-4.º-32 + 199.

— *Trofeo por la immaculada Concepcion de Maria* Señora nuestra consagrada por voto en el Templo de S. Martin de Madrid de la ordem de S. Benito por la Sagrada Religion, y inclyta Cavallaria de Santa Maria de Calatrava congregada en Capitulo General.

Esta obra está impressa na *Theologia Marianna* do Padre Christovão da Veiga da Companhia de Jesus de paginas 145 a 147.

—*Definiciones de la ordem y Cavalleria de Calatrava.* Madrid, 1661.

Depreende-se pelos títulos de alguns dêstes trabalhos, que são os mesmos que D. Jerónimo de Mascarenhas indica no catálogo das suas obras que acima inclui.

Diogo Barbosa Machado na sua *Biblioteca Lusitana Historica* refere-se às seguintes obras manuscritas ainda de D. Jerónimo de Mascarenhas:

— *Ceremonial del Sacro Convento de Calatrava.*

—*Bulario de Calatrava.*

—*Cortes de Lamego.*

— *Origen de la Orden de Aviz.*

—*Ano fixo da Entrada da Religião de Cister em Portugal.*

— *Chronologia de Espanha.*

—*Vida de Nuestra Señora.*

—*Descripcion General de toda la tierra descuberta.*

Na coluna 1380 do título único do tomo 3.º do *Addicionador da Biblioteca Geographica* de António de Leão, consta que êste último trabalho se conservava na Biblioteca do Rei de Hespanha.

Diz mais Barbosa Machado que com a morte de D. Jerónimo de Mascarenhas se espalharam estas obras pela Espanha, conservando algumas em Barcelona, D. Diogo Vicente Vidania, Inquisidor que foi de Sicília, Capitão Mór de Nápoles e do Conselho de Aragão e Itália, que os mostrou ao Padre D. Manuel Caetano de Sousa, quando em 1713 voltava de Roma, como escreve no *Catalogo Historico dos Bispos de Portugal* a pág. 165.

É natural que mais trabalhos tivesse deixado D. Jerónimo de Mascarenhas, e entre êsses vou dar notícia dum bastante interessante e de valor para a genealogia portuguêsa e do qual já tenho encontrado citações.

Com a designação K-59 e K-60 existem na Biblioteca Nacional de Madrid dois volumes que teem por título:

— *Linagis de Portugal.*

Conteem êstes volumes estudos genealógicos sôbre inúmeras famílias portuguesas.

❧

Vou agora referir-me a quem foram alguns dos ascendentes de D. Jerónimo de Mascarenhas, numa limitada resenha genealógica que termina na sua geração.

A — 1 — Nuno Mascarenhas, Comendador de Almodovar na Ordem de Santiago e senhor da casa de Mascarenhas.

Casou com D. Catherina de Ataide, que no meu estudo *Bazes Genealogicas dos Ataides,* tem a referência VIII. 32.

Esta senhora era filha de Gonçalo de Ataide e de sua mulher D. Isabel de Brito, como digo no referido estudo publicado no 1.º volume da *História e Genealogia.*

Dêste casamento nasceu:

B — 2 — Fernão Martins Mascarenhas, senhor da casa de Mascarenhas e das Vilas de Labra e Estepa, Alcaide-mór de

Montemór-o-Nôvo e Alcácer do Sal. Comendador de Mértola na Ordem de Santiago. Capitão General dos Ginetes e da guarda dos Reis D. João II e D. Manuel.

Casou com D. Violante Henriques, filha de Fernando da Silveira, senhor de Sarzedas, embaixador a Castella e governador da Justiça de Portugal, e de sua mulher D. Isabel Henriques, segunda neta do Rei de Castela Henrique II.

Dêste casamento nasceu:

C — 3 — D. Manuel de Mascarenhas, Comendador do Romaninhal na Ordem de Cristo, governador e capitão general de Arzila.

Casou com D. Leonor Henriques, filha de Francisco Pala e de sua mulher D. Maria de Sousa.

Dêste casamento nasceu:

D — 4 — D. Francisco Mascarenhas, filho segundo, foi Comendador de Cacurrães na Ordem de Cristo, do Conselho dos Reis D. Sebastião e D. Henrique, general do Malabar e do Mar da Índia, Governador e capitão general de Ormus.

Casou com D. Jerónima de Castro Lima e Herrera, senhora de Ayram e Canellas, irmã e herdeira de Francisco Barreto de Lima e Herrera, senhor da casa e das Comendas de Almada na Ordem de Cristo, Vedor da Casa Real de Portugal em propriedade e Mordomo-mór da mesma Casa Real.

D. Jerónima de Castro Lima e Herrera e seu irmão referido eram filhos de Jorge de Lima e Herrera, governador de Chaul, general do mar da Índia e das armadas de Portugal e capitão general do mar e terra em Lisboa, Comendador e Alcaide-mór de Penagarcia e Comendador de Vila Cova na Ordem de Cristo, e de sua mulher D. Isabel de Castro Lima e Pereira, senhora de Ayram e Canelas, filha herdeira de D. Fernando de Lima, senhor desta casa e de Castro Dão, governador e capitão general de Ormus e de sua mulher D. Francisca de Vilhena.

Do casamento de D. Francisco de Mascarenhas, nasceram, entre outros:

E — 5 — D. Jorge de Mascarenhas, que segue

E — 6 — *D. Isabel de Castro e Vilhena* que casou com D. João Soares de Alarcão e Melo, sétimo alcaide-mor de Torres Vedras, senhor desta casa e da de Vila de Rei, mestre sala da Casa Real de Portugal e comendador de S. Pedro de Torres Vedras na Ordem de Cristo.

Dêste casamento nasceram entre outros:

F — 7 — *D. Martim Soares de Alarcão e Melo,* oitavo alcaide-mor e senhor da casa de Torres Vedras e Vila de Rei, mestre sala da Casa Real de Portugal em propriedade, comendador de S. Pedro de Torres Vedras. Serviu em Mazagão, nas armadas de Portugal e morreu em Tânger com 21 anos de idade em 1623 sendo solteiro.

F — 8 — *D. Francisco Soares de Alarcão,* que foi religioso da Companhia de Jesus, sendo catedrático de Prima de Teologia. Herdando a casa renunciou-a em seu irmão que segue

F — 9 — *D. João Soares de Alarcão*, conde de Torres Vedras e marquês de Trocifal, que foi governador e capitão general de Ceuta e a quem me referirei num estudo sôbre os governadores capitães generaes de Ceuta.

E — 5 — D. Jorge de Mascarenhas, conde de Castelo Novo e Marquês de Montalvão, filho herdeiro de D. Francisco Mascarenhas (D — 4), foi em 1615 tomar conta do govêrno de Mazagão substituindo Henrique Correia da Silva. Ocupou aquele cargo com brilho sustentando lutas sangrentas com os mouros, tendo sido no seu govêrno que rebentou a guerra civil em Marrocos. Satisfez o pedido de auxílio de pólvora que lhe fez Muley Zidam, enviando-lhe três navios onde ia seu filho D. Francisco de Mascarenhas com 200 cavalos e infantes.

No meu estudo *Mazagão,* publicado no final do 2.º volume da *Historia e Genealogia,* apresento um relatório feito por D. Jorge

de Mascarenhas, dum dos combates de que foi chefe nos campo de Mazagão.

Em 1619 foi D. Jorge de Mascarenhas substituido no govêrno de Mazagão por Braz Teles da Silva.

Chegando a Portugal, Filipe III deu-lhe o título de Conde de Castelo Novo.

Em 1624 foi nomeado presidente da Câmara de Lisboa por alvará de 13 de julho do mesmo ano, o qual está registado a folhas 276 do livro 18 da chancelaria de Filipe III. Era senhor de Ayram e Canelas, comendador de S. Salvador de Vilacova, Santo Estêvão de Uldrões e Santiago de Torres Vedras.

Vedor e mordomo-mor da Casa Real, coronel em diferentes terços de Lisboa e na armada do mar Oceano.

Presidente da Junta da fazenda e da Companhia oriental com proeminencias de governador de Portugal.

Capitão general das armadas de Portugal. Duas vezes capitão general em Cascais. Mestre de campo general de Portugal pela Corôa de Castela. Conselheiro de Estado de Portugal por alvará de 29 de agosto de 1639, registado a folhas 124 do livro 36 da Chancelaria de Filipe III.

Vice-Rei do Brazil e capitão general de mar e terra do mesmo Estado, na data acima citada, estando o alvará respectivo registado a folhas 297 do livro 28 da mesma Chancelaria.

Deixou 1:500 cruzados para sustento da mulher quando foi ocupar este cargo, sendo-lhe dado um alvará com a mesma data, garantindo-lhe êsses 1:500 cruzados em quanto a mulher fôsse viva, se êlle morresse em viágem. Este alvará está registado a fls. 283 v. do mesmo livro 28 já referido.

Com data de 26 de maio de 1640 foi-lhe dada Carta, nomeando-o marquês de Montalvão com 322$858 reis a contar de 8 de abril do mesmo ano, dia em que embarcou para o Brazil a tomar conta do cargo de Vice-Rei. Esta carta encontra-se registada a fls. 379 do mesmo livro 28 da Chancelaria de Filipe III.

Casou D. Jorge de Mascarenhas com D. Francisca de Vilhena, senhora dos morgados dos Melos e dos Eças, filha herdeira de Manuel de Melo, senhor dêstes morgados, comendador de S. Salvador do Campo de Neiva na Ordem de Cristo, governador e

capitão general de Malaca, do Conselho dos Reis D. Sebastião, D. Henrique e Filipes II e III, e de sua mulher D. Maria Manuel de Vilhena, filha de Manuel de Sousa da Silva, comendador de Alfaiates na Ordem de Cristo, aposentador-mor de Portugal e de sua mulher D. Francisca de Vilhena, filha de Jorge de Lima e Herrera.

O marquês de Montalvão morreu em Lisboa quando estava preso no Castello de S. Jorge, no dia 1 de janeiro de 1652, tendo prestado grandes serviças à sua pátria, mas acabando numa prísão pelas intrigas dos invejosos.

Do casamento de D. Jorge de Mascarenhas nasceram os seguintes filhos:

F — 10 — D. Francisco de Mascarenhas, 2.º Conde de Castello Novo por carta de 23 de dezembro de 1633, registada a fls. 295 v. do livro 29 da Chancelaria de Filipe III.

Por carta de 13 de março de 1628 foi nomeado Conselheiro conforme está registado a fls. 83 do livro 4.º dos Previlégios de Filipe III.

Em 10 de novembro de 1635 foi nomeado governador capitão general de Mazagão, de que só tomou posse em 11 de novembro de 1636, rendendo João da Silva que depois foi conde de Aveiras e Vice Rei da Índia.

A carta que nomeou D. Francisco de Mascarenhas, governador de Mazagão, está registada a fls. 3 v. do livro 28 da Chancelaria de Filipe III.

Em 12 de novembro de 1635 foi-lhe dada carta de comendador de S. Salvador do Campo de Neiva, no arcebispado de Braga, estando esta carta registada a fls. 28 v. do livro 28 da Chancelaria antiga da Ordem de Cristo.

Era vedor da Casa Real, cargo que renunciou em seu irmão D. Pedro por alvará de 29 de agosto de 1639, registado a fls. 124 do livro 36 da Chancelaria de Filipe III.

Na mesma folha está registado um alvará, com igual data, nomeando-o general da armada.

Sendo governador de Mazagão, no dia 11 de abril de 1640 saiu da Praça acompanhado por uma força para auxiliar uns

mouros que se diziam amigos, a baterem-se com supostos inimigos, sendo tudo isto uma cilada de que resultou a sua morte e de mais 117, ficando os restantes cativos à excepção de três que conseguiram chegar à Praça.

Ficou governando a Praça sua viuva a condessa D. Luiza Antónia de Velasco, ajudada pelo capitão de infantaria Nuno da Cunha e Costa.

Em 25 de junho de 1640 a condessa de Castelo Novo embarcou para o reino, entregando o govêrno da capitania geral de Mazagão ao alcaide-mor de Tavira, Martim Correia da Silva.

Em 28 de maio de 1641 foi dado á condessa de Castelo Novo um alvará de alimentos de mil cruzados annuais dos bens do marquês de Montalvão seu sogro.

D. Luiza Antónia de Velasco era espanhola e já viuva do conde de Salazar, sendo filha de D. João Altamirano, conde de Santiago e de sua mulher D. Mariana de Velasco, filha de D. Luís de Velasco, primeiro marquês de Salinas, Vice-Rei da Nova Espanha e do Peru e presidente do conselho real das Índias, e de sua mulher D. Maria de Mendonça.

Não é meu intento o prolongar estas referências genealógicas para àquem dos filhos do 1.º marquês de Montalvão, razão porque não faço referência aos descendentes dos irmãos de D. Jerónimo de Mascarenhas.

F — 11 — D. Manuel de Mascarenhas, filho 2.º dos 1.ºs marquêses de Montalvão, foi religioso da Companhia de Jesus e catedrático de Teologia na mesma religião.

F — 12 — D. João de Mascarenhas, 3.º filho dos 1.ºs marquêses de Montalvão. Era cavaleiro de Malta e foi morto pelos turcos no alto mar.

F — 13 — D. Pedro de Mascarenhas, 4.º filho. Sucedeu na casa de seus pais e foi o 2.º Marquês de Montalvão e 3.º conde de Castelo Novo. Foi senhor do Morgado de Ayram e Canelas, Védor da Casa Real portuguesa, comendador das sete comendas

de S. Pedro de Rates, S. Julião, S. Salvador de Villa Cova, Santo Estêvão de Valdrões, S. Tiágo de Torres Vedras, S. João de Brito e S. Salvador do Campo de Neira, todos da Ordem de Cristo.

Não querendo ficar em Portugal pela Restauração de 1640, foi para Espanha.

F — 14 — D. Fernando de Mascarenhas, conde de Serem, 5.º filho e o único que acompanhou seu pai nos sentimentos patrióticos aceitando D. João IV por Rei. Foi marechal do Reino.

Por carta de 9 de agosto de 1639, registada a fls. 130 v. do livro 36 da Chancelaria de Filipe III, foi nomeado mestre de campo do Terço de infantaria do Brazil.

Quando ali foi recebida a notícia da independência de Portugal, o marquês de Montalvão mandou formar o terço do comando dêste seu filho e aclamou Rei a D. João IV.

Aceite por todos o novo Rei nacional, vem D. Fernando de Mascarenhas participar o facto por ordem de seu pai, vindo acompanhado pelo célebre padre António Vieira. Proveniente dum forte temporal arribaram a Peniche no dia 28 de abril de 1641, sendo reconhecido como irmão dos Mascarenhas, traidores que tinham fugido para Espanha, pelo que o povo o feriu gravemente, sendo salvo de morrer naquela ocasião, pelo conde de Átouguia, que o levou para sua casa.

Por carta de 18 de abril de 1643, registada a fls. 112 v. do livro 16 da Chancelaria de D. João IV, foi-lhe dado o título de conde de Serem.

Teve doação da Vila de Serem em 18 de novembro do mesmo ano, a qual está registada a fls. 183 do livro 1.º da mesma Chancelaria.

Foi presidente da câmara de Lisboa por carta de 21 de junho de 1647, registada a fls. 42 do livro 20 da referida Chancelaria.

Foi coronel de um dos regimentos da côrte e faleceu em 1649 ainda bastante novo, tendo sido casado com D. Leonor Maria de Menezes, filha de D. Fernando de Menezes.

Esta senhora teve uma verba de 100$000 reis de juro em 14 de maio de 1657, conforme se acha registado a fls. 57 do livro 6.º da Chancelaria de D. João IV.

F — 15 — D. Jerónimo de Mascarenhas, 6.º filho dos marqueses de Montalvão. Nasceu em Lisboa e seguindo a vida religiosa formou-se em Teologia pela Universidade de Coimbra.

Foi clérigo regular, eleito colegial de S. Pedro em 20 de outubro de 1631 em Coimbra e cónego da Sé da mesma cidade.

Foi mais em Portugal, deputado da Mêsa da Consciência e ordens por carta de 29 de agosto de 1639, registada a fls. 106 v. do livro 36 da Chancelaria de Filipe III.

Foi conselheiro das ordens de Portugal e depois, do conselho supremo das ordens militares de Castela.

Foi ainda cavaleiro e definidor geral da ordem de Calatrava, conselheiro de Filipe IV e Sumilher da Cortina.

Por ocasião da Restauração de Portugal em 1640 foi viver para Espanha, sendo muito bem recebido por Filipe IV como o fôram todos os outros que procederam da mesma forma.

Alimentava Filipe IV a esperança de continuar a ser Rei de Portugal pelo que dava títulos e cargos de Portugal aos portugueses que o seguiram.

D. Jerónimo de Mascarenhas foi nomeado D. Prior de Guimarães e apresentado para Bispo de Leiria, mas, como não se efectuou o desejo de Filipe IV, nunca D. Jerónimo chegou a tomar posse dêstes cargos.

Em compensação com os títulos de esmoler-mor e capelão-mor da rainha D. Mariana de Austria, foi com a embaixada a Alemanha para conduzir a Espanha esta rainha, a qual depois de celebrada a paz entre Portugal e Castela em 1668, sendo regente na menoridade de Carlos II, o nomeou Bispo de Segovia, confirmado pelo Papa Clemente IX em 9 de abril de 1668.

Morreu D. Jerónimo de Mascarenhas em 1671 tendo legado à posteridade os seus trabalhos históricos, entre os quais se conta a *Historia de Ceuta* que agora, 267 anos depois de escrita, vai finalmente ser impressa para que todos possam avaliar do que foi aquella grande escola de guerreiros que nós mantivemos 253 anos repletos de sacrifícios e que há cinco séculos, a sua tomada pelos portugueses constituiu uma das mais interessantes aventuras da grande história de Portugal.

F — 16 — D. Simão de Mascarenhas, 7.º filho dos 1.os marqueses de Montalvão, cavaleiro de Malta e conde de Penodono, tenente coronel do regimento da guarda real e capitão general de artilharia do exército da Catalunha, cargos estes que lhe fôram dados em prémio de ter seguido o Rei de Espanha. Faleceu pouco depois de 1645.

F — 17 — D. Maria Manuel de Vilhena, que casou com D. Francisco de Sousa, herdeiro do conde do Prado.

F — 18 — D. Jerónima de Mascarenhas, que morreu creança.

F — 19 — D. Jerónima de Castro, que foi monja no convento da Esperança de Lisboa.

F — 20 — D. Antónia de Mascarenhas, monja no mesmo convento.

Lisboa, 1915.

AFONSO DE DORNELAS.



HISTORIA DE CEUTA

CAPITULO PRIMERO

Noticias generales de Africa e particulares de la Mauritania, Tingitana y Reyno de Fez

Es mi intento escriuir la historia da la ciudad de Ceuta, Metropoli un tiempo de la Mauritania Tingitana, oi Colonia ilustre da la nacion Portuguesa y escudo á Hespaña de las amenazas de Africa. Materia agradable por la copia i variedad de succesos, que comprehende desde su principio asta nuestra hedad, continuada por muchos siglos, gloriosos unos, outros lamentables á la gente Hespañola. Es para mi de singular consuelo que el assumpto sea tan aventajado, porque la elegancia del estilo, alli haze falta donde el historiador ha de ordenar con el las cosas q' escriuiere pero las grandes consigo se traen su lustre, i basta refererlas con senzilles para que se conoscan i se aplaudan. Por tanto materia offresco mas propia al aprouechamiento comun q' ala censura; pues se deben mas imitar las acciones, i virtudes de nuestros mayores, q' reprehender los defectos con q' se escriven. No es facil vestir en forma decente el assumpto q' se offrece ala pluma, ni discurrir en sucesos i casos tan graves con propiedad, i aliño: por esso merece mas aplauso q' reprehension quien con este conocimento se entrega al peligro.

Africa, tercera parte del mundo, esta dividida de Europa con el mar Mediterraneo, i dela Asia con el Nilo, i mar Bermejo. Tiendese desde el Occeano Atlántico asta terminar con Egypto, no dexandola de una, i otra parte por lo ancho sus linderos, i confines. Ala del Sur inacessibles montes en continuacion del eminentissimo Atlante, i ala del Poniente, i Norte el mar Occeano, i Mediterraneo; i por esta causa fue tenida de los antiguos por mas pequeña que la Asia, ila Europa.

Mevieronse a estrecharla tanto, por q' hasiam inhabitable lo que uae á las espaldas de aquellos montes, como dominados del Sol en su fuerça quando discurre obliquamente por la Zona Torrida entre el Trópico de Cancro, i Capricornio, jusgando ser imposible conseruarse alli viviente alguno, q' a desgracia penetrase su clima, engaño que haze patente la

experiencia quando no pudiera probarse con muchas raçones. Excede á Europa en treinta e cinco grados, q' viene a ser casi la metad mas, por q' se termina por el Levante con el Seno Arábico, i Mar Roxo, incluyendo toda la Arabia Trogloditica, i Reino de Egypto; por el Septentrion con el Estrecho Herculeo, i Mar Mediterraneo: por el Poniente con el Occeano Atlantico, i mar Ethiopico, i por el Medio dia con el cabo de Buena esperança, q' cae casi en el Mar Indico.

En esta parte son muchas, i varias las Provincias, Reinos y Regiones, i casi infinitas las Gentes, Naciones, i Pueblos. Contiene inumerables ciudades, i poblaciones, sin otras diversas gentes q' andan vagando por los desiertos, montañas, i campos con sus familias en aduares apacentando sus ganados. La parte mas principal, i noble de Africa se estiende desde el grande Occeano, i Estrecho de Gibraltar asta Egypto; i en ella ai las prouincias, q' baña el mar Mediterraneo. La primera es la q' estando avista de Hespaña, parte la ciñe el Occeano, i la llamaron Mauritania Tingitania, despues se siguen las Mauritanias Cesariense, i Sitifense; i luego Numidia; i junto aella la Africa propia, o menor, q' se llamó tambien Cartaginense, ó Zeugitania. A esta es conjunta la Cirenayca q' dixeron Pentapolitana, i avesinda con ella la Libia Mareotis, q' se termina con Egypto. Siguense otras muchas, que estan al Medio dia en lo intirior del Africa.

Vna de las principales porciones de esta gran parte del Orbe es la q' se llama Berberia; Empieça ala del Poniente, desde la Sierra Aiduacal, i comprehende la Ciudad, i Rabita de Messa, i toda la provincia de Sus. De alli viene costeando el Mar Occeano Occidental, i luego sobre el Hercules, asta salir del Estrecho de Gibraltar, i passando sobre el mar Mediterraneo llega alos confines de Alexandria. A Levante tiene los desiertos de Barca, q' estam hacia Egypto; i al Medio dia las Sierras del mayor Atlante, i la parte dellas, q' mira al Norte. Ay opiniones en la derivacion de su nombre, yo sigo á los q' le hazen Arabigo, puesto por los Arabes Trogloditas, q' esparcidos por la mayor parte de la Africa, parece q' llevaron consigo el nombre de barbaros, q' les dieron muchos Autores. Contiene la Berberia quatro principalissimos Reinos. El mas Occidental es el de Marruecos; siguesele el de Fez, ambos en la Mauritania Tingitana. Mas a Levante el de Tremecén en la Cesariense, i en la parte mas oriental el de Tunez, situado en la Africa propia. Discurrir particularmente sobre cada uno destos Reinos toca alos Geographos de Africa, yo solamente trataré de descubrir á Ceuta en esta tercera parte del mundo, hasiendo memoria por mayor del Reino i Provincia en que se ve situada.

Ala mas noble porción de Berberia llamaron los antiguos Mauritania. Despues q' se dio a otra provincia este mismo nombre, se llamó Tingitana, i la otra Cesariense. Contiene los dos ilustres reinos de Marruecos, e Fez; i ay della mucha memoria en los Autores Griegos, i Latinos. Mas

fue esta por las fabulas q' della se cantavan, i por los celebres montes Abila, i Atlante; que por particular noticia, i conocimento q' della tuviessen, que este fue mui tarde; como tambien el estar sujeta al Imperio Romano. El nombre de Tingitana, se le dieron de la ciudade de Tingi, oi Tanjar, ilustre por las fabulas q' della se refieren, i en nuestra hedad Colonia insigne de la gente Portuguesa. El primer Reino de la Mauritania Tingitana, empeçando por el Poniente, es el de Marruecos, situado en treinta, i un grados de altura. Ocupa puesto, tan acomodado á la vida humana, q' por falta de sus colonos, floxos, i ignorantes de la agricultura, i sobre todo faltos de gouierno, no es segundo Paraiso. Abundam de venas de oro, i todo genero de metales: danse sin cultura en sus serranias, infinitas parras, i frutales: ay grandes rios i diversidade de fuentes, q' le riegan de regaladas aguas. Diuidese en siete provincias, q' son, Hea donde esta la rica ciudad de Trudante, Duzola, Marruecos, Ducala, Ascora, Telda, i Sus, que tiene por Metrópoli la ciudad de Tagaos.

Siguese al Levante el reino de Fez, donde hallamos la Ciudad de Ceuta. Este de la parte del Poniente (ciñendo en pocas palabras las noticias que del, i de sus prouincias nos dexaron Juan de Leon, i Luis del Mármol, en muchos capitulos de sus descripciones de Africa) se diuide del de Marruecos con el rio Umarambea. Por la de Levante aparta del reino de Tremecen, el Melvia, que tambien divide las dos Mauritanias, Tingitana i Cesariense: por la parte de Tramontana tiene el mar Hercules, i el Iberio: i por la de Medio dia confina con las cumbres de las Sierras del mayor Atlante; i aun por algunos lados las comprehende todas, passando a parte de Numidia, ó Getulia. Contiene el reino de Fez siete provincias: la primera es Temecena, la mas Occidental deste Reino, i empieça por el Poniente desde el rio Umarambea, estendiendose por Levante asta el Burregeg, q' desboca en el Occeano entre Sali i Rabato, Ciudades de nombre. A medio dia confina con las faldas del Atlante mayor, i ala parte del Cierço tiene el mar Occeano Herculeo. Es provincia fertilisima por sus llanuras; i fue ya la mas populosa de Berberia. Florecían en ella quarenta ciudades, i villas notables, pobladas de gente belicosa, i por esso fue celebrada grande mente de los poetas, i historiadores Africanos.

Siguesse la provincia de tierra de Fez, llamada antiguamente Bulibile. Por la parte del Poniente confina con el rio Burregrego que la deuide de la de Temecena por la del Levante, fenece en el rio Innavan de Halvan; confina á Tramontana con el Cebu, ó Subro, i con el Occeano Herculeo, entre Sale, i Maamora, i al Medio dia con las faldas del mayor Atlante. Es fertelissima, i abundante de aguas, por cuya causa lo es de pan ganados, i arboledas, huertas, i diversidad de frutas, mui semejantes alas de Europa. Ala provincia de Fez se sigue la de Azgar del mismo Reino, q' tiene por el Poniente Burregreg, por levante las sierras de la provincia

de Errif, i en alguna parte las de Zarhon, i Zalag, al Cierco el mar Occeano Herculeo, i al Medio dia el rio Bu Nacer. Lhamose Azgar (que quiere decir mar Huyda) por q' disen los Escritores Africanos, q' antiguamente la cubria el Occeano, llegando ala ciudade de Tesar, quarenta leguas por la tierra adentro; i q' despues se retiró, dexando en seco aquellas llanuras, q' son la mayor, i mejor parte, desta provincia. Tiene veinte i siete leguas de Poniente a Levante, i es de las Provincias de Africa mas abundante de pau, ganados, i otras cosas necessarias ala vida, i comercio humano. Siguese la del Habat (quarta del Reino de Fes) y de ella escriuiré luego. Está conjunta a ella la de Errif, q'empieça del Poniente desde los confines Orientales de la Ciudad de Tetuan, i va hacia levante, asta el rio Huet Nocor; i por aqui tiene mas de cincuenta leguas de largo: al Norte el mar Mediterraneo. Iberico en la ultima, i mas Occidental parte del; i al Medio dia llega asta las sierras, q' se levantan sobre el rio Erguila en los confines de la provincia de Fez, i por este lado coge treynta, i cinco leguas de ancho. Es casi toda montuosa, aspera i fria; consta de hermosissimos bosques, i abunda de olivares, e huertas, i de muchas i buenas frutas, las ciudades muradas pocas, las otras poblaciones son caserios, i lugares abiertos.

El sexto lugar, entre las provincias del Reino de Fez, tiene la de Garet. Por Poniente confina con la passada, i el rio Melulo, que baxando del Atlante mayor, por entre Tesar, i Dubudu mescla sus aguas con el Mulucan, q' diuide estos dos reinos, i las dos Mauritanias, Tingitana, i Cesariense. Al Cierço el mar Mediterraneo Iberico, i al Medio dia comprehende una parte de las sierras q' estan en los desiertos cerca de Numidia. Tambien confina por aqui con el rio Mulucan, i en algunas se extiende hacia Poniente, junto alas sierras de la prouincia de Cuz, baxando siempre sobre el rio Nocor asta la mar, i corre su costa desde este rio, asta el Mulucan, que entra en la mar, junto ala Ciudad de Caçaça. Toda su tierra es fragosa, i seca, semejante ala de los desiertos de Libia interior, las ciudades son pocas, i estan en lo marítimo. La ultima del Reino de Fez, es Cutz, que en lengua Africana quiere decire mucho. Es la mas Oriental deste Reino, i la mayor, por q' tiene de largo ochenta leguas, desde el rio Ciureigura, asta el Ezaha, i de ancho sesenta. Ocupa todas las sierras del Atlante mayor, que caen entre los dós rios, i una buena parte de las llanuras de Numidia, i de los montes que confinan con la Libia interior. Como esta entre sierras, por ningun lado llega al mar, si bien algunos quisieron decir q' antiguamente cubria el Occeano toda la provincia de Azgar, i q' llegavan los navios asta la Ciudad de Tesar. Sus ciudades son muchas, i muchas las villas, i lugares bien poblados.

Esta es la verdadera descripción del Reino de Fez cuya cabeça, i Metropoli es la Ciudad del mismo nombre; la mayor, i mas principal de toda

la Berberia. Esta en treinta, i un grados de nuestra altura y diuidese en dos partes; Fez el nuevo, que contiene la Alcaçava, palacios Reales, casas de Señores, alhondigas, i aduanas, q' cercado todo de buenos muros, haze una pequeña población. Junto aella está Fez el viejo, ciudad grande, i bien murada: llamose parte della Elbeyda, q' significa, la blanca, edificio de un gran predicador entre los moros, llamado Idris. La otra se llamó Aynaul, edificada por Acem, nieto suyo; i ambas se llaman oi Fez el viejo, Corte de la Berberia en el Poniente, como mas largamente refiere Luis de Marmol, en la descripción general de Africa, contando grandezas notables desta Ciudad, que viendola despues otros, minoraron con grande exceso en sus escritos, de que aora no importa dar noticias, antes, que teniendola por mayor del reino de Fez, i de su provincias, bolvamos ala del Habat, quarta en orden; porq' en ella se halla situada la ciudad de Ceuta.

CAPITULO 2.°

Descripción del Habat. Del sitio de Ceuta, su antiguedad, su nombre i naciones de que fue dominada

DIERONLA principio los Sarracenos al Poniente, desde las Lagunas de Azgar, i de alli al Levante. Comprehende las sierras q' se ven sobre el Estrecho de Gibraltar, terminandose con ellas en la Gomera. Rodeala el Occeano Herculeo por el Cierço; al Medio dia las aguas del Erguila, dilatandose asta el Oriente siete leguas de Poniente á Levante, i mas de treinta, i cinco de Tramontana á Medio dia. Toda es llana, fertil, i abundante de ganados, rieganla muchos rios caudalosos, q' baxando de las Sierras la fertilisan. Entre ellos tiene el primer lugar el Lucus; nace en las sierras de la Gomera, icorriendo al Poniente atraviesa las provincias de Azgar, i de Habat, i passando junto ala Ciudad de Alcaçar Quivir, hase vnas lagunas grandes, donde se cria infinito pescado, i saliendo dellas desboca en el mar Herculeo, cerca de la Ciudad de Larache, que los africanos llaman Araiz, donde la provincia de Azgar confina con la de Habat. Lhama Ptolomeo a este rio Lix, i pone la boca del en seis grados, i veynte minutos de longitud, i de latitud en treinta i cinco, e quince minutos.

El palacio de Antheo, huertos de las Hesperides, i su Dragon pusieron los antiguos en este lugar, i sitio, llamádo Lixos ala ciudad de Larache, contando della grandezas notables, i fingiendola mayor q' la gran Carthago; si assi fue, mucho ha caido en nuestros siglos de aquella antigua grandesa, q' la atribuyen los Griegos. De la provincia del Habat por aver sido la mas noble de Africa, hazen honorifica memoria los his-

toriadores Africanos. Contiene muchas ciudades, i pueblos antiguos de no mediano nombre: edificios vnos de los Romanos, i otros de los Godos. Fue poblada en los siglos anteriores de muchas familias nobles, grandeza de q' la minoraron, assi el averse edeficado, i crecido tanto la ciudad de Fez, como el valor de la gente Portuguesa con sus continuas correrias, i entradas, despues q' puso asu obediencia las ciudades maritimas de su costa.

Con ser el Habat tierra por la mayor parte llana, fertil, i regada de Rios caudalosos, es ceñida de ocho sierras de mas nombre. La primera esta junto ala Ciudad de Ezaguen, llamada Arhona, i se estiende diez leguas de largo al Levante, i quatro en ancho. Siguesse la de Benizequer, q' algunos erradamente llamam Beni Fensecare, mas rica i mejor poblada; tiene ocho leguas de Poniente a Levante, i tres de ancho, e confina con la de Beni Haros. Esta comiença de Alcaçar Quivir, i discurre siete leguas por el mismo curso de Poniente á Levante, con tres de ancho; llamose antiguamente Eptadelpho, i Ptolomeo la situa en siete grados, i quarenta minutos. Siguese la de Benitelit, q' algunos llaman Chebit, ocho leguas de Tanjar la tierra adentro al Medio dia. Confina con esta la de Beni Hazen en igual continuación, i mas distante um poco la de Amegára, ó Anjara, que es alta, i fragosa; i con entradas tan dificiles, q' sus habitadores sedan por seguros sin otro reparo q'el de los riscos, i peñas. Dilatasse en espacio de tres leguas de largo, i vna de ancho, quedandole dos i media acia el Medio dia Alcaçar el Ceguer, i aun lado la sierra de Huat Idriz ó Guadares, que ambos nombres le dan sus naturales, situada entre las dos Ciudades de Ceuta, i Tanjar. La ultima es la de Beni Huet Filech, que otros llamam Benihuet el Fetoch, q' tiene su principio en el Mediterraneo, i su fin en Tetuan.

Juan de Leon, i Marmol alas mas destas sierras, las dan el titulo honrroso de Beni, mui vsado entre los Arabes, i assi lo pusieron en varias partes de Hespaña, i en el Reino de Granada le conservan muchos lugares. Ademas desta sierra ay la ximera, llamada de los naturales Alcudi, i ya de los Fenices Abila, ó Abina, que en lengua Púnica significa monte alto; i los Arabes facilmente lo reduxeron asu idioma, guiados por el sonido, i sin el por la analogia de su lengua. Es una de la colunas de Hercules, de cuya grandeza e secretos se originaron muchas fabulas q' los authores Griegos, i latinos celebraron con mas admiraciones que noticias. Aqui pusieron los terminos del mundo; mas los Portugueses navegando tantos millares de leguas mas a delante, an mostrado otra mayor anchura. Tenia antiguamente cinco millas, como refiere Plinio, ó legua i media, oi tiene por la parte mas estrecha doce millas. Seneca dice q' en los siglos antiquissimos Hespaña era tierra continuada con Africa. Lo mismo escriven de Cadiz, i Hespaña; de Sicilia, i Italia; de Negroponte, i Grecia; de Chipre, i Suria; de Rodes i Asia.

Son habitadas estas sierras de Habat de una valerosa i belicosa nación llamada los Gomeres, q' tambien se estienden alas sierras de la provincia de Errif, donde tienen seis ciudades, i vna es Velez frontera del Peñon, i veinte i quatro sierras, que con las otras son treynta i dos, i las descriven Juan de Leon, i Luis del Marmol, con sus poblaciones, i muchas particularidades. De los Gomeres, dicen ambos quan viciosos son, i quan valientes, i assi servian a los Reyes de Granada en sus guerras, i tenian gente de guarniçion en aquella Ciudad, Malaga, i otras, i se ve en la conquista de Malaga quanto hizieron en su defensa. Dice Juan de Leon, i lo refiere Marmol: que los de Huat Idriz, o Guadares, son belicosos, i añade, q' en las guerras de Hespaña fueron señalados, por q' acostumbravan passar á esta provincia á ganar sueldo contra los Christianos. Esta era la mejor gente del Rey de Granada, i de quien mas se fiaba, i tenia de ordinario quinientos soldados destos Gomeres para guarda de su persona, aposentados en la calle q' dellos tomo el nombre. Dicen los Escritores Africanos, q' fue natural desta sierra Buhalul, de quien escrivieron los Moros de Africa, i los de Hespaña, algunas obras en prosa, i en verso, q' cuentran sus famosas hazañas, como los Franceses, i los Italianos las de Roldan, i de Reinaldos, por q' se señalo mucho en las guerras, q' los Moros tubieron en Hespaña, i fue muerto en la famosa batalla de las Navas de Tolosa, siendo General del exercito de Mahamet Enacer, Rey de Marruecos. Finalmente los Gomeres, aunq' no han tenido señorio en Africa, se an sustentado siempre en gran reputación, por su valentia; i por ser pueblo numeroso esparcido entre tantas montañas, i sierras asperas, i frias. El como ayan venido á ellas no se sabe con certesa, puedesse entender fue por las guerras, i causas q' los Authores referidos dicen huvo para la mudança destos y otros pueblos.

Contiene la provincia de Habat, once ciudades, i otras muchas villas de no poco nombre. Las maritimas son Arzila, Tanjar, Alcaçar, Ceguer, Ceuta e Tetuan. Es la principal como cabeza, i Corte, Ceuta, á la boca del Estrecho de Gibraltar, en el paraje de Algecira, en todos tiempos de grande estimacion, i nobleça, por lo saludable, i llano del sitio, i por la comodidad de su puerto para el passaje de Hespaña (de quien queda en trabesia de cinco leguas por lo mas largo) i oi no menos celebre; antes mas q' siempre engrandecida por su lealtad, e perseuerancia en la obediencia de su Rey, i natural señor.

De su origen, i antiguedad no se halla memoria alguna en los escritores, como sucede á otras muchas ciudades de Africa, q' siendo antiquissimas senos ocultan las noticias de sus principios. No falta escritor Africano (refierele Luis de Marmol) q' atrebuye su fundacion á un nieto de Noe, ducientos i treinta años despues del diluvio general, llamado Ceit; que en Caldeo vale lo mismo que, principio de hermosura; por ser la primera fundacion de toda Africa. Hallose en una çanja de sus cimientos

esta letra: *Io poble de mi linage esta ciudad: sus habitadores seran famosos: tiempo vendra en q' sobre su dominio se esparcirá mucha sangre de naciones diversas; i asta el ultimo siglo permanecera su nombre.* Juan de Leon atribuye su fundacion a los Romanos, i dice q' fue tan habitada, i populosa en sus tiempos, q' la llamaron cabeça de la Mauritania. Sino tubieramos memorias de Ceuta del tiempo de los Cartagineses, q' precedieron siglos á los Romanos, aun no facilmente se abraçara la opinion deste Autor, mas adelante las veremos, con q' es fuerça concederla mayor antiguedad.

Su primer nombre fue Essilisa, vsa del Ptolomeo en su Geographia, poniendola en siete, treinta minutos de longitud; i de latitud en treinta i cinco grados, i cincuenta, i seis minutos. Perdido este nombre por algun accidente del tiempo, q' basta aborrarlo todo, tomó el de Septa, segun dicen algunos, por significar ciudad bien cercada; iotros del vocablo numeral Septem, por estar vecina alos siete montes, q' los Antiguos llamavan siete hermanos; de q' Plinio, i otros muchos Geografos hazen memoria. A estos siete montes llamaron los antiguos Gemellas, i huvo lugar propio deste nombre; i aunq' ni Zurita, ni Hortelio, ni Ferrario dicen q' lugar sea, infiero q' tomó el nombre de la vecindad de Septemfratres; q' se dixo, assi, por lo semejante q' eran estos montes; por que Gemellus, en la lengua latina significa lo mismo, i nosotros decimos melliços a los hermanos de un vientre, q' de ordinario son mui parecidos. No es mui fuera do proposito esta conjetura, pues hallamos q' en tiempo de San Çipriano era Obispado, como consta del consilio Cartaginense, donde entre los Obispos q' concurrieron de Africa fue uno Litteo, Obispo de Gemellas.

Los Romanos la señorearon, enoblecieron, i presidiaron; de q' se originó el affimar erradamente Juan de Leon, i con él, Marmol, q'ellos la llamaron Ciuitas. En su tiempo crecio tanto en grandeça i riqueças q' fue Metropoli de toda la Mauritania Tingitana. Nó nos falta memoria de q' el Emperador Justiniano tenia en Ceuta un Tribuno, con muchos soldados, i nauios ligeros para guarda del estrecho, i par dar auiso al Capitan de la Ciudad de Cesarea, como este los dava al maestre de la milicia de Oriente, q' segun pareçe, era generalissimo de los Capitanes de las otras provincias. No ignoramos tambien la memoria q' nos dexó Procopio en sus libros de los edificios del mismo Justiniano, cuyo secretario fue, de la sumptuosa Iglesia, q' este Emperador mando edificar en Ceuta, dedicada á la virgen Señora nuestra. A algunos ha parecido ser esta la q' oi se llama nuestra señora de Africa, mas con poca raçon, por q' no parece en la grandeça a los edificios q' este Principe fabricava, q' eran de gran magestd. La de nuestra señora de Africa es obra de moderada architectura, i edificio del valeroso Infante Don Enrique hijo del Rey Don Juan el primero de Portugal.

En la prosperidad, q' tenian á Ceuta los Romanos, se la ganaron los godos con igual reputacion, gouernandola debajo del titulo de Conde, siendo esta dignidad, no especial en la manera q' oi se vsa, sino general a todos los q' governavan alguna provincia. Era lo mismo q' Capitan general, o supremo Governador en las cosas de la guerra, i igual en poder al vicario; aquien tocava el jusgado en las cosas civiles. Desta manera, lo fue el Conde D. Julian, q' la entrego á los Arabes en cuyo dominio duro, aun q' con diuersas fortunas, i señores. Posseyeronla diferentes linages, el de los Arabes, q' fueron los primeros; el de los Almoravides; el delos Almohades. Estos la asolaron, i no consintieron q' se poblase, ni habitase por muchos años, asta q' Jacob Almançor la reedifico. Tambien la posseyo el Rey de Granada Mahamet Aben Alhamar, i este la puso por el suelo y despues la poblaron los Benemerines Reyes de Fez. Estava por ellos, i en poder de su Alcayde Zala Benzala quando la reduxo asu Real corona el Rey Don Juan el primero de Portugal de immortal memoria. En el dominio de los Reyes Portugueses permanecio desde entonces asta oi, siendo en todos tiempos vno de los mayores teatros de sus glorias, como lo mostrara cumplidamente nuestra historia.

CAPITULO 3.º

Descripcion de la Ciudad de Ceuta, hermosura, i fertilidad de la Almina

ESTÁ Ceuta enfrente de Gibraltar, casi en su mesmo meridiano, en un estrecho llano, q'alli hase la tierra, entre la mar de Levante, i de Poniente, en sitio fresco, i de tan buenos aires, q' es la mas saludable viuienda de la Africa, y desto resultó (segun lo refieren escritores) q'alli se ivan avivir muchos de los mas poderosos. Tiene figura quadrangular; i quando la mar crece, baña toda la muralla, q' corresponde al Poniente en altura de media braça, i de dos palmos, la tercera parte q' corresponde á Levante. La q' mira á Berberia tiene dos baluartes, q' se dicen, uno del caballero, i otro de Don Luis, son pequeños, i huecos, la cortina q' esta entre ellos es hermosa, alta i bien fabricada, auq' no va a nivel: tiene por lo alto della cincuenta palmos de ancho, el fosso por el suelo de su fondo diez braças, passa el agua de la mar por el de una parte á otra; tiene de fondo, quando es plena mar nueve palmos, i quando baxa queda casi en seco; recojense en el fragatas, vergantines, i barcas. El contra escarpe del foso es bien fabricado, tiene de altura por lo mas alto seis braças, i acia el Poniente va diminuyendo asta tres, i dos braças,

i media, assi como va el terreno baxando. En cada baluarte ai una casa mata capaz de una pieça no mas. Desde el foso hasta una montaña, q' se llama Barbaçote, aí de distancia quatrocientas braças; el terreno siempre va subiendo poco á poco, de manera q' esta montaña, por linea perpendicular se levanta sobre el foso altura de treyna braças. Desde Barbaçote asta cerca de Algeciras, q' es una muralha de tiempo de los Moros acia Poniente, va una loma q' dicen el Topo de la carrera, en la propia altura q' Barbaçote; i desde ella tambien el terreno viene baxando asta el foso. Esta es la fortificacion de Ceuta en quanto mira al campo de Berberia.

En la parte de la Ciudade, q' corresponde á la Almina, ai una muralla antigua con barba cana fuerte, i una Torre q' sirve de traves: tiene un buen foso, q' le falta para llegar alo llano de lar mar, una braça, i vn contra escarpe bien fortificado. De alli se sigue continuada con la ciudad la Almina, q' es una montaña com valles, i llanos, i algunas eminencias. Esta casi en opposito al monte Gibraltar, el sustento, i recreo de los vecinos i soldados. Tiendese al oriente de la ciudad enfigura larga, i haziendo una buelta, i punta al Norte, forma un seno capaz de muchas galeras con el puerto, q' am conserva el nombre del Rey en memoria de auer desenbarcado Don Juan el Primero quando la gano de los Moros. Tendra esta peninsula una legua berberisca de ambito: es por la mayor parte aspera, i montuosa, en particular lo q' mira á Levante, i Medio dia, que por naturaleza es casi innacesible. Al Occidente se acerca ala Ciudad con una vegallana, no menos agradable q' prouechosa, en que se ven muchas huertas, viñas, i frutales, con jardines, i casas de placer em q' se coge infinita hortalisa, i excelentissimas frutas de diuersos generos. De trigo, aunq' se saca poco en cantidad, es en la calidad estremado; de legumbres de todo genero se coje copia tan considerable, que prouee bastante mente el pueblo.

Lo restante de la Almina se diuide en cinco montes; al mas eminente corona un dilatado castillo, fuerte á lo antiguo, si bien no del todo cercado; en lo alto del ai sitio, donde un hombre con plaça diputada assiste continua mente para con cierta seña dar auiso de los baxeles q' passan por el Estrecho. Aqui se logra una de las mas singulares vistas q' en todo el Orbe puede aver; por q' en distancia tan breve como la q' ai entre los dos famosos montes de Abila, i Calpe, se ven los dos mares Occeano, i Mediterraneo; dos partes del mundo Europa i Africa; dos insignes provincias de España, i Mauritania, repartidas en muchos Reinos, i habitadas de gentes tan diferentes en Religion, costumbres, lenguas, e trajes. Son estas montañas de igual vtilidad alo cultivado en ellas; de los bosques se puede sacar tanta leña, que escusa salir por esta causa al campo; en un sitio dilatado se apacientam los Cavallos, i ganados de los vezinos. Que diremos de la caza, q' en esta limitada porcion de tierra se

cria? Las perdices, codornizes, palomas, i outras aves son sin numero, de conejos le ay increible, i muere en todo el discurso del año, i con assi, en pocos dias que los Generales manden guardar aquel campo (q' es vedado) son tantos q' se vienen al foso de la muralla. En todo este sitio ai puestos de mucha recreacion; por q' sin los jardines, frutales, huertas, i fuentes, q' som muchas, se goça juntamente de los entretenimientos del Campo i dell agua; de las playas se saca mucho marisco, i com las mayores tromentas regaladissimo pescado.

En el distrito de la Almina, ai siete iglesias; Nuestra señora del valle, la vera cruz; Sam Pedro, San Simon, San Amaro, San Antonio do Tojal, i Santa Catalina. Esta ultima está media legua de la ciudad, i en frente della en la mar dos escollos q' los Portugueses llaman Illeos, del mismo nobre; i por ellos los navios q' nauegam para la parte de Argel, i Tunez, passan tan cerca q' hablan con los q' estan en tierra: de la parte del Campo ai otros Illeos, q' llaman de Martin Vaz, q' los Moros nombraron, fortalesa de Dios, donde ai una llanura, q' llaman del vicario. Destos escollos para la puerta del Campo ai dos playas grandes donde estubieron las ataraçanas antiguas, como muestran los vestigios que oi se conservan. En estos templos se dice misa todos los dias con gran concurso de los vecinos de Ceuta, q' celebran sus fiestas, i vocaciones con notables de mostraciones de devocion. Assi esto como las demas comodidades logran con tanta seguridad como si estubieran en otro qualquier lugar de España, i no tan vecinos á infieles, i piratas, q' infestan de ordinario las costas de Andalusia, i otros Reinos.

La Almina (aun dexando aparte el monte grande) es mas alta q' la Ciudad treynta, i tres braças por la mar de Levante, que corresponde á Tetuan, i de alli baxa la tierra poco apoco asta la mar de Poniente. Ai entre aquel monte, i la Ciudad quatro montañuelas en altura de treynta, i tres braças: la primera, q' esta mas cercana a la ciudad, se llama de San Simon por una hermita de su advocacion, q' tiene en lo alto; i ella, i las otras contienen una misma altura, i estan en una propia linea. Cada vno destos montes fenece en lo alto con llanura de ocho, ó diez braças de trauiesa, i todas penden poco á poco hacia la mar de Poniente.

Fue Ceuta de mayor grandeça en los siglos anteriores, i oi se manifiesta de sus ruinas, que como esta ciudad estubiese tan en el passo d'Hespaña, aque concurrian todas las naciones del mundo, por ser corta la trauiessa, passavan tambien á ella, i assi de mercaderes como de corsarios permanecen oi reliquias de ataraçanas, tanto en la mar de Levante como de Poniente. Sua antigua riqueça se conoce viendo q' la Almina fue toda cercada con vna muralla, q' tiene mas de legua, i media en torno con las entradas, i salidas q' haze, segun la mar entra o sale en ella, i con buenas torres a cada cinquenta passos, si otros edificios q' en muchas partes se ven, i gran cantidade de algibes, i entre ellos uno de

excessiva grandeza. La frequencia de la habitacion de aquellos tiempos fue por la parte de la Almina, desde una muralla, que encierra los quatro montes con el de san Simon asta Barbaçote, i aun oi se muestra bien. Desde ella asta lo alto de la Almina ay quatro cientas braças: es esta eminencia grande, por q' della salen cinco braços; los tres declinan asta el mar, i los dos fenecem hacia, la ciudad, antes de llegar ala muralla antigua. Cerca estas dos ultimas montañas, una muralla del tiempo de los Moros, que aun no esta acabada de cerrar; es de buena fabrica, i tiene de alto quatro braças, i en torno treinta e quatro cubos, redondos. Dentro della ai una fuente de agua dulce q' dura todo el año, i podria hazerse mayor si se aclarase; parece no aver auido alli habitacion, si no es una casa fuerte, que muestra fue palacio, i aora es ruina. En ella se pone la seña q' señala los nauios q' passan de una aotra parte; tiene dos puertas, una q' mira á Ceuta, i otra á Hespaña.

La montaña, en q' esta la hermita de San Simon, tiene plaça por lo alto en figura casi circular de nueve braças. Desde aqui procediendo acia las otras montañas, q' estan en vna misma linea, se sigue un llano, q' esta mas abajo q' San Simon siete braças y es capaz de trincheras, i baterias contra la montaña de San Simon. Tiene de largo, estendiendose hacia la mar de Poniente asta q' comiença á caer haziendo otros llanos, quarenta, i dos braças. En este llano se levanta el terreno de manera q' en lo postrero del sehace una montaña de largura del mismo llano; tiene de ancho ocho braças. En medio de ella, se levantan dos peçones de tierra q' estan casi á nivel con San Simon, de quien dista esta montaña setenta i cuatro braças. De aqui á la tercera se haze un valle, que se estiende hacia la mar de Poniente capaz de alojamiento para mas de dos mil hombres, sin que fuesen ofendidos de San Simon. Passado este valle se sigue luego la quarta montaña, q' se estiende con una loma acia el Poniente, i tiene de largo sesenta braças, i de ancho seis; i en lo mas alto, está la montaña, en cuya cumbre se haze un llano en figura circular, q' tiene de trauiesa diez braças. Desde aqui se sigue un valle, i luego otra montaña, q' esta junto alla muralla vieja. Esta atrauiesa desde la mar de Levante por Nuestra Señora del Valle, asta la gran Cisterna q' esta ala mar de Poniente. Ai desde la antecedente aesta, ciento, i sesenta, i dos braças. Esta es la verdadera relacion, de la fortificacion de Ceuta, i descripcion de su celebrada almina.

CAPITULO 4.º

Prosigue la descripcion de Ceuta; refierese su govierno politico militar, i eclesiastico: estado presente de la plaça en lo espiritual, i temporal.

Tiene la ciudad quatro puertas; la principal llaman del Campo, i queda ala parte del Norte junto al baluarte del Cavallero, esta se defiende con tres puertas, vna de rastrillo; de la ultima sale una puente levadiça sobre el foso; i despues del estan dos puertas q' miran al campo con plaza de armas, i ala parte siniestra un postigo con dos puertas fuertes. Sobre la principal ay plaça de armas con muralla, i para petos fuertes. La segunda es la de la ribera de sancta Maria, llamada assi por q' en ella desembarcó la imagen de nuestra señora de Africa, defiendesse con dos puertas; i sobre ellas esta un cuerpo de guarda. La tercera es la de Almina, q' se defiende con tres puertas, vna dellas de rastrillo a la parte de Oriente; ala del sur tiene la de la ribera del pescado, q' tambien se defiende con tres puertas mui fuertes.

Toda la muralla de Ceuta se corona con buena artilleria, si bien tiene menos dela que pudiera serle necesaria en ocasiones de sitios grandes, falta que ha suplido bien, en los q' adelante referire, el valor insuperable de sus hijos. El baluarte de Don Luis tiene dos ordenes de artilleria, i en ellas tres falconetes i ocho medias culebrinas; el de Cavallero dos cañones pedreros, dos medias çulebrinas, dos cañones reales, una culebrina, i un redueto con dos medios sacres; la cortina q' corre de un baluarte á otro por la parte del Campo, se defiende con diez sacres, una media culebrina y un medio sacre. Sobre la puerta del campo ai un baluarte raso, que corre como cortina com tres medias culebrinas, i un medio Sacre. En esta misma cortina ai un baluarte raso, q' llaman el Miradouro, enfrente de la plaça, i palacio con un cañon real, uno ordinario, i cinco culebrinas. El q' llaman do Penedo da Sardiña, tiene una culebrina i dos medias: entre estos dos sobre la puerta de la Almina ai un cañon pedrero, i mas adelante un reducto con una culebrina; i entreeste, i el de Don Luis una cortina para la parte del mar de Berberia, q' se defiende con un cañon pedrero, i un medio sacre. Del baluarte de Don Luis sale una coraça para lamar, que cubre la ribera, i tiene dos cañones pedreros, un sacre, i un falconete.

Tiene esta ciudad quatro cientas, i veinte plaças de infanteria en dos compañias, q' llaman la nueva, i la vieja, e ciento, e treinta de cavalleria, corto numero si se atiende alo q' necessita una plaça q' es llave de Hes-

paña dentro de la Berberia, i q' tiene siempre armada contra si la furia Mahometana. Mas en esta pequeña defensa se funda su mayor grandeça, pues pudo resistir tantos años guerras tan continuas, si bien con muchas perdidas, no sin multiplicadas vitorias. En lo maritimo tiene igual defensa, pues consta de tres barcos luengos, un vergantin de catorse remos por banda, i tres fragatas; los fuegos de la ciudad son cuatro cientos i cincuenta; las personas de Comunion mil, i nueue cientas.

Las armas propias de esta ciudad son las mismas q' las del Reino de Portugal, q' sus primitivos Reyes le señalaron, opor ser esta la primera conquista de su Corona, ó por q' determinaron, hazerla cabeça, i metropoli del Imperio q' desearon constituir em Africa dependiente del Reino Lusitano. Si ya no fue presagio (que estamos viendo cumplirse en nuestros dias) de q' en algun tiempo representaria esta ciudad sola a toda la corona Portuguesa, seria la fiadora di su fidelidad antigua, i el iris terrestre de la Real clemencia q' igualmente esta prometiendo cesará el dilúvio de nuestros trabajos, i no faltara el perdon á las mayores delictos.

Govierna la politico, i militar de Ceuta un Capitan General, nombrado por su Magestad, siempre de la primera nobleça de Portugal en auzencia del Marques de Villa Real, en cuya casa anduuo siempre de propiedad este puesto, oi se les da á los Generales el govierno sin esta clausula, i aunq' siempre fue el puesto de los primeros del Reino, i de mayor lustre, i reputacion, crecio esta en el tiempo presente al paso de las circunstancias q' la acompaña, q' es ser esta la unica plaça de la corona de Portugal en las quatro partes del orbe, en q' el Rey nuestro señor conserva, i continua la posession de Rey de aquel Reino, q' defiende el q' ocupa su gouierno mientras duran las turbaciones presentes.

Lo politico por menor gouierna un Senado, a q' llaman Camara, por la manera q' los tienen las otras ciudades, i villas notables de Portugal. Este consta de un Juez, un Almotacen, un escriuano de la Camara; i seis deputados, siempre de las personas mas nobles. Tambien aimitacion de todas las ciudades, villas, i lugares mas notables de aquel Reino la casa dela Misericordia, q' tuvo principio en Portugal en tiempo del Rey Don Manuel, i sin duda la mas ilustre que tiene Reino alguno. En la de Ceuta q'es de la invocacion de San Blas, se exercitan todas las obras de Caridad, quanto lo permite la cortedad de sus rentas, tiene ciento, i cincuenta hermanos, setenta i cinco nobles, i setenta i cinco de menor condicion. Instituyose el año de mil quiñientos, i setenta, siendo General, Don Fernando de Meneses, q' fue su primer Proveedor, como el primer Escrivano Diego Andrada de Mendoza.

Conservasse Iglesia Cathedral con su obispo desde el tiempo q' fue ganada de los Moros; fue su primer Prelado Aymaro estrangero, señalandosse por distrito entonces las tierras q' junto á Guadiana fueron del Obispado de Badajos, q' eran Olivença, Campo mayor, Ouguela, i otros

lugares. Estas se aplicaron despues al Arçobispado de Braga, dandose en recompensa a Ceuta todas las q' entre Miño, i Lima furon en otro tiempo del Obispado de Tui, cuya cabeça era Valencia del Miño. El summo Pontifice Sixto Quarto por obuiar muchas apelaciones, q' del Obispo de Ceuta se interponian en Roma procedidas de las causas de sus subditos, los de entre Lima, i Miño, por ser aquella iglesia immediata a Roma, i no reconocer Metropolitano; ordenó en el año de mil quatro cientos i setenta i cinco, q' fuesse sufraganeo al de Braga, como lo fue muchos años. Despues se tomo otro modo de Gouierno, por q' como las villas de Olivensa, Campo mayor, i Ouguela estauam tam distantes de Braga, i el gouernarlas fuessen alos Arçobispos demasiadamente penoso, como tambien á los subditos, para sus causas, siendo Obispo de Ceuta Don Fray Enrrique de Coimbra, troco las tierras q' tenia en el Arçobispado de Braga con las q' el Arçobispo tenia en Estremadura, q' fueron de los Prelados de Ceuta. Mas ni estas perseueraron en su dominio con la nueva creacion del Obispado de Elvas, pues se incorporaron con el consignandosse por ellas al Obispado de Ceuta en el de Algarve mil, i quiñientos cruzados de renta. Despues se añadio por destricto á Ceuta la Ciudad de Tanjar en Africa, q' antes era Obispado aparte, i la plaça de Masagan en la misma costa, con q' oi se intitula el Prelado desta ciudad, Obispo de Ceuta, Tanjar, i Masagan. Si bien por el nuevo accidente le faltaron aquellas dos plaças, i no se halla oi con otro districto q' la misma Ciudad de Ceuta, acuyo Prelado ha añadido el Rey nuestro Señor dos mil ducados de plata de renta en las arcas de Cadiz para su sustento.

La santa Iglesia es de fabrica antiquissima, por q' antes de ser consagrada al verdadero Dios, avia sido Mesquita. Consta de quatro naves, i en ellas tiene sete capillas; la del Rosario, q' es el mas comun entierro de los Obispos, la de la Concepcion, la de san Miguel con altar preuilegiado, la de los martires de Ceuta, la de nuestra Señora de la Cabeça, la de San Francisco, ila de Santa Ana. Sin estas ai la mayor, su invocasion (q' lo es de toda la Iglesia) nuestra Señora de los Angeles: sirvenla los pocos ministros q' pueden sustentar sus cortas rentas, q' son quatro Dignidades, Dean, Chantre, Thesorero Mayor, Arcediano, siete canonigos, i quatro beneficiados.

Quando se gano esta Ciudad á los moros, se fundaron dos conventos, el uno de la orden de San Francisco, i el otro de la de sancto Domingo, que permanecieron muchos años. Ganandose despues la de Tanjar, fundo alli un convento la orden de la Santissima Trinidad para la comodidad de los rescates de Berberia, i viendo los Religiosos desta sagrada Religion quanto mas acomodado era el puerto de Ceuta para aquel ministerio, pidieron á los Reyes de Portugal les embiassen para esta ciudad. Assi se executo considerandose la conveniencia de los rescates, i se pas-

saron los Religiosos Trinitarios á Ceuta, donde perseveran con mucho fructo de su sagrado instituto. Los religiosos de san Francisco passaron á Portugal, i los de sancto Domingo a Tanjar, donde tambien oi se conservan. Executaronse estas mudanças por los años de mil quiñientos i sessenta i nueve, reinando en Portugal Don Sebastian: mas desto hablaré adelante.

Tiene esta Ciudad un Convento de recojidas fundado para quinze huerfanas hijas de ciudadanos, q' su Magestad sustenta. Fue su fundadora Juana Arraez de Mendoça, i gasto en esta obra toda su hasienda. Procuró hazerle Convento de monjas profesas, i no lo consiguio, i assi la llevaron los deseos de profesar Religion a Gibraltar, donde murio religiosa en el convento de Santa Clara. En la capilla deste Rocogimento esta enterrado Manuel de Acosta su marido, de la gente mas noble de Ceuta: llamasse la iglesia nuestra Señora del Socorro, tiene coro alto donde rezan todos los dias las recogidas el officio de nuestra señora, i otro baxo, donde comulgan. Ai en esta iglesia Missa cotidiana por el alma de la fundadora, i de su marido; es casa real, i tiene compromiso para sugouierno. Este consta de un Proveedor, q' es de ordinario el General de la plaça, i otros hermanos de la mesa de los mas nobles della. Casan las donzellas por consentimento, i orden de aquella junta; i en la clausura tienen los entretenimientos permitidos á su estado.

Las mas iglesias desta ciudad son: la del Epiritu Sancto, q' fue antigua mente de la orden de Sancto Domingo, i oi la administran Religiosos de la Santissima Trinidad; la de San Sebastian, fundada en la puerta q' antiguamente era de la Ciudad, i la de san Antonio. En la Almina ai siete hermitas; la dela vera cruz, fundada en tiempo del Rey Don Sebastian, e tiene misa todos los domingos, i viernes, la de San Simon con mísa todos los martes, la de San Pedro, q' es la de los pescadores en q' se dice misa todos los jueves; nuestra Señora del Valle, en q' por tradicion continuada asta nuestros siglos se dixo la primera Missa quando se ganó Ceuta; tienela todos los sabados; la de San Amaro edeficada el año de 1602, auiendo peste en esta ciudad, aparecio el sancto aun niño, q' iva por lena, i le mostro el sitio adonde se la avia de dedicar iglesia, tiene Missa todos los lunes; la de San Antonio de Tojal, q' edeficó el duque Don Miguel de Meneses, con renta para q' se diga Missa en ella todos los miercoles. La vltima es la de Santa Catalina, hermita antigua al fin de la Almina, donde no se pone imagen de la sancta mas q' en su dia, ni se dice Missa por el riesgo de los Moros; con que viene aaver todos los dias Missa en la Almina. Esto es lo que he podido averiguar de Ceuta en quanto al estado q' oi tiene; su mayor grandeza será la continuada historia de sus guerras, q' en una plaça de armas dentro en Berberia no se puede conservar, ni fabricar de nuevo los edificios, i las grandeças q' ilustran aotros pueblos, como tambien á ellos quando les sobren

apariencias materiales, q' derriba, i deshaze el tiempo, les faltaran sin duda los sucessos q'en esta historia se veran, contra quien no tiene fuerças el tiempo, ni poder el olvido.

CAPITULO 5.º

Estado presente de la Berberia: numero de gente con q' infesta nuestras fronteras: govierno tiranico de los Benbucares; oi casi absolutos señores de las Mauritanias

Pues escriuir el estado en q' oi se halla Ceuta, raçon sera escriua tambien el q' tiene Berberia este año de 1648, en q' se escriue esta historia, discurso q' jusgo no sera poco agradable alos curiosos por las cortas noticias q' se hallan de aquella gente. La Gomera, donde la prouincia del Habat se termina, es una sierra entre Ceuta y Tanjar, q' antigua mente fue bien poblada veense en ella vestigios de lugares grandes, i no se atreven a habitarla los barbaros por la continua guerra, que estos dos presidios hazen asus habitadores, i por los asaltos continuos q' dan a sus ganados, haciendas, i casas. Al pie deste monte, acia el Estrecho, esta una poblacion llamada Anjara, q' puede sacar mas de quatro cientos cavallos, i tres mil infantes, con q' corre continuamente los campos de Ceuta, Tanjar; gente belicosa, i q' la mayor parte lleva armas de fuego: gouiernala un xeque, llamado el Hat, por succession de su abuelos. Mas al Poniente, á las espaldas de Tanjar, estan tres lugares; Cita Alahambra, Bernagu, i Benameçuar, q' ponen en campaña quatro cientos cavallos, i mas de seis mil de apie, los mas con armas de fuego, q' para hazer guerra á los presidios de Ceuta, i Tanjar, se juntan con los de Anjara, gouierna essos lugares el Almocaden Golife.

Mas adelante esta el Farrobo, e Benahombres, Benhaguader, i Benaharoz, lugares de donde salen mas de dos mil cavallos, i mas de ocho mil infantes, la mayor parte con armas de fuego: gouiernan estos lugares dos Almocadenes, llamados Ali Benhiage, i Mahamat Bensiani. Acia la mar se sigue Marchalamar, i Veleta, que tendran quiñientos cavallos, e mucha infanteria, los mas con armas de fuego, Arzila, i Zaguil, i Benhagolfat, q' avecindan con Larache, sacan en campaña, tres mil cavallos, i mas de diez mil de apie, los mas con armas de fuego, gouiernalos oi Muzafalet. Siguese un aduar mui poderoso, donde se perdio el Rey Don Sebastian, q' se llama Alizerit, llega asta Alcaçar el Quibir, i asta la mar, salen del seis mil cavallos, i innumerable gente de apie con armas de fuego los mas. Estos son los lugares, i el numero de los barbaros de guerra de la provincia del Habat, q' llega asta Alcaçar el Quivir, i la mar, cinco leguas

tierra adentro, porq' los barbaros que ay en ellas de a cavallo, i de apie son innumerables; yo solo trato de los q' los van a correr el campo de los presidios de Ceuta, Tanjar, Alarache, Maamora, i Peñon.

Toda esta gente tiene por Capitan General al Governador de Tetuan, llamado Cide Mahamet Benisu. Nacacis, que les gouierna, i rije por el Benbucar, q' por ser cuñado suyo, por tener una hermana casada con Cide Abdalcadach Benbucar, es oi por cuya cuenta corre toda la guerra q' haze esta gente alos presidios, i saca de la Ciudad de Tetuan, de Guadares, i sus contornos quatro cientos cavallos, i innumerables gente de apie, assi por ser Tetuan ciudad populosa, como por los muchos barbaros, q' tienne en sus contornos.

Haze este Governador continuas entradas en el campo de Ceuta por raçon de la vecindad, pues solo dista Tetuan desta plaça siete leguas Africanas, q' son poco mas de cinco españolas. Para hazer estas entradas junta aquellos barbaros con la gente de Anjara, i del Farrobo, i delos demas lugares nombrados, con que padece Ceuta las mayores invasiones q' ha padecido jamas, ilas mas frecuentes, porq' siempre q' quiere entrar en su campo, junta de toda esta gente un poderoso exercito, i con tantas bocas de fuego en los de a pie, i de cauallo, q' no puede resistirse menos q' con mucha sobra de valor; cuidado, i cautelas.

No quiera passar en silencio una cosa bien singular, i es q' cerca de Tetuan esta vna sierra llamada Benihasan, sujeta a su Gouernador. Habitanla oi mas de diez mil familias de barbaros, q' conservan assi los hombres como las mugeres el traje de Gallegos, q' quedaron en aquella sierra del tiempo de los Godos, i los mismos moros de Tetuan los llamam Gallegos, porq' dicen lo son, i el dia del Precusor Baptista baxan alauarse al mar gran numero dellos, i festejan el nacimiento del sancto con bailes, i regocijos, bailando los hombres, i las mujeres por las calles de Tetuan con sus trajes de Gallegos, cosa entre los moros desusada por el cuidado, grande q' tienen, de q' las mugeres no sean vistas. No solo en las calles bailando, pero ni aun permitiendo q' las vean dentro de su casas. Estos gallegos no salen ala Campaña quando van los demas a correr el campo de Ceuta, ni se atreben a obligarles a ello, por q' los temen por ser valientes a cauallo.

En diferentes ocasiones es cierto q' passaron Españoles a avencindarse alas Mauritamas. De Syla sabemos q' embio gran numero de soldados Españoles aesta region con el nobilissimo Paccieco, q' murio en ella; i los q' quedaron los reduxo Sertorio, como lo refiere Plutarcho en su vida. Destos, o de otros, q' con varias occasiones passaron ala Tingitania, huvo en ellas españoles, q' estavan naturalizados, i assi entre las demas gentes desta provincia los puso Ptolomeo, i los llamo Nectiberes. Puedesse atribuir aq' fuesse el nombre, q' tenia el lugar, donde ellos al principio se recogieron q' se llamaria Necti, aunque no ai noticia del, o q'

tubiese otro origen casual; Silo reducimos á la lengua Arabiga, no era ageno della, antes con toda proporcion: *Nic,* es gente; i *Tari* es reciente, i nuevo: *Nictari* gente nueva, *Nectibares,* gente recien venida de Hespaña, destos quiçá, se conserva aun la memoria en estos Gallegos, mientras no les descubrimos otro origen mas cierto.

La gente q' se sigue despues del Aduar nombrado Alizerit, q' llega asta Alcaçar Quibir, son Alarbes, q' viven en casas de lienço amodo de tiendas, i semudan de un lugar aotro quando quieren, llevando sus ganados, i familias. Los primeros desde el rio de Alcaçar el Quivir asta Alarache, q' se llama la Cauila de Jelique, juntan seis mil cauallos para salir en campaña, i mucha gente de apie, lo mas con armas de fuego. Con esta Cauila avencinda otra, q' llega asta la Maamora, por la parte del mar, q' saca en campaña quince mil cauallos, i innumerable gente de apie, los mas con armas de fuego; llamasse esta Cauila de Colot, i diuide estas dos cauillas el rio Cebu, q' baxa de Fez ala Maamora. Al cabo del rio ai otra cauila grande, i poderosa q' llaman Sagar y llega asta Fez, Sale, i Miquinez, q' es donde esta la laguna Hecharan, tiene por nombre Penhymalech, pondra en Campaña veynte cinco mil cauallos, i aun mas, todos con armas de fuego, esta gente habita desde aquella laguna asta el estrecho, q' sera termino de quarenta leguas en esta provincia del Habat.

Governa toda esta gente Cid Mahamet el Ajaig, q' fue natural de Benhimalech; i yo le vi correr muchas veces a Tanjar, gouernando aquella plaça Don Jorge Mascareñas, Marquez de Montaluan mi padre. Criose en la Ducala, i para hazerse señor de toda esta tierra, se introduxo con algunos embustes para q' le tubiessen por Sancto, consiguiolo, i tambien por q' hacia continua guerra a los presidios desde la Mamora a Ceuta; governola como absoluto señor de toda la tierra mas de veinte años, i quitole la vida un Alarbe de la Cauilla de Xalot, llamado Asexali el Addat, q' era Alcaide suyo, i oi gouierna aquella Cauilla por el Bembucar: murio avra ocho años, i matole en su misma tienda una noche entrando a visitarle, q' es el fin q' entre ellos tienen estos sanctos levantados. Oy gouierna toda esta prouincia como absoluto señor Cide Mahamet el Hach, Bembucar, el Azri (que quiere decir el Zurdo) por q' lo es, llamado comunmente el sancto grande, i señor de la santa casa de Iddala, donde habita q' es una hermita en el desierto, a donde van a visitarle todos los barbaros, i Alarabes de su jurisdicion, q' lo es oi toda la Berberia, i la mayor parte del Imperio de Marruecos. Alli les aloja, i da de comer, i les doctrina, i enseña en la falsa, i perversa secta del bestial Mahoma.

Son los Bembucares quatro hermanos, i se reparten el gouierno de todas sus tierras en esta forma; que el vno llamado Cide Hamet Bembucar gouierna toda la prouincia del Habat: el otro llamado Cide Abdalxalach Bembucar desde su saguia asta las tierras de Sus, i este sale a

campaña quando tiene guerras: el otro, llamado Cehomar Bembucar, desde Fez asta Mazagan; i el q' esta en Iddala, desde Fez asta Tafilete, q' es el q' llaman el sancto grande. La gente q' gouierna cada uno dellos es quatro veces mas q' la que hauemos dicho, i han sujetado no que no puede ningun Rey. Al de Marruecos le tienen arrinconado en aquella ciudad, de donde no se atreve á salir. En haziendo guerra a alguno delos hermanos, se unen todos quatros, con q' juntan tanta fuerça, i numero de gente, q' no ay humana potencia q' pueda resistirles. Los tres estan sujetos al Cide Mahamet el Hach, Bembucar el Azri, q' es el mayor, i señor por herencia de su padre, llamado el Bucar de la casa de Iddala, aq'ellos llaman Sancta; aquien los Arabes tienen por tan grande santo, que de todos sus aumentos, i cosechas ledan las gracias, como si fuera el Dios q' se las da. Este es el estado prezente de la Berberia, cuya informacion se hiço con personas inteligentes assi moros como cristianos, que han venido de cauteverio. Pasemos a las antiguedades de Ceuta, q' nos gastaran poco tiempo.

CAPITULO 6.º

Memorias antiguas de la Ciudade de Ceuta;
noticias de la Universidad q' tubo en tiempo de los moros.

Africanos naturales, Romanos, Godos, Mahometanos, i Portuguezes, dominaron á Ceuta, desde q' empieçan, las memorias, que se conservan desta Ciudad. De los primeros (sino es las q' refieren los escritores hasto cortas) no se hallan otros rastros, como sucede atodas las otras de Africa, i Hespaña. De las q' pudieran quedar de los Romanos, gente mas politica, con q' enrriquecieron a los pueblos, q' dominaron, nos priuo sin duda la barbara crueldad de los Godos i Moros, q' les succedieron; cuya furia en sus conquistas no perdonava a las mismas piedras. Los godos no las dexaron. Del tiempo de los Moros hallamos algunas de poca consideracion, i aun muchas se perderian en el tiempo del dominio portugues, por q' sus habitadores mas se apreciaron siempre del exercicio de las armas q' de conservar las memorias antiguas de su patria. La mudança q' entodas las cosas causaron los Sarracenos Mahometanos con su entrada en las provincias fue tan grande como acosta de grauissimos daños nuestros la experimentaron en Hespaña. La misma, i aun mayor, fue en Africa, con ella trocaron, i alteraron todos los nombres de Ciudades, pueblos gentes, montes, i rios, que apenas duran dellos en algunas partes los vestigios. Notó esto, Luis de Marmol, i dice q' los Arabes por

quitar las memorias antiguas, quitaron los nombres dellas, i aunq' dexaron algunos, otros pusieron asu voluntad.

Fueron los Arabes Politicos, i curiosos, i dandose al estudio de las letras, procuraron aumentarlo para esto traducian libros en su lengua, pero lo que vsaron disto fueron pocos, imenos con la maldad de los muchos, q' llevados de la ceguera de su apetito bestial, se rindieron i entregaron á la secta mas perniciosa, q' pudo forjarse en el Infierno. Ha auido entre ellos en diversas partes, i tiempo gente docta, i eminente en las sciencias. Destos fue Averrois comentador de Aristoteles, aquien (segun la opinion de Francisco Patricio) se deve la noticia q' de Aristoteles se empeço atener en escuelas, despues q' sus comentarios se llevaron a Francia, i Italia. Fueron tambien los Auicenas, Abensoares, Razis i otros. No fue tanto el prouecho q' hizieron estos pocos quanto el daño q' causaron los muchos, haziendo cruel guerra alas mismas letras, i a los libros, por q' podian impedir el aumento de su bestial secta; i en esto se privaron asi, i a muchas naciones del conocimiento de las antiguedades de Africa. De tan gran trueque, i mudança, procede q' con mucha dificultad se conosca lo antiguo, q' bastara el tiempo sin otros accidentes a borrarlo, i mucho mas auiendolos auido tan violentos. Assi mas por vislumbres, i conjeturas se va prosiguiendo q' por camino claro, i abierto, pues aun los libros q' desto tratavan los quitaron los Mahometanos. De lo que se halla en los nuestros que es bien poco, se va descubriendo, i reconoce por mayor lo que huvo.

Confieso que cuando emprendi esta escritura, presumi se hallarian muchas de los tiempos antiguos; mas no solo estas me faltaron quando las procure, mas tambien las de los nuestros, con q' este trabajo se me hiço dificultoso. Tratose siempre en Ceuta del exercicio militar; padecio esta ciudad, mudaronse, i emmendaronse no pocas veces sus fortificaciones: padecieron con estos accidentes los edeficios antiguos, i servieron sus materiales para la fabrica de los modernos, y con estas mudanças ninguna cosa padece mas q' las piedras insensibles. Sin duda q' muchas estaran enterradas en los mismos edeficios, i murallas, q' oy me dieran no corta materia. Quexa es esta ordinaria de los q' escriven, i sentimiento comun de los curiosos, i en q' solamente podemos atribuir la culpa alos barbaros; i en esta ocasion a mi infelicidad tambien, pues auiendo passado los mismos accidentes por la ciudad de Tanjar tan vecina a esta me acuerdo bien auer visto en ella los años que assisti alli, muchas memorias, inscripciones, antiguas, a cuya lectura me inclinava ya mi natural curiosidad en los pocos que tenia.

Dare principio alas memorias de Ceuta con una q' bastára a desempeñarme en esta parte, pues fue un pronostico cierto de su gloriosa conquista. Refierela Gomez eanes de Zurara y allose quando el Miramolin passo la primera vez a Hespaña. Andava cavando un Moro en vna

Huerta junto a la Ciudad, i sacando piedras de unas cajas antiguas, alló un marmol insculpida en el la figura de un Moro llamado Brafome tenido entre ellos por Profecta, i Sancto, natural de Marruecos, i alos pies de su imagen estavan talladas unas letras en quatro renglones q' decian assi: —*Dela casa de Hespaña saldra un Leon con tres cachorros hijos suyos acompañado de gran armada cargada de muchas gentes, i ganara esta ciudad, ó ciudad? i de su simiente vendra el destruidor de las partes de África, Moros, huid, huid, i no querrais esperar las amenaças de su espada.* Verdaderamente que es notable esta memoria por el pronostico q' incluye, ino fue solo el q' se halla de la empresa de Ceuta, i otros muchos escriven los Autores de aquel tiempo q' no refiero por parecerme de menos monta.

Conservanse en Ceuta la torre del omenaje de cinco angulos, como las q' comunmente se atribuyen a Hercules. No dexaron otros de atribuirle a el la fundacion desta Ciudad, llevados solamente deste fundamento; mas en mi historia de Coimbra muestro, q' la que aquella ciudad tiene de la misma hechura es obra de nuestros Reyes; i assi tengo por sin duda q' esta q' oi se conserva en Ceuta es fabrica del tiempo de los Moros, ila tradición de sus vecinos ayuda no poco a mi sentir. Del tiempo q' señorearon los Romanos á Ceuta no ai vestigios, porque tambien aquel templo, obra del Emperador Justiniano, dedicado ala Virgen Nuestra Señora, de que hace memoria Procopio en los libros de los edeficios deste Principe, ni memoria cierta se conserva de su fundamentos, ocasionaron esta perdida las mudanças desta Ciudad, i el continuado señorio de naciones bárbaras.

En el convento de la Santisima Trinidad, se conserva la Capilla Real de Santiago, obra de los Moros; sustentase em doze colunas de marmol blanco con pedestales de marmol negro, i assientos delo mismo. Es obra de yeso, i madera pulidamente labrada, en q' se conserva un patio grande labrado de piedras blancas, i grandes, i todo el sitio del es una Cisterna, de q' vsa en aquel convento. Ala entrada de la Capilla ay dos piedras de jaspe con dos letreros en lengua Arabiga; que bueltos en la nuestra, dice el uno. *Bendito sea Dios, i alabado q' se acabo esta obra para q' se enseñe en ella el Alcoran de gracia atodos. Mandola hazer el fuerte, el guerrero contra Christianos Joseph Beneab el Jali, hijo del Rey Muley Buenan.* Lhamasse en la lengua Arabiga esta Casa Almodraça q' es lo mismo q' vniversidad, donde se enseña; i dela misma hechura ay una en Fez, i otra en Salé. No es pequeña alabança de Ceuta q' fuesse antiguamente vniversidade, mientras lo sosegado de la paz dava lugar al exercicio de las letras, q' desta antiguedad sin duda se infiere lo populoso desta Cuidad en tiempo de los Moros.

Estos la enoblecieron mucho mas q' lo estava en tiempo de Romanos y Godos, por q' residian en ella cavalleros principales, i muchos merca-

deres, i officiales de cosas primas, de oro, plata, cobre, i laton, i de otros metales, i lo hazian todo tan perfecto, que en artificio, i bondad llevavan ventaja a las obras de la ciudad de Damasco. Obravan aqui mui finos tapetes, i telas de lino, i lana de todas suertes, i lo mejor de aquel tiempo, i de aqui se proveyan las provincias de Africa, i de Europa por mercaderes q' acudian de todas partes con q' la Ciudad era de las mas populosa de Africa. El otro letrero dize: *Bendito sea Dios q' se acabo esta obra en el mes de la pasqua grande en el año de setecientos i quarenta i siete.* I por toda la casa alrededor estan letreros del mismo yeso en lengua Arabiga, q' no dicen otra cosa sino: *He de reynar, he de defender esta Ciudad para siempre.* En toda Ceuta no hallamos otro letrero, omunumento antiguo.

En una playa de la Almina permanecen unas piedras, donde en tiempo de los moros un Morabito, q' entre ellos estava en reputacion de Santo, llamado Cid Belabes Ceitil, hazia la Salá. San tan veneradas de aquellos barbaros, q' todos los navios de Moros q' passan el estrecho encienden luminarias, i offrecen azeite luego q' descubren este sitio.

Tambien es tradicion antigua, q' en la Almina se hallo una piedra con un letrero, q' decia. — *Por aqui passo Joab, Capitan del Rey David.* Ni de la historia destas letras, ni aun della misma piedra se halla oi memoria en Ceuta, mas es cierto, q' donde se hallaron las referidas, estarian otras muchas, de q' nos privaron los accidentes del tiempo.

En una Cronica antigua manuscrita de los Reyes de Marruecos, q' traducida de lengua arabiga en la Castellana, se conserva entre los manuscriptos de mi estudio, hallo q' Joseph Aben — Jacob Rey de Marruecos edificó la casa de las ataraçanas (que este autor dice se conservaran en su tiempo) i q' hiço esta obra el año de los Arabes de 572 iq' fue el mismo, en q' empezó a fundar la mesquita mayor de Sevilla. Aque año de Christo corresponda aquel de los Arabes no es facil de averigar alo cierto; porq' ai diversas opiniones entre los escritores sobre cuando empeçó el año de la Hixana, i aunq' entre todos la diferencia es poca, tengo por mas probable lo q' afirma el Arçobispo Don Rodrigo, i es ser el año de nuestra redencion de 618. Segun esto fue la fabrica de las ataraçanas año de Christo de 1190.

CAPITULO 7.º

Ceuta confederada de Cartago, sacuden los Africanos el pesado jugo desta Republica: Reyes particulares de las Mauritanias: dominio de los Romanos en ellas: Ceuta sujeta al de Hespaña en Chancilleria de Cadiz: despues al dela Mauritania Cesariense.

Quando nos faltan memorias de letreros, i edeficios en Ceuta por el descuido continuado de sus hijos, veamos las luzes q' nos dexaron las historias de aquellos antiguos siglos, q' no se descuidaron tal vez de hazer memoria desta celebre ciudad, aunq' todas son tan cortas, q' en pocos capitulos me deçembaraçase de lo q' ellos dixeron.

Ducientos i quatro años antes del nacimiento de Nuestro Redemptor hallo la primera memoria de Ceuta en las historias; debemosla a aquella sangrienta batalla naval, que tubieron Romanos, y Cartaginenses en el Estrecho de Gibraltar. Encontraronse Lelio, Capitan Romano, i Adherbal General de la armada Cartagineza en el Estrecho del mar Mediterraneo; tubieron una peligrosa batalla, en q' el Carthagines (sino totalmente vencido) quedó mui deshecho, i con solas cinco galeras de las q' llevava; i sintiendo Adherbal esta ventaja en los Romanos acordo de huir con las cinco galeras, i meterse en Ceuta, donde Lelio no osaria seguirle con rezelo de la tierra, i del acojimiento, i buena ayuda q' su enimigo alli auia de hallar. No refiero el successo por q' lo hazen algunos de nuestros escritores; digo solamente lo general, porq' se entienda q' ya en siglos tan anteriores era Ceuta puerto, i ciudad ilustre, i que florecia en los tiempos dela guerra Punica, en q' claramente queda excluida la opinion de los q' atribuyen sn fundacion a los Romanos, pues tantos años antes q' ellos entrassem a dominar la Africa, se conservava en el dominio de sus propios naturales, que estavan confederados con los Carthaginenses, por q' estos nunca llegaron a ser señores de aquella parte de Africa. En las Mauritanias, i Numidia, q' estan entre las colunas de Hercules, i la Tingitana, no llego atener dominio Carthago: sus Reyes solian ser amigos, i aliados, i avezes enemigos, i mui crueles. Sus terminos venian a estrecharse fuera del Africa menor a lo poco q' en las marinas teniam ocupado de la otra parte del Estrecho; finjian que tenian trescientas ciudades, y una mayor q' Cartago; i como hera humo, i niebla q' hechavan para q' fuesse la jama creciendo; con el soplo q' los precipito de su altura se desaparecio todo esto como cosa vana, i sin sustancia. Lo poco q' entonces se sabia de Africa les dava larga mui libre para q' pudiessen los Carthaginenses, i aun los griegos fingir tantas fabulas, creyndo q' no avria

tiempo en q' se descubriese la verdad; i como si lo fuera avia muchos q' las recibian con aplauso.

Era la amistad q' estas naciones teniam violenta y no podia durar mucho. Solo se sustentavan de los aprovechamientos q' sacavan de la confederacion Punica, embidiando siempre sus aumentos, i poder; i assi no perdian ocasion, de procurar como oprimirla. No ay tan bárbara nacion q' sufra q' otra descuelle i quiera ser superior alas demas. Este es el odio, i desdén, con q' todas las Monarquias son aborrecidas, i con q' se juntan las otras a derribarlas, de la cumbre donde Dios, ilos hombres las han levantado, i assi aun q' pastores, i rústicos los Africanos, deseavan hechar de si la fuerça, i opression, con q' los Carthaginenzes tiranizavan el mundo; por lo qual ellos fueron el eficacissimo medio con q' los Romanos los pudieron contrastar. Mas llevaron a su casas otro mas poderoso enemigo, no menos pessado, i aun dañoso para su libertad; disposicion e providencia divina para mas altos, i ocultos intentos. No es de mi assumpto referir como passo la primera i segunda guerra Púnica: difusamente lo tratan los escritores antiguos.

Havia por estos tiempos, assi en la Numidia, como en las Mauritanias, Reyes superiores, aquien obedecian los Xeques, i Phylarcos. Las provincias interiores de la Libia, tenian diferente modo degovierno, de q' ai pocas noticias, vino aparar el dominio de las dos Mauritanias, el de la Cesariense en Boccho, i el de la Tingitana en Bogud, dellos tomaron sus Reinos los nombres, q' les duraron algun tiempo, llamandosse una Mauritania de Boccho, i otra Bugudiana, como dice Plinio. Estos dos Reyes, aun q' con diferentes mudanças, siguieron las partes de Julio Cesar: Bogud passo a Hespaña con gente, i se hallo en las guerras que en Cordova, i su provincia tubieron Marcelo, Lepido, i Casio, q' escrivio Aulo Hircio. Despues auiendo passado Cesar a Africa, quando vencio a Cipion, i al Rey Juba, le ayudó Bogud, i fue gran parte de su feliz successo. Lo mismo hizo en las guerras q' Cesar tubo con los hijos de Pompeyo, auiendosse apartado Boccho de la amistad de Cesar, mas ambos Reyes perdieron sus Reinos, i con ellos las vidas por inconstantes. Con la muerte del Dictador Cesar, i division del Triunvirato, se alteró grande mente la Republica Romana, i todas las provincias dependientes della. Bogud valiendose de la ocasion, i confiado en las alteraciones de la Republica, acometio a Hespaña, i hizo en ella grandes daños; no los recibio menores, antes mas graues, pues no ganando lo que deseava, vino a perder el reino q' tenia, i viviendo algun tiempo desterrado le mató Agripa en Methona, ciudad de la provincia de Messenia en Grecia. Ocupó en su ausencia Boccho la Mauritania Tingitana, i Augusto le confirmó el dominio, i alos Tingitanos q' le ayudaron, dio el preuilegio de ciudadanos Romanos, fauor grande en aquellos tiempos; pero Boccho duró poco firme en la amistad de Octaniano, o por q' esperava mas, o

por q' quiso alcançar por su mano algo de lo q' auia intentado Bogud; mas al fin perseveró Rey de las dos Maritanias asta su muerte, q' auiendole sobrevenido, no quiso Augusto dar sus reinos á otro; antes los hizo prouincias del Imperio. Con esto la Africa menor, o Tingitana con todo lo q' los carthaginenses auiam aumentado, i la Numidia, i Mauritanias, quedaron por este tiempo (que fue corto) prouincias del Imperio Romano, en cuyo dominio entro Ceuta, auiendo sido asta alli dominada por sus naturales Reyes africanos.

Assi perseveraron las dos Mauritanias sujetas al Romano Imperio algunos años; si bien poco despues con Reyes particulares dependientes del. Fuelo Juba hijo del otro deste nombre Rey de Numidia, q' mui moço fue llevado en triunfo a Roma por Cesar. Dixo Plutarcho q' havia sido dicho en su cautiuidad este niño, pues de la politica romana le resultó el ser contado por uno de los ilustres escritores del mundo, i Plinio dice, q' fue mas memorable por los estudios q' por el Reino, i segun lo cita comunmente en sus obras, se conoce la mucha curiosidad, i diligencia; con q' escriuió, auiendo juntado la historia Griega, Latina, Punica, i Africana, i de otras naciones, de que saco lo mas notable, i digno de saberse. Este caso con Cleopatra, hija de la otra célebre del mismo nombre. Diole Augusto, de quien fue bien visto, no los Reinos paternos de la Numidia, mas parte de la Getulia, i las dos Mauritanias. Gouernolas algunos años i por su muerte le succedio en el Reino Ptolomeo hijo suyo, i de Cleopatra, q' auiendo gouernado algun tiempo, fue llamado a Roma por el Emperador Cayo, donde, o desterrado (como dicen algunos) o muerto violenta mente (como escriven los mas) perdio en el Reino, la vida.

Diuidio por su muerte Cayo, las dos Mauritanias, mas no con tal paz y quietud q' faltasse quien tomara las armas en vengança de la muerte atroz de Ptolomeo. Este fue Aedemon liberto suyo, q' tomo por suquenta aquella guerra contra el imperio. Empeçola Cayo i prosiguiola Claudio, q' le succedio poco despues en la dignidad, asta q' por armas sugeto las dos Mauritanias, i parte de Numidia, i Getulia, q' avian posseido Reyes diferentes, i quedaron hechas provincias del Imperio, i gouernadas por romanos. Esto lo devemos entender de lo mas conocido de las Mauritanias, i no de las tierras interiores, donde avia tantas gentes i, tan bárbaras, q' nunca pudieron reducirse al trato politico, i si bien por mayor reconocian al Imperio, negociando por medio de sus xeques i, cabeças lo q' hauian menester, al mejor tiempo boluian a sus latrocinios, i quando les apretavan se retiravan a los desiertos, i arenales secos, q' les eran muros mas q' de bronce, inexpugnables.

Perseveraron las Mauritanias en la obediencia del Imperio, (no sin inquietudes), asta los tiempos del Emperador Othon, en q' hallo memoria de Ceuta dependiente del gouierno de Hespaña. Succedio este Empe-

rador a Galba, y, o por el cargo, q' tubo tantos años del Gouierno de Lusitana, i Andaluzia, ó por tener favorable toda aquella tierra, la hizo en el poco tiempo q' imperó (que fueron tres meses) muchos fabores. Ala Andaluzia dio jurisdicion sobre algunas ciudades de Africa, q' estavan junto al estrecho: i tengo por cierto aver sido este el principio de tener la chancilleria de Cadiz jurisdicion, i estenderse asta Ceuta, Tanjar, i Arzila, i sus comarcas, por q' asta este tiempo, no leo auerla tenido, i despues ai mucha memoria della en los Escritores. En los años siguientes se alla ya repartida la provincia de la Béthica en cuatro chancillerias, q' entonces llamavan Conventos juridicos, i eran ciudades principales, donde estavan en el invierno los pretores q' governavan, oyendo los pleitos de las jurisdiciones, i destrictos, q' las chancillerias tenian señalados. Estas quatro chancillerias de la Bethica eran Cadiz, aquien acudian tambien los de Ceuta, i Tanjar en Africa, Seuilla, Ecija, i Cordova, q' como cabeça de toda la provincia tenia mucha mas jurisdicion q' las otras.

La primera memoria de la Chancilleria de Cadiz en tiempo del Emperador Othon se refiere alos años setenta de Christo, i assí por este tiempo era Ceuta de la jurisdicion de los Romanos, pues estava sujeta ala Chancilleria de Cadiz. Visitando a esta, Cesar, i estando en esta ciudad por orden del pueblo Romano, le succedieron aquellos dos casos notables, q' le alentaron a ser señor de Roma, como escriue Suetonio; el uno el deshonesto sueño, i el otro la vista de la estatua de Alexandro Magno. Despues se diuidio la Tingitana quedando fuera la ciudade de Ceuta, q' quedo a la Mauritania Cesariense, ila Tingitana con la dependencia de Hespaña, tomó nombre de Hispañia Tranfretana; por q' los q' señoreavan nuestras Españas lo eran tambien de aquella, de suerte q' el Reino todo de Antheo, assi Tingis, q' el fundo, como lixos, oi Alarache, donde tuvo su Real palacio, i donde estuvieron, aquellos huertos de las Hesperides, tan venerados de la antiguedad, tubieron nombre de Hespaña. Escriuio su epitome Sexto Rufo al Emperador Valentiniano por los años de Christo de *364* q' fue el primero de su exaltacion al Imperio, informandole de lo q' auia en Africa: escriue seis provincias, i no pone entre ellas la Mauritania Tingitana; despues, referiendo la de Hespaña, nombra esta como diuidida ya del gouierno de Africa, i dependiente en todo del dominio de Hespaña.

CAPITULO 8.º

Perseuera Ceuta en el dominio del Imperio Romano algunos siglos: el Emperador Lucio Septimio Seuero Pertinaz fue natural desta Ciudad.

Assi perseveraron las dos Mauritanias; i assi persevero la ciudad de Ceuta en la sujecion del Imperio Romano sin q' se offresca cosa digna de memoria, asta el tiempo del Emperador Marco Antonino philosopho, en q' los naturales de las Mauritanias hicieron aquella poderosa entrada en Hespaña, que se refiere al año ciento e setenta de Christo, de q' no importa hazer aora relacion. Succedieron unos aotros diversos Emperadores Romanos, i passan los Escritores sus vidas con notable silencio en las cosas de las Mauritanias; i aunq' refieren algunas las omito, porq' solamente voi buscando lo q' pertenece a Ceuta, i assi me contento con apuntar, i hacer memoria generalmente de como todos estos años estuvo sujeta al Imperio Romano esta ciudad mas no conuiene passar en silencio el reparo q' se offrece quando llegamos alos tiempos de Lucio Septimio Seuero, q' por los años 195 de nuestra redempcion ascendio ala dignidad Imperial por muerte de Dido Juliano.

Conforman todos los escritores, q' escriven su vida, en q' fue de nacion Africano, i muchos en q' era natural de Leptis ciudad de Africa, otros, contentos con la generalidad de la provincia, no señalan lugar propio de su nacimiento; i vno solo de los q' he leido le dá por patria a Ceuta. Alexandro Geraldino, Obispo de Santo Domingo, en el itinerario, q' escriuio de su viaje, i dio aluz su sobrino Ornuplio Geraldino em Roma año 1631, hablando de las plaças, que los Portugueses ganaron, i sustentaron en la costa de Africa, dice de Ceuta. *Septim vrbem Sillius, Lucii Septimii Seneri Imperatoris Romani patriam, quem Parthicum, Arabicum, Adiabenicum nominanere.* Con bastante claridad lo dice, ino es para despreciar en assumpto de tan pocas noticias un hijo de Ceuta Emperador Romano. Veamos si aesta autoridad desnuda de otro fundamento, se pueden añadir algunos, con q' se confirme lo q' dice este autor; el da la causa del reparo; mio sera el trabajo, i el studio para dar fuerças a lo q' dice. Lo primero q' puede asegurarse, es, q' este Autor, no dio la raçon de su opinion por lo conciso q' escribio aquel itinerario, particularmente en las cosas de la Mauritania Tingitana, en q' passa ligeramente; mas no puedo persuadirme aq' lo dixo sin hauerlo leido en Autores antiguos, q' no ayan llegado ami noticia, ni q' lo escriuio ignorante mente, confundiendo los nombres de Leptis. i Septim, porque, ademas de q' habla en

la plaça de los Portugueses, q' esta ala boca del estrecho; no ai duda q' fue doctissimo en todo genero de letras, i particularmente estudioso en las antiguedades romanas, de q' escriuio mucho, como nos lo dice el catalogo de sus obras, q' anda con su vida en el itinerario a legado.

Jusgo q' los quatro nombres q' hallamos en este Emperador, se deben entender desta manera: que el Lucio sea su nombre propio; Septimio el de su patria, Seuero el de su familia, i Pertinaz el de su alcuña. En el primero no ai para q' detenernos, pues es cierto q' siempre el nombre se antepone a los apellidos, i q' este era mui vsado entre los Romanos. Tambien el quarto esta claro pues sabemos, q' el renombre de Pertinaz, conforme aduierten los que escriuieron su vida, le tomo este Principe, o por haver sido bueno i vertuoso el Emperador Publio Helvio Pertinaz su predecessor, o porq', como hechura suya, empeço a crecer en su tiempo, i a ocupar los puestos, q' tuvo, i como reconocido a su buena memoria tomo su mismo renombre, si ya no le dio el pueblo romano, viendo q' con sus virtudes resucitava el justo gouierno de su predecessor. Lo tercero, de q' Seuero fuesse el apellido de su familia, parece cierto, pues entre los nobles de los Romanos, o entre las pebleyas, no se halla la de los Severos; i de las noticias q' se hallan en los historiadores deste renombre, o apellido en Africa, se infiere q' fuesse familia de aquella Region, i q' de alli se derramaron aotras. San Hieronimo en el Catalogo de los ilustres escritores, haze memoria de Aquilio Severo español q' vivio en tiempo del Emperador Valentiniano. *Aquilius Severus* (dice) *in Hispania de Genere illius Severi, ad quem lactantii duo epistolarum scribuntur libri:* reparese q' dixe, de genere illius seneri; con q' parece era familia la de los Severos, i no nombre propio; i que por la vicindad de Hespaña, con Africa, estaria mas estendida en ella. Omito lo mucho q' pudiera decir en esto, pues basta lo dicho para entender q' el nombre Severo fue apellido de familia particular.

Mayor dificultad esta en lo segundo, i es q' el nombre Septimio le tomo de su patria Ceuta, Ciudad aq' los Romanos llamavan Septim, iq' el della se llamo Septimio. Discurranoslo por la historia, a q' me obliga conjecturas probables, apoyadas con la authoridad del Obispo Geraldino. Por diferentes causas tomaron los antiguos los renombres, i agnominaciones para q' en la confusion de las muchas familias, q' de una procedian, se pudiessen distinguir. Estos se tomaban por alguna accion, o por la forma, o fortuna, o virtud, como refiere Plutarcho, Caton significa el hombre perito en muchas cosas; i por esta causa el gran Caton se llamo Marco Porcio Caton al contrario por la ignorancia, q' Lucio Junio fingia, le llamaron Lucio Junio Brutto, como testefican Tito Livio, i Dionisio Halicarnaseo. Neron, en la lengua de los Sabinos significaua strenum; i assi Tiberio Claudio letomo dexando el de su familia, como refiere Suetonio en su vida, a Lucio Targuino, llamaron el sobervio, por q' prohibio

la sepultura a su suegro, segun Dionisio. De la elegancia, i gracia en el orar tomaron los Emilios el renombre de lépidos; por q' Mamerco, principal desta familia, fue insigne en esto; i assi a lepore orationis, se dixo Lepido; i Pompeyo se llamo Attico, por q' hablaua bien la lengua Attica, como refiere Cornelio Nepos en su vida, Quinto Fabio tubo el renombre de Pictor, por q' fue el primero q' pinto el templo de la salud como refiere Plinio, Ciceron, i otros muchos q' no refiero, i se hallaran en los escritores antiguos.

Tambien le tomaron de la Region, o ciudad q' conquistaron, i de los successos de la guerra, como C. Marco Coriolano del lugar de Corioles; i Valexio Messala de Messana, q' tomó en la primera guerra Púnica; i P. Cipion Numantino, por la ciudad de Numancia que conquistó; a Lucio Léntulo le llamaron Caudino por el ignominioso sucesso de las hormigas Caudinas; a T. Maulio, le llamaron Torcato, por haver quitado aun frances un collar. De las partes, i defectos del Cuerpo tomaron tambien el nombre muchos, como fueron los Capitones, Calvos, Crispos, i otros, i del nacimiento, como fueron los sernilios, a quien llamaron Géminos, i alos Horacios i Curacios Tergeminos, i lo q' mas hace a nuestro intento fue mui vsado el tomarle de las Ciudades o lugares donde nacieron, o procedian. Apio Claudio, refiere Libio, q' le llamaron *Sabinus Regillensis,* por q' vino de Regilo, lugar de los Sabinos, Antias a Valerio, por q' era natural de Antias; Amerino a sex Roscio, como testifica Ciceron, por q' lo era de Ameria, i otros muchos, q' no refiero por la breuedad. Siendo pues tan acostumbrado entre los antiguos el tomar los renombres por estos accidentes, quien dudara q' severo, cuyo nombre fue Lucio, como consta del coronicon Alexandrino, i delos Fastos, i muchas inscripciones, i monedas q' se hallan, tomasse el renombre de Septimio por el lugar de Africa, en q' nacio? i si fuera en Leptis se dixera leptimio, i no septimio, como parece se llamó por ser natural de septim. Demas de q' fue renombre de muchos Africanos, q' por la misma raçon letomaron, alo q' deue presumirse; como fueron Septimius Afer, de quien hace memoria Mauro Terenciano, i Pedro Crinito; i en tiempo de Diocleciano florecio Septimio Africano, q' escriuio la vida de Alexandro Seuero, i G. Septimio Tertuliano, q' vivio en tiempo del mismo Septimio Severo, i aunq' se llamo Cartagines, seria oriundo de Ceuta, i naceria, ó viviria en Carthago, i assi tendria ambos renombres por su origen, ipor su patria. No obsta q' hubiesse muchos Romanos, como hallamos en antiguos monumentos, i inscripciones con el de Septimio; q' etos podran descender de Africanos, q' le tomaron por la causa referida; i despues del Emperador Lucio Septimio Seuero, por lisonja o vanidad, por q' ninguna de las familias nobles de los Romanos se decia Septimia? como puede verse en Fulino Vrsino, i Antonio Augustino; i del mismo Emperador Septimio Seuero, dice en su vida Aurelio Victor, segun la enmienda de Claudio Salmacio,

i Causobono, q' era medianamente humilde. Con esto parece queda bastantemente conjecturado, q' el Emperador Lucio Septimio Seuero era natural de Septim, que es oi Ceuta, i q' las varias translaciones, con q' fueron copiados los historiadores antiguos, ocasionó el yerro de ponerse en sus escritos, quando hablavan de la patria deste principe, en lugar de Septim, Septis, descuido q' se fue transfundiendo de unos exemplares en otros, asta llegar alos Autores de nuestros tiempos q' copiaron lo q' leyeron en las copias antiguas, sin averiguar la verdadera patria deste Emperador, por q' no les importava, q' fuesse mas deste q' de otro lugar de Africa; ni yo me arrojara a escriuirlo, fundado solamente en el sonido de su renombre, sino se juntara la autoridad referida del Obispo Geraldino, que sin duda lo dixo con bastantes fundamentos, i hauiendolo leido en Autores antiguos, como tan perito, i versado en las antiguedades Romanas. Otro algun ingenio codicioso de esparsirze, refiriera en esta occasion la vida, i acciones de Septimio Severo como natural de Ceuta, mas yo q' voi con todo cuidado de hablar solamente lo precisso a mi assumpto, lo dexo por continuar el hilo de la historia.

CAPITULO 9.º

Romanos expulsos de Hespaña, i Africa:
permanece Ceuta en su obediencia; sitio notable della, i otras memorias.

Hasta el año de 337, passan los historiadores en silencio las cosas de Ceuta. En este murió el grande Emperador Constantino, que diuidio el Imperio en sus tres hijos; dexando aparte los dos; al segundo del mismo nombre de su padre le cupo en este particion desde los montes Pirineos hasta la Mauritania del Occeano, como dice Zonaras, q' debemos entender de la Tingitana, i la otra Cesariense, q' retubo el nombre. Luego se saco otra nueva provincia della, q' dela Ciudad de Sitifis dixeron Sitifense; aunq' no quieren algunos, q' ayan sido tres las Mauritanias; por q' la Cesariense, i Sitifense la cuentan por una siendo cierto q' eran dos, i q' cada cual tubo nombre de Mauritania. Con la Cesariense quedo en esta division Ceuta, como lo dicen los historiadores, i particularmente San Isidoro, señalando los terminos de las Mauritanias, dice, q' los dela Tingitania eran los siete montes, de que tomo el nombre Ceuta, con q' se ve como esta Ciudad quedo en la Cesariense Mauritania.

Respiró Hespaña con el gouierno Catolico de los Emperadores romanos; mas duróle poco esta paz, porq' diuersas gentes bárbaras por su condicion, i por su religion mas (porq' si professavan ser christianos

hallavanse manchados con la heregia de Arrio), aborrecian la Republica Romana con odio antiguo, i con natural osadia. Auian en este tiempo occupado las Galias, ya mal seguros en ellas, pero firmes en su aborrecimiento, e ferocidad dexaron a Francia, i en tiempo de Teodosio Emperador entraron devastando esta provincia Godos Vvandalos, Hunos, Suevos, i Allanos acompañados de otras naciones Septentrionales, executando en los Romanos, i naturales, miserables muertes, i vorazes incendios. El origen destas gentes no importa saberlo en esta historia. Son varios los pareceres en señalar las provincias de donde salieron; si bien todos constituyen su origen en el Septentrion.

Desto i de sus Reyes, i progressos de armas, largamente an escrito los antiguos, i las Romanas historias nos dexaron clarissimo testimonio de su valor. Del grande Alexandro cuentan que los temió; i lo glorioso de sus hazañas el Oriente i el Occidente lo an experimentado. Por el año de 424 dieron principio fixamente los Godos a su Imperio en Hespaña, i no es de mi intento contar los progressos de sus Reyes por menor, ni el modo con q' se apoderaron de nuestra prouincia; baste saber q' en pocos años excluyeron della el govierno Romano, i se hicieron absolutos dueños de Hespaña. Los delitos, i insultos del pueblo Romano fueron exorbitantes en el tiempo de la guerra, q' es madre dellos; pero la paz q' trae todos los bienes e buen gouierno, en aquellos infelices tiempos, en q' el Imperio Romano estava eclipsado, i con agonias de muerte para espirar, ocasionó mayores insultos. Fueron tantas las maldades q' occuparon toda la tierra, q' permitieron la rectitud de la justicia, i boluieron la paz odiosa, i la guerra en deseo para librarse con nuevo cautiuerio, teniendolos la libertad romana tan oprimidos, i ahogados q' no aspiravan, ni pedian otra cosa q' mudança de Gouierno. Este miserable estado se fue estrechando mas, i cayendo en mayor estremo con el q' tubieron las necessidades de los Principes, o por las guerras, o por su avaricia, i vicios con mui profundo sueño del descuido, i negligencia, velando con gran cuidado ministros perniciossissimos con gran detrimento de la Republica asta q' dieron con ella en tierra.

Persevero siempre Ceuta en el dominio, i sujecion del Imperio Romano. El año de 427 los Vvandalos ayudados, i favorecidos de los barbaros naturales, se apoderaron de la mayor parte de Africa, executando en los Christianos, i Catholicos las crueldades q' Victor Sanctissimo, Obispo de Vtica, escriuio en tres libros de la persecucion Vandalica; i aunque se apoderaron de la mayor parte de Africa, conservo Ceuta la obediencia del Imperio; que parece q' leva del suelo la fidelidad; i es cosa cierto digna de particular reparo el ver lo poco q' la alteraron en todos tiempos las mudanças de sus vecinos. Siendo assi q' los Vvandalos se hicieron señores de Africa el año de Christo de 427 el de 546 todauia sustentava Ceuta la voz, i la obediencia del Imperio; i no la perdió en todo

el tiempo del dominio de los Vvandalos en Africa, porq' este duro poco mas de 100 años.

El de 546 se nos ofrece una ilustre memoria de Ceuta, q' refieren Juan de Mariana, Ambrosio de Morales, i otros. Por muerte de Amalarico Rey de Hespaña, falto en ella la linea de los Reyes Visigodos, i vino a parar el Reino en Teudis de nacion Ostrogodo, varon excelente en lo militar, i politico. Este despues de muchas guerras que tubo en España, queriendo extender su fama, i nombre, o lo q' es mas cierto por ayudar a los Vvandalos, q' ya de tiempos atras corrian peligro de pérder el Imperio Africano. Passado el Estrecho, puso sitio a Ceuta, q' conservava la obediencia todavia de los Romanos, i aviendola intentado por fuerça de armas, se resistio con mucho valor, aunq' estuvo en grande apierto asta el Domingo siguiente en q' Theudis mando cesar el combate por ser dia de fiesta, i consagrado a Dios, q' aunq' Arrianos, tenian respecto en no derramar sangre en dia tan particularmente dedicado a nuestro Redemptor, q' la derramo por nosotros. Aprovecharonse de la occasion los sitiados, i con una repentina salida, cogiendo a los enemigos descuidados, i desarmados, hizieron tal mortandad en ellos, q' dice San Isidoro Arçobispo de Sevilla, q' no escapo ninguno de los q' estavan en tierra q' pudiesse traer a Hespaña la nueva de tanta desventura, i estrago. El Rey se salvó en la armada en q' estava boluiendose a Hespaña con perdida de exercito, i de reputacion. Tan sucintamente como esto refieren los historiadores esta Ilustre memoria de Ceuta, en q' sin duda succederian cosas particulares, e dignas desta historia; mas aun assi no quedamos en pequeña obligacion a los q' nos dexaron esta noticia, q' aunque sucinta, descubre un sitio poderossissimo, defendido valerosa, i felixmente; i vna fidelidad incontrastable, i perseverancia en la obediencia del imperio.

No se detubo mucho la justicia divina en el castigo dela nacion perniciosa de los Suevos, q' si con ella fue castigada Africa, no por eso dexaron sus delitos de experimentar la Vengança diuina, pues desperto el animo del Emperador Justiniano para q' tomase esta empresa, q' vino a tener efecto (despues de muchos dias, i varias dificultades, q' se contrastaron) por el esfuerço primeramente del valeroso Capitan Belisario, i de Narcete; q' le succedio en el cargo de General por el Imperio. El Reino de los Suevos quedo totalmente deshecho en Africa i vencidos en diuersas batallas sus mas valerosos Capitanes, con q' la Republica Romana (como juntos en un cuerpo todos sus membros, antes destroçados) despues de largo tiempo, comenzava a restituirse su antigua dignidad por el valor del Emperador Justiniano, en cuyo Imperio tubieron fuerças las armas contra los estraños, como el consejo, ila prudencia con los propios. Del tiempo deste buen Emperador se hallan las memorias de Ceuta referidas, q' tenia en ella un Tribuno con muchos soldados, i navios ligeros para guarda del estrecho; i para dar aviso al Capitan q' estava en la Ciudad de Cesarea,

como este los dava al Maestre de la Milicia de Oriente, q'era Generalissimo de las otras prouincias.

Despues de la expulsión de los Vvandalos, nunca las provincias de Africa se reduxeron al punto q' tubieron en la obediencia del Imperio. Para reducirlos a lo antiguo, dio el Emperador Justiniano instrucciones, mandando lo q' hauian de hazer los soldados limitaneos fronteras de sus presidios, no solo defendiendo la entrada de los barbaros, mas ampliando tambien los terminos, leasse la ley 1.ª C. de ofic. Prœtor Prœfect. Africa, en q' se refiere ampliamente sus ordenes. Fue el cuidado de Justiniano q' las guarniciones de Africa, no solo defendiessen los terminos, i limites del Imperio, sino los dilatassen como solian estar. Para esto en la ley siguiente, demas de los soldados comitatenses, quiso q' tubiesse los limitaneos, q' eran los de las fronteras, i presidios, q' guardavan los terminos, no dexando entrar al enemigo; i aviendolo assi dispuesto por ley, señala los lugares, en q' avian de ser las residencias ordinarias de la gente de guerra, i tener sus presidios. Permitasseme esta vez vsar de sus mismas palabras contra las leyes de la historia, q' prohibe alegaciones. *Sancimus ita que* (dice el Emperador) *ut Dux militum Tripolitanœ provincia in leptimagnensi ciuitate sedem interim habeat. Dux vero Byzacenœ provincia, et in Capsa, et in altera lepti civitatibus intere asedeat. Dux vero Numidia in constantiensi civitate sedes interim habeat. Dux autem Mauritanœ prouincia in Cœsariensi civitati interin Sedeat.* Habla de la Mauritania Cesariense, q' la Tingitana pertenecia a Hespaña como ya se dixo; i auiendo dispuesto lo necesario por las cabeças de las provincias, considerando la importancia del puerto de Ceuta, como llave de Hespaña, i del estrecho, aplica a esta ciudad notables disposiciones, ordenando q' en ella se ponga toda la guarnicion q' pareciere conveniente, i un Tribuno (que en este caso significa lo mismo q' Governador de las armas) hombre prudente, i de experiencia, para q' siempre este bien guardada, i defendida, i q' tenga para la guarda del Estrecho, los navios largos ligeros, q' le pareciere (que esto significa Dromones) para q' de todo lo q' succediere en Hespaña, i Francia le pueda dar aviso por medio del general de aquellos navios: dicelo por estas palabras: *Iubemus etiam vt in Traicto, qui est contra Hispaniam, qui Septadicitur, quantos providerit tua magnitudo demilitubus, vna cum Tribuno suo homine prudente, et devotionem servantem Reipublicœ nostrœ per omnia constituas, qui possint Traiectum servare semper, et omnia quœ cumque in partibus Hispaniœ, vel Galliœ, seu Francorum aguntur, viro Spectabili denuntiare ut ipse tuœ magnitudini referat; in quo Traiecto, etiam Dromones quantos provideris ordinari facias; in Sardinia autem etta.* De cuyas palabras se infiere la estimacion q' hazian los Romanos de Ceuta quando la dominavan, i lo mucho q' conocian les importava esta plaça, para seguridad de la mayor parte del Imperio.

Ya referi la memoria q' nos dexó Procopio, Secretario deste Principe, en los libros q' escribio de sus edificios, que fue uno dellos sumptuoso Templo, dedicado a la virgen Nuestra Señora. Refierelo en las últimas palabras del libro 6, i ultimo, i exagera ser templo bellissimo. Dice q' muchos años antes, estava esta plaça fortificada por los Romanos, mas por el descuido de los Godos arruinada, q' Justiniano la fortificó de nuevo fortissimamente, guarneciendola de soldados valerossissimos; i encarecelo tanto, q' dice era una fortificacion q' de ninguna nacion del mundo podia ser expugnada. Murio el Emperador Justiniano, gran bienhechor de Ceuta, el año de Christo de 565, si bien Nicephoro sigue diversa cuenta.

CAPITULO 10.°

Viene Ceuta al dominio de los Godos, que son expedidos de África por los Mahometanos: siempre firme Ceuta en la obediencia antigua. Miserable perdida de Hespaña forjada en esta ciudad: i Pronostico de la conquista de Africa por ella.

Declinó la potencia Romana en Africa, como lo suelen experimentar las mayores Monarquias: i despues de muchos años, i varios trances militares, vino a extinguirse el Imperio Romano en parte desta provincia, apoderandose de lo mejor de las Mauritanias los Godos. Asta que tiempo perseuerasse Ceuta en la obediencia de los Romanos, no lo he podido descubrir en las historias, solo es cierto, q' fue muchos años dominada, de los q' Hespaña passaron ala Conquista de la Mauritania Tingitana; mas el modo, con q' ganaron a Ceuta, i quando, no consta. Ya por los años de 666, iva en Africa en gran aumento el poder de los Mahometanos, a causa q' Abdalá Duque de Moavia quarto sucessor de Mahoma, vencio en batalla á Gregorio, Capitan, i Gobernador de Africa por los Romanos, con q' se hizo señor de aquella dilatada provincia. El estrago del exercito Romano fue grande, e ninguno mayor en aquella era. Posseyan los Godos años avia en Africa parte de la Mauritania Tingitana, i en particular la ciudad de Ceuta con el territorio. De todo lo mas quedaron apoderados los Mahometanos despues de aquella vitoria, i desde aquel tiempo tan ufanos, i orgullosos, q' fundaron en Africa nuevo Imperio, cuyos Reyes, q' conforme a la costumbre de aquella gente, tenian poder no solo sobre el gouierno seglar, sino tambien sobres las cosas pertenecientes ala Religion, se llamaron Miramolines, que es lo mismo q' Principes de los creyentes, a la manera q' en Asia los Principes supremos, i Emperadores de aquella nacion, se llaman Califas.

A muchos parecio q' estos principios amenazavan algun gran mal a

Hespaña por aquella parte: i en particular se aumento el miedo por un eclipse extraordinario de Sol, q' trocó el dia en obscurissima noche en tiempo del Rey Recesvintho, como lo refiere el Arçobispo Don Rodrigo, pronostico (alo q' entendian) de sobrados males, como despues sobrevinieron. Ambrosio de Morales, hablando desta conquista, q' hiço en Africa Abdalá, añade estas palabras. *De la Ciudad de Ceuta, no tenemos entera certidumbre, que por este tiempo la tubiessen nuestros Reyes, ni sabemos desto mas de lo poco q' atras avemos referido, mas por ser cierto q' la tenian pocos años despues, parece verosimil q' tambien la tenian ahora, siendo esto assi, de tal manera la fortalecieron, q' los Moros no se la pudieron tomar, aunq' fueron señores de todo lo q' por alli esta vicino, i comarcano.* Asta aqui Morales.

Si bien los Arabes se apoderaron de toda la Africa, Ceuta con todo permanecio en la obediencia de los Godos, porq' nunca a esta ciudad la mudaron las alteraciones comunes. Conservaronse juntamente otros puertos maritimos de la Mauritania, cuya cabeça es Ceuta en aquellos calamitosos siglos. Tenian en ella los Reyes Godos de Hespaña un Conde q' la governava, i los otros puestos vecinos, cuyo titulo no era personal, como oi se usa; mas propio del q' occupava aquel puesto. Destos fue el vltimo el conde Julian, origen, i principio de todos nuestros males, i desdichas. Vivia en ocio el Rey Don Rodrigo, ultimo de los Godos, i de la paz, q' estos Reinos havian gozado, se ocasiono en los valerosos coraçones hespañoles un descuidado sosiego, de la generosidad, con q' el valor Gotico avia sujetado tantas prouincias, i domado tantas naciones, ocupados en deliciosos entretenimientos, abrieron puerta a su total ruina. Devia el Rey Don Rodrigo mantener el honor de Florinda, q' los autores an llamado Cava, hija del Conde Julian, por la nobleça de sus padres, i por la reputacion de su casa, donde, como en mejor seguro, la pusieron debaxo del amparo Real, mas atropellando el Rey obligaciones de tanto peso, i entregado a su desorden, goço de Florinda, principio del fin miserable de Rodrigo, i destos Reinos, cuya hermosura no fue menos dañosa a Hespaña, q' la de Elena a Troya. Hizo Florinda sabidor al padre, q' a la sazon estava en Hespaña, de su desdicha, i deshonrra, q' como sagaz, i valeroso dissimuló la injuria algunos dias; i tomando por ocasion la guerra de los Arabes en Africa, pidió al Rey licencia para ir a poner cobro en aquellas ciudades, q' estavan asu cargo; concediosela, entendiendo q' con su persona, i valor resistiria mejor el impetu del enemigo, i embarcandosse con su mujer, todos sus muebles, se fue a la ciudad de Ceuta. No mucho despues fingiendo q' la condessa estava mala, embio a suplicar al Rey diesse licencia a la hija para q' fuesse a ver a su madre, q' la queria ver antes q' muriese. Aviendo cobrado estas prendas, hizo saber Julian a Muça la justa causa de ira que contra el Rey Rodrigo tenia, offreciendosse, q' si le fauorecia contra el, no solamente entregaria alos

Arabes los lugares de Africa, mas si passavan a Hespaña, haria q' fuessen señores de toda ella. [Dijoselo] Muça a Galid su señor, i con esto se formó la ruina del imperio godo en Hespaña, q' tubo efecto en las maneras q' difusamente lo refieren nuestros historiadores, i los Arabes, q' no escriuo por no dilatar la historia; aq' no pertenece mas q' referir por mayor este successo por la parte q' tubo en el la Ciudad de Ceuta, en la cual se dispuso una de las mayores maldades, q' han conocido los siglos. Con esta occasion quedo Ceuta por traicion del Conde en manos de los Arabes, perdiendo en un punto la libertad, i la Religion, i hecha de amiga, i subdita, enemiga, i emula de Hespaña; i por quien se le ocasionaron sus mayores ruinas, pues fue el passo por donde entraron tantos exercitos para su total destruicion.

Desta suerte cayó en un punto la grandeça, i estimacion de los Godos; perdiose la gloria alcançada con tantas vitorias en las mas poderosas prouincias de Europa. Las riquezas ganadas en varias guerras con las armas, vinieron a ser presa, i despojo de los moros. Acabada con esta desdicha la monarchia, q' los Godos tubieron en Hespaña, se levantaron en ella diferentes Reinos con nueva forma de Principes, leyes, i gouiernos. Estos se han conservado siempre para gloria de Dios, i exaltacion de su Iglesia, pues para dilatar la Religion llegan oi sus banderas vencedoras asta los ultimos fines de la tierra.

De la desdicha q' cupo a Ceuta de forjarse en ella la lamentable perdida de Hespaña, se ha desempeñado en parte, siendo en tantos años la mas fuerte oposicion de los Moros en su defensa, i si de tantos vaticinios como se cumplieron del santo varon Frai Juan Escuder, hermitaño valenciano se cumpliere tambien el de la conquista de Africa, i recuperacion de la tierra Sancta por los Reyes de Hespaña, bien recompensara Ceuta el desaire antiguo, siendo la puerta por donde se dara principio a esta gloriosa empresa. Claramente nos lo dice aquel Vaticinio, de q' hiço memoria Gaspar Escolano en su historia de valencia, q' pone con las mismas palabras de frai Juan Escuder.

Despues de destruida la Secta Mahometana en España i hechados los Moros, se tratará en ella de la recuperacion de la tierra Santa de Hierusalen, i se pregonará guerra, para cuya expedición marcharan muchas compañias de soldados, i los labradores, q' estaran trabajando en sus campos en oyendo, q' son aquellos aparatos para la tierra Santa, se inflamaran de manera en deuocion, q' tomaran el mismo camino, sin acordarse de bolver a sus casas a dar raçon, i cobro en sus familias, i haciendas, i la mayor vandera deste exercitos sera la de frailes, i clerigos. En este medio se levantara en la Iglesia el Spiritu de un nuevo Dauid, q' sera un Pontifice Romano, escojido por la mano de Dios, el qual reedificara su Iglesia Catholica a tiempo q' se hallara entanta apretura, q' apenas seran catholicos, i fieles la tercera parte de los q' tienen el nombre de Chris-

tianos. Este nuevo Pontifice boluerá la Iglesia a su antiguo estado, i reducira a los herejes; i despues de reducidos, se juntaran con el Rey cubierto de la gracia de Dios, i los dos tomaran todo el tesoro de las Iglesias, i hechas monedas levantaran gente en la Christandad, i con exercito poderoso marcharan la buelta de Hierusalen.

Este exercito passara por el estrecho de Gibraltar en Africa, i caminara a sitiar la ciudad de Libia, o Fez, i en ella el gran Leon de Hespaña desembainará una Espada de Virtud, q' esta reservada para el, i proseguirá su jornada por Berberia, matando, i abraxando los q' no pediran el Sagrado Baptismo, ni professaran el nombre de Christo; i seran tantas las vitorias, q' alcançaran de los Moros, q' de cien leguas vendran apostrarse a sus pies con las llaves de las Ciudades, i fuerças. En esta forma llegara con su campo sobre Tunes, donde armará una poderosa armada, i el campo caminara toda via por tierra, i de q' lleguen las nuevas al gran Turco, q' el Rey Leon viene tan poderoso, congregará vn innumerable exercito, q' pondra en cuidado al Leon de Hespaña. Mas Dios, por medio de vn Angel, le confortara, que no tema, por q' le tendra de su parte. Con este socorro la armada Christiana, q' embiará por mar, tomara por combate la ciudad de Alexandria de Egipto; i quando llegue el auiso al Turco, q' sera al amanecer, acobardarse ha de manera, q' deshaciendo el exercito, se retirara la tierra adentro, i dexandola campo franco al Leon Rey, continuara sus victorias, i viaje hasta Hierusalen, i en llegando a ella se arrojara pecho por tierra, i dara gracias a Dios por tantas victorias, gracias, i mercedes.

Por este tiempo quedará Hespaña en poder de hembras, por q' poı acudir a la guerra Sancta, apenas se hallaran hombres de quatorce años arriba, sino solo los viejos, i inutiles para ella; i quando algunos tornen de la conquista, se cumplirá la profecia, q' siete mugeres iran tras un hombre, preguntando, la vna por su marido, la otra de su hijos, i cuando dos hombres acertaren a toparse por las calles, se congratularan entre si de q' an llegado a verse juntos despues de tantas tribulaciones. Todo hombre este alerta, q' el tiempo buela, i no sabemos la hora.

Esta es la profecia tan contada entre los valencianos del hermitaño Fray Juan Escuder de buena memoria, q' quando no se deba leer por serlo, ni merecer este nombre; a lo menos lo merece por curiosidad; i si de quantos pronosticos se an cumplido deste Sancto varon, q' escriue el Autor citado, se cumpliese tambien el referido, poca duda muestran sus palabras, en q' succeda esta a Hespaña por la ciudad de Ceuta: Dice q' passara este poder por el Estrecho de Gibraltar; i da principio a la gloriosa conquista por el Reino de Fez, en q' esta Ceuta. Claro es luego, q' por esta Ciudad sera la entrada, como por ella lo fue la de los Moros en Hespaña, pues el vnico puerto de Christianos, q' se halla en la boca del Estrecho, i el mas acomodado para bolber al Reino de Tunes, con-

quistado el de Fez. Permita el cumplimiento deste pronostico aquel Señor, en cuya poderosa mano esta el mudar las Monarchias de unas gentes en otras, pues tan suya es la causa, i tanta la exaltacion de su Santa Iglesia.

CAPITULO 11.º

Memorias de Ceuta en el dominio de los Arabes: tres Gouernadores suyos successivamente Reyes en Hespaña: varios progressos de los Moros en esta provincia por la Ciudad de Ceuta.

Despues de aquella perdida lamentable, succedieron las milagrosas victorias, q' de los barbaros alcanço en Hespaña el Infante Don Pelayo, aquel rayo de guerra, q' Dios avia guardado para libertar el pueblo hespañol, que en todos los siglos avia de ser la coluna mas firme de su sancta Iglesia. Su mas feliz victoria fue quando mató a Alcaman, i Munuça, i vencio enteramente sus exercitos, q' sabido por Muça, i Tarif, como el pesar es siempre facil para tomar malas sospechas, i vencerse con ellas, creyendo, q' el Conde Julian, i los hijos del Rey Vvitiza avian sido causa de aquellas grandes perdidas por algun Secreto consejo, q' con D. Pelayo tenian, no guardandoles algunos de los pactos, q' con el avian hecho los mandaron degollar i tomar quanto tenian; i assi hizo Dios en ellos la vengança de la traicion por mano de los que mas eran obligados a fauorecerles. Desta manera lo refieren el Arçobispo Don Rodrigo, i el Obispo de Tuy. Diego Rodriguez de Almella en su valerio añade q' los Moros hizieron apedrear la mujer del Conde por los Christianos de Ceuta, i despeñar a un hijo suyo dela Torre de aquella Ciudad, mas no dice q' mataron al Conde, sino, q' le tomaron toda su tierra, i q' el murio miserablemente huido en Aragon. Los Prelados son esto de mayor authoridad q' el Arcipreste, pues sigue la fabulosa historia de la destruicion de Hespaña, aq' se debe dar poco credito: con todo la siguio Hieronimo Blancas en el principio de sus comentarios de Aragon, diciendo q' en el año de la toma de Çaragoça, siguiendo el Conde Julian el Campo de los Moros, recelandosse ellos del, le prendieron en tierra de Huesca, i le metieron en durissimas carceres donde le dieron tan cruel muerte, quanto las muchas, q' havia causado merecian.

Passan los Escritores sin referir memorias de Ceuta, asta el año de 916 de nuestra Redempcion, reinando el Rey Don Ordoño. En el hallo, que era señor de Ceuta Mahamet el Notaraz despues de aquella batalla, en q' este Rey vencio a Abderraman junto a Talavera, ganando consecutivamente la misma villa, que viendo-se vencido, el gran daño, q' el Rey Don Ordoño hacia en sus tierras, i las victorias conseguidas, i q' cada dia

se hazia mas poderoso, embio su alfaquies alos señores del linaje de Hidris, e de Mequinença, q' señoreavan las Mauritanias, pidiendoles socorro. Passo en su ayuda Mahomet el Motaraz, señor q'era ala sazon de Ceuta, i otros señores, i Xeques de la Tingitana, junto en Cordova mas de ochenta mil hombres de pelea; i el año de 916 fue sobre Osma, que pocos dias antes havia hecho poblar, i fortalecer el Rey Don Ordoño, i puesto en ella su frontera contra los Arabes. El como supo que Abderraman juntara tanta gente, apercibiendo su exercito, atendio los movimientos del enemigo, i sabiendo q' tenia cercada a Osma, fue contra el, i le dio batalla, i aunque fue Abderraman vencido, era tanta la pujança de gente que traya, q' luego bolvio a rehacer el exercito, i dexando probeidas las fronteras, por q' entrava el invierno, se boluio a Cordova, i los Africanos aquel año á Berberia con perdida de mucha gente.

Muerto el Rey Don Ordoño, i alcançadas muchas victorias, Abderraman envió por nuevo socorro a los Reyes de Africa, pareciendole, q' con la ócasion de la mudança del Reyno mejoraria sus cosas. En el año de 925 passo Mahamet el Notaraz señor de Ceuta con quinze mil cavallos, i quarenta mil infantes, i con otros caudillos, i Xeques de las Mauritanias en favor de Abderaman, q' junto un poderoso exercito, i entrando por Castilla, destruyendo, i talando los campos, i lugares, llego a la villa de Santistevan de Gormas; cercola, i despues de muchos combates la gano por fuerça de armas. De alli passó el Rio Duero, i fue sobre Pamplona, i la gano, i boluiendo aquel año victorioso a Cordova sin hallar quien osasse oponersele, porque estavan los Principes Christianos ocupados en sus pretensiones, i guerras particulares. Avia entrado en el Reino el Infante Don Alfonso hijo mayor del Rey Don Ordoño: se levanto en Asturias su hijo Ramiro, i tomo titulo de Rey, pareciendole que hauiendo reinado sucessivamente sus tres hermanos Garcia, Ordoño, i Fruela, el q' era el cuarto, debia aora reinar; mas durole poco tiempo el nombre y periodo de Rey. Esta memoria de Ceuta debemos a Luis de Marmol, si bien Ambrosio de Morales no viene en q' en esta ocasion se perdiesse Pamplona, i añade q' era general de este poderoso exercito un famoso Moro, llamado Alhabid Almançor (quiere decir el querido de Dios, i victorioso) q' antes desto, desde Africa asta Italia, i Grecia, auia alcanzado gloriosissimas victorias.

Por los años de 934 sea poderó de la Ciudad de Ceuta un embustero con opinion de Santo llamado Moahedin Xeay. Este passo de Arabia en habito de peregrino, i publicando ser profeta, i del linaje de Abez, de donde trayan origen los Halifas de Arabia, i los señores del carran de la casa del Agleb; gano brevemente la opinion en las prouincias del Reino de Fez, i vino a ser tan estimado de aquellas gentes q' le veneravan como a hombre santo. Abdelá vltimo señor de aquella casa de el Agleb, le respetava, i tenia en lugar de padre, i no hazia cosa sin su consejo. Este

tirano hizo q' le llamasen el Limenel Mohaedin (que quiere decir la tortola restauradora de la ley) diciendo le pertenecia aquel nombre por la sinceridad de su vida, i costumbres, i por la doctrina q' enseñava. Mas los q' escriben su historia, (especialmente en Tunez) dicen q' era de nacion Indio, i le llamavan el Moahedin Xeay, el cual diciendo, q' los de Idris señores de Fez eran herejes en su ley, baxó contra ellos en favor de los Zenetas, i destruyo las ciudades de Haresgol, Mecemme, i otras muchas de las Mauritanias; i gano toda la provincia del Habat, donde estan las ciudades de Ceuta, Tanjar, i Arzila. Estavan las provincias de la Tingitana en este tiempo diuididas en diez partes, por q' Idriz, segundo Rey de Fez, auia dexado diez hijos, i repartiales entre ellos. Estos, hallandose poco conformes, no eran poderosos contra tan grande enemigo. Auia dentro de Fez dos señores, que tenian dividida la ciudad, pidieron socorro á Abderraman Rey de Cordova, aquien ellos tantas veces avian socorrido contra los Christianos, i mientras se aparejava una armada en Hespaña para ir a socorrerlos; el Moahedin, i los Mequinecis se dieron tal prissa, q' quando llegaron los Abderramanes, ya las provincias de los Idris, avian sido destruidas, i ellos muertos con extrañas maneras de crueldades. Con estas victorias el Moahedin se hiço llamar Halifa, e ordenando su casa, i corte como los Halifas de Baldac, eligio un Soldan, q' governasse los exercitos, i bolviendo por la parte meridional de là sierra del mayor Atlante, fue recogiendo tributo, i apoderandose de todos los puertos de Numidia, como supremo señor del Africa. En lo demas de su vida me limito a las historias, q' esta memoria, q' hize del, solo viene para la q' nos da Ceuta, q' en el año referido reduxo a su dominio con lo demas de la provincia del Habat, i mayor parte de Africa.

Por los años de 1010 tenia el govierno de Ceuta Ali Abenhamit por Hissem Rey en Hespaña, que (aviendosse huido a Africa por perdidas q' tubo) fue llamado por Haytan, el primero en lugar, autoridad, i poder con Hissem, con esperanças q' le dio de hazerle Rey. Passo a Hespaña Ali Abenhamit, i vnido con Haytan vencieron cerca de Cordova á Zulema, q' fue muerto por mano del mismo Ali con palabras afrentosas, i ultrajes, dandole en cara con aver sido el primero, q' contra el Rey Hissem su legitimo señor tomo las armas. Mas como no ai fidelidad entre los compañeros del Reino, quexavasse Haytan, q' Ali, el nuevo Rey, no aguardava lo capitulado con el, fizo conjuracion i liga con Mundar hijo de Hyaya Rey de Çaragoça; juntaron de cada parte sus huestes, i diose la batalha cerca de Cordova, en q' Haytan fue vencido. Salio Ali en su seguimiento; llego a Guadix, donde sus mismos Eunuchos le mataron en un baño, en q' se labava año de los Arabes 408. Assi acabo Ali Abenhamit Governador de Ceuta, auiendo goçado el titulo, y officio de Rey algunos años.

Auia reinado poco menos de quatro, hasta el de 106 en Cordova,

Cacim, i murio a manos de los suyos con veneno por quitarle sus riquezas. Por su muerte, dieron los Cordoveses el Reino a Hiaya su sobrino, hijo de su hermano Ali Abenhamit, q' reino tres meses, i veynte dias. Este luego q' recibio la corona, se salio de Cordova, temiendose de algunos moros poderosos, q' alli viuian; i fueron los q' dieron la muerte a su tio. Passo a Malaga, i de alli pidio favor al Rey Aben Habuz de Granada, que para mantenerle en el Reino, i castigar a los q' no le obedecieron, embió dos moros principales vassallos suyos con mucha, i lucida gente, q' interuino en la eleccion de Hiaya, i con su ayuda mataron asta mil Berberiscos, de q' se valian los enemigos deste Rey, que dentro de pocos dias viene a morir tambien a manos de uno dellos, llamado Vsamel, hijo de Obed. Estava entonces en Ceuta Hidris, tio de Hiaya, hermano de su padre Ali Abenhamit, i quando supo la muerte de su sobrino, passo la mar, i vino a Malaga, i apoderandosse del Alcaçar se hiço llamar Rey de Cordova. Fauoreciole el Rey de Granada Aben Habuz, amigo antiguo de su casa, i para mas honrarle, le reconocio vassallaje, no aviendolo reconocido este Reino alos Reyes de Cordova asta entonces. Tomo Aben Habuz las cosas del Rey Hidris tan a su cargo como si fueran propias, i trato de hazerle obedecer en todo aquel Reino. A este fin junto muchas compañias de gente de a cavallo, i fue personalmente a Carmona, i Sevilla q' se avian rebelado, i las sujeto por fuerça de armas. Lo mismo hizo con Alcala del Rio, lugar de aquella comarca, mayor entonces que aora. Passo á Triana, arrabal de Sevilla, i la quemo con el Alcaçar de la Ciudad, cuyos vecinos temiendo su furia, i hallandosse sin fuerças para resistirle, assentaron con el ciertas Capitulaciones. La principal fue, q' recebirian a Hidris por Rey, i señor, con q' se bolvió a Granada cargado de despojos, i reputacion, como hombre, q' no solo tenia valor para defenderse pero autoridad para defender aotros, i mantenerlos en sus Reinos. Murio Hidris el año de 1017. Rey ya despues de señor de Ceuta, aunq' le duro poco tiempo la Dignidad.

El año de 1099, Juseph Aben Texefien, segundo Rey de Africa del linaje de los Almoravidas, bolviendo las armas contra los propios caudillos Moros de Hespaña, q' se avian arrepentido de averle traido a esta provincia, se apodero de parte del Reino de Valencia, i de los Reinos de Murcia, Granada, Cordoba, i Xaen q' todos eran de Moros. Dexó por su Governador en Hespaña a Mahamete su sobrino con parte del exercito y el i su hijo bolvieron aquel año á Berberia. Llegado a Africa mando pregonar la Gazia en todo su reino, i juntando muchas gentes se embarco con todo su poder en el puerto de Ceuta. Passando a Malaga, fue ala Ciudad de Granada, i de alli passó ala Andalucia; i juntandosse con Mahamet su capitan, fueron a cercar a Toledo, poniendo a fuego, i sangre los lugares por donde passavan. Estava á este tiempo el Rey Don Alfonso en Najera; i mando juntar sus gentes con la breuedad q'

pudo, i fue asocorrer a Toledo. El Rey Juseph no quiso esperarle, i encaminandose a Consuegra, la tomo por fuerça i la fortalecio, i llegado á Cordova, embio a Mahamet con parte de su exercito sobre la ciudad de Valencia, q' la gano prendiendo a Hiaya, hijo de Almemon, i le mato. El Rey Don Alonso llego con su exercito a Toledo, i viendo q' los enemigos se auian retirado, passo a Vbeda, Baeça, i Xaen, destruyendo aquella tierra. Creyo q' Juseph vendria adarle la batalla, mas el Moro la rehuso, i se boluio aquel año a Ceuta, dexando alojada la mayor parte de su exercito en las fronteras.

CAPITULO 12.°

Sucessos de Don Fuas Roupiño General de la armada portuguesa en el Mar de Ceuta, i su muerte en aquel Puerto.

INFESTAVAN el año de 1180 galeras berberiscas las costas de Portugal con gran daño de los lugares maritimos, i de las embarcaciones de Lisboa, i Setuval. Para atajar sus excessos hizo salir el Rey Don Alonso Enrique el primero de Portugal una armada de Lisboa, qual se pudo juntar con la breuedade q' se requeria. La gloria de felicissimos successos grangeo al capitan Don Fuas Roupiño el cargo de General. Salio nuestra armada de Lisboa, bien tripulada de gente valerosa; y encontro a la enemiga poco adelante del cabo de Espichelo trabaron una bien reñida batalla; i suplio en los Portugueses el valor, i el desseo de la vengança las faltas de la experiencia. Rindio nuestra Capitana la galera Real enemiga, i murio en la demanda el General Moro, aquien nuestras historias llaman Iocofero Dalxemi. Las demas con esta perdida se pusieron en desorden: siguieron los nuestros la victoria con tal resolucion, i acuerdo q' no escapo vaso enemigo, mas sirviendo todos de triunfo á nuestra armada entraron por la boca del Tajo, salio segunda vez a limpiar las costas de Portugal; corriolas, i las del Algarve, sin q' topasse bajel morisco. Corrio las costas dela Andalucia; i no hallando cosa, en q' executar su valor, se entro con toda su armada en el puerto de la ciudad de Ceuta, q' estava poblado de bajeles; embistieron los nuestros, i con poca, o ninguna resistencia se apoderaron de todos: truxeronlos a Lisboa; i fueron recibidos del pueblo con las aclamaciones q' merecio su valor.

Poco duro la dicha a este valeroso capitan, pues cansada la fortuna de asistirle le hallamos muerto el año de 1182. Salio en el con veynte galeras a correr las costas de Portugal, i un [illegible], i le metio en el Estrecho, i en el puerto de Ceuta, donde se hallavan juntas

cincuenta galeras berberiscas, q' de diversas partes se hauian juntado. Siendo inexcusable la pelea, fueron vencidas las portuguesas peleando valerosamente; i con increible esfuerço, su General Don Fuas, q' perdio la vida, auiendo executado muchas muertes. Quedaron rendidas, i anegadas onze; las otras se recogieron destroçadas a Lisboa, perdido su valeroso general, i muchos soldados, i Capitanes de experiencia. Estas fueron, la primer victoria, i la primer perdida naval, q' tubo, la naçion portuguesa despues de fundar nuevo Reino: de una i otra fue la causa Ceuta con su poder maritimo, i hiço memoria dellas el Principe de los poetas Españoles, i gloria de la nacion portuguesa diciendo assi:

Ves este, que sahindo da Cilada
da sobre o Rey, que cerca avila forte
ja o Rey tem preso, ea villa decercada.
Ilustre feito digno de Navorte
velo ca vay pintando nesta armada
no mar tambem aos Mouros dando a Morte
tomandolles as galés, levando agloria
da primeira maritima victoria.
He Dom Fuas Roupiñho, que naterra
eno mar resplandece juntamente
como fogo que acendes junto da Serra
de Abila nas Gales da Moura gente
Olha como en tão justa, esanta guerra
de acabar pelejando esta contente,
das mãos dos Mouros entra a felice alma
triunfando no ceo con justa palma.

Quien fuesse este valeroso General Dom Fuas Roupinho, no consta de las historias, mas es cierto, q' por los puestos q' occupo en el reinado del Rey Don Alonso Enriquez, fue hombre de mucha Calidad. Hallose con el mismo Rey en la famosa batalla de Ourique, i era ala saçon Alcaide de Coimbra, puesto q' ocuparon siempre personas señaladissimas en sangre, i valor. Por los años adelante lo fue de Puerto de Mos; i en el de 1180, vencio al Rey de Merida en aquella Plaça. Entro este barbaro en Portugal aquel año, i despues de haver hecho grandes daños en la campaña, se acerco a Puerto de Mos, puso sitio aaquella Plaça con recios combates. Governavala Dom Fuas Roupiño, q' sabiendo la venida del Rey de Merida, antes de su llegada, dexando bastante guarnicion en la Plaça, se salio della. Convocó la gente de guerra de Santarem, ila delos lugares vecinos; i con summa brevedad se acerco a Puerto de Mos, i hizo una emboscada en un valle junto ala villa, una noche q' jusgo acomodada para executar su intento. Cuando los Moros estavan descuidados, i descansando de los combates del dia, embistio sus quarteles con tanto impetu, i valor, q' no pudiendo resistir los enemigos sus golpes, metiolos en confusion, i desorden fueron desbaratados. El Rey Gamir de Merida

preso, i un hermano suyo, la Plaça socorrida, i levantado el sitio. Llevó los prisioneros el valeroso Capitan a Coimbra, donde assistia el Rey Don Alonso que premió su esfuerzo, i de sus soldados, i trato a los cautiuos con benignidad. Poco despues murio en Coimbra el Rey de Merida de la heridas q' recibio en la ocasion.

A esta victoria se siguieron las navales, q' quedan referidas asta su muerte en Ceuta, q' le dieron eterna fama en las historias, mas no sera la suya mas durable por ellas, que por el prodigioso milagro q' le succedio en los campos de Alcobaça: refierele extensamente el Doctor fray Bernardo de Brito Coronista mayor de Portugal en la segunda parte de la monarquia lusitana, donde se vera con difusion, i confirmado con escritura original lo q' aqui dire sumariamente.

Siendo Don Fuas Roupiño Alcaide de Puerto de Mos, salio una mañana de niebla a caza por la costa del mar Oceano en aquel paraje donde oi esta fundada la devotissima hermita de nuestra Señora de Nazareth. Siguio a un venado (que la tradicion comun de Portugal afirma ser el demonio, q' procuro despeñarle) i llegó con el cavallo ala punta de una peña, en q' oy se ve la hermita desta memoria. Hase la tierra aqui igual recibimiento de la parte del Norte aquien por ella Camina, mas llegando aeste puesto, se dexa caer sobre el Occeano para la parte de Medio dia, con altura tan desmedida, q' causa horror aquien la atiende. En este trance terrible se vio Don Fuas; i invocando el auxilio de la virgen Señora nuestra se quedo el cavallo immoble en la punta de aquel peñasco, de q' aun oi dia duran las señales en la propia peña, que yo vi i toque muchas veces. Tubo con esto lugar de apearse; i venerando una imagen de la sagrada virgen, que alli estava metida en una concauidad, dio principio, agradecido ala Hermita, q' llaman de la memoria, de donde se tomo ocasion para fundarse la de nuestra señora junto aella, q' en nuestros dias seva fabricando con mayor suntuosidad, i es una de las casas de mayor devocion, concurso de gente, i numero de milagros q' florece en Hespaña.

Permitaseme esta digression pues sirve de Elogio al valeroso Capitan Don Fuas Roupiño, q' tanta parte tiene en la historia de Ceuta, i pues acabó su vida en esta Ciudad, siendo el primer Portugues q' vencio, i fue vencido en ella despues de la ereccion de nuestro Reino, lo q' consta de nuestras historias: bien merece las memorias referidas, i mas siendo tan ilustres, q' grangeo por ellas eterna fama.

CAPITULO 13.º

San Daniel, i sus seis compañeros de la Religion Serafica, Patronos de Ceuta, predican en esta Ciudad el sagrado evangelio: son presos de los moros por esta causa.

Gloriossissimo fue para Ceuta el año de 1221, pues recibieron la corona del martirio en ella siete illustrissimos varones Religiosos menores, q' oi la Ilustran con el titulo de Patronos. Mas porq' no se confundan unos Martires con otros, sera necesario hazer primero memoria de las de la misma Religion, q' el año antecedente padecieron en Marruecos, i honrraron con sus venerables reliquias esta ciudad. Llamavanse estos fr. Bernardo, fr. Pedro, fr. Otto sacerdote, fr. Adinto, i fr. Acursio legos: fueron embiados por su padre San Francisco a Hespaña a predicar a los moros, q' señoreavan la mayor parte della. Passaron de Italia a Portugal, de donde con el favor de la Infanta Doña Sancha hija del Rey Don Sancho el primero fueron a tierra de Infieles. Predicaron con gran feruor la ley de Christo, particularmente en Seuilla; donde fueron presos, mas despues de sentenciados a muerte, los entregaron a vnos Christianos, q' passavan a Marruecos, para q' de alli los llevassen a Portugal. Aqui encendidos del zelo de la Religion predicaron publicamente por las calles la ley de Christo, reprobando la falsa de Mahoma. Fueron presos, i despues de varios lances, que refieren con extension los Coronistas de la Religion Serafica, degollados por la predicacion de la fe por manos del mismo Emperador Miramolin Rei de Marruecos en 16 dias del mes de henero del año referido, q' fue el quarto de Pontificado de Honorio tercero, i casi siete antes de la muerte del gran Padre San Francisco.

Asistia en la corte de Marruecos el Infante de Portugal Don Pedro, hijo del Rey Don Sancho el primero, por agravios de Don Alonso el segundo su hermano, q' reinava entonces. Por industria deste Principe fueron recogidos una noche, aunq' con riesgo grande, los cuerpos despedaçados de los Santos Martires, i los entregó a Don Juan Roberto, Canonigo Regular de Santa Cruz de Coimbra, su capellan, religioso, i devoto varon para q' los guardase en casa del mismo Infante con el recato, i secreto q' convenia, asta su buelta a Portugal. Esta se dilato poco tiempo; porq' el Infante cansado ya de assestir entre aquellos barbaros, i deseoso de boluer a Hespaña, alcanço licencia del Rey de Marruecos, aunq' contra voluntad de sus consejeros: i assi recogidas las sanctas reliquias en dos cajones las llevo con todo secreto a Ceuta, auiendo passado riesgos gran-

des en el Camino, de q' le libro milagrosamente el precioso tesoro q^r llevava. De Ceuta se embarcó luego para Hespaña, tomó el puerto de Algeciras, i despues de varios trances, i peligros, vino de parar en Astorga donde se detuvo con el Rey de Leon, por no estar aun compuesto con su hermano el de Portugal, i de alli remitio las venerables reliquias a aquel Reino, q' se colocaron en el Real Convento de Santa Cruz de Coimbra, obra magnifica de Don Alonso su primer Rey, donde oi perseveran con la veneracion devida, resplandeciendo con inumerables milagros. Escrivo el discurso de su predicacion, martirio, i prodigios difusamente en mi historia de Coimbra, donde venere, i vi muchas vezes sus santos cadaveres despedaçados. Para este lugar basta esta breve memoria, no traida para llenar papel, mas para distincion de lo q' quiero escrivir de los siete Martires de Ceuta, i por q' este año de 1220 honraron a esta Ciudad, aunq' de passo, los santos cinco martires referidos, memoria digna de singular estimacion.

El año siguiente de 1221 padecieron en Ceuta los siete martires Patronos suyos, religiosos de la Religion Serafica, cuyo nombres son fr. Daniel, Ministro de la provincia de Calabria, fr. Angelo, fr. Samuel, fr. Donnulo, fr. Leon, fr. Nicolas, i fr. Vgolino, todos Italianos. Señalan su martirio en este año Laurencio Surio, Juan Molano, Cesar Baronio, i el insigne Coronista desta sagrada religion fray Lucas Vvandingo, de nacion Hibernio, i hijo dela observantissima provincia de Portugal. Siguen todos al Breuiario antiguo de la santa iglesia de Braga, q' apunta su muerte este mismo año. Hazen diferente computo San Antonio, fr. Marcos de Lisboa, Obispo de Oporto, fr. Luis Rebolledo, Rodolfo, i otros autores de gran autoridad, por q' apuntan su martirio seis años adelante, en el de 1227, i los tres ultimos lo afirman de suerte q' jusgan ser yerro de las imprentas el q' se señale el año de 1221. Testigos mayores de toda excepcion son los authores referidos; mas es fuerça seguir alos primeros, por q' corroboran mas su opinion los breuiarios antiguos aquien siguen, i el antiguo, i constante sentir de toda la Religion de los Menores, q' aduertida de aver yerro en los numeros deste computo, ni admitio para este martirio el año de 1227 ni emendo el de 1221 antes desde el principio asta oy siguio esta cuenta sin mudança.

No dan los Autores de la segunda opinion fundamento, ni conjectura probable para enflaquecer la contraria, i assi tengo por sin duda q' se engañaron, pensando q' los Martires avian sido embiados de Italia a esta mission despues de la muerte del glorioso Padre San Francisco, por q' leyeron auerlos embiado Elias, segundo General de la Orden, i successor immediato del Sancto Patriarca. Mas a esto se responde facilmente por q' es cierto q' viviendo aun San Francisco se exonero del Gouierno de su orden, cometiendole a Elias q' fue segundo General, como consta de todas las historias della; i q' este año de 1221 la governava por nombramiento

del mismo Patriarcha, aunq' en su vida nunca llamaron los Religiosos a Elias, Ministro General, mas solamente Vicario de la Orden. Segun esto de Elias fueron embiados los siete Martires, mas viviendo aun el glorioso padre San Francisco, i en el referido año de 1221 en q' es cierto governava ya Elias.

Inflamados los sanctos Religiosos de los encendidos deseos del Martirio, i deseando imitar alos hermanos q' el año antecedente auian padecido en la ciudad de Marruecos, intentarom seguir el mismo camino, i conseguir semejante corona. Alcançada licencia de fr. Elias, i recibida la bendicion de su glorioso Patriarca, partieron alas costas de Toscana; aqui se embarcaron para Hespaña, i llegaron a Tarragona, en Cataluña, de donde hizieron viaje a Ceuta. Adelantosse fr. Daniel con tres compañeros, porq' los marineros no quisieron llevar a todos, i llegados a Ceuta, mientras esperaban alos otros, trataron desde luego de la salud de las almas, predicando alos mercaderes Pissanos, Ginoveses, i a otros Christianos, q' alli se allavan. Sabian q' su maestro auia venido a derramar fuego en la tierra, i querian q' ardiesse, procuravan encenderlo en las almas, i trabajavan q' no se apagasse encendido. Entre tanto llegaron los tres compañeros q' faltavan, q' aportaron en Ceuta el postrer dia de setiembre. Frai Daniel, i sus seis compañeros, con espiritu fervoroso, no temian los peligros de la muerte. Estavan los pobres religiosos con los otros christianos, i mercaderes fuera de los muros de la ciudad, porq' ningun christiano era permitido entrar sin particular licencia de los Moros. Mas encendidos del amor al martirio se resolvieron a entrar en la pelea.

Vn viernes secreta, i largamente trataron todos de la salvacion de su almas, i de los infieles; i el sabado se confessaron con fray Daniel recibiendo devotamente el cuerpo sanctissimo de Christo de sus manos, i encomendando sus almas a nuestro Redemptor. La noche siguiente del Domingo por exemplo suyo humildemente se lavaron los pies unos a otros en memoria de aquel amor q' nos dexo por muestra de lo mucho, q' nos amava, i desea q' nos amemos el q' por amigos, i enemigos fué a morir en la Cruz. Espiritualmente se confortaran, gastando toda la noche en palabras divinas, i sanctas oraciones; i armados desta suerte los cavalleros de Christo acometieron la batalla el Domingo por la mañana entrando en la Ciudad con las cabeças cubiertas de ceniza, i confortados con la gracia del Espiritu Sancto discurrian sin miedo por las calles, i plaças principales confessando el nombre, i fe de nuestro Redemptor Jesu-Christo; i q' en el solo esta la verdadera Salud. *Christianos somos* (decian), *i ministros de Jesu-Christo, a quien adoramos por verdadero Dios: su ley proffessamos sancta, i justa, dada, i enseñada por el mismo señor a los hombres. La vuestra, i todas las demas fuera desta no son leyes, sino abusos, i invenciones de Satanas. Vuestro profeta padre fue de mentira, autor de tinieblas, ponçoña de Vuestras almas. Vosotros ciegos en los*

passos de otro mas ciego, correis engañado ala bien aventurança, q' el fingio de gustos comunes a bestias, mas en la verdad a tormentos comunes con los demonios.

Viendo, i oyendo los Moros la seguridad con q' los pregoneros de Christo publicavan la verdadera fe, i condenavan la Ley de Mahoma, primeramente los injuriaron con bofetadas, açotes, i desonras, i despues los llevaron presos a su Rey. Llegados los santos á su presencia confessaron con grande spiritu, i fervor, predicando a el, i alos suyos la verdadera fe de Christo, i mostrando la falsedad de la ley de Mahoma, la qual avian de dexar si querian salvar sus almas. El Rey, i los de su corte considerando su valor i pobreça, los tuvieron por locos; mas por el atrevimiento q' avian tenido de hablar contra su ley, fueron puestos en aspera carcel cargados de prisiones. Viendose alli se abraçaron tiernamente vnos a otros, i con extraordinario goço de su almas se dieron el parabien de su buena dicha. Passaron los dias de su prision, vnidos en un corazon con un propio deseo de padecer por Jesu-Christo. Encendialo la communicacion santa, i ordinaria conversacion de los bienes eternos, i compañia de aquel señor a quien cominavan. La constancia de los vnos era para los otros muro de fortaleça, i el exemplo comun aliento de todos. Alli estubieron ocho dias presos, passando grandes persecuciones, i trabajos, por q' los moros les aflixian con diversidad de tormentos, q' los Sanctos sufrian con animo constante, despreciando la vida propia por grangear la salud espiritual de los otros. En medio de tantas tribulaciones se acordaron de los Christianos de Ceuta, i escrivieron una carta a todos, remetida a Hugo Sacerdote, i vicario de los Ginoveses, i a dos Religiosos, q' con el se hallavan, vno Dominico, i otro Franciscano, q' hauian llegado de las partes interiores de Africa. La carta dice assi en lengua latina, en q' se escriuió, luego la dare en romance:

Benedictus Deus, et Pater Domini Nostri Jesu Christi, Pater misericordiarum, et Deus totius consolationis, qui consolatur nos in ommi tribulatione nostra; qui proe parauit Patriarcha Abrahœ victiman holocausti, qui etiam ex prœcepto Domini de terra sua exiuit, nesciens quo iret; i deoque reputatum est ei ad iustitiam, et amicus Dei appellatur. Sic ergo qui sapiens est stultus fiat vt sit sapiens, quia sapientia huius mundi stultitia est apud Deum. No tum ergo sit vobis, quod si Dominus Jesus Cristus, qui passus est pro nobis, et qui dixit: ite, et prœdicate evangelium ommi creature; ite, et nolite timere eos qui occidut corpus: item, nom est servus mayor domino suo: si persecuti sunt me, et vos persequentur, duxevit vias nostras, in Semitis suis ad laudem eius, et salutem fidelium, ad honorem christianorum, et ad mortem, et damnationem infidelium, sicut Apostolus ait; Christi bonus odor sumus: aliis odor vitœ in vitam, allis odor mortis in mortem; nam si non venissem (ait christus) et locutus eis non fuissem peccatum non haberent, nunc autem excusationem non habent de peccato,

laudabimus eum in sempiternum. Igitur nuntiatum fuit ante Regem nomen christi, et confessum per nos, quod non est in alio vera salus, et probatum per veras rationis mediante interprete coram sapientibus eius. Regi ergo sæculorum immortali, et inui sibili soli Deo honor et gloria in sæcula sæculorum. Amen. Valete.

Dice assi la deuota carta en romance:

Bemdito sea Dios, i Padre de Nuestro Señor Jesu-Christo, Padre de Misericordia, i Dios de toda consolacion, q' nos consuela en todas nuestras tribulaciones, el qual administro al Patriarca Abraham el carnero para el sacrificio, i a quien mando salir de su patria sin saber por donde iva; i por tanto su fe, i obediencia fue contada i reputada por justicia. i merecio titulo de amigo del señor. Desta manera pues aquel q' es sabio hagasse loco, i pierda el juicio del mundo para q' no quede necio, i loco para siempre, por q' la sabiduria deste mundo es locura delante de Dios. Sea pues notorio a todos los christianos q' vivir en la verdadera fe, i conocimiento de Dios q' nuestro señor Jesu-Christo, q' por nosotros padecio dice: id a predicar el evangelio a toda criatura, i en otra parte, no tengais temor de aquellos q' matan los cuerpos, i en otra cosa no os pueden dañar, i en otro lugar: no es el criado mayor q' su señor, i si ami persiguieron a vosotros os an de perseguir. Este altissimo, i clementissimo señor nos trujo de nuestra patria, e endereço nuestro camino segun su santa volutad para gloria suya, i salvacion de nuestras almas, i edificacion, i honra de los fieles Christianos, i confusion, i condenacion de los infieles, segun dice el Apostol: somos buen olor de Christo Redemptor nuestro; aunos olor de vida para q' alcancen vida, i a otros olor de muerte por q' merecen la muerte eterna; por q' si yo no viniera (dice el señor) i sino les predicara, no tubieran peccado, mas agora no tienen escusa. Assi q' entramos por esta Ciudad de Ceuta confessando i predicando el nombre de nuestro Señor Jesu Christo, i su santa fe, i los Moros despues de avernos hecho muchas injurias, fueron adecir al Rey lo q' predicavamos, i llevados delante de su presencia, le predicamos la fe de Jesu Christo Redemptor nuestro, i como en ninguna otra ley havia salvacion, i mostramos con muchas raçones la falsedad de su maldita Ley, lo qual el i sus letrados, no oyeron ni entendieron; antes teniendonos por locos nos mandaron poner en esta oscura carcel, en q' estamos mui atormentados de los moros, mas con grande confiança esperando, q' el Señor aceptará nuestras vidas en sacrificio de la confesion de su fe. A el q' es altissimo Rey de los siglos, immortal, i invisible solo Dios, sea honra, i gloria para siempre. Amen.

Frai Luis de Rebolledo coronista general de la orden de San Francisco dize q' esta carta se conservo muchos años original en el archivo del Convento de San Francisco de Lisboa, i qu' el tiempo debio de consumir tan gran reliquia. Tengolo por sin duda pues lo afirma un autor de tanto

credito, i que se conservaria entre los Christianos de Ceuta asta su gloriosa conquista; i q' el Rey Don Juan el primero la pondria en aquel archivo como tan propio de los Santos.

CAPITULO 14.º

Padece glorioso martirio San Daniel, i sus compañeros en Ceuta por la predicacion de nuestra Santa Fe.

Mientras estuvieron presos los sanctos religiosos en aquella obscura carcel fueron vistos por los Moros, q' estavan sueltos de las cadenas, i resplandecientes con extraordinaria luz, bañados de una alegria grande, i cantando diuinas alabanças continuamente. Supolo el Rey, i indignado con esta nueva, les hiço sacar de la carcel el Domingo siguiente 10 de octubre por la mañana, i llevar a su presencia. Llegando a ella fueron diligentemente examinados, i preguntandoseles si se arrepentian de lo q' avian dicho contra Mahoma, i su ley: respondieron con mucha firmeça, q' no, antes boluian a decir, i afirmar no era lei de salvacion, sino de condenacion perpetua; i q' si se querian salvar, recibiessen la fe de Jesu-Christo, i se bautizassen. Añadieron q' por esta verdad estavan prontos a recibir la muerte temporal, por q' tenia cierta esperança de recibir de Christo Redentor del mundo la vida eterna. Los moros tomando consejo sobre como converterian los Santos a su lei, determinaron llamar a cada uno en particular, i con promessas, i amenazas combatirlos, i sino pudiesen reduzirlos, q' luego fuessen muertos. Apartados los santos, les prometieron de parte del Rey riquezas, i comodidades de la vida si quisiessen boluerse Moros, i sino se haria luego con ellos justicias grandes. Dixeronles, *si de veras reformas tu parecer, i lisamente consientes en nuestra ley, negando a Christo, i confessando a nuestro profeta por mensagero fiel del todo poderoso, i vnico maestro de la verdad, salvaras la vida, i la passaras de oi mas mejorada en regalos, i passatiempos, i aventajado en honras, i haȥienda, no hecharas menos cosa alguna de las q' hacen dnlce, i sabrosa la vida; tus gustos seran medidos, colmados tus deseos.* Ellos estavan tan constantes q' ningun caso hizieron de las promessas, i amenaças, antes mostravan agradarse de morir por la fe de Christo; i assi lo predicavan aquellos enemigos de la verdad diciendo: *Nuestros deseos tan lexos estan dè tus pensamientos, como de alexarte del dichoso fin adonde caminan. Al verdadero Dios corren, i a Jesu-Christo su hijo endereçan su buelo; sin el no ai vida q' lo sea, con el no ai muerte q' lo pareȥca. Tus regalos engaños son a los torpes; no se embaraçan en ellos los limpios; los q' desasido el coraçon de la tierra tie-*

nen puesta su vista en el cielo, no se ciegan con los antojos de essas promessas, q' aunq' preciosas a los ojos del mundo, ningun otro ser tiene del q' la imaginacion de quien las tiene como tales. Offrescanse alos q' anegados en el abismo de tus errores, no les queda aliento, ni esperança para aspirar a los bienes eternos, i assi se quedan en las bajezas del interes temporal. Nosotros a quien vivir sin Christo es la mayor perdida, i morir por el la mayor ganancia; cuyo maestro es el verdadero autor de la vida, que causa tendremos para dexar la fuente pura de la verdad, i abatirnos a los arroyelos turbios de la mentira a que nos combidais? en vano pues os cansais por sacarnos del camino q' tanto ha començamos, al fin ya de nuestra jornada. En q' entendimiento cabe persuadir q' vencidos los mares, desfalleçamos ala entrada del puerto, i nos aneguemos ala orilla? como abraçaremos nosotros lo q' en vosotros aborrecemos? Ocomo nos sujetaremos a ley q' aun no tenemos por digna de brutos quanto mas de hombres? Como nos cegara el resplandor de las riquezas, i honras con q' aqui nos combidais teniendo ya los ojos cerrados a ellas, i a quanto luze en el mundo; donde solo detiene la tardança del cuchillo? Llevaron los con esto otra vez delante del Juez, en cuya presencia un ministro suyo, i del Demonio, furiosamente llego al Sancto Daniel, i le dio un golpe en la cabeça con el alfanje, diciendole: *buelvete Moro, buelvete Moro, i sino moriras a mis manos.* No son de temer los golpes, que quando mucho penetran se quedan en el escudo, ni los q' quando hieran el cuerpo, no pueden offender las almas. Sufrio constantemente el glorioso Martir aquella amenaça, perseverando firme en la confesion de la fe verdadera. El juez, i otro Moro viejo les predicavan q' se hicciessen Moros, diciendo. *Porque quereis vosotros perder los bienes i deleites desta vida tan miserablemente? tomad la santa ley, i fe del gran profeta Mahoma, i tendreis vida, honras, i riqueças en este mundo, i en el otro: Fray Daniel respondio al moro viejo, q' mas hablava, diciendoles: O envejecido en dias malos? asta quando as de vivir en los engaños de Satanas! tu maldito Mahoma es siervo suyo, i causa de la muerte eterna atados los q' le siguen, por tanto conviertete a nuestra Santa Fe Catholica, por q' te puedas salvar conociendo a tu criador, q' ya es tiempo q' le conoscas, i te apartes de los errores de la ley de tu maldito profeta; i sino acaba ya de mandar descargar el cuchillo con q' podras satisfacer a tus deseos, i sacaras el alma mas presto para q' yo la buelva a quien me la dio, i por cuya fe la consagro a la muerte. Esta me constituira a mi dichoso quanto a ti desdichado; sera titulo juntamente de mi gloria, i de tu tormento; sera testimonio de la verdad en q' muero, i condenacion de la falsedad en q' vives.* Indignado el Juez con esta respuesta dio luego sentencia q' fuessen muertos. Los santos religiosos oyendola, con gran fervor de Espiritu los seis se llegaron al Santo Daniel su padre i pastor, i postrados á sus pies se los besaran, dandoles gracias por auerlos traido a tan buen lugar, i cada

uno dellos decia. *Padre dame tu bendicion, i licencia para que entregue mi cuerpo a la muerte por amor de Christo, i mi alma siga a la tuya por los cielos.* El sancto Daniel los abraçava, i dava con muchas lagrimas la bendicion, i alabando a nuestro señor por q' auia hecho dignos a sus siervos de morir por la confesion de su fé, dixo: *Alegremonos todos en el señor, i demosle gracias por este dia festivo q' nos da, por q' los Angeles estan en nuestra ayuda, i la puerta del Paraiso nos esta abierta, i oi todos juntos nos veremos entre los Martires coronados en la gloria eterna.* Viendo el Rey aquella constancia heroica, encendido en nuevo furor, i rabia los sentencio a muerte. Luegos los ministros con grande ira, i impetu desnudaron a los invencibles cavalleros de Christo, i desnudos las manos atadas atras los sacaron con pregon, i los llevaron como a mansos corderos fuera de la ciudad, al lugar donde era costumbre justiciar a los malhechores, i los gloriosos martires, como llamados a los banquetes eternos, caminavan alegres offreciendosse a la muerte, gozosos de ver cumplido el fin de sus deseos, combidandose a las bodas eternas, no para engañar algun temor de la muerte tan vezina, sino para entretener las ansias de recibirla. Llegados al lugar donde los avian de degollar, gustossos en los dolores, el corazon en Dios, i la lengua en sus alabanças, ni se apartaron del, ni cessaron de alabarle, asta q' baxando los cuellos los rendieron al cuchillo, i assi fueron degollados, i las almas se desataron de aquellas prisiones de tierra, i subieron gloriosas al cielo, donde anegadas en el pielago de la suavidad eterna, i vista buena de su hazedor, eternamente reposan. No contentos aun los Moros con esto como ministros del demonio despedaçaron aquellas Santas Cabeças, i cuerpos, despues de averlos arrastrado por la ciudad con grandes alaridos en vengança de la injuria hecha a su falsa lei. Fueron recojidas todas las reliquias por los Christianos secretamente, i con honra sepultadas en el barrio de los Ginoveses, Pisanos, i Marselleses, donde, nuestro señor obro por sus meritos muchos milagros para gloria suya, i honra de su santos Martires.

La ultima de las liciones que se rezan en la fiesta destos Martires en la Iglesia, afirma, que sus cuerpos fueron dados a un Infante de Portugal, i q' este los transporto a Hespaña. Lo mismo q' dicen estas lecciones confirman las del Breuiario de la Religion Seraphica, a quien siguen Rodolfo, Laurencio, Surio, i otros Autores gravissimos. Otros, no negandolo, solo reparan en no saberse donde se guardan estas reliquias. Yo tengo por sin duda que oi conserva Ceuta este precioso tesoro; i q' los Autores, i breuiarios referidos se equivocaron con los cinco Martires de la misma orden, q' por Ceuta truxo a Hespaña el Infante de Portugal Don Pedro. Tubieron ocasion para engañarse, pues ambos martirios succedieron un año tras otro, i ambos tuvieron tanta correspondencia con Ceuta como se ha visto. Mas lo cierto es q' se equivocaron lo primero,

por q' no pudo traer estas reliquias el Infante Don Pedro, q' antes deste martirio passo a Portugal con las de los cinco Martires de Marruecos. Lo segundo, por q' no sabemos q' otro Infante del aquel Reino passase despues de Don Pedro a tierra de Infieles, de quien pudiesse referirse esta historia. Lo tercero, por q' no ai noticia alguna en Hespaña del lugar en donde estan depositadas; i era infalible se supieran si hubieran passado a esta provincia, particularmente sabiendose la veneracion con q' fueron recibidas las de los cinco Martires, i la autoridad con q' se colocaron, i permanecen veneradas desde aquel año asta el tiempo presente en el principal Convento de la Corte de Portugal, que era Coimbra entonces. Ni la roaçon de fray Lucas Vvandingo (si bien pone en duda esta translación) convence diciendo no ser nuevo el estar ocultas muchos años las reliquias de los Martires, i manifestarse quando Dios es servido, por q' esto solo tiene lugar en lo q' se descubren en el mismo lugar en q' padecieron, como los q' cada dia se van manifestando. Mas entregadas las reliquias a un Infante, i traidas a un Reino tan Catholico, i donde con tanta veneracion, i aplauso se colocaron las otras, no era posible q' estas se ocultasen, aun que las depositasen en lugar diferente. Tambien no convence la razon del mismo, que casi se persuade a q' estos santos cuerpos pueden estar en Portugal, viendo q' de muchos años a esta parte se celebrava su fiesta en algunas Iglesias de la provincia de entre Duero, i Miño, i particularmente en la de Braga; por q' a esto respondere facilmente con lo q' escriui al principio deste libro, de q' el distrito q' se dio al Obispo de Ceuta fue entre Duero, i Miño con sujecion a la Iglesia de Braga, i como en el obispado de Ceuta era fuerça celebrar la fiesta de sus siete Martires, i no tenia otro distrito q' el referido, no es mucho q' en aquellas Iglesias se conserven los vestigios desta festividad, i menos en su Metropoli. Por tanto me persuado a q' las venerables reliquias de los siete martires se ocultan todavia en Ceuta, i q' no ai bastante fundamento q' persuada a q' quitemos tan precioso tesoro a esta ciudad, donde Dios no le descubre por sus ocultos juizios, esperando tiempo en q' los hijos de Ceuta le merezcan el favor desta manifestacion.

Todos los authores referidos concuerdan en q' Dios obro muchos milagros por los meritos de sus sieruos, q' les adquirieron notable veneracion con el pueblo, i fiestas mui solemnes en el dia de su glorioso martirio. Aduirtiolo la Religion Seraphica, i considerando prudentissimamente quanto podria ser notada en no tratar con la veneracion devida a hijos tan benemeritos, año de 1516 impetro licencia del Pontifice Leon X para rezar de los Santos Martires el dia 9 de Octubre de doble mayor, como de los cinco Martires de Marruecos. Publicose esta gracia en el Capitulo General este mismo año, i en el de 1526 en el de Assis fue aprobada, y recibida por toda la Orden su leyenda. Despues se ordeno q' la fiesta se mudasse a los 13 de Octubre (sin embargo de aver padecido a los 10)

por q' no se celebrasse dentro de la octava de su glorioso Patriarca. La memoria destos Santos es celebrada de muchos, i grauissimos authores, i en los Martirologios de mayor autoridad, si bien en esta sale escrito su martirio con todas las circunstancias juntas q' se hallan derramadas en diferentes libros. Quando sus nombres se pusiessen en el Romano, no consta. En los manuscriptos antiguos se hallan; mas en los impressos los años 1507 y 1566 por Alexandro Peregrino, no ai memoria suya; i assi entiendo q' andan sus nombres en el desde la correccion del Breuiario, i libros rituales, q' se hizo por orden del summo Pontifice Pio V i que en esta ocasion se añadieron al Martirologio nuestro siete martires.

CAPITULO 15.º

Memorias de Ceuta del tiempo de los Arabes, diversas entradas suyas en Hespaña; diferentes batallas maritimas con próspera i adversa fortuna.

Por los años de 1228 hallo que estavan en paz los Moros de Ceuta con los Catalanes, i q' comerciavan con ellos los desta nacion, por q' las fustas de Mallorca, q' se encaminauan a Ibiça cautivaron vna nao Catalana llena de muchas riqueças, q' passava a Ceuta. Fue esta vna de las causas por q' el Rey Don Jaime de Aragon intentó la empressa de Mallorca, por q' los Barceloneses sintiendo este, i otros notables agravios, q' cada dia recebian de los Mahometanos de aquella Isla, instaron con el Rey a q' se dispusiesse a esta conquista, i lo executo en la forma q' refieren las historias de Aragon, i en particular el Doctor Juan Dameta Coronista de Mallorca en la suya general del Reino Baleárico.

Año 1247. Ramon Bonifaz Almirante del Rey Don Fernando el Santo con Armada de treçe naos, i galeras tubo batalla com veyente naos, i galeras de Moros de Sevilla, Tanjar, i Ceuta, i las venció con prision de tres, rompimiento de dos, i incendio de vna. Llego la nueva al Rey Don Fernando estando en Alcala del Rio. Esta victoria precedio a la conquista de Sevilla, i fue causa de q' el Rey se resoluiesse a ponerla sitio, i la ganasse como lo refieren las historias de Hespaña.

Año de 1248 dia de San Clemente Papa a 23 de Noviembre, ganó el Rey Don Fernando a los Moros la gran ciudad de Seuilla, restituyendola al seruicio, i culto del verdadero Dios, aviendo estado en la opression de los Moros 535 años poco mas o menos, i aviendola tenido sitiada el Santo Rey 16 meses. Ocasionó esta victoria q' entrasse en Ceuta una gran multitud de Moros rendidos; por q' assentado el partido entregaron los sitia-

dos el Alcaçar al Rey, q' mando a Don Rodrigo Gonçalez Giron se entrasse en el, luego pidieron un mes de termino para vender las haciendas q' no podian llevar, i les fue concedido, i en este tiempo lo executaron; entregaron luego las llaves della, i la dexaran libre, como se avia capitulado. Quando se fueron mando el Rey darles naos, i galeras para los q' se quisiessen ir por mar: dicen las historias q' serian cien mil los q' tomaron este partido, i q' todos passaron a Ceuta para desde alli derramarse por la Berberia: los q' no quisieron passar a Africa, q' serian trescientos mil, se fueron a Xeres, i con ellos el Maestre de Calatrava asta ponerlos en aquella ciudad. Descubriose bien en este hecho la magnanimidad del Santo Rey, pues con tanta fidelidad, i suavidad trato a enemigos tan viles, i q' con tanta crueldad se entraron en Hespaña, con tanta tirania la posseyeron, i tan obstinadamente la havian defendido. Fue esta una de las mas celebres, i famosas empressas de nuestros Reyes, assi por la duracion del Sitio, como por la multitud de los enemigos, que fue tanta, q' despues de arruinada la ciudad, i con 16 meses de defensa, quedaran quatrozientos mil. Pelearon estos como rabiosos, i desesperados, con q' era forçoso q' el trabajo de los Christianos fuesse grande, i continuo, i acrecentado de la incomodidade de estar en tierra agena, i estraña, donde se avia de traer todo lo necesario de acarreo. Sobre todo acrecento la dificultad, i peso del Sitio la corrupcion del aire, q' con la junta de tanta gente se calentó, i altero de manera q' corria como llamas de fuego, i tan destemplado, q' causava diuersas enfermedades, i fatigas. Todo esto sirvio de crisol al valor, i constancia hespañola, pues no fue parte no solo para dexar la empresa, pero ni para q' algunos dellos se moviera a pensamientos de dexarla, o arrepentimiento de averla començado, i assi se sirvio la Diuina Magestad, de q' tan incomparable valor, i brio fuessen premiado en tan gloriosa, i señalada victoria.

En los años de 1273, refiere Hieronimo de Zurita hallarse en los registros de aquellos tiempos averse capitulado amistad, i concordia entre el Rey Don Jaime de Aragon el conquistador, i Aben Juseph Rey de Fez, i averle embiado quinientos hombres de paraje para el sitio de Ceuta en diez naves, i otras tantas galeras, i treynta navios a sueldo del Rey de Fez. No hallo otra memoria deste sitio, sino es q' se confunda con la q' abajo referiremos.

Año 1275, estando el mismo Rey Don Jaime en la ciudad de Barcelona, el proprio Aben Juseph, publico con grande astucia, por dissimular la guerra, que queria hazer a los Reinos de Castilla en fauor del Rey de Granada, para lo qual juntó gran exercito, diciendo q' queria ir contra un Rey Moro, q' se le hauia alçado en Ceuta. Embio al Rey de Aragon sus embajadores, pidiendole ayuda de gente, i q' le embiasse quinientos Cavalleros hombres de linage con diez naves, i diez galeras con otros nauios, i offrecia darles cien mil besantes Ceptis, i otra tanta cantidad

para q' los cavalleros luego se pusiessen en orden, i si se detubiessen en ganar a Ceuta mas tiempo de un año, i si se ganase se obligava a dar cinquenta mil besantes al Rey, i pagar el sueldo aventajado a los Capitanes i Cavalleros, prometiendo de darles los cavallos, i armas q' huuiessen menester. Assi se hizo; pero no passo mucho tiempo, sin entenderse, q' la armada era contra el Rey de Castilla, siendo a ello incitado por el de Granada, timidó de q' passada la tregua q' hauia dado alos Arraeses de Malaga, i Guadix, le haria con ellos guerra; confederosse con ellos, i offrecio al Rey de Marruecos, q' le daria a Algeziras, i Tarifa, avisandoles q' las fronteras estavan desproueidas por la ausencia del Rey Don Alonso. El mismo Año passo Aben Juseph, a quien otros llaman Mulei Xec, a Hespaña desde Ceuta con diez i siete mil hombres de a Cavallo, i mas de cinquenta mil peones; i entregandole el Rey de Granada las fortalezas de Algeciras, i Tarifa, puso guarnicion en ellas, i passo a Malaga para conformar al Caudillo de aquella ciudad, llamado Tarax, i al de Guadix con el Rey de Granada. Junta toda esta gente entro en tierra de Christianos, i hizo gran daño en los lugares dela comarca de Cordova i de Sevilla, i como combatiesse algunas fortalezas, sin poderlas rendir por q' el Rey Don Alonso las tenia bien proueidas, se boluio aquel año a Ceuta, quedando por suyas Algeziras, i Tarifa.

El año 1287 parece q' estavan confederados, i amigos el Rey Moro de Menorca con los vecinos de Ceuta, por q' auiendo conquistado aquella Isla este mismo año el Rey Don Alonso de Aragon, Capitulo el Xeque en la entrega de la Isla, se le diesse passaje a Ceuta. Otorgole el Rey esta condicion con otras, i tomo posession de la Isla en 17 de Enero de aquel año. Embarcose el Moro haziendo su viaje a Ceuta en un navio de Ginoveses, q' con la fuerça de los recios temporales se auia retirado a Mahon. Embarcaronse en el mismo navio asta cien personas con mucha provision; mas luego q' salieron del puerto les sobreuino tal borrasca q' perecieron todos. Assi acabo el linage del Almoxarife Rey de Menorca, q' segun algunos Autores, auia sucessiuamente señoreado aquella Isla por espacio de mil años. Verdad es q' si lo entendemos de los Julianos, i comunes, es hiperbole, pues no hauia tantos, q' estava en poder de los Moros. Los demas q' se embarcaron, q' segun escriven fueron asta diez mil, tampoco acabaron el viaje, i desde entonces quedo libre aquella Isla desta abominable secta, abraçando otra vez el sagrado jugo de la ley de Christo.

Murio el año 1302 Abdala Rey de Granada sucediole su hijo Mulei Mahamet, q' por otro nombre llamaron tambien Laami, q' quiere decir el Ciego. Este sabiendo q' Abusayd Rey de Fez era muerto, i q' el Reino estava en Guerras con ambición de ganar algun estado en aquellas partes el año siguiente de 1303 embió a Tarax Alcaide de Malaga, que era su cuñado casado con su hermana, sobre la ciudad de Ceuta, q' la gano,

i hiço muchas cosas señaladas en su servicio; dexando gente de guarnicion se bolvio a Hespaña. Persevero Ceuta en la obediencia del Rey de Granada asta el año de 1310 en q' el Rey Don Fernando de Castilla, i Don Jaime de Aragon se confederaron, i aviendo roto la tregua q' el Rey Don Fernando tenia con Mahamet Rey de Granada, les concedio el Papa cruzada, i entrando en tierras de moros, cerco el Rey de Castilla la ciudad de Algeziras, i el de Aragon, Almerine. Aborrave Rey de Marruecos, q' era nieto de Aben Jacob, succedio en el Reino a Bocevet su hermano, y queriendo cobrar a Ceuta, pidio a Don Jaime (era el segundo Rey de Aragon) q' le favoreciese con su armada. Este gozoso de la ocasion, i por q' el de Fez le prometio q' en ningun tiempo haria tregua con el de Granada, i ganandosse aquella ciudad seria todo el despojo para los Christianos, embio a su ayuda a Gilberto Visconde de Castelnou con algunas galeras; i siendo combatida Ceuta por mar, i por tierra la ganaron por fuerça de las armas en fin de Julio de 1310. Pagó el Rey Moro al de Aragon por cada galera q' embio a esta jornada, dos mil doblas por quatro meses, i dio sueldo a dos mil soldados mientra duro la empresa de Ceuta, que ganada por el gran valor del Visconde, quedo el despojo de la tropa, al Rey de Aragon; i las personas i la Plaça al Moro.

La fama desta victoria grangeo tanto credito al Vizconde de Castelnov, q' el Rey de Castilla con consentimiento del de Aragon, le hiço Almirante Mayor de sus armadas; i si bien avia poco antes dado este puesto a Don Diego Garcia de Toledo Privado suyo, i Cavallero mui principal en Castilla, fue por sus enemigos Calumniado, de q' por descuido suyo no havia salido con la armada i hallarse en toma de Ceuta con las galeras de Aragon. Constituido Almirante el Visconde de Castelnou, le mando el Rey acudir con todas las decimas de sus Reinos, q' el Papa le auia concedido para pagar las galeras. Fue esto a principios de octubre de 1310. Dexo el Vizconde en Ceuta, con la gente q' alli estava en seruicio del Rey de Marruecos, por Alcaide, i Capitan a Bernardo Segui: pero no passaron muchos dias q' el Moro, como inflel, se confedero con el de Granada. Mas estando las Armadas de ambos Reyes en el Estrecho, el de Castilla hizo poner sitio a Gibraltar, fueron sobre ella Don Juan Manuel, i Don Juan Nuñez de Lara, el Arçobispo de Sevilla, i el consejo de aquella ciudad con Don Alonso Perez de Guzman, i Don Garci Lopez Maestre de Calatrava, i fue tan reciamente combatida, q' los Moros q' estavan en su defensa, la rendieron al Rey Don Fernando, Capitulando q' los passassen a Ceuta, i assi se hizo.

Por los años de 1339 guardavan el Estrecho de Gibraltar los Almirantes de Castilla, i Aragon Don Alonso Jofre Tenorio, i Don Jofre Gilabert Cruillas, i tenian tan tomado aquel passo de Africa, q' los Moros q' aesta sazon avian pasado a Algeziras, Ronda, i Gibraltar, padecian muchas necesidades de bastimentos por q' eran antes proueidos de Africa,

i no passava un nauio, q' no diesse en la armada. Salio el Almirante de Aragon a 6 de Septiembre deste año con ocho galeras para descubrir el puerto de Ceuta; i llegando de noche descubrio q' hauia en el trece galeras de Moros, i siete nauios armados, una galera de Ginoveses, i otros navios q' hauian de passar aquella noche el estrecho. Al Alua imbistio con su armada tan de repente q' los desbarato, i gano algunas galeras. No passaron muchos dias q' saliendo el Almirante Don Jofre Gillabert de Cruillas en tierra con algunas compañias de soldados de sus galeras, junto á Algeziras los Moros pelearon con el, e fue herido de una saeta, de q' murio; i los Capitanes, viendose sin Caudillo se fueron ala Costa de Reino de Valencia.

Hizo Abul Hassen Rey de Fez grandes aprestos en Africa, i juntando ducientos, i setenta navios de Armada en Ceuta, partio de la ciudad de Fez el año de 1340 e fue a la de Ceuta, amenaçando que auia de destruir a todos los Principes que adoravan a Christo. Començo a passar la gente, armas, cavallos, bastimentos, i municiones a Hespaña, sin q' Don Alonso Jofre Tenorio Almirante del Rey Don Alonso de Castilla se lo pudiesse estorbar por tener solas veyente i siete galeras. Mas aviendo entendido estar informado el Rey Don Alonso q' por negligencia suya passaron los Moros determino pelear, i siendo los enemigos superiores, por q' tenian setenta galeras Reales sin otros muchos baxeles, el Almirante fue muerto con perdida de veynte cinco galeras suyas. De alli en adelante passaron los Moros mas a su salvo, como si fueran a tierra pacifica, i segura, confiados en q' no havia fuerças, q' les resistiessen. Passo con esta ocasion el Rey de Fez mucha gente a Hespaña suben el numero a mas de setenta mil cavallos, i quatro ciento mil infantes, i alo ultimo passo el mismo Rey con su corte, i familia. Despues de otros progresos, q' hizo en Hespaña, q' refieren largamente los historiadores, sucedio la famosa batalla del Salado, en q' los dos Alonsos de Castilla, i Portugal, vencieron aquella innumerable multitud de Moros, junto á la ciudad de Tarifa, resultando della q' el Rey de Fez, se escapó huyendo, i entro en Ceuta vencido; i deshecho de tan grande aparato.

Año 1342 tubo el Rey Don Alonso aviso de su Almirante Micer Gil boca negra, q' el de Fez juntava poderosa armada en compañia del Rey de Granada, i q' avia vencido, preso, i hechado a fondo algunas galeras de los Moros; tubo en esta ocasion socorro de diez galeras del Reino de Portugal, i para dar calor a los negocios de mar, i tierra se fue a Sevilla, i siendo avisado q' la Armada de los Moros estando surta en el Rio Guadamecil, la tenian atajado los Almirantes de Castilla, i Portugal de suerte q' no pudiessen huir, llamo, a los pueblos, i Cavalleros de la frontera para ayudar por tierra a su Armada. Caminando el Rey á mucha diligencia, tubo en el Camiño dos avisos; el primero q' de trece galeras que de Algeziras auian salido al socorro de la Armada de los Moros, fueron tomadas

dos, i metidas a fondo quatro, i que las siete restantes dieron en tierra; el segundo, q' contada la armada q' estava en el Rio avian peleado los Christianos, i despues de muchas muertes, auian tomado, i hundido veyente cinco galeras de los Moros, i las demas se hauian huido a Ceuta deshechas, i muerta gente con gran destroço. Era entonces el Almirante de Portugal q' se hallo en esta victoria, Carlo Peçano, q' despues del successo fue a Xeres a ver al Rey Don Alonso, q' hauiendole hecho muchas mercedes le despidio.

El Rey de Fez Abul Hascen procurando vengarse de la perdida passada, luego q' llego a Berberia mando pregonar la Gazia, i hizo grandes apercibimientos de gente, armas, i municiones para volver a Hespaña. Estando en la ciudad de Ceuta disponiendo su jornada en el año de 1343 su hijo Abderraman se alzo en la ciudad de Mequinez, i otros pueblos. Abul Hascen embio un Alfaqui principal, q' le aplacasse por via de paz, i le dio todo lo q' pedia del Reino. Mas despues hauiendole reducido, le hizo matar secretamente. Estando pues Abul Hascen en Ceuta, queriendo socorrer ala Ciudad de Algecira, q' el Rey Don Alonso el vndecimo de Castilla sitiava, embio a otro hijo llamado Abu Ali con sessenta galeras, i mucha gente de guerra para q' desembarcando en Hespaña se juntase con el Rey de Granada, i le fuesse a socorrer. Despues de varios trances militares, q' refieren las historias de Hespaña, no salio con lo que deseava, por q' el Rey Don Alonso despues de largo sitio gano la Ciudad de Algezira, i el Rey de Fez no salio de Ceuta a esta empressa, por q' otro hijo llamado Abun Henun, se alzo con el Reino de Fez: despues les hizo guerra, asta q' le despojo de quanto tenia en Africa, i en Hespaña, lo q' el Rey de Fez obro desde Ceuta quando intentava este socorro, refieren Estevan de Garibay i Belda.

Año 1346 Abu Henun Rey de Fez aviendo desposseido a su padre del Reino, i pareciendo q' para su estabelidad le convenia hazer alguna empressa contra Christianos acordo de passar a Hespaña, i para esto mando juntar gran numero de gente en Ceuta, i en la Ciudades maritimas de Berberia. No tubo efecto su designio, por q' Abul Hascen su padre, q' se avia retirado ala provincia de Sugulmesa con favor de los pueblos de Numidia, bolvio a ocupar muchos lugares del Reino de Fez, i fue necessario q' acudiesse a aquella parte. El Rey Don Alonso q' hauia juntado sus gentes para resistir a aquel enemigo, siendo avisado de todo fue sobre la ciudad de Gibraltar, i la sitio en el año de 1347 donde murio de peste, q' dio en su exercito. Con su muerte alçaron los Hespañoles el Sitio.

Las noticias referidas son las q' se hallan en Ceuta en las historias anteriores. Todas ellas descubren lo antiguo, i lo Ilustre desta Ciudad en tiempos, i la fidelidad con q' siempre presevero en la obediencia de sus Reyes. La variedad del tiempo, nos encubrio las otras, q' serian sin

duda dignas de memoria, como se colije de lo dicho en los Capitulos antecedentes. De aqui adelante caminaremos con mejores luces despues q' la nacion Portuguesa valerosamente sujeto a su gloriosa corona esta ciudad Ilustrissima.

CAPITULO 16.º

Motiuos, i prevenciones que huuo en Portugal para la conquista de Ceuta.

Dom Juan, primero deste nombre, i décimo en orden de los Reyes de Portugal, Principe digno de Memoria eterna, auiendo asegurado para si, i para sus gloriosos descendientes aquella corona por las pazes q' establecio con Castilla, despues de venturosos successos, viendose desembaraçado de las guerras domesticas, q' tantos años fatigaron los Reinos de Portugal i Castilla, i conociendo como prudentissimo Rey, q' lo que en tantas ocasiones no pudo el valor de los contrarios, podia obrar en sus vasallos el ocio, deseoso de emplearse en guerras mas del servicio de Dios, determino entrar con sus victoriosas vanderas en Berberia, i ganar las principales fuerças de aquella Costa, de que tantos daños avian resultado a Hespaña. Expelieron los Reyes Portugueses sus antecessores a los Moros de todo el Reino de Portugal, quando aun los otros Reyes vecinos estavan embaraçados en guerras con ellos. Gozava de una descansada paz todo el Reino, i como despues de largos trabajos es natural a los hombres buscar algun alivio, viendo el Rey a sus hijos crecidos, i con alientos militares, heredaros del valor de tan valiente padre, intento darles la Orden de Cavalleria, disponiendo para hazerlo justas, i torneos Reales, en q' se exercitassen, i mostrassen merecerla. No se agradavan deste medio los generosos espiritos de los Infantes, ni les parecia q' consistia la honra en pompas, i gastos, indicadores, mas de las riquezas, q' del valor del animo. Deseavan mostrar por las armas, q' merecian vestirlas, no en palacio entre los regalos, mas en la Campaña entre los enemigos. Dudavan en q' parte emplearian mejor su valor, i entre los discursos, i los consejos se les ofrecio por demas reputacion la conquista de Ceuta, llave entonces de los barbaros Mahometanos en la conquista de Hespaña, i duro freno de los Catolicos en las navegaciones del estrecho. Assegurados de q' esta seria la mas acertada expedicion i el mejor empleo de su valor, propusieron el intento al Rey su padre, q' a los principios desprecio la propuesta, ó por parecerle dificil, ó por assegurarse del animo de los hijos. Mas pensandolo, i considerando las raçones, q' se offrecian para no intentar esta empresa, les propuso, la *falta de dinero en sus erarios con ocasion de las guerras passadas con Castilla;*

la q' avvia de secreto (siendo lo principal en esta materia) si se pidiese al Reino; el desabrimiento de los pueblos, viendose con nuevos tributos, i donativos, aviendo contribuido con tantos en las guerras antecedentes; la falta de gente, i de poderosa armada, de q' necesitaua para conseguir el intento, la facilidad, con q' el Rey de Castilla, ganada Ceuta se hazia Señor de Granada; quedando con esto mas poderoso, i desembaraçado para tomar enmienda de los successos passados. Sobre todo ponderaron la impossibilidad de la conservacion, ganada tan importante plaça en provincia tan remota, i ultramarina, i el descredito de perderla una vez ganada siendo cierto q' los moros, assi en la defensa, como despues en la conquista, meterian todo su caudal por las consequencias que podrian resultarle de su perdida. Estas raçones propuso a los Infantes, mas con deseo de satisfacerse las suyas, q' de desuiar sus intentos, despidiolos por entonces sin tomar resolucion, i llamando despues a Don Herique, q' era el q' mas insistia en la jornada, i el q' mas la deseava, como a quien Dios avia escogido no solo para la execucion desta empresa, mas de otras muchas de gran nombre i gloria de su Iglesia, i de la nacion Portuguesa, quiso escucharle a el solo, i le dixo: *Que pues en la junta passada auia hablado mas q' sus hermanos, i insistido con mas fuerça en que se hiciese esta jornada, queria oir mas despacio sus raçones, i q' assi satisfiziese los inconvenientes q' el hauia representado particularmente al de la recuperacion de Granada por el Rey de Castilla, i inconvenientes que desto podian resultar a Portugal.*

El Infante se excuso a los principios, diciendo: q' avia hablado a la sombra de sus hermanos, i q' para discurrir el solo, y dar consejos le faltavan hedad i experiencia, mas q' por obedecer diria su sentir: dixo entonces: q' no se le representava inconveniente para intentar esta empressa, por q' viendo q' Dios le havia hecho Rey de Portugal; hallandosse solamente señor de Lisboa, sin el Castillo; no solo contra un Principe tan poderoso como el Rey de Castilla, mas contra la mayor parte de la nobleça de su Reino; i q' esto se consiguio con tanta felicidad como se havia experimentado, justo era q' esperasse en el mismo señor continuaria los buenos succesos en conquista tan de su servicio, donde no se peleava contra Catolicos, sino contra Mahometanos enemigos tan declarados de su Iglesia, y aunque se facilitasse al Rey de Castilla la conquista de Granada, en los Portugueses se conservava todavia el mismo valor, con q' le hizieron Rey, para sustentar, i hazer perpetua su corona. Que no era justo dexar de hazer la guerra a los infieles porq' della se siguiesse aumento a los Catholicos, aunq' contrarios, q' los Moros son enemigos suyos por naturaleza, i los Castellanos por accidente. Que no era creible, q' por ganarse Ceuta podia minorarse la amistad de un Rey Catolico, antes cierto, q' esta se estableceria mas con la opinion q' los Portuguesses alcanzarian por una accion tan gloriosa. Que era cierto conoceria el Rey de

Castilla, ganada Ceuta, quanto se adelantava la conquista de Granada, i quan necessario seria q' los Portugueses sustentasem aquella plaça, para q' el continuasse los buenos successos, i q' quando a el le faltasse este conocimiento, i no valiessen las razones referidas, no era la empressa de Granada de quatro dias, para que desde luego se pudiessen renovar las guerras de Castilla con Portugal: q' no deuia dexar la utilidad presente por el temor incierto de la guerra, por q' en materias graves, i importantes, no se disponia todo sin peligro, i era menester remitir parte ala fortuna. Que sobre todo Dios, de quien era tan propia aquella empressa, no solo daria los medios de conseguirla mas todos los q' fuessen vtiles para conservarla. Que esta accion seria de gloria inmortal a los Portugueses, i feliz principio, para q' el, i sus descendientes pusiessen duro freno al Africa, libertando de una vez a Hespaña i asegurandola de las invasiones de los barbaros.

Escuchó el Rey con atencion las raçones del Infante, i la alegria de verle asegurado en su primer intento le obligo a darle los braços, i alabar con encarecimiento su prudencia, i valor. Hechole muchas bendiciones diciendole: q' aquel auia sido siempre su principal intento, i estas mismas las raçones q' hauia considerado para facilitarle; que determinara intentar, i proseguir aquella empressa asta conseguirla; i q' pues con el hauia acabado de declararse, queria q' fuesse el quien diesse la primera nueva a sus hermanos, manifestandoles su voluntad. El Infante, q' en los deseos de la conquista de Africa, era sin duda el q' entre todos mas se inflamava, de rodillas beso la mano al padre en nombre de todos, dandoles las gracias de q' pussiese en efecto sus desseos, i sin dilacion lo dixo a sus hermanos, q' luego vinieron a agradecer al Rey la resolucion q' auia tomado, en q' ellos esperavan alcançar tanta gloria en el mundo, i tanto merito con Dios. Fueron notables las demostraciones de alegria q' entre todos huvo con esta resolucion, pronosticos del successo q' sin duda fue de los mas gloriosos q' alcançaron los Principes Catolicos en Hespaña.

Resuelto el Rey en la empresa, como el principal medio para conseguirla, era el conocimiento de la Plaça, entradas, i salidas de su puerto, altura, i fortificaciones de sus muros, por preparar los instrumentos, i maquinas militares, trato de informarse particularmente de todo para executarlo mejor. Como el secreto sea el q' en lo humano mas asegura la felicidad de las empresas eligio para conseguirlo uno bien conforme a su prudencia. Hallavasse viuda del Rey Don Martin (hijo de Don Martin Rey de Aragon) Doña Blanca, Reina de Sicilia (q' despues casó con el Infante Don Juan de Aragon, i por ella vino a ser Rey en Navarra a falta de sus hermanos) i estava con determinacion de casar segunda vez, i pidio al Rey Don Juan de Portugal a su hijo primogenito Don Duarte para marido. En este por successor de la Corona se reconocian los inconvenientes notorios; i en el hijo segundo Don Pedro otros, q' conside-

rava la Reina Doña Blanca. Sin embargo determino el Rey offrecerla el hijo segundo, sin esperar a q' aceptasse el ofrecimiento; mas con animo de q' con este pretexto los Embajadores, q' auian de passar el Estrecho, hiziessen juizio para la empressa de Ceuta. Eligio a Alvaro Gonzales Camelo, q' auia sido Prior del hospital, i a Alfonso Furtado Capitan Mayor de la mar, ambos Cavalleros de Calidad conocida, i Capitanes de Experiencia, i valor. Fioles el secreto de la Conquista de Ceuta, i les dio dos Galeras bien petrechadas, i guarnecidas, i las instrucciones necessarias para las noticias q' pretendia.

Partieron los embaxadores de Lisboa con pretexto publico del casamiento del Infante Don Pedro, i con intentos ocultos de informarse de Ceuta. Llegaron a aquella ciudad, donde entonces aportavan libremente los navios, q' navegavan el Estrecho, a pagar cierto tributo (de tanta importancia fue esta Plaça en todos siglos) alli dieron fondo aquel dia haziendo motivo dello el tomar algun descanso, i refresco, i poniendo en execucion lo q' se les auia encargado, notaron con atencion el sitio de la Ciudad, i las comodidades de los desembarcaderos. Mas tanto como se acabo de cerrar la noche sondaron secretamente todo el puerto, i al otro dia dieron velas, i partieron para Sicilia, donde fueron recibidos con muchas honras, i agasajos de la Reina Doña Blanca. Mas en lo principal, i notorio de la embajada no alcanzaron respuesta concluyente, i como desto no se hauia hechado mano mas q' para dissimular lo pretendido sobre Ceuta, sin determinarse en replicas bolvieron las proas, i segunda vez dieron fondo en frente de aquella ciudad, i alli se detuvieron mas q' la primera vez. Llegados a Lisboa subieron a Cintra recreacion Real donde el Rey se hallava con los Infantes sus hijos. Hizieronle relacion de todo, i a sus Consejeros, (ignorantes aun del caso) por q' pensavan los hauia llevado a Sicilia solamente la platica del casamiento. Mostró el Rey semblante triste con la respuesta, si bien reservó la replica para otro tiempo mas acomodado. Despues oyo en particular a los Embajadores en lo tocante a la causa principal de su jornada, quedando satisfecho de la buena diligencia, q' hauian hecho, i de las esperanças q' le davan de q' podria conseguirse aquella empresa. No passare en silencio en este lugar el anticipado pronostico q' tuvo del feliz successo della mucho antes de conseguida. Refierele Gomes Eannes de Zurara i quiero copiarle aqui por sus mismas palabras, para q' se conserve con la misma autoridad, i antiguedad, con q' fue escrito. Descrive la relacion q' Alonso Furtado de Mendoça hizo al Rey Juan sobre esta jornada.

Nam mais, disse o Capitam, senam q' podeis ir, como ja disse, q' todo tendes bom, e a vossa vontade, i ainda mais, senhor, entendo q' nam somente cobrareis aquella Cidade, mas ainda outros muitos lugares, q' por seu azo viram a vosso poder, en de vossa geraçam. Isto senhor sei ei per hum marauilhoso acontesimento, que aconteceu quando era

moço, do qual sempre trouxe mui grande Lenbrança por los marauilhosos azos, q' sempre depois acerca delo vi seguir, e por q' vem a preposito nam he mao de osaberdes, por la guisa q' me aconteceo, e foi assi q' el Rey Dom Pedro vosso pay cuja alma Deos aja mandou meu padre fora deste Reino con hua sua embaxada, e como quer q' eu fosse moço de poucos dias, levoume porem meu padre consigo pera ver terras, i aprender, e seguindo nos assi nossa viaje chegamos a hum porto acerca de hum lugar de Africa que chaman Ceita, onde meu trabalhei de ver alguas daquelas cousas, q' me parecian mais especiais, e andando asi chegueime a hua fonte q' ali estava, com hum nobre chafaris, onde me eu acostei hum pedaço tornando desenfadamento em ver a fermosura dos cavalos, q' alli traziam a beber, os quaes eran muitos e bons. Estando assi sobre chegou ahi hum homem de comprida Idade, cujos habitos, e barba era manifesto sinal de sua Velhice, o qual chegandosse a mi começoume de olhar, preguntandome donde era? e eu lhe disse como hespañol, nam vos pregunto, disse elle, senam de q' lugar sois de Hespanha? eu lhe respondi como era natural da Cidade de Lisboa: Esa Cidade, disse o velho, em q' Reino he? eu lhe respondi como era do Reino de Portugal, e qual he o Rey q' agora reina nesse vosso Reino? disse o velho; he hum mui bom Rey, disse eu q' se chama Dom Pedro, filho q' foi do mui noble Rey Dom Alfonso, q' foi na batalla do salado, o qual Dom Pedro he hum Rey mui justiçoso, e amador de seu pouo. Que ajaes prazer, disse o velho, diseime quantos filhos baroes tem esse vosso Rey? eu lhe disse como tinha tres, o primeiro hauia nome Dom Fernando, o segundo Dom Joam, o terceiro Dom Deniz, e nan tem mais? disse o Mouro, certamente nam, disse eu, de q' eu saiba parte, elle começoume de rogar q' consirasse bem se tinha outro algum outro filho, e por vossa mui pequeña Idade, nom me veo a memoria vosso nacimento, porem como quer me aquele velho muitas veses a ficasse, requerendome sempre q' esguardasse bem se alem daquelles tres filhos tinha el Rey outro algun, o qual lhe nam vinha a memoria mais daquelo, q' lhe sempre dezia, empero afin vendome a ficado delle comecei de consirar comfemença, até q' me cahio no entendimento a verdadeira lebrança de vossa nacença, entam lhe disse; Amigo he mui grande verdade q' el Rey tem ainda um filho pequeno, q' se chama Dom Joham, mas eu nem me lembraua delle por q' antre nos, os filhos bastardos nam sam avidos em tamanha honra, como os lidimos, por isso vos preguntaua, disse elle, e em dizendo esta palavra deu hum mui grande suspiro, e abaixou o rosto chorando, da qual cousa, eu fui muito espantado, e por elle assi continuar em seu choro e tristesa rogueilhe muito q' me disesse a causa, q' no assi mouera a chorar, como quer q' mo por muitas vezes negasse aconclussan afficado con meus requerimentos me disse. Amigo o meu choro nam he tanto, como eu tenho resam, nem entendais, q' choro cousa nenhua?, q' seja presente, mas polo conhecimiento, q' tenho da

perda, q' ha de vir a meus naturaes, e amigos; e por q' a tua ventura te trouxe aqui, nota bem, o q' te agora disser; Saibei que esse Rey Dom Pedro q' vos agora tendes por vosso Rey em esse Reino, nam ha muito de viver por cuja morte reinara en seu lugar o Infante Dom Fernando seu primeiro filho, o qual sera casado com hua molher por cujo azo o Reino depois da morte de seu marido ficara en grande renota; e os outros dous filhos por engano de sua cunhada seram lançados em Castela, onde faram fim de seus dias. Finalmente esse filho pequeno q' tuves despresado, em comparaçam de seus Irmaos sera ainda nesse Reino como hua pequena faisca, de q' se levanta mui grande fougueira, ça dias viram em q' elle primeiramente vingara a deshonra de su Irman, e depois por escolhimento do pouo sera alevantado por Rey: o qual avera grandes demandas como Reino de Castela, de q' sempre ficara vencedor, e elle sera o primeiro Rey de Hespaña, q' tera posse em Africa, e sera o primeiro começo da destruiçam de los Mouros, e ainda elles, ou os de sua geraçam, virao a este chafariz dar de beber a seus cavallos. Ora vede, senhor quem estas cousas assi envios, e as vio passar por aquella propia ordenança, se crea q' a Cidade de Ceuta heja posta en vosso poder? E porem torno a dizer o q' disse, q' podeis ir com boa ventura quando quiserdes ca tendes todo a vossa ventade, assi a praya, como as ancoras.

CAPITULO 17.º

Comunica el Rey la jornada a la Reina, y al Condestable: Desafia al Duque de Olanda para divirtir las imaginaciones de Africa.

Restava el consentimiento de la Reina Doña Felipa para esta jornada, en q' se arriesgavan tantos hijos suyos. Era Princesa de animo varonil, i como tal, y tan deseosa de su gloria, no solamente aprobó la propuesta, sino q' pidio al Rey con grandes instancias no dilatasse una jornada, de q' podia seguirse tanta reputacion a sus armas, i tanta fama, i gloria a sus hijos. El Rey no solo condescendio a sus ruego, sino q' le pidio licencia para hallarse personalmente en aquella empresa. Esta segunda propuesta le fue sensible, i entre otras raçones con q' pretendio disuadirle dixo. Que el intento de sus hijos era justificado, pues no hauian ganado honra en hechos de Guerra, i q' era raçon q' arriesgasen sus vidas, i las ofreciessen al trabajo para alcanzarla. Que esto no militava en el, pues podia llamarse el mas glorioso Rey de aquellos tiempos, auiendo por su valor sin otra ayuda mas q' los suyos, i contra el poder de tan valeroso contrario assegurando la Corona para si, i sus descendientes. Que no era justo arriesgar en una hora la opinion

adquirida en tantos años, por q' los lances de la fortuna en todo inciertos en la guerra eran siempre dudosos. Que su edad mas pedia la quietud, i la occupacion en el gouierno politico de su Reino, q' emprender por su persona nuevas guerras. Que si a sus hijos succedia algun casso adversos, era mejor tener con q' vengarles, q' ser el tambien comprehendido en su fortuna, pues no quedaria en el Reino persona de cuenta q' no le acompañase, o con el deseo de la gloria, o con el temor de la deshonra. Aunq' las raçones de la Reina eran fuertes, el Rey respondio, q' tendrian lugar en quien solamente se moviesse por la gloria temporal a executar esta empresa, q' a el le movia otra mas alta, i el deseo de labar las manos en sangre de infieles, ya q' las avia contaminado tantas vezes en las de los catolicos, por q' aunq' su causa fuesse justificada, queria purgar en algo sus pecados, passando al verdadero culto alguna de las casas, en q' el nombre de Mahoma era uenerado, dedicandola a Christo Nuestro Redemptor. La Reina, como tan pia, i tan Catholica respondio: q' como esta empresa era tanto del servicio de Dios, no pretendia estorbarla, antes le suplicaba le ayudasse en sus buenos propositos, i le diesse mui felice succeso para mayor exaltacion de su santa Religion.

Allamada esta dificultad parecio al Rey, q' restava otra de no menor ponderacion, q' era el parecer del Condestable Don Nuno Alvarez Pereira, principal caudillo de todas sus fortunas, i en cuya aprobacion consistia, no solamente el acierto, mas el consentimiento de todo el Reino, i el sequito de los soldados, con quien hauia ganado tanto credito. Comunicole sn pensamiento Alentejo, adonde fue con sus hijos a vna monteria, i pareciendole aquella determinacion, no solamente, acertada, mas inspirada de Dios, le dio muchas gracias por aversela comunicado, incitandole a la brevedad en la execucion. Llamo el Rey a los de su Consejo a Torres Vedras, i antes de comunicarles el intento, se mostró rezeloso al Condestable, de q' algunos con el temor del peligro fuessen de contrario parecer. Previnole q' no pidiesse consejo, sino q' diesse cuenta de su determinacion, i q' dispusiesse de manera, q' el fuesse el primer voto, porq' lo daria de suerte q' los demas no tubiessen q' contradecir. Juntos pues, el Rey les hiço un largo raçonamiento para q' no extrañasen el juramento de secreto, con q' les previno, i auiendoles dado cuenta de lo q' intentava emprender, les dixo: Que asta alli no lo hauia hecho, por querer informarse lo primero si abria impedimento q' le pudiesse estorbar, mas q' se allava asegurado, q' no le hauia, antes muchas conveniencias para executarlo, i q' assi les dava cuenta de su resolucion, no pidiendoles consejo en cuanto a ella, sino solo en quanto al modo con q' se deuia obrar, i a las prevenciones de q' se necesitava para lograr su determinacion. Tocava a Don Duarte como al principal del Reino, despues de su padre hablar, mas el Rey ordenó al Condestable q' lo hicisse, i aunque fingidamente lo rehuso, al fin le obligó el Rey a q' hablase pri-

mero. Cuando los otros esperavan algun prolixo discurso, no dixo mas de q' no hauia para q' dilatarse en platicas: que solo se devia dar gracias a Dios de q' le huviesse dado vida para poder hallarse en tan Santa, i Catolica empressa, en la qual le seruiria con el mismo animo, i zelo, q' asta alli lo hauia hecho: y levantado de su lugar beso la mano al Rey. Siguiose el Principe Don Duarte, i dixo: que pues Cavallero de tanta experiencia, i valor era de aquel parecer, no tenia el q' añadir, sino dar tambien infinitas gracias a Dios de que se offreciesse ocasion de tanta honra suya. Beso la mano a su padre, i lo mismo hizieron sus hermanos, con q' no huvo lugar de replica en los otros, sino de seguir el voto, i las demostraciones de alegria de los primeros.

Consistia el buen logro deste negocio principalmente en el secreto, por q' si venia a publicarse el intento, se prevendrian los Moros de manera, q' no solo no saldria el Rey victorioso, mas desairado: para esto resolvio se diesse otro color alas prevenciones, q' era fuerça fuessen publicas en toda Europa; i hallaron ser el mas acertado medio, el de desafiar a Guillermo Duque de Olanda, por aver sus vassallos offendido diversas vezes alos Portugueses en la mar. Eligio por Embajador a Fernando Fogaça, Moyordomo del Principe Don Duarte, q' haviendo partido de Lisboa, bien instruido, llego a Olanda, i entregando la carta de creencia al Duque le pidio hora para darle la embajada, preuiniendole secretamente q' necesitava de hablarle a solas antes q' se la diesse en publico. Assi lo hizo, i en la audiencia secreta, le dio cuenta del intento del Rey, q' era aprestar aquel grande poder contra los Mahometanos de la frontera de Africa, i ganar la ciudad de Ceuta, llave de Hespaña, i por q' los Moros no lo sospechassen, resolvio en su Consejo desafiarle; para q' se penssasse era contra el sus prevenciones. Que tuuiesse por bien no solo acetar publicamente el desafio, mas hazer algunas disposiciones publicas para la defensa. Estimó el Duque la confiança, q' del hacia el Rey, pues a el solo fiaua tan importante secreto, i prometio hazer todas las demostraciones publica para el buen logro de sus intentos.

Llamó consequentemente a los de su consejo para en dia señalado oir la embaxada, i estando juntos la propuso con gran prudencia Fernando Fogaça, haciendo menuda relacion de las quexas que los Portugueses tenian de sus vasallos, por los robos, i daños q' les hauian hecho, i hacian asi en los mares de Olanda como en otros. Que hauiendose quexado varias vezes el Rey al Duque, ni le dio satisfacion de lo passado ni en lo de adelante huvo enmienda. Que las quexas de sus subditos crecian; i pues los Olandeses continuavan en sus robos era creible, q' el lo consentia; q' le protestava de parte del Rey su señor, mandasse hazer entera restitucion de todo lo q' los portugueses auian perdido con sus vasallos, o le desafiaua, i a todas sus tierras para hazerle guerra a fuego, i sangre por mar, i tierra, de la q' le auisava primero para tener en el mundo dis-

culpa de los successos que se podian esperar. El Duque como bien preuenido, se mostró mas enojado de la embaxada, i hauiendo hecho salir a Fernando Fogaça, se mostro impaciente a los de su Consejo, diciendoles con todo, por dar mejor color ala materia; q' tenia raçon el Rey de Portugal, por ser cierta la relacion de muchos robos, q' sus vasallos hauian hecho a los de aquel Reino, i pidiendoles consejo para la respuesta, assentaron todos, fuesse comedida por ser um Rey valeroso, i bien afortunado, cuyos vassallos se hallavan orgullosos por las victorias recientes; i q' auiendo tanto tiempo, q' se apercebia de tan gran armada, podia dar subitamente en Olanda, i vengarse de los agravios recibido i representados. El Conde llamo a Fernando Fogasa, i le dijo: que dixesse al Rey q' no se fiasse de los favores de la fortuna; i pues era tan prudente debia entender, q' no estaua siempre de un color, q' sus vasallos no eran menos valerosos q' los Portugueses, ni tenian menos voluntad de servirle q' los suyos a el. Que de su venida a Olanda se allava con gran alborozo, i prometia desde luego irle a recibir a qualquiera parte donde su Armada aportase. Dada esta respuesta despidio al Embaxador, i aquella misma noche habló secretamente con el, dandole la q' convenia para el, principal intento, i haziendo grandes demostraciones de amor, i benevolencia, i las mercedes q' se podian esperar de su grandeça, le despidio.

Llego a Portugal Fernando Fogaça, i fue bien recibido del Rey por la prudencia, i sagacidad con que auia tratado la materia. Dispuestas las cosas mando el Rey luego fletar en todas las costas de Galicia, Vizcaya, Inglaterra, i Alemania los nauios gruesos q' se pudiessen hallar, en q' dio ocasion, a q' por toda Europa corriesse la voz del gran poder maritimo q' aprestava, i aun se decia mucho mas de lo q' era, i como la fama deste Principe era tan grande por la opinion q' hauia adquirido de valeroso, se hazian diferente juicios de su jornada, por q' aunq' se publicaua contra el conde de Olanda, no dexaua de causar rezelos grandes a otros Principes, particularmente a los de Hespaña, viendo q' el Rey se embarcaua, i q' eran los principales capitanes de aquella armada sus propios hijos. A estos dio diferentes comisiones, para leuas, por q' al Infante Don Enrique embió a levantar gente a la Comarca de la Beira, al conde de Barcelos su hijo bastardo, (despues el primer duque de Bergança) a la de entre Duero, i Miño, i ambos se hauian de embarcar en la ciudad del Porto. Senaló las prouincias de Extremadura de entre Tajo i Guadiana, i el Reino del Algarue al Infante Don Pedro, i tomando para si el cuidado de aprestar la flota, dexó el Gouierno de la justicia i hazienda a Don Duarte su primogenito q' a la sazon cumplia los 22 años. Escriuio juntamente a los señores, i fidalgos de Portugal, i a toda la nobleça, ordenandoles q' le acompañassen con la mas gentes q' pudiessen. Alborotó esta nueva notablemente a todo el Reino, i ocasionó diferentes juicios, sobre la direccion de aquella jornada. Decian unos q' sin duda embiaua el Rey

sus hijos a Napoles, i a Sicilia a casarlos con aquellas Reinas, q' entonces se hallavan viudas; otros q' a Roma, i a Jerusalem apagar el voto q' hauia hecho por su persona quando dio la batalla de Aljubarrota, otros q' llevavan la Infanta Doña Isabel a casar en Inglaterra; otros q' Auiñon contra el Anti-papa Clemente en favor de Urbano XII. Y la mayor parte q' contra Guillermo Conde Olanda, opinion mejor fundada, sobre el desafio q' fue tan publico.

CAPITULO 18.º

Los Reyes de Castilla, Aragon e Granada rezelosos de los aprestos, embian sus embaxadores a Portugal, i lo q' se les responde.

Si en Portugal se hacian varios discursos lo mismo sucedia en los otros Reinos de Hespaña. Castilla como tenia aun abierta la llaga de las turbaciones antecedentes, tenia con mas fundamento estas prevenciones, i persuadieronse mas los castellanos con aviso q' llego a Sevilla de mercaderes de Lisboa a sus correspondientes, en q' les decian q' sacassen sus haziendas de aquella ciudad, por q' era cierto, q' contra ella se aprestava el Rey. Dio esto ocasion a q' se juntassen los ventiquatro della, i escriuiesen al Rey de Castilla, i a la Reina su madre, dandoles cuenta del auiso. Hallauanse los Reyes en Plasencia donde hisieron consejo, i si bien a todos parecio imposible q' el Rey Don Juan tubiese semejante intento, pues actualmente estaua en pazes con Castilla, con todo el Obispo de Auila, q' se hallava en el consejo, i era natural de Seuilla, quiso persuadir q' no era otra su determinacion, i assi propuso q' se preparasen para la defensa haziendo recoger la nobleça de su comarca, i aprestando los vasos q' se hallasen en los puertos de Andalucia para defenderse del Portugues. Opussose a esto el adelantado de Cazorla cauallero moço, pero de mas q' de mediana prudencia, i valor, i dixo. Si por ventura seria justo q' a los Castellanos cupiese mayor parte de miedo q' a los otros Reinos vecinos? Que qualquiera mouimiento de Castilla seria afrenta de la nacion, i causa de no menor desconfiança para Portugal. Que estando asentadas las pazes en ambos Reinos, i siendo tan estrecho el parentesco del Rey su Señor con los Infantes de Portugal, i el Rey su padre, Principe tan magnanimo, i verdadero, no era posible quebrantasse la palabra, i fee del juramento; ni era justo q' la nobleça de Castilla, i particularmente su consejo, se mouiese por el miedo de los mercaderes de Seuilla, cuya honra, como la de todos de su profesion consistia en el dinero, i su seguridad. Que no era de parecer se hiciese mudança, que mostrasse estavan dudosas las pazes; i q' para

assegurarse convenia mas embiar Embaxadores a Portugal a pedir juramento aaquel Rey sobre su confirmacion, como se hauia asentado con sus embajadores q' jurando el Rey se aseguravan de los reçelos; i no haciendolo, tendrian lugar, i causa para las prevenciones. Asistian en el consejo el Duque de Arjona, el Maestre de Calatrava, el Prior de San Juan, el Conde de Benavente, il Arzobispo de Toledo, Don Pablo Obispo de Burgos, i Don Alonso de Cartagena, Dean de Santiago su hijo, hombre de muchas letras, i q' vino a suceder al padre en la Prelasia, i otros muchos letrados, i Caualleros, q' uniformes siguieron el voto del Adelantado, i assi se executo.

La Reina q' era tutora de su hijo embio por Embajadores a Portugal al Obispo de Mondoñedo, i a Diaz Sanchez de Bernauides con gran ostentacion, como los primeros embajadores q' iban a aquel Reino en nombre del Rey su hijo; i si bien partieron rezelosos del agasajo de los Portugueses, por la fama de q' se rompia la guerra se desengañaron breuemente, por q' en la raya de Portugal, hallaron un criado del Rey Don Juan a recibirlos por su orden para acompañarles, i regalarles hasta Lisboa, de q' luego dieron auiso a la Reina de Castilla, q' basto a serenar los nublados de desconfianças q' se levantavan. Del Rey fueron reciuidos en Lisboa con grandes muestras de benovolencia, y habiendo propuesto su embajada, no dilato mas q' para otro dia la confirmacion del juramento, i assi le hizo delante de los de su consejo, i de los grandes del Reino, juntamente con los Infantes por la misma manera q' se hauian hecho en Castilla; de q' los embaxadores quedaron bastantemente satisfechos, i no menos reconocidos a las mercedes, q' con liberal mano les hizo el Rey. El Obispo de Mondoñedo partio con la respuesta, por q' el Diaz Sanchez de Bernauides, auiendo enfermado murio en Lisboa con gran sentimiento de los Portugueses, auiendo precedido de su parte notable asistencia de todo en su enfermedad, i no siendo desigual la pompa de su entierro, a q' asistio toda la Corte, i de q' resultaron nuevas alabanças al Rey de Portugal.

Si fueron grandes los recelos de Castilla con los aprestos q' se hazian en todas las partes del Reino, no fueron menores las de los Aragoneses, de q' sin duda les amenaçava esta jornada: i si bien lo recelavan antes, aora con la nueva confirmacion de las pazes con Castilla, crecieron las sospechas, i mucho mas quando el Rey Fernando de Aragon tuuo auiso de q' el Conde de Urgel su competidor, estava confederado con el Portugues para cobrar su estado, casando dos hijas con dos Infantes de Portugal, de q' el mayor seria Rey de Aragon, i el otro Conde de Urgel, i de las mas tierras que tenia, de q' se componia un estado grande.

Cobravan mayores fuerças los temores de Don Fernando, viendo q' los Aragoneses le miravan como a Rey estrangero, dandole obediencia mas violenta q' voluntaria, q' los Reyes deven tener siempre por sospe-

chosa. Con esto resolvio en embiar a Portugal embajada, ella se reduzia en sustancia a dezir a Don Juan; q' si bien tenia noticia de sus apercibimientos le hauia parecido asta alli seria para cosa de menos importancia, q' lo q' imaginava, viendo q' no solamente apercibia toda la noblesa de su Reino, mas aun se valia de muchos nauios gruessos de estrangeros; i q' un Principe de tan levantados espiritus no se moveria sino a grande empressa. Que quanto menos certidumbre auia de su animo tanto cada uno mas se recelava, i q' entre lo q' se discurria en Hespaña, era q' armava contra dos cosas q' le tocavan, o contra el Reino de Aragon por confederacion con el Conde de Urgel, q' le hazia largas promesas de lo ageno; o contra el Reino de Sicilia, en q' el tenia tanta parte. Que considerase la buena voluntad q' siempre en el hauia hallado para sus cosas, i el derecho q' tenia al Reino de Aragon, no solamente juzgado por sentencia de los mayores letrados, mas confirmado por el Sumno Pontifice; en q' estaua en pacifica possession obedecido, i jurado por su verdadero Rey, i q' no quissiesse contra justicia, i lo q' assi mismo debia por ser principe, dotado de tantas virtudes, mouerse contra el. Escuchó el Rey la embaxada, i sin dilacion respondio asegurando a los Embajadores: Que no armaua contra el Rey Don Fernando ni contra cosa q' le tocase, i q' con mayor guesto le ayudaria a ganar otros reinos a q' tuviesse alguna justicia, q' desposserle del q' con tanta gouernaua. Que se hallava con notable sentimiento de no poder descubrirle su intencion en aquella empressa; i q' auiendo de manifestarla a algun principe, a ninguno le descubrira primero, mas q' consintiendo el buen successo principalmente en el secreto, no le hauia fiado de nadie asta entonces. Con esta respuesta se despidieron los Embaxadores bastantemente satisfechos, i no menos con las marcedes, q' les hiço el Portugues. Llegados a Aragon fueron bien recebidos de su Rey, q' siempre se ocupaua en alavanças de Don Juan por su gran espiritu e valor incomparable.

Grandes fueron los recelos de los Reyes de Castilla, i Aragon, pero mucho mayores los del Rey Moro de Granada, particularmente sabiendo q' Castilla i Aragon se hauiam asegurado por sus embaxadores: i lo q' le acrecentaua mas el temor de q' a el i a su Reino amenaçaua esta tormenta: era la consideracion de q' el Rey Don Juan no auia acetado jamas los muchos offrecimientos, q' le hiço contra Castilla, assi de gente como de dineros, quando andavan mas vivas en Portugal las guerras con aquel Reino, i no solo esto, mas ni hazer con el pazes, ni treguas, i viendo q' no tenia el Portugues enemistad declarada con otro Principe, presumia, q' por la diferencia de Religion, i por el zelo q' demostrava de aumentar la Catholica, intentava hazerse señor del Reino de Granada, por sus puertos maritimos. Con esta consideracion se resolvio a embiar sus embaxadores a Portugal; i lo q' contenia la embaxada era, q' bien sabia q' jamas entre los Reinos de Portugal, i Granada auia auido discordia, antes

los vassallos de uno, i otro Reino contratavan amigablemente. Que el le tuvo siempre por Principe de grandes virtudes; i q' esto le hauia obligado a buscarles muchas vezes con sus presentes, cosa q' no hauia hecho con otro Rey Christiano. Que en su Reino era publico, q' todo el poder q' aprestava en Portugal era contra el, i q' no haviendo nueva ocasion para esperarlo, le pedia q' por verse el, i sus vassallos libres de aquella sospecha, le embiasse seguridad, para q' no cessassen los contratos de ambos Reinos como empecava a succeder como publicavan los mercarderes, por los auisos q' tenian de Portugal. Respondio el Rey: Que no hauia cousa para q' del se tuviesse tal sospecha; por q' aun q' aprestaua sus gentes, i armadas para embiar a sus hijos a cosas que tocavan a su servicio su intencion estava mui lexos de lo q' en Granada se pensava. Que no hallava razon para hazer la seguridad q' se le pedia, i q' assi dixessen a su Rey, q' pues no auia tenido con el nunca enemistad, ni guerras; era escusado, hacer novedad alguna.

Quedaron poco satisfechos los Embaxadores de la respuesta, i como trayan orden para hablar a la Reina Doña Felipa, quando no hallasen la acojida q' deseavan en el Rey; la visitaron de parte de la de Granada, a q' ellos llamavan la Rica fiera, i era la principal muyer del Moro, dixeronla de su parte. Que pues las mujeres podia lo q' querian con sus maridos, favorecciese con el Rey su protencion, y pues tenia para casar a la Infanta su hija, le prometia para su boda el mas rico axuar, q' jamas se huuiesse dado a Prinçesa Mora ni Christiana. Respondio la reina: Que entre los Principes Catolicos no se entrometian las mugeres en governar a los maridos, particularmente en materias publicas, i de sus estados, para las cuales tenian sus Consejos. Que instassen al Rey, i q' si su peticion era justificada estuviessen ciertos, que seria bien oida. Los moros, viendo q' ni con el Rey, ni con la Reina podian concluir el principal punto de su embajada, intentaron vencer con promessas i dadivas a Don Duarte, para q' se les concediesse esta seguridad, i la respuesta q' en el hallaron fue: Que los Principes de Portugal no vendian sus buenas voluntades por precio de dinero, ni les movia el interes a los beneficios q' hacian, ni al Rey se podian proponer cosas, q' no fuessen justificadas. Que no hauia nueva causa para hazerse la seguridad, q' el Rey de Granada pedia, ni motivo alguno para sus desconfianças, i q' assi parecian injustos sus temores. Assi se despidieron los embaxadores Granadinos mal satisfechos.

CAPITULO 19.°

Prosiguen los aprestos. Entra el Infante Don Henrique en Lisboa con su escuadra; muere la Reina, parte el Rey.

La fama desta jornada truxo muchos señores extrangeros a militar debaxo de las victoriosas vanderas del Rey Don Juan, cuyo valor era conocido en todo Europa. De Alemania vinieron entre otros un Duque, i un Baron (cuyos nombres no dexaron en memoria los Escritores) a offrecersele para acompañarle en aquella expedicion, si bien el Duque le pidio le declarase a donde iva, por q' contra tal principe podia hazer la jornada, q' le seria imposible seguirle. Mas no pudo alcançar lo q' pretendia, pues solamente alos del Consejo se comunico el intento, se boluio a su patria. Quedose en Portugal el Baron, sirviendo con quarenta hombres, i lo mismo hizieron otros Cavalleros de Francia, l de otros Reinos.

No se descuidavan entre tanto el Infante Don Enrique, i el conde de Barcelos en lo q' les tocava de las levas, i apressos en las prouincias de entre Duero i Miño, i de la Beira; i sabiendo el Rey q' todo estava a punto para poder hazer el viaje a Lisboa, les ordenó q' sin dilacion partiessen. Assi lo hizieron con una luzida, i bien armada flota, entrando en Lisboa con notable ostentacion i luzimiento de la mayor parte de la nobleza de aquellas dos provincias. Eran los capitanes de las galeras; el Infante, su hermano el Conde de Barcelos, Don Fernando de Bergança, hijo del Infante Don Juan; Gonçalo Vazques Coutiño, Mariscal de Portugal, Juan Gomez da Silva, Alferez Mayor del Rey, Vasco Fernandez de Ataide Governador de la Casa del Infante; Gomez Martines de Lemos, ayo q' auia sido, del Conde de Barcellos. Los capitanes de Nauios, de q' quedo memoria eran, Don Pedro de Castro; Gil Vazques de Acuña; Pedro Lorenço de Tauora; Diego Gomez da Silva, Juan Alvarez Pereira, Gonçal Eanes de Sousa, Martin Lopes de Azeuedo, Luis Alvarez Cabral, Fernando Alvarez Cabral su hijo, Estevan Suarez de Melo, Garcia Moniz, Men Rodriguez de Refoyos, Alvaro da Cuña, Vasco Martinez de Albergaria, Alvaro Fernandez Mascareñas, Aires Gonzalo de Feiguereado, que siendo de 90 años, quiso hallarse en esta jornada, sin ser llamado, con grande acompañamiento, Juan Rodriguez de Saa, Payo Rodriguez de Saujo, Garcia Moniz, Fernan Lopez de Azeuedo, Martin Alonso de Souza, i Fernam Lopez de Azevedo. Com esta luzida escuadra entro el Infante Don Henrique em Lisboa.

Auia por este mismo tiempo peste en Portugal, i cundia con gran vehemencia por el innumerable pueblo de Lisboa, i aunque los Reyes procuraron escaparse de su furia passandosse a Odiuelas, alli hirio a la Reina Doña Felipa, q' a los 19 de de junio de 1415, pago la comun deuda con general, i bien merecido sentimiento de todos sus vassallos, por ser de las mas heroicas Reinas que tuvo Hespaña. Con este nuevo accidente tomaron otro color las prevenciones, por q' la maior parte del Reino disuadia ya la jornada, i cobro ya tantas fuerzas esta opinion, q' aunque el Rey se hallava anegado con el justo sentimiento de tal perdida, i no podia asestir a tomar los pareceres de cada uno, ordeno a su hijo Don Duarte convocasse a los del Consejo, i les pidiesse sus pareçeres, i q' a el se le diesse cuenta de la resolucion, q' se tomasse. Hizolo assi, conuocandolos en un lugar, llamado Rastelo, donde oi esta edeficado el insigne, i Real convento de Belen de la Orden de San Geronimo. Eran los que votavan 14, y diuidieronse en partes iguales; por q' los tres Infantes Don Duarte, Don Pedro i Don Henrique con otros quatro fueron de parecer q' la jornada se prossiguiesse, i los otros siete q' no. Decian aquellos que tanto trabajo como auian costado las prevenciones, y tan grandes dispendios hechos no era razon quedassen frustados, siendo la empressa tan del servicio de Dios. Que la muerte de la Reina no podia ser estorbo, pues solamente ocasionaua la presente tristeza, q' con el divertimento del viaje, i con el logro de la victoria se mitigaria. Que seria de descredito grande a la nacion Portuguesa saberse en el mundo, estando tan divulgada aquella expedicion, q' cesava por falta de una Reina q' era mortal, siendo cosa, en q' tan empeñada se hallava la reputacion del Rey, i del Reino todo.

Los de contrario parecer, decian q' si se dirigia al servicio de Dios aquella jornada, claramente auia el mostrado, q' no se dava por bien servido della, por q' no solo auia embiado al Reino la cruel peste, que padecia, sino amenaçado con el espantoso eclipse en la ocasion de la muerte de la Reina, el mayor q' auia visto aquel siglo, pues duro dos horas enteras al mundo todo entinieblas. Que siendo la peste en Lisboa tan grande, sin duda se encenderia con mayor vehemencia despues de embarcado el exercito con el aprieto de la gente, i no quedaria persona con vida. Que el mejor remedio era dexarla esparcir, no solo por euitar la perdida del comun, mas por q' no se arriesgassen a q' muriesse del contagio tal persona, q' su falta fuesse mayor q' la de Reina. Que si asta aora se auian fundado las esperanças de la victoria en la virtud, i oraciones desta señora ya faltava, i con ella lo mismo en q' estribauan sus esperanças. Que parecia se mostrava pequeño, o ningun sentimiento de tal perdida, pues acababa de enterar sin poner tiempo en medio se emprendia una guerra voluntaria. Que con tan nuevo accidente necessitava el Rey de disponer algunas cosas, para q' convenia a lo menos tiempo de un mes, i q' hallandosse en fin de Julio, no podian partir antes q' en el

de Agosto, q' era principio de imbierno, en q' no se podia emprender faccion de importancia en la boca del estrecho sin notable riesgo.

Assi discorrian unos i otros, con q' parecio dar cuenta de lo q' se votava al Rey, para q' se nombraron los Infantes i otros tres de la parte contraria, q' propusieron los fundamentos de cada una con admiracion del Rey de q' huuiesse quien fuesse de parecer, q' se dilatasse la jornada, i por ultima resolucion les dixo. Que esto no hauia mas q' discurrir, por q' el auia de estar embarcado el miercoles siguiente, q' era dentro de quatro dias, i q' assi estuuiesse todo pronto. I por q' en ocasiones tales es de no pequeño embaraço la tristeza, mando q' cesassen los lutos, i se vistiessen todos su galas, dexando para otro tiempo las demostraciones de sentimiento debido a tal perdida. Fueron los primeros los Infantes; a estos siguieron los señores i caualleros, i con su exemplo todo el exercito. Los nauios, i galeras, se empavesaron, i toldaron; sonavan de unos i otros las trompetas, i tambores, todo eran demostraciones de alegria, con el pueblo, i los soldados se alentavon, i si bien entre los mas discursivos, no faltavan muchos q' reprobavan la jornada en aquel tiempo, i particularmente el q' el Rey se hallasse en ella.

Llego el miercoles, i cumpliendo su palabra el Rey, se embarco en una galera, de q' era capitan su hijo bastardo Don Alonso, adonde le fueron hazer compañia los Infantes, i otros muchos señores. Passó aquella en Restelo, i otro dia, q' fue bispera de Santiago, dio vista a Santa Catalina de Ribamar, para q' con esto se recogiese la gente a la armada con mas brevedad. Desde alli hizo señal de partir, i lo mismo todos los otros nauios, i galeras, i largando, las velas se empeço aquella feliz jornada. Era el Rey capitan de las galeras, i el Infante Don Pedro de las naos; los otros capitanes, q' quedaron en memoria fueron: El Principe Don Duarte, el Infante Don Henrique, el Conde de Barcelos, primer Duque de Bergança, Don Fernando Señor de Bergança, hijo del Infante Don Juan, Don Alonso de Cascais hijo del mismo Infante, Don Nuño Alvarez Pereira, Condestable de Portugal, Don Lope Diaz de Sosa, Maestre de Christo, Don Alvaro Gonzalez Camelo, Prior del Hospital de la Orden de San Juan, Gonzalo Vazquez coutinno Mariscal de Portugal, Misser Carlos Pessano, Almirante del Reino, Don Pedro de Menesses Conde de Viana, Alferez del Infante Don Duarte, Alfonso Furtado de Mendoça, Capitan mayor de la mar, Don Juan de Noroña, Don Henrique de Noroña su hermano; Don Juan de Castro, Don Fernando de Castro su hermano, Lope Alvarez de Moura, Gonçal Yanes de Sousa, Don Alvaro Perez de Castro, Don Pedro de Castro su hijo, Martin Alfonso de Melo, Guarda Mayor del Rey, Nuño Vaz de Castelblanco, Lope Vaz de Castelblanco, Pedro Vaz de Castelblanco, Gil Vazquez de Castelblanco, Juan Suarez de Castelblanco, Diego Suarez de Castelblanco, todos hermanos, hijos de Gonçalo Suarez de Castelblanco, señor de la honra de sobrado;

Juan Vazquez de Almada, Pedro Vaz de Almada, i Alvaro Vaz de Almada, sus hijos, Nuñoz Martinez de Silveira, Diego Gomez de Silva, Juan Gomez de Silva, Alferez Mayor del Rey, Gil Vaz de Acuña, Vasco Martinez de Acuña, Diego Suarez de Alvergaria, Pedro Lorenço de Tauora, Juan Alvarez Pereira, Gonçalo Lorenço de Gomide, Secretario de la puridad, Juan Alonso de Santarem, Gonçalo Nuñes Barreto, Alvaro Mendez Cerveira, Mendo Alonso Cerveira, su hermano, Diego Lopez de Sousa, Vasco Fernandez coutinno, Alvaro Gonçalez de Ataide, despues primero Conde de Atouguia, Vasco Fernandez de Ataide, su hermano Gouernador de la casa del Infante Don Enrique, Gonçalo Pereira de Bousela, Ruy Vaz Pereira, su hermano, Aluaro Pereira sobrino del condestable, Juan Rodriguez Saa, Martin Vaz de Acuña, el Doctor Martin Docem, Alfonso Vaz de Souza, Martin Alonso de Souza, Juan Mendez de Vasconcellos, Airez Gonçales de Figueredo, Gonçaleanes de Abreu, Gomez Martinez de Lemos, ayo q' fue del conde Barcelos, Juan Alonso de Brito, Diego Alvarez maestre Sala del Rey, hijo de Aluaro Paez, Luis Alvarez Cabral, Fernando Alvarez Cabral, su hijo, Diego Fernandez de Almeida, Alvaro Fernandez Mascareñas, Alvaro de Acuña, Juan Alonso de Alenquer, Ruy de Sousa, Estevan Suarez de Melo, Fernan Lope de Aceuedo, Rui Gomez da Silva, Juan Fraile de Andrada, Gonçalo Pereira de las Armas, Lopez Dias de Aceuedo, Martin Lopez de Aceuedo, Gonçalo Lopez de Aceuedo, Alcaide Mayor de Alenquer, Garcia Moniz, Diego Lopez Lobo, Pedro Gonçalez Malafaya, Luis Gonçalez Malafaya, su hermano, Pedro Peixoto, Juan de Ataide, Juan Pereira, Ruy Vazques Ribeiro, Alvaro Ferreira q' despues fue Obispo de Coimbra, Gomez Ferreira su hermano, Alvar Yanes Sarnache, Juan Rodriguez Taborda, Aluaro Peixoto, Pedreanes Lobato, Pedro Gonçales Curutelo, Gil Vazques de Barbuda, Bernandim de Barbuda, Men Rodriguez de Refoyos, Aluaro Nogueira, Payo Rodriguez de Araujo, Juan Fogaça, Vasco Martinez de Carvallal, Fernan Vazquez de Sequeira i Fernan Gonçalez del Arca. Todos ellos eran capitanes vivos, i ivan otros muchos Caualleros Portugueses i forasteros de Alemania, Francia, i Inglaterra, i deste Reino vino un Señor con cinco nauios bien petrechados, i muchos soldados. En Portugal quedaron muchos fidalgos repartidos en guarda delas fronteras; i por gouernador del Reino i guarda de los Infantes niños Fernando Rodriguez de Sequeira Maestre de Auis.

CAPITULO 20.º

Lo que passo en el viaje asta fundarse el exercito en el mar de Ceuta.

Fue esta armada, la mayor que en aquel tiempo vieron los mares de Hespaña. Quantos fuessen los vasos, de q' constava, i quanta la gente de guerra de q' se componia, no lo dixo Gomez Eanes de Zurara, q' escriuio esta jornada, descuido culpable, siendo memoria tan sustancial, i el, escritor de aquellos tiempos, en q' no faltaran noticias a qualquiera mediana diligencia. Geronimo de Zurita, dixo q' constava de treinta i tres naos, cinquenta i nueve galeras i ciento e veyente nauios menores. El epitafio del Rey Don Joan, q' esta en el Convento de la Batalla, (i a su autoridad se deue mayor credito, como escrito en el Reino, i poco despues del succeso) dice q' constava de mas de duzientas i veyente velas entre todas. Ni uno, ni otro hace memoria del numero de la gente, mas por mayor se puede conjeturar cual seria por el de los vasos. Partio pues aquella lustrosa Armada con sentimiento de lo q' quedavan en Portugal, viendo empeñado en jornada, cuyo fin no se sabia, no solo a tantos Principes tan amados; mas a su mesmo Rey tan querido, q' causo muchas lagrimas en el Reino. Igual al sentimiento de los q' quedavan era la alegria de los q' partian, juzgando segura la victoria debajo de la vandera i disciplina de tan valiente i dichoso capitan. El sabado siguiente llegaron al cabo de San Vicente, i quando le doblaron en veneracion de las reliquias de aquel sagrado promontorio, calo la Armada sus velas, y aquella noche dio fondo en la bahia de Lagos. Domingo salio el Rey en tierra, i juntando su consejo, determino se declarase la jornada, como lo hiço en un sermon frai Juan de Xira su confesor: publicó juntamente la bula de la cruzada, q' el sumo Pontifice auia concedido a los q' fuessen a servir a Dios en aquella Santa empressa. Estubo el Rey alli hasta el miercoles siguiente q' partio a la ciudad de Faro, i por q' calmo el viento se detuvo asta otro miercoles 7 de Agosto, dia en q' puso la proa en el Estrecho, i antes de embocarle, se detuvo en el paraje de Tanjar, asta q' anocheciesse, por passarle sin ser visto, como se hiço.

Sabado siguiente passo el Rey entre las Algeciras, cauzando grande espanto, i temor a los Moros de Gibraltar, i a todos los de aquella costa. Los de Gibraltar le embiaron un gran presente, que remetieron en nombre de los vezinos. Disculpandosse de embiar cosa tan limitada a Principe tan grande, i certificandole q' no se le offrecian con menos voluntad, i gusto q' lo hizieran al Rey de Granada, si estuuiera presente; por q'

entendian q' qualquiera seruicio q' le hiziessen seria a su Rey por tan agradable como si fuera hecho a su persona. Que no estrañase el ver q' cerraban las puertas, i se disponian para la defensa, por q' sauia no auia querido dar seguridad al Rey su señor auiendosela pedido por sus Embaxadores. Ultimamente le pedian les declarasse su intencion en quanto les tocava. Respondio: quanto no lo hauia declarado al Rey de Granada, no seria raçon lo declarasse a ellos: q' el prezente acetava por darles gusto, i hazerles merced en algo. Quedaron tristes, i confusos los Moros con la respuesta, y viendo q' la Armada estaba surta en frente, se persuadieron a que auian sido contra ellos tantas preuenciones. Estaua por Alcaide, en Tarifa, un ilustre Portuguez llamado Martin Fernandes Puerto Carrero, q' uiendo la ostentacion, i hermosura de la armada, dixo: q' no podia ser de otro Principe q' del Rey Don Juan de Portugal, cuyas obras eran en todo grandes. Embiole luego a visitar por su hijo Pedro Fernandez Puerto Carrero con copioso refresco, disculpandosse de no acompañarle en la jornada por tener a su cargo aquella fortaleza del Rey de Castilla su señor: agradecido el Rey cuidado, i despues yendo a Portugal, le hizo muchas mercedes de joyas, i dinero, i lo propio hicieron los infantes.

Lunes siguiente, queriendo el Rey proseguir su viaje para Ceuta, sobrevino una niebla q' no dexo nauegar derechamente. Todo los nauios de alto bordo se hallaron despues en el paraje de Malaga; solo el de Estevan Suarez de Melo, i las galeras Fustas, i Nauios pequeños passaron aquel dia en frente de Ceuta, vista q' causo cuidados a sus vezinos, i fuera mayor si vieran toda la escuedra en la Bahia. Cerraron las puertas, i coronaron de gente las murallas, mas por ver la hermosura, i vizarria de la flota, q' intento de defenderse. Çalabençala, Señor de Ceuta, i otros Moros prudentes, entraron en mayor cuidado, i escriuieron con breuedad a los lugares vecinos, q' acudiessen con armas a aquella ciudad para ponella en defensa, asta q' se declarasse el intento del Rey de Portugal. Los Moros desde las murallas empeçaron a hazer algun daño con las ballestas, aunq' poco porq' las galeras estauan apartadas de la muralla, menos la del Almirante, q' auiendo surgido mui cerca de la playa, que do mas sujeta al peligro. Aunque fue aduertido q' se apartasse; respondio: que a aquel puesto le auia lleuado su dicha, i q' en auia de perseverar mientras pudiesse. Salieron algunos Moros de la plaça a escaramuçear en la playa, i algunos moros hicieron lo mismo en bateles, en q' perseueraron, con poco daño de una, i otra parte, hasta q' los Moros ganaron un peñasco: q' estaua junto ala marina, de donde podian hazer mayor daño: fue ganado luego por Estevan Suarez de Melo, con muerte de algunos Moros los otros se recogieron a la plaça. Otro dia vispera de la Assumppcion de Nuestra Señora, se passo el Rey de la otra parte de la Ciudad, q' se llama Barbaçote con intento de aguardar los nauios q' se

auian desgarrado a Malaga; i auiendo tomado aquel puesto, por q' tardauan, embio al Infante Don Henrique en su galera para auisar a su hermano Don Pedro, q' viniesse con toda la flota juntarsse con el, como se hiço el otro dia. Estando el Rey para salir a tierra, algunos mal disciplinados, lo hizieron sin orden, i trabandosse con los Moros, escaramuçando en la playa, se embarcaron de manera q' cayo muerto un Portuguez, q' alboroto tanto a los de la flota, q' sin orden saltaron a tierra a vengar su muerte, si el Rey no acudiera a tierra a defenderlo, i el salir fuera causa de perderse todos, por la ventaja de gente, i de puesto con q' se hallavan los Moros.

Auiendosse recojido los nuestros a los nauios, sobrevino una tempestad tan recia, q' obligó a toda la Armada a levantarse de aquel puesto, en q' no podia estar sin gran peligro, i buscar la otra parte de la Ciudad, q' fue permission diuina, por q' sin duda en aquella se perdieran todos si desembarcaron. Doblaron las galeras la punta de Almina, i se fueron segunda vez a la Algeciras; los nauios no pudieron hazer lo mismo con tanta breuedad, i assi sustentaron la tormenta asta q' cesso, q' fue mui en breue. Quedaron los Moros algo desahogados sin la vecindad de nuestra Armada, no entendiendo q' esta fue la principal razon de perderse la ciudad, por q' estando el Rey determinado a desembarcar por la parte de Barbacote, fuera su perdicion si lo intentaua, por ser aspera, i fragosa, i grande la multitud de Moros, q' la defendia, por q' ademas de la gente de la ciudad, auian concurrido mas de cien mil barbaros de los lugares circunuecinos, i pensando ellos q' la tormenta les auia librado ya del prezente cuidado; por q' los q' hauian concurrido a la defensa, hazian grandes daños en la Ciudad, i en sus campos requerido de los vecinos los despidio Çalabençalá, agradeciendoles la voluntad con q' le socorrieron, i asegurandoles la poca necesidad q' tenia ya de su presencia.

Viendosse los de nuestra Armada apartados de Ceuta con la tormenta, pensaron generalmente, q' el Rey sin intentar otra cosa se bolvia a Portugal. Fueron diuersos los juicios, sobre la jornada, i los pocos fundamentos, con q' se intento tan importante empressa, i el pueblo como desempenado, echaua la culpa a Alvaro Gonçales Camelo, el q' hauia ido a Sicilia, i de passo se informo de las cosas de Ceuta. Dician q' los auia traido alli vendidos por dineros q' le hauia dado Çalabençalá, quando estubo en aquella ciudad; i q' sin duda perecieran todos si huuiera salido el exercito a tierra, i no solo lo decia el pueblo, sino tambien en la mayor parte de los nobles. El Rey en tantas confusiones, llamo a los de su Consejo, i les propuso: el dispendio, i trabajo q' le auia costado aquella Armada, i el estado en q' se hallava, i lo q' se auia obrado asta alli; mandandoles dixessen lo q' se debia hazer. Diuidieronse los del Consejo, porq' unos decian: se insistiesse en la conquista de Ceuta; otros q' se dexasse por la de Gibraltar; i los ultimos q' se bolviessen a Portugal sin

intentar otra cosa. De los primeros fueron los principales los Infantes, decian estos: que se ponderasse quanto tiempo auia q' el Rey dio principio a esta empressa, dos gastos para tan poderosa Armada, quanto se hauia monido asta llegar aquel estado; lo mucho q' estava publicada en el mundo, por q' aun q' en los principios, se auia encubierto la empressa de Ceuta ya oi estava divulgada: q' seria nota de liuiandad grande, desistir de lo intentado. Que levantar el sitio, despues de puesto no seria tan grande nota, por q' podrian succeder accidentes q' lo ocassionassen; mas salir de alli aviendo demostrado a los de Ceuta q' los buscavan, pareceria al mundo, q' les hauia acobardado la multitud de los Moros; i quedavan orgulhosos, i soberbios para infestar las costas del Algarve, i Portugal con mayor ousadia, i atrebimiento q' asta alli. Que su parecer era se bolviesse a la Ciudad, q' la sitiassen, i la combatiessen, i q' pues aquella empressa era tan del servicio de Dios, no faltarian sus auxilios, para la victoria. Assi discurrian los Infantes, el Conde de Barcelos, i los pocos q' los seguian.

CAPITULO 21.º

Prosiguen los pareceres varios sobre la empressa: contra el parecer cómun se resuelve el Rey en sitiar la Ciudad, i lo q' a esto succede.

Los q' persuadian la empressa de Gibraltar decian: q' si fuera possible sitiar e ganar a Ceuta, aunq' fuese acosta de la sangre de todos los Portugueses, no seria justo desistir de tan honrada empressa, pero hauia muchas dificultades para conseguirse, por q' era contra todos los Moros de Africa, q' acudirian a defender tan importante ciudad, como puerta a los Portugueses para hazerse señores de sus Provincias. Que siendo tan grande el circuito de la plaça, era limitadissimo el exercito para atacarla, i necesario para hacerlo que se juntassen todas las fuerças, i el poder de Hespaña. Que los bastimentos que llevavan eran pocos para lo q' podia dilatarse el sitio, i q' no hauia de donde viniessen tan presto. Que ya q' auian salido de su casas; i el Rey, i los Infantes se hallavan por sus personas empeñados en la jornada, no era justo se fuessen a Portugal sin emprender algo. Que esto fuesse ganar a Gibraltar, q' era empressa menos dificultosa. Que se hallavan ya en 19 de Agosto, i para desembarcar el exercito, tomar los puestos, disponer las estancias assestar la artilleria y preparar las maquinas, eran necesarios muchos dias. Que entraua el inuierno, tiempo en q' no podria parar en la bahia de Ceuta, la Armada por las impetuossas corrientes del estrecho, i q' quando pudiesse conservarse alli seria afronta grande levantar el sitio

puesto una vez, pues hauiendo el Rey Don Alfonso el XI de Castilla estado sobre la Algezira once meses, era fuerça se dilatasse mucho mas la conquista de Çeuta, asi por la fortaleza de la Plaza, como por los continuos, y poderossos socorros q' tendria de la Berberia, i q' hauiendo de dilatarse tanto tiempo el sitio para pagar los fletes de los nauios extrangeros (quando quissiessen esperar) era necesario un gran tesoro, sin los q' se debian gastar en el exercito. Decian ultimamente, que solo se auia de buscar la gloria por medios honrosos sin emprender guerra alguna sino por la seguridad de los suyos, que aventuraria aora sin causa forçosa, o graue a un successo incierto, por q' no saliendo bien del, tenian esta condicion las cosas de los grandes, q' en el mismo punto q' començavan a correl mal, como un Rio caudalosso lo llevavan todo consigo; i no debian prometerse tanto de las pocas preuenciones del enemigo, pues que la ultima necessidad se convertia en furor, i hazia animosos, i fuertes alos q' desesperavan de la vida, o libertad.

Los ultimos q' eran de parecer se boluiessen a Portugal para excluir el intento de proseguir lo de Ceuta, se valieron de las razones de los segundos; i para disuadir la empressa de Gibraltar, decian. Que intentar aquella enpressa seria offensa grande contra el Rey de Castilla, de quien era propia la conquista, i con quien tenia pazes Portugal, q' intentandosse esto no podia extrañarse se hiziessen invasiones en el Reino mientras los Portugueses se ditenian en Sitiar a Gibraltar, pues se hallavan con fundamento para quebrar las pases, cosa q' seria de notable daño al Reino, i de perjudicialissimas consequencias a todos. I q' pues aquella empressa se hauia empeçado por el servicio de Dios, el se daria por pagado de sus buenos intentos, quanto se deseruiria de q' se intentasse con perdida de tanta gente sin esperança alguna de victoria. Escuchó el Rey los pareceres de todos, i sin declararles la determinacion q' tomaua, ordeno q' toda la armada se pussiese en la punta del carnero, resolucion bien recibida de la mayor parte, por q' se penso generalmente, q' era de bolverse a Portugal.

Surtos los nauios en la punta del Carnero, salio el Rey a tierra, i llamando a consejo manifesto su determinacion, de proseguir la conquista de Ceuta, por q' auiendo tantos años q' disponia aquella jornada, de la qual el mundo esperaua successo, seria afrenta grande desistir despues de auer llegado a uista de la Cuidad, por q' ya no se podia atribuir la retirada atemor, i q' auiendo publicado, q' lo q' buscaua, era la Ciudad de Ceuta, empresa de tanta honra, i reputacion, seria mengua del valor portuguez, i descredito de tantos aprestos intentar cosa de tan poco nombre como ganar a Gibraltar, limitada villa de Andaluzia, cuya conquista era propia de los Reyes de Castilla, i q' assi aquel dia iria sobre Ceuta, tomar tierra en el siguiente, i proseguir el sitio asta acabarle como esperaua en Dios lo hazia. Que en quanto a esto no les pedia consejo, unicamente se lo diessen en quanto a la parte por donde desembarcaria el exercito.

Huuo en esto no menos alteraciones q' en lo primero, por q' el Rey queria asentar su exercito en la Almina contra la opinion de todos, por q' era uniforme en los mas experimentados se sitiasse la plaça por la parte del campo, i impidir los socorros, q' por ella devian intentar los Moros, cuyo poder todo era por la parte de tierra, por q' intentarlo por la Almina siempre quedavan sus puertas abiertas a los socorros de Berberia, i sus campos libres para recojer los frutos, i dando los asaltos a la Ciudad por una sola parte concurreria a ella toda la fuerça de los Moros, con q' no solo seria la empressa dificil, mas imposibele.

El Rey estubo en su opinion de combatir la ciudad por la Almina; diciendo, q' su intento era atacarla, i llevarla por fuerça de armas, i no por hambre. Que intentandolo por aquella parte no tendria otro cuidado, que pelear con los de la ciudad, e sitiando por el campo, era forçoso tener otro, offendiendo aun mismo tiempo la plaça, i defendiendosse de la multitud de Moros, q' de toda Berberia auia de concurrir al socorro. Siguiosse este parecer por raçon, i por obediencia. I por q' el Infante Don Henrique, quando se determino esta jornada en Lisboa, auia suplicado a su padre: que quando llegassen a Ceuta le diesse ael la gloria de ser el primero, q' saliesse a tierra, cuya respuesta auia dilatado el Rey para este dia; entonces se boluio a el diciendole, que acordado de su peticion, le concedia lo q' le auia pedido en Portugal, por q' queria, q' en esta empressa, no entrasse como compañero, mas como principal caudillo. Ordenole q' con los nauios q' trahia a su cargo se fuese a la Almina; i q' el con la suya se pondria de la parte de los baños, para q' viendo los Moros q' quedaua alli la mayor, i mas principal parte de la Armada, acudiessen aaquel puesto con el gruesso de su gente, i quedasse mas facil la desembarcacion por la parte de la Almina. Que para haserla esperase señal y auista della desembarcasse su gente, i se firmasse en la playa, i q' al puesto seria con el resto de la Armada en su ayuda. Gozoso el Infante con esta merced, beso la mano al padre, i al punto con los nauïos q' le repartieron se encamino a Ceuta por la parte de la Almina, i se puso en el puesto señalado. Sobreuino la noche, i viendo los Moros la armada Portuguesa enfrente de su ciudad, por desalentar nuestra gente y mostrar la mucha q' tenian, i quan sin miedo se hallavan, pusieron luminarias en todas las ventanas, i murallas, vista hermosa por la grandesa, i adorno de aquella ciudad. Amanecio, i entrandose el Rey en una galeota q' tenia preuenida, aunq' a la entrada se hirio en una pierna, armado de todas pieças salio acorrer los nauios, animando su gente y a todos dexo tan alentados, i deseosos de embestir, q' temian mas la dilatacion q' el mismo peligro. Dioles orden q' ninguno saliesse a tierra sin q' primero el Infante Don Henrique estuviesse apoderado de la playa, mas q' se hallassen tan prontos q' no huuiesse tardança entre el desembarco del Infante, i su socorro.

Çalabençala señor de Ceuta, Tanjar, Arzila, i otros lugares de aquella pla-Costa, q' se hallava en Ceuta, era valeroso, i prudente Capitan de la familia de los Merines ilustrisima en Africa, como viejo, i experimentado, viendo al Rey Don Juan con tal poder enfrente de su cuidad, temio la eminente ruina della, i de todo su estado Acordauasse q' tenia alli un rey q' con tam poca gente auia alcançado tan gloriosas victorias de sus contrarios, q' auia eterniçado su fama, i asegurado la corona. Consideraua el secreto con q' emprendio esta jornada, tal q' no supo Ceuta su peligro, asta q' le vio junto a las murallas. Discurria q' empeñarse el Rey en tal conquista por su persona, i las de sus hijos, no seria sin bastantes fundamentes, i muchas esperanças de victoria. Por otra parte, sin las disposiciones, i apercibimientos para la defensa, sin tiempo para valerse de sus vezinos, i confederados, i con las noticias del valor de aquella nacion, con quien hauia de venir brevemente a los manos, consideraciones muy ajustadas a sus años, i prudencia, i q' le hizieron temer el successo, i dar por asegurada su ruina. No faltavan alientos a sus desconfianças, porque muchos Moros moços que le acompanavan, deseosos de ganar honra, i como poco experimentados, le alentauan, i le prouocauan a la defensa asegurandole la vitoria.

Esperava el Infante Don Henrique firme en su puesto la señal de su padre para desembarcar; i viendo los noestros q' tardaua sufriendo ma tantas dilaciones, i q' estuuiesse la playa ocupada de Moros, que desafiavan empeço el desorden, i fue el primero, q' embistio la playa en su batel Joan Fogaça, Mayordomo del Conde de Barcelos, i el primero q' del salio a tierra Ruy Gonçales, Mayordomo, q' fue despues de la Infanta Doña Isabel, muger del Infante Don Juan, i Comendador de Saña. Este embistio valerosamente con los Moros, opuestos a su desembarco, q' en breve les hizo apartar del puesto, en q' auia de tomar tierra la gente de su batel, i aunq' con gran riesgo, consiguio lo q' deseava. Empeçada este dichoso desorden, el Infante Don Henrique, por socorrer u su gente salto al instante en un batel q' tenia prevenido, ordenando le acompañasen Estevan Suarez de Melo, i Mem Rodriguez de Refoyos su Alferez, i mandando tocar acometer, salio a la playa con la poca gente, q' llevava, quando ya Ruy Gonçalez, el q' salio primero andava entre los moros, obrando no ordinarias hasañas, i hauiendo derribado a sus pies, uno de los principales, i mas valientes, q' le hazian reistencia, debiendosse tambien la gloria de su muerte a un gentil hombre Aleman, q' le acompañava, cuyo nombre quedo olvidado. Viendo Don Duarte q' su hermano auia salido, sin detencion hiço çaspar, i llegandosse a aquella parte, desembarco, i con el Martin Alonso de Melo, i Vasque anes Corte Real, i lo mismo hizieron muchos, sino temieran al Rey, que sin noticia de lo referido andava a este tiempo dando orden a q' desembarcasen.

CAPITULO 21.°

Entrasse en la Ciudad, i lo que obro el Infante Don Henrique su hermano, i otros.

Estavan a este tiempo en tierra, i incorporados ciento cinquenta Portugueses, q' unidos embistieron tan reciamente con los Moros, q' les hicieron bolver las espaldas, obligandoles a entrarse por la puerta de la Almina. El primero q' entro reuuelto con ellos fue Vasques Anes Corte Real: prosiguieron, i en esta ocasion el Infante Don Henrique q' su hermano Don Duarte, venia en su socorro, i haziendole el deuido acatamiento, le dixo q' dava muchas gracias a Dios, de q' le viniesse tan buena compañia, i a el dela brevedad, con q' se dispuso a socorrerle. Unidos los hermanos se abrieron camino para llegar a la puerta de la plaça hiriendo, i matando con singular despejo, ya aeste tiempo hauia numero de trescientos hombres juntos. Ordeno Don Duarte q' hiciessen alto mientras desembarcaua mas gente, por q' huuiesse la bastante a imbestir las puertas de la ciudad, mas los compañeros le persuadieron q' no se detubiesse, antes lograsse la ocasion prosiguiendo el alcance de los Moros, por si rebueltos con ellos podian ganar aquella puerta, por q' a lo menos les apretarian tanto q' no pudiessen cerrarla, mientras acudia nueva gente. Parecio bien este consejo a los Infantes, i sin detenerse siguieron a los Moros con tal impetu, i valor q' les hicieron retirar, i huir de entre unas cisternas, i una fuente. Andava entre ellos, uno de gran cuerpo, color moreno, i horrendo aspecto, q' mientras los otros manejavan las armas, el arrojava piedras con tanta furia, q' no hacia menor daño q' los otros sus compañeros; acertó con una a Vasco Martines de Aluergaria, i librole de su fuerça el yelmo q' llevava; mas el aunq' desatinado del golpe, embistio con tanta osadia a su contrario, q' atrabesandole con la lança le dexo muerto a sus pies. Ocasiono esta muerte q' los Moros se pusiesen en desorden, i huida, entrandosse por las puertas, i los nuestros con ellos occupandoles, i siendo el primero q' entro el mismo Vasco Martines Aluergaria, q' obro este dia prodigiosas hazañas. Llegó la nueva de la repentina entrada a Çalabençala, q' andaua disponiendo la defensa, i luego se acobardo aquel animo valeroso, i empeço a regar sus canas con lagrimas, i desesperado de poder defenderse, apoderados los nuestros de aquella puerta, persuadio a su gente, que pues Dios queria, q' en un instante perdiessen todos la honra, i la propia patria, cada uno salvase la vida como mejor pudiesse.

Don Duarte, i Don Henrique, i el Conde de Barcelos con los q' tenia en su compañia, hasta quiñientos Portugueses, dexando bien guarnecida la puerta, ocuparon una eminencia de la Ciudad, q' estaua cerca, i haziendo alto esperaron nuevo socorro de la armada, q' ya desembarcaua desordenadamente, viendo a los Infantes empeñados. Brevemente se junto un considerable grueso, con q' pudieron repartirse para ganar la ciudad. Estando en este puesto los Infantes, llego Juan Alonso Veedor de la Hazienda, q' fue el primero q' les alentó en Lisboa para esta empressa; i les dixo, viendoles en aquel estado: *Cierto, Señores, q' mejores son las fiestas deste dia, q' las q' el Rey vuestro padre quiso hacer en Portugal para armarvos caualleros: mejor pareceis por estos Calores de Africa con la espada en la mano, q' en los sotanos frescos de Sintra tratando materias de hazienda.* Fue de los Infantes bien recibida la memoria, i de nuevo agradecido el buen consejo, pues les grangeo la honra que ya tenian por asegurada.

No se deve passar en silencio la valerosa accion de Vasco Fernandez de Ataides. Pareciendole q' seria desdoro de su valor entrar por la puerta q' outros ganaron, quiso abrir nuevo camino para ser por otra parte el primero. Em orden desto se apartó con algunos compañeros, i otros q' quisieron seguirle, y costeo la muralla asta llegar a otra puerta, que estava cerrada, i mejor prevenida. Embistiola con notable valor, i con fuego, i instrumentos la rompio, no tan a su salvo, ni con tan poca resistencia, q' no dexasse alli las vidas cinco portugueses, q' se hallavan menos bien armados. Pelearon los moros desde la muralla con teson tan notable q' fue la puerta grande espacio defendida, i si bien huuo muchos heridos com piedras q' arrojavan de la muralla, i entre ellos el mismo Vasco Fernandez de Ataide, fue la puerta entrada e sustentada con increible valor.

Crecian mas los socorros a los nuestros, i viendosse los Infantes con numero bastante para repartirse, i correr las calles, se diuidieron en tres troços. El Conde de Barcelos con un golpe de gente fue ocupando una calle con gran resistencia de los enemigos, i obro aquel dia marauillosas hazañas. Los dos infantes se ocuparon en ganar algunas eminencias cercanas a la muralla; consiguiendolo con peligro, por el valor con q' eran resistidos; mas apoderandosse de la primera q' era importantissima, i en ella se diuidieron los dos hermanos, descendiendo a las calles Don Henrique con su troço, i prosiguiendo Don Duarte en ganar las eminencias importantes. Era notable el calor, i fatigavan demasiados las armas a Don Duarte, i assi huuo de dezaserse dellas. Quedo con una cota, i con la espada en la mano, fue ganando con gran valor todas las eminencias q' le parecieron importantes, asta llegar a la mayor, q' llamavan el sesto. Cada pie de tierra q' se ganaua costava mucha sangre, por q' hauian conconcurrido a la defensa barbaros infinitos, i peleavan por su falsa Reli-

gion, por las honras por las vidas, i por las haziendas. Obro este dia Don Duarte prodigios de valor, testigos fueron todos de lo mucho q' executó, discurriendo de una a otra parte, ensangrentada la espada, i si bien acompañado de valientes soldados, fue siempre el primero en los riesgos i a quien se debe la mayor parte desta victoria.

Los del resto de la armada se preparavan para la desembarcacion, i no tenian orden para executarlo, mas viendo q' los de la esquadra del Infante Don Henrique desembarcavan con tanta prisa, que auiendo entrado en la Almina no bolvian a salir, i q' la fuerça de los Moros concurria toda a la puerta, juzgaron (como era verdad) q' todo estava mas adelante, i se necesitava de acudir a darles calor. Enbió el Rey un batel al Infante Don Duarte con orden de que saliese a socorrer a su hermano, refiriendole el empeño, en q' juzgavan estava, i la respuesta fue decirle, q' ya la ciudad estava entrada, i q' sus tres hijos andavan dentro repartidos por las calles peleando. Con esta nueva hiço tocar las trompetas para q' todos desembarcasen a socorrer a los Infantes, no sin grande enbidia de los q' estavan en la armada, viendo q' salian a tiempo, en que estaua entrada la ciudad, y la hallarian ganada. Repitieronse los auisos y diose prisa al desembarcar, sintiendo los nobles la reputacion q' los otros auian ganado, y los soldados el no llegar a tiempo al saco que se prometian. Al fin llegaron todos a las puertas, y entro el Infante Don Pedro con el resto de la gente. Quedose afuera el Rey, assi por no darle lugar la herida de la pierna aquela trabajase mas, como por que no consintieron los leales vassallos se empeñasse su Real persona en la entrada, hasta q' se empeçasse la espugnacion del castillo. La demas gente se esparcio por la ciudad, por una parte Don Duarte, por otra parte Don Pedro, por otra Don Enrique, y por otra el Conde de Barcelos, por otra el Condestable, y maestre de Christo, y otros por otras partes, hiriendo, i matando en los moros, mas no sin trabajo grande, por que todas las calles estauan llenas de enemigos, que con gran valor defendian su patria, y sus haciendas. Rui de Sosa sobrino del maestre, queriendo aventajarse a los compañeros, embistio con los Moros, por una calle a tiempo q' recrecieron muchos, y le acorralaron en un sitio, q' desde aquel dia quedo con el nombre del postigo de Rui de Sosa, defendiendose valerosamente asta q' fue socorrido. Nuño Martinez de Silueira tambien se dio a conocer, i todos obraron con tal valor, q' fuera dilatar mucho la historia, si se refiriera lo q' cada uno executó. En medio de tal confusion, sentado el Rey a la puerta de la ciudad, llego a el Vasco Lorenço, su secretario de la puridad con quatrocientos hombres q' le acompañavan, i le pidio en satisfacion de sus servicios le armasse Cavallero, i el Rey condescendio a su peticion.

El Infante Don Henrique (sin duda) se señalo entre todos este dia. Cansado de lo mucho q' auia obrado estava en una calle tomando aliento

para obrar de nuevo, quando vio que un trozo de quinientos Portugueses huia por ella de gran multitud de Moros. Viendo tal desorden, calo la visera, embarzó el escudo, i apretando la espada, i dexando pasar a los Portugueses fugitivos, espero a los Moros, i les acometio con tal denuedo, q' no solo los reprimio su furia, mas ayudado de los Portugueses, q' (corridos con el empeño del Infante) boluieron en su ayuda, les hizo boluer las espaldas. Siguiolos asta la Aduana de los mercaderes Ginoveses, i alli paro. Sobreuino a los moros nuevo socorro, i pareciendoles q' los nuestros afloxavan, les embistieron segunda vez, poniendolos en huida. Aqui el Infante viendo a los suyos desbaratados, i en desorden se opuso segunda vez al enemigo deteniendo-le, valerosamente, acompañado de pocos portugueses, q' los mas continuavan la huida. Apretaronle los Moros, i trabose entre todos una reñida pelea: muchos enemigos pagaron su osadia con las vidas, i otros no pudiendo sufrir los recios golpes del Infante le boluieron las espaldas. No los dexó como la vez primera, antes los siguio asta q' se ampararon de los muros del Castillo con perdida de muchos. En el fueron amparados por q', se juntavan alli tres murallas, la del Castillo, la del Barbaçote, y otra que diuidia a ambas villas. Viendosse los moros en aquel sitio por la estreches del lugar, i por la multitud de los que la defendian desde las murallas cobraron nuevo aliento para embestir a los nuestros, i echarlos de aquella calle. Hallavasse el Infante a esta saçon con solo diez e siete portugueses, que valian por muchos; los otros se auian apartado de su compañia, vnos con la codicia del saco q' ya andava vivo; otros apretados de la ardiente sed. Con esta limitada compañia sustento el puesto peleando tres horas, i quando la pelea estaua mas encendida un escudero suyo llamado Fernand Chamorro, cayo en tierra herido de mortales golpes. Procuraron los moros retirarle, pero los nuestros le defendieron con notable valor por gran espacio hasta q' el Infante deseoso de acabar de una vez, hiço una recia salida de aquel puesto, i embistiendolos con increible valor y ardimiento, cedieron a su valor; i desamparando puesto, i calle, se entraron por la puerta q' iva a la segunda villa. Entró el Infante rebuelto con ellos, acompañado de solo quatro ó cinco portugueses, nombralos la cronica antigua, i eran Alvaro Fernandes Mascareñas, que despues fue señor de Caruallo, Vasco Esteban Godiño, i Gomez Dias, criados del Infante, i Fernando Alvarez un escudero del Rey.

CAPITULO 23.º

Prosigue la expugnacion, i acabasse de ganar la plaça

Con gallardo aliento llegó el Infante Don Henrique con los quatro compañeros aquel puesto, por q' sobre la puerta auia una fuerte muralla, con tres ordenes de almenas, i en ella una torre con gran cantidad de troneras. De aqui salia la segunda puerta con una buelta entre la muralla, i la barrera q' llegava a otra tercera. Quando los de la muralla vieron q' los nuestros iban rebueltos con su gente desde las troneras de la torre con piedras, i otras armas arrojadiças procuraron impedir se adelantassen, pero en vano porq' el Infante siguio a los moros, asta echarles de la tercera puerta, con muerte de muchos, i ninguno de nuestra parte. Passaron los moros la tercera puerta; mas considerando que perdida ella, perdian juntamente las esperanças de cobrar la primera villa pusieron todas sus fuerças en impedir al Infante q' la cerrasse. El al contrario procuraba hacerlo, aunq' lo intenso por vezes no pudo conseguirlo, por q' cerrada una de las puertas, quando intentavan cerrar la otra, eran impedidos de la furia de los Moros, q' no acabaron con los nuestros, por q' el sitio en q' peleaban era muy angosto, i con esto eran iguales de una, i otra parte las fuerças. Cada uno de los Compañeros intento la empressa de cerrar la puerta, mas siempre fueron impedidos, por q' con las azagayas los herian a menudo. Viendo el Infante q' entre todos era imposible conseguirlo, dixo a los compañeros q' dexassen la puerta, e apretando la espada, salio como furioso toro por entre la vil canalla, i siguiendoles los suyos los apartaron de la puerta, i pusieron en infame huida, haziendo q' se derramassen a una, i otra parte, con q' tubieron tiempo para bolverse a la puerta, i cerrarla. Aviendo gastado en este trabajo dos horas, los moros, perdieron la esperança de cobrar la primer villa.

La tardança del Infante, el ardimiento con q' se entraua en los peligros, i los pocos compañeros con q' se metio en aquel riesgo, ocasionaron voz en el exercito de q' era muerto, i aunq' nadie se atrevia a decirlo a su padre, lo llego a entender, i no se le oyeron otras pālabras, q' estas: *Vaya con mi bendicion, pues murio en su oficio, i como hijo mio.* Pero desvanecido el rumor, i enterado de lo cierto fue grande su goço por lo q' queria deste hijo, q' era entre todos el q' mas se le parecia. Los moros, q' estavan en la muralla, recibieron notable pena, sabiendo q' estava cerrada la puerta y viendo q' no podian hazer daño, por q' la buelta q' hacia la muralla amparala a nuestra gente de sus tiros. El Infante paro en aquel

sitio esperando le socorriessen para echar del todo a los moros; i viendo q' tardaua, dixo a uno de los quatro q' fuesse por socorro. Ninguno quiso ser el embaxador, no por temor del passo, mas por q' no quissieron desampararle en tal peligro. Corrio como ya dixe voz de la muerte del Infante, i queriendo mucho certificarse fueron a la primer puerta, mas viendo la entrada angosta, i llena de peligros, se volvieron, juzgando impossible q' el Infante fuesse vivo, considerando los riesgos del passo. Solo Vasco Fernandez de Ataide se resolvio el primero en intentar aquel imposible, mas con adversa fortuna, por q' queriendo entrar la primera puerta, le arrojaron desde lo alto de la muralla una gran losa, q' le quito la vida. Perdieron con este infeliz sucesso los otros el animo para la entrada, mas no Garcia Moniz, que auia sido guarda del Infante quando moço; por q' llegado aquel lugar, i viendo q' aun estava en duda su muerte, por certificar-se se arrojó de golpe a la puerta, despreciando el evidente peligro, i aunque procuraron offenderle desde la muralla, llegó libre adonde estava el Infante, y arrojandosse a sus pies reprehendio con respeto la osadio con q' arriesgo su Real persona. Pidiole se saliesse de aquel puesto, i assi lo hizo el Infante, saliendo a la calle, i aunq' en ella huvo otro reencuentro con los Moros, los puso en huida, asta q' llegó recado de su hermano, Don Duarte, en q' le auisava le buscasse en una mezquita, q' ocupaua, q' de alli apoco tiempo fue la Iglesia Catedral q' oi permanece en Ceuta. Replico tres veces Don Henrique, pensando, q' con este medio se trataua de la seguridad de su persona; mas siendo avisado de q' se necesitaua de su parecer para la expugnacion del castillo obedecio.

Viendosse perdido Çalabençala, i q' no hauia remedio para restaurarse, llamo a algunos moros confidentes, i les entregó sus mugeres, para q' las sacasen de la ciudad, como lo hizieron luego. El se quedó paseando en vna sala de palacio, considerando, i llorando tan lamentable perdida, i sin mas detenerse subio en un valiente ginete, i se salio de la ciudad. Obraron este dia los Portugueses increibles hazañas contra casi innumerable multitud de moros, que peleavan como los q' defienden las cosas mas estimadas de los hombres; la ley, la patria, las mugeres, los hijos, i la hazienda. Fueron siempre los Portugueses mas dados a obrar con la espada, q' a escribir sus hazañas, i assi ignoramos oi las q' cada uno obró aquel dia, sin duda dignas de eterna memoria, pues de Ayres Gonçales de Figueiredo, Cavallero de 90 años sabemos por la historia antigua desta conquista, q' armado de todas pieças peleo todo el dia con notable valor, i si esto se hallo en un cavallero cargado de años, q' obrarian los que con menos edad se hallaron en tantas ocasiones antecedentes obrando lo que leemos en las historias.

Desampararon los moros con tan adversos succesos la primera villa, i llamando el Rey a consejo para que se determinasen lo q' se debia obrar

en prosecucion desta conquista, fue comun voto q' por aquel dia cesasen las armas, para que descansando los soldados prosiguiesen al otro con nuevo aliento. Este parecer siguio el Rey ordenando q' no se obrase mas entonces, i q' solo se pussiese guardia al castilló para combatirle al dia siguiente. Nombrose un troço de gente para este efecto, i caminando ya para executarlo, alçando uno de los soldados los ojos, vio q' estava en el Castillo una banda de gorriones, i infirio del sosiego, con q' estavan, q' los moros le hauian desemparado. Auisaron al Rey de este discurso, y juzgole por bien fundado, i llamando a Juan Vaz de Almada, q' tenia a su cargo la bandera de San Vicente con la gente de Lisboa, le mando q' entrasse en el Castillo, i enarbolasse aquella bandera en la mas alta torre. Acercose Juan Vaz a el, i hallando las puertas cerradas empeco arromperlas, quando desde lo alto dos christianos, el un Ginoués, el otro Vizcaino, le dixeron, q' no se cansasse, por q' los Moros auian desamparado el Castillo, i ellos solos auian quedado en el. Dicho baxaron a la puerta, i la abrieron, i entraron dentro los Infantes Don Duarte, Don Pedro, el Conde de Barcelos, i otros muchos caualleros, i soldados, rindiendo, a Dios infinitas gracias, i devidas alabanças de q' les diese con tanta brevedad, i con tan poca perdida, tan insigne vitoria. Tomo la possesión del castillo Juan Vaz de Almada, i aunq' muchos quisieron ser compañeros suyos con la codicia del despojo, no lo consintio el Rey, antes enbio al Infante Don Henrique, para q' los hiciesse salir, i quedasse Juan Vaz Almada con la gente de Lisboa a quien no fue de poco prouecho el despojo.

Ganado el castillo a tan poca costa; Don Duarte ordenó a su Alferez Don Pedro de Meneses, q' passasse con su bandera a la otra villa, i la pussiesse sobre la torre de Fez. Obedecio, mas no lo consiguió facilmente, por q' los moros se le opussieron, i huvo una bien trabada porfia a la salida de la puerta, q' despues llamaron de Fernando Alfonso, i en ella cayo muerto el Alferez de Don Enrique de Noroña. Aprouecho poco a los moros la resistencia, por q' iva acompañada de personas de ilustre sangre, i de gran valor, q' eran Don Enrique de Noroña, Don Juan de Noroña su hermano, Nuño Martinez da Silveira, Diego Fernandez de Almada, Aluaro Nogueira, Vasco Martinez de Carvallal, i el gran Baron de Alemania, que aquel dia peleo valerosamente, i otros muchos cavalleros, que apesar de los moros arbolaron la bandera en la torre de Fez, i la guardaron aquella noche Don Fernando de Castro, i Don Juan de Castro su hermano, salieron por la otra parte apretando con los enemigos asta q' los hecharon por la otra puerta q' despues llamaron de Alvaro Mendez.

A las 7 de la tarde estaua ya la ciudada toda por los nuestros, i libre de los moros, por q' unos auian muerto, otros huido, i otros, como mujeres, niños, i viejos se quedaron en sus casas, sin atreversse a desamparar la

patria. Estos todos con otros muchos, q' quedaron cautivos fueron llevados a los nauios, i galeras. El saco de la ciudad fue riquissimo de mucho oro, plata, i cosas de precio, por q' era de las mas ricas e fertiles de toda la Africa, i puesto adonde de Damasco de Alexandria, i de toda Libia, i de otras muchas partes de Europa, Asia, i Africa concurrian ricas mercancias, i muchas, i diversas naciones, q' la enoblecian con su trato. Hallose mucha especeria, drogas, escarlatas, paños, i sedas q' los Moros no pudieron salvar con lo repentino del successo. Estas riquezas aprouecharon poco con la barbara crueldad de los soldados, q' sin atender q' era ya ciudad suya, tratavan las haciendas como si fuessen de los moros, derramauan las especerias por las calles, quemavan los fardos de preciosissimas ropas, i corrian arroyos de miel, aceite, conservas, i mantecas por las calles. Finalmente fue mucho mas lo q' se desperdicio del despojo, q' lo q' aprouecharon los soldados.

La noche siguiente gastaron en referir los successos del dia passado alabauan todos el valor de los Infantes, i demas caualleros, i contaua cada uno lo q' auia visto i obrado. Sobretodo exaltavan la comun voz la resolución del Rey en esta empressa, i el gran secreto con q' la executó, sin el qual no pudiera averse conseguido, i es como es ordinario estilo del mundo alabar, o vituperar, segun los successos; a los q' facilitaron esta empressa, i reconocieron el puerto de Ceuta, a quien llamavan antes traidores, viendosse aora los soldados ricos, i honrados, les davan repetidas alabancas, i particularmente al Infante Don Henrique, q' fue el q' mas insistia en la jornada trocaron el renombre de mancebo temerario en el de Capitan prudente, i valeroso.

CAPITULO 24.º

Lo que se hizo en la Ciudad despues de rendida, i el estado della entonces.

Del numero de los Moros, muertos en esta conquista no se sabe lo cierto: hablan con variedad los q' se acordaron en sus escritos deste sucesso. Algunos dicen q' diez mil, otros q' cinco mil, i no es pequeña la diferencia, ay quien halla mayor y menor el número; lo cierto es q' fue grande segun lo populoso de la ciudad, i la multitud de Moros, q' concurrio a su defensa, el teson, i porfia con q' ellos, i los nuestros pelearon. Lo q' no tiene duda es, q' la multitud de Cadaveres q' ocupauan las calles, embaraçaua la comunicacion, i por esto, i por q' no se corrompiessen los aires con los grandes calores, mando el Rey q' fuessen arrojados a la mar. De nuestra parte (parece q' se arriesga el

crédito si lo refiere la pluma) murieron solos ochos soldados; los cinco en la puerta q' rompio Vasco Fernandez de Ataide, i tres dentro de la Ciudad, entrando en este número el mismo Vasco Fernandez, i el Alferez Don Henrique de Noroña, corto número por la grandeça desta victoria, i q' muestra q' Dios peleó por nosotros, pues sin particulares auxilios suyos, no se pudiera facilitar tanto la empressa.

Los moros q' salieron con sus mugeres, i hijos a la sierra al otro dia de su perdida, hechos un cuerpo boluieron a la vista de Ceuta a tentar fortuna prouocando nuestra gente, no con esperanças de ganar la ciudad, que la davan por perdida, mas por q' no saliesse tan barata la empressa. Salio a ellos el principe Don Duarte, acompañado de valerosos soldados, i ordenando sus batallas rehusaron los moros la pelea. Assi se acercaron en otras ocasiones, i queriendo salir segunda vez Don Duarte, fue impedido por el Rey, diciendole q' no hauia venido de Portugal a escaramuçar con los moros, sino a ganar una Ciudad de tanta importancia; q' lo hauia conseguido; i q' si cada hora huuiessen de salir los nuestros prouocados de los moros, estarian en perpetua inquietud. Con esto no quedo a los moros otro alivio, q' lamentar la perdida de su patria con palabras tan lastimosas i musicas tan tristes, q' mouian a compasion a los mismos christianos. Considerauan en poder de sus contrarios las mismas casas, en que nacieron; las mezquitas de su falso Profeta, los soberbios edificios de la ciudad, las grandes torres, i fortaleças, q' dos dias antes posseian a su parecer seguramente; las mugeres, hijos, padres, hermanos, parientes, i amigos cautivos tan sin pensar, i tan sin remedio. Quexavanse en vano, i culpavan a Dios que no les quiso ayudar, i a los hombres q' no los supieron defender; y como las cosas ordinariamente se estiman mas quando se pierden; entonces se les representava con mas vivas razones la opulencia de su ciudad, el trato de las naciones, i la perdida de los parientes.

Assi gano la nacion Portuguessa, a los Moros la Ciudad Ilustre de Ceuta, tan celebrada en toda la Africa, Asia, i Europa, i q' tantos daños hiço a Hespaña infestando sus costas y las de toda Christiandad con la sujecion del estrecho, pues a todas las naciones q' le navegavan las hizo tributarias, por q' no padeciessen el riesgo de ser cogidas en sus costas.

Los daños q' desta Ciudad se originaron a España, posseyendola los barbaros sectarios de Mahoma lo experimentaron nuestros antepasados, i los lloramos con raçon los q' vivimos, pues aun mas de la continua infestacion de nuestras costas, como este puerto estava enfrente del Reyno de Granada, la entraua del continuados i crecidos socorros, i los Moros de Africa hicieron siempre por este puerto, i por el Reino de Granada las mas poderosas entradas; y assi con razon fue llamada en todos tiempos Ceuta, llave de la Christiandad, y terror de Hespaña. Que numero de vecinos tubiesse al tiempo q' la ganaron los Portugueses, no quedo entre

las memorias de aquel tiempo q' la ganaron los Portugueses, como otras muchas particularidades desta conquista. Juan de Leon afirma q' era la mas hermosa ciudad i la mas populosa de la Mauritania, assi por los edificios, templos, i colegios, donde se enseñavan varias ciencias, i disciplinas, como por los officiales de todos officios, q' labravan obras de gran primor de oro, plata, seda, i lana, q' de aqui se llevavan a varias provincias del mundo. Sus terminos eran frescos, i apacibles, poblados de hermosas quintas, dilatados frutales, i viñas de q' cogian gran cantidad de pasas, q' les servian de vino, bebida prohibida en su secta. A esta ciudad por su sitio, i por el mas frecuentado puerto de Africa, i Europa, concurrian las naciones, con todo genero de aromas, drogas, i mercadurias de otros muchos lugares de Africa, y Alexandria conducidos a estas provincias de la India, i de otras partes Orientales, i todas las de Italia, Francia, i Hespaña, a cuya causa era ciudad mui rica, populosa, i tan dilatada, como oy lo muestran las murallas antiguas, i assi fue el depojo, q' hallaron los Portugueses grande, i la gloria de ganarla inmortal.

Por q' no faltasse a este asunto circunstancia alguna q' le acreditasse de milagroso, la noche del dia q' el Rey gano de los moros a Ceuta, aparecio el Rey Don Alonso Enriquez armado en el Coro del Convento de Sancta Cruz de Coimbra, q' el mismo hauia fundado, i donde estaua sepultado hacia 23o años, i dixo a los Religiosos, que estauan cantando maitines, q' el i su hijo Don Sancho auian socorrido sus vassallos en la expugnación de Ceuta. Conservasse esta memoria en un libro manuscrito del Real Convento de Alcobaça, y con estas formales palabras: *Este bom Dom Afonso a noite q' se filhou Ceuta aos pagaos pello honrado senhor Rey Dom João, o primeiro apareceo no convento de Santa Cruz de Coimbra todo armado sendo os padres conegos em sembra nõ choro as matinas a lhe disse que el por querer de Deos fora com Dom Sancho seu filhuo, ajudar a cobrar Ceuta aos Mouros, alogo tras portaleceo q' nam foi ende mais visto quedando costeiros todos pasmados do q' auiam visto.*

El viernes siguiente, despues de ganada tan importante victoria, a 23 de Agosto, ordeno el Rey q' el Domingo tubiesse el capellan mayor dispuesta la mezquita grande para oir en ella Misa, i sermon. Juntaronse todos los capellanes, i muchos clerigos del exercito, q' hicieron un copioso número. Limpiose la mezquita de las inmmundicias mahometanas, i se bendixo con mucha solemnidad, haciendo los oficios con gran Magestad, i riqueza de ornamentos, q' para tal ocasion venian prevenidos; i acabada de bendecir la iglesia se canto el himno *Te Deum laudamus* con sonoro estrepito, i ruido de mas de duscientas trompetas del exercito, i gran cantidad de chirimias, tambores, i otros instrumentos militares. No faltaron campanas con q' religiosamente celebrar la fiesta, hallaronse dos, q' los Moros años antes hauian tomado en la ciudad de Lagos en el Algarbe,

q' festejaron este dia la gloria ajena, i la libertad propia. Acabada la Missa, los Infantes se bolvieron a sus posadas, donde se armaron, i vistieron los mas ricos vestidos, i alajas para q' el Rey los armasse caualleros, i como moços de hermosas presencias, y estaturas, airossos en todas sus acciones, eran muchas las aclamaciones que tenian del pueblo. Assi armados acompañados de la nobleça; i otra mucha gente, todos ricamente vestidos, con chirimias, i trompetas fueron al Rey, q' los aguardava no con menos gala, i vizaria, i los recibio con grandes demostraciones de alegria, i no sin lagrimas, que todos derramaron con la memoria de lo q' deseo la Reina Doña Felipa ver este alegre dia. Arrodillosse el primero el Principe Don Duarte, i sacando la espada q' su madre le hauia dado, para armarse caballero, la beso, i pusso en manos del Rey, q' le hiço caballero con ella, i de la misma manera Don Pedro, i Don Henrique. Acabado este acto, besando los Infantes la mano a su padre si diuidieron a diferentes partes a armar caualleros a los suyos quedando el Rey en el mismo exercicio con otros. De mano del Infante Don Duarte recibieron esta honra el conde Don Pedro Meneses, Don Juan de Noroña, Don Enrique de Noroña, su hermano; Nuño Vaz de Castelo blanco; Pedro Vaz de Almada, Diego Fernandez de Almada, i otros muchos. El Infante Don Pedro armo cavalleros a Alvaro Vaz de Almada gran servidor suyo, q' despues bien tal honra con querer ser su compañero en la muerte en la batalla de Alfarrobeira; Aires Gomes de Sylua, Aires Gonçales de Figueredo, Martin Corera, Juan de Ataide, Martin Lopez de Aceuedo, Diego Gonzales Trauaços, Fernan Vaz de Sequeira, i otros. El Infante Don Henrique armo a Don Fernando señor de Bergança, hijo del Infante Don Juan, Gil Vaz de Acuña, Aluaro de Acuña, Alvaro Fernandes Mascareñas, Vasco Martinez de Alvergaria, Diego Gomez de Silva, Alvaro Pereira, Juan Gomez el Zarco, i a otros muchos.

Restaua enviar avisos de tan feliz successo a Hespaña, a los Reyes de Castilla i Aragon, dando cuenta al Alcaide de Tarifa Martin Fernandes Puerto carrero para q' lo avissasse a la Reina de Castilla, i a los puestos de Andaluzia, tan interesada en q' estubiesse Ceuta en poder de Cristianos. Tubo por honra señalada el ilustre Alcaide Portugues la q' el Rey le hacia en hacerle participe de tan alegre nueva. Festijola mucha la ciudad de Tarifa, q' tan cuidadosa estava con la vecindad de Ceuta, i ayudaranla todas las otras ciudades de Andaluzia, i Castilla como tan interesadas. A el Rey Don Fernando de Aragon fue con la nueva desta victoria Alvaro Gonçales de la Maya Veedor de hacienda del Porto, offreciendole el de Ceuta para sus armadas quando quisiesse emprender alguna conquista en las Costas de Berberia. El Rey de Aragon q' se hallara en Perpiñan con el Papa Benedicto por huesped, i esperando al emperador Segismundo, q' tambien alli se junto, aunq' notablemente enfermo, recibio esta nueva con grandes demostraciones de Alegria, dando albricias al

Embajador de Portugal, i haziendole el hospedaje, q' merecia criado de tal Principe, i portador de tan dichosa nueva para Hespaña.

CAPITULO 25.º

Resuelve el Rey que se sustente la plaça, lo q' en esto huvo: Entregala al Conde Don Pedro de Meneses

GANADA con tanta gloria la ciudad de Ceuta, llamó el Rey a los de su Consejo para saber lo q' mas convenia, si destruirla, si conservarla. Dividieronse en pareceres contrarios: vnos fueron de opinion q' se dexasse, diciendo q' no seria justo imponer al Reino mayores cargas de las con q' podian sus fuerças. Que de conservar aquella plaça se podia seguir a la Corona fama, i gloria, mas no comodidad alguna, antes immensos gastos, pues quanto a la guarnicion era necesario dexar tanta, i tal, q' pudiesse bien resistir los impetus de los moros, de cuyos animos no se borrarian tan facilmente la reciente llaga. I quanto a las posiciones, i bastimentos, que fuessen tan sobrados, q' no necesitassen en muchos dias si fuesse sitiada (como seria luego) de socorros de Portugal, siendo siempre tan contingentes los q' se han de conducir por la mar, quando, la possibilidad se halle pronta. Que era cierto q' no solo los nuevamentes despojados de su patria, mas toda la Africa se juntaria para restituir esta ciudad a su dominio, pues no solo avian perdido con ella las esperanças de conservar lo q' possehian en Hespaña, mas se hauia abierto la principal puerta para su conquista. Que las pases en Castilla solo podian ser seguras mientras durasse la menoredad de su Rey, mayormente pudiendose aora mejorar su partido, tanto en la conquista de Granada, cuya fortuna éra fuerça declinase con la perdida de Ceuta, i mucho mas con sustentar Portugal una fuerça de tantas conveniencias para sus socorros. Qual passo q' declinasse la fortuna de los moros en Hespaña, se adelantaria la de Castilla, q' viendosse desembaraçada de tan importante estorbo, vniria sus fuerças contra Portugal, occasionandosse los Portugueses sus mismas inquitudes. Que ya q' se auia alcançado tan importante victoria con tanta gloria del nombre portugues, se consservasse la reputacion adquirida, no exponiendosse aperderla en el primer sitio; por q' con cualquier infortunio se perderia la opinion, q' de presente se hallaba assegurada con tan gloriosa victoria, i q' su ultima resoluccion era q' la ciudad se hauia de destruir, i recojerse el Rey a Portugal.

Los de contrario sentir decian. Que convenia conservar la plaça, por q' saldrian infructuosas tantas prevenciones, i gastos, i su efecto fuesse

solamente el de su desolacion, empressa, mas propia de un corsario q' de un Rey poderosso. Que desamparandosse tan importante plaça, i bolviendo a ella los moros, quedavan irritados para la vengança, cuyos efectos amagavan ya las costas del Algarve, i de Portugal, q' sentirian en lo de adelante irremediables daños. Que no succederia esto conservando a Ceuta, por q' seria en todos tiempos el mas seguro freno de sus osadias. Que ya se hallava desterrado el culto de Mahoma en aquellas mezquitas, i restituido al catholico; i seria mengua de la nacion Portuguesa, i ocasion de contrarios efectos a sus armas el q' no se sustentasse acosta de su sangre, i de su vida. Que para la conservacion de Portugal en el respeto de las naciones estrañas nada mas convenia q' sustentar aquel presidio para escuela de su nobleça; por q' el continuo exercicio militar daria siempre al Reino sujetos para su conservacion, e maestros eminentes para su defensa. Que estos no se criaban en los deleites, i ociosidad de la paż, sino en los reencuentros, i desasiegos de la guerra; i q' en todos tiempos se hallarian en aquella escuela para sus exercitos, siendo caso q' se turbasse la quitud del Reino. Que quando esta se conservasse, mejor seria q' los nobles de Portugal adquiriessen noticias militares en las conquistas de sus propios Reyes, q' buscarlas en servicio de los extraños, como ya empeçavan a intentarlo en Francia, i Inglaterra despues de las pazes con Castilla; i q' seria mas justo gratificarles los servicios hechos a la corona, q' no los obrados en servicio de otros Reyes. Que Dios de quien era la presente causa, assi como ayudo tan vivamente a la conquista, seria sin duda propicio a la defensa. Que en la de esta ciudad consistiria en la quietud, i seguridad de Hespaña, como la mas importante de sus puertas. Que el valor de la nacion no solamente defenderia aquellas murallas, mas haria contribuir a los barbaros para su sustento, i q' quando este faltasse, no faltaria Portugal con la solicitud, i socorros; ni era justo prevenir los infortunios, antes podian esperar repetidos favores de Dios, por causa tan propia de su Iglecia, i de un Reino, q' el mismo fundó con las sacrosantas insignias de su passión, i nuestro remedio.

Este fue siempre el parecer de aquel invicto Rey, i assi le abraço resueltamente sin dar lugar a nuevas replicas, tratando solamente de elegir persona de convenientes cualidades, a cuyo valor i disposicion encargasse la defensa de aquella plaça. Mandando votar sobre este punto fue aclamado el valiente condestable Don Nuño Alvares Pereira, q' por su experiencia i valor, i por lo mucho q' auia merecido en las guerras passadas, era el q' en aquella ocasion devia ser antepuesto, para cargo de tanta importancia. Escusaronle sus muchos años, si bien se resignó en la voluntad del Rey q' ademas desto sabia, q' el condestable estava determinado en retirarse al convento del Carmen de Lisboa, q' avia fundado con intento de acabar en el la vida vacando a Dios como luego lo exe-

cuto. Fue resolucion prudente la del Condestable, porq' aviendole acrecentado nuestro señor con tantas honras, i riquezas, parece q' solo le faltava a su prosperidad el saber moderarla, e despedirse de los alagos del siglo antes q' envejeciesse su fortuna, i q' la flaqueça, i impotencia causada de los años, diesse en ser desgraciada, i penosa. Fue nombrado en segundo lugar Gonçalo Vaz Coutiño, cauallero ilustre, i de artas experiencias militares, i prudente Capitan, q' por su edad, i otras causas justas, se excuso de aquel puesto con poco gusto del Rey. Llamó el Rey en tercer lugar a Martin Alonso de Melo; i significandole el gusto q' tendria de q' se quedasse governando aquella plaça, se remitio a la voluntad de los q' le acompañavan y consultandolo con ellos; no vinieron en quedarse con el, ni el en quedarse sin tan buenos compañeros; i anteponiendo al gusto del Rey el de los suyos, se excusó no sin grande nota, mas no en el valor, en q' le podian hauer confiado las experiencias. Acepto el Rey la escusa, aunq' no la de los compañeros, pues los dexó de presidio en la plaça por castigarlos. Guardavasse este gouierno para gloria del conde Don Pedro de Meneses, q' sabiendo la primera escusa del Condestable, se valio del favor del Maestre de Christo, tio suyo, i del Prior del Hospital. Estos viendo q' todos se escusavan del trabajo, propusieron al Rey la persona del Conde. Ayudaronles los infantes, i conociendo el Rey q' procedia de voluntad, vino en entregarle el gouierno, i offrecio honrarle por gusto con q' deseava servirle. Entregole el baston, q' tenia en la mano, i el gouierno de aquella placa, no sin embidia de sus emulos, i con artas murmuraciones de sus amigos, q' estrañavan el q' se encargasse de tan dificultossa empressa. Refiere la comun tradicion, q' preguntandole el Rey si se atrebia a defender a Ceuta; respondio con mucha confiança: *yo solo con este palo* (tenia vno en la mano) *la defenderé de todo el poder de Africa;* i viendo el Rey esta animosa resolucion, i offrecimiento se la entrego; i en aquel palo, q' permanece, i se conserva justamente juran todos los generales de Ceuta la fidelidad, quando entran en su gouierno, por q' como Don Pedro hiço con obras heroicas q' no pareciesse arrogancia aquella palabra; fue bien que el palo quedasse por testigo, i dellas, i mereciesse ser bastón de aquella valiente mano, para honrar las que le succedieron.

Electo el General trató el Rey de la guarnicion, q' auia de quedar, i resuelto en q' bastaban dos mil quiñientos soldados, los excogió de todo su exercito, con Capitanes de calidad, experiencia, i valor. Lopez Vaz de Castelbranco, Montero Mayor del Reino, quedo con trescientos esquderos, todos del servicio, i casa del Rey. El Infante Don Duarte dexó otros trescientos, i sin Capitan, diziendo q' no queria q' fuessen gouernados sino immediatamente por el Conde. Con duzientos, i cincuenta del Infante Don Pedro, quedo Gonçalo Nuñez Barreto, Cavallero del Reino del Algarve, i pariente cercano del Conde Don Pedro, a quien en-

trego la torre de Fez para defenderla. Trescientos del infante Don Henrique quedaran con un cavallero llamado Juan Pereira, a quien se encargo el puesto Sancta Maria de Africa. La torre de la Almadraba se entrego con la gente de Evora, i de Beja a su Capitan Aluaro Medez Serveira cuyo hombre quedo adelante en aquella torre por los valerosos hechos q' oho en ella defendiendola. A Aluaro Anes de Sarnache, Anade mayor de los ballesteros, se encargo la couraça con seiscientos de apie, i de acauallo, a Bertolome Alonso se dio la guarda del Rey, i a Fernando Barreto la de la Almina, i a otros capitanes otros puestos guarnecidos de gente, i quedaron otros ilustres caualleros, particularmente Rui Gomes da Silva, q' despues fue yerno del Conde Don Pedro; Luiz Vazques de Acuña, Lope Vazquez de Acuña su hermano, Pedro Gonçalez Malafaya, q' despues fue veèdor de hacienda, Luis Alvarez de Acuña, Pedro Lopez de Acevedo, i Rui de Sosa, Alcaide q' despues fue del Castillo, de Moural. Al conde Don Pedro quedo reservada la defensa del Castillo con mil hombres de Guarnicion, q' le entrego el Rey sin tomarle omenage del, ni de la ciudad, tanta era la confiança de su valor, i lealtad: dixole en presencia de todos: la q' hacia de su nobleça para puesto de q' pendia su reputacion, i la, del Reino todo, i q' al passo era la q' tenia en q' cumpliria en la defensa, i conservacion de aquella plaça con las obligaciones, de quien era. Asegurole q' le allaria siempre con particular atencion a sus aumentos: que dexaria la plaça antes de su buelta de Portugal abundantemente abastecida, i q' de aquel Reino le embiaria siempre repetidos socorros. Que el personalmente le acudiria quando fuesse necessario, i q' le dexaua los mas escogidos soldados de su exercito, i los Capitanes de mas valor: encargole q' su principal intento fuesse el servicio de Dios, i la exaltación de la fe catholica, porq' con este presupuesto, el, de quien era tan propria aquella causa, le ayudaria en todas sus acciones, con q' haria eterna su memoria, i conservaria la reputacion adquirida por la Nacion Portuguesa en aquella guerra.

CAPITULO 26.º

Hauiendo el Rey dado las ordenes, q' le parecieron importantes en Ceuta, vulve a Portugal

MANDO el Rey llamar los Capitanes nombrados para el presidio, i a los Caualleros q' quedavan en el, i estando juntos les hablo assi. Yo os he escogido entre tantos, i tan leales vassalos como estan prezentes para la guerra desta plaça por la muchas experiencias con q' me hallo de vuestro valor. Seria escusado significaros quanto esta

empressa es del servicio de Dios, i mio, para acordaros el cuidado con q' os debeis disponer a su defensa. Solo os encargo atendais siempre q' defendais la Religion Catholica, mi Reputacion, i la quitud de vuestra patria, q' aunq' a mi se a de atribuir siempre la honra de vuestros hechos, como cabeça vuestra, no quedareis vos otros con la menor parte desta gloria. No necesitais de persuaciones mias para incentivo del valor, porq' ademas de lo q' os han assegurado las repetidas experiencias; bastante para suponer el ardimiento de los coraçones el conocimiento de vuestra ilustre sangre. Mas quando esteis mayor em mi, tanto mas necesito de encargaros la prudencia con q' debeis obedecer, para q' no os arrojen los brios a los peligros sin orden, ni la valentia a los riesgos sin prudencia. Menos quedais aqui para ofender q' para defenderos, lo q' nos importa a todos es la conservacion desta plaça, q' la offensa de los enemigos la reservo, para quando podais hacerla con menor riesgo, por q' sentiria la muerte de qualquiera de tales vassallos, como la perdida de la misma ciudad. Toda la Europa esta a la mira de mi movimiento, i suspensa en el sucesso q' han de tener mis designios, i aunque tenemos la vitoria asegurada con las propias fuerças no conviene que las empleemos desordenadamente, sino q' el Capitan, i soldado particular tema de incurrir por su temeridad en algun peligro manifiesto, porq' el buen successo en la guerra es dudosso, i de las faltas pequeñas se viene a las grandes, i muchos acontecimientos se hacen por ira, de q' no pocas veces ha succedido q' el numero menor bien disciplinado vencio a la muhedumbre quando esta deprecio al enemigo. No solo entre los hombres q' son criaturas racionales, mas entre los brutos destituidos de raçon, se conserva la obediencia a una sola cabeça en concurso de muchos miembros, porq' de otra suerte se arriesgaria conocidamente su conservacion, bien assi como en la musica en concurso de muchas vozes, es preciso q' las otras sigan a una bien acordada para la buena consonancia de todas. Por ser esta verdad tan conocida de aquel q' todas las cosas conoce, i sabe, dispusso q' en el mundo huuiesse Reyes, i Principes supremos para su gouierno, i conservacion; i asta en el Infierno, lugar de sempiterno horror puso, principes, i cabeças superiores para gouierno, i orden de aquella infernal miseria, aquien prestassen la obediencia los otros espirutus condenados. Con esta consideracion ya, q' hauia de dexar en esta plaça, quien tuviesse vuestro gouierno, procure elegir persona de tal calidad, prudencia, i valor, q' quedassen asegurados en su eleccion mi cuidado i vuestro consuelo. Este es Don Pedro de Meneses hijo del Conde de Viana, por calidad de lo mejor de mi Reino, i dendo vuestro, i por valor el q' conoceis. Bien es verdad q' a los principios me arrastro la sicion para elegir a otros, mas parece q' dispusso Dios, q' quando ellos se escusavan de servirme se offreciesse a hazerlo Don Pedro. Lo q' en esto senti, i siento lo callaré ahora, mas hablaran por mi en lo de adelante sus

medras para aliento, i premio de sus finesas. Quanto en mi es mayor el conocimiento de la voluntad, con q' se dispusso a servirme en este puesto, tanta sera mas pronta la memoria para socorrerle, i a vos otros, i en los premios q' mereceis todos por el sacrificio q' haceis a mi obediencia, bien podeis fiar de mi cuidado, i gratitud, q' seran prontos, pues tengo tan presentes en la memoria lo q' hise con vuestros padres en premio de los servicios con q' aseguraron mi corona, vuestro descanso, i la quietud de nuestra patria.

Encargado aquel gouierno al Conde Don Pedro, i animados los soldados, hizo el Rey desembarcar los bastimentos de la armada, dexando solamente los necesarios para la buelta. Assi mismo se desembarcaron todas las municiones, i petrechos de guerra con q' la ciudad quedo municionada para un largo sitio, si sucediesse como se esperaba, i hablando segunda vez al conde le dio esperanças de q' bolveria en persona el marzo siguiente para continuar la conquista de Africa. Encargole de nuevo el buen trato de aquellos caualleros, i soldados, por q' no podria ser temido sino fuesse primero amado, q' fue el mismo medio con q' el entro a Reinar q' a los pequeños animasse, i agasajasse particularmente en los principios, asta q' los hiciesse a su obediencia, no faltando en el castigo quando le pareciesse necesario para su mejor conservacion, i de aquella ciudade. Segunda vez animó a todos los q' dexara en ella, prometiendoles socorros para sus aprietos, i premios para sus trabajos; i alegre de ver la forma, i orden con q' el conde hauia preuinido la plaça, por el buen logro q' ya se prometia de su acertada eleccion, se despidio de todos, no sin notable sentimiento suyo, ni con pocas lagrimas de los q' se quedavan, i se embarcó.

Entre unos, i otros fue la despedida de tal dolor, i lagrimas q' no lo puede encarecer la pluma. Era aquella la primera conquista de nuestra nacion, i la primer vez que los Portugueses auian metido la mar en medio a sus gloriosas armas, sin antever las immensas distancias, a q' en los siglos veinderos conduxeron sus victoriosas banderas con tanta gloria de su nombre, i de la Religion Catholica. Pensavan los q' quedavan de presidio (hablo de la gente comum) q' jamas boluerian a la patria, viendosse cercados de mar por la una parte; i de inumerables enemigos por la otra, deseosos estos de vengar sus injurias, i resueltos a restituirse en lo perdido a todo riesgo, para q' no solamente intervendrian los nuevamente despojados, mas todos los sectarios de Mahoma. Llamavan bien aventurados, i dichosos a los q' volvian a su patria a la comunicacion de sus mugeres, hijos, i parientes, i a morir entre los suyos, i enterrar sus huesos entre los de su padres, i abuelos, bañados en las piadosas lagrimas de sus deudos. Embarcaronse los q' hauian de volver al Reino, i dispuesto lo necesario, al otro dia de mañana largó las velas la Real, i tras ella todos los nauios, i galeras de la armada, i al son de una multitude

de chirimias, i trombetas, alegres para los q' se boluian a su patria, i tristes por los q' quedavan en aquel destierro, llego el Rey a Portugal, con gran felicidad, por q' hauiendo partido del puerto de Ceuta lunes 2 de Septiembre deste año de 1415 llegó en breves dias properamente a Tauilla, ciudad del Algarue donde desembarco. La primera accion q' hico de gouierno, fue gratificar a sus hijos el servicio q' le hauian hecho, e dexado Don Duarte q' como successor del Reino no necessitava de mercedes; al Infante Don Pedro hiço Duque de Coimbra, i a Don Henrique de Viseu, i señor de la Couillan, villa noble, i populosa. Hiço otras muchas mercedes a los q' le acompañavan, i despidiendosse de sus gentes se fue a Evora, donde los Infantes Don Juan, i Don Fernando, con el Maestre de Auis (que como dixe quedo gouernando el Reino) le esperavan, i la Infanta Doña Isabel. Fue recibido el Rey de aquel numeroso pueblo con publicas aclamaciones, viendo la felicidad de la jornada, i q' en empressa tan arriesgada no auia peligrado ninguno de tantos principes. Hicieronse desusadas demostraciones de alegria en aquella ciudad, i en todo el Reino, bien merecidas del valor deste generoso Rey, cuyo nombre conservaran los siglos con perpetuos elogios.

No se descuidaua Don Pedro de Meneses de animar a los suyos viendoles tristes, i assi, convocados a la plaça de la Ciudad, les dixo. No puedo negaros (compañeros) el desconsuelo con q' se halla mi animo de vuestro desaliento, pues considerandoos tristes, i temerosos me falta el espiritu para continuar esta empressa, a q' con tanta voluntad me offreci, confiado en vuestro valor, i q' estaua tan vivo en vosotros al ardimiento de nuestros mayores con ellos. No sois por ventura legitimos descendientes de aquellos ilustres Godos, q' no contentos de estrecharse a los cortos limites de Hespaña, fundaron mas dilatado imperio con la valentia de sus braços en toda la Francia, q' conservaron por largos siglos ? No sois hijos de aquellos valerosos heroes, q' perdida Hespaña, i sujeta al Imperio de los Agarenos, se juntaron con el Catholico Principe Don Ramiro, i les hicieron retirar a un limitado rincon qual el Reino de Granada ? i de aquellos capitanes valientes, q' mal sufridos a tan pesado jugo, se juntaron con el valeroso Principe Don Alfonso Enriques, nuestro primer Rey, i con tan limitado poder, como es notorio, no solo tubieron animo para levantarle a la corona, mas ganaron a estos barbaros en su compañia todas las tierras de entre Tajo i Guadiana, todo el Reino del Algarve, i la mayor i mejor parte de la prouincia de Extremadura? Pues el valor q' mostraron en la insigne victoria del salado, bien deve ser presente a vuestra memoria, i el valor con q' se portaron en las guerras con otras naciones, cuyos exemplares deuiam conservar vuestros ilustre pechos en ocasion de tanta gloria para nuestra patria, i en q' parece degenerais de la valentia de tan generosos abuelos. Si vuestro temor se origina de aquellos barbaros, q' alli veis llenos de espanto, i de miedo, parece mal

fundado, pues como pueden contrastar nuestro valor los q' tan vilmente desampararon su propria patria? i como se atreveran aestos muros, sabiendo q' los defienden los mismos q' los pusieron en infame huida? No sera assi, Portuguesses, q' antes fiado yo en tantas obligaciones, como reconozco en vuestra generosa sangre, no solo he de sustentar la honra de nuestra patria en conservar lo q' con tanto valor adquirimo, mas con la ayuda de vuestras espadas la he de grangear nuevas, glorias, i triunfos, ganando a estos barbaros las tierras q' justamente posseen, en q' fue venerado el nombre de nuestro Redentor, i adorado el precioso estandarte de nuestro remedio. Tenemos a Christo en nuestra defensa, por q' peleamos por la exaltacion de su santa fé, como pues podemos temer a sus propios enemigos, si con resolucion nos disponemos a sustentar su causa? Este trabajo q' se os representa grande, breuemente os parecera ligero, i gustoso, i espero q' será en lo de adelante mi mayor desvelo apartaros de las ocasiones, por q' jamas pueden faltar las obligaciones con q' nacisteis; i asi, no ai sino traerlas siempre delante de los ojos, i q' aquel, q' aqui os dexo, tendra cuidado de socorreros, i ayudaros, no solo como a vasallos, i naturales, sino como a hijos mui queridos, i q' con su buelta a estas partes cesaran vuestros trabajos dexando en esta plaça, otros, para q' podais goçar de la quietud de vuestras cosas, i de la compañia de los amigos, i deudos. En esto hazeis la mejor lisonja a nuestro Principe, i el mas colmado servicio a nuestra patria, grangeando a el, i a ella esclarecida gloria, i a vos otros mismos immortal renombre.

Tal razonamiento hiço el Conde a sus soldados, con q' les infundio nuevo aliento; trato luego de disponer las cosas de la Placa, i lo executo con tanta brevedad, i prudencia, q' de tales principios se asseguraron los progresos de su dichoso gouierno.

CAPITULO 26.º (1)

Ascendencia del Conde Don Pedro de Meneses.
Empieça a exercitar su officio de General en Ceuta.
Intentan varias veʒes los Moros restituirse della

Antes q' entre a referir los gloriosos successos, q' tuve la Ciudad de Ceuta en el tiempo, q' la gouerno el Conde Don Pedro de Meneses, sera raçon, que dar noticia de su origen, i si bien he de seguir el mismo estilo con los generales desta plaça, referiré com mas extensión

(1) Evidentemente por descuido do auctor, este capitulo e o antecedente, teem numeração egual.

su ascendencia, como del primero q' la gouerno, i a cuyos descendientes quedo la propiedad de su Generalato. El Conde Don Pedro en el libro q' escribio de las familias Ilustre de Hespaña, da principio da de Meneses en Don Pedro Bernardes, llamado el de Sahagun, q' sirvio al Rey Don Alonso Septimo, llamado Emperador. Este de Doña Maria Mendes de Amaya, hija de Don Sueiro Mendes de Amaya tuvo por hijo a Tel Perez de Sahagun, i despues de Meneses, por ser señor de la villa deste nombre, q' le dio El Rey Don Alonso en las ocasiones de su tiempo con valor, i ostentacion, por ser vno de los mas ricos señores de aquel siglo. Fue su mujer doña Gotroda, i de ambos hijo Dom Alonso Tellez de Meneses, que llamaron de Albuquerque, por q' poblo aquella villa y fue della como de la de Meneses, Montalegre, Fuentempudia, San Cebrian, Albadeliste, Castro Verde, Carvajales, Castro Nuño, Cea, Iedra, Garajal, i otras, sin las q' heredo de su padre, con q' fue de los mas poderosos señores de su tiempo, de Doña Teresa Sanchez hija del Rey Don Sancho el primero de Portugal, huvo a Don Juan Alonso Telles de Menezes, segundo señor de Albuquerque, que ademas de los estados q' heredo de su padre, fue señor de Medellin, Alconchel, i outros lugares. Florecio en tiempo del Rey Don Fernando el Sancto, i casó con doña Leonor Gonçales Giron, hija de Don Gonçalo Ruiz Giron, i de su segunda mujer Doña Margarita. Nacio deste matrimonio Don Gonçalo Ianes de Menezes, de Alcuña Raposo, llamosse assi por los muchos ardiles q' vsava en la guerra con los moros, de quien, i de su mujer Doña Urraca Fernandez de Lima (hija de Don Fernando Iañez de Lima y de su mujer Doña Teresa Iañez de Amaya) nacio Don Alonso Tellez de Meneses. Sirvio este a los Reyes de Castilla Don Sancho el Bravo, Don Fernando el quarto, Don Alonso el onceno, i Don Pedro llamado el Cruel, de quien merecio ser odiado por sus virtudes, i con la violencia q' executo otras muertes, mato tambien á Martin Alonso Tello su hijo. Temiendo passasse a mas la crueldad del Rey se retiro con su casa, i familia a Portugal, donde el Rey Don Alonso el quarto movido de su mucha calidad, i partes le dio el officio de su Mayordomo mayor. Fuelo tambien del Rey Don Fernando, q' le dio el Condado de Ouren. Del, i de su mujer Doña Guiomar Lopez de Villalobos, hija de Lopez Fernandez Pacheco, Señor de Ferreira, i de su segunda muger Doña Maria de Villa lobos, nacio Don Juan Alonso Tellez de Meneses primer Conde de Viana, Señor de Aluito, Villa-Nueva, i Penela donde le mataron sus vassallos por seguir la voz de la Reina de Castilla Doña Beatriz, Princesa de Portugal contra el Maestre d'Auiz. Por esta causa perdieron todos sus bienes, i casa en aquel Reino, passandosse al de Castilla su muger la Condessa, Doña Mayor Porto Carrero Señora del Estado de Villa Real, hija de Juan Rodriguez Porto Carrero, Señor de Villa-Real, i Panoyas. Fue hijo deste matrimonio Don Pedro de Menezes, q' ausente en Castilla muchos años con su madre, fue en este Reino conde

de Aguilar, i de Aillon, mas ajustandosse despues ambos Reinos, fue llamada la Condeça, i su hijo por el Rey Don Juan primero, i le restituyo todos sus bienes maternos. Persevero en su servicio hasta acompañarle enl a conquista de Ceuta, i quedar por el primer general de aquella plaça.

Los moros expulsos de la Ciudad el mismo dia q' la perdieron, se esparcieron, por los valles vezinos, donde tenian sus quintas, i casas de recreacion, con esperanças de q' el Rey se contentaria con destruir a Ceuta, i se bolberia con todas sus fuerças a Portugal sin dexarla guarnecida. Passaron aquella noche en lastimosos gemidos, i lamentos entre aquellos bosques, las madres busquaron a los hijos; los maridos a las mugeres, i al contrario; los parientes a los parientes; los amigos a los amigos, aquales faltaua lo vno, aquales lo otro, i aquales todo. Las tinieblas aumentavan grandemente la confusion, vnos referian los antiguos vaticinios, o agueros. Unos alentavan a los desmaydos con la esperança de que hauian de restaurar la ciudad, i otros desesperados de verlo, talavan aquellas deleituosas recreaciones. Assi vassilaron asta q' la partida de la armada vitoriosa les notificó la vltima sentencia de su despojo, que a los q' se hallavan sin fuerças para vengar sus injurias, causó tambien la vltima desesperacion, como mayores brios a los moços, q' fiauan de su valor el desempeño de su aduersa fortuna. Estos dexando a los viejos, i impididos en guarda de sus mugeres, i hijos, se vnieron en un cuerpo, i acaudillados de un valiente Alarbe de generosa sangre, i de singular presencia, deseosos de entrar la ciudad, i viendo por la muralla poca gente con increible denuedo, i valor se arrojaron a la puerta q' despues se llamó de Alvaro Mendez. Viendo los nuestros aquella osadia, sin orden del general tomaron las armas, salieron acampaña a resistirles. Trabose tan recia escaramuça, q' pudo ser sangrienta batalla, mas cessó, mui al principio con la muerte de su caudillo, que executo un soldado del Infante Don Henrique llamado Martin del Algarve, i el vengo con algunas heridas de los nuestros. Quando mas encendida la pelea, acudio el Conde a socorrerlos con gente de refresco, i a impedirles q' se apartassen de los muros. Flaquearon los moros con los muchos heridos, i con el gran valor de nuestra gente, entre los cuales tambien huvo algunos, i al fin se huieron de retirar sin la ganancia q' deseavan, y persuadidos a que seria mas dificil echar de alli tan presto a los Portuguezes.

Con todo no cesaron en sus asechanças, i auiendo experimentado el esfuerzo de los nuestros, i el denuedo con q' salieron de la Ciudad, intentaron executar con maña lo que no pudieron con la fuerça, cevando todos los dias a los Portugueses con amenaças, i escaramuças, para q' apartandosse cada vez mas de la plaça, cayessen en alguna emboscada. Aduertido desto el Conde no consentia semejantes salidas, mientras no tuvo tan en orden la cindad, q' las pudiese hacer mas a su salvo, i por q' los caualleros sufrian mal semejantes retiros, despues de auer orde-

nado sus cosas, permitio q' saliese una compañia de setenta ballesteros, q' guuernaua Juan Pereira, Capitan de los q' dexo en la plaça el Infante Don Enrique. Estos se arrojaron a los moros q' por el daño recibido de las ballestas de la Muralla se alexaron algo della, i los nuestros se acercavan eligiendola por amigo. Llegauan ya los moros a numero de mil, i los nuestros al de trezientos, quando salieron de entre ellos dos valientes arabes, que haziendo señal de seguro, desafiaron a dos cristianos, que apartandose de su escuadron los embistieron con gran valor, i andando aquel desafio bien travado acudieron los Moros, i los nuestros tambien, i entre todos se armo una sangrienta escaramuça a que acudio el Conde con el resto de su gente. Estaua cerca de la ciudad un hermoso Palacio en que asistian los Reys de Fez quando venian a Ceuta, i en su contorno un espeso bosque, en que los Moros hauian armado una grande emboscada, i uiendo empeñada nuestra gente en la escaramuça mostraron flaquear, i se retiraron a ella. Fueron seguidos de los Portugueses asta passarla: los que estauan emboscados inuistieron a una puerta de la Ciudad, pensando ganarla, donde fueron rebatidos con singular valor, i com igual daño de los moros, i viendo q' les salia vano su intento, dieron la buelta para coger en medio a los q' campeavan, cargaronlos por una parte como los q' se retirauan por la otra, trabandose sangrienta batalla; viendo el conde q' crecia por instantes el numero de los moros, trato de retirarse, por q' no creciese el empeño. Animo a su gente, i poniendosse delante embistio con los que tenia a las espaldas, rompiolos con grande estrago, i con treinta i cinco muertos, i muchos heridos de q' despues no murieron pocos; de nuestra parte murio un judio, por apartarse desmandadamente de los otros, i quedo herido Juan Ferreira, criado del Infante Don Pedro con una azagaya por el cuello, mudó despues estado, i vino a ser Thesorero de la Sancta Iglesia de Coimbra. Esta emboscada no fue de daño a nuestra gente, antes le sirvio de auiso para evitar otras. Hauian llegado de Castilla algunos Cauallos, que el Conde mando llevar, i assi se determino en talar la campaña vezina, i derribar algunas casas, i quintas, q' podian hacer daño a la ciudad. Executolo, i saliendo un dia con gran copia de officiales, pusso por tierra antiquissimos, i deleitosos bosques, derribo excelentes casas de recreacion, i todos los vallados, q' podian servir de impedimento a nuestras retiradas, ó reparo a las emboscadas de los moros. Quedo algo mas deshaogada la compaña, i pudo el conde hazer con desembaraço las salidas, como desengañar a los Moros, q' caminava mas despacio la restauracion de su patria.

Veinte dias continuos estubieron sin apartarse, i en todos hubo correrias de poca consideracion, mas siempre con daño suyo, i assi a su costa vinieron apersuadirse, que esta materia pedia mayores largas de lo q' a los principios imaginaron, i assi se fueron apartando, i conociendo lo poco q' podian obrar en aquella guerra sin cabeça de experiencia, i valor.

Para esto eligieron a Abu Señor de Morequeri del linage de los Merines, hombre experto, i de coraçon valiente, q' estimó el puesto por el crédito q' podia grangear entre todos dos de su secta. Este puso en mejor las cosas, i empoço a obrar con mas prudencia, i aunque al principio hizo algunas correrias, en ninguna huvo succeso que meresca detenernos, asta q' pocos dias despues, pretendiendo los moros una atalaya acudio el conde, i la salvo. Aunque algunos le aconsejaron no seguiesse al enemigo, lo hizo, por q' no cobrasse brios, i a la primera embestida cayeron quatro muertos, con q' los otros se pussieron en huida. Prosiguio el alcance, i apreto tanto a los contrarios, q' les convino retirarse peleando con ardimiento, que les duró poco, por q' siendo de nuevo cargados, pusieron sus esperanças en la ligereça de los pies, dexando en el campo treinta muertos, i llevando muchos heridos. Con esto hiço alto el General, e trato de recoger su gente en orden por evitar que cayesse en alguna emboscada, i assi lo executo bolviendosse a la plaça victoriosso.

Poco despues armo una emboscada Abu, i apareciendo un dia cerca de la Ciudad, fue embestido de algunos Portugueses, i el se retiro para meterlos en ella, i lo consiguio. Luego, les cargo con tanta furia, que procuraron aquellos pocos hacerse fuertes, en un puesto eminente, i antes q' le ganassen perdieron en la buelta a Martin Gomez. Juan de Soure, i aotros dos soldados, ganaran los otros la eminencia, en q' se defendieron con gran valor, asta q' fueron socorridos de la gente del Conde, q' ya auia salido al rebato. No quisieron aguardar los Moros su llegada, antes retirandosse, contentos con aquella pequeña victoria, se boluieron a sus quarteles. Siguioles nuestra gente, i en la retirada hirio algunos, i mato a un cauallero de anciana edad, señor principal, i caudillo de muchos moros, q' alli se hallauan, muerte q' bien recompensó la passada perdida segun el sentimiento que mostraron, particularmente un hijo suyo, q' alli se hallaua, q' se fue al Alcaide de Alcaçar, i boluio acompañado de mucha gente para vengar en aquella guerra la muerte de su padre. De los nuestros quedaran algunos heridos, con q' cessó la pelea.

CAPITULO 27.º

Entra el Conde por las aldeas del contorno. Destruye algunas: tiene varios encuentros de q' sale victorioso i herido del vltimo.

No sosego muchos dias Abu despues deste successo, antes deseando gastar i cansar nuestra gente, armo otro dia dos emboscadas, de q' el Conde fue avisado, i assi se porto con mas cuidado aquell dia, en q' no pudo tener efecto le prevencion de los Moros. Huvo em-

pero una escaramuça, en q' fue muerto Almançor, sobrino de Abu, i otros quatros, recogiendosse Don Pedro sin mas daño, q' de algunos heridos. Tantos, i tan repetidos daños aduirtieron a los moros quanto les convenia dexar la ciudad de Ceuta, vista la impossibilidad de recobrarla sin mayor poder, i aunque algunos de mas brios contradixeron esta resolucion, otros de mayor prudencia la abraçaron, y eran de opinion, que totalmente se apartassen hasta tener poder para sitio. El medio entre ambas opiniones fue, ni desamparar del todo, ni estar tan cerca, sino recogerse, i diuidirse en las Aldeas vecinas, fortificandosse, i quedando por capitan de aquella guerra Abu. No se descuidaua el conde de hacer continuas correrias, i cobrando nueva confiança con el temor de los contrarios, les hizo una entrada por mar, i tierra de poca gente. Constaua esta de Almogaraues, q' por esso luccio poco: quedo prisionero un moro, muertos dos, i corrio riesgo de ser muerto, o catiuo Abu. Fue este successo el ultimo de Noviembre de aquel año de 1415, dia q' quedo en memoria entre los de Ceuta, por ser el en que fue muerto el primer javali de aquellos campos, q' hallaron en la retirada.

No sosegaua el animo del Conde, que de un buen successo tomaua motivo, para otros mejores; i assi dispusso la primera entrada de gente escogida con intento de desvelar a los moros de manera, que se apartassen mas, i dexassen la campaña libre. Resoluio destruir una aldea vezina, llamada Val del Naranjo, q' estava con pocos moros de Guerra: hizo salir una noche, gente en calidad, y cantidad bastante a poder pelear con los q' acudiessen de las Aldeas vecinas. Dieran los nuestros de madrugada sobre aquella, i aunque no cojieron a los moros descuidados mataron a algunos, i prendieron otros, i los mas se pussieron en huida a pelidando a todos los otros lugares que esforçadamente se unieron para oponerse, saqueo nuestra gente el lugar, empeço a retirarsse por la parte de la Ribera, quando ya rompia el alba, i los Moros acargarla de manera que la obligauan a caminar peleando con gran riesgo, por q' eran menos de los q' convenia para aquella entrada, i la multitud de los contrarios crecia por momentos. En este tiempo hauia salido el conde al socorro, i viendo el apierto de su gente, hizo adelantar algunos cavallos con Gil de Elvas, para q' le ayudassen, mientras el llegaua. Su vista basto para q' los moros no siguiessen el alcance, juzgando estaua cerca el conde con todo su poder. Los de la antrada pelearon este dia con gran valor, por q' passada la Ribera la defendieron a los Moros desde aqui pidieron socorros al general, q' en este puesto los hallo, quando llego con su gente, i los recogió con la pressa de treynta cautivos, i algun ganado. En la aldea fueron muertos ocho moros, i en el alcance muchos heridos, de los nuestros lo fueron cinco, i ningun murio.

Con este buen principio en las entradas, resoluio el conde continuarlas, obligar a los Moros a q' se apartassen de Ceuta. Yaze a dos leguas de

la ciudad, un valle llamado el de Boullones, q' diuide del q' llaman de Barbeche vna falda de la Ximera, i por ser abundante i apacible, se alojaron en el muchos moros de los expulsos. Aun lugar deste valle, dispuso embiar el Conde gente conveniente para destruirle. Guarnecianle ciento i cinquenta hombres de guerra, i tomando noticias ordenó q' una noche le asaltassen dicientos soldados, si bien a la salida no se hallaron mas de ciento i nueve, q' fue causa q' algunos dudassen proseguir la jornada, mas animados de los otros la continuaron, llegando tan de noche, que les fue fuerça esperar a la madrugada, por q' no se confundiesen los unos con los otros en la pelea. Al romper el alba embistieron al lugar tan de repente, i con tales voces, que los Moros, si bien eran mas se pussieron en gran confusion, atendiendo solo a ponerse a salvo, i aun assi quedaron muertos treynta y siete, i cautivos cinco, con q' los nuestros se retiraron, i con algum ganado. Dieron auiso los q' quedaron a los lugares vecinos, que acudieron con prontitud al rebato. Abu, aparecio luego sobre la sierra con trescientos de apie, i algunos cauallos, i em peçaron acargar a los Portugueses, crecia la multitud de los moros, i no menguaua el aliento de los nuestros. A esta sazon salio el Conde al socorro con el gruesso de su gente, i por alentarlos hizo, q' Gonçalo Nuñes Barreto se adelantasse con alguna, q' llego a incorporarse con ellos al tiempo q' mas necesitauam de su ayuda. Llegó el General, que los hallo enteros, i con la presa, mas en sitio poco acomodado para la batalla. Aun assi huvo una seria escaramuça, en q' murieron nueve enemigos, i quedaron muchos heridos, con q' se retiro nuestra gente, de que huvo algunos heridos, recogiendo la presa.

Con los successos referidos, i otros de menor consideracion, se passo lo q' resteva del año de 1415, i aunque a los principios del de 16 huvo algunos reencuetros, no soccedio cosa, que meresca lugar en esta historia mas que viendosse los Moros acosados con tantas entradas, i perdidas, se apartavan cada dia mas de la ciudad. Los del valle de Barbeche, le desampararon totalmente, i viendo el Conde lo bien q' le succedian las entradas para desaogar la ciudad, intento vna en el valle de Castillejo, en q' hauia quatro o cinco aldeas, i gran cantidade de ganado. A ocho de febrero deste año, salio con seiscientos hombres, i llegando al valle antes de amanecer, espero hasta la madrugada por evitar la confusion. Alli dispuso la entrada de los lugares, diuidiendo su gente en tres troços. El se quedo con vno para el socorro, i alos otros mando, q' diessen en dos aldeas diferentes, i lo executaron tan a tiempo q' brevemente pussieron a los moros en confusion con muerte de muchos. Abu q' se hallaua cerca, i fue auisado, acudio a tiempo, por q' los nuestros se detuuieron mucho en el saco. Trabaronse todos en el mismo sitio en que pelearon hasta q' llegó el Conde con el resto de su gente, a cuya vista, auiendo perdido siete en la entrada de nuestro socorro, los moros se retiraron,

sin atreberse a seguir nuestra gente, que incorporada marchó con la presa. Constaua de ochenta cautivos, hombres, i mugeres, de mucho ganado, i ropa, i en el campo quedaron ciento, i veynte muertos, sin otra perdida de nuestra parte, mas que de tres cauallos.

Para vengañça de tantos daños, hicieron vna junta de gente los Moros, con intento de hazer con los nuestros tal mortandad q' les siruiese de escarmento en lo de adelante y para esto armaron diferentes emboscadas. Siendo auisado el conde hiço, otra aunque de menos gente que la que convenia, por no hauer entendido q' era tanta la del contrario. Salieron nuestros descubridores a otro dia, que el Conde tubo el auiso, i corriendo algunos moros a ellos, procuraron cercarlos, i alos que les hacian espaldas para meterlos en su emboscada. Lo mismo pretendian ellos con los moros, asta q' se desenganaron sãliendo gran cantidad de gente, i los apretaron de tal manera, q' fuerça a los nuestros socorrerlos, salieron de su emboscada ala oposición del enemigo, q' viendose con mas contrarios de lo q' imaginaua, hizo señas para q' saliesse el resto de su gente, suben el número los escritores a veynte mil, q' no parecerá grande alos que saben la facilidad con q' aquellos barbaros se juntam para permanecer vno, o dós dias en el Campo. Cargaron a nuestra gente de tal manera, que tuvieron de retirarse peleando. A este tiempo llegaran quatro cientos ballesteros de socorro, i poco despues el Conde con mas gente, i haziendosse fuertes en unos vallados, pelearon de manera, que no pudiendo los moros sufrir su resistencia, ni el daño grande q' recibian, se huvieron de retirar, cobrando primero los muertos, q' segun se supo despues por sus Alfaqueques, con los q' murieron despues de los heridos passaron de ochocientos, victoria grande, si consideramos el corto numero de Portugueses, q' tenia aquella Plaça tan lejos di los socorros de su patria, i con tantos, i tan ofendidos enemigos.

No sosegauan los Moros, antes los malos successos q' tenian, eran continuos incentivos de su vengança. Estubo el conde algunos dias sin salir de la plaça, despues de la entrada del Castillejo, i assin eran buscados de los moros. Corrieron estos a los q' hazian la yerra en el mes de Abril, dia de San Ambrosio, con quiñientos hombres de vn sitio, que llaman el Ramal, i al primer encuentro con los nuestros, les mataron dos cauallos, con q' se pussieron en retirada, peleando siempre, i haziendo bueltas al enemigo con valor. Diosse rebato salio el Conde, i adelantandosse con los pocos cauallos, q' tenia, tomando la delantera con solo un soldado, q' mas inmediatamente le acompañaua, se metio entre los Moros, con mas valor q' prudencia, siete enemigos cayeron alos primeros golpes; mas recibio en retorno el conde dos azagayadas en una pierna y la muerte de su cauallo, con q' cayo entre los moros. Alli diera fin a sus valentias, si no fnera socorrido por Luis Vazques de Acuña, por su hermano, y por Ruy Gomez da Silva, q' se metieron entre los moros, i

los apartaron, asta q' el Conde fue socorrido con otro cauallo. Con el coraje q' le infundieron las heridas, i con los q' de nuevo se le juntaron, hizo una buelta tan recia a los moros, que con muerte de muchos los puso en huida, impidiendole seguir el alcance las asperezas del sitio, i la cercania de la sierra que los contrarios tenian a las espaldas en que luego se metieron. Recogiose el Conde con su gente, herido, mas con gran reputacion, e fue aduertido de su temeridad. Gonçalo Nuñez Barreto, su primo, i mayor de años tuvo mas confiança para reprehenderle despues de auer mejorado de las heridas. Oyo la aduertencia con respeto, i desculpose con prudencia, que siempre tienen buena salida los yerros q' ocasiona el valor.

CAPITULO 28.º

Prosigue la guerra, entrasse la Aldea de Dalbegal.
Intenta el enemigo escalar la plaça, i es rebatido.

Passose en este tiempo a los moros un soldado, q' segun dicen las historias antiguas, era Catalan, i refirioles como estaua el Conde herido, i exagerando el peligro de la vida en q' quedaua, i facilitandoles con este nuevo accidente la restauracion de Ceuta, fue bien recibida la nueva. Sin dilacion auisaron a Abu, i a otro Moro poderoso, q' juntando el poder de aquellos contornos, que se componia de mil, i quiñientos cauallos, y quince mil infantes, se emboscaron en quatro partes junto a Ceuta. Auian salido aquella noche escuchas a descubrir el campo por asegurarle al otro dia para leña. Este le auisaron la misma noche, i valiendosse de la ocasion, salio antes de amanecer con un golpe considerable de gente, i diuidida en troços, hizo otras tantas contra-emboscadas a los moros. Salieron, siendo ya de dia, nuestras atalayas, aduertidos de no pelear, si no traerlos a las emboscadas, y auiendosse ya empeñado en descubrir el Campo, corrieron los enemigos tan recio q' falto poco para prenderles. Dieron siguiendoles en la emboscada del Conde, que los embistio con gran resoluccion: viendole en este empeño de las otras, salieron con igual prontitud, i trabandosse todos con los enemigos, sin embargo de q' era el numero desigual, fueron muchos los q' cayeron muertos, i a los primeros encuentros, i no pudiendo sufrir el impetu de nuestra gente boluieron las espaldas, i ellos los siguieron gran trecho. Fue esto entre una i otra caualleria; i queriendo el Conde seguir el alcance, quando lo disponia, se auia incorporado la gente de apie a los cauallos Berberiscos, q' unidos en buen ordem embistieron con gran valor. Parecio mejor consejo al conde la retirada, y dispusola con singular acuerdo, i tan en orden q' no pudieron prejudicarle los enemigos siendo

siempre el ultimo. No en ella, mas desmandados en despojar los muertos perecieron en vengança de tantas muertes cinco christianos, de q' de solo vno ai memoria, llamavasse Pedro Gil, i vivia con Lopez Vazques de Castelo-branco. Abrigados los portugueses de las murallas, fueron incitados de los moros artas veces, mas desesperados de vengarse aquel dia, se boluieron llorando sobre los muertos q' retiraron.

En lo maritimo no corria menos prospera la fortuna al Conde. Auia dexado el Rey en Ceuta por Capitan de dos galeras para la guarda del estrecho a Misser Carlos, hermano del Almirante Misser Laçarote, q' no obro cosa en aquellos principios, por q' se necessitavan de nauios ligeros. Dispuso el Conde q' se fabricasse una fusta de diez bancos por banda, i dando la Capitania della a Alonso Garcia de Queiros, fidalgo valeroso le hizo salir para q' hiciesse algunas pressas. En la primera salida fue a anochecer a Cadiz, i al otro dia de madrugada, dio con un barco luengo, mareado con catorze moros, q' aun que al principio se resistieron, tubieron por menor mal perder las libertades q' las vidas. Consto la presa de mucho trigo, cebada, i legumbres, i seis cauallos, con q' se dio principio a los successos maritimos. Recogiose con la presa Alonso Garcia, i con tan buenos principios no quiso el Conde se perdiessen las ocasiones q' se offreciessen, antes, premiados los soldados, hizo salir segunda vez la fusta, q' al otro dia topo con una Albetoca, que cargada de mercadurias caminaua desde Malaga a Tanjar, dieronla caza asta hazerla dar en la costa de Berberia; cojieron solo dos Moros, los otros se salvaron, i hizieron presa del vaso, cargado de muchas i buenas mercadurias, paños de oro, i seda, i otras ropas, q' siendo vendidas por mui bajos precios, importo la presa mas de diez mil coronas.

Algunos dias descanso, Alonso Garcia, despues deste successo, mas sabiendo, q' en Gibraltar estaua un nauio cargado de ricas mercadurias, i de partida por la Ciudad de Anafe, a permutar por trigo, de q' Gibraltar se hallaua necesitado; armo bien su fusta, i se fue a Gibraltar. Siendo ya de noche embistio con gran valor al nauio, q' no se hallaua despreuenido con los recelos de Ceuta. Acudieron a los bordes a defender la entrada con piedras, q' no hicieron poco daño. Duro una larga hora la porfia con gran ventaja de los moros, assi por tener mas gente, como porq' peleavan de lugar mas alto; mas alfin flaquearon en la resistencia, i fue el nauio entrado por los Portugueses, echandosse a la mar los moros, de q' cogieron veyente quatro vivos; cinco murieron en la defensa; algunos se ahogaron; y otros perdieron las vidas de las heridas. Murio de nuestra parte Payo Gonçales moço noble, q' el conde auia criado. Salio atrabesado de una lançada por las espaldas un soldado viscaino, i Alonso Garcia, con muchas heridas aun q' no peligrosas. Recojio las armas, i los despojos, i cortando las amarras del nauio, entro con el otro dia en Ceuta. Importo mucho esta presa, por ser toda di seda fina, i

ropas, i mucha moneda de oro, i plata, i otras mercadurias. Con estos successos maritimos, i otros q' se siguieron despues se fue conociendo la importancia de aquella plaça, i lo mucho que hauian perdido con ella los Moros.

Diez meses auia q' Ceuta estava en Dominio Portuguez, quando determino por parecer, i apetición de algunos fidalgos destruir una aldea, q' llamauan Dalbegal, rica i abastecida de ganados, aun q' de dificiles entradas particularmente para la caualleria. Salio una noche para este efecto con ciento, i cincuenta de acavallo, i ducientos de apie, i de madrugada se hallo sobre la aldea. Antes de llegar topó nuestra caualleria con cien moros de apie, q' andauan de guarda en aquel sitio, i aun q' armados se valieron de la espesura de un monte vecino, donde se pusieron en defensa, cercaronlos, i peleron un gran rato, asta q' se determinaron a entrar en el bosque sin aguardar a los de apie, q' no hauian llegado. Fue el primero que entró Pedro Lopez de Acevedo, Cavallero de gran valor, i merecedor de gran fortuna, q' a pocos passos del bosque se metio con el cauallo en un pantano, cargaronle los moros; i con tantos golpes, q' en breve rato perdio la vida, lo mismo sucedio a Pedro Gomez de Abreu, aquien llamavan Vasco de Rio Caldo. Sentido el Conde desta perdida, i llegada ya la gente de apie, dio orden se embistiesse el bosque, i fuessen degollados los bárbaros. Assi se executo, i de ciento perdieran la vida noventa i ocho, concediendola a dos para q' guiasen nuestra gente en la destrucion de la aldea, q' buscauan. Estos afirmaran q' auia quatro dias que estaua desierta, i se certifico el auiso con veyente cauallos, que entraron a reconocerla. Con este se bolvio el Conde, trayendo los cuerpos de aquellos dos caualleros, q' aun q' costaron muchas vidas, no fueron bastante recompensa a tanta perdida.

No se descuidava el Conde de traer continuamente espias entre los Moros para q' le auisassen de sus movimientos. A los principios de abril tubo noticias, q' se juntava una gran multitud para correr a Ceuta, i q' seria el viernes santo, dia tan sagrado a los Cristianos para sus sanctas ceremonias. Previniosse de todo lo necesario para la defensa y en este dia estando la gente al sermon, aparecieron los enemigos en cantidad grande, por q' se afirma se juntaron veinte siete mil hombres; de q' dos mil eran de acauallo, aun q' no se descubrieron luego todos para q' se empeñase mas la gente. Guarnecio las murallas, i puesto el Conde con prudente disposicion, i viendo q' estaua todo preuenido, hizo salir algunos soldados para q' escaramusassen. Fueron estes cargados de multitud desigual, por q' auia cincuenta moros para un cristiano. Cayeron luego de su parte quatro muertos, i algunos heridos: de los nuestros perdio la vida un Almocaden, cuya muerte fue sentida del Conde. Duró un gran rato la escaramuça, asta q' los moros hicieron muestra de vnirse en un Cuerpo, i embestir la Ciudad. Caminaron al efecto, i delante Abu en un

hermoso cauallo blanco, armado de todos las armas a la vsanza Berberisca. Empeñase demasiado en llegarse a la puerta de Fez, por q' disparandole dos saetas desde la muralla, la vna le hirio en una pierna, i la otra le derribo del cauallo. Acudieron los Moros a salvarle, i lo hicieron a costa de muchas vidas. La artilleria no les hiço poco daño, por q' la multitud era grande, i los artilleros diestros: en esto se passo asta ora de visperas, en q' se junto vna gran tropa de moros, i se vinieron en un cuerpo acia la puerta de Machamaxabeçon gran orgullo, q' luego ceso, por q' el Alferez, q' venia delante, cayo muerto atravesado de una saeta por los pechos; i otros muchos q' se le juntaron perdieron con el la vida. Este successo no solo obligo a hacer alto a los q' le seguian, mas apartar-se de la muralla con q' cessaron los intentos aquel dia, i passo el Conde la noche con poco sosiego, i grande vigilancia en las disposiciones necesarias.

El siguiente, en amaneciendo diuididos los moros en diuersos cuerpos, se llegaron a las murallas con escalas, mantas, i con faxina para cegar el foso. No osaron executarlo asta hora de tercia, i en este tiempo huvo algunas escaramuças en q' murieron algunos Moros, i salio poco herido un soldado christiano. Continuaron ellos en llegarse a las murallas, mas las muchas muertes, q' desde ellas executaron las ballesteros, i la artilleria, les hico detener, asta q' por descuido de un artillero, se pego fuego a cantidad de polvora, q' estaua sobre la muralla, q' hiciera gran daño si no se acudiera con prontitud al remedio. Pensaron los moros, q' era mayor el peligro, i sin detenerse embistieron con gran furia, i muchos alaridos a las murallas, mas cargó en ellos tal cantidad de saetas, q' quedo el campo sembrado de muertos, i los q' escaparon deste peligro bolvieron sin orden las espaldas, no cesando contodo otros de llegar las mantas. Hiso tambien la artilleria en ellos gran destroço; i las saetas lo continuaran: fueron muchos los moros q' murieron en esta ocasion, i en particular perdieron la vida dos caualleros Merines viçarros de quatro q' andauan juntos en la campaña, i sobre la retirada de sus cuerpos huvo otras muchas muertes. Retiraronse los Moros a llorar los difuntos, i en particular vno destos dos caualleros, q' era el principal caudillo desta empresa. Aprouechosse de la retirada el Conde, i hizo vna recia salida, en q' quemo la fajina, retiró las escalas, i deshiço las mantas. Fue tan grande el sentimiento de aquella muerte entre los Moros, q' no trataran de tomar entonces vengança, antes dispusieron el mismo dia la retirada, diuidiendosse en tropas, i dexando a los nuestros victoriosos, i contentos. Al otro dia, q' fue el de Pasqua de Resurrecion, dio el Conde un esplendido banquete a todos los fidalgos, i Capitanes, i por la tarde hizo salida con muchas tropas de apie, i de acauallo, i recogio lo mas q' los Moros hauian dexado; i por q' no hallassen en otra ocasion las ayudas q' en esta para offender: la ciudad, derribó algunas casas de las q' hauian que-

dado en pie, i cego todos los poços para q' les faltasse el agua en tales ocasiones.

CAPITULO 29.º

Prosigue el Conde sus empressas por Mar, i tierra con prospera fortuna.

Pocos dias despues determinó el Conde destruir dos Aldeas basto apartadas de la Ciudad, llamavanse Almarca, i Guaderrarel. Para esto escogio trescientos, i treyenta hombres de apie, i once cavallos; i encargo la execucion a Alvaro Mendes Cerveira, Capitan valeroso, i experimentado, i el se quedo con el resto de la caualleria para partir despues, i hazer espaldas a los primeros. Estes dieron en las aldeas, destruyeronlas, i pusieron fuego a las haziendas, q' no podian traer: mataron veinte moros, cautivaron algunos, i recogieron ocho cientas cabeças de ganado, i algunas yeguas. Aun que los Moros al principio hicieron resistencia, flaquearon luego, con q' se pudo sin perdida executar lo referido, i recogerse la gente sin estorbo. Poco despues embio aotras dos aldeas, en lo alto de la sierra contra el valle del Negron a Luis de Ataide tio suyo con la mayor parte de la caualleria, i trezientos de apie. Acompañaronle entre otros fidalgos Rui de Souza, i dos caualleros catalanes, llamados Mosen de Plumar, i Mosen Gil Albate de Ritieca, q' con la fama desta conquista, quisieron ganar honra en ella, como succedio a muchos de Hespaña, i otras naciones. Llhegaran antes de amanacer a la primera aldea, llamada Cinde Carrean: hallaronla despojada de sus moradores, q' consigo hauian llevado quanta hazienda tenian; dieron luego en la segunda, q' se llamaua Benabeidam; mas siendo sentidos se acojieron los vezinos a la sierra con sus ganados; atajaronlos Gil Vasques Puerto Carrero, Lope Vazques, i Diego Vazques sus hermanos, Gonçalo Vazques de Ferreira, Juan de Beça, Men Suarez, Pedro Alonso, i Lorenceanes de Moraes, q' cogieron el ganado con muerte de muchos Moros, saquearan la aldea, i perdieron la libertad en ella una mora con su hijo pequeño, i otros tres muchachos. Recogieron cuatro cientas, i diez cabeças de ganado, i los muebles q' pudieron conducir, i con esto se retiraron, i si bien en el Camiño estaba una tropa de trescientos moros, q' mostraron querer salir al passo, ya a este tiempo se mostró el Conde con el resto de la cavalleria, con q' avista del enemigo, metieron la presa.

A los 9 de Mayo, los enemigos, acaudillados de vn Infante moro, vinieron a correr a Ceuta, i aun q' preuinieron emboscadas, para coger a los nuestros descuidados, fueron sentidos la noche antecedente, de las escuhas q' auisaron al Conde, i previnosse para la pelea. A otro dia, auiendo

salido los moros, trabaron los nuestros la escaramuça, que encendiendosse entre vnos i otros, vino a ser sangrienta, cayo muerto su caudillo, con notable sentimiento de sus soldados, i de nuestra parte murieron cinco. Los tres peleando, i los dos desmandados en despojar a los muertos, que fueron muchos. Duro la batalla asta medio dia, en q' cesaron los moros retirandosse. En este mismo dia, nueve soldados, q' ivan a un puesto, q' llaman Bullones, fueron cojidos de dos vergantines Berberiscos: tambien en el se passó a Ceuta un cauallero moro, q' de Granada hauia ido a Belemenin com Muley Jacob, a quien los principales de aquel Reino llamaron para coranarle. Mataronle a Muley Jacob los del otro bando, i se salieron con dar la corona a otro; este q' le acompañaba, se passó a Ceuta con un criado para seguir la guerra contra sus enemigos, i tomar por este camino Vengança de sus agrauios. Permanecio poco tiempo, por q' luego fue llamado de los de su bando, i se bolvio con mercedes i beneplacito del Conde.

En el mismo mes de Mayo se quiso informar el Conde del sitio, i disposicion de un aduar, q' estaua en tierra de Benaçaide. Embio a Diego Vasquez Puerto Carrero en vn vergantin bien armado para q' le reconociesse, i tomasse lengua, i assi lo executo, i cautivo uno, i por q' no pudo tomar otros, estando para boluerse, vio vna vela latina, q' reconocio, i dandola caza la rindio, haziendo ocho esclavos, i buena presa de mercadurias. Dos dias despues armaron los moros tres fustas, governadas por un valiente corsario, q' llamavan el desnarigado, i vino a la Almina una noche en una dellas, de quince bancos por banda, otra de trece, i la menor de doce; i de madrugada desembarcaron en una cala, q' la Almina tiene a la parte de levante. Dormian las escuchas, y pudieron executar, lo q' pretendian, sin ser sentidos, cogiendolas por la mañana, i a otros quatro hombres, que ivan a llevar unas redes, i mucha mas gente cautivaron descuidada, si las voses de los primeros, i segundos no avisaran a otros, q' se caminavan a pescar, i otros exercicios. Estos dieron rebato a la ciudad, i acudieron con mucha gente Fernan Barreto, a quien aquel dia tocaua la guardia de la Almina, mas llego a tiempo q' ya las fustas se hauian alargado con la presa (1).

El Conde, q' no perdia ocasion en q' pudiesse conservar la reputacion adquirida, hizo q' al punto saliesse Diego Vazques Puerto Carrero en una fusta a entretener a los enemigos, mientras se preparavan otras para pelear. Salio este valiente cavallero sin dilacion, i en breve dio con las fustas enemigas, procurando solamente entretenerlas, i no venir a las manos, mientras no pudiesse hacerlo mas a su salvo. Tras el despacho

(1) Este caso foi tão sentido em Ceuta, que ficou sempre conhecido pelo nome de «Desnarigado», o ponto onde desembarcaram os moros capitaneados pelo Corsario assim alcunhado.

el Conde otras dos fustas de Juan Pereira, i mui buena gente, entre ella Fernan Gonçales del Arca, i Martin de Castro; luego salio Mosen Martin con la suya, e tras el Mosen Juan, e Juan de Vega con su Vergantin, i otras quatro barcas pequeñas, i mui valientes soldados, deseosos de la vengança. Diego Vazques no cesava de entretener las fustas enemigas, llegando con ellas, a vna angra, q' esta a la parte de Berberia, asta q' las otras embarcaciones impensadamente llegaron. Era ya nuestro poder superior, i sintiendolo los moros huyeron si el Corsario q' los gouernava, no los alentara a la pelea, con q' hicieron rostro, aun que por breve espacio, por q' dos de las fustas apretadas de las de Ceuta embistieron con la playa, salvandosse la gente, i en la vna mataron los Cautivos los moros, antes de salir, los de la otra tubieron mejor suerte, por q' no huvo tiempo para q' se executase con ellos lo mismo. La tercera se metio en el Rio Benamaden, donde fue amparada de multitud de moros, q' auian bajado a su socorro. Recojieronse los nuestros con reputacion, i ganaron los dos vasos q' fueron de vtilidad en otras ocasiones.

Pocos dias despues armo el Conde las embarcaciones con q' se hallara, para correr las costas de Berberia, i Andaluzia cuya mayor parte estaua en poder de los Moros. Fueron por capitanes Juan Pereira, Gonçalo Vazques, Juan de Vega, Diego Vazques Puerto Carrero, Benito Sanchez, Martin de Castro, Lorenzo Anes de Padua, i Juan Martinez, este partio primero, i en el monte de Gibraltar cojio vn navio pequeño con poca resistencia, i hizo quinze esclavos, que trayan no pocas mercadurias de precio. Los otros, llegando a la costa de Hespaña, parte se quedaran en el mismo monte de Gibraltar, i parte fueron a la costa de Malaga, i alli rendieron un caravo cargado de vidriado, que navegava a Malaga, aun q' la gente se escapo, por q' encallaran en tierra, perdiendo hazienda, i navio, i si bien fueron seguidos los amparo alguna cavalleria, i Infanteria, que salio de Malaga, assi se peleo algun tiempo sin aver de una, i otra parte perdida mas q' algunos heridos. Con estas presas ya se recogian los nuestros acorrer las costas de Berberia quando toparon en aquel paraje del Estrecho las galeras de Venecia que pasaban a Flandes, i mostraron notable contento de ver la gallardia, con q' los portugueses, andavan arbitros del estrecho, haziendo continua guerra a los Moros por mar, i tierra, regalaron a lo capitanes de nuestras fustas, repitiendo alabanças al Rey Don Juan, i sus vasallos, pues con tal zelo, i valor perseguian a los infieles, enemigos mortales de la Christiandad. De aqui fueron los nuestros al puerto de Tanjar, donde no hallaron otra cosa, q' un caravo, q' huyendo dio entro unas peñas, i se perdio con lo q' llevava, salvandosse los Moros. Corrieron la costa asta Alcaçar, i no hallando q' hacer presa, se bolvieron con las referidas, siendo recibidos del Conde, i de todo aquel pueblo con notables aplausos.

No cesavan los moros de hacer correrias para cansar nuestra gente;

por q' despues de los succesos referidos, se emboscaron junto a la ciudad en diferentes partes, i hauiendo salido una atalaya a descubrir la cautivaron; salieron algunos a socorrerla, i fueron tan apretados, q' los siguieron asta las puertas de la Ciudad. Alvaro Mendes q' se hallava entre ellos, i venia en la retirada, les dio voces para q' bolviesen sobre los moros, i ayudado de otros, q' avian ya acudido, hicieron una vuelta con gran valor. Cayeron a los primeros golpes quatro enemigos muertos, i quedaron dos prisioneros; los otros bolvieron las espaldas, muriendo en el alcançe treinta de apie, i dos de acavallo, sin los q' se hallaron despues en lugares mas apartados; de nuestra parte murieron solo quatro cauallos. A este tiempo auia salido el Conde con su gente, i pensando q' los moros quiziessen seguir la pelea se puso en orden para acometerlos; mas ellos vsaron de mejor consejo retirandosse, i vengandosse de tanta perdida, con aver muerto, i descuartizado a vista de los nuestros la atalaya, q' auian cautivado; salio tambien herido Mem Suarez de un moro q' hizo prisionero: suposse despues q' eran quince mil los de apie, i trescientos de acavallo capitaneados por Abu, i q' era la giente de Arcila, Tanjar, i de la Sierra de Macemude.

Algunos dias despues, hizo salir el Conde a Pedro Bugallo con ciento i veyente hombres a destruir una, aldea, q' estava de la otra parte de la ximera. Quando llegaron la hallaron despoblada, i dispidio con esto su gente para Ceuta, quedandose con cinquenta hombres para recojerse por otro camino. Retiravase al otro dia, quando fue visto de la ciudade embaraçado con algunos moros, q' le seguian; acudio sin dilacion el Conde a socorrerle: i llego tan a tiempo, q' pudo cerrar con los moros, de q' cayeron luego dos muertos; a estes se siguieron otros dos, q' murieron peleando con mucho valor, i el Conde se empeño tanto q' saco el cauallo herido con tres azagayas, si bien no cayo a las puertas de la ciudad. El mismo Conde lo fue en una pierna, dexando a sus pies muerto al Moro q' le hauia herido; otros dos mataron los nuestros, i cautivaron uno, i viendo el Conde q' no podia obrar cosa de consideracion a causa del bosque en que fue la pelea, se retiró con perdida de tres ó quatro cauallos. Este mismo dia hauiendo salido Lorenzo Anes de Padua con una galeota bien armada, rindio un caravo de Moros, q' de Tanjar venia a España, i luego otras dos barcas, i se boluio sin recibir daño.

CAPITULO 3o.°

Prosiguen semejantes successos a los del Capitulo antecedente. Los Reyes Moros de Berberia, i de España intentan poner sitio a esta plaça.

LLEGO a Ceuta una galeota de Cartagena, i su Capitan, q' se llamava Juan Riquelme, pidio al Conde ayuda para correr la costa de Berberia. Diole por compañia a Diego Vasquez con su bergantin bien armado y fue la jornada dichosa, por q' en breve volvio Diego Vasquez con algunas presas. Estando en la costa de Berberia en una cava dio con el un aravo: embistiole, i aun q' con resistencia, de q' quedaron algunos moros heridos, le rendio con catorze q' traia, i no poca hazienda, i estando partiendo la presa, vieron a la mar un vergantin, q' descubria la costa a un Caravo de mercaderes para asegurarles de enemigos. Diole casa mas corrio mas el vergantin Moro, por q' antes q' pudiessen venir a las manos, dio a la costa, salvandosse la gente menos un Moro, i una Mora, i una hija suya de poca hedad, i algunas mercadurias q' sacaron del vaso; poco despues llegó el caravo a quien guiava el vergantin, q' fue rendido sin resistencia con seis mercaderes, i mucha hacienda. Con estas prezas fueron a Tunez, donde vendieron los navios, i rescataron los moros heridos; i partiendo la hazienda igualmente, dieron buelta a la costa de España, quedando Juan Riquelme en Cartagena, i bolviendose Diego Vazquez a Ceuta.

A los 14 de Junio deste año corrieron los Moros el campo, i fueron descubiertos antes de obrar cosa de importancia: acudieron los nuestros a rebato, i algunos se adelantaron, i trabados en escaramuça dieron lugar a q' el Conde los socorriesse, con un golpe considerable de gente. Embistieron a los Moros con tanta resolucion, q' en breve tiempo les hicieron bolver las espaldas, i meterse en el monte: fueron seguidos de nuestra gente, q' cautivo a cinquenta i siete, i los muertos fueron muchos mas, sin auer de nuestra parte otra perdida, q' la de siete Cauallos, q' quedaron muertos, eran Gazules los moros q' corrieron este dia por orden de Abu, i dabasse la mayor parte desta victoria a Ruiz Gomez da Silva, q' fue el primero q' los embistio con pocos çompaneros.

A 20 de Agosto huvo una escaramuça de poca consideracion en q' murieron dos de los contrarios, i mato a uno cuerpo a cuerpo Martin Lopez de Azevedo. En este mismo mes Benito Sanchez fue hazer algunos assaltos en una fusta a la Costa de Berberia, q' no tubieron efecto, por q' no hallo los aduares q' buscaua, q' con el temor se hauian metido

tierra dentro: mas no hizo sin fruto la jornada, por q' a un Caravo, q' salia de Targa, dio caza, i le hizo varar en tierra, tomando el vaso. Lo mismo sucedio con dos Zarras de Pescadores, a cuya defensa acudio la gente de tierra, com quien pelearon desde la fusta gran espacio, mataron siete moros, i hirieron veinte y tres, de nuestra parte solo herido un soldado, sin peligro. Por otra parte dos bergantines desta plaza tomaron un caravo de trigo, q' de Gibraltar navegava a Tanjar, cautivando a diez y seis moros. Otro vergantin el mismo mes de Agosto, echo afondo un caravo cargado de trigo, cautivaron del cinco moros, i uno se ahogo.

A los principios de setiembre hizieron una entrada Pedro Vazquez Pinto, i Juan Rodriguez Godino con pocos compañeros a vna aldea vecina, cautivaron en ella a un Moro, i tomaron poco ganado, i aun q' fueron cargados, se recojieron la presa sin venir a las manos. A 9 del mismo mes salio el conde a destruir unas aldeas de que tomo lengua deste cautivo; mas sobreuino tal lluvia la noche de la jornada, q' tuvo de boluerse, ivan delante algunos de apie, i de acauallo con Rui Gomez de Silva, Luis Vazquez de Acuña, i Lopo Vazquez de Castelbranco, q' no sabiendo la resolucion del conde, dieron en una de las aldeas, y por ser sentidos la hallaron ya despejada: cautivaron dos hombres, i mataron tres, i vna mora, i recogiendo el ganado q' hallaron por el campo, se bolvieron.

Desde este tiempo, asta dos de febrero del año siguiente parece q' estuuieran en sosiego las cosas de Ceuta, por q' no hallo medio de sucesso alguno. El dia referido salieron Rui Vazquez de Castelo-branco, i Estevan Suarez de Melo, con cinquenta de acavallo, a destruir una aldea llamada Albergar, mas alla de la sierra del Negro, casi a la lengua del agua, i para ayudarle fue por mar socorro de sessenta soldados en seis barcas. Salieron, i empeñados en el camino, lo perdieron, q' fue causa de q' llegassen mui de dia a la aldea, i fuessen sentidos: pusieronse en salvo los moros menos seis q' quisieron antes perder las vidas, q' las libertades, i ciento ochenta, i mas cabezas de ganado. Era imbierno, i de tantas aguas q' a la vuelta, queriendo pasar la ribera, q' poco antes hauiam vadeado sin trabajo, no pudieron sin gran peligro, siendo el primero q' le desprecio para animar a los otros Lopez Vazquez Puerto Carrero, a cuyo exemplo le passaron los demas con la presa, apretados ya de los moros, q' acudieron aquitarsela, i avengarse. Passados a la otra parte de la ribera hicieron gran daño a los moros con las ballestas, de suerte q' alli tubieron mayor perdida, q' la q' procurauan uengar, mas luego q' los nuestros se apartaron un poco de la ribera, encaminando la presa, la vadearon los moros con otros q' llegaron de socorro; i incorporados, quisieron acometerlos; mas fueron primero acometidos, i puestos en huida; quedaron desta escaramuça seis en el Campo, i fueron heridos muchos;

i con este successo se retiraron sin intentar otra cosa, recogiendose los nuestros con la presa. Diferente fortuna tuvo pocos dias despues Alfonso Muños Adalid de la Plaça; fue con otros compañeros a reconocer vnas aldeas, mas siendo sentidos, se perdieron los mas, quedando cautivo el Adalid con cinco compañeros los otros se salvaron en la sierra, i acabo de muchos dias entraron en la ciudad de Ceuta. Siendo conocido el Adalid quisieron matarlo en vengança de tantas muertes, mas fue defendido del Alcaide de Alcaçar, q' se llamaua Hazen; i aun q' le ofrecieron para q' lo hiciesse mil i quiñientas doblas a raçon de dobla cada vezino, pudo mas con el la razon q' el interés, i assi defendio al Adalid de la furia del pueblo, i poco despues le dio en rescate.

En el mes de Junio salio sin licencia del Conde Alvaro Alfonso de Negrelos con otros compañeros a cojer heno en un puesto acomodado para embarcarle, a cuyo efecto llevaron tambien dos barcas. Succediole como merecia su desorden, q' quando mas descuidados se hallavan, salieron los moros, q' en numero desigual los embistieron, matando a Alvaro Alfonso, i a seis compañeros, i salvandosse los mas en las embarcaciones, sin otros q' se metieron en la sierra, i entraron en la ciudad despues. Poco tiempo adelante salieron nuestras fustas con algunos cautivos Moros, con intento de rescatarlos por otros nuestros q' estaban en Berberia. Destruyeron en la costa un aduar, donde, pelearon con los moros matando dos; dieron caza a una Zarra cargada de cebada, i los mismos q' la navegavan, salvandosse en tierra la metieron en pique sin q' los nuestros se aprovechasen de cosa alguna. Tambien siguieron en el Cabo de Esparte a un caravo, q' navegava Arzila á Tanjar, i la hicieron encallar en tierra, tomando el vaso con las mercadurias. Sobre Tanjar toparon otras dos velas, q' de aquella ciudad boluian a España a unos Embajadores, q' el Rey de Granada hauia embiado a Africa, a una dellas q' traia muchos cauallos (q' la otra escapo por hauer sobrevenido la noche) dieron casa, i hizieron encallar en tierra; salvaranse los moros, aun q' dexaron muchos muertos, i llevaran no pocos heridos, i murio un soldado de nuestras fustas. Cojieron la presa enteramente, menos las personas, i lo q' fue de mas importancia, las cartas, por donde se certificó el conde q' los Moros de España, i Berberia hacian liga para sitiar a Ceuta, aun q' este auiso se repetia por diferentes partes, con estas cartas se supo de cierto, i se pudo prevenir el remedio, poniendosse la plaça en cuidado, i dandose aviso a Portugal.

Pocos dias despues, andando a caza Fernan Barreto hijo de Gonzales Nuño Barreto con otros, se alargo demasiado, si bien estava asegurado de las atalayas; cayo en manos de los moros, i aun q' pudo quedar con vida, quiso morir como quien era, i peleando valerosamente fue muerto; i aun q' algunos de los nuestros, procuraron socorrerle, no llegaron a tiempo. Uno de los q' mas se adelantaron fue Rui Gomez da Silva, q'

quedo, cautivo y portose en la prision con tanta maña, q' no fue conocido, q' a serlo, ó por su calidad, ó por estar ya concertado para cazarse con hija del Conde, padeceria larga prision; mas proseguiendo en el negocio felizmente, fue en breve rescatado con notable sentimiento de su amo, quando acompañandole asta Ceuta supo la verdad. Despues viniendo a ser cautivo de su mismo esclavo, vivio sempre como libre, i con muchos fauores de Ruiz Gomez.

Juan Pereira, Diego Vazquez Puerto Carrero, i Lorenzo Anes de Padua salieron con tres fustas a hacer presas en la costa de Gibraltar. En el puerto de la misma ciudad tomo a un Careno, murio uno de los moros, fueron heridos tres, i estos con los otros se salvaron en el agua. En este Careno entre otras muchas cosas hallaron tres cavallos hermosos, i diez podenco q' el Rey de Fez embiava de prezente al de Granada, i no llevava otra hacienda de consideracion. Al otro dia Diego Vazquez tomo una fusta en el mismo puerto de Gibraltar; aun q' los moros se arrojaron al agua, i se salvaron la presa fue de consideracion, por que estava el navio cargado de ropas; i con gran cantidad de plomo para lastre, i otras mercadurias de precio.

CAPITULO 31.º

Continuan los successos de Ceuta, nuestros navios, toman a Larache i le destruyen. Rinden algunos navios contrarios. Dan los moros principio al sitio desta plaça.

A 25 de Junio intentó el Conde destruir un lugar, q' estava junto a la costa, llamado Almarça, i para esto embio por tierra duzientos hombres, i por mar tres fustas, q' gouernavan Juan Alvarez Pereira, Nuño de Goes, i un vecino de Cartagena, sujetos al primero. Llegaron antes de amanecer cerca del lugar, i sucedio q' auia quedado en el aquella noche una tropa de moros, q' venian a correr el campo, adelantaronse algunos de los nuestros, quedando los otros en dos emboscadas, i como fueran sentidos, salio aquella gente de guerra a pelear. Estaba ya trabada la escaramuça, quando salio nuestra primera emboscada, a los primeros golpes puso en huida a los moros q' dieron de buelta en la segunda, con q' quedaron cortados, de los de acavallo murieron tres, i fueron cautivos siete, de los de apie veyente cinco, i no fue corta presa de armas, i cavallos. Gonçalo Vazques q' se hallava governando la gente de tierra, i otros fueron de parecer, q' se recogiesen a las fustas; mas el resto de la gente quiso boluerse por tierra, como auian salido, i descuidados con la victoria, prosiguieron el camino con notable espacio.

Los moros q' escaparon dieron aviso a los lugares vecinos, q' brevemente encontraron gente para embaraçar el camino a nuestra gente, i lo consiguieron. Viendolos Gonçalo Vazques tan vezinos, hizo q' algunos de los compañeros se adelantassen con la presa hasta cierto puesto, i auiendola alargado de si grande trecho, hizo con el resto de la gente una buelta a los contrarios, de q' cayeron algunos muertos mas acrecentandose el número con los q' acudian arrebato, bolvieron sobre nuestra gente con tanta furia, q' en breve se pussieron los mas en huida, quedando muertos, i cautivos quarenta i seis, Gonçalo Vazques con solo veyente seis compañeros, q' viendosse ya perdido degollo a todos los prisioneros q' llevava, i cortó las piernas a los cauallos. Juan Alvares Pereira viendo de su fusta, q' los nuestros peleavan, intentó socorrerles, i sin dilacion salio con su gente a tierra, i recojio toda la q' andaua desordenada por el campo. Gonçalo Vazques se hizo fuerte en un alto con sus compañeros, donde fue combatido por tres veces, de los q' le seguian el alcance; mas siempre fueron resistidos con gran perdida de muertos, i heridos, asta q' finalmente cayo muerto un renegado, q' les persuadia se entregasen, con cuya muerte, i con el nuevo socorro q' ya llegava de la mar, desistieron los moros del intento de rendirles, i se bolvieron contentos del successo, q' no les costó poco sangre. Gonçalo Vazques se incorporo con la gente de la fusta, i todos juntos se bolvieron a Ceuta con diferente successo del q' pudieran tener si se siguiera su consejo.

Por el mes de Julio intento el Conde empresa de mayor porte q' las passadas q' fue la de surprender a Larache, i quemar aquella villa, como puerto principal de la Berberia. Para conseguirlo tomó bastantes noticias de personas q' hauian estado en el. Era entonces Larache puerto de grande trato, asi de las partes de Berberia como de España, i por esta causa rico, i abitado de mercaderes. Llaman los africanos a esta ciudad, Elaraiz de Beniaroz, i es una poblacion antigua, i edificada por la naturaleza de la tierra en la Costa del mar Oceano Herculeo; está cercada por un lado de la mar, donde el Rio Lucus, ó Lisso entra el, i por otro deste Rio; la barra tiene peligrosa entrada, i junto a ella está un castillo, edificio de Muley Nacer. La ciudad es toda cercada de muros, i junto a ella ai muchos prados, i grandes lagunas, donde se crian infinitos pescados, i aves de agua; en las Riberas del Rio ai espesos bosques, donde andan muchos leones, i otras fieras. Ordenó el Conde, fueran a esta empresa Diego Vazques Puerto Carrero, con tres vergantines, i se juntasse con Juan Barreto, Alvaro Pirez, i Lorenço Anes de Padua, q' asta aquella parte andavan en sus embarcaciones, i q' todos juntos diessen en Larache, i le saqueassen, i quemassen. Asi se executo; por q' partido Diego Vazques, se junto con los otros, i les notifico la orden del conde, i todos juntos anochecieron en la barra de Larache. Salio la gente a tierra, i fue sentida de una atalaya, a cuyas voses despertaron los vezi-

nos, i aun q' esto pudo desconfiar a los nuestros de la empressa la proseguieron con el mismo aliento. Guiados a la parte mas flaca de la muralla la embistieron hallaron ser mas defendida; pelearon grande espacio, hasta que entraron la muralla con gran mortandad del enemigo, q' fue mayor despues q' estuvieron todos dentro, i señores de las calles, con todo se escaparon muchos por la puerta de la traicion, i otros se metieron en el castillo, i de todos quedaron cautivos veyente cuatro. Con este desembaraço se emplearon en el saco de la villa, q' fue riquisimo, no cupo todo en las embarcaciones q' eran pocas, i assi consumieron gran parte dellas las llamas. Cargadas las embarcaciones del despojo, imbistio Diego Vazques al castillo, i por tener las puertas fuertes, no las pudo romper, con lo q' le fue forçoso picar la muralla, i entrar con otros compañeros, auiendo gran riesgo, al fin entraron, i aun q' con mucha resistencia, abrieron la otra puerta a la gente, q' puso en huida a los moros, haziendoles desamparar el castillo. En el fue de mayor provecho el saco, q' el de la villa, por q' alli hauian recojido lo mas precioso de sus haziendas. Embarcose luego lo q' se pudo, i alo demas como a toda lã poblacion, se puso fuego, q' en breve la consumio toda, i aun q' ya auian acudido moros de socorro por Arzila, los nuestros pudieron embarcarse sin perdida, i bolverse a Ceuta.

Uno de los capitanes de los tres vergantines, q' fueron a esta faccion, era un Pedro Ximenes, q' como salio de la plaça se aparto de los otros a buscar alguna presa. Tomo un Caravo q' de Cadiz passava a Azamor con quatro moros, i dos judios, i en una salida q' hiço en tierra mató tres, cautivó cinco, i en otros muchos actos q' hico en aquella costa, ocasiono grandes daños assi de muerte como de cautivos. Mas durole poco el gusto destos successos, por q' hauiendosse detenido algunos dias en estos Robos, peleo ultimamente con una cantidad de moros de apie, i de acavallo, q' acudieron a hacerle oposicion, i pudiendo salvarse en su embarcacion, i en otra q' le acompañava, quiso antes pelear, i morir como valiente. Assi le sucedio, i a veyente i cinco compañeros suyos, vendiendo la vida con gran mortandad de los contrarios, los otros se recojieron a las fustas, i dieron la vuelta a Ceuta. En este tiempo dos vergantines desta plaça, tomaron un navio de Gibraltar cargado de trigo, cautivando ocho moros, los demas se ahogaron por salvarse en la costa.

Por estos dias hallo en las memorias q' sigo, q' aporto a Ceuta un Duque Aleman, tio del Emperador Segismundo, Rey de Bohemia; fue festejado del Conde con las demostraciones, q' se debian a quien eran, i le acompaño al campo con los fidalgos, i aun q' se alejaron mucho, no huvo recuentro con los moros. En aquella campaña de Berberia, armó caualleros el Duque a algunos parientes q' le acompañauan; dixó grandes alambanças del Reino de Portugal por aver conseguido tan santa empresa

como la de aquella conquista, i no menos de los caualleros, q' la sustentaran a costa de tanto sangre; detubosse poco tiempo, i despidiendosse del Conde, con grandes demostraciones de amor, i de honrada embidia siguio su viaje.

No cesavan las victorias maritimas, mientras se prevenia Berberia para un grande sitio. Gonçalo Vazques de Ferreira, andando en corso con una galeota, de q' era Capitan, peleo valerosamente con un navio de moros, en q' auia setenta i siete, i si bien fue rebatido, i herido, embistio segunda vez contra el parecer de sus compañeros, q' auian experimentado la primera resistencia, i el desigual poder de los contrarios; despues de porfiada pelea entraron los nuestros el nauio berberisco; le rendieron con muerte de quince, i prision de los otros, i no pequeña presa, siendo esta de la demas opinion, q' se hiço, con los navios de Ceuta, por q' los moros pelearon con valor, i el numero era mui desigual. Otros muchos successos huvo en la mar q' no refiero por no hacer prolixa la historia con los q' son de poca consideracion, i mui ordinarios en los presidios de Africa. Por los prisioneros de todos estos nauios se sauia los intentos, q' los Moros tenian de sitiar a Ceuta, i q' se juntava un poderoso exercito de toda la Berberia, i conforme estos avisos se disponia el Conde a la defensa.

Todo lo referido sucedio en cerca de tres años despues de ganada Ceuta, i aun que en todo este tiempo no fue sitiada, sino solamente molestada de correrias, no faltava voluntad a los Moros de restaurar tan importante plaça, mas las guerras domésticas lo suspendieron tres años por q' Mulei Bucaide contendio con Mulei Jacob su hermano, sobre el señorio del Reino de Fez, i en el de Marruecos, huvo en este tiempo no pocas competencias sobre la corona. Mas sosegadas las inquietudes trató el Rey de Granada con los Africanos esta empressa, assi por lo general de la ley, como por los particulares daños q' recibian sus costas. No cesaba de embiar sus embaxadores a los Reyes de Fez, i Marruecos, q' se vniesen para este sitio, hasta q' finalmente lo consiguio, capitulando Ceuta, quedasse perpetuamente en el dominio de los Reyes de Granada, i q' el embiaria todo el poder maritimo q' hiciese falta para esta empressa. Haviendo ajustado en esta forma, se dio principio al sitio Domingo 12 de Agosto del año 1418. En este dia salieron las atalayas vieron q' entrava alguna gente, aun q' poca, i dieron aviso a q' salio el conde con algunos cavallos, para reconocer su designio. Quando llego a puesto conveniente, vio q' el numero era grande, assi de infanteria como de cavalleria, i q' por todas partes venian entrando tropas; con esto se persuadio, q' su contento era sitiar la plaça, conforme a los repetidos avisos, q' de todas partes le auian venido. Dio orden para q' se retirasen las atalayas, i viendo bien la disposicion en q' venian los enemigos, se retiró a la ciudad para disponerse a la defensa. Guarneció luego todos los puestos de

la muralla como mejor convenia. A Diego Vazques Puerto Carrero hiço salir con un vergantino para observar los movimientos del enemigo, q' lo hiço con brevedad, i no poco daño de los q' andavan en la playa. Auiendose dispuesto assi las cosas, i assegurandose el Conde del Sitio, hizo salir algunos cauallos, i gente de apie a escaramuçar i lo hicieron con gran valor asta la tarde, en q' salio Juan Lopez de Acevedo a recojerlos; mas andavan ya tan empeñado q' fue necesario q' saliesse el conde a recojerlos. Quando lo hicieron ya sobrevenia la noche, i assi se encaminaron los moros a sus alojamientos, i los nuestros a la ciudad, quedando en el campo algunos almogaveres para dar aviso de sus movimientos, q' por esta causa fueron sentidos, i impedidos, quando de noche quisieron reconocer las murallas. En todas las calas de la Almina se pusieron guardias, i dispuesto lo demas como mejor convenia, se passo aquella noche sin successo de consideracion.

CAPITULO 32.º

Prosiguen los Moros el sitio, dan diferentes asaltos a la plaça. Hazense algunas salidas della i son desbaratados en la ultima.

Del segundo dia tambien ai poco q' referir, por q' los moros esperando la armada del Rey de Granada, no intentaron novedad tratando solo de disponer sus alojamientos para el sitio. Embió el Conde tropas de caualleria, i infanteria ala Almina para guardarla, i impidir la desembarcacion a los moros, si llegassen sus fustas, i a la parte del campo hiço salir algunos para q' trabassen escaramuça con orden de q' se retirassen asta traerlos, a las murallas, i assi lo hizieron, i pudieron obrar los ballesteros, q' las ocupavan. Duró la escaramuça todo el dia, mudandosse los nuestros a ratos con nueva gente, q' salia a continuarla, en q' recibieron los moros daño de dose muertos, i algunos heridos. La noche siguiente se passó sin successo notable, si bien con continuas inquietudes. Al tercer dia empeçaron a obrar los Moros con mas viveza, i ganaron la torre de Bullones: auia dado el Rey el valle deste nombre a Juan Pereira, por los muchos servicios q' le hauia hecho en esta plaça, i por guardar mejor el valle, q' era fertíl, sustentava la torre a su costa con gente, i bastimentos. Gouernavala; i assistia en ella mientras estaua en Ceuta, mas en esta occasion, se hallava en Portugal, i auia quedado gouernandola, Fernan Gonçales, del Arca. Los moros invistieron la torre, i la ganaron, cautivando a los q' estavan dentro, no pudo ajustarse el modo, con q' se rindio, por q' los q' la defendian, afirmavan q' despues de recios, i porfiados combates la entregaron cansados,

salvando las vidas; los Moros al contrario decian, q' se auia rendido con engaño por una voz q' esparcieron de q' desavan al Conde muerto, i su gente desbaratada, i mostrando por suya una cabeça, q' llevavan en la punta de una lança, i algunas banderas, q' hauian tomado en la mar: lo primero se tuvo siempre por mas cierto, por q' a Fernan Gonçales del Arca, le ayudavan el valor, i brio, con q' se hauia portado en las ocasiones antecedentes, para q' pessassen todos no faltaria en esta, ni se moveria por una liviandad como la q' los moros referian.

Esto succedio en la torre de Bullones, mientras la mañana del dia tercero se ocuparon los Moros en diferentes escaramuças, q' el conde estava cebando siempre con nueva gente, en q' el enemigo perdio mucha, por q' como los nuestros peleavan al abrigo de las murallas sin desmandarse, podian, obrar los ballesteros, la artilleria, con q' los enemigos recibieron considerable daño de muertos, e heridos. Señalosse este dia grandemente Diego Vasquez Puerto Carrero, mato Moros cuerpo a cuerpo, i fue herido, tambien obraron con valor, Alvaro Mendez, i su hermano, el uno de una torre, i el otro de la coraça. Ala tarde salieron las fustas, desde una ensenada, en q' estavan encubiertas para tomar tierra en la Almina; fueron vistas, i previnieranse los puestos de aquella parte con diligencia, encargados a Rui Vasquez, Juan Lopez de Acevedo, i a Martin de Castro. Incorporadas las fustas llegaron cerca de la playa, i queriendo desembarcar fueron resistidos de manera q' se retiraron. Hicieron consejo, i intentaron segunda vez la desembarcacion; sucedioles como la primera, i acosta de muchas vidas se huvieron de retirar a la ensenada sin obrar cosa de provecho.

Mientras las fustas intentaron desembarcar su gente, los del exercito diuididos en tropas, dieron asalto general a la ciudad por todas partes, assi los del campo a los muros, como los de la playa a las coraças, i la mayor fuerça, cargo a la Torre de Fez. Fue grande la mortandad q' recibieron al primer imbestir, por q' los nuestros estavan bien prevenidos, i mui en orden, i como la multitud de los contrarios era grande, i se llegaron tanto, no perdieron tiro. En la torre de Fez, hiço un soldado, cuyo nombre no debiera quedar en olvido, algunos dichosos, por q' embistiendo dos moros con escala a la torre, derribo al primero de un ballestaço, i queriendo el otro llevantar al muerto le clavo la adarga en los pechos, i le dexó sin vida; sus muertes fueron de tal espanto a los otros, q' no se atrebian a intentar segunda vez arrimar la escala por aquella parte. Murrieron en este assalto, dos caudillos valerossos, a uno dellos mató Fernan Rodrigues de Buarcos; i el cavallo a Abu, i a el le clavó una saeta en un braço. Por la coraça fue el mayor impetu, i assi acudió el Conde aquella parte con prontos socorros, con q' la mortandad de los moros fue en ella mayor. Estaua en este puesto Gonçallo Vello, criado del Infante Don Enrique, q' despues fue comendador de Santa Maria de

los Açores, i Alcaide del Castillo de Almourol, defendia la parte de la Coraça q' va a Barbaçote, i sustento su puesto con los q' le acompañavan con mucho esfuerço, asta q' el valor de los nuestros cedio a la multitud de los contrarios, q' acosta de muchas vidas, entraron en aquella parte. Aun q' luego el Conde fue avisado, no pudo socorrerla con tal brevedad, q' no hallasse dentro treyenta Moros apoderados de la coraça, i a ella desemparada, menos de Gonçalo Vello, que sustento con otro cauallero, valerosamente su puesto, i aun q' procuraron impedir la entrada no lo pudieron conseguir asta que se retiraron peleando. Ya a este tiempo auiam llegado Portugueses de socorro a aquella parte, q' incorporados embistieron tan reciamente con los moros, q' les hizieron dexar lo q' hauian ganado, siendo siempre el q' iva delante Gonçalo Vello, q' mato al vltimo moro q' se quedo sobre la muralla, i fue herido en esta ocasion. Perdieron en ella otros muchos las vidas, assi en la pelea como despeñados, i ahogados; i en todas partes recibieron considerable daño, viendo lo poco q' hauian obrado las fustas, se recogieron a sus cuarteles, no quedando otro cuidado al Conde, q' prevenir aquella noche de nuevos socorros de gente, i bastimentos los puestos de mayor peligro. A las mugeres se les debe gran parte del successo, por q' sirvieron de manera, q' no fue necesario q' soldado alguno se apartasse de las murallas, i no solo ayudaron por este camino, mas muchas mudando de traje, i bien armadas, obraron mas de lo q' se podia esperar de su sexo fragil.

El dia siguiente, miercoles, luego q' amanecio hizo salir el Conde algunos almogavares a trabar escaramuça con los Moros, i aun que estos tardaron algun tiempo, al fin vinieron a las manos i los troxeron retirandosse asta las murallas, de donde recibieron gran daño, i se huuieron de apartar, dexando muchos muertos. No huvo otra cosa considerable este dia, mas q' hauerse passado a la ciudad un Elche, q' dio auisos importantes de los intentos del enemigo, i q' al otro dia prosiguiria segundo assalto. Gastó la noche el conde en reparar algunas partes de la muralla damnificadas, obra q' se hizo con mucha brevedad, i fue de grande vtil para la resistencia. Al amanecer del dia siguiente intentaron los Moros el assalto, i saliendo las fustas de la ensenada bien reforçadas de gente, embistieron la playa. El Conde embio al instante repetidos refuerzos para impedir el desembarco. Viendo el exercito, q' las fustas embestian por la Almina, acudieron reciamente a los muros con cantidad de escallas, i lleña, i fueron resistidos de manera en todas partes, q' brevemente cedieron de aquel impetu, quedando muchos muertos, i recogiendosse no pocos heridos. Por la parte de la mar fue mais recio el combate, aun que resistido con igual valor: llegaronse los moros tanto a la muralla, q' muchos perdieron la vida con las losas q' les arrojavan: porfiaron algum tiempo por todas partes, mas hallaron tal resistencia, que con perdida de muchos se hubieron de retirar.

Las fustas en la Almina se portaron de manera, q' ganaron la playa aun q' con gran resistencia: saltaron los primeros duzientos Moros valientes, i bien armados, e repartiendosse en dos tropas, la una embistio la puerta, i la otra un albañar, que de la Almina por debajo de la muralla salia a la playa tan alto q' cabia por el la gente en pie, i tan ancho q' podian entrar dos a dos: eran los Moros gente escojida, i valiente, i porfiaron de manera q' los nuestros, dexando las armas, la desampararon visoñamente por ser gente popular, i sin esperiencia casi toda la q' defendia aquel puesto; mas llego tan prontamente socorro de soldados viejos, q' no se perdio, antes unidos hizieron tal resistencia, q' con muerte de muchos les obligaron a apartarse para rehazerse con intento de bolber luego al combate. Los q' imbistieron por el albañar, entraron tan adentro, q' uno salio a la otra parte, i ya le seguian otros, quando un Alfonso Perez apeando-se del cauallo, le atrabesso con la lança por los pechos, dexandole muerto, i a el le succediera lo mismo sino fuera socorrido de otros, q' con muerte de segundo Moro, le hicieron retirar. Aviendosse incorporado los del combate, embistieron segunda vez con igual valor q' antes, y subieran la muralla, sino fuera por la valerosa resistencia q' se les hizo. Estando en lo mas porfiado del combate, i los Portuguesses casi sin esperanças de poder defender las murallas de la Almina, hiço salir el Conde por la parte de la playa vna escojida tropa de Caualleria, en q' hivan Rui Vaz Pereira, Juan Lopez de Azevedo, Gonçalo Vazques, i otros cavalleros, i aun q' la marea estava llena, i les fue forçosso passar cassi nadando, i con peligro, al fin llegaron de repente al puesto, en q' los moros acometian a la muralla, i los embistieron con tal valor q' los desbarataron con muerte de muchos. Esto les succedio al primer impetu, mas quando los contrarios quisieron valerse de las embarcaciones para salvarse, fue la mortandad mayor, por q' unas estavan apartadas, i otras en seco. Los enemigos asustados, i en desorden, i los nuestros cuidadosos en aprovecharse de la ocasion, q' se logro bien, por que aun mismo tiempo impidieron la entrada de la muralla a los Moros, i los desbarataron de manera q' fueron pocos los q' pudieron salvarse. Merecieron gran alabança por lo q' obraron este dia todos, i en particular Gil Alonso Almoxarife, i otro oficial del Rey, porque murieron muchos moros a sus manos, mas el valor con q' obraron las mugeres, merece no quede en olvido, los nombres de algunas, ni lo q' hicieron. Leonor Alonso, muger de un Lope Martines, mato un moro de la muralla; otra q' era soltera q' se llamava Catalina de Santiago, mato otro i hirio algunos, la muger de un Rui Gomez, q' junto a el ayudava a defender la puerta fue herida juntamente con su marido, peleando, i ayudandole con mucho valor. Otros muchos fueron los heridos; mas no sabemos q' en este sitio muriesse alguno de nuestra parte. La fusta mayor de los moros estuvo perdida por hallarse en seco, mas salio del peligro, si bien a costa de mucha gente, las otras salieron

tan destroçadas, q' alguna de veyente seis bancos, no la governavam mas de ocho remos.

CAPITULO 33.º

Levantasse el sitio, i llega de socorro Don Alonso de Noroña. Unense los Moros de Hespaña, i Africa para asaltar segunda vez la plaça. Los Granadinos gañan la Almina.

Viendo los del exercito el mal successo de las fustas desmayaron en el combate, i empeçaron muchos a salirse del Campo, i en menos de media hora faltava la mayor parte, los mas por no haver bastimentos, q' no podian conduzirse para multitud tan grande, q' suele con-concurrir en Africa a semejantes sitios. Durava este cinco dias auia, en q' gasto cada uno lo q' pudo sacar de su Aldea, con q' la mayor parte se fue del campo. Quedo junto a la muralla gran cantidad de escalas, q' procuraron retirar, mas fueron impedidos con una salida, en q' murieron muchos, i para q' el dia fuesse cumplidamente dichosso Diego Vazques con un vergantim tomo tres zarras de moros (aun q' se le escapo la gente) cargadas de trigo, i sin recibir daño.

Viendo los principales caudillos de los Moros, q' les faltava tanta gente, i q' el ganar la plaça parecia entonces impossible, determinaron alçar el sitio, i lo pusieron por obra, dexando a los nuestros desahogados del cuidado, mas no en descuido del Conde, por q' aun q' se auian ido, no dexó de disponerse, como si estubiera en lo mas apretado del sitio. Sim embargo de estar la gente cansada, hiço separar los daños q' auian recebido las murallas con tal brevedade como si supiera q' al otro dia hauia de boluer el enemigo. No fue su discurso en vano, por q' el martes siguiente le llegaron cartas de Tanjar, q' le avisavan aver estado en aquella ciudad un vezino de Malaga, q' certificava q' el Rey de Granada disponia su armada para ir sobre Ceuta. Tras este aviso llegaron otros muchos por diferentes partes, q' confirmavan lo mismo; i particularmente lo escriviu Rui Gomez de Silva, q' estava cautivo, i se confirmó la verdad, despues por muchos Moros q' se cautivaron, i cartas q' se cogieron. Con estos avisos se preuinio el Conde de nuevo para la defensa, aviendo salido de un sitio de tanto peligro, q' afirman las memorias de aquellos tiempos concurrian a el ciento i veynte dos mil barbaros.

Luego q' los moros empeçaron el sitio referido, embio el Conde a Portugal, por Tarifa, dos criados con cartas, auisando del aprieto en q' se hallava. Tenia entonces el Rey aviso de q' los Castellanos querian entrar en Portugal, por cuya causa estava por frontero en Villa real el Infante Don Pedro, en Viseu el Infante Don Enrique, i en Bergança el

Conde de Barcelos. Mas desvaneciendosse estas sospechas por q' los Castellanos no intentaron novedad; i enfermo el Rey grauemente, estando en el palacio de la Sierra, de q' fueron avisados sus hijos; i notan las memorias antiguas, q' siguo, q' el Infante Don Enrique en un dia, i una noche llego a donde estava su padre; q' era quarenta lenguas. Estando ya los infantes con el Rey, llegaron los primeros avisos del sitio de Ceuta, aun antes q' las cartas del Conde; i si bien la enfermedad le apretava, trato sin dilacion del socorro. Hizo q' partiesse luego a Lisboa su hijo mayor Don Duarte a aprestar la armada, con orden de q' se repartiessen los avisos socorriendosse con toda brevedad. El Infante Don Enrique, como quien auia tenido tanta parte en la empresa de Ceuta, pidio licencia a su padre para hallarse en el socorro. Respondiole q' entonces no se necesitava de su persona; mas q' llegando otros avisos de q' la plaça, estuviesse apretada se la concediera; q' entre tanto se partiesse con Don Duarte a Lisboa al apresto de la Armada, i aesperar segundo aviso. Salieron los infantes aquella noche, i caminando toda ella llegaron poco despues del sol salido a Lisboa, q' son 13 leguas, i sin dilacion empeçaron a executar las ordenes de su padre, aqui hallaron las primeras cartas del Conde, q' auisavan del sitio, i pedian socorro, escritas el segundo dia despues de llegados los moros a Ceuta. El Infante Don Enrique, certificado deste aviso sin mas detenerse, se partio a pedir licencia a su padre para ir al socorro, i se la concedio de buena gana, como quien auia bien experimentado su valor, i zelo, i en ida a Lisboa, i buelta de la sierra, caminó 26 leguas en 15 horas. Bolviose luego a Lisboa acompañado del Conde de Barcelos, i de otros señores, i fidalgos; i aviendo llegado hallo segundas cartas del Conde, en q' avisava como los moros auian alçado el sitio, i referia los successos de los cinco dias q' duró. No bastó este aviso para q' Don Duarte se descuidasse en socorrerle, si ya no con todo el grueso, de q' antes se necesitava, alo menos con alguna gente, q' supliesse la q' podia faltar de la guarnicion con la ocasion del sitio, i assi despacho luego a Don Juan de Noroña por Governador de seis cientos hombres; i por capitanes a Don Fernando de Noroña, q' despues fue Conde de Villa real, i general de Ceuta; Pedro Vazques de Almada, Juan Pereira de la Mano, Rui Borges de Souza, Luis Gonçales, q' despues fue veedor de la hacienda de Lisboa; Vasco Martinez de Alvergaria, Juan de Almeida. Era la gente escojida, i tubieron tal viaje q' en tres dias llegaron al puerto de Ceuta. Ademas desta gente q' Don Duarte remitio de Lisboa; de la ciudad del Porto partieron Hernan de Saa su Alcaide mayor, i Diego Suarez de Pauia, q' estavan para partir desterrados a Ceuta. Del Reino del Algarbe salieron con el primer auiso, Misser Carlos hijo del Almirante, i Alonso Vaz de Acosta con la mas gente q' pudieron juntar.

Quando llegaran a Ceuta ya los Moros auian alçado el sitio, i como el Conde tenia diferentes avisos de q' boluian con mas gente, i mayor

armada, estubieron un mes suspensos sin auer novedad. Esto causo en los recien llegados no pocas murmuraciones contra el conde, atreviendosse a decir, q' con los primeros moros, q' auian visto, de miedo se arrojo a pertubar el Reino, pidiendo socorros poco necesarios; i assi se resolvio la mayor parte en decir a Don Fernando de Noroña, querian bolver a Portugal, q' viendo su resolucion; i q' por otra parte no volvian los moros, les concedio la licencia, i permitio se embarcasem a esperar tiempo para el viaje, i aun q' entonces era favorable, permitio Dios, q' brevemente se mudasse, i fue causa se dilatasse la jornada. Esperavan mudança de tiempo, quando un Domingo la noche se vio un fuego en lo mas alto de la ximera, q' duró espacio de quatro horas, e confirmo al conde, i a los otros señores, i capitanes, en las sospechas q' tenian, i en q' se avisava con el a las costas de Granada, q' era tiempo de q' saliesse la armada, con q' luego trataron de disponer la defensa. Mas no cesaron antes crecieron las murmuraciones de los q' se hallavan embarcados, q' decian publicamente, q' ahora experimentavan el trabajo q' el Reino tenia con el General de Ceuta, pues era bastante un fuego, q' acaso encendian los pastores, para perturbar a todo el Reino; i q' tan temeroso auia quedado de las amenaças passadas, que las sombras de los arboles le espantavan. El Conde luego q' amanecio hiço poner atalayas en puestos convenientes para q' le avisassen quando salian los navios de Gibraltar, reparó i previno las murallas, i siendo ya hora de tercia, empeçaron a salir las fustas de Gibraltar, i las Galeras con las otras embarcaciones menudas, i en breve llegaron todas juntas al puerto de Ceuta. Eran en todas sesenta i quatro velas, i las galeras fueron bogando desde la punta de la Almina por delante de la Ciudad, i se encaminaron a Bullones. Navegavan en ellas toda la nobleça, i principal fuerça de los Moros cuyas esperanças se fundavan en tomar tierra en la Almina, porq' entendian q' esto bastava para ganar la ciudad. Como toda aquella gente del Reino de Granada era valerosa, i experimentada por las guerras continuas, q' tenian en Castilla, huvo entre ellos algunas porfias sobre la parte por donde se hauia de hacer la desembarcacion. Governavalos un valiente moro aun q' mãcevo q' se llamava Muley Zaide, sobrino del Rey de Granada. Este dixo q' todo el gruesso fuesse de rostro a la Almina, i q' diessen muestras de q' querian tomar tierra por una parte, i q' hauiendo acudido a ella los cristianos, el con otros saldria a la playa de la otra parte de Barbaçote.

Como el Conde vio q' los moros se encaminavan a la Almina, empeço a repartir sus guardas por la ciudad para defender los asaltos de tierra, i por q' el puerto de la Almina era el de mayor importancia, huvo de encargar su defensa a Don Juan de Noroña q' era la primera persona en calidad q' entonces se hallava en Ceuta, como nieto de dos Reyes, Don Enrique de Castilla, paterno, i Don Fernando de Portugal materno, i

sobre tan esclarecida sangre, tenia todas las mas partes naturales del valor, gravedad, i agrado, i cortesia en grado superior. Acetó Don Juan el puesto con gusto, viendo q' se le encargava el de mayor riesgo, i q' los Moros auian de trabajar mas por ganar, como el de mayor importancia para entrar la ciudad, i juntando toda su gente, se fue a la Almina, acompañado de Pedro Vazques Almada, su hermano Luis Vazques de Almada, Alonso Pereira, Juan Pereira, Luis Gonçales Malafaya, Misser Carlos, Alvaro Barreto, Martin de Castro, Pedro Lopes Azevedo, i otros cavalleros i Capitanes: llegó, i guarnecio todos los puestos convenientemente. Ya a este tiempo las galeras del enemigo se acercavan a la plaça, i embiaron los navios pequeños, q' fuessen a tomar nuestras embarcaciones, q' estavan junto a las coraças; i aun q' hicieron las diligencias posibles, no lo consiguieron, ritirandosse con muchos muertos i heridos. Las galeras siguiendo el consejo, q' tomaron en Bullones, embistieron por una parte con gran impetu, i los nuestros les impidieron la salida con igual valor. Quando mas trabada estaba la pelea, Mulei Zaide se apartó de su grueso, i rodeando la plaça con algunas enbarcaciones, gano tierra sin resistencia, i quando los nuestros fueron avisados estavan en la Almina ya mil i quiñientos Moros, de q' la mayor parte ocupó luego la principal montaña. Luis Gonçales de Alvergaria, Juan de las Aguias, Alonso Pereira, i Nuño de Barros, q' se hallavan a cavallo se apartaron, i los embistieron con gran valor, i auiendo muerto, quatro fueron de la multitud de los contrarios; por q' ya Don Juan a este tiempo desesperado de resistir, se auia retirado con toda su gente acia la puerta de la ciudad, viendosse los quatro en tan conocido peligro, procuraron salvar las vidas, i executaronlo con tal valor, q' cada uno derribo a un Moro a sus pies, aun q' no con poca costa, por q' Juan de las Aguias quedo alli muerto, Alonso Pereira salio herido, i a Nuño de Barros mataronle el cavallo, aun q' se salvó. Acudio a fauorecerles Don Juan con toda su gente, i murieron siete Moros en la refriega, uno de los nuestros, i de ambas partes salieron muchos heridos, particularmente Don Juan de Noroña, q' recibio en esta ocasion una herida, de q' poco tiempo despues murio en Portugal en la villa de Almodovar. Como la multitud era tanta, i se hazia mayor con los q' desembarcavan por todas partes, no pudieron los nuestros resistir su furia, i assi huvieron de retirarse ala Ciudad, peleando en buen orden, i a este tiempo auia en la Almina mas de cinco mil Moros.

CAPITULO 34.º

Empieçan los Moros los assaltos de la ciudad. Parten los Infantes Don Enrique, i Don Juan con socorro: huye la armada enemiga, dexando en terra al exercito Granadino.

Estava la campaña por la parte de Berberia, ocupada de innumerables multitud de Barbaros, q' de todas partes concurrieron a este sitio. Hebor, i Mahamet Angelin eran los principales Caudillos; q' viendo el buen successo de los granadinos i Andaluzes apoderados de la Almina, empeçaron el combate de la ciudad por su parte; i aun q' fue reñido, i bien defendido, i dellos huvo mortandad grande, falto el animo a muchos nuestros, mas no el cuidado al Conde en alentar, i disponer lo q' convenia, socorriendo de gente, i municiones los puestos necessitados. Murieron de nuestra parte, sin los de la Almina, otros tres soldados, perdieron estes la vida, mas de las yerras de las saetas, q' deve ser las heridas mortales; conociase el daño, mas fue luego prevenido con el remedio, i assi se atajaron muchas muertes en los dias siguientes.

Parecio al Conde q' la salida q' los moros hicieron en tierra por la parte de la Almina, no seria tan perjudicial, como si la tomasen en alguna otra parte de la marina; i assi impedirlo fue su mayor cuidado, ordenando q' cincuenta cauallos, i cien infantes velassem la playa. Fue esta diligencia tan importante, q' mas q' lo contrario o trabajaron por ganarla, no pudieron conseguirlo, por q' en todas partes les era resistida la desembarcacion, asta q' se desengañaron; viendo q' por aquella parte eram impedidos, trataron de derribar algum lienço de la muralla para dar assalto a la ciudad ya entonces se vsava la violenta invencion de las bombardas, como vimos en la conquista desta plaça, i los moros trayan en su exercito dos, q' era caudal grande para aquellos tiempos, q' estava tan en los principios esta diabolica offensa. Assestaronla a la muralla mas con infeliz successo por q' viendo los nuestros, q' por aqui se les podia seguir el mayor daño, trataron escusarle con el mismo medio, q' aun q' las bombardas del enemigo estavan bien reparadas, un ingeniero diestro, hiço un tiro tan dichoso con una pieça, q' quebró la principal del enemigo, mató al artillero, i tres ayudantes, con q' no huvo quien supiesse fugar la otra, i les falto desde luego la artilleria, q' era su principal fuerça. Quedaron los moros desalentados con este successo; i continuaron los combates por todas partes, siempre con grande daño suyo: por la de la Almina fue mas reñida la pelea, i aun q' siempre los moros, q' la ejecutavan se apartavan con gran perdida no afloxavan en el combate, por q' era escojida i la principal nobleza del Reino de Granada.

Luego q' supieron en Tarifa los aprestos q' los Moros hazian para ganar a Ceuta, el Alcaide de aquella fortaleza avisó con toda brevedad al Rey Don Juan, para q' tratase del socorro. Hallavasse todavia en el Palacio de la sierra, i luego q' este aviso passó por Lisboa, los Infantes partieron a pedir licencia a su padre para hallarse en esta jornada. Alcançola Don Enrique, i sabiendolo Don Pedro, q' a la saçon se hallava en sus tierras, treyenta leguas de Lisboa, temiendo q' si la pidiesse, no se la daria, i deseando hallarse de qualquier manera, se passo encubierto a Lisboa con intento de embarcarse desconocido con titulo de criado de alguno de los Capitanes que se aprestavan. Mas descubriendo aun Religiosso su determinacion, el la publicó poco despues en un Sermon, por q' por remate del dixo, q' encomendassen a Dios el estado presente del Reino, i a sus Infantes, i particularmente a Don Pedro, q' el sabia mui bien q' estava encubierto en Lisboa, i se havian de hallar en esta jornada con q' se publicó su determinacion, i se supo q' estava en Lisboa, i assi se determinó pedir licencia a su padre, q' no alcançó, ni el principe Don Duarte. Mas ordenando q' los dos se partiessen al Algarve a esperar los avisos, i tratar de los aprestos, hizo q' luego partiessen el Infante Don Enrique con el socorro, i q' fuesse en su compañia el Infante Don Juan q' a este tiempo tenia diez, i ocho, ó diez i nueve años, i no hauia salido aun del Reino. Partio con gran brevedad Don Enrique del puerto de Lisboa, i llegando al Cabo de San Vicente, toparon algunos navios de Moros cargados de trigo, i vino, q' rendieron, i fue socorro de importancia, i provecho en la ocasion. Llegó la Armada a Lagos, i aunq' los capitanes persuadian al Infante partiesse sin detenerse, como no hallo a sus hermanos, q' caminavan por tierra, quiso esperarlos. Llegaron a la ciudad de Faro, a donde fue tambien Don Enrique por esse respeto, i tras el orden del Rey para q' hiciesse su camino sin detenerse; i q' los infantes quedassen alli esperando los avisos, i q' si el aprieto fuesse tal, q' se necesitase de sus personas, les dava licencia, como tambien hiria personalmente si fuesse necesario.

El Conde como capitan prudente i experimentado, viendo q' los Moros se aumentavan por instantes, i q' el aprieto de la plaça era mayor, i teniendo por otra parte avisos continuados, de q' el Rey de Granada se aprestava para hallarse personalmente en esta empresa, trató de escribir al Rey refiriendole el estado, en q' se hallava. Despachó a Alonso Garcia de Queiros en una fusta bien equipada, i guarnecida de gente escogida, para q' fuesse derechamente a Portugal con el aviso, aprestosse lo mas en breve q' pudo; salio una noche con gran cuidado por ser sentido de la flota enemiga; por la qual passo dichosamente, i luego q' se vio algo apartado della, hizo bogar con diligencia i cuidado; i passando por Tarifa, siete leguas de Ceuta, amanecio al cabo de la plata, siguiendo su viage asta llegar a la peña oradada, junto al cabo de Trasfalgar. Viendo

la gente trabajada, se detuvo alli asta el quarto del alva, en q' empeçó a doblar el cabo. Al amanecer alcançaron aver nuestra armada q' estava en calma: recibieron mucha alegria con tan buen sucesso, i llegandosse con brevedad a los navios, supieron del primero, q' era General, de aquel socorro el Infante Don Enrique, cuyo navio fue luego la fusta; i sabiendo los Infantes, de Alonso Garcia, el aprieto en q' se hallava là ciudad, el teson con q' los Moros porfiavan en ganarla, y por el sitio en q' se hallava, podian recibir gran daño de nuestro socorro, quedaron gustosos. Juntó Don Enrique los capitanes, i tomó consejo de lo q' auia de obrar. Acordaron convenia entrar de dia en el puerto, i assi lo ordeno, i q' ninguno se adelantasse, i despuso las ordenes de la desembarcacion, caminando la armada poco ayudada del viento, passaron aquel dia por Tarifa, fue descubierta de Gibraltar, donde se hallava el Rey de Granada, remitiendo continuos socorros a su exercito, i disponiendosse con diligencia para pasar a Africa. Luego en esta vista por q' la armada era grande, i hazia hermoso aparato, desmayó el Barbaro, juzgando no solo socorrida la plaça, mas pronosticando gran desdicha a su gente, en q' le iva no poco, por tener empeñada la mas valiente, i mas noble del Reino. Hizo avisar luego a los sitiadores con diferentes chamadas de Gibraltar, para q' aduirtiessen el peligro, mas como estos no tenian vista de la armada, pensavan q' era darles animo, i esperanças de nuevos socorros. Assi avivavan mas los combates, i proseguian el sitio com mayor esfuerço.

Algunos Moros, q' en la Almina trabajavan en enterrar los muertos, vieron las chamadas de Gibraltar, i de otras partes de su costa, i sospechando no podia ser sin causa grande, avisaron a los cabos, i estes enviaron un hombre al castillo de la Almina para q' viesse si hauia velas en el estrecho. Llegó, i viendo q' un navio se arrimava a la punta de Bullones, hizo un fuego, vio segundo navio, i hizo segundo fuego, con q' entendieron los moros q' hauia llegado socorro de Portugal, i fue tal la turbacion entre todos, q' empeçaron a afloxar en el combate; i mas lo hicieron, quando el moro hiço doze fuegos seguidamente, i poco despues esparcio el fuego por todas partes en señal de q' los navios eran tantos q' ya no se podian contar, fue tal confusion entre los moros, particularmente los q' estavan en la Almina, q' no sabian tomar consejo con successo tan repentino. Las galeras estavan todas de la parte de Barbaçote, i Mulei Zaide, como hombre experto i animoso, mandó q' ellos, i los navios q' estavan de la otra parte del monte, se llegasen luego a la Almina por todas partes para embarcar la gente, mas de quantas eran, una sola obedecio, por q' las otras ó por q' se sentian menos desembaraçadas, ó por q' juzgaron que les convenia mas salvarse, no solo se llegaron a embarcar la gente, mas al instante se pusieran en orden para partirse a Gibraltar.

El conde, como conocio tan turbado al enemigo, entendio q' tenia

socorro, i como Capitan prudente se apercibio mejor para la defensa, i puso mas en orden su gente; ordenando a los que guardavan las murallas, q' en ningun caso saliessen dellas, por q' temia como quien conocia el natural de los Portugueses, q' viendo a los moros en desorden, saliesen confusamente contra ellos, q' fuera gran inconveniente, siendo tan poca nuestra gente, i la de los moros cantidad tan desigual. Doblo para evitarlo las guardias de la muralla, poniendo personas de calidad, i puestos a q' los otros respetassen. Embió orden a Don Juan de Noroña, q' le esperase firme en su puesto, por q' andaua disponiendo lo necesario para el socorro, i q' brevemente seria con el; mas las cosas no estavan ya en estos terminos, por q' jamas dexo la nacion Portuguesa de aprovecharse de las ocasiones, aun q' contra los preceptos militares, aun q' contra las ordenes de sus superiores; condicion q' ha grangeado felicissimos, i infilicissimos successos en sus conquistas.

CAPITULO 35.º

Salen los nuestros a la Almina; i son rebatidos Socorrelos el Conde, i vence. Desembarcan los Infantes con el socorro.

Bien quiso Don Juan de Noroña detener su gente, asi por obedecer a su general, como por parecerle lograria mejor la ocasion con la espera, mas los cavalleros, i Capitanes q' le acompañavan, sin modo, i si orden se arrojaron a la campaña a pelear con los Moros, i estorbarles la embarcacion. Huvo Don Juan de seguirlos con el resto de su gente, por q' fuesse el peligro, i desorden menor, i assi saliendo por la puerta de la Almina, hizieron rostro a los Moros. Aqui anduvo valeroso su general por q' viendo a los nuestros resueltos a estorbarles la embarcacion, con gran valor, i ardimiento en un valiente cavallo, dando vozes a los suyos, q' andavan desordenados, los juntó con brevedad en un cuerpo, i no solo espero a los nuestros, mas los salio arecibir, i les dixó estas breves razones. Esta es valerosos Granadinos la mas precisa ocasion, q' los Christianos ande experimentar vuestro valor, q' tantas veces han reconocido; nuestro peligro es grande, por q' por mar se viene acercando su armada, i por tierra los sitiados para impedir nuestra embarcacion: no tenemos ya otra elecion q' la de morir como valientes, o la de perecer como cobardes: a lo primero se deben ajustar mas vuestros valerosos coraçones: i pues es asi embestid con animo, i sea la muerte la ultima corona de vuestro valor, para memoria eterna de nuestra beli-

cosa nacion. Hablo assi, i apretando la espada, embistio a los Portugueses con tal valor, q' aun q' de una i otra parte se peleo valerosamente, al fin, el ardimiento lusitanio cedio ante la multitud Granadina; i aun q' no bolvieron las espaldas, se retiraron con orden al abrigo de las murallas. Andava entre ellos su valeroso capitan Don Juan de Noroña, peleando como debia quien era, i juntandolos otra vez, hiço segunda embestida, mas con igual successo, por segunda vez se retiraron sin poder contrarestar la multitud de aquellos barbaros, q' con este buen successo se pussieron en orden de retirada para tomar las embarcaciones. Ya a este tiempo auia dispuesto el Conde todo lo que convenia de la otra parte de la Ciudad; i bolviendosse sin dilacion a la Almina, hallo nuestra gente empeñada. Olvidado del enojo de la desobediencia, i solo aduertido de lograr cumplidamente la occasion, con el resto de la gente que le acompañava salio a la Almina, i juntando esta con la q' estava en ella formó su escuadron, i les dixó. Oy es el dia, señores, en que mas presente deve estar en vuestras memorias el valor, i virtud de vuestros antepasados: bien visteis lo q' estos barbaros pretendieron en este sitio; pues a salir con sus intentos mui en breve perdieramos todos las vidas, o quando menos la libertad. Llegada es la ocasion en q' podemos tomar vengança de su soberbia; si ahora la perdeis jamas la podreis hallar tan sazonada para asegurar vuestra quietud, no ay sino encomendarse a Christo, armar los coraçones de su santissima Cruz, y acometer por todas partes sin perdonar a alguno; q' oi es el dia q' mas ade eterniçar nuestra fama, i en q' aueis de satisfacer la hambre, q' de honra siempre tubisteis. Dixo, i espoleando el cavallo, i terciando la lança, se metio el primero entre los Moros, q' se retiravan en orden a la playa, viendo ellos la resolucion de nuestra gente muy en breve les bolvieron las espaldas, i esperaron, i trabada la batalla, se peleo de una i otra parte con valor, i resolucion. Anduvo valerosissimo Muley Zayde, sobrino del Rey de Granada, peleando con gran esfuerço, i animando a los suyos con igual cuidado. Mas no bastó por q' por instantes se disminuya su exercito, assi por los muertos, q' eran muchos, como por los q' se acogian a las playas con esperança de salvar las vidas. El conde se hallava a este tiempo con la lança quebrada, i el cavallo muerto, i en gran riesgo, mas brevemente fue socorrido con otro, i montandole, empeçó a llamar a los suyos, i a decirles q' ganassen el monte de la Almina, i aunque costó mucha sangre de una i otra parte, alfin le desampararon los Moros. En esta subida recibio el conde, como era siempre de los primeros una pedrada en la cabeça q' le privó del sentido, por gran espacio, murrio Fernan Rodriguez de Buarcos, valeroso soldado, i q' auia hecho grandes servicios a la corona en esta plaça, i Diego Vazques Puerto Carrero, q' tantas hazañas hauia obrado por su defensa. Recibio una mortal herida Fernan Rodríguez del Cadaval, de q' en pocas horas perdio la vida, tambien fue herido Vasco

Martinez de Alvergaria, peleando valerosamente, i aun que murio de alli veyente años, vino a morir de la misma herida. Sueiro da Costa, criado del Infante Don Duarte merece no pequeñas alabanças por lo q' obro en esta ocasion, pues quedando el solo con tres valientes moros peleando por un gran espacio, mató los dos, hirio mal al tercero, i deste recibio una cuchillada de q' perdio una mano. Por el tiempo adelante fue Alcaide de Lagos, i con la mano que le quedo obro despues no pocas valentias en Guinea, q' le grangearon otros premios bien merecidos de valor. Otros muchos Portugueses fueron heridos en esta refriega, de q' los mas quedaron con vida, i los q' murieron despues, la perdieron mas por la ponzoña de las armas q' por que fuessen mortales los golpes.

Las galeras e fustas de los Moros, viendo a nuestra armada tan cerca, trataron de salvarse i de onze gruesas q' alli se hallavan no doblo el cabo de la Almina nada mas q' una, fueron tantos los moros q' concurrieron a ella por salvar las vidas i libertad, q' se iva a pique sin remedio. El capitan, i oficiales, por q' todos no pereciessen ya no trabajavan sino en cortar manos, braços i piernas, dando inhumanas heridas, i auiendo puesto en esto gran diligencia se apartaron de la playa, i navegaron a Gibraltar. Las otras galeras i navios q' estavan de la otra parte del Barbaçote, viendo lo q' passava en tierra, i q' si esperavan era cierta su perdicion, recogiendo los moros q' auian llegado a nado, mientras ellos se preparavan para escaparse, se pusieron en huida. La mayor parte de los moros se quedó en la playa, ahogaronse muchos por salvar las vidas en las embarcaciones, otros los llamavan con palabras lastimosas, acordando a los q' estavan en ellas q' eran todos vassallos de un mismo Rey, naturales de una misma tierra, i compañeros en una misma ley, pedianles no les desamparasen, pues los hauian traido alli. Mas ellos no cuidaron destas peticiones i quexas, antes procuravan con toda brevedade ponerse a salvo, por q' nuestra armada se acercava ya. Muchos de los Navios con poco trabajo tomaron luego diferentes puertos de Berberia, por q' toda aquella costa abundava de poblaciones de Moros, q' aun q' todas embarcaciones eran de las costas de España, tomaron este expediente para despues passar el estrecho con mas seguridad; discurso q' engaño la mayor parte de los navios pequeños, que cayeron en nuestras manos, quando pretendian passar. Mulei Zaide, General valeroso de la gente de Granada, peleo este dia asta perder la vida sin bolver las espaldas; acompanaronle en la muerte quasi todos los mejores de su exercito, en q' se perdio la mayor, i mejor parte de la nobleça de Granada.

Puestas las cosas en este estado, llegó nuestra armada al puerto del Rei, i siendo auisado el Conde de q' los Infantes querian salir a tierra, hizo juntar con gran brevedad toda la cavalleria, i llevando otros cavallos del diestro para sus personas, i para los Cavalleros q' los acompañavan, los fue a recibir. Tanto q' los Infantes salieron en tierra, vieron puesto

a sus pies aquel valeroso Marte Lusitano el Conde Don Pedro Meneses, bañado en sangre Mahometana, i con la espada en la mano, con bastantes muestras de golpes mortales q' executo aquel dia, procuro besarles las manos, mas no lo consintieron, por mas q' insistio en la debida sumision. Llegaron a besarla Don Juan, i Don Fernando de Noroña hermanos con todos los fidalgos, i Capitanes, que alli se hallaron, vista que debieran envidiar los mas poderosos principes del mundo. Subieron acavallo los Infantes, i acompañandoles toda la nobleça caminaron al lugar de la principal refriega; en el andavan ya, las mujeres, i los judios con otra mucha gente de la Ciudad, despojando a los muertos de que alcançaron no pocos despojos. Jazia alli el cuerpo del valiente Muley Zaide, digno de superiores elogios. Era de cuerpo grande, i de miembros correspondientes a sua grandeça, el color blanco, i la melena rubia i larga, i aun que algo desfigurado con los mortales golpes, bien representava en tal estado la nobleza de su sangre, i el valor de su persona. No cesavan los Infantes i los q' los acompañavan de engrandecer con devidas alabanças al Conde i a los q' fueron participes de tan señalada victoria. Esta la campaña, sembrada de cuerpos de barbaros, i aun que en otras batallas se vio muchas vezes mayor cantidad de muertos, es cierto que en pocas se perderia tanta gente escogida, i noble, ni tan codiciosa de fama i gloria. Constantemente afirmava la voz comun, q' si en esta ocasion se hallara el Rei de Castilla con fuerzas, i edad para emprender la conquista del Reino de Granada, la conseguiria, por que aquel reino tubo la mayor parte en esta perdida.

No pudieron dexar de lastimarse muchos de los nuestros de aquel destroço, aun que de enemigos, por q' dexando aparte la gran multitud de cuerpos, q' ocupava la campaña, yacian infinitos en las playas unos sin braços, otros sin manos, q' cortaron sus mismo compañeros quando pretendieron embarcarse: unos andavan sobre las olas ahogados en la demanda de salvarse: otros aun con vida nadavan, mas con tanto desacuerdo, q' no se determinavan a que parte saldrian: unos con los brazos cruzados se arrojaran a los pies de los Christianos: otros a un con alguna esperança de salvarse se metian por los bosques de la Almina, mas quando por todas partes se hallavan sitiados, i sin remedio, maldician a si mismos, i entregavan las libertades a qualquiera persona q' topavan por fragil q' fuesse con miserable humildad. Succedio q' tres Moros juntos se entregaron a vna mujer, i permitieron q' ella les atasse las manos, i vnos a otros, i los llevasse a la ciudad. Los judios fueron tambien de no pequeño alivio al cansacio, i fatiga de los soldados, por q' como sus animos se llevantan mucho, quando se ven dela parte victoriosa, andavan tan fieros, i valientes despues de alcançada la victoria, q' sirvio de gusto grande a los Infantes, Señores, i soldados verlos con aquel ardimiento contra la natural inclinacion, a q' los reduxo el mayor peccado. Entraron este primer

dia cautivos en la ciudad nuevecientos i ochenta i seis Moros, i sin estos otros muchos escondieron los soldados por quedarse con ellos, sin entrar en el quinto. Mayor fue el numero de los q' se entraron por los bosques de la Almina, que o se hallaron en los dias siguientes, o obligados de la hambre se venian arrendir, porq' en aquel sitio se vehian del todo cortados, i sin esperança de salvarse. No parecera grande el numero al q' considerare la mucha gente q' desembarcaron los galeras, i q' por tres vezes passaron socorros de España en estos breves dias: de los muertos no quedó en memoria el numero cierto, por q' fueron tantos, i entantas partes, q' no se pudo hacer estimacion cabal de quantos eran.

CAPITULO 36.º

Levantan los moros el sitio. Los infantes entran en la ciudad, i buelven a Portugal con malisima navegacion. El Rey de Granada íntenta sitiar la plaça personalmente.

Los moros q' sitiavan por la parte del campo informados de lo q' pasava en la Almina, i q' las galeras, i navios se hauian huido, levantaron el sitio, i se fue cada uno a su tierra con la tristeza, i confusion q' merecia tan repentino, i desdichado successo, llevando muertos a sus principales caudillos, solamente Xeber, q' se habia passado a la Almina fue cautivo en aquella parte por un criado de Juan Pereira, i le dio a su amo en trueque de otro moro. A Juan Pereira descubrio quien era, pidiendole libertad, i aduirtiendole que en lo de adelante podia hazerle no pocas amistades, pues por la muerte de Abu, i de los otros Capitanes viejos, gouernaria el sin duda la guerra de alli en adelante, en q' no faltarian ocasiones de agradecerle su libertad, Juan Pereira respondio no podia darla a un Infiel sin por medio del rescate, i se quedo con el cautivo, que adelante murio en Ceuta, auiendo offrecido dos mil doblas por su libertad; ocasiono el q' esto no se ajustasse la auzencia q' desta plaça hizo Juan Pereira a Portugal: murio tambien en esta Guerra el señor de Beneigen, poderoso en la Berberia, a manos de Gonçalo Vello.

Entraron los Infantes en la ciudad, con aquel lucido acompañamiento; i com tan Catholicos Principes se encaminaron a la Iglesia mayor a dar a nuestro señor las debidas Gracias por tan venturosso successo, al salir de la Iglesia, el Conde se arrodillo delante de Don Enrique, i besando las llaves del Castillo se las entregava, no las quiso acetar, considerando que bien empleadas estavan en el, i q' las poseyã por orden del Rey su padre. Viendo q' no lo conseguia, pidio a los Infantes quissiesen ser sus hues-

pedes los pocos dias q' se detubiessen, concedieronselo, entendiendo se detendrian poco, visto ser acabada la ocasion, q' los llevo; i q' el conde se lo suplicava con instancias. Fueron hospedados con la magnificencia deuida a su grandeça, i correspondiente al anchuroso coraçon del Conde, por q' en tres meses q' se detubieron a causa de los temporales, se hallo despues por los libros de la casa del conde, q' gasto en este hospedaje seis mil siete cientas, i cincuenta i seis doblas, q' para aquel tiempo, i lo barato de las viandas fue una suma de consideracion, i despedida con tanta liberalidad, que fue mui alabada de todos la grandeça con q' se porto. Es cierto q' assi como Dios quiso coronar los meritos, i trabajos del Rey Don Juan Principe gloriossissimo, i digno de gloria eterna con darle por remate dellos una ciudad, tan importante, con tanta gloria de su esclarecido nombre; assi previno q' quedase por su primer general, i para resistir aquellos primeros impitus de la Berberia, unos de los mas excelentes capitanes q' dio España en muchos siglos, qual fue el Conde Don Pedro de Meneses. Los Infantes no solo fueran sus huespedes el tiempo q' se detuvo la armada, mas era grande el numero de Cavalleros i capitanes q' con el comian todos los dias. Quiso el Conde se repartiesse la presa entre los soldados por partes iguales, i no lo consintio el Infante Don Henrique, ordenando q' cado uno se quedasse con lo q' huviesse ganado, i por quanto este grande i excelente Principe era magnanimo e valeroso amigo de adquerir nueva gloria por las armas, pareciole q' hauiendo sido vencidos los moros antes de su llegada no hauia obrado cosa digna de alabança, intento la conquista de Gibraltar, i mando disponer artilleria i otros ingenios militares, i dispuesto en la mejor forma q' lo permitio la brevedad del tiempo quiso dar principio a la empresa. Mas fue contrariado generalmente de los mas experimentados, i prudentes, assi con la proximidad del invierno, como la falta de lo necesario para empressa de tanta consideracion. Quiso personalmente informarse de la dificultad, i salio en las Galeras a reconocer a Gibraltar, mas sobrevino aquella noche tal tempestad, q' los arrojo al Cabo de Gata, donde se detuvieron quince dias. Bolviendo a serenarse el tiempo se recojieron a Ceuta, donde hallaron cartas de su padre con orden de q' se bolviesen al Reino, q' bien presumia de la grandeça de sus coraçones q' no dexarian de intentar alguna empressa grande, a q' ni el tiempo, ni el número de gentes ayudavan. Eran ellos obedientissimos a su padre, una de las mayores felicidades deste principe, i determinaron bolverse a Portugal. No huvo otra dilacion q' la del tiempo, q' por muchos dias corrio contrario, mas sobreuiendo despues el q' deseavan, despedidos del conde, con las demostraciones de amor i benevolencia, q' merecian su valor, i aguasajo, partieron. Poco despues les sobreuino una tan recia tempestad, q' muchos de los nauios corrieron a las Algeciras, donde Rui Gomez de Azevedo, Alcaide mayor de Alenquer, viendo q' su navio estava a

pique de sosobrar, salto en su batel para salvarse, i con la piedad q' tubo de los q' quedavan en el navio, dexó entrar tantos, que con el gran peso sosobró primero, pereciendo alli mucha i mui noble gente. Alvaro Vaz de Almada, se hallava en su navio con otros fidalgos, en el mismo peligro, mas escarmentado en lo q' vio, saltando en el batel el, i otros con los espadas defendieron la entrada menos a las personas mas principales, i aun asi se salvaron con gran peligro, era cosa lastimosa oir las vozes, i llanto de los q' quedavan, q' viendo la muerte tan vezina lastimosamente pedian les socorriessen, mas fue impossible, por q' el batel con la fuerça del tiempo no pudo hacer buelta, i entre tanto el navio dio en unas peñas donde se perdio con toda la gente. El de q' era capitan Diego Suarez de Albergaria, i otros, se salvaron dichosamente. Alvaro Vazques, i otros fidalgos passaron con gran trabajo, por q' salieron a tierra de Moros, i el frio era tan grande q' uno de la compañia se quedo muerto elado, por q' no ser sentidos no hazian fuego. Llegada la noche caminaron hacia Tarifa, i en este camino les socorrio la diuina providencia, por q' encontrando con los Almogaves de aquella plaça fueron llevados a ella, i hospedados del Portuguez Puerto Carrero su Alcaide, con la liberalidad, q' debia a naturales, amigos, i parientes. Los infantes, i otros navios corrieron con la tormenta aquellas costas; unos entraron en los puertos de Andaluzia, q' estavan por Castilla, i otros en los del Algarve, i assi huvo algunos dias voz mui creida en Portugal se hauian perdido. De toda la armada solamente aportó a Lisboa el navio de Bernardin de Barbuda, a quien preguntó el Rey por sus hijos, i respondiendo q' no sabia dellos, por q' la tormenta le hauia seperada de su compañia, le reprendio severamente por q' hauia entrado en Lisboa, i le duro no poco tiempo el enojo, algunos dias despues entraron los Infantes, i fueron recibidos con general alegria de todo el Reino.

Reinava por este tiempo en Granada aquel barbaro q' llamavan el Zurdo de valeroso, i honrado coraçon. Este sabiendo el desbarato, q' sus vasallos auian tenido, recibio el dolor q' merecia tal perdida. Hallavasse en Gibraltar en esta ocasion, i pocos dias despues passó a Málaga, donde hiço juntar todas las personas nobles de su reino, i dandoles cuenta del successo, les pidio consejo para tomar vengança desta afrenta, i dixo: Que no era justo q' una injuria qual la hauia padecido el Reino belicoso de Granada passase sin la devida vengança, q' esta causa era tan suya, como de todo el Reino, pues el hauia perdido los mejores vassallos, i ellos la flor de sus amigos, parientes, i naturales, en quien estribava la seguridad, i quietud de todos. Que era necesario buscar medios para vengar la reciente herida, cuyo efecto fuesse tal, q' diesse satisfaccion al mundo. Que los Infantes de Portugal, i toda su armada, i gente deste successo auian ya bueltosse al Reino, i no solo ellos mas otros muchos soldados, q' estavan en la plaça. Que esta sabia de cierto se hallava falta de bas-

timentos, q' estavan en principio de invierno, i q' este era dilatado, i impidia, o retardava los socorros, i le parecia ocasion para ganar la plaça a poca costa. Que se hallava con flota, i gente rasonable para intentar la empresa, i si el Rey de Fez se dispusiesse a ayudarle la emprenderia por su persona, q' aun q' su sobrino era Principe valeroso, se hauia perdido como temerario, fiando mas de su valor, q' de las reglas, i disposiciones militares, pues offreciendole artilleria bastante, de q' tanto se necesitava para esta faccion, no la hauia querido llevar, ni dispuso la armada de manera q' pudiesse recoger la gente al tiempo de mayor necesidad. Que hallandose en esta empresa personalmente enmendaria los yerros passados, i pediria al Rey de Tunez para incorporar con su Armada las galeras, q' siempre tenia bien prevenidas: i q' ademas haria guardar el estrecho de manera q' no pudiessen passar avisos de Ceuta a Tarifa, ni a Portugal, para q' la plaça pudiesse ser ganada antes q' socorrida.

Esto propusso a los del consejo para q' diessen parecer en lo q' debia executar: tocó a hablar primero a un Alcaide anciano, Governador, por el Rey en Almeria; este no ajustandosse a sus intentos, dixo q' no era cierto q' la plaça de Ceuta estuviese falta de bastimentos, antes creible se hallasse prevenida de muchos con los socorros q' repetidas vezes la llegaran de Portugal: q' tambien aun q' gente alguna se huviesse vuelto al Reino a descansar quedaria suplida la guarnicion con otra tanta de la del socorro, por q' assi como el Rey de Portugal tubo disposicion para ganarla, no le faltaria maña, i juizio para defenderla, mayormente teniendo en Ceuta un General de tanto valor, i partes, i de quien se podian fiar mayores disposiciones. Que aun q' los socorros de Portugal faltasen siempre los asegurava la cercania de Castilla, donde el Conde tenia tantos amigos, i parientes, i q' quando estos no acudiesen, como convenia le bastava los cautivos moros, con q' se hallava para sacar vendiendolos en los puertos marítimos de Andaluzia todos los bastimentos necesarios para sustentar un largo sitio. Que era creible, q' los Infantes no se bolverian al Reino sin dexar aquella plaça tan bastecida de todo, q' no necesitasse en muchos dias, de nuevos socorros, por q' era fuerça pensasse entonces en lo q' ahora discurrian sus contrarios. Que el invierno tanto daño haria a los sitiadores, como a los sitiados, o por ventura mayor, pues estos se hallarian en tierra firme, i el principal poder de Granada en la mar, i en la impetuosa boca del Estrecho; i q' sobreviniendo una tormenta grande, q' en semejantes tiempos nunca faltan ó darian a la costa los navios, ó se apartarian de manera, q' no seria facil bolberlos ajuntar; i q' en este caso se hallaria el Reino de Granada con segundo daño, i mas sensible q' el primero, por q' quedaria lo mejor de su gente, i las fuerças del Reino todo, i lo q' mas era, la persona Real, en la Almina de Ceuta, como en una sed en poder de los Christianos. Que los navios en la boca del Estrecho para impedir los avisos de la plaça a España no podian ser

de efecto alguno, por q' aun q' se perdiessen unos pasarian otros sin estorbo. Que sin esto el Alcaide de Tarifa era pariente estrecho del Conde, chistiano, como el, i de su misma nacion, i no solo obligado destas obligaciones, mas obligado al Rei de Portugal por grandes mercedes, i beneficios, i como tal trahia de ordinario por su orden muchas espias, entre los Moros, que le avisavan todos sus movimientos, q' ademas desto tenia en Tarifa un residente, i algunos correos, que le assistian para auisarle continuamente de lo q' se le offreciesse; i que por estas raçones los fundamentos en q' el Rey librava su determinacion estavan sujetos a engaño: q' su parecer era q' la empressa de Ceuta se bolviesse a intentar pera despacio, i con mejores prevenciones, escriuiendosse a todos los señores de Africa, q' se hallaron en la occasion passada, i los q' a ella no concurrieron se preveniessen, manifestandole el Rei su intento, i pidiendoles consejo, i ayuda para q' determinadas las cosas, con mas espacio, i con mas seguras prevenciones, succediessen mas felizmente q' la ocassion passada.

Este fue el parecer de aquel anciano Alcaide, a q' se arrimo la mayor parte del Consejo, otros, ó por q' entendian lo contrario, ó por q' sentian al Rey inclinado a la breve vengança, aprobaron su determinacion, añadiendo a las suyas otras raçones para deshacer las del Alcaide. Empeço el Rei luego a prepararse com la mayor disimulacion que pudo, mas aprovechole poco el recato, q' el conde no se descuidava de informarse por todos caminos de sus intentos por espias, q' tenia en Berberia, i España, i no sosegandosse con sus auisos, hizo salir un vergantim para q' tomasse lengua en las costas de Andaluzia, q' troxo brevemente, i por ellas supo, con particularidad, los intentos, i prevenciones del Rei de Granada. Visto como el se disponia a sitiar en persona a Ceuta con todo su poder, i el de la Berberia, no cesava de prevenirse para su defensa trabajando corporalmente como qualquiera de sus soldados, i animandoles con su exemplo de manera q' en breve no solo reparó las murallas, mas hizo otras obras de nuevo, de grande importancia. Sin embargo de todas las prevenciones del Rei de Granada, no vino a tener efecto su determinacion, por q' al mismo tiempo, en q' se prevenia la Africa para desterrar el nombre Lusitano de la mas importante puerta suya, se levantaron nuevas guerras civiles en el Reino de Fez sobre la succession, que turbaron la paz comun de Berberia, i fueron causa de q' atendiendo los moros al daño propio, se olvidassen de los ajeno: con esta ocassion respiro Ceuta de las amenaças prevenidas, aun q' breve tiempo.

CAPITULO 37.°

Prossigue los successos militares, i maritimos con buena fortuna. Casamientos que trató el Conde.

Despues de tantos successos gloriosos, de los Portugueses afloxaron los moros notablemente de aquella primera furia con q' intentaron restaurar esta plaça, por q' los nuestros viendosse tantas vezes vencedores, cobraron nuevos brios en su defensa. A este tiempo se halvan en Ceuta los mas de los Portugueses con experiencia de la guerra de Berberia; i assi despues deste sitio, aun q' hizieron continuas correrias en la campaña, los Moros, i diuersas entradas por la mar, no fue con aquel poder, q' acabamos de referir, por q' nunca mas, o con las guerras domesticas de Berberia, ó con las q' tenia en España, pudieron divertirse a esta empressa, q' tanto les convenia. Juntosse a esto q' en la occassion passada, murio aquel valeroso Capitan Abu, que tanto fomentava esta guerra, i con el otros valientes caudillos de sequito en la Berberia, q' se le juntavan con q' en muchos dias se hallaron faltos de cabeças, i assi aun q' continuaron las correrias, mas era por q' pensavan hacian en este servicio a su falso propheta, q' por persuadirse podrian obrar cosa de importancia in nuestro daño.

Muchos dias lloraron los Moros la perdida passada sin intentar novedad, por q' a la mayor parte de Berberia cupo mucha del infelize successo. Predicavales sus Caziques, i los q' ellos tenian por sanctos, animandoles a la vengança, i no cesavan de provocarles a que dexassen a una parte la tristessa, i tratassen de despicarse, por q' no era possible, q' el rigor del cielo durasse tanto contra sus cosas. Si bien las persuasiones eran continuas, en muchos dias no se halló capitan, q' quisiesse encargarse de empresa tan ardua, hastó q' uno llamado Abderraman, tenido entre ellos por hombre de gran virtud, i valor se encargo de hazer la guerra. Con esta determinacion se pasó a las tierras de los Gazules ajuntar gente: predico por todos aquellos lugares, incitando a los barbaros para esta guerra, i se bien era persona de credito no pudo juntar esta vez mas, q' cien cavallos, i mil peones Con estos se resolvio a correr el campo de Ceuta. Entraron a tiempo, q' el Conde auia hecho salir sus escuchas a tomar informaciones con intento de dar al otro dia leña a los vezinos; i estando unas sobre la buelta de Ramal, i otras sobre el puerto de los Alamos, al quarto del Alva sintieron Moros de a cavallo, i otra mucha gente de apie, i queriendo traer las nuevas de su entrada al Conde, toparon con las escuchas contrarias, i como estas eran mas en numero,

las tres se pussieron en huida, i viendo q' no podian llegar a la ciudad sin dar en las manos de los Moros por ser el camino largo, se valieron de una torre, q' se conservava, aun q' sin prezidio, entre las quintas, donde luego fueron sitiados. Pussieronsse en defensa con gran valor, hasta el otro dia, en q' los moros pussieron fuego a las puertas para entrar en la torre. Ja a este tiempo hauian salido las atalayas de la plaça, i viendo el trabajo en q' los nuestros se hallavan avisaron brevemente al Conde, q' hiço salir treyenta i cinco cavallos, q' eran todos los q' havian quedado en la plaça, i cien soldados, de apie, i el los acompaño. Llegando en breve espacio a las quintas, viendo q' los moros continuavan el combate de la torre, ordeno a los de acavallo, que trabassen la escaramuça, q' los Moros no vensaran, antes como gente deseosa de tomar vengança, de tantos daños, pelearon valerosamente, gran espacio sin conocerse ventaja de una ni otra parte. Hicieronse cinco vueltas en q' los Moros cayeron muertos cinco de acavallo, i de nuestra parte Alvaro Pinto el moço, mas los nuestros a la quarta vez embistieron tan reciamente, q' les hecharon del campo, i les pussieron en huida, i siguiendo el alcance por la sierra, matando i derribando otros muchos, viendo el conde, q' los de acavallo se auian puesto en huida, ordeno brevemente con otra, q' auia llegado de socorro, i cargó sobre los de apie, q' eran en numero, muchos mas q' los nuestros. De una i otra parte se peleo valerosamente por espacio de quatro horas hasta q' el valor de los moros cedio al esfuerço de nuestra gente, i se declaro la victoria por su parte. Murieron en ella mas de ducientos, i quedaron cautivos quarenta, i cinco, i de nuestra parte murieron dos soldados i un Alvaro Pinto. Con esta victoria se recogio el Conde bañada en sangre enemiga la lança, i con el gusto que puede considerarse del successo. Todos se señalaron mucho, mas quedo particular memoria del esfuerzo de Rui Gomez de Silva q' se hallava libre del Cautiverio, i procuro vengarse de lo mucho q' auia padecido en Berberia.

Por este tiempo llegaron al Conde, cartas del Rei de Castilla, en q' le rogava quisiesse dar campos a dos caualleros, para que peleassen; el uno era Castellano, i se llamava Lope Alonso de Montemolin, i el otro Catalan, q' servia en la casa del Rei de Aragon, i tenia por nombre Mosen Felipe Buil, la causa de su desafio, era tan poco considerable (aun q' no quedo en memoria) q' trabajo mucho el Conde por concordarlos para q' no llegassen a rompimiento; mas no fue possible, i assi huvo de darles campo seguro para su combete. Ambos pellearon con gran valor, i aun q' el castellano quedo herido salieron con reputacion igual, no dexando el conde q' llegassen a los ultimos lances, hizo que los apartassen, i se diessen las manos de amigos, i los tuvo por huespedes muchos dias, despidiendoles despues con dadivas de importancia, q' del recibieron, i de los cavalleros Portuguesses.

Algunos mezes despues tocó un dia la guardia del campo a Rui Gomez de Silva, i salio con veyente cavallos a guardarles mientra los vezinos hacian yerva. Luego q' salio hiço descubrir la emboscada del Cañaveral, q' se halló sin gente, i pensando q' estava seguro el Campo se apartó hasta el monte de los Gazules; estando en aquel puesto haziendo la guardia a los q' trabâjaban, salieron cien moros de acavallo de la buelta del Ramal, i con ellos mil de apie, q' no fueron vistos asta q' estubieron sobre el puerto de los Alamos, con q' Rui Gomez quedo cortado sin poder recojerse. Mas como valiente, i sosegado determino hazerse fuerte con su gente en una torre, q' un Juan Preto auia pedido al Rei con intento de mantenerla, i avisar della a la ciudad de qualquier novedad, q' sobreviniesse, donde continuamente assistia. Recojiosse alli Rui Gomez con sus veyente compañeros, i metiendo los cavallos en un cercado de la torre, trato de defenderse con las armas q' en ella auia. Combatieron los moros con gran furia mas por mucho q' trabajaron no recibieron los nuestros otro daño mayor q' perder quatro cauallos. Llegaron las nuevas al Conde del aprieto en q' se hallava Rui Gomez, i trató de socorrerle mas temeroso de alguna emboscada por la distancia del Camino, hizo primero descubrir el campo a una, i otra parte, i sabiendo q' estaua seguro, salio con el resto de la caualleria, q' era poca, i com quiñientos soldados escojidos, i se encamino a la torre sitiada. Mas descubierto de los moros, aun q' eran muchos mas en numero, no se atrebieron a esperarle, antes desistieron del combate, i se retiraron sin pelear, dexando muchos muertos, i llevando otros muchos heridos, por q' Rui Gomez con los compañeros se defendio valerossamente asta q' fue socorrido com gran daño de los contrarios.

En la parte maritima huvo al mismo tiempo algunos reencuentros de poca consideracion, en q' los nuestros salieron con la mejor, solo hove memoria de tres fustas q' salieron de Ceuta, en q' hivan por Capitanes Andres Martines, Alonso Garcia, i Gomes Fernandes: estos encontraron en la boca del Estrecho quatro nauios con q' pelearon valerosamente asta desbaratarles: dos quedaron rendidos con treynta, i cinco cautivos: fueron muchos los muertos en los quatros, i quedaron sin duda todos rendidos sino sobreviniera la noche, con q' pudieron escaparse. Los nuestros quasi todos quedaron heridos mas ninguno murio, i se recogieron con la pressa.

Auia sido casado el Conde la primera vez con D.ª Margarita de Miranda hija de D. Martin Alfonso de Miranda, Arzobispo q' fue de Braga, con cuyo casamiento alcanço dote considerable. Fue esta señora dotada de heroicas virtudes, i por sus continuas enfermedades no pudo passar a Ceuta, estuvo en el Reino el tiempo q' estava governando el Conde esta plaça viviendo con notable exemplo, hasta que nuestro señor premiando sus virtudes, i trabajos la llevó para si. Despues deste ultimo sitio, q' el

Conde defendio tan valerosamente, trato el Rey de casarle, por q' no se hallava con hijo varon ligitimo, q' heredasse su casa, i servicios, sino con dos hijas q' le hauian quedado de D.ª Margarita de Miranda; i assi concertó casamiento con hija de Gonçalo Vazques Coutiño Mariscal de Portugal. Estando las cosas dispuestas para q' esta señora passasse a Ceuta, pidio el Conde licencia al Rey para q' fuessen con ella los hijos iligitimos q' tenia, i se la concedio, i partiendo todos, auiendosse apartado los nauios de la costa del Algarve, haciendo su viaje murio en la mar la esposa del Conde con notable sentimiento de todos, i suyo quando supo la infeliz nueva. Gouernava los nauios Vasco Fernandez Coutiño que despues fue Conde de Marialva, i sin embargo del successo fue a Ceuta, i entrego sus hijos al Conde. De las hembras, se llamava una de las iligitimas Doña Isabel, q' estaua concertada para casar en Ceuta con Rui Gomez de Silva. Celebraronse las bodas al poco tiempo de su llegada con grande contento del Conde q' conocia bien los meritos del yerno que elegia.

CAPITULO 38.º

Los gazules corren tercera vez, pelean i son desbaratados. Don Fernando de Noroña desembaraça el estrecho de algunos corsarios. El Rey de Fez pone sitio a Arzila, i levantale con daño grande.

Avia por este tiempo en las costas de Andaluzia, dos corsarios, valerosos castellanos, llamavasse el uno Gonçalo Correa, i otro Bartolome, estos de pequeños principios vinieron a tener nauios propios, i dandose al oficio de piratas, ganaron otros, i agregando a su bando otra mucha gente, con q' se apoderaron de la mar, i eran señores del paso del Estrecho. Padecio mucho Ceuta con estos Corsarios, por q' la privavan de la comunicacion, i trato de Portugal, i Andaluzia, tomando sus propios nauios, i los q' venian a ella con los socorros ordinarios. Parecio gran inconveniente este al Rei, i embaraço, considerable para sustentar aquella plaça; i assi armo algunos nauios q' guarnecío de gente escogida tanto en sangre como en valor. Nombro por General a D.on Fernando de Noroña, i iva tambien en esta armada Don Fernando de Castro, Gouernador de la casa del Infante Don Enrique cauallero nobilissimo, i de gran nombre, i opinion. Salieron de Lisboa, i passando el Cabo de San Vicente corrieron las costas de Andaluzia, i no hallaron en parte alguna a los corsarios, embocaron el estrecho, i entraron en Ceuta, donde fueron bien recibidos del Conde. Auiendo entrado a los 18, a los 24 de junio llegó un Moro q' se llamava Jusef, i era una de las espias q' pagava el Conde en Berberia, este le certifico q' hauian llegado muchos gazules,

i q' el dia siguiente entrarian en el campo. Dio luego cuenta el Conde a los señores q' alli se hallavan, q' disgustados de no haver peleado en la mar tubieron particular contento con tal nueva. Al otro dia hizo salir el Conde a Fernan Suarez de Alvergaria, i a Fernan Camelo para q' hiziessen la guarda ordinaria; mas como sabidores de la entrada de los Moros, no se apartaron demasiado de la plaça, ni de las Atalayas. Poco despues se descubrieron en gran cantidad, por q' no solo venian los gazules, mas todos los de aquellos contornos, q' se hallaron dispuestos. Como los nuestros los sintieron empecaron a recojerse en buen orden, i avisaron al conde, que como estaua prevenido salio con mucha gente, i se puso en la eminencia, donde vino alli a los de la guardia, i esperó a Don Fernando de Noroña, que aun no hauia llegado. Estando juntos caminaron acia un monte, en q' estavan los Moros, q' eran mil i seis cientos de apie, i ochenta i cinco de acavallo, i vinieron ajuntarse unos, i otros en el mismo lugar, en q' los gazules la vez passada fueron desbaratados. Entre los fidalgos q' el Conde llevava consigo era uno Gileanes de Freitas Caualllero de mucho valor, este llegando junto a los Moros sin orden embistio el primero, i se metio entre ellos, empeñandosse tanto, q' a no socorrerle un criado le matavon. Este viendo a su señor en peligro tan grande, con rostro sereno, i voluntad dispuesta a salvar la vida de quien le auia criado, o acompañarle en la muerte, apretando la lança embistio reciamente a los contrarios, i fue tal el acometimiento, i tal la turbacion de los moros, que dio lugar a Gileanes de Freitas para q' se desembaraçase de los muchos q' le cercavan antes. No dexó de sentir el Conde la temeridad deste cauallero, i el auer empezado la pelea sin orden, mas olvidado de su culpa trato de socorrerle en aprieto tan grande. Embistio el primero, i tras el, noventa i cinco cauallos, i aun q' los moros pelearon bien a los principios, despues por la gente de acavallo q' les faltava afloxaron notablemente, por q' a los primeros golpes murieron catorze, i assi se pussieron en retirada, i poco despues en huida. Siguieron los nuestros la victoria, degollando, i hiriendo, i cada uno procurava aventajar a sus compañeros. Fernan Suarez de Alvergaria, fue herido en una mano, los moros viendo q' por instantes perdian mas gente, se pusieron desordenadamente en huida, i los de apie se apartaron huyendo a las quintas, donde el Conde por ser tierra aspera, i fragosa los cargo por la parte de la sierra, acometiendoles por dos. Lope de Albuquerque cavallero mancebo i valerosso siguio a los moros sin compañia, i hizieron tal buelta sobre el q' le mataron el cauallo, i a el le derribaron, i perdiera la vida sino acertara allegar Rui Gomez de Silva con otros dos compañeros, que peleando valerosamente con muerte de algunos contrarios, le libraron, i retiraron herido en una pierna. Prosiguio con la victoria Rui Gomez, i por otra parte el conde matando, i hiriendo muchos enemigos asta q' le parecio se exponia a grande peligro passando mas adelante, i assi hizo señal para q'

cessasse el alcançe, i se dispuso retirar a los heridos, q' eran veyente prendieron cinco moros, i quedaron muertos en la campaña ducientos, i ochenta, i quatro sin otros muchos heridos, i q' murieron en la retirada. Señalosse entre todos Pedro Gonçales, i por gratificarle el Conde su valor, le llamo delante de todos, i le dixo estas palabras: Honrado cauallero, aun que todos los que aqui se hallan presentes pelearon oi como valerosos, sin duda q' vuestro valor se señalo entre todos; i aun q' no es nuevo en mi el conocimiento de como os portais en los perigos, i trabajos como aquel q' os ha visto obrar hazañas dignas de grande alabança, con todo para testimunio eterno de vuestra virtud, os hago entre todos esta diferencia, i os quiero armar cauallero; i ruego a estos señores; q' ademas de lo q' yo escribiere, digan al Rei nuestro señor las palabras q' aqui me oyeron. Este cauallero assi en esta ciudad como en los Reinos de Castilla obró acciones dignas de gran alabança, como a cada paso vemos en la historia de Portugal. Esta fue la vltima vez q' los gazules corrieron en el gouierno del Conde, auiendo recebido en las tres q' le provocaron los daños referidos. Don Fernando de Noroña despues deste successo hiso viaje a Portugal, i para q' la jornada fuesse en todo cumplida encontró en las costas de castilla una Carraca del Corsario Castellano llamado Bartolame, con quien peleo, i aun q' con arto trabajo, al fin le rendio, i a otros navios, q' le acompañavan, accion por q' merecio alabanças grandes o que fue causa de quedasse el estrecho desembaraçado, i que pudiessen navegar seguramente los navios de Ceuta.

Estando aun Don Fernando de Noroña en esta plaça, tuvo aviso el Conde de como el Rei de Fez tenia sitiado en Arzila, a Çalabençalá aquel poderoso Marin, que perdio a Ceuta, señor de otros muchos lugares de la costa de Berberia; sabiendo, esto, i queriendo aprovechar la ocassion, procuro introducir platica con Çalabençalá de q' le socorreria en aquella ocasion, i le ayudaria en todas las q' se le offreciessen contra el Rei de Fez, si dexasse el dominio de aquella villa a Portugal. Escojio para esta embaxada a Pedro Gonçales, a su hermano, i a Rui Gomez de Silva, i los despacho, en vna Galera con carta de creencia, siguieron los embaxadores su viaje, i llegaron al otro dia a Arzila; i como fueran vistos, i se conocio q' eran de paz, salio una zarra a hablar con ellos, i saber lo q' querian. Remitieron por ella la carta, i supieron como el Rei de Fez dos dias antes hauia levantado el sitio, desengañado de poder conquistar plaça, por q' la hallo mas fuerte, i mejor defendida de lo q' pensava; i assi no solo no consiguio lo que deseava, mas recibio considerable daño. Çalabençala conociendo cuyos eran los embaxadores, los embió a visitar con mucho refresco, i les pidio se detubiessen asta el otro dia, i ellos obedecieron. El siguiente los mandó visitar con un sobriño, rogandoles q' saliesen a tierra, o alomenos Rui Gomez de Silva, a quien deseava mucho ver, i haciendo consejo, determinaron que quedasse en la galera Pedro

Gonçalez, i saliesse su hermano, i Rui Gomez a visitar a Çalabençalá. Este les esperaba junto a la puerta de la Tarazana acompañado de lucida gente, i viendo q' llegava la zarra a la playa, salio a recibirles a la lengua de tierra, i acompañandoles hasta el lugar, en donde estava antes, les hiso sentar, i quedandosse solamente con sus consejeros, escucho a los embaxadores. Rui Gomez, mudo la sustancia de la embaxada, i visitandole de parte del Conde le dixo, como el auia sabido la injusta guerra q' le hazia el Rey de Fez, i como tenia sitiada aquella plaça, i que considerando su mucha bondad, i nobleça, determinava socorrerle personalmente, i q' con su orden iva a saber de lo q' necesitava. Çalabençalá agradecido a los offrecimientos del conde, respondio q' estava cierto de la voluntad q' le mostrava, q' por lo que del oya siempre a los Moros, le era aficionado, mas q' ahora se hallava sumamente reconocido al diseo q' tenia de su conservacion contra tan poderoso enemigo. Que de la misma manera le hallaria prompto para todo lo q' necessitasse la plaça de Ceuta contra el Rey de Féz, assi de bastimentos como de soldados, q' el se hallava desembaraçado ya del sitio, como el Rey de Fez arrepentido de averle intentado por la mucha gente q' perdio en el sin provecho; i q' la plaça se hallava dispuesta de manera q' bien podria sufrir mas recios combates, si el Rey de Fez la intentasse segunda vez, lo que no creya. Hablaron despues de otras materias, i llenos de regalos q' les hiço Çalabençalá, se dispidieron del, i bolvieron.

CAPITULO 39.º

Gonçalo Vello alcança señaladas victorias en mar i tierra, en las costas de Gibraltar: Las fustas de Ceuta pelean, i vencen las de Tanjar, i Arzila: refierense otros successos maritimos desta plaça.

Padecia Ceuta falta de bastimentos, quando llego al puerto en una galera, q' armo a su costa Gonçalo Vello, deseoso de servir a Dios, i a su Rey en las costas de Berberia. Antes que entrasse estuvo en Belez rescatando algunos cautivos, q' hauian rendido en un caravo. Era entonces señor de aquella ciudad Almançor, q' le hiço extraordinarias honras, assi por la fama q' tenia de su gran valor, como por q' Gon-Vello en el sitio desta plaça hauia muerto a Beinegen grande enemigo suyo, con quien tenia continuas guerras, i aquien reconocia superioridad en el poder. Procuro que desembarcasse para verle, mas no lo consiguio, i embiandole refresco, i licencia para cargar bastimentos, passo a Ceuta donde fue bien recibido con el socorro q' no se esperaba. Salio

de aqui a correr las costas de Andaluzia, i junto a Cadiz rindio un caravo, i otro en la bahia de Gibraltar con treze cauallos, i muchos bastimentos, mas no con arta resintencia. Estavan a este tiempo en Castellar dos hermanos Juan, i Gonçalo de Sayavedra, q' sabiendo que Gonçallo Vello se hallava en aquellas costas, le embiaron a pedir saliesse a tierra, por q' querian darle cuenta de algunas cosas importantes al servicio de Dios, i acrecentamiento de sus honras. Vino en ello, i aviendo desembarcado al otro dia le dieron cuenta de como tratavan de tomar por sorpresa á Gibraltar, para cuyo efecto se hallavan con dos navios armados para desembarcar una noche la gente, q' hauia de acometer por la parte del monte, como ellos lo hauian de hacer por la otra, i le pedian quisiese ayudarles en cosa tan del servicio de Dios, i para obligarle mas, le mostraron firmas en blanco del Rey de Castilla, q' tenian para hazer mercedes a los q' los ayudassen. Gonçalo Vello respondio q' de buena les acompañaria sin otra atencion q' la del servicio de Dios, i aumento de sua honra, por q' quanto amercedes no las recebia de otro principe que del Rey de Portugal, cuyo vassallo era, i del Infante Don Enrique a quien servia. La empressa de Gibraltar aun q' se intento no tuvo efecto, por q' el Adalid Castellano, q' guiava nuestra gente erró aquella noche el camino, i siendo sentidos, no consiguieron lo que deseavan, ni lo intientaran segunda vez, por q' ya los de Gibraltar se hallavan prevenidos. Desesperados desta empresa hizieron consejo, i ajustaronse en ir a saquear, i quemar una aldea rica de trezientos vecinos, q' estava junto a Marbella; dispusieron q' Gonçalo Vello la acometiesse por una parte con los Portugueses, i los Sayavedras por otra con los castellanos, i aun q' esta empressa fue contrariada de algunos por la fortaleza del sitio, i por cerca q' tenia los socorros de otros lugares de gente belicosa, i lo apoyavan con un exemplar passado, en q' los castellanos fueron totalmente desbaratados, intentando lo mismo; sin embargo resolvio la mayor parte se executasse. Partio Gonçallo Vello por mar con su gente, i desembarcandola en la playa una legua de la poblacion; luego fue sentido: holgose desto entendiendo q' los castellanos llegarian por tierra tan a tiempo q' diessen en los enemigos por las espaldas; mas tardando demasiado, vino a sustentar el peso de la pelea sin otra ayuda q' la de los suyos. Llevava solo noventa i siete compañeros, i caminaron en buen orden hasta cerca de la aldea guiados por un Adalid moro q' se havia convertido: ya como dixe eran sentidos, i los vezinos de la Aldea procuraron poner en cobro sus mugeres, i hijos para quedar mas desembaraçados en la pelea. Estava el lugar en una llanura, i aun tiro de mosquete un monte fragoso, llano en la cumbre, para cuya entrada no hauia sino ciertos passos angostos, i dificultosos de penetrar, en q' los Moros se pusieron para defenderla. Gonçalo Vello puso su gente, i haziendo una breve exortacion, i dando las ordenes q' convenia embarçando el escudo, i apretando la espada, embistio

el primero una de aquellas entradas. Salieron a la defensa los Moros con igual prontitud, i a la primera embestida cayeron seis con golpes mortales, i quedaron muchos de los nuestros heridos. Hicieron los Moros segundo acometimiento con mayor viveza q' el primero; mas hallaron tal resistencia en los nuestros q' tuvieron de retirarse con mayor perdida q' la passada; mas bolviendo otra vez con mayor furia se trabaron unos, i otros por grande espacio, asta que viendo les hauiamos muertos veyente, i cinco, se pusieron en retirada con las espaldas al monte. A este tiempo tenian ya sus familias en la cumbre donde tambien ellos se retiraron a defender las entradas. Gonçalo Vello acompañado de algunos quiso subir; mas recibio una peligrosa herida en la frente, de que quedo siempre sin vista de uno de los ojos, i le derribaron de un peñasco, donde pereciera, sino le defendiera el escudo de las saetas, i piedras q' le tiravan. Mato aqui Juan de Almeida a un valeroso Moro mancebo, despues de una singular i valerosa batalla. Levantosse Gonçallo Vello como pudo, i considerando q' era imposible penetrar la espesura del bosque con tan grande defensa, i q' tenia muchos heridos, trato de retirarse al campo como lo hiço. Mas pensando los moros, q' esta accion se originara de miedo, i q' los nuestros se ponian en huida, unieron sus fuerças, i salieron con gran impetu al llano. Trabaronse unos i otros valerosamente, i estando por nuestra parte la victoria con muerte de otros diez e siete moros, afloxaron los Portugueses, considerando q' a los contrarios se le aumentavan los socorros; i q' quanto mas creciesse el dia serian mayores. A este tiempo vieron hacia la parte de Marvella alguna cavalleria, con q' no solo desmayaron, mas se pusieron en vergonçosa huida sin poderselo resistir Gonçalo Vello; mas viendo que esto ocasionava su total destruicion, volviendo la espada contra sus soldados, i hiriendoles sin piedad decia: «O cobardes afrenta de vuestra nacion! de quien huis? no veis q' si aquella cavalleria es enemiga, no podreis escapar a pie, i cansados de pelear en retirada de una legua? Quereis morir villanamente huyendo, i no como valerosos peleando? Bolved Portugueses, q' os perdeis sin remedio, i morid como valientes». Puso Gonçalo Vello en esto tanta diligencia, q' mas temerosos ya los Portugueses de los golpes de su Capitan q' de las heridas de los moros, huvieron de bolver a incorporarse, i arresistirles, pussoles en orden el valerosso caudillo, i se retiró incorporado a unos vallados para defenderse, i auiendolos animado salio otra vez, i con gran resolucion embistieron, animados ya por q' conocieron, por los pendones de la Caualleria, que se encaminava a ellos, era el otro troço de caualleria de los Sayavedras, q' siendo conocida de los moros se retiraron a la montaña, dexando muertos otros quince. A este tiempo llegaron los Castellanos que viendo la mortandad de los moros, alabaron grandemente, el valor de Gonçalo Vello, i sus compañeros, i trataron luego de curar a los heridos que eran muchos, desnudando

algunos, i rompiendo las proprias camisas para limpiarles la sangre, i atar las heridas, i si bien en los mas portugueses salieron heridos, solo uno dellos quedo muerto. Estando assi juntos, dixo Gonçalo Vello, q' se aprovechassen de la ocasion, i embistiessen a los moros, q' se hallavan cansados antes q' creciessen los socorros: dixeron los castellanos q' dexasen descansar un poco los caballos, q' hauian caminado diez leguas sin parar, i q' despues podrian obrar mejor, parecio esto bien a Gonçalo Vello, i diuiendo su gente, puso la mitad entre los moros, i los cauallos castellanos, q' estavan comiendo, i la otra mitad se fue a saquear, i quemar el lugar. Era aldea mui noble, de trescientos vezinos, i de buenos edificios, auia en las casas gran cantidad de lino, q' era su trato principal, con q' el incendio fue mas breve, i menos remediable. Quemose aqui una principal mezquita, i tenida por ventajosa a las del contorno, i auiendo recojido a vista de los moros lo mas precioso, i menos embaraçoso del despojo, se bolvieron a los compañeros, con los cuales repartieron igualmente. Parecia a todos q' no convenia detenerse mas, por q' siempre crecia el numero de los Moros, i assi se despidieron los vnos de los otros con lo q' cada uno pudo llevar. Gonçalo Vello se retiró a su galera con los despojos sin ser acometido, i se embarco con toda su gente haciendo viaje a Ceuta; i en el Camino rindio una Carraza de Moros cargada de trigo, q' fue importantissimo socorro para la plaça, por que dio liberalmente su parte alos vezinos, i lo demas compro el Conde, con q' pudo sustentar a Ceuta asta que llegó socorro de Portugal.

Por estos, i otros muchos daños q' los moros recebian continuamente en sus costas con la vicindad de Ceuta, trataron en diferentes partes de armar navios para la aposicion, particularmente en Tanjar, como ciudad tan vezina, se armaron tres grandes fustas con la mejor, i mas valiente gente della. Era uno de su capitanes aquel valeroso corsario, q' llamavan el desnarigado; otro Abenzagao, i otro Bucar Candil. Tubo en este tiempo aviso el Conde q' estavan cargando en Malaga de muchas mercadurias, una fusta, i algunos carenos, i hizo salir tres fustas suyas, para q' procurasen tomar esta presa, embiando por Capitanes a un criado suyo, llamado Martin Vazques Pestana, hombre valeroso, i osado en los peligros, Alvaro Fernandez Palenço experimentado en las guerras marítimas; i Alvaro Fernandez do Cavacal, a estos tres encargo la faccion. Partieron una noche, i siendo tanto adelante como la punta de Bullones, toparon impensadamente con las tres fustas referidas, a q' acompañavan otras tres, q' se les juntaron, dos de la misma ciudad, i una de Arzila; aviasse adelantado algo una de las nuestras, q' llamavan el Raposo, i las fustas enemigas como sintieron nuestros navios los invistieron con gran valor, repartiendosse de manera que cada dos cargaron a uno. Raposo abordo a una fusta contraria con tal teson, q' metiendola todo el espolon, echo a la mar parte de los moros, q' con la turbacion de la pelea no pudieron ser socor-

ridos, i se ahogaron. Prolongandosse desta invistio segunda vez, con una fusta christiana, i peleo con ella largo espacio, asta q' vinieron aconocerse despues de heridos muchos de una, i otra parte, i se perdiera del todo la otra sino se conocieram a tiempo. Una fusta grande de los moros acometio a Raposo por un lado, i otra por otro, mas conociendole se apartaron sin atreberse a embestirla. Acudio luego contra Raposo otra fusta, i Abensigan, el qual echo dos arpeos para q' no se desasiesse, donde se trabó una aspera pelea: parte de nuestra gente entro la una, que mas cerca se hallava, i apretaron a los moros con tanto valor, que todos ellos, o murieron, ó se arrojaron al agua, menos tres, que se escondieron debaxo la cubierta, i se hallaron despues. Con este buen successo quedo la pelea, igual en vassos; aun que desigual en gente; si bien las dos fustas enemigas q' peleavan, tenian la mejor, i mas valiente de toda la compañia. Trabosse de nuevo la pelea con gran valor de una, i otra parte, i duró largo espacio, asta q' resueltos algunos Portugueses, saltaron en otra fusta, i embistiendo con resolucion, tuvieron igual successo en esta, obligando a los Moros, q' escaparan de sus golpes a q' se arrojassen al agua. Con esto se declarara ya la victoria por nuestra parte, i viendolo una de las fustas enemigas, embistio a Raposo con gran resolucion, i se travo de nuevo la pelea, i como estubieron abordadas, salto en la fusta enemiga un valeroso soldado, q' se llamava Pedro Alfonso, i otro tras el cuyo nombre no quedo en memoria; q' estava en la popa, i de tal manera pelearon con los moros despues q' se vieron dentro, q' la despejaron asta el masto, mas no siendo socorridos, rebolvieron sobre ellos los moros, i mataron a Pedro Alfonso, que perdio la vida obrando prodigiosas hazañas, i el compañero peleando, se salvo en nuestra fusta. Con esto la enemiga se fue saliendo de la pelea, i se escapo con las otras por la obscuridade de la noche, i por descuido, i poca experiencia de algunos de los nuestros. Assi se acabo la pelea, i nuestras fustas se bolvieron a Ceuta sin que quedasse persona alguna q' no saliesse con heridas, si bien de todos no murio otro q' Pedro Alfonso: Murieron de los Moros, mas de sesenta, i entre ellos quatro corsarios de gran opinion. Fue esta una de las peleas de mas reputacion q' tubieron los navios de Ceuta, si bien no quedaron en memoria todas las circunstancias della, q' sin duda serian dignas de escribirse. A estas succedieron otras presas no de tanta reputacion, mas de mayor provecho; por q' las fustas del Conde tomaron una de Alcaçar con poca resistencia, i Luis Gonçales, q' despues fue veedor de la hacienda de Lisboa, rindio una poderosa Carraca de Moros llena de mercadurias, cuya pressa fue de tan grande importancia para este cavallero que desde entonces passo la vida con abundancia.

CAPITULO 40.º

Continuan los progresos del Conde en mar, i tierra con prospera fortuna: desbarata vltimamente a los Moros en la Campaña.

Pocos dias despues corrieron los Moros al Conde, i ocupado en recojer unos carros de maderas, q' se hauian cortado aquel dia. Acaudillavalos un Arabe valiente, q' de mui lejos auia venido en defensa de su secta: peleosse con mucho valor, i muerte del caudillo, i de un soldado de nuestra parte: salieron otros muchos moros heridos, i quedo la victoria por los Portugueses. Este dia mataron el cavallo de Emrique Pereira, que despues fue comendador mayor de la orden de Santiago en Portugal. Muchos dias se passaron sin que los Moros corriessen, ó por los embaraços, i guerras domesticas, ó por la continua experiencia de los adversos successos en las correrias passadas. La primera de que hallo memoria, succedio en Febrero del año 1425, no tubo circunstancia digna de memoria, mas que acabarse brevemente la pendencia, q' se empeço a trabar con muerte de algunos Moros, i otros heridos de nuestra parte, poniendosse los contrarios en huida, i salvandosse en la sierra, sin embargo de que fueron seguidos algun espacio.

Poco despues bolvieron los Moros, i por descuido de nuestras escuchas, i de las atalayas, cortaron el ganado, llevando nueve cientas cabeças, i aun que el Conde salio a defenderlo, no pudo conseguirlo. Algunos Portugueses trabaron escaramuça para entretener los nosos, i pelearon con gran valor. A Juan Rodriguez Godiño, mataron el cavallo al primer encuentro, q' fue ocassion de q' el tambien perdiesse la vida, por q' le cargaron antes de q' pudiera ser socorrido. Llego el primero a su socorro, bien q' tarde, Palamedez Vazques q' mato a un moro de acavallo valerosamente cuerpo a cuerpo. Rui Perez de Taborda tambien fue derrivado, mas socorrido a buen tiempo del Conde, i otros: Los nosos se pusieron en retirada hacia dos mil de apie, q' tenian en reten, i por ser conocido no fueron seguidos; de cuya multitud se defendieron dos soldados valerosamente en una de las torres del campo, i aun que quedaron mui heridos, sustentaron dichosamente aquel puesto, asta q' se retiraron los moros cansados de combaterles. Otros diferentes reencuentros succedieron estos dias, aun que de poca consideracion, huvo cautivos, i muertos de ambas partes, mas sin circunstancia notable que meresca detenermos, por q' ni las pendencias fueron trabadas, ni quedaron em memoria los nombres de los q' se hallaron en ellas: passemos a lo maritimo en que habra mas que decir.

Alvaro Fernandez Palenço, Cavallero q' con mucho valor hizo importantes servicios en esta plaça, aun que no ai memoria de todos salio con su fusta bien armada a correr la costa de Berberia, i tomando el camino de Arzila entre Larache, i la Mamora rindio un Caravo con tres moros cargado de vidriado de Malaga, paños, i otros mercadurias. Despues sobre Larache pelio con un navio, el Palenço en su fusta, i Martin Fernandez con las suyas, i trabaron entre todos una reñida pelea, por q' el navio traya mucha, i buena gente; i no rehuzo, antes procuro la batalla. Murieron algunos Moros, i aun que despues de gran rato quisieron desasirse para ponerse en huida, no lo consiguieron los nuestros, antes abordandole 2.ª vez, empeçaron de nuevo la pendencia, asta que Palenço con otro compañero, q' llamavan Lope Dias, pudieron entrar el navio enemigo; i peleando con notable valor, desocuparon la proa, con q' otros Portugueses tubieron lugar de seguirles, i entrar. Trabaronse tanto, unos i otros, q' despues de grandes valentias q' se obraron de ambas partes, viendo los moros a su Capitan muerto, desmayaron, i se rindieron. Quedaron cautivos cincuenta, i seis, i la presa, fue de consideracion, por q' venia el vaso cargado de ricos paños. Murieron de los moros cinco principales, sin otros de menor quantia; de nuestra parte un soldado, i quedaron muchos heridos. Despues dieron casa a otros navios, q' por salvarse vararon en la playa, mas los malos tratamientos, q' esperavan de los nuestros hallaron en los vassallos de Çalabençala, cuya era la tierra, q' los robaron, i cautivaron; con q' se recogio Alvaro Fernandez Palenço con sus fustas, i presas a Ceuta. Por los moros rendidos tuvo el Conde las noticias que deseava de Berberia, particularmente por uno natural de Santaren, que le hiço cumplida relacion de todo lo que passava, q' no fue de poca utilidad para prevenir los successos q' despues huvo lugar.

Un martes del mes de Mayo corrieron, ciento i cincuenta, Almogaves: trabaronse con algunos de los nuestros, i hirieron a uno sin otro successo, acudio el Conde arrebato, i ellos se pussieron en huida, como antes lo hauian hecho algunos de los christianos. Recojio el Conde su gente, i no bolvio a la plaça sin ganancia, por q' cautivó tres moros de a pie, q' de cansados se retiraron a un bosque, donde fueron hallados, quando nuestra gente andava recogiendo los desmandados, i heridos.

A 19 de Agosto huvo otro encuentro mas pesado, i de mayor dicha. Fue auisado el Conde el dia antes q' hauian entrado algunos moros, i previnose para pelear. Este dia estando los nuestros haziendo leña empecaron a descubrirse, los q' estavan de guarda en el Cañaveral los sintieron, i viendo q' eran muchos, empecaron a retirarse; mas quando llegaron a la atalaya ya los enemigos estavan con ellos. Hicieron señal las atalayas, i salio el conde luego con su gente, i haziendo se recogiesse el ganado se fue a los moros. Adelantaronse a recorrer el enemigo Pe-

dro Teixeira, Alvaro Pinto, Juan Vaz, i Rui Gomez da Silva; mas empeñandose tanto, que viendosse cercados de una; i otra parte sin poder salvarse, huvieron de hacerse fuertes en una torre, q' los moros sitiaron al punto con tal furia, que de los quatro, quisieron los dos, q' se rindiessen todos; mas los otros los exhortaron a la defensa, i perseveraron con gran valor. Viendo los moros tan porfiada resistencia pusieron fuego a las puertas, q' fue de algun prouecho a los sitiados por q' mientras ardieron no los pudieron entrar. El Conde viendo el aprieto en que se hallavan los quatro portugueses, ordeno a dos de acavallo que fuesen a ver si quedava mas gente en el cañaveral, q' en llegando a el hizieron la seña, de q' no la hauia; i assi mando ocupar aquel puesto con cien ballesteros, i el se movio açia las quintas, ordenando que se adelantassen doce de acavallo, entre los quales ivan Gomez Martines de Moscoso, i Diego Lopez de Fasaon, q' adelante fue comendador de Castro Marin de la orden de Christo. Siendo vistos de los moros, su caudillo dexo en la expugnacion de la torre algunos de a cavallo, i la mayor parte de la gente de a pie, i el con los otros cavallos subio a la sierra en seguimiento de los doce, q' retirandosse mataron tres moros, i quedaron dellos algunos heridos. Llegava ya el Conde con el resto de su gente, corriendosse los moros en retirada empeçaron a meterse en la sierra, i los nuestros tras ellos, matandolos, i hiriendolos. Fueron muchos los moros que murieron en este primer encuentro de acavallo, i de apie; i los q' escaparon se hizieron fuertes en la eminencia de Barbeche, donde podian recibir poco daño, si bien en la retirada quedaron algunos cautivos. El Conde, i Rui Gomez, con otros siguieron a los moros, q' se encaminavan a Bullones, matando en el alcance algunos, asta q' les salieron al encuentro otros ciento i treyenta, q' pelearon valerosamente. Gonçalo Vazques de Fereira, i Joanez Mendez siguieron algunos por un valle, donde Gonçalo Vazques atrabeso a uno con la lança, i reboluiendosse el con el dolor de la herida para tomar vengança le dio segunda lançada Juane Mendez de q' cayo muerto, i los dos siguieron al Conde. Hallavanse los mas de los moros cortados, i viendo q' no podian tomar a Barbeche para salvarse con los otros, intentaron hazerlo por otro camiño, mas conocida su intencion, por el Conde, ordenó a Rui Gomes, q' con otros se adelantasse, assi lo hicieron con brevedad, i a tiempo, q' ya algunos se escaparon, el primero mato Palamedes Vazques, i el Moro le mato el cavallo; lo mismo le succedio con otro. Por la otra parte se adelantaron tambien el Conde, i Fernan Barreto, i llegaron luego Rui Gomez, Gonçalo Vazques de Ferreira, Fernan Martinez de Carvallal, Vasco Fernandez de Bairro, i Lopez Vaz de Acosta, i viendosse los moros cortados por todas partes se retiraron a un puesto eminente. Embistiolos el Conde con notable valor, i mato al primero q' se le atrebio, i Rui Gomez otro; a estos siguieron los demas compañeros obrando cada uno grandes hazañas. Duró gran espa-

cio la pelea, asta q' los Moros, ó fueron muertos, ó quedaron cautivos. En este lugar armó el Conde cavalleros a Rui Gomez da Sílva, Palamedes Vazques, i Fernan Barreto q' merecieroe bien aquella honra. Queriendo recojer la gente q' andava esparcida, vio venir gran golpe de Moros de apie por entre Barbeche, i la ciudad, acompañados de algunos cavallos q' se encaminavan donde el estava sin pensār q' le hallarian alli, salio luego a recebirlos, mas viendo los moros q' los embestian, como andavan ya llenos de temor, se echaron a una fraga, donde a su parecer se asseguravan. Mas acerto avenir por la otra parte al mismo tiempo Lope Vazquez Puertò Carrero, i Alonso Botello, q' juntando los Portugueses, q' por aquella parte andavan derramados, buscando a los Moros escondidos, i haciendo un cuerpo de ochenta los embistieron con gran resolucion. Viendosse ellos sin remedio, pues por todas partes se hallavan cortados, cruzadas las manos, i con muestras de humildad, se rindieron cautivos, para las vidas. Aprovecharonse mal algunos soldados de la generosidad de vencedores, por q' sin atender al rendimiento, empeçaron a maltratarlos sin piedad como visoños, i aun q' Lopes Vazques procuro atajar este desorden con palabras, i con obras, no le fue possible, tanto q' los moros se pusieron en desesperada huida para un monte vezino. Siguiendoles los nuestros i asta una ribera cercana murieron mas de la mitad, los otros ganaron una eminencia por descuido de algunos Portugueses, q' no les atajaran el passo con la diligencia q' convenia. Mas Lope Vazques la puso mayor en tomarles la delantera, aun que aprovecho poco por q' recibio dos heridas en el cavallo, i dexó la lança en um moro. Llego alli Gonçalo Murcelo criado del Infante Don Duarte con otros compañeros, i uno dellos dio su lança a Lope Vazques, que queriendo impedir al enemigo se apoderarsse de todo punto de la eminencia, recibio tercera herida en el cavallo, i no pudo hacer lo q' deseava. Los moros divididos en dos cuerpos empeçaron a retirarse; mas Lope Vazques, siguiendo al de mayor numero, mató al primer Moro, aun q' no sin daño, por q' su cauallo recibio otras dos heridas de azagayas, i el otra en una mano, de q' perdio dos dedos, i queriendo passar adelante se le cayo el cavallo muerto. Llego a este tiempo Alonso Botello, i proseguiendo el alcance atrabeso uno con la lança, i segundado con una cuchillada le derribó, y ayudado de Lopez Vazques le prendieron, i con esto se bolvieron al Conde q' ya llegava aquel puesto. Todos pelearon con bizarria grande, derramados por diuersas partes, mas quedaron mui cortas las memorias en lo que cada uno obró. Quiso el Conde proseguir el alcance, mas todos le aconsejaron q' no lo hiciesse por q' la victoria era ya grande i la gente se hallava cansada, i assi trató de recojerla, i los cautivos q' pasavan de trescientos, quedando muertos cerca de duzientos. De nuestra parte murieron tres, q' fueron Alvaro Pinto, i un criado de Rui Gomez, i otro soldado. Un primo de Alvaro Pinto, muchacho de 15 años, viendo

a su pariente muerto, bolvio solo a los moros, q' estavam embreñados, diciendo q' o auia de morir, ó vengar aquella muerte; assi le succedio, q' aun q' le hirieron mató con valentia a un moro. Otros muchos se señalaron este dia, i assi fue el successo tan dichosso, en que recibieron los Moros gran perdida, i los nuestros alcançaron cumplida la victoria.

CAPITULO 41.º

Prosiguen los succesos maritimos. Alcançasse una luzida victoria. Casa el Conde tercera vez, i otros casos asta el año de 1426.

Pocos dias despues salieron tres fustas, Capitanes Andres Martines, Alvaro Alonso de Aguiar, i Alvaro Fernandez do Cadaval, q' junto al cabo de Espartel toparon una fusta de Tanjar, q' gouernava un valiente corsario, llamado Coyl. Embistieronla, i aun q' procuro escaparse huvo de pelear, duro poco, por q' solo el corsario quiso sustentar la pelea como valiente, aun q' le costo la vida; los compañeros se rindieron, i eran quarenta, i tres, cobro libertad un christiano, i aun q' venia otro con el cautivo; le dio antes muerte el corsario por dexar vengada la q' ya juzgada recibida.

Estava aeste tiempo en Alcaçar cautivo un criado del Infante Don Duarte llamado Fernando da Silva, q' fue su cavalleriso mayor (despues q' entro a Reinar, i de su hijo Don Alonso el quinto), i aun que el cuidado del Conde en el rescate de los cautivos era continuo, en particular tratava por todos caminos la libertad a Fernando da Silva, assi por su calidad como por criado de quien era. Teniendo ya ajustado su rescate, i el de otros quince Christianos cautivos en Alcaçar, i tratando de embiar por ellos con otros cautivos de trueque, i algunas mercadurias, llegaron a Ceuta quatro fustas de Cartagena, q' dieron aviso como auian visto otras muchas de Moros, q' no auian peleado por reconocer la ventaja; pidieron al Conde les diesse sus fustas para q' todas juntas fuessen abuscar las enemigas: hizolo con q' algunos Castellanos se embarcassen en las de Ceuta, i algunos Portugueses en las de Cartagena, por q' no se atrevia a fiarles su principal poder. No acetaron los castellanos la condicion, i siguieron su viaje; mas aprovecho tanto su aviso q' no quiso el Conde imbiar entonces por los cautivos, antes remitio aun christiano con cartas de algunos Moros que tenian; i si bien le avisaron los de Alcaçar, i en particular Fernando de Silva, q' no auia q' temer, juzgando como prudente q' podian andar los moros en la costa sin noticia de los cautivos, no quiso arriesgar los rescates sin mas poderosa compañia. Hizo armar quatro

fustas con la mejor por si topassen con las contrarias, i dio la Capitania de todas a Alvaro Vazques Pinto, q' llevava una fusta, en que hiva tambien Alvaro Alonso, en la q' andava antes Palenco, fue ahora Lope Vazque Puerto-Carrero; en otra Andres Martines con Gonçalo Vazques Frasan, i en la quarta Gonçalo Fernandez Cadaval con Juan de las Aguias, su tio. Con estas iba un alaud pequeño, i por su Capitan Juan Alonso de Villaverde, i en todas las embarcaciones muchas personas de gran valor, i experiencia, i todo lo necesario para los rescates de los cautivos de Alcaçar. Partieran un viernes en la noche, i en passando la Isla del Obispo hizieron consejo, i acordaron fuessen sobre el cabo de Syles, donde passaron la noche, por q' el mar movia de Levante. Llegaron aquel puerto a media noche, i al otro dia bogaron para Alcaçar, i por q' Pedro Vazques tenia orden de q' llevasse siempre delante una fusta pequeña para descubrir las puntas, dio este cuidado a Alvaro Fernandez Cadaval, i q' descubriese la punta, q' está delante de Alcaçar contra el Poniente, i que si viesse alguna embarcacion enemiga se hiciesse a la mar, i señal, levando los remos. Cumplio la orden Alvaro Fernandez, i descubriendo la punta tuvo vista de las fustas enemigas, hizo la seña con q' se hizieron a la mar todas nuestras fustas, i tubieron vista de las contrarias, q' eran cinco, una de quince bancos por banda de Gibraltar, cuyo Capitan, i gouernador de todas era Boben Mahamet Bencasi, hermano del Alcayde de Gibraltar, otra tambien de quince bancos de un Elche, llamado Mahamet, i la gouernava Fossen el Viejo de Alcaçar, otra de catorce en q' iva por Capitan el Alcaide Bedreque Elche, hermano del Alcayde Abeli Abexerin, q' poco tiempo antes auia tenido Alcaçar por el Rey de Granada; otra de trece, que gouernava Sufen Agege, i otra q' era Capitan Aletuil, uno de los mas valerosos, i nobles moros de aquel lugar. Endereçaronse luego nuestras fustas a las enemigas, q' no rehusaron la pelea se llegaron, i como el navio de Juan Alonso por llevar gente nueva, i poco experimentada en lo maritimo, se quedava algo atraz, dixo a Pedro Vazques le rogaba le hiziese buena compañia, a q' respondio, q', ó todos moririan, ó todos venceriam juntos. Assi caminaron, i viendosse ya en paraje q' podian venir a las manos. Pedro Vazques Pinto hecho un breve razonamiento a los suyos, les dio orden para q' embistiessen, i assi lo hicieron, venian delante de todas las fustas enemigas la q' gouernava. Fossen el viejo de Alcaçar, guarnecida de mas, i mejor gente, por q' fuera de la q' traya de Granada, metio cincuenta, i siete hombres de Alcaçar de los mas avantajados, i por era grande navio de remos, precedio a todas, i viendo q' nuestras fustas le buscavan, las aguardo. Embistiola Lope Vazques por el quartel de la proa con gran resolucion, i despues de un rato de pelea fue el navio entrado por los nuestros, i empeço segunda vez la batalla dentro que estando ya muy trabada, embistio por popa Pedro Vazques, i por la proa

Alvaro Pinto, i Gonçalo Garcia, q' entraron tambien dentro, i ganaron hasta el tercer banco de la proa, donde Lope Vazques foi derribado de dos pedradas; la una en la cara, i la otra en la cabeça. A este tiempo fue entrada la fusta enemiga por la popa con tal valor, i vizarria, q' viendosse los moros apretados por todas partes, i sin esperança de remedio empeçaron a arrojarse al agua, i fue ganado el navio. Con tan felice principio, embistieron nuestras fustas con gran resoluccion a otras tres enemigas, q' ya se hallavan, porq' la de Sufen Agege venia mui atras, i como vio la primera rendida trato de salvarse en la costa de Berberia. Trabosse entre unos, i otros la batalla, com maravilloso furor, q' duro muchas horas, mas al fin las fustas enemigas fueron entradas con muerte de muchos, con q' quedo la victoria por los Portugueses; i si bien quisieron algunos seguir la otra fusta, viendo los Capitanes q' ya estava en tierra, quisieron antes tratar de recojer los Moros q' andavan nadando, como lo hizieron, i entre otros, quedaron en las embarcaciones cautivos fueron duzientos, i diez, i seis, sin contar los quatro patrones Boben Mahamet Bencasi, el Alcaide Bedreque, Fossen, i Aletuyl, que quedaron presos; murieron ducientos i diez i ocho: los q' venian eran quiñientos, i quarenta, i siete, de q' escaparon solamente diez, i nueve a nado, i los dela Fusta, q' no peleo. Fue esta una de las señaladas victorias maritimas q' alcançaron los Portugueses en Ceuta, de q' luego tubieron aviso con gran gusto todas las costas de Andaluzia, q' estavan por los castellanos, i el Alcaide de Tarifa despacho a Portugal con la nueva q' festejo el Rey como debia.

Para Ceuta fue esta victoria mas alegre en esta ocasion q' lo pudiera ser en otras, por el q' el mismo dia q' entraron nuestras fustas en el puerto con tanta reputacion, i tan grande numero de cautivos, se desposava tercera vez el Conde, con Doña Beatriz Coutiño, hija de Fernan Martines Coutiño con q' fueron mas alegres las bodas. Fue el Conde personalmente a las fustas, y en ellas armó caballeros a Gonçalo Vazques i a Lope Vazques, merecedores cierto de las mayores honras, por los hechos con q' sustentaron el credito de nuestra nacion en esta plaça assi en mar como en tierra. Sacaron luego a los Moros a la marina, i desde ella caminaron en procesion de rendidos, arrastradas las banderas, q' se ganaron en esta victoria por los principales cautivos, i assi fueron llevados hasta Sancta Maria de Africa, adonde el Conde fue a dar gracias a nuestro Señor por tan feliz successo. No se olvido en esta ocasion de algunos beneficios, q' avia recibido del Alcaide de Alcaçar, por q' entre todos los prisioneros le trato mejor mientras estuvo cautivo, y despues en el rescate le hiso toda conveniencia, de q' bolvio reconocido a su tierra. Celebraronse las bodas del Conde, i deste matrimonio fue hija Doña Beatriz Coutiño, q' vino a casar con Don Fernando de Vasconcellos, hijo de Don Alonso, señor q' fue de costilla, q' era bastardo del Infante Don

Juan, uno de los hijos del Rey Don Pedro, i Doña Ignez de Castro. Con este feliz successo, i otros de menos consideracion se acabo dichosamente el año de 1425.

El siguiente de 1426, gozaron los de Ceuta descansada paz, por q' los Moros, ó cansados ya de tantas peadidas, ó desengañados tan a su costa de lo q' podian obrar en nuestro daño se abstuvieron de sus continuas correrias. Solamente este año corrieron algunos, i mataron dos hombres q' hallaron en el campo; i en la mar rendimos un Caravo con tres Moros, i un Judio. El ultimo dia del mes de mayo, nos mataron de seis escuchas q' el Conde auia embiado a reconocer el campo las cinco. En el mismo tiempo fue rendida una fusta nuestra q' era del Infante Don Enrique, murio peleando valerosamente Alvaro Fernandez do Cadaval, Capitan valiente, i otros quince Portugueses; quedo cautivo Palenco, con otros siete q' habian salido a tierra, i se hallaron sin embarcacion. Fue el poder mui desigual, por q' peleo sola nuestra fusta con otra enemiga, i seis barcos menores, i con la falta de gente, q' auia embiado a tierra. Este mismo dia una fusta del Conde q' gouernava Juan Alonso, rindio otra de moros, en q' andava un valiente, i nombrado Corsario llamado Bengarote, q' murio como valeroso con otros quatro compañeros; quedaron trese cautivos, i cobraron libertad cinco hombres, i una mujer, Castellanos; muriu de nuestra parte un criado del Conde, i un galeote veneciano. En este se passo el año 1426.

CAPITULO 42.º

Empieça a dar grande muestras de valor Don Duarte de Menesses.
Casa el Conde a su hija heredera.
Pelea con Gide Falpa, i prendele.

A los principios de año de 1427, dos dias antes del de Reyes estava Martin Alonso de Miranda (cuñado del Conde hermano de su primera mujer) en Ceuta, reputado por vno de los mejores, i mas valientes soldados de aquella plaça, i queriendo aquel dia ir aholgarse a las quintas salio, embiando delante quatro cauallos para q' descubriesse el Campo, dos al cañaveral, i otros dos ala puente. A estos salieron algunos Moros de acauallo, mas salvaronse sin peligro, pues aun q' los siguieron hasta cerca de la muralla, se retiraron los Moros por acudir los nuestros al rebato; los otros dos tambien se salvaron, embarcandosse, dexados los cavallos. Al otro dia salio Martin Alonso de Miranda a dar guardia a los q' hacian heno, salieronle quatro mil moros, i como era tan desigual el numero trato de retirar-se; acudio el Conde, i viendo el peligro con q' venian

retirandosse, ordeno q' les socorriessen. Hallavasse alli Don Duarte de Meneses, hijo bastardo del Conde, que ya empeçava a dar las muestras de valor, que continuo toda su vida. Salio con los primeros q' ivan de socorro a los q' se retiraron, i no solo los salvó, mas con los pocos q' llevara hiço una vuelta a los moros, en q' quedaron quatro muertos. Socorrido de mas gente prosiguiu la escaramuca con gran valor, i los fue llevando por la carrera de la Algezira, lo mismo hiço Martin Alonso de Miranda con otros compañeros por la de los enamorados, peleando con otra tropa valerosamente. Hizo alto Don Duarte por q' vio de la otra parte gran cantidad de enemigos, i bolviendo se unio con Martin Alonso, i juntos envistieron con quarenta cavallos a una tropa grande, q' estava entre ellos, i la Ciudad. Viendo los Moros su resolucion, empeçaron al principio a desordenarse, i luego se pusieron en huida. Siguiolos Don Duarte, derribando, i hiriendo asta la puente quebrada, i a este tiempo q' ya el Conde llegava de socorro con toda la gente de apie, q' por su parte siguio a los contrarios con otros, que de nuevo recrecieron en su socorro asta el puerto de los Alamos, dexando sembrado el campo de Cadaveres. Don Duarte, Martin Alonso, i sus compañeros por la suya pelearon con valor matando muchos enemigos asta q' el Conde se incorporo con ellos. Refirieronle las proessas q' su hijo auia obrado, pidiendole uniformemente le hiziesse honra de armarle cauallero en aquel puesto. Escucho el Conde estas nuevas con la alegria q' la naturaleza infundio a los padres en el aumento de los hijos, quando les ven obrar segun las obligaciones, con q' nacieron, i no sin lagrimas hecha una buena i breve exhortacion a Don Duarte encargandole prosiguiesse en lo començado, sacó la espada, i le armo cauallero, i con el a Pedro Teixeira, i a Gil Vaz de Acosta, hermano de Vazque Ane de Acosta, a vista de los Moros, q' no sin gran dolor, miravan la honra q' ganavan otros sobre la sangre de sus compañeros. Murieron mas de cien Moros de acavallo, i quedaron cautivos quatro, i entre los muertos su caudillo el viejo de Beniharos; por otras partes tubieron igual perdida, por q' subio el numero de los muertos a quatro cientos i cinquenta de acavallo, i de apie.

En estos dias llegaron a Ceuta algunas galeras venecianas, q' fueron bien recibidas del Conde, i festejadas, el tiempo q' se detubieron; vendieron muchas de sus mercadurias, i trocaron otras. Quedo en memoria, q' llevaron de aquella plaça seis mil coronas entre oro, i hazienda, gran parte gastó el Conde, comprando joyas, i alayas para las hijas, que determinava casar; lo demas los vezinos, entre los quales auia muchos ricos, particularmente los que navegavan, i andavan a las presas en las costas de Berberia i España.

Tambien por este tiempo llegó a Ceuta un cauallero Catalan vecino de Barcelona, criado del Rey de Aragon, llamado Mossen Franco de Saalle, a pedir al Conde campo para reñir con otro, q' llego poco des-

pues, i se llamava Mossen Juan de Baradores. Auiendoles el Conde otorgado plaça, escrivio el Rey de Aragon al Infante Don Duarte, i ala Infante su mujer ordenasse al Conde no los dexasse llegar a los ultimos lances, por q' eran personas de mucha calidad, i q' en cada uno receberia perdida grande su corona. El Conde cumplio la promessa, i obedecio el mandato del Rey de Aragon, por q' auiendoles amonestado dos vezes desistiessen de la contienda por medio de caualleros, i Religiosos, i persistiendo ellos, en q' auian de reñir, se les concédio la plaça donde entraron con muchas galas, i con todas las ceremonias, que permetia aquel tiempo en tales desafios, i embistiendosse la primera vez, aun q' apessar de los dos, el Conde mando se retirassen, i los hiço amigos, tubolos por huespedes todo el tiempo q' se detubieron en Ceuta, i los despidio contentos, i conformes para Aragon, cuyo Rey quedo agradecido al buen termino del Conde, i todo su Reyno, por ser estos dos caualleros mui emparentados en el, i personas de grandes esperanças. Por estos dias Alvaro Alonso con una fusta tomó en el puesto de Alcaçar un Caravo, salvose la gente menos quatro q' quedaron cautivos; auia en el seis cavallos, i cargaron de miel, i mantecas q' llevavan a Gibraltar. Pocos dias despues rindio otro q' iva con mercadurias de Malaga a Azamor, quedaron cautivos doce Moros, i dos negros, i el vasso se perdio salvandosse algunas mercadurias.

Concertosse por este tiempo casamiento entre D.ª Beatriz hija del Conde, i Don Fernando de Noroña hijo de el de Ginjon, i nieto por padre del Rey Don Enrique de Castilla, i por madre del Rey Don Fernando de Portugal. Fue el medianero deste matrimonio Don Duarte heredero del Reino, q' embio a esto un criado de muchas prendas para q' lo tratasse con el Conde. Efectuosse el contrato, dando a su hija veyente cinco mil doblas en oro de dote, i poniendo por condicion, q' el primer hijo varon deste matrimonio se llamasse Don Pedro de Meneses como el, i troxesse sus armas, i timbre, i q' lo mismo hiciessen todos los herederos de la casa, en quanto al apellido, i armas. Fue grande la ostentacion, con q' se celebraron los desposorios por la manificencia del Conde; i por el gusto de ver a su hija mayor tambien empleada. Detubosse en Ceuta Don Fernando de Noroña cerca de un año, i boluio con su mujer a Portugal. Otra vez le veremos gouernando esta plaça, i nos dará materia de escribir su gouierno.

Hasta el mes de Septiembre del año siguiente de 1428 no ai memoria de successo notable en la guerra de Ceuta, solo q' vespera de la natividad de nuestra señora entraron en el campamento quatro cientos Moros de acauallo, i mil seis cientos de apie, de q' el conde tuvo auiso cierto por los espias, que continuamente trahia de Berberia con q' no permitio q' aquel dia saliesse la gente al campo. Mas como fue creciendo el dia, ordeno a Alvaro Gil q' llegasse asta las atalayas por si descubria a los

moros, con orden de que no passassen dellas, por q' no le metiesse en algun empeño, hisolo, i descubriendo por junto a Algezira, parecieron los Moros, i le corrieron, pusosse en salvo hasta ampararse de los muros. Pidio a este tiempo licencia Juan Pereira para trabar escaramuça en compañia de Aires de Acuña, Alonso de Acuña, i Alvaro Mendes de Vasconcellos; huvo de darla el Conde aun q' violentado, mas con orden de q' no se empeñassen, q' despues guardaron mal, por q' llegando avista de los Moros, i agregandosse a los quatro nuestros otros diez cavallos, fueron provocados de Juan Pereira para q' embistiesse. Hicieronlo con gran resoluccion, i a tiempo q' los contrarios acetaron el embite com mui desigual numero. Hicieron una buelta contra los nuestros, i los llevaron asta el puerto del Lameira; i aun que quisieron hacer alli alguna resistencia, no lo sufrio la multitud de Moros, q' les seguian, i assi se pussieron en retirada, peleando siempre con valor. Cayo muerto Rui Mendez de Vasconcellos de una azagayada, i los otros passaron gran trabajo. A este tiempo estava el Conde en el Campo con toda su gente, i requerido por su yerno Don Fernando, i por su hijo Don Duarte los dexasse socorrer aquellos Cavalleros, q' se perdian sin remedio, no lo consintio, diciendo q' dexasse perder a Juan Pereira para exemplo de otros, pues auia contravenido a sus ordenes, i aun q' fue rogado algunas veces, quiso, que fuesse mayor el peligro antes del socorro. Mas viendolos ya sin remedio puso espuelas a su cauallo, i dixo q' les siguiessen todos, i al llegar a la torre de los ahorcados toparon con los moros. Aqui el Conde apretando la lança, i invocando al apostol Santiago, dixo a los suyos q' embistiessen, fue el primero, i siguieronle Don Fernando de Noroña, i Don Duarte con el resto de la gente, q' aun q' el numero era desigual al de los moros empeçaron a herir en ellos asta q' los pusieron en desorden, i luego en huida, llevandoles asta un puesto, q' llamavan el Lisiron. Aqui llegaron los moros totalmente desordenados, mas algunos de mas coraçon, animandolos, hicieron cara a los nuestros, pero fueron tan reciamente rebatidos, que en breve bolvieron las espaldas. Siguieron los Portuguesses el alcance executando muchas muertes, particularmente en la gente de apie, q' se hallava desemparada de su cavalleria. Siguio Don Fernando de Noroña a su suegro, mas auiendo llegado a la cumbre del Cañaveral se le cansó el cavallo de manera q' no pudo dar passo, i atiempo q' se hallava rodeado de enemigos, i pereciera sin duda, sino fuera socorrido de Don Duarte su cuñado, q' le defendio valerosamente, haciendo q' le troxessem otro cavallo. Desde alli los siguieron asta el puerto del Leon con otros compañeros, dexando a muchos muertos en el alcance; por todas partes huvo igual mortandad asta q' el Conde parecio se empeñavan demasiado, i mando hacer alto para recojer su gente como luego se executó, no hauiendo faltado de toda ella mas q' Rui Mendes de Vasconcellos, i un soldado q' se llamava Vazque Anes. Alli armó cauallero

a Juan Garcia de Contreras, Cavallero de buena sangre, cuyos abuelos se hauian passado de Castilla a Portugal, i q' hiço en aquel Reino servicios mui importantes a la corona. La misma honra recibieron dos caualleros Castellanos, q' pelearon con gran valor, cuyos nombres no quedaron en memoria por desgracia de sus descendientes, si es q' los dexaron. Assi mismo Juan Rodriguez Puerto Carrero, Diego Alonso Leitam, Gonçalo Vazque do Rego, i dos Criados del Conde, q' se llamavan Fernam Gomez Monte Agudo, i Rodrigo Amado. Quedo preso entre otros el caudillo principal de los moros, llamado Cide Falpa hombre anciano, i de buena presencia. Este luego q' se vio con el Conde pidio el agua del bautismo, confessando por verdadera nuestra S.ta fe, i afirmando q' al mismo tiempo, q' el Conde invocó el auxilio del Apostol Santiago, vieron los montes, i valles cubiertos de gente armada, q' hirian en los moros, i los seguian; con este milagrosso successo se rescató aquella alma del poder del demonio, i se alcançó tan gloriossa victoria. Hiço el Conde recojer a la ciudad el cuerpo de Rui Mendez de Vasconcellos con sentimiento notable por ser cavallero de muchas prendas, i de generosa sangre, hijo de Rui Mendes de Vasconcellos, i por su madre de la familia de los Pereiras, i pariente mui cercano del condestable Don Nuño Alvarez Pereira. Al otro dia llego Alfaqueque, i refirio como quedaron seis cientos, i veyente moros muertos en la batalla: los cautívos fueron cinquenta, i entre los muertos huvo gente de mucha consideracion, q' ocasionaron no pequeño sentimiento en la Berberia. El Conde hiço repartir la preza, i todos los moros que trocaron a su parte, dio a su yerno Don Fernando, q' tratava de bolverse a Portugal. Fue admirable la confiança, i gentileza con q' Alonso de Acuña deudo de Conde se huvo en un successo desta ocassion: hiva en el alcance de un moro, i amagandole con un golpe se le cayo la espada en el suelo, diole voces q' la llevantasse, i se la diesse, fue tal su terror q' boluio humilde a obedecerle, Alonso de Acuña entonces compadecido de su flaqueça, le dexo escapar libremente, generosidad de q' fue mui alabado, i con razon. Assi cuenta el sucesso deste dia Gomes Eanes de Azurara, autor de aquellos tiempos, aduiertolo, por q' le he visto mui defrente (como en otros) en un libro moderno.

CAPITULO 43.°

Progressos de Don Duarte, con el gouierno de la plaça le dexa su padre, passando a Portugal, adonde el Rey le hace mercedes grandes.

Del año 1429 no quedó memoria de successos desta plaça, i assi debio de passarse con quietud. El siguiente de 1430, en 19 de Março hiço una entrada en Berberia Don Duarte de Meneses con noventa cauallos, i ciento sessenta Infantes, acompañado de algunas personas conocidas, como era Pedro Puerto Carrero primo suyo, Alonso de Acuña, Aires de Acuña, Fernan Barreto, Pedro Vazques Pinto, Gonçalo Vazques, Gil Vaz de Acosta, Juan Gonçalez de Aragon, i otros de conocido valor. Partio, i de madrugada dieron sobre unas aldeas de Moros en la sierra de Mesequise, i las destruyeron del todo; llamavanse Alfayates, i Coleate; cautivaron 19 personas, i cogieron algun ganado; mataron 9 y si las aldeas no estubieron tan cercas de la sierra, en q' se salvaron sus moradores, muchos mas pereciessen. De nuestra parte no huvo otra perdida q' la de un cavallo, i sin oposicion, aun q' acudieron al rebato, se recogieron asta el puerto de Leon, donde los estava esperando el Conde. En aquel puesto armó caualleros a Pedro Puerto Carrero, Diego Alonso, Gil Rodriguez, i a Gil Vazques, i assi juntos se bolvieron a la ciudad con la pressa, i sin desaire.

Tiempo era ya q' el Conde Don Pedro de Meneses començasse a recibir el deuido galardon de tantos trabajos, i servicios. Mas de quince años hauian passado despues dela conquista de Ceuta, quando pidio licencia al Rey para llegar por breves dias al Reino, i tratar con el algunas cosas tocantes a su Real servicio. Despachó a esto dos criados, q' se llamavan Martin Vicente de Villalobos, i Juan Rodriguez Godino. Llegaron a Lisboa dieron la carta al Rey, q' conociendo la razon no solo concedio liberalmente la licencia, mas con gran brevedad hiço armar una hermosa galera, guarnecida de valerosa, i noble gente, i assi llegó en Abril del año de 1430. Disponiendosse al viaje encargo el gouierno de la plaça con consentimiento, i aprobacion de los fronteros, a su hijo Don Duarte de Menezes, i considerando las muchas circunstancias de valor, calidad, i deudo, q' concurrian en Rui Gomez de Silva su yerno tantas veces nombrado en esta historia, Alcaide de las fortaleças del Campo mayor, i Ougela; i ala mucha experiencia q' tenia de la guerra de Africa, como quien hauia sido frontero en Ceuta desde su conquista, le encargó particularmente la assistencia, i consejo de Don Duarte, para q' las mu-

chas experiencias del yerno supliessen los pocos años del hijo. Partio con tiempo favorable; q' brevemente se mudó, i corrio tan recia tempestad, q' fue forçoso, tomar el puesto de Setubal, aun q' el Rei le embio orden de q' desembarcasse en Lisboa. De alli partio por mar a aquella ciudad, donde se le hiço un ostentoso recibimiento, armando todos los nauios, q' se hallaron en el puerto para que le fuessen arecibir. En particular se adereço una caravela para su persona, en que ivan dos ciudadanos nobles de Lisboa de parte de la ciudad para acompañarle, i regalarle en el camino. Alvaro Vaz de Almada, que despues fue Conde de Abranchez, juntó los fidalgos q' se hallavan en Lisboa, i le fueron a esperar. Llegó el Conde a la ribera con este acompañamiento, i en aquel puerto halló la Clerencia i Religiosos q' le esperavan para acompañarle. Llevaronle en procesion a la Sancta Iglesia, donde en un panegirico se refirieron sus hechos, i hazañas al pueblo, demostracion grande entre Portugueses por la cortedad, con q' suebri engrandecer las cosas de sus naturales.

Hallavasse el Rei en Almeirin, casa de campo de los Reyes de Portugal de gran diuertimento; partio luego el Conde a besarle la mano, i caminando a Santarem halló en Azambuja (cinco leguas de aquella villa, i patria del gran Oleastro interpetre insigne de las divinas letras) muchos fidalgos q' acompañavan la Corte, i salieron a esperarle. El Infante Don Duarte salio un trecho no pequeño a esperarle de Santarem, i haziendo grandes honras al Conde le llevo a su palacio, donde fue convidado suyo aquel dia. El siguiente passo el Tajo i se fue a Almeyrin: salio el Rei a esperarle a la ultima sala, i le hiço en presencia de todos los cortesanos, i pueblo, las honras q' merecia por su valor, i portantos, i tan continuados servicios. Detubosse algunos dias festejado, i regalado dela nobleça de Portugal, i le hiço merced el Rei Villa-Real, villa hermosa, i populosa de la Provincia de Tras los montes, dandole titulo de Conde de ella; i aun q' lo era Don Pedro en Castilla, nunca el Rei le hauia honrado con este titulo asta este tiempo, en q' se le dio en su Reino. Passosse el Conde con ocassion de las alteraciones passadas a Castilla en compañia de la Condesa, su madre, i siguieron la parte a D.ª Beatriz Reina de Castilla hija del Rei Don Fernando de Portugal, como la hauia seguido el Conde su padre. En Castilla fue hecho conde de Ayllon, e Aguilar, i si bien el Rey Don Juan le llamo, i a su madre al Reino, i les restituyo la hazienda q' en el tenian de su patrimonio, nunca empero quiso llamarse Conde, asta q' le dio el titulo de su mano. Con esta ocasion de su venida, tambien le hiço Alferez mayor del Reino, i otras muchas mercedes a el, i sus hijos bien merecidas de lo mucho q' hauia servido a su corona; i si bien el Conde en el tiempo q' se detubo en Portugal, procuro la succesion de Ceuta en propiedad para su hijo Don Duarte de Meneses, i para sus descendientes, no tuvo efecto esta pretencion, por q' su misma hija D.ª Bea-

triz, heredera legitima de su casa, la estorbo, pretendiendola para su marido, i para la suya, i intercediendo en esto la Infanta Doña Leonor, q' era sobrina de Don Fernando de Noroña su marido. No se resolvio entonces el Rey por ninguna de las partes, por tener a todos pendientes de su voluntad, i pues he referido las mercedes que recibio el Conde, será justo quede en memoria tambien la liberalidad con q' se porto en esta jornada. Los manuscritos de aquellos tiempos afirman q' fue grande la cantidad de joyas, i alajas de valor q' repartio entre el Rei, los Infantes, i mas señores, i mucho dinero que dio a diferentes personas.

Como los moros supieron la auzencia del Conde, fiados en la limitada experiencia, i pocos años de Don Duarte, procuraron intentar novedad, continuando las correrias. Tomo la mano en esto un valiente xeque principal de aquellos contornos, llamado Marsoco, q' corriendo los principales lugares de Berberia, convoco mucha gente de apie, i de acavallo, provocandoles con vivas raçones a la vengança. Siguieronle muchos, i entro con ellos en el campo de Ceuta, emboscandosse un dia junto a la ciudad cerca de los molinos del Cañaveral. Salieron a las atalayas q' dieron arrebato, a que acudio Don Duarte con su gente, i mando se adelantassen cinco de acavallo a descubrir el designio, i cantidad de los moros, q' luego les aposetaron de manera, q' estubieron en gran peligro, i fue de suerte q' Don Duarte se adelantó a recojerlos. Auiendolo hecho fingio una retirada para incitar alos Moros a q' les siguiessen, i assi le succedio. Mas quando les tubo en parte acomodada hiço una buelta tan recia q' los obligo a retirarse, aun q' en orden, derribando en aquel primer encuentro catorse; apretandolos segunda vez con la mesma furia, asta q' los obligaron a dividirse en dos partes, i aponerse en huida, corriendo unos hacia la playa del cañaveral, y otros al puerto de Leon. Viendo Don Duarte su designio, diuidio la gente en dos tropas para q' los siguiessen, i assi los fueron apretando, i derribando a muchos. Ellos aveces hazian cara a los nuestros, mas siempre les aprovecho poco, por q' Don Duarte les siguio asta el Castillejo, de donde empeçaron a salir con menos trabajo. No le parecio a Don Duarte empeñarse mas en seguirlos, i assi hizo alto mandando tocar a recoger, i ordeno se tomassen los cavallos de los muertos, q' fueron veyente i tres, sin contar los q' quedaron en el campo con sus dueños, destos no se supo el numero cierto, si q' fue mortalmente herido su caudillo Marsoco, q' pocos dias despues murio, persuadiendo a los suyos desistiessen de la Guerra de Ceuta, sintiendo irremediable su restauracion, i trayendoles a la memoria los daños recebidos, i los que se podrian experimentar en la continuacion.

Tenia Don Duarte la condicion de su padre, a quien empeñava un buen successo para procurar otros; i assi despues de la victoria referida, sabiendo q' en Benexemen se hallavan cinquenta cavallos por fronteros para guarda de aquel campo, procuró verse con ellos, i partiendo una

noche le amanecio en aquel lugar. Diuidiosse luego en dos tropas, i el con la mitad de la gente se puso en una emboscada, i con la otra mitad en otra. Alonso de Acuña, i su hermano, i a Pedro Vazquez Pinto ordenó q' con quarenta cavallos corriesse el campo, i como saliessen los moros finjiesse la retirada asta traerlos a su emboscada. Assi lo executo Pedro Vazques, i como amaneció corrió los campos de aquel lugar, i tomó algum ganado, i un Moro, i fingiendo se empeñava en procurarles mayor daño, dio lugar a q' los cinquenta cavallos acudiessen, y otra mucha gente q' se convoco de los lugares vecinos. Viendolos juntos, i q' le acometian por quitarle la presa, se puso en retirada, i con tan buena maña q' los truxo junto a la emboscada de Don Duarte, donde tenia veyente, i cinco de acavallo, i duzientos de apie, q' aprovechandosse de la ocasion los imbistio por las espaldas, i ellos viendosse con poca esperança de remedio procuraron ganar una eminencia para defenderse, i lo consiguieron. Si bien era aspera, i tenia dificiles entradas, los nuestros las embistieron con gran valor asta q' la subieron, trabandosse en la cumbre con los Moros de manera q' en breve espacio quedaron degollados ciento, y treynta, i presos veyente cinco, i entre los muertos un valeroso mancebo hijo del ya muerto Albu. No peligro de nuestra parte hombre alguno, i solo trece cavallos quedaron en el campo. Don Duarte se recogio con toda su gente alegre de tan felice successo.

CAPITULO 44.º

Continuansse las victorias de Don Duarte de Meneses, llega del Reino su padre i prosiguelas.

A esta se siguio otra entrada de menos consideracion, pero dichosa tambien. Tubo auiso Don Duarte q' podria tomar algun ganado en Alfageira. Dispusose a hacerlo saliendo un domingo despues de Misa con cavalleria solamente, i llego a la aldea a medio dia; recogio al instante todo el ganado sin contradicion, i aun q' acudieron con tiempo a defenderlo no se atrebieron a embestir, i assi se recogio hallando en la torre del negron otros duzientos moros, q' vinieron a tomar la delantera mas no se atrebieron a pelear. Constava la pressa solamente de trescientas cinquenta cabeças de ganado, que fueron buen socorro para plaça, por que se hallava necesitada.

Succedio esto en el año 1433 en q' fallecio en Lisboa Don Juan el primero de Portugal, principe magnanimo, i dotado de singularissimas virtudes, con sentimiento general de toda Europa, i particularmente de sus vassallos. Fue su fallecimiento a 14 de Agosto, vispera de nuestra

señora, felicissimo dia para este principe, por q' en el nacio, en el vencio la famosa batalla de Aljubarrota, i en el finalmente fue agoçar del eterno descanso, como piadosamente creemos. Sepultaronle en el insigne convecto Real, de la Batalla, fabrica suya en el mismo sitio, en q' vencio la de Aljubarrota, en una capilla q' fabrico para su entierro, digna de la Magestad, de Principe tan grande. Acompañaronle en el entierro cinco hijos legitimos, uno bastardo, i dos nietos, i en el sentimiento todos los Portugueses, por q' fue uno de los mas amables principes, i dotado de mas singulares virtudes, q' tubo España. Sucediole en la Corona su hijo mayor Don Duarte, con quien continuaremos los successos de Ceuta. Fue coronado el dia de la muerte de su padre, assistiendo a este acto Don Pedro de Meneses, como Alferez Mayor del Reino que fue la primera vez q' exercio este officio.

No cessava Don Duarte en sus continuas correrias, i entradas. Tubo auiso poco despues del succeso referido, q' en una aldea llamada Balvazen estava un hermano de Abu, con buen golpe de gente, pareciole anticiparse abuscarle, i assi lo executo saliendo una noche con sessenta de acavallo, i duzientos, i sessenta de apie, i amanecio junto a la aldea, q' hallo bien fortificada de vallados, i otras defensas, mas de lo que pensava. Sin embargo imbistio por diferentes partes, i los Moros se pusieron en resistencia con gran valor, i lo continuaron largo espacio, asta q' apretados se pusieron en retirada a la sierra, q' estava cerca, donde tenian toda la gente inutil y el ganado q' pudieron recoger. Entraron los nuestros el lugar, i le saquearon, i destruyeron, recogiendo ciento, i cinquenta cabeças de ganado, i con esta pequeña presa, auiendo destruido, i quemado el lugar, se recogieron sin contradicion, con que se acabo el año 1433.

El de 1434 continuaron las victorias de Don Duarte con la misma felicidad. Deteniasse en Portugal el Conde ya con negocios tocante a su estado, i casa; ya con el quarto, i último matrimonio, q' contraxo con hija heredera del Almirante Miser Manuel Pesano, de q' no quedo succession, i assi continuava Don Duarte con el gouierno de Ceuta. Alos principios deste año trato de destruir, i saquear una aldea, q' se llamavan Bobuin, no pocas leguas distante, i salio una noche con bastante número de gente, llegando de madrugada sin ser sentido, aun q' con gran trabajo por las aspereças, i dificultades del camino. Hallola tan guarnecida de vassallos, q' le parecio la empressa mas dificil de lo q' le aseguravan, i impeçando a derribarla acudieron los Moros a defenderlos con gran cuidado. Mas la mortandad q' hacian nuestros vallesteros, les hiço afloxar de aquella primera furia, i animados los nuestros con su temer rompieron con mas presteça los vallados, i los entraron, con q' los moros se retiraron a la Aldea, donde fueron sitiados, i tan apretados, q' muchos dellos se rindieron por salvar las vidas, otros la perdieron peleando: saquearon los nues-

tros la aldea, i la abrasaron, i se recogieron en buen orden con veyente cautivos, i bastante cantidade de ganado, muchas ropas, i si bien los moros procuraron impedir los pasos, i cobrar la pressa, no lo consiguieron, ni se atrebieron a embestir, aun q' siguieron la mayor parte del camino.

Por estos dias llego el Conde Don Pedro de Meneses a Ceuta, donde fue recibido con el amor, i festejos q' merecia su agrado, i en llegando embio al Reino a los dos hermanos Alonso i Aires de Acuña con orden del Rey Don Duarte q' los llamava para premiar los muchos, i continuados servicios hechos en aquella plaça. Dioles a ambas honradas cartas para el Rey en q' referia sus meritos, i repartio con ellos liberalmente de lo q' tenia agradecido, como era justo, al efecto con que assistieron a Don Duarte mientras estuvo ausente. No llegaron a goçar el premio que merecian por que poco despues de llegados al Reino pagaronla con un deuda.

Aportó, por este tiempo a Ceuta Alvaro Vaz de Almada valeroso Capitan hijo de Juan Vazques de Almada. Este armó en Lisboa tres buenos navios de gente escogida contra los ginovezes en vengança de algunos daños q' diferente navios de Portugal auian recebido de los de aquella Republica, i como este Cavallero era natural de Lisboa, i poderoso en ella le siguio gente luzida, ademas de muchos parientes, i amigos. Salio con los tres navios, i embocando el estrecho andubo algunos dias en la mar de levante hasta que rindió una poderosa Carraca Ginovesa rica de mercadurias, i otros navios de menor porte de moros, i faltandole bastimentos se vio obligado a entrar en Ceuta por ellos. Fue recebido del Conde con mucha honra, i grandes demostraciones de benevolencia. Hiço Africa a Alvaro Vaz de Almada el festejo mas ajustado a su condicion, que eran las ocasiones militares, en q' pudiesse dar muestras de su señalado valor, por q' corrieron los moros el mismo dia en cantidade de quatro cientos de acavallo, i dos mil de apie, i haziendo traer el Conde cavallos a este capitan, i alos fidalgos q' le acompañavan, salio con ellos al campo abuscar los moros; no pelearon los de apie, los cavallos si, q' luego se trabaron con nuestra gente, i el primer encuentro quedo peligrosamente herido un fidalgo, criado del Infante Don Juan, q' se llamava Tristan do Vale, i sino fuera proptamente socorrido, alli perdiera la vida. Este, i el ver q' andava la escaramuça mui trabada obligo al conde, a que imbistiesse los moros con toda su gente, los quales a los principios pelearon con mucho valor, mas apretados, i viendo que perdian algunos compañeros bolvieron las espaldas. El conde los siguio matando, i hiriendo asta el Ramal donde hiço alto por no empeñar demasiado su gente. Alvaro Vaz de Almada anduvo valeroso, i aun temerario, por q' se empeñó demasiado, i perdiera la vida sino fuera socorrido. Quedaron muertos treyenta, i cinco moros de acavallo, i fueron muchos los heridos, de q' despues murieron algunos; los de apie viendo alos compañeros desbaratados se retiraron

sin empeñarse, ni en socorro, ni en vengança. Esta se cree fue la ultima pelea en q' se hallo personalmente el Conde.

Llegaron algunos meses despues a servir en Ceuta dos Cavalleros principales: Rui Dias de Sosa, hijo de Don Lope Dias de Sosa, Maestre de Cristo, i Gonçalo Rodriguez de Sosa, hijo de Rui de Sosa, aquel que a los principios desta conquista quedo sirviendo en esta plaça, y dexo memoria de su valor en el postigo de su nombre. Como Rui Diaz de Sosa era hijo del Maestre de Christo, en cuya casa el conde se hauia criado, i aprendido las primeras letras de la honra, hazia a este hijo favores grandes, i por que el deseava hallarse en ocasiones en q' mostrasse conservava el valor heredado de sus abuellos, trató el Conde de q' hiciesse una entrada en Berberia. Para que succediesse con acierto embio sus escuchas q' le informassen del estado de algunas aldeas; andubieron ocho dias en el campo y dieron al Conde los informes q' deseava. Con este aviso ordeno a Don Duarte saliesse con toda la cavalleria, como lo hiço el Domingo siguiente, embiando otra mucha gente de apie por mar, para q' desembarcassen en el Castillo de Almiñacar; llegada a aquel puesto la cavalleria, se incorporo con los de apie, i todos juntos caminaron hasta media legua del lugar, q' buscavan, i antes de llegar fueron sentidos. Acudieron los moros a defenderse con prontitud, i pretendieron estorbar la entrada de un passo estrecho, mas los nuestros le ganaron sin embargo de su resistencia, i entrando el lugar le saquearon, i destruyeron, haziendo gran mortandad en los que resistian, i recogiendo el ganado q' se pudo incorporó su gente, i se encaminó a Ceuta. Mas como prudente aparto alguna, i hizo q' se adelantasse a tomar un puesto peligrosso para assegurar el passo antes q' los Moros q' acudian se apoderassen del. Fue tan buena la diligencia, q' cuando los nuestros llegaron cerca de aquel puesto llevaran tras si sessenta cavallos, i mas de mil moros de apie. No quiso Don Duarte trabar escaramuça asta llegar al puesto antes retirandosse con alguna préssa les dava a entender q' les temia, i assi caminó asta llegar al puerto, donde los Moros se acercaron mas para impedir el passo. Pusso Don Duarte en cobro su pressa; haziendo que toda ella passasse, i como la tubo de la outra parte, animando a los suyos, hizo una vizarra buelta a los contrarios, q' como gente colecticia, i desarmada, empeco luego a huir desordenadamente, en particular la cavalleria, con q' cayó todo el daño en los de apie, de q' murieron noventa, i cinco, i muchos perecieron si Don Duarte quisiera seguir la victoria, mas temiendo se le desordenasse su gente, i viendo q' traya los cavallos cansados, no quiso fiar aquel dia a la fortuna, antes passando el puerto continuó la retirada asta llegar al castillo de Alminacar, seguido siempre a los brejos de los moros, donde tomó algun descanso, i alli se recogio a Ceuta con veyente cautivos, i mas de seis cientas cabeças de ganado, esperavale su padre una legua de la ciudad q' le recibio con alegria.

CAPITULO 45.º

Intenta Don Duarte la subpresa de Tetuan: pelea en la retirada con los moros e desbaratalos: destruye a Benagara, i otros lugares de la sierra de Benamadur con muerte de Bucar Candil.

Entre los caualleros, q' fueron de Portugal a Ceuta a exercitarse en la escuela militar del Conde fue uno Don Sancho de Noroña hijo menor del Conde de Gijon. Entró en esta plaça el año 1435 acompañado de cinquenta cauallos a su costa, i de muchas personas que le seguian por su agrado, i nobleça. Con está gente subio el numero de cauallos a duzientos. Pocos dias despues de llegado Don Sancho pidio licencia al Conde para dar en Tetuan, ciudad entonces cercada de muros, i torres, i cuya destruicion seria buen principio de las muestras de valor q' deseava dar. No pudo negar el Conde el despacho a peticion tan justa; mas por la poca experiencia de Don Sancho huvo de embiar en su compañia a Don Duarte para gouernar la empressa. Dioles ciento, i cinquenta cauallos, i trescientos piones, q' desembarcaron en el Castillo de Almuñecar, donde se unieron con la caualleria. Quando tomavan algun descanso vieron fuegos en la sierra q' ocasionaron pensar eran sentidos, i si bien vvo no pocos pareceres q' se bolviessen, se resolvió, i se executó lo contrario, tomando el camino de Tetuan. Partieron de Almuñecar a media noche, i quando llegaron a las viñas, i huertas auia salido el sol, i eran sentidos; en aquel paraje los recibio no pequeña cantidad de moros, q' les dieron arto trabajo por los muchos vallados, i espesura de arboledas, en q' se defendian, donde la caualleria no podia obrar sueltamente como era necesario. Alli mataron a un criado de Don Sancho, llamado Juan Gonçales, soldado valerosso, i murio como tal. Peleosse en aquel puesto con gran valor, asta q' los Moros fueron rotos; con q' los nuestros caminaron a la ciudad, seguidos siempre de los enemigos. Llegaron a las puertas de Tetuan, q' hallaron cerradas por ser tanto antes sentidos, i por no llevar instrumentos, ni lo necesario para romper, i subir las murallas, huuieron de contentarse con clavar las lanças en las puertas en testimonio de su valor, i disponer luego la retirada, para poder hacerla a tiempo por estar Tetuan considerablemente distanciado de Ceuta. Empençaronla con buen orden, i caminaron algun espacio sin estorbo, por q' los moros se adelantaron a tomarles el passo en el Paul, dos leguas de Tetuan, i a tiempo q' estava la marea llena, con q' era fuerça q' los nuestros passassen casi nadando. Auian los moros tomado ya todos los pasos, i recibieron a los christianos con tantas vozes, i alaridos, q' parece

goçaban ya de la victoria q' se prometian. Aguardavan las barcas en aquel puerto a las gentes de apie para embarcarla; i viendo Don Duarte la dificultad q' se offrecia para hacerlo le dio el cargo de la embarcacion a Don Sancho, i el con la caualleria se fue al puesto a entretener los enemigos. Dispussolo el bien, i aunque los Moros le apretavan, en una buelta q' hiço los apartó de manera, q' tubo lugar la gente para embarcarse. Don Duarte como vio los de apie recogidos, dispusso el passo del Paul, q' era peligrosso, i echo delante los mas valientes cauallos. Si bien los moros procuravan impedir el passo, llegaron los primeros a la orilla sin perdida, i embistiendo a los enemigos los hicieron apartar algo, con q' los otros tubieron lugar de salir del Paul sin estorbo, incorporandosse los q' salian con los primeros asta q' toda la gente passo a la otra parte. Vnidos luego imbistieron con los moros con gran valor; mas los mas dellos eran de apie; i si bien la multitud era grande, reconocieron brevemente ventaja, i assi despues de grande mortandad, huvieron de dexar el campo, i retirarse esparcidos a la sierra, dexando desembaraxados a los nuestros, q' pelearon con extraordinario valor señalandosse grandemente Don Sancho, q' dio buen principio a las valerosas acciones q' siempre obró. Viendo los nuestros sin estorbo pidieron a Don Sancho permitiesse les armasse cavalleros en aquel puesto Don Duarte, i pareciendole justa la peticion se lo suplico, i aun que humildemente se excusara, aconsejandole guardasse esta honra para su padre; al fin huvo de rendirse, i hazerlo. Puestos en orden continuaron la retirada con veyente cinco prisioneros; i al otro dia se supo por el Alfaqueque, q' hauian muerto duzientos i setenta i dos moros; de nuestra parte murieron el q' dixe en las viñas de Tetuan, i en el segundo reencuentro un soldado que se llamava Juan Garcia.

Crecia la virtud, i buena fortuna de Don Duarte, i era fuerça grangera con ellas emulos, i embidiosos, particularmente entre la nacion Portuguessa, de quien es tan propio el vicio de la envidia contra sus naturales. Determinó destruir la aldea de Benagara, cerca de Tetuan, por las informaciones q' tenía de q' podria hazer alguna empresa considerable; i comvidando para esta empressa a Don Sancho, le hallo ya de parte de sus emulos, q' eran los mas de los caualleros q' se hallavan en Ceuta; i assi se escusó de la jornada diziendo, q' no se hallava su gente dispuesta para hazerla. Conociendo Don Duarte el animo de la escusa escojio cinquenta hombres i se partio una noche a la aldea; llegó de madrugada, i emboscandosse en puesto conveniente, hizo dar pienso a sus cauallos, esperando saliesse todo el ganado al campo. Assim estuvo hasta las dies del dia, en q' salio, i entrando en la aldea no hallo estorbo alguno a su determinacion, por q' en breve espacio la saquearon, cautivando hombres, mugeres, i niños q' entre todos fueron quince personas. Mientras unos lo executaran otros juntavan el ganado, de q' recogieron mas de tres-

cientas cabeças; i viendo q' no hauia otra cosa q' obrar, trataron de retirarse. Quando lo disponian empeçaron a concurrir moros de los lugares vecinos, i particularmente veyente, i cinco cavallos de Tetuan, q' se acercaron bastantemente. Don Duarte ordeno q' algunos encaminassen, i adelantassen la pressa, i con el resto hiço una buelta a los Moros, q' le aguardaron con valor. Aqui mató valerosamente al caudillo de aquellos pocos, Fernan Martines de Vasconcelos, nieto de Don Mem Rodrigues de Vasconcelos maestre de Santiago, con cuya muerte se pusieron los otros en huida, i Don Duarte premió el valor de aquel fidalgo, armandole cauallero en el mismo sitio, i si bien provocó diferentes vezes los moros a la pelea, no le embistieron segunda vez, i assim se retiró con la pressa. Por estos dias embiaron los moros de aquellos contornos a pedir treguas al Conde, con reconocimiento de algun tributo para poder vivir con quietud, i tomar descanso de tantos trabajos, i perdidas. No se consiguio su deseo, por q' quiso el Conde le pagassen el quinto de todas sus cosechas, i assi se quedaron las cosas en el estado q' antes.

A este siguio otro successo de importancia, i mayor gloria q' el passado. No descansava el Conde viendo los generosos brios de Don Duarte en procurar ocasiones, q' le acreditassen de valiente, i assi no dexava passar alguna, q' no le fiasse a su disposicion i valor. En el año siguiente de 1436 con las noticias q' le dio un caudillo christiano recien libertado q' lo fue de un poderoso Moro en la Sierra de Benamaden, llamado Bucar Caudil, determino q' su hijo fuesse a dar sobre su casa guiado del Cautivo, i q' le acompañassen entre otros Rui de Mello que despues fue almirante de Portugal, Juan de Albuquerque, señor de Anjeja, i de la tierra de Figueredo, i Rui de Acuña, q' despues fue gran Prior de Guimaraes. Dio al hijo duzientos, i diez cauallos para esta empressa, i trezientos soldados de apie, q' por mar desembarcaron en el Castillo de Almuñecar, i se incorporaron con la caualleria. Caminaron juntos, guiados por el cautivo, asta un rio que era fuerça vadear para llegar a la sierra, passaron felizmente antes de amanecer; i continuando el camino llegaron a la casa de Candil al romper el alva. Estaua fabricada a modo de fortaleça de suerte q' podia defenderse de mayor poder; mas el como noble, i valiente, conociendo q' los nuestros le buscavan, subido en un hermoso cauallo con otros q' le acompañavan, i los q' se juntaron de algunas aldeas vezinas, salio arecebirlos, mandando hazer las chamadas ordinarias para q' los vezinos le acudiessen. Don Duarte viendo q' hasta alli no era grande el poder de los moros, repartio su gente en tres tropas; una para q' diese en las aldeas; otra para que recogiesse el ganado, i quedasse con la tercera para pelear con el Candil antes q' le llegassen los socorros. Con esta consideracion movio contra el su tropa, i el moro salio con su gente a recebirle adelantandosse de todos como valeroso. Sahiole al encuentro Don Duarte, i apretando la lança le embistio con

gran valentia, i rompiendole la cota le hizo una pequeña herida, dexandole tan atormentado del golpe q' no acudio a la vengança. Embistiole otra vez, i dandole segundo golpe le metio la lança por una abertura de la cota passandole de parte a parte, i dexandole la asta quebrada en el cuerpo, con q' cayo Candil muerto. Los que le acompañavan, viendo el impensado successo, llenos de espanto, i temor se pusieron en huida, i los nuestros los siguieron matando, i hiriendo con gran profia. Quedaron en este alcance ochenta, i quatro moros sin vida, hallaronse aqui Diego de Acuña, i Alvaro de Acuña su hermano, i este mato un valiente moro cuerpo a cuerpo de una disforme cuchillada en la cabeça. Entre los q' murieron, fue uno q' en aquellas aldeas explicava el Coran con doce discipulos, q' se señalaron de valientes, defendiendosse no como letrados, mas como soldados expertos. Allcançada esta victoria, ordeno Don Duarte a los suyos recogiessen el ganado, i se retirassen; fue la presa grande en esta parte, por q' tomaron nuevecientos, i veyente cabeças del mayor, i muchas del menor, i con esto trato de recojerse, despidiendo delante una buena tropa de gente escogida, gouernada por Rui de Melo para q' se apoderasse del puesto antes q' los moros, q' ya de todas partes acudian. Assi fue caminando asta el puerto donde le aguardavan gran cantidad de moros, q' no se atrebieron a embestirle por la ventaja de nuestra caualleria. Con esto passó toda la gente con la pressa sin estorbo, i caminaron seguramente hasta una legua de Ceuta, donde les aguardava el Conde, q' sabiendo el buen svccesso, i la disposicion, i valor con q' Don Duarte obro aquel dia no pudo detener las lagrimas, q' ocasiono el contento de ver las esperanças que dava el hijo de lo que seria mas adelante. Recojieronse ala Ciudad, donde fue recibido Don Duarte con procesion solemne, i publicas aclamaciones del pueblo.

CAPITULO 46.º

Prosigue la guerra de Ceuta. Los Infantes de Portugal dan principio a la infeliz jornada de Tanjar, Muere el Conde de Villarreal (1), *i dexa el gouierno a su hijo.*

LLEGO a Fez la fama de las victorias referidas, i vistio de zelo para la vengança a un valeroso Marin llamado Mulei Bucar, pariente de la casa Real, i mancebo de gran valor, que convocando gente en la

(1) D. Pedro de Menezes nunca foi Conde de Vila Real, já porque não há documento algum em que seja tratado por êste título, já porque a inscrição do seu túmulo lhe dá apenas o título de Conde de Viana.

O primeiro Conde de Vila Real, foi seu genro D. Fernando de Noronha, 5.º Governador Capitão General de Ceuta.

corte, i el Reino, procuro tomar enmienda de tantos daños. Este con mil cauallos se vino a los campos de Ceuta con intento de coger descuidado a Don Duarte, i para conseguirlo mejor diuidio su jente en dos emboscadas, poniendo una en el puerto de Leon, i otra en la Laguna, i a ciento de acavallo mando q' corriessen el campo. Estos aparecieron cerca de la Algezira a tiempo q' andavan fuera algunos cauallos, q' trabaron escaramuça con ellos, mas los moros se fueron retirando asta el Cañaveral, quando ya salia arrebato, Don Duarte con todos los fidalgos q' alli se hallavan, i otros soldados de valor, q' acudiendo a la escaramuça se incorporaron con ellos, i embistiendo con los moros, los fueron llevando hasta la fuente de los enamorados, donde se descubrio la primera emboscada de quatro cientos cauallos luzidos, q' ocasionó a Don Duarte pensar q' aquellos suponian otra mucha gente, i assi recogio la suya, i trato de retirarse en buen orden. Mas embaraçandole demasiadamente los moros, dio una buelta tan rezia, q' les obligo a perder la playa, i tomar el camino de la laguna. En este punto mato Rui de Acuña aun moro valerosamente, cuya muerte causo en los moros extraño sentimiento, por ser uno de los mas nobles marines, i dotado de mas partes naturales q' tenia el Reino de Fez. Otros diez y seis murieron en esta buelta. Continuando los nuestros la victoria siguieron a los enemigos asta cerca del puerto de Leon, donde estava la segunda emboscada. Antes que llegasse se oyo una voz que dixo: *Buelta, buelta; no paseis adelante, Portugueses q' vos perdeis;* q' sin duda fue de algun angel, por q' hecho despues informe entre los compañeros se hallo q' ninguno hauia dicho tales palabras, i todos la oyeron. A esta voz succedio una espesa niebla repentinamente, q' se puso entre unos, i otros, de suerte q' ni los moros pudieron obrar, ni impedir la retirada a los nuestros. Murio de nuestra parte un valeroso cauallero natural de Polonia, llamado Matheo, que de Alemania hauia venido a Portugal sirviendo al Infante Don Pedro, empeñandosse tanto con los moros, que rodeado dellos despues de obrar acciones mui valerosas murio sin querer rendirse, i del repitieron despues los Moros no pequeñas alabanças.

Por estos tiempos trató el Rey Don Duarte de embiar a la conquista de Tanjar a los Infantes Don Enrique, i Don Fernando sus hermanos, i sabiendo el Conde esta resolucion, aun que no la aprobó, mando apercibir mucha gente en Portugal, i offrecer al Rey para esta empresa quatro cientos cauallos, i mil ballesteros a su costa, pidiendole juntamente licencia para hallarse personalmente en ella. Si bien su persona fuera de notable importancia, considerando el Rey sus muchos años, i la necesidad de su prezencia en Ceuta, le escuso de la jornada, ordenandole embiasse al hijo Don Duarte en su lugar, para que llevasse su Real bandera; aun que el Conde hizo repetidas instancias para q' le concediesse la licencia, no la alcanço, i huvo de obedecer contra su gusto, y a este pesar atri-

buyeron muchos la muerte q' le sobrevino. Disponiasse en Portugal con gran valor la jornada de Tanjar, i a los principios del año de 1437 empeçaron a entrar en Ceuta diferentes tropas, i en breves dias se hallo el Conde con quiñientos cauallos, i mucha gente de apie. Viendo que mientras llegava la partida de los Infantes seria bien emplear aquella gente en alguna empresa de reputacion, trato de q' fuesse con ella Don Duarte a sùbprender a Tetuan; i assi lo dispuso, haziendole salir el dia del Corpus deste año. Como los moros con la fama destos aprestos andavan temerosos, trayan en todas partes espias para informarse de los movimientos de Ceuta; i assi este intento fue sentido a tiempo que tubieron noticia los de Tetuan, i pudieron salirse de aquel pueblo con lo mejor de sus haziendas, de suerte que quando llegó Don Duarte, hallo la ciudad yerma, i aun el Castillo, uno, i otro destruyo, i quemo sin resistencia, i sin otro efecto dio la buelta a Ceuta.

Llegavase ya el tiempo en q' el Conde Don Pedro de Meneses hauia de recibir el premio de tantos trabajos como hauia padecido en servicio de Dios, i de su Rei. Diole la ultima enfermedad por el mes de Agosto deste año, quando los Infantes llegavan a Ceuta para la empressa de Tanjar, a los 26 de aquel mes, donde hallaron ya al Conde de Arrayolos, i a los q' salieron de Portugal. Los Infantes desembarcaron, i se encaminaron derechamente a Nuestra Señora de Africa, donde estuvieron el resto de aquel dia, i toda la noche, i el siguiente dia oida la misa, se aposentaron en la ciudad, i al otro dia salieron en procesion con el Obispo de Evora vestido de Pontifical, i fueron a los nauios a sacar la bandera de Christo, i la del Rey, i las llevaron con gran solemnidad a la Iglesia mayor, donde el Obispo por guarda, i devocion quedo aquella noche con la cleresia del exercito.

La llegada de los Infantes se publico luego por toda la Berberia, i los lugares mas vezinos a esta plaça embiaron sus Alfaqueques a Don Enrique pidiendole paz, i offreciendole tributos de oro, plata, pan, i ganados, i los recibio por vassallos del Rei de Portugal. Hizo luego reseña de la gente que trahia, i hallo menos de dos mil cauallos, mil ballesteros, i tres mil peones, faltandole cerca de ocho mil hombres para los catorce, con que le parecio emprender la jornada; viendosse con tan poca gente para empressa tan ardua, pidio en Ceuta el consejo que debia aver escuchado en Portugal, quando los mas prudentes, i experimentados le apartaron de tal intento. Aun aqui no siguio el q' todos dieron de que se avisasse al Rei, i se le dixesse lo poco que se podia hacer con tan limitado exercito; por q' dixo, q' aun con menos gente proseguiria la jornada, i el llevar adelante sus intentos, i q' Dios le ordenava assi para que la honra fuesse mayor, i por el camino para Tanjar se abreviava mas atrabesando la ximera, q' es sierra fragosa; para hazerlo con mas seguridad, embio delante a Juan Pereira con mil hombres de apie, i de acavallo a tentar si

podia seguir aquel camino. Salieronle al encuentro los Moros en cantidad considerable, i peleosse de ambas partes valerosamente, quedando muerto el caudillo de los moros, q' era hijo de Fossen Alcayde de Alcaçar Seger, i otros muchos. De nuestra parte murio un soldado, i salieron muchos heridos; entre ellos Rui Dias de Sosa. Al Infante vino nueva, que nuestra gente hauia sido desbaratada, i salio a su socorro con lo mejor del exercito, mas auiendo llegado al puerto de Leon, hallo de buelta a Juan Pereira con toda su gente, i del successo de ser impossible penetrar por aquel camino, assi por la aspereça del como por la contradicion, i resistencia q' era cierto hallarse, assi le parecio mejor consejo hazer la jornada por Tetuan, como lo executo, i por q' el Infante Don Fernando era enfermo, i no podia caminar por tierra, se fue a Tanjar con la armada.

El Infante Don Enrique, Domingo siguiente 8 de Septiembre, oida missa, i sermon, recibio con todos los del exercito plenaria absolucion i al dia siguiente al amanecer embio delante a Rui de Sosa, i a Gonçalo Rodriguez de Sosa su hijo a descubrir tierra con trescientos ginetes, i luego hiço que fuesse Saliendo las gentes. Salio en primer lugar el Conde de Arrayolos, como condestable con la vanguardia; a el se seguia el carruaje: Don Fernando de Castro Gouernador de la casa del Infante, con sus hijos Don Alvaro. i Don Enrique, i su gente llevava el ala derecha, la isquierda Don Fernando de Castro, el moço, seguiasse la bandera del Infante, q' llevava Rui de Melo, q' despues fue Almirante, tras ella la del Rei en manos de Don Duarte de Meneses, por ausencia del Conde su padre Alferes mayor del Reino, a esta se seguia la de Christo, q' llevava Juan Falcon: despues iva la imagen de nuestra Señora la del Condestable Don Nuño Alvarez Pereira, i el bulto del Rei Don Juan 1.º, el *lignum Crucis*, a q' seguia el Obispo de Evora con los suyos, i con todos los Religiosos, i ultimamente llevava la retaguardia el Infante, i asi marcharon asta el Paul quatro leguas de Ceuta, donde se alojaron aquel dia. El martes siguiente se aquartelaron junto a las murallas poco antes arruinadas de Tetuan, i prosiguiendo su camino, con las cortas jornadas, q' puede hacer un exercito, aun q' pequeño, llegaron el viernes trece de Septiembre a Tanjar el viejo, donde hallo el Infante Don Fernando con la flota, i dieron principio al Infeliz sitio de aquella ciudad, donde los dexaremos para bolver a Ceuta.

Auiendo passado algunos dias del sitio se le agravo la enfermedad al Conde de suerte q' huuieron los Infantes de inviar a su hijo para q' assistiesse a su muerte, i quedasse encargado de aquel gouierno. Llego quando ya el padre estava sin esperanças de vida. Repartio con el lo q' tenia, entregole aquella plaça encargandole su gouierno, i que llevasse adelante los buenos procedimientos con que hauía empeçado, i recebidos los sacramentos, i hechos los actos de verdadero Christiano en los fines de Sep-

tiembre deste año de 1437 a los sessenta de su edad, i a los 22 de su gouierno en Ceuta puso el alma en manos de su criador, con grande sentimiento de aquel pueblo, i del Reino todo, de quien era amado, como lo merecia su sangre, partes, i valor, i los muchos servicios, q' hiço a la corona en el discurso de tantos años. Dexó por heredera de la mayor parte de sus bienes a su hija Dona Leonor, q' lo demas pertenecia a su hija mayor Doña Beatriz, q' se hallava casada con Don Fernando de Noroña, hijo del Conde de Ginjon. Dexó tambien encargada a Doña Leonor, la disposicion de su alma, q' ella cumplio con merecidas alabanças, por q' dexadas las suntuosas exequias, i lo bien que dispuso sus cosas, hizo traer sus uesos a Portugal con notable ostentacion sepultandolos en el convento de San Agustin de Santaren, q' hauia fundado el Conde de Ouren su abuelo. Quando el cuerpo del Conde Don Pedro de Meneses fue traido a Portugal por el tiempo adelante, reinava por muerte de Don Duarte el Rei Don Alonso el V su hijo, i gouernava el Reino por su corta edade el Infante Don Pedro su tio, Principe digno de mejor fortuna. Assi el Infante como el Rei hicieron honradas demostraciones con el cuerpo del Conde quando lo trasladaron.

Gouernó este valerossissimo capitan 22 años, i pocos dias mas la ciudad de Ceuta, sin ser jamás desbaratado, antes alcançando gloriosas victorias de los moros q' eternizaran su fama, i dieron a conocer el valor Portuguez en toda la Africa, i assi se puede comparar con los valerosos Capitanes antiguos por lo q' la guerra de Ceuta tuvo de larga, i peligrosa, con tantas, i tan continuas ocasiones; en q' mostro su prudencia, i valentia, i en q' los enemigos del nombre christiano recibieron tan conocidos daños, como la christiandad provechos; por q' puso término a la insolencia, i crueldad de los barbaros Mahometanos, cuya inundacion como enxambre, q' libremente discurre por los campos, tiranizó tantos Reinos, i monarquias: refrenó la amenaça perpetua, con q' vivia el de España, q' con servidumbre de setecientos años aun padecia en aquella sazon el tirano dominio, con q' ellos posseyan el Reino de Granada, siendo lo mejor, i mas rico della. Eran sus puertos, i costas los confines de Ceuta, i esta ciudad escala de los socorros de Africa, con q' los castellanos trabajavan en vano en la restauracion de aquel Reino, por q' lo impossibilitava el pasage q' hacian perpetuamente innomerables exercitos de Berberia en ayuda del granadino, por donde es sin duda q' de la conquista, i defensa desta ciudad se ocasiono la mayor parte de su ruina, i q' todo lo debe España a la memoria del Conde; i al valor de sus inclitos descendientes, pues la libraron de las aficciones q' padecia con tal insolente juego.

El epitaphio de su sepultura dice assi en lengua Portuguessa en q' esta escrito en letras de oro: «Aqui jaz o muito honrado, e muito nobre, e muito fidalgo senhor Don Pedro de Meneses, Conde q' foi de Viana, e

primero Capitan da Cidade de Ceuta. Alferez mor do muito alto, e muito poderoso, e muito excelente señor Don Duarte pella graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve, e señor da dita cidade, filho q' foi de Dom Joaõ Alfonso Telo de Meneses, Conde q' tambem foi de Viana, e señor de Penela, Miranda, Alvito e Villa nova: neto de Don Joaõ Alfonso Telo de Meneses Conde de Ourem, e da Condeça Doña Guiomar de Villalobos sua molher, bisneta del Rey Don Sancho de Castella, q' este mosteiro edificaram; o qual Dom Pedro a dita cidade de Ceita hua so em Africa por christaos posuida con muita discrição vinte dous años gouernou, e contra mouros, e infieis mui esforçadamente defendeo e os conquistou por mar, e por terra, e fez afastar, e por força deixar grande parte dos termos della por sua defensa, e huue nella muitas peleijas com elles sempre vencedor, e nunca vencido, de q' a dita cidade ouve em seo tempo gloria de vencimento: finouse nella a 22 dias de Setembro com seu proprio entender, bom, e Catolico ate a morte, mui esforçado caualleiro; a seu Rei natural mui verdadeiro, fiel, e leal no anno de nosso señor Jesu Christo de 1437. Mandou lançar consigo a Condeça Dona Beatriz Coutinho sua molher, q' sua sepultura mandou fazer a mui honrada, e mui nobre, e mui honesta Dona Leonor de Meneses sua filha, molher do muito honrado, e nobre señor Dom Fernando filho do Marquez de Villa-Viçosa, a qual mandou lançar a Condeça Dona Margarida sua may com o dito seu pay o Conde Don Pedro, e aqui jazem todos: nosso señor lhes queira perdoar. Amen» (1).

CAPITULO 47.º

Casamientos, i descendencia del Conde Dom Pedro de Meneses.

Aviendo descurrido asta aora por la vida del Conde de Villa Real Don Pedro de Meneses, resta q' se haga memoria de su inclita descendencia, q' dexo perpetuada en tantas, i tan Ilustres casas de Portugal. Fue casado quatro veces; la primera con Doña Margarita de

(1) Esta inscrição do Epitáfio está incompleta e errada nesta obra, como o está na *Historia de Santarem Edificada* pelo Padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, nas *Memorias para a historia de Portugal que compreendem o Governo d'el Rei D. João I* por Joseph Soares da Silva e nos *Retratos e Bustos de Varões e Donas.*

Em algumas destas transcripções chega a haver falta de linhas inteiras por ser muito difícil a sua leitura. Parte da inscrição no Sarcófago está inutilizada por ter sido arrombado, mas, completando-a com a leitura feita pelo Padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos na obra acima citada, está incluida nos *Governadores Capitães Generaes de Ceuta* no 4.º volume da *Hstoria e Genealogia.*

Miranda, hija de Don Martin Alonso de Miranda Arzobisco de Braga, quedaron deste matrimonio dos hijas; la mayor, i heredera de su casa llamada Doña Beatriz de Meneses; fue muger de Don Fernando de Noroña, segundo Conde de Villa-Real, hijo del Conde de Ginjon, i nieto del Rey Don Enrique el segundo de Castilla, progenitor de los marqueses de Villa Real, i Duques de Camiña. La segunda se llamo Doña Leonor q' murio antes de celebrar el matrimonio concertado con Fernando progenitor del Duque de Barcelos. Casó segunda vez con Doña Phelipa Coutiño hija de Gonçalo Vazques Coutiño Mariscal de Portugal; i de Doña Leonor Gonçalez de Azevedo, hija de Gonçalo Vazques de Azeuedo señor de Louriñan. Esta señora fue la q' murio en la mar passando del Algarbe a Ceuta. La tercera vez con D.ª Beatriz Coutiño hija de Hernando Martinez Coutiño Señor de Mafra, i de la Ericeira, i hermaño del Mariscal Gonçalo Vazques Coutiño, i deste matrimonio nacio una sola hija, q' se llamo Doña Beatriz, i cazo con Don Fernando de Vasconcellos hijo de Don Alonso señor de Cascaes, bastardo del Infante Don Juan, uno de los hijos del Rei Don Pedro de Portugal, i de la Reina Doña Ines de Castro; la quarta vez caso con D.ª Genebra, hija, heredera del Almirante Misse Manuel Pessaña, de cuyo matrimonio no quedo descendencia.

Sin estos tubo un hijo bastardo, q' se llamo Don Duarte de Meneses, de quien quedan ya escritas algunas noticias, i dos hijas tambien ilegitimas, llamasse la primera Doña Isabel, i fue muger de Rui Gomez de Silva, Alcaide de Campo Mayor, i Ouguela, i la segunda Doña Aldonsa de Meneses, q' caso con Rui Noguera, Alcaide de Alcaçares de Lisboa, de cuyo matrimonio no quedo succession, i auiendo sobrevivido al marido caso segunda vez con Luis de Azeuedo Veedor de la hacienda de Portugal, q' es lo mismo q' Presidente hijo de Lope Dias de Acevedo, señor de Aguiar, de Peña, i de San Juan de Rey, i de Doña Juana Gomez de Silva, hija de Gonçalo Gomez de Silva, Alcayde de Monte Mayor, de cuyo matrimonio quedo una sola hija q' se llamo Dona Catalina, i fue muger de Juan Rodriguez de Saa Señor de Sever, progenitor de los Condes de Matuzinos, i Penaguion, Camareros mayores de Portugal.

De toda esta succession, fue heredera, como legitima, i mayor, Doña Beatriz de Meneses, en cuya descendencia se perpetuo la memoria de Don Pedro en los marquezes de Villa Real, i Duques de Camina; i en ella asta nuestros tiempos el gouierno, i cargo de General de la ciudad de Ceuta; motibos todos q' me obligaria a escribir con alguna extension, (aun q' no con la q' merecia) las memorias desta Ilustrisima Casa, q' por este casamiento entro en la de los Noroñas de la varonia Real de Castilla.

El Rey Don Enrique, Segundo de Castilla, i de Leon, llamado el noble, i el de las mercedes, caso con Doña Juana Manuel de la Cerda, de quien tubo a Don Juan 2.º deste nombre, q' casando con Doña Leo-

nor Infanta de Aragon, fue padre de Reyes Don Enrique 3.º de Castilla, i Don Fernando 2.º de Aragon, i Sicilia, i a la Infanta Doña Leonor muger de Don Carlos 3.º Rey de Navarra. Huvo naturales a Don Alonso, Conde de Guijon, i Noroña (cuya descendencia continuaré). En Doña Elvira Iñiguez de Vega, hija de Suero Fernandez de Vega, Sr. de Villa lobos, i de la casa, i Torre de Vega en la merindad, i a Don Fadrique, Duque de Benavente en D.ª Beatriz Ponce de Leon ambas Sras de Ilustre sangre, i de diversas mugeres tubo a Don Enrique, Duque de Medina Sidonia, de quien no se sabe succession i a Doña Costancia, q' caso con el Infante Don Juan de Portugal, q' por este matrimonio fue duque de Valencia de Campos, Doña Beatriz muger del Infante Don Dionis hermano de Don Juan, hijos ambos del Rey Don Pedro de Portugal, i de la Reina Doña Ines de Castro; Doña Isabel, q' caso con Don Alonso de Aragon, Marquez de Villena, Conde de Denia, primer condestable de Castilla, hijo del Infante Don Pedro de Aragon, Doña Beatriz q' caso con Don Juan Alonso de Guzman 2.º Conde de Niebla, de quien proceden los Duques de Medina Sidonia; Doña Leonor, muger de Don Diego Hurtado de Mendoça, Sr. de Hita, i de Buitrago, i Almirantes de Castilla, progenitor de los duques del Infantado; i della tuvo una hija, llamada Doña Aldonça de Mendoça, muger de Don Fadrique de Castilla, i Castro Duque de Arizona sin sucession.

Don Alonso hijo del Rey Don Enrique el 2.º se llamó assi en memoria del glorioso Rey Don Alonso el undecimo su avuelo el que vencio la famosa batalla del Salado; parece fue el mayor de todos sus hermanos, i hizole su padre en el año de 1373 Conde de Guijon, i Noroña, ó Norueña en Asturias, Estado que hauia heredado siendo Conde de Trastamara de Don Rodrigo Alvarez de las Asturias, gran señor, i rico home su Ayo, q' por no tener succession de su muger Doña Isabel de la Cerda, q' despues fue primera Condeça de Medina Celi, le adopto por hijo año 1333 siendo de catorce meses, i dandole por armas, escudo partido en mantel, como el de los Almirantes de Castilla, en la parte de arriba dos leones de purpura en campo de batalla, i en la de abajo castillo de oro en campo de sangre, i por orla ocho escaques de veros azules; i blancos tambien en campo de oro, en memoria de Don Rodrigo Aluarez de Asturias, cuyas armas eran los veros. Está guijon en este Principado en lugar eminente, i fuerte sobre la mar, fue mucho tiempo asiento de los Reyes antiguos, q' se intitulaban Reyes della, con q' algunos se engañaron, pensando q' en los preuilegios dezia leon por la similitud destos nombres en la lengua latina, en q' entonces se hacian las escrituras. Noroña a quien los naturales llaman Norueña, está dos leguas de la Ciudad de Ouiedo, cuyos Obispos son señores suyos con titulos de Condes, della tomo nombre la Ilustre familia de los Norañas. Tenia el Rey Don Enrique de Castilla porfiadas guerras con el Rey Don Fernando de Por-

tugal vnico deste nombre, entro con poderoxo exercito en aquel Reino, acompañado del Conde Don Alonso, su hijo año 1373 puso sitio a Lisboa, i estando sobre esta ciudad, llegó un legado del Pontifice para hazer la paz entre estos Principes; concluyose con diferentes condiciones, i entre ellas q' se celebrassen dos casamientos; vno de Don Sancho Conde de Albuquerque hermano del Rey Don Enrique con la Infanta D.ª Beatriz, hija del Rey Don Pedro, i de la Reina Doña Ines de Castro, i hermana del Rey Don Fernando; i el otro de Doña Isabel, hija natural deste Rey con Don Alonso Conde de Guijon i Noroña, hijo del Rey Don Enrique, dando a esta señora en dote la ciudad de Visco, Bargança, Celorico, i Linares: este matrimonio se celebró año 1378 por no tener la condeça mas de nueve cuando se contrato.

Murio el Rey Don Enrique auiendo otorgado su testamento en Burgos a 29 de Mayo de 1379, y en el hace una manda, que deja a su hijo Don Alonso de Castilla Conde de Guijon, i Noroña la Puebla de Villa Viciosa, Cangas, Cobieles, Pengrin, Mañan, Pilena, Prauia, Salas Valdes, i otros estados con el señorio real, con mero, i mixto imperio. Consta tambien de las historias de Castilla, q' fue el Conde Don Alonso señor de Villa Franca, Ponserrada, Medina de Rioseco, Paredes, Fordehumos, i otros vasallos, q' unos, i otros perdio por sus inquietudes, pues succediendo en los Reinos de Castilla, i Leon su hermano el Rey Don Juan el 1.º por sospechas de q' tuvo, q' andavan en deservicio suyo, le confiscó todos sus bienes, i estados año 1483 dando en las Cortes de Toledo, q' se celebro en el mismo año la villa de Noroña a Don Gutierrez de Toledo Obispo de Ouiedo para el, i sus successores, q' desde entonces se intitulan Condes della. Hizosse el Conde fuerte en Gijon, y fue el Rey su hermano con exercito contra el, i tomandole la villa, le embio preso al Castillo de Montaban. Fue este successo tan notable, en aquel tiempo, q' embio el Rei a dar cuenta con embaxada particular, q' llevo Juan Martines de Roxas Alcaide de los hijos dalgo de Castilla al Rei Don Pedro de Aragon. En esta adversidade estuvo Don Alonso asta la muerte del Rei Don Juan su hermano, q' sucedio en Alcala de Henares año de .... por cuyo fallecimiento heredó estos Reinos Don Enrique 3.º su hijo, i sobrino del Conde, q' hauiendole puesto en libertad, i restituido en sus estados, i siendo nombrado por uno de los Gouernadores de Castilla el año 1392, en las tutorias deste Rey, bolvio a sus inquietudes el de 1394. Fue el Rei Don Enrique 3.º con su exercito contra el, i despues de poner guarnicion a sus fronteras, menos la de Gijon, se convinieron en q' el Conde Don Alonso compareciesse en Paris ante Carlos 6.º Rey de Francia, a quien nombraron por Juez arbitro desta cauza, quedando en rehenes Don Enrique hijo 4.º del Conde Don Alonso, que passo a Aviñon a quexarse al Sumo Pontifice Gregorio XI.

En Paris el año 1395 dio el Rei Carlos sentencia contra el Conde,

declarandole por desobediente a los Reyes sus hermanos, i sobrino; por lo cual el Rey Don Enrique le confisco todos sus bienes, i estados, i fue con su exercito a apoderarse de Gijon, i aun que intentó defenderse la Condeça Dona Isabel, se rindio, derribando el Rey las murallas, i desterrandola a ella, que dexando sus hijos en Portugal, se fue con su marido a la Rochela, donde no pararon sus aduersidades por prohibirles el Rey Carlos q' viviessen en Francia; no hallando otro refugio q' la assistencia de la Viscondeça de Touars, q' segun los autores franceses, les dio para q' viviessen la villa de Maraus, donde murieron desterrados, i peregrinos el Conde, i la Condeça, sirviendo de notable exemplo de inconstancia de las felicidades humanas. Tubieron por hijos a Don Pedro de Noroña, Arzobispo de Lisboa, de quien ai mucha descendencia; Don Juan de Noroña q' murio moço de la herida q' recibio en el segundo sitio de Ceuta. Don Fernando de Noroña segundo Conde de Villa-Real (1), i successor de su casa, de quien luego hare memoria; Don Enrique de Noroña q' no dexo succession legitima; Don Sancho de Noroña primer Conde de Odemira, Doña Costancia de Noroña, muger segunda de Don Alonso primer dugue de Bergança, hijo bastardo del Rei Don Juan el primero de Portugal sin succesion. Tubo Don Alonde Conde de Guijon fuera de matrimonio a Don Fernando Enriques señor de las Alcaçovas, de quien ai mucha descendencia, a Don Diego Enriques, de quien vienen los Enriques de Sevilla, i los dela Isla de la madera, y a Don Martin Enriques q' sirvio al Rey Carlos 7.º de Francia, i fue su embajador a Castilla, i del descienden los Santas Martas, desciende una familia del Condado de Fox, q' lleva el nombre, i armas de Castilla. Tubo mas a Dona Beatriz de Noroña, q' casó con Rui Vaz Pereira el viejo, cauallero principal deste linaje, Doña Costança de Noroña, q' caso con Don Fernando de Almada 2.º Conde de Abranches, Doña Isabel Enriques de Noroña, 2.ª muger de Don Diego Hurtado de Mendoça primer duque del Infantado; Dona Aldonça de Noroña, muger de Rui Diaz de Mendoça señor de Moron, i otra hija q' casó con Don Pedro de Campanela, conde de Montorio en el Reino de Napoles, cuyo nieto fue el Papa Paulo 4.º de la casa Carrafa.

(1) Foi o primeiro conde de Villa Real e não o segundo como diz D. Jeronimo de Mascarenhas e outros muitos autores, por julgarem que D. Pedro de Menezes foi o primeiro Conde de Villa Real, quando tal não sucedeu como claramente se vê do epitáfio do seu túmulo em Santarem.

CAPITULO 48.º

Prosigue la descendencia del Conde Don Pedro de Meneses por la Casa de Villa-Real asta Don Pedro, Marques primero desta villa.

Don Fernando de Noroña hijo 3.º de Don Alonso Conde de Guijon i Noroña, i de la Condeça Doña Isabel, i nieto por ambas lineas de los Reyes Don Enrique de Castilla, i Don Fernando de Portugal, fue primer Conde de Villa Real, e Capitan General de Ceuta, por casar con la Condeça Doña Beatriz de Menezes hija primogenita, i heredera de Don Pedro de Meneses, 2.º Conde de Viana, y 1.º de Villa Real (1), 1.º Capitan General de Ceuta; Alferez Mayor del Rey Don Duarte, i Almirante de Portugal, que en Castilla fue tambien Conde de Aillon, i Aguilar; i de la Condeça Doña Margarita de Miranda su primera muger. Celebrose este casamiento año de 1427 con clausula q' los herederos desta casa, i estados se llamassen Menesses, como se ha guardado con los senores della. El titulo de Conde le dio el Rey Don Duarte por donacion de 7 de Deciembre de 1434 concediendoselo por su vida, i la jurisdicion della con mero, i mixto imperio en todos los derechos reales, i rentas, reservando para la Corona las sisas generales.

Fue el Conde Don Fernando de Noroña uno de los valerosos señores, i ilustres Capitanes de aquel tiempo, en cuyas alabanças hazen las historias dilatados elogios: hizole el Rey Don Juan su tio Camarero mayor del principe Don Duarte su hijo, i tio del Conde, primo hermano de su madre, q' despues fue Rey XI de Portugal vnico deste nombre: hallosse mui moço en la conquista de Ceuta año de 1415 en q' dio singulares muestras de su esfuerço. En el de 1428 fue por general de una armada q' el Rey Don Juan embió contra los corsarios q' infestavan el estrecho; cuyo successo, i los q' tuvo en Ceuta, donde aporto, quedan referidos. Por muerte del Conde Don Pedro de Meneses, entro en el gouierno de Ceuta Don Fernando de Noroña año 1438 en el qual por Setiembre fallecio el Rey Don Duarte, por cuya muerte huvo en Portugal muchas disenciones sobre la tutoria del Rey Don Alonso el V, niño de 6 años, entre la Reina Leonor su madre, i el infante Don Pedro su cuñado. En ellas se porto el Conde Don Fernando de Noroña con tal prudencia, q' se conservo neutral, i en gracia de ambas parcialidades: prevalecio el bando de los

(1) É engano, o primeiro conde de Villa Real foi D. Fernando de Noronha como na 4.ª linha dêste capítulo está dito.

Infantes, i siendo hechada la Reina de Portugal, llego en Castilla a extremas penalidades, desamparandola el Duque de Bergança, i su sequito; entonces hizo el Conde Don Fernando aquella accion tan celebrada de nuestras coronicas, siendo el solo el q' desde Ceuta la socorrio con dineros, i joyas q' le embio a Toledo, donde residia año de 1444 sin q' por ello se turbase la paz del Reino, por ser a todos notorio lo hacia el Conde por el deudo q' tenia con la Reina. Gouerno a Ceuta diez años (1) continuos con felicidad, haziendo alos moros considerables daños, como lo dira la historia en su lugar propio, i lleno de meritos, i triunfos murio en esta plaça el año de 1448 (2), su cuerpo fue llevado al Convento de San Francisco de Santarem, donde yace junto al Rey Don Fernando su abuelo. Tubo el Conde Don Fernado de Noroña con su muger Dona Beatriz de Meneses dos hijos. Don Pedro de Meneses, q' fue successor en su casa, i Don Juan de Noroña, progenitor de los Condes de Monsalvo, cuya descendencia se escrivira adelante.

Don Pedro de Meneses hijo mayor de Don Fernando de Noroña, succedio al Conde su padre, i fue en los señores desta casa 2.º deste nombre, y conde de Villa-Real por merced (en su vida) del Rey Don Alonso V, en 6 de Abril de 1451 de juro, i heredad año de 1457 por via ds successsion regulado el señorio de aquella vida, i titulo de Conde della conforme a la ley mental; i despues primer Marques, Capitan General de Ceuta, i uno de los mas excelentes señores, q' en su tiempo huvo en España, por q' anos de valor heredado de su padre, i abuelo, i el de su esclaresida sangre, como bisnieto de las Reyes de Castilla, i Portugal, concurrieron en su persona todas las partes dignas de señor tan grande, assi de grandeça de animo, i esfuerço como de liberalidad, i magnificencia. Quedo por muerte del Conde su padre, moço i assi no continuo en el gouierno de Ceuta immediatamente; a cuya causa la gouernaron antes del, Don Fernando Conde de Arrayolos, q' despues fue 2.º Duque de Bergança, i Don Sancho de Noroña Conde de Odemira; vno como suegro, i otro como tio de Don Pedro. Gouerno despues a esta ciudad, i siendo su general alcançó de los moros celebres victorias; reconociendo el Rey Don Alonso el V su primo tantos meritos, i servicios, le hizo señaladas mer-

(1) D. Fernando de Noronha, 1.º conde de Villa Real, foi nomeado Governador de Ceuta por carta de 18 de outubro de 1437, tomando êste govêrno das mãos de seu cunhado D. Duarte de Menezes, em princípios de 1438. Morreu em Ceuta em 1445, portanto, o máximo que governou esta praça, foi durante 8 anos e não 10.

(2) D. Fernando de Noronha, morreu em 1445, sendo prova evidente dêste facto a nomeação do conde de Arroiolos, depois 2.º Duque de Bragança, D. Fernando, para Governador de Ceuta por Carta de 14 de agosto de 1445, registada a folhas 42, v.º, do livro 25 da Chancelaria de D. Afonso V.

Este Governador só foi tomar conta do seu cargo em princípios do 1447, exercendo estas funções neste intervalo, Antonio Pacheco, Adail e Alcaide-mór desta Praça.

cedes, a el, i su casa. Bolvio el año de 1463 a Ceuta para tratar personalmente dela disposicion de la conquista de Tanjar, empresa a q' el Rey aspirava, i poniendo este principe en execucion el viaje, llegó a Ceuta, i le acompaño, assistiendo a todos los successos de aquella guerra. Despues prosiguio el gouierno con el valor i dicha, q' mostrará la historia. Murio el Rey Don Enrique 4.° de Castilla año 1472, por cuya muerte tuvo entre estas dos coronas grandes dissenciones, pretendiendo la de castilla su hija Doña Juana, i Doña Isabel su hermana, ambas juradas Princesas deste Reino. Levantosse por esta causa una terrible guerra entre Don Fernando principe de Aragon, i Rei de Sicilia, marido de la Reina D.ª Isabel (que despues con renombres de Catholicos fueron Reyes gloriosos destos, i otros muchos Reinos) i el Rei Don Alonso de Portugal, esposo de su sobrina Dona Juana, a quien sirvio el Conde Don Pedro con tanta fineza, i lealtad, q' en una carta, q' su hijo el Marques Don Fernando escrive al Rey Don Manuel, dice le auia escrito su padre, q' aun q' en Castilla le diessen todas las rentas i vassallos, q' fueron del Conde de Gijon su bisabuelo, no dexasse jamas el partido del Rei Don Alonso. Entró este principe en Castilla, llamado del Arzobispo de Toledo, Marques de Villena, Duque de Arivalo, i otros grandes, acompañole el conde con mucha gente de armas a su costa. Hallosse en la batalla de Toro, dexando el Rey en esta ciudad al Conde de Villa-Real, i al Duque de Bergança en guarda de la Reina Doña Juana. En esta ocasion estando el Rey Don Alonso V en la ciudad de Toro como se intitulaba Rey de Castilla, restituyo a Don Pedro de Meneses los titulos, i tierras de Guijon, i Noroña por carta de 17 de Febrero de 1476 como a legitimo successor de Don Alonso su abuelo, que se conserva original en el archivo desta casa. Concluyosse esta guerra despues de varios successos, prosperos, i adversos, i estando estos principes en paz murio el Rey Don Alonso en Cintra año 1481 en Agosto dia del gran padre de la Iglesia S. Agustin, sucediole en la corona el principe Don Juan su hijo XIII Rey de Portugal, y 2.° deste nombre, en cuyo servicio resplandecio el valor, i fidelidad del conde, de manera entre las linieblas de aquel tempo, que quando por deservicios, i conjuraciones murieron muchos señores del Reino, el mismo Rei, q' mando executar sus muertes hizo singulares fauores, i mercedes al Conde por su lealtad, i finezas nombrandolo Marquez de Villa-Real en la Ciudad de Beja año 1489 para el, i sus successores con la solemnidad, i grandeça, q' se refiere por extenso en la cronica deste Principe. Hizo el Chanciller mayor del Reino una oracion en sala Real mui elegante, en q' refirio los meritos, i calificados servicios del conde, i lo ilustre i claro de su nobleza, i de la Real sangre de sus progenitores. Comio este dia el marquez con el Rey, recibiendo otros muchos fauores, i entre ellos el Condado de Ourem. Crio de nuevo este estado el Rey Don Fernando de Portugal, bisabuelo del Marques Don Pedro, i se le dio al Conde Don

Juan Alfonso Tello de Meneses, tambien 3.º abuelo del Marques por la linea materna. Vino con las guerras, i alteraciones siguientes a posurlo el condestable Don Nuño Alvarez Pereira, q' junto con otros estados dexó a sus descendientes hasta Don Fernando 3.º Duque de Bergança su bisnieto, i cuñado del marques, q' muriendo degollado año 1483 fueron sus bienes confiscados por la corona, i dado el condado de Ourem al marques Don Pedro. Mas bolbio despues a la casa de Bergança, restituyendossele el Rey Don Manuel, i dando recompesa a la de villa real. Acresento el marques Don Pedro su casa con el señorio de Almeida villa noble en la comarca de Riba de Coa, q' los antiguos llamaron trasdutanos: fue tambien señor de las islas de las canarias, q' despues trasfirio al Infante Don Fernando. Hizo el Rey Don Juan el 2.º aquien los autores i el mundo deuidamente llamaron, i llamaran siempre Principe perfecto, tanta estimacion del marques Don Pedro en todas las ocasiones, q' poniendosse en consejo (auiendo llegado a Portugal Christobal Colon) si continuaria, ó dexaria la conquista, i descubrimiento de la India, siendo los mas de parecer, dexasse, i votando el Marquez (entonces Conde) en contrario, basto sola su autoridad a persuadir al Rey, i a todo su consejo a que por aclamacion siguiessen su voto, de q' resulto aquel Reino tanto provecho, i a la nacion Portuguesa inestimable gloria, dilatando, i estendiendo el sagrado evangelio por las mas remotas naciones del universo. Por estos tiempos succedieron en Castilla los disgustos entre la casa del Almirante, y la de Toral, por cuya causa Ramiro Nuñez de Guzman se passó a Portugal, i refiere Esteban de Garibai, que no entró en aquel reino asta que el Rey Don Juan tomó la palabra al Marquez de Villa-Real de no agrauiarle por ser deudo del Almirante. Continuo el Rey con estas demostraciones de voluntad al marquez asta su muerte, que fue en Alvor, villa del Reino del Algarve a 25 de Otubre del año de 1495. Succediole su primo hermano, i cuñado Don Manuel, q' prosiguio en ellas con la misma igualdad, haziendo a los principios de su reinado a su hijo mayor Don Fernando, i a todos sus descendientes primogenitos de la casa de Villa-Real condes de Alcoutin. Quatro años vivio el marquez del Reinado deste Principe, i de su muerte dice su coronista Damian de Goes estas palabras. En este año de 1499 fallecio en Lisboa Don Pedro de Meneses 1.º Marquez de Villa-Real, de que el Rey, i toda su corte tubieron grande sentimiento; i el Rey se encerro con muestras de tristeza por la muerte de una persona tal, de quien el, y sus Reinos assi en la paz, como en la guerra, recibieron muchos, i señalados servicios. Su cuerpo esta sepultado en el Convento de San Francisco de Santaren en el Capitulo q' es en el Claustro; i alli mismo su padre, i el Rey Don Fernando su bisabuelo. Casó el marquez Don Pedro de Meneses por autoridad del Rey Don Alonso su tio con la marquesa Doña Beatriz hija de Don Fernando 2.º Duque de Bergança, i de la Duquesa doña Juana de Castro

Sra. del Cadaval, hija de Juan de Castro señor deste estado, prometiendole el Rey en dote veyente mil doblas de oro, con condicion q' se emplearan en bienes, i rentas en q' por via de mayorasgo sucediera el hijo primogenito con otras clausulas, i condiciones declaradas en la escritura del Contrato, que fue confirmado por el mismo Rey, i esta en el libro de las mercedes desta casa fol. 45. Fueron hijos deste matrimonio Don Fernando de Meneses primer Conde de Alcoutin, q' heredo su casa. Don Antonio de Noroña primer Conde de Linares; Don Enrique de Noroña, Don Diego de Noroña, Don Juan de Noroña Bispo de Ceuta, Prior de Santa Cruz de Coimbra, Doña Juana de Noroña, a quien el Rey Don Manuel caso con Alonso condestable de Portugal, su sobrino, hijo natural del Duque de Viseu su hermano. Tubo el marquez Don Pedro bastardos a Don Pedro de Noroña, Don Antonio, Don Christobal, i Don Jorge de Noroña, a quien mataron, los moros sirviendo en Ceuta, gouernando Don Pedro de Meneses conde de Alcoutin su sobrino sin succession; Don Tristan de Noroña, a quien mataron los moros en Ceuta, el mismo dia que a su hermano tambien sin descendencia; Don Francisco de Noroña, Doña Catalina de Meneses, monja de Santa Clara de Santaren; i despues mudado el Abito Abbadessa en el monasterio de Almoster de la Orden de San Bernardo.

CAPITULO 49.°

Prosigue la descendencia de la Casa de Villa-Real asta Don Manuel de Meneses, Quinto Marques

Don Fernando de Meneses 2.° Marques de Villa-Real, primogenito del marques Don Pedro, heredo la casa de su padre, i el gouierno de la ciudad de Ceuta. Fue insigne cauallero en paz, i guerra, i igual a sus generosos ascendientes de q' dio iguales muestras en servicio de quatro Reyes de Portugal, aumentando el explendor de su sangre con muchas virtudes, de que fue adornado, en letras, discression, i elocuencia, hallanse algunas obras suyas escritas con notable elegancia. Sirvio al Rey Don Alonso el V, en las guerras de Castilla con mucho esfuerço, passo a Ceutã en tiempo del Rey Don Juan el 2.° entonces guerra de mayor riesgo, exerciendo el puesto de general con opinion de valeroso; los successos militares, q' tubo en ella se escribiran en su propio lugar. Despues de muchos, i continuados servicios que hiço en Ceuta a la Corona, se vino a la Corte, i fue recebido del Rey con las honras q' merecia. El Rey Don Manuel su primo segundo estando en Muge año 1490 le hizo merced de crearle de nuevo conde de Alcoutin Villa en el Algarve sobre el Rio Guadiana, donde con sus aguas divide los Reinos de Cas-

tilla, i Portugal, concediendole, q' de alli adelante los hijos mayores legitimos de los marqueses de Villarreal se llamasem condes de Alcoutin. El mismo Rey concedio al marques el titulo de Conde de la villa de Valencia del miño de juro, i heredad para el, i sus successores, i herederos por linea derecha, segun la forma de la ley mental, i q' siempre que por succession le viniesse el señorio de aquella villa se llamassen luego condes della los successores sin ser necesaria otra autoridad Real, por carta del 12 de Diciembre de 1499, q' se halla confirmada por los Reyes sus succesores asta el Rey nuestro señor, Don Felipe 4.º El mismo Rey Don Manuel en satisfaccion del titulo de Conde de Ouren, dio al marques Don Fernando para el, i sus succesores el de Conde de Valdares (cuyo señorio le hauia concedido antes) en carta de 4 de Deciembre 1510, q' se conserva en el archivo desta casa. Fue tambien condestable de Portugal en la vacante del condestable Don Alonso su cuñado en quanto no tuvo años bastantes para servir esta dignidad carta del Rey Don Manuel de 20 de noviembre de 1496, fue frontero mayor del Algarve por su vida por carta del propio Rey de 25 de noviembre del mismo año, i en el siguiente de 1497 passo este oficio al marques Don Pedro su hijo siendo Conde de Alcoutin por carta del mismo Rei de 17 abril de aquel año. Sirvio Don Fernando a este felizissimo Principe en las ocassiones de mayor consideracion: hallosse en el casamiento de la Reina Doña Leonor su 3.ª muger hija del Rey Don Phelipe el hermosso, i hermana del Emperador Carlos V. Murio el Rey Don Manuel en Lisboa a 13 de Septiembre año 1521 estando presente el marques Don Fernando, i el Conde de Alcoutin su hijo, hallosse despues al acto de la coronacion de Don Juan el 3.º su hijo, q' fue con solemne triunfo. Caso la infanta Doña Isabel su hermana con invicto emperador Carlos V, partio la emperatriz para Castilla año 1526 acompañada de los infantes Don Luis, i Don Fernando, Duque de Bergança, i Marques de Villa-Real, a quien el Rey mando acompañasse a la emperatriz asta entregarla al emperador su esposo, como lo hizo assistiendola asta Sevilla, i lleno de muchos favores de su magestad Cesarea se bolvio a sus estados. Casó el Marques Don Fernando por amores, mas con authoridad del Rei Don Manuel, con Doña Maria freire, señora del condado de Alcoutin por donacion del Rey Don Alonso el V en 20 de Octubre de 1465 que esta en el libro de las mercedes desta casa folio 37. Dama hermosisima, hija de Don Juan freire de Andrada, Sr. deste estado, q' se compone de muchos vassallos, i rentas; i de su muger doña Leonor de Silva. Era Don Juan Freire nieto de Don Nuno Freire de Andrada, Maestre de la Orden de Christo, i Ayo del Rey Don Juan el 1.º tubo por hijos a Don Pedro de Meneses Conde de Alcoutin, q' le succedio; Don Juan de Noroña, q' los moros mataron siendo general en Ceuta, cuja sucession se escribira despues; Don Nuño Alvarez de Noroña; Don Alonso de Noroña, q' tambien fue general de Ceuta, i Virei de la India,

cuya descendencia se escribira adelante; Doña Leonor de Noroña, q' siendo señora de grandes partes assi de gentileza como de entendimiento no quiso casar; fue doctissime en las letras humanas, i tubo conocimiento de muchas lenguas, traduxo las de Marco Antonio Sabelico en nuestro idioma. Duarte Nuñez de Leon en su descripcion de Portugal haze particular memorie de sus obras. Murio el marques Don Fernando año de 1... y esta sepultado en el mismo convento de San Francisco de Santaren con sus mayores.

Don Pedro de Meneses hijo mayor del marques Don Fernando, succedio en su casa, i fue 3.° marques de Villa-Real, Capitan General de Ceuta, en cuyo gouierno en vida de su padre se mostro valeroso caual-lero, i excelente capitan, igualando en la gloria militar a sus abuelos, como lo dira la historia en su lugar. Estando en el reino se hallo en las ocasiones de mayor consideracion como persona tan principal. Caso con la marquesa Doña Beatriz su prima hermana, hija de Don Alonso condestable de Portugal, i de Doña Juana de Noroña hija del primer marques de Villa-Real. Era el Condestable Don Alonso sobrino del Rey Don Manuel, hijo de su hermano mayor Don Diego Duque de Viseu, auido estando en Castilla en Doña Leonor de Soto mayor Duquesa de Villa hermosa; nieto del Infante Don Fernando, i de la Infanta Doña Beatriz, bisnieto del Rey Don Duarte; i de la Reina Doña Leonor Infanta de Aragon hija del Rey Don Fernando 1.° de aquel Reino, i de Sicilia, i de la Reina Doña Leonor. Esta Doña Beatris estuvo tratada de casarse con el infante Don Fernando su primo hijo del Rey Don Manuel, i por la poca edad deste Principe, i otros respectos, no auiendo efecto el matrimonio, se caso con el Marques Don Pedro. Fueron sus hijos Don Miguel de Meneses Conde de Alcoutin, q' heredo la casa, Don Manuel de Meneses i Noroña, q' tambien vino a heredarla, Doña Juliana mayor q' sus hermanos, q' caso con Don Juan de Castro, hijo de Don Jorge Maestre de Santiago, i Avis, Duque de Coimbra, hijo del Rei Don Juan el 2.° de quien proceden los duques de Aveiro; Doña Barbara Condeça de la Castañeira, muger de Don Antonio de Ataide 2.° conde deste titulo, Doña Maria de Noroña monja en santa Clara de Santaren, i huvo bastarda a Doña Margarita Dama de la Infanta Doña Maria, hija del Rey Don Manuel, i otros muchos hijos, q' murieron siendo niños.

Don Miguel de Meneses 4.° Marques de Villa-Real, Conde de Alcoutin, i Capitan General de Ceuta, proprietario, i vnico de la casa, q' no exercito este puesto, hijo del marques Don Pedro, fue cauallero generoso, y de grandes esperanças, por q' se hallaron en su persona muchas prendas dignas de su sangre. Murio en la flor de su edad de una desgracia de un cauallo sin dexar hijos, estando casado con la Marquesa Doña Phelipa de Lencastro, dama de la Reina Doña Catalina, hija de Don Antonio de Lescastre Comendador mayor de la orden de Christo, i em-

bajador de Roma, i de Doña Jeronima de Noroña, nieta de Don Dionis de Portugal, conde de Lemos, i de la Condeça doña Beatriz de Castro señora desta casa, i bisnieta de Don Fernando Duque de Bergança, i de la Duquesa Doña Isabel hermana del Rey Don Manuel. Celebrose este casamiento con authoridad del Rei Don Juan el 3.° q' le dio el titulo de Marques de Villa-Real de juro, i heredad para el, i sus succesores, i dispensacion de la ley mental por una vez, como se ve de la donacion desta merced hecha por el Rey Don Sebastian de 12 de Julio de 1577 que quedo por firmar al tiempo de la muerte del Rey Don Juan el 3.° su abuelo.

Heredo la casa, i grandesa del Marques Don Miguel, Don Manuel de Meneses su hermano (sin embargo de ser transversal por la derogacion de la ley mental) 5.° marques, i despues duque de Villa-Real, Conde de Alcoutin, Capitan General de Ceuta. Antes de heredar estos estados estuvo en esta ciudad sirbiendo una encomienda; despues de posseerlos passo a gouernarla dos veces, donde hiço guerra a los moros con gran felicidad; i por estar en la ocasion de la jornada del Rey Don Sebastian a Africa Gouernando esta Plaça, no se hallo con el en la batalla de Alcaçar; passo despues a Portugal, i en la succession de Rei Phelipe 2.° en aquella corona, se mostro fino servidor suyo contra los sediciosos, q' procuravan inquietar el Reino, i perturbar su notorio derecho a aquella corona, i agradecido a sus muchas finesas le hiço Duque de Villa-Real, con otros fauores dignos de su grandeça, i de los meritos del Duque. El titulo de Duque de Villa-Real fue concedido en vida del marques por carta de 19 de febrero de 1584 y tambien le concedio q' por dos veces no quedasse su casa, i cosas dellas sujetas a la disposicion mental, i q' succediendo fallecer alguno de los tres sin dexar hijo legitimo, que succeda en la forma de aquella ley, succediesse hija, i en falta de descendiente succediesse el pariente mas llegado al ultimo posuedor por Alvará de 1.° de Março de 1591 y por otro de 11... del mismo año, que todas las cosas, q' los Reyes passados estuviessen concedidas a esta casa de por vida, no vacassen para la corona por muerte del Duque, antes biniese a su hijo nieto o bisnieto. Caso con Doña Maria Coutiño, hija de Don Alvaro Coutiño 2.° Conde de Redondo, i de la Condeça doña Isabel Enriquez hija de Don Fernando Martines Mascareñas, Sr. del estado de Lavra, Capitan de la guarda de los Reyes Don Juan el 2.° y Don Manuel, General en propiedad de la Caualleria del Reino de Portugal, Alcaide Monte Mayor, i Alcaçar de la sal, comendador de la gran encomienda de Mertola, i de su muger Dona Violante Enriques, bisnieta del Rey Don Enriques el 2.° de Castilla, progenitores ambos de las casas titulares de los Condes de santa Cruz, de Obidos, Palma, i de la Torre, i de los marqueses de Montalvan, i Condes de Castel novo. Tuvo el Duque Don Manuel por hijos en la Duquesa su muger a Don Miguel de Meneses

Conde de Alcoutin successor en su casa; Don Luiz de Noroña, q' tambien lo fue; Doña Beatriz de Lara muger de Don Pedro de Medicis Cauallero de la Orden del Tuson hijo de Cosme de Medicis 2.° Duque de Florencia, i gran Duque de Toscana; i de la Duquesa Doña Leonor de Toledo su muger, Doña Juliana de Lara que caso con Don Sancho de Noroña, Conde de Odemira, sin succession, Doña Isabel, i Doña Phelipa monjas en Leiria; i bastarda a Dona Ines Monja, i Abbadesa del convento de Almoster. Con esta succesion murio el Duque Don Manuel en Leyria año 1590.

CAPITULO 50.°

Concluye la descendencia de la Casa de los marqueses de Villa-Real Duque de Camiña

Don Miguel de Meneses 1.° Duque de Camiña, VI Marques de Villa-Real, Conde de Alcoutin, Conde de Valencia, i valladares, señor de las villas de Almeida, i Rañados, i otros muchos vassallos, Capitan General, i gouernador perpetuo de la Ciudad de Ceuta, sucedio al Duque su padre en esta casa, i grandes estados, en edad floreciente. Fue uno de los señores que mas celebro la fama en este tiempo, porq' se hallaron en el todas las virtudes, i partes de cauallero, generoso, i liberal, diestro en todos los exercicios militares, en particular en los de acavallo, en q' no fue excedido de alguno de su tiempo, de gran animo, i valor, i tan inclinado a la guerra, que se ocupo en ella mas de veyente años con notables gastos. En el de 1591, passo la primera vez al gouierno de Ceuta, donde estuvo 11 años haziendo continua guerra a los moros, que sobervios poco antes, por la victoria alcançada a los portugueses en los campos de Alcaçar, corrian a nuestras fronteras, Africanas sin temor. Mas el marques se mostro con ellos con tal prudencia, i esfuerço, q' no solo repolso su osadia, mas los puso en recelos, inquietandolos en sus propias casas con entradas, i correrias, tomandoles muchas presas de Cautivos, i ganados con notable felicidad y con la misma limpio el estrecho de piratas, q' infestavan las costas de Andaluzia. Aun 1602 bolvio a Portugal a casarse con Doña Isabel hija de Don Theodosio Duque de Bergança, i de la Duquesa Doña Beatriz de Lencastro, cuyas bodas se celebraron en la villa de Landroal, con notable grandeça, i con la misma fueron traidas madre, e hija a la ciudad de Leiria, asiento principal de la casa de Villa Real. Bolvio 2.ª vez a Ceuta el año de 1607 i assistio en aquella plaça 9 años, i en los mas tubo paz con los moros, mas bolvio a sus estados dexando en el gouierno a su hermano Don Luis de Noroña año 1616 y en el de 1619 se hallo en el juramento, despues injustamente

violado, del Principe Don Phelipe, oi Rey de España IV deste nombre; siendo de los que mas se señalaron en esta ocasion, assi en la ostentacion como en el sequito de los señores; i caualleros sus deudos, por ser su casa tan emparentada en el Reino. Antes de salir del, le hizo el Rei Felipe 3.º merced del titulo de Duque de Camiña, pueblo maritimo en la provincia de Entre Duero i miño, donde este Rio entra en el Occeano, diuidiendo a Portugal de Galicia. Passo tercera vez a gouernar a Ceuta por Henero del año de 1623 mas muriendo el mismo año la Duquesa de Bergança Doña Beatriz de Lencastro su suegra, bolvio a su casa por Deciembre, assistiendo en ella asta el de 1625 en q' por Julio bolvio la 4.ª i ultima vez a Ceuta (1). Murio la Duquesa de Camiña el año siguiente de 1626 por cuya causa, dexando el Duque el gouierno á Don Dionis Mascareñas de Lencastro su sobrino, se retiro a su casa para tratar de negocios convenientes a la succession, i aumento della, si bien le succedieron disgostos que le duraron mientras vivio. Fue el Duque Don Miguel casado dos veces: la 1.ª con Dona Isabel hija de Don Theodosio 5.º Duque de Bergança, i de la Duquesa Dona Beatriz de Lencastro su segunda muger, bisnieta por su varonia del Rei Don Juan el 2.º de Portugal, de quien no tuvo hijos. La 2.ª con Doña Maria de Noroña su sobrina, hija de Don Luis de Noroña su hermano, que despues fue marques de Villa-Real, de quien tambien no tuvo hijos. Huvo en Ceuta natural a Doña Antonia de Noroña, q' caso con Don Carlos de Noroña del Consejo de la Conciencia, i ordenes de Portugal. Murrio el Duque en Leiria por Agosto de 1637.

Don Luis de Noroña hijo 2.º del Marques, i Duque de Villa-Real Don Manuel hermano, i successor del Duque, i Marques Don Miguel, quedo por muerte de su padre de tierna edad por ser el ultimo de sus hermamanos. Hizole la Mag.d del Rey Don Phelipe 2.º de Portugal, y 3.º de Castilla merced de la encomienda de Villafranca, una de las grandes de la orden de Christo, q' junto con algunos prestimonios de la casa (q' los tiene considerables) eran las rentas q' goçava antes de heredarla. Estudio en su puericia la lengua latina, i las artes liberales, en particular la Philosophia, de q' tuvo bastante noticia, tambien oyo theologia, en el Real convento de la batalla, de la orden de S. Domingos, dos leguas de la ciudad de Leiria, donde residia su casa. En estos exersicios se ocupo hasta casar con Doña Juliana de Meneses hija de los Condes de Tarouca, por cuya causa le parecio al Duque (entonces marques) su hermano introducirle en la ausencia que hazia en el gouierno de Ceuta, para q' imi-

(1) Das investigações que fiz para organizar o estudo «Governadores Capitães Generaes de Ceuta», que publiquei no IV volume da *Historia e Genealogia*, encontro que o 1.º Duque de Caminha governou Ceuta por cinco vezes, sendo na verdade a ultima vez de 1625 a 1626, não coincidindo porem as outras datas acima, com as que indico no referido estudo.

tando a sus gloriosos progenitores, mostrara su talento en los actos militares como lo hauia hecho en las sciencias. Alcançada licencia de su magestad para este efecto, hizo Don Luis su jornada en compañia del Conde de Tarouca su suegro, q' a la saçon passara a gouernar la ciudad de Tanjar, i despues de haverse visto con su hermano yendo aesta ciudad para llevar a su muger a Ceuta, succedio la muerte del Conde de Tarouca, i fue electo Don Luis de Noroña por general de aquella plaça, q' gouerno cerca de un año com mucha satisfaccion. Llegó el Conde de Redondo a ocupar este puesto, i Don Luis se fue al de Ceuta, q' le entrego el Marquez su hermano por Julio de 1616 y fue su Capitan General siete años no faltandole muchas ocasiones, que mostro su valor, q' tendran particular lugar en esta historia. Bolbio el Marquez ya Duque a Ceuta año 1623 y Don Luis con su casa a Portugal a la Villa de Aveiro, donde residia su hermana Doña Beatriz de Lara, viuda de Pedro de Medicis hermano del Gran Duque de Florencia, q' por no tener hijos adopto los de Don Luis. Este bolvio a Ceuta año 1625 en la ocasion q' en aquella plaça se esperaba la armada de Inglaterra en el de 1626 vino a esta Corte a sus pretensiones; i en el de 1627 le hizo su Magestad merced de titulo de consejero de estado: con que fue al Reino a tratar de los casamientos de sus hijos, i a componer las inquietudes de la casa del Duque su hermano, q' duraron lo q' el vivio. Por su muerte el año de 1637 heredo Don Luis esta casa mudando el apellido de Noroña em Meneses, conforme ala clausula del fundador. Fue septimo marques de Villa-Real, Conde de Valencia, i valladares, señor de las tierras, vassallos, i rentas, que eran juro, i heredad en esta casa, passando a Don Miguel de Noroña su hijo con el titulo de Conde de Alcoutin, q' es de los progenitores della, el de Duque de Camiña, i Capitan General de Ceuta con lo mas q' era de por vidas por merced que su Mag.^{d} le hico en su segundo casamiento: i por q' este cauallero no logro la succession destos estados, i los successos suyos, i de su padre fueron siempre tan promiscuos, i eslabonados, que se reputaron por una misma cosa asta acabar las vidas juntos en un dia, e hora parecio hacer en este lugar memoria de los casamientos de ambos para q' esta narracion quede mas desembaraçada, i clara de todo successo.

Fue el marques Don Luis casado con la marquesa Doña Juliana de Meneses hija de Don Luis de Meneses, Conde de Tarouca, i de la Condeça Doña Juana Enriques, hermana del Conde de Penaguião, Juan Rodriguez de Saa. Tubo deste matrimonio a Don Miguel de Noroña, que murio niño en Ceuta, i a Doña Maria de Noroña, que caso con el Duque su tio, y 2.^{a} vez con Don Luis Puerto Carrero Conde de Medellin; i por muerte de su padre, y hermano es Duquesa de Camiña, e Marquesa de Villarreal; Don Miguel de Noroña Duque de Camiña, i Cònde de Alcoutin heredero de la casa de su padre, i tio, caso tres veces, i todas antes

destos titulos, la 1.ª con Doña Margarita de Mora, hija mayor de Don Manuel de Mora Corte Real 2.º Marques de Castel Rodrigo, Conde de Lumiares, Comendador mayor de la Orden de Christo, q' tambien lo fue de la de Alcantara, Gentil hombre de la cámara de su Mag.d de su consejo de Estado, grande de Castilla, Embajador de Roma, i gouernador de los estados de Flandes, Mayordomo mayor del Rei nuestro señor Don Phelipe 4.º y de la marquesa Doña Leonor de Mello hija de Don Nuño Alvarez Pereira de Melo, Conde de Tentugal, i nieta de Don Christobal de Mora, 1.º marques de Castel Rodrigo, Comendador Mayor de la Ordem de Alcantara, Virrei, i Capitan general de Portugal dos vezes, del consejo supremo de aquel Reino en esta corte y del de estado, gentil hombre de la camara, sumiller de Corpo, y camarero mayor de Phelipe 2.º, Ayo de Phelipe 3.º, i grande de Castilla, i de la marquesa Dona Maria Corte Real señora desta casa, hija, i heredera de Vasque Anes Corte-real, Señor de las Capitanias de las islas, tercera, San Jorge, i Pico, i de Doña Maria da Silva, hija de Don Juan Mascareñas señor de Lavra, General de la Caualleria de Portugal puesto que goça su casa, i de su muger Doña Margarita Coutiño hija mayor de Don Vasco Coutiño 1.º Conde de Borba, i de Redondo, i de la Condeça Doña Catalina de Silva. No tuvo el Duque Don Miguel succession desta señora. Caso segunda vez con Doña Mariana de Castro, su cuñada, dama de honor de la Reina Doña Isabel de Borbon, hija segunda de los propios marqueses de Castel Rodrigo, de cuyo matrimonio tuvo un niño que murio luego. La tercera vez caso con Doña Juliana Maria de Faro, Condeça de Faro; hija, i heredera de Don Dionis de Faro 2.º Conde de Faro, i de la Condeça Doña Madalena de Lencastre hija de Don Alvaro de Lencastre duque de Aveiro, i de la duquesa Doña Juliana de Lencastre señora propietaria desta casa, hija de Don Jorge de Lencastre, 2.º Duque de Aveiro, i de la duquesa Doña Madalena Giron, hermana de Don Pedro Giron 1.º Duque de Osuna, hija de Don Juan Tellez Giron 3.º duque de Ureña, i de la Condeça Doña Maria de la Cueva. El Conde Don Dionis de Faro, fue hijo de Don Estevan de Faro 1.º Conde de Faro, i de la Condeça Doña Guiomar de Castro, hija de Don Juan Lobo Varon de Albito, i de su mujer Doña Leonor Mascareñas, hija de dicho Don Juan Mascareñas, Señor de Lavra, i de Doña Margarita Coutino, hija de los Condes de Redondo, i Borba. Tampoco deste casamiento quedo succession, con q' se aumento en gran parte la lastima de la tragedie desta casa. Della escrivo particular historia, a q' me remito para una lastimosa disgresion en esta.

CAPITULO 51.º

Prosigue su gouierno Don Duarte de Meneses.
Successo del Sitio del Tanjar. Entra Don Fernando de Noroña general proprietario. Elogio, i acciones de Don Duarte.

Continuare aora la succession de los Generales de Ceuta despues q' murio el Conde Don Pedro de Meneses su primer gouernador, i Capitan General, i aun q' no faltaran succesos, con q' proseguir la historia, seran deste agora menos continuados, por q' los moros quebrantados de tantas perdidas, i desengañados de la restauracion desta plaça, continuaron menos las correrias, su mayor teson fue en los 22 años antecedentes, prosiguiendo en molestar a los portugueses con esperanças de q' dexasen la Plaça, asta q' los desengañaron las experiencias de tan siniestros successos.

Los progresos del sitio de Tanjar (de q' nos suspendio la muerte de Don Pedro de Meneses, para hacer debida memoria de su descendencia ilustre) pertenecen mas a la historia general del Reino q' a esta; baste saber por mayor q' despues de diferentes combates intentados, i proseguidos con sumo valor en muchos dias sitio, la peste q' dio en el exercito, la multitud, i poder inmenso de los enemigos con los socorros de los Reyes de Fez Marruecos, Belez, i Tafilete, desconfiaron a los Infantes, no solo de ganar la ciudad, mas de poder salir del sitio, ó con reputacion, ó con vida. Viendo q' su exercito se auia reducido a menos de tres mil soldados de los que podian tomar armas, trataron de condiciones de paz con Çalabençala señor de Tanjar, i como era el venceder las dio a su gusto i fueron q' para q' nuestro exercito saliese del sitio, i se embarcasse con seguridad, le darian la ciudad de Ceuta, i q' mientras no se le entreguasse con efecto, quedaria en su poder el Infante Don Fernando, i para q' se embarcassen seguramente el daria el hijo mayor, i para el quedarian otros caualleros portugueses. Despues deste contrato boluieron los barbaros a sitiar a los nuestros con intento de consumirles con ambre, i sed, matando, i prendiendo a los que debaxo de seguro, andavan fuera de las fortificaciones; mas el Infante Don Enrique, queriendo antes experimentar el ultimo peligro que dexarlos morir, se fue retirando en orden a la playa, i aun que con gran contradicion se embarco con perdida de quiñientos hombres, dexando muertos en el campo mas de cuatro mil barbaros.

El Infante por el contrato q' los Moros, i Çalabençala no guardaron hizo represa de las personas q' quedaron en rehenes; i los embio a Ceuta; acordo q' el Conde de Arrayolos, el Obispo de Évora, i Don Fernando de Castro con todos los caualleros que no eran de su casa se bolviesen al Reino se fue a Ceuta con proposito de no salir de aquella plaça asta q' se efectuasse la libertad del Infante. Llego a Ceuta lunes, y en el mismo dia cayo gravisimamente enfermo, asi por la continuacion de las armas, i trabajos q' passó, como por la tristeza de dexar en tan aspero cautiveiro a su hermano. El miercoles siguiente despues deste successo, llego a Ceuta el Infante Don Juan, q' se avia quedado en el Algarve para remitir socorros, no se detuvo mucho por q' Don Enrique le embio a Arzila con el hijo de Çalabençala, i los otros rehenes, para que le embiassen adecir por q' los moros avian quebrantado las Capitulaciones en la salida del exercito, le entregasse al Infante Fernando por su hijo, donde no intentara su libertad por las armas. Partio de Ceuta Don Juan a 29 de Octubre, i auiendo llegado al puerto de Arzila con los rehenes, sin aver dado principio a la platica, sobrevino tan racia tempestad, q' le hiço correr gran peligro hasta el Algarve, donde aporto con los rehenes. Don Enrique con este nuevo accidente, hizo haser el mismo requerimiento a Çalabençala, i no alcanço la respuesta, q' deseava, con que escribio al Rey dandole cuenta de toda la jornada, i consolandole de la perdida. Lo mismo hiço a los Reyes de Castilla, i Aragon, mostrando a todos con muchas raçones, como no convenia a la Christiandad, ni a España, entregar la Ciudad de Ceuta a los moros por la libertad de su hermano; mas el Rey, a quien mas tocava la perdida de Ceuta; i los otros infantes eran de contrario parecer, como adelante dire.

Por este tiempo llego a Ceuta Don Fernando de Noroña General propietario de la Plaça, nombrado por el Rey Don Duarte en 18 de Octubre de 1437 por carta q' esta en el archivo desta casa, en q' le concede todos los poderes, q' el Rey Don Juan el 1.º su padre concedio al Conde de Viana Don Pedro de Meneses suegro de Don Fernando; a quien Don Duarte de Meneses entrego el Gouierno, sin q' huuiesse succedido en ella en los pocos dias, q' le tubo cosa digna de memoria, mas q' lo referido del sitio de Tanjar, i entrada de los Infantes en aquella plaça despues del successo; mas por ser benemerito de Ceuta, i dos vezes Gobernador suyo, aun q' en interim, la primera, quando su padre passo a Portugal, i la segunda quando por su muerte le dexó encargado el gouierno, i por hauer perdido ultimamente la vida en Ceuta años adelante, sera justo q' se haga elogio suyo como de los otros generales, pues ademas de merecerlo como gouernador, se le debe por lo mucho q' hizo en esta plaça en servicio de la corona.

Don Duarte de Meneses Conde de Viana nacio en Lisboa, cabeça, y metropoli del Reino de Portugal el año 1414 fue hijo bastardo de Don

Pedro de Meneses, Conde de Viana, i Villa-Real (1) Alferez Mayor de Portugal, i de Isabel Dominguez muger noble criada de su primera muger Doña Margarita de Miranda. Siendo de 9 meses de edad, passo su padre a Ceuta, acompañando al Rey Don Juan el 1.º de Portugal en aquella gloriosa conquista, i dexo encargada la educacion, i criança del hijo a Juan Alvarez Pereira, deudo suyo, Ilustrisimo progenitor de los Condes de la Feira. Criole con particular solicitud hasta los 6 años en q' passó a Ceuta en compañia de sus hermanos. Lusiosele la buena criança del deudo en los pocos años que le tubo en su casa, por q' salio instruida su jubentud de manera, q' jamas se le conocio vicio q' se la manchase. En Ceuta continuo la misma solicitud con el cuidado del padre, q' conociendo sus buenas inclinaciones, le encaminaba al estado eclesiastico; mas viendo que el coraçon le inducia a acciones valerosas, i q' un dia sin orden suya, siendo de diez años, salio a escaramuçar con los moros, trato de q' tomasse la profession de soldado, en q' desde luego empeço a instruirle, tomandole por compañero de sus glorias. Por esta causa le encargo en aquella edad algunas entradas menos considerables, i mostrando alli la fortuna los favores, q' le hauia de hacer en otras empresas, no rehuso fiarle las mayores. Ya referi por menor los successos q' tubo en Ceuta en todo el tiempo q' governo el Conde su padre, hasta q' por muerte suya quedo encargado del gouierno, poco despues le entrego a Don Fernando de Noroña su cuñado, de quien era en propiedad aquel puesto.

Detubose Don Duarte algunos dias en Ceuta por ver en q' parava una nueva liga, q' los moros disponian, i no faltar en occassion de tanta honra; mas no teniendo efecto las amenaças prevenidas, se partio en compañia de su hermana Doña Leonor a Portugal mediado el año de 1438, i con prospera viaje de 4 dias llego al puerto de Lisboa. De alli passo a Avis, donde se hallava el Rey retirado con el sentimiento del successo de sus hermanos, i con el temor de la peste, q' andava muy encendida en el Reino. Besole Don Duarte la mano, i le entrego a Doña Leonor de Meneses su hermana, q' luego recibio en Palacio, haciendo a Don Duarte los muchos favores q' mereciam sus servicios, i por la experiencia, q' tenia de las cosas de Africa le nombro de su consejo. Poco despues le dio el officio de Alferez Mayor del Reino q' estaba vacio por muerte de su padre, i en propiedad la tenencia del Castillo de Beja, Ciudad de la provincia de Alentejo, i una de las tres Chancillerias de Lusitania en tiempo de los Romanos. Con los puestos le dio el Rey algunas rentas, casandole tambien de su mano con Doña Isabel de Melo, hija de Martin Alonso de Melo, cauallero conocido por valor, i calidad. Murio

(1) Como em notas anteriores demonstrei, D. Pedro de Menezes não foi Conde de Villa Real.

el Rey Don Duarte a 9 de Septiembre del año de 1438 en los 47 de su edad, al 2.º dia despues de su muerte, fue aclamado Rey Don Alonso 5.º su hijo; i aeste, i a los demas actos de coronaciones semejantes, asistio Don Duarte exerciendo el officio de Alferez Mayor. Poco despues succedieron las revoluciones sobre el gouierno del Reino, entre la recien vinda Reina Doña Leonor, i el Infante Don Pedro hermano del Rey difunto. A los principios siguio Don Duarte las partes de la Reina, que era mas conforme, i aquien seguia la noblecia, mientras tubo en su poder al nuevo Rei. Despues se mudaron las cosas de manera, que prevalecio el bando del Infante, excluyendo a la Reina absolutamente del gouierno, i dela educacion del hijo. Entre tantas turbulencia se porto Don Duarte con tal prudencia, i cordura, que pagando a la Reina la deuda, en q' le estava por el difunto Rey su marido, sirvio juntualmente al Rey, i no salio dela amistad del Infante, siendo a todos amable i a ninguno sospechoso. Succedieron por este tiempo las alteraciones en Castilla del Condestable Don Alvaro de Luna, valido del Rey Don Juan el 2.º, i los infantes de Aragon Don Pedro, i Don Enrique, sus cuñados, i hermanos de la Reina vinda de Portugal Doña Leonor, q' con los grandes del Reino, se unieron para la ruina del Condestable. Estava en tal pujanza por los años de 1441 la parte de los Infantes q' llegó el Condestable Don Alvaro de Luna a valerse de Portugal para su defensa, confederandosse primero con el maestre de Alcantara, q' corria su misma fortuna. Aunque el Infante Don Pedro de Portugal procuro a los principios atajar los daños, q' amenaçavan estas turbaciones, valiendosse de la Reina Doña Leonor, no pudo conseguirlo, por q' considerando ella prospera la fortuna de los hermanos, procurava valerse de su poder para restituirse en el gouierno de Portugal; con q' el Infante entendio a su conservacion, i a la quietud del Reino velar sobre las cosas de Castilla, pues era sola la parte, donde la Reina podia hallar recursos a sus desseos; i juntandosse a esto q' el Rei de Castilla, se quexara de la opression de los Infantes, halló Don Pedro q' hacia las partes del Rey socorriendo al Condestable, i assi junto brevemente dos mil cauallos, que divididos en quatro tropas entrego á Don Duarte de Meneses para que gorvernasse esta empresa como general, q' fue confiança no pequeña de su fidelidad, pues hauiendo seguido a la Reina en los principios mientras justificaba su causa. Despues se quiso valer el Infante de su valor para sustentar, i defender la del Reino. Entró Don Duarte en Castilla por Badajoz, asta el Castillo de Montanches, donde le esperaba el Maestre de Alcantara; mas antes de juntarse con el, procuraron impedirle el passo las gentes de los Infantes de Aragon, i aun q' era aventajado su partido, los rompio Don Duarte degollando mas de quiñientos hombres. Fue de tanta importancia esta victoria, q' en breve se rindieron al Maestre de Alcantara todas las fortaleças de aquellos contornos, menos la de Zallamea, q' se puso en defensa.

Don Duarte la sitió, i la rindió en dos dias, i aun q' los sitiados se recojieron al Castillo, i procuraron defenderle, alentados los Portugueses con la victoria, le dieron dos asaltos, i al segundo le entraron, i rindieron. Desta manera se allano todo el Maestrasgo de Alcantara, i passó Don Duarte con sus gentes a Andaluzia, vnida con la de los Maestres de Calatrava, i Alcantara, i las del Conde de Niebla, i otros muchos señores, q' tomaron la voz del Rey siguiendo el partido del Condestable con pretexto de libertar a su principe de la sujeccion en q' le tenian sus cuñados. Allanosse, i sossegosse con esto toda la Andaluzia; i Don Duarte por orden del Infante Don Pedro se bolvio a Portugal.

CAPITULO 52.º

Lo que sirvio Don Duarte de Meneses despues de lo referido en el Capitulo anterior asta morir por la vida de su Rei.

Con estos, i otros successos en Castilla se esforço notablemente el partido de Don Alvaro de Luna, i al passo de disminuia el de los Infantes; el Rei por acabar del todo con ellos, i hecharlos de Castilla, pidio segunda vez socorro al Infante de Portugal Don Pedro gouernador del Reino. Vino el en socorrer a Castilla, encargando esta empressa a su hijo mayor Don Pedro Condestable de Portugal, moço entonces de asta quinse años, con quatro mil infantes, i dos mil cauallos en q' entrava la gente mas lucida del Reino. Para esta empresa escogio a Don Duarte de Meneses por consejero, i Ayo de su hijo, ordenando a este, q' en todo siguiesse sus disposiciones, como hizo, de q' se siguiessen los buenos efectos de aquella jornada que largamente refieren las historias. Conocio en esta ocassion el Rey Don Juan el 2.º de Castilla a Don Duarte, i agradosse tanto de su persona, i trato, i del modo con q' hablaba en las materias militares, q' le hiço de su consejo, i desta merced tomo motivo para no bolver por entonces a Portugal con el Condestable, a quien acompañava, sino quedarse en Castilla para hallarse en las guerras de Granada, q' andavan muy vivas, alcançando del Rey singulares favores para servirle en ellas. Assistio en aquellas guerras los años 1447 y 48 y parte del 49 en q' se bolvio a Portugal a tiempo, que andavan muy vivas en q' sus émulos pusieron al Infante Don Pedro con su yerno, i sobrino, el Rey Don Alonso V. En esta ocasion siguio Don Duarte las partes del Rey, q' a los vassallos no les toca examinar la justificacion a los Reyes en sus acciones. Encargosse en esta occassion de Pombal plaça importante cinco leguas de Coimbra en el camino de Lisboa, q' sustento en la obe-

diencia del Rey mientras duró la guerra, q' tubo fin con la vida del Infante en la batalla de Alfarroubeira, con q' bolvio Don Duarte a la Corte al principio del año de 1450, i asta el de 58 no se halla memoria de successo suyo, por q' la paz q' gozava el Reino no dava lugar a empleos militares.

En este año acompaño al Rey Don Alonso el V en la jornada q' hizo a la conquista de Africa; i assistio con el como aventurero al sitio de Alcaçar Zeguer Ciudad en la ribera del Occeano Hercules, entre Ceuta, i Tanjar, casi en igual distancia en los mas angosto del estrecho de Gibraltar. Ganosse esta plaça en pocos dias con valor, i felicidad notable, i bolviendosse el Rey a Portugal, dexó por primer general a Dom Duarte, en quien concurrian todas las rasones para calificar tal eleccion por acertada. Gouerno esta plaça con la prudencia, i valor q' todos se prometian, alcançando de los moros felicissimas victorias en todo el tiempo de su dichoso gouierno, particularmente defendio dos apertados sitios; el primero a Mulei Abdalá, Rey de Fez, i a cien mil moros con q' le sitio el mismo año de la conquista, q' fue el de 1458 en q' obró con prudencia, i valor notable todo el tiempo q' duró aquel apretado sitio consiguiendo felicissimos successos, i haziendo le llevantasse el Rey de Fez con perdida de reputacion, i de gente, como largamente lo refieren las historias. Despues deste sitio hizo diferentes entradas en Berberia siempre con dichosos successos; quemó quatro aldeas sobre el Rio Guadaleon ademas de duzientas cosas ricas, i tomó la villa de Benambroz, Cabeça de la Sierra de Masmucha, i tubo otros successos iguales. Defendio el segundo sitio el año siguiente de 1459 al mismo Rey de Fez, que con doblado numero de gente sitió a Alcacar a 2 de julio de aquel año, duro dos meses con continuas baterias, i assaltos defendidos siempre con notable ardor, executandosse siempre de nuestra parte salidas de gran reputacion, asta q' el Rey con muerte de incrible multitude de moros, persuadido a que Don Duarte era invencible levanto el sitio con mayor perdida de reputacion, i gente, q' en el primero. A este successo siguieron otros, i en particular la destruccion de Anexames, i otras aldeas de la Ribera de Guadaleon, pero quando andava mas ocupado en hazerse temer en la Berberia, fue llamado del Rey Don Alonso a Portugal, q' deseoso de proseguir la conquista de Africa librara los mejores aciertos en su consejo. Partio de Alçacar por Abril de año siguiente de 1460 dexando por teniente suyo a Alonso Tello de Meneses su sobrino cauallero de valor, i experiencia. El Rey le recibio en Lisboa con notables favores, i publicas demostraciones, dandole luego q' llegó el titulo de Conde de Viana de Camiña, q' fue de sus mayores. Refierense en la Donacion sus meritos, i servicios, Bolbio el Conde a Alcaçar por abril del año siguiente de 1461 y con el dexeo q' tenia de seguir la guerra con los moros, corrio brevemente tres veces asta la ciudad de Tanjar, haciendo en todas tanto daño

al enemigo, q' le degollo mas de siete cientos hombres, i quemo quatro lugares mui Ricos, Palmera, Ceta, Aamar, i Leonçar. A estos successos se siguio la uictoria, q' alcanço de los hijos de Çalabençala en la campaña de Alcaçar, en q' quedaron enteramente vencidos, i deshechos, i sin esperanças de bolver a rehacerse para la vengança. A esto succedio el hazer despoblar de toda la sierra de Anjara, en la de Lusmara rindio a Nazere, poblacion grande, i cabeça de los otras, i de Camino destruyo a Bulgamace, lugar en sitio eminente, i superior a Guadaleon, q' le cerca con sus aguas, i por respecto cassi inexpugnable. Con estos, i otros successos gloriosos en mar, i tierra, q' refieren los historiadores, concluyo felizmente el año de 1461.

El siguiente de 62 sabiendo q' Don Juan Perez de Guzman Duque de Medina Sidonia, varon insigne, i de excelentes virtudes se hallava sitiando a Gibraltar, q' asta este tiempo estubo en poder de los moros procuro hallarse en ocasion de tanta honra, i partiendo de Alcaçar con lucido socorro de gente escojida llegó quando estava ganada la villa, i se espugnava el castillo. Hizole el duque offrecimiento del gouierno de aquella empresa, mas tomando el conde una pica, asistio a la expugnacion como soldado particular. Los moros desconfiados de la defensa se entregaron al Duque por trato pidiendo para rehenes de su seguridad solamente la palabra del Conde de Viana; tanto fiavan della; tomaronsela los moros, encargandosse el de toda aquella gente, i passandola consigo a Alcaçar les dio passo seguro a Tanjar. El año siguiente de 1463 por el mes de Abril rindio a Saja, lugar en los confines de la tierra de Benamenir, i de Lusmara a dos leguas de Tanjar en lo mas alto, i fragoso de la sierra, de asta quinientas casas, con gran perdida de los moros assi de muertos como de cautivos. Destruyo el mismo año muchas aldeas del distrito de Farrobo, i Benaulente, i tuvo otros muchos reencuentros con los Moros, de q' salio tan ayroso, q' por ultimo consejo se resolvieron los de Anjaine, Forrobo, i Benaulente a reducirse a su obediencia, como lo executaron con honradas, i provechosas condiciones. Despues vencio en diferentes recuentros al Alcaide de Tanjar, alcançando de el gloriosas victorias, i destruyendo a su despecho a Ramele, i allanando toda la sierra de Benamir, e otros lugares de aquellos contornos, particularmente a Benamaqueda, pueblo muy rico.

Por noviembre deste año llego el Rey Don Alonso a Alcaçar con poderosa armada, i exercito a la conquista de Tanjar, sepultura en aquellos tiempos de la nobleza de Portugal. Executosse esta jornada contra el parecer del Conde de Viana, q' con repetidas instancias procuró desviar al Rey de tal intento, mas pudieron mas sus validos, q' eram émulos del Conde. Intentosse la Conquista por mar, i tierra con todo el poder q' el Rey llevava, q' fue personalmente a esta plaça, mas no succediole como pensava, se huvo de bolver a Alcaçar con descredito. Desde esta

plaça se passo a Ceuta i quedo el Conde de Viana en Alcaçar, acompañando al Infante Don Fernando, q' contra su voto, i siguiendo al de sus émulos intentó segunda vez la empresa de Tanjar sin orden del Rey. Assi lo executó con peor successo q' la primera. De Alcaçar se passó el Conde a Ceuta, en cuya compaña se aguardava la muerte, por ver q' el Infante Don Fernando determinar tercera vez la fortuna en Tanjar contra toda rason, como lo hiço, con peor successo q' los passados. Murieron en este tercer acometimiento mas de trescientas personas calificadas en valor, i en sangre, i quedaron presas otras ciento. Andubieron algunos moros en esta ocasion, rebolviendo entre los cadaveres de los nuestros por si hallavan el cuerpo del Conde de Viana, por q' pensavan no podian llamar victoria la en q' el Conde quedasse con vida, q' juzgavan bastante su valor para restaurar mayores calamidades. Refierense q' viendo un moro viejo dixo a su Alcaide: *En vano buscas el Cuerpo de Don Duarte de Meneses eutre esos q' miras sin vida, pues en la desordem, i poca disciplina, q' mostraron en esta ocasion los Portugueses, veo, q' no se hallo en ella.* Tal era el credito q' se hauia grangeado entre sus mismos enemigos.

En Ceuta estubo el Conde con el Rey los días q' se detubo en aquella plaça asta el en que por desquitarse en algo de las perdidas passadas; entro en la sierra de Benacofu, donde le persiguio la fortuna como siempre. Pertence este successo a la historia de Ceuta, i assi tiene lugar señalado en esta quando llegue el año. Por no anticipar los successos omito aora las circunstancias, i particularidades desta jornada; baste saber q' ella tubieron fin con la vida las valentias del Conde de Viana; por q' por salvar la de su Rey este dia, q' fue 20 de Enero del año 1464. Cumpliendo los 50 de su edad, peleando valerosamente, i con muerte de muchos contrarios rindio el espiritu, dexando gloriossissime memoria a los siglos venideros, q' conserva merecidamente. Permanece oi en Portugal de su cuerpo solamente un dedo (1), q' despues sus hijos trasladaron a Santarem, labrandole una sumtuosa Capilla en el Convento de San Francisco, donde permanece en honorifica sepultura. Perdio Portugal en el Conde un glorioso Capitan, i el la vida en la ocasion de mas merito, pues a costa de la suya libro la de su principe, i con ella a la patria de las afecciones a que estuvo expuesta.

(1) É um fragmento de um dente e não um dedo como este e varios outros escritores teem referido. O sumptuoso túmulo e este fragmento do dente, encontram-se hoje no Museu instalado na Egreja de S. João de Alporão em Santarêm.

A êste facto detalhadamente me refiro no estudo os *Governadores Capitães Generaes de Ceuta*, incluido no 4.º volume da *Historia e Genealogia* e no número comemorativo do *Boletim* da Sociedade de Geografia de Lisboa, referente a 21 de agosto de 1915 no estudo *Os tumulos de D. Pedro e D. Duarte de Menezes, Primeiros Capitães Generaes de Ceuta.*

Dos veces fue casado Don Duarte, la primera con Dona Isabel de Melo, q' primero hauia sido casada con Juan Rodriguez Coutino Merino Mayor del Reino, hija de Martin Alonso de Melo Sr. de Barbacena, guarda mayor del Rey Don Juan el primero Alcaide Mayor de Evora, i de su primera muger Doña Beatriz Pimentel, hija de Don Juan Alonso Pimentel, primer Conde de Benavente, i de su mujer Dona Juana Telles de Meneses. Nacio deste matrimonio Doña Maria de Meneses q' caso con Don Juan de Castro Segundo Conde de Monsanto sin succession. Caso segunda vez con Doña Isabel de Castro hermana de Don Alvaro de Castro primer Conde de Monsanto hija de Don Fernando de Castro, Gouernador de la casa del Infante Don Enrique, i Alcaide de Cuvillan, i de su muger Doña Isabel de Ataide hija de Martin Gonçales de Ataide, Alcaide mayor de Chaves, de quien tuvo quatro hijos varones.

Fue el primero Don Enrique de Meneses q' succedio a su padre en la casa, titulo, i puesto de Alferez Mayor del Reino, fue primer gouernador, Capitan General de Arcila, i segundo de Alcaçar. Allosse con su padre en todas las ocassiones de su tiempo, i con el Rey Don Allonso el 5 en la toma de Arcila, donde quedo por general con retencion de la plaça de Alcaçar, i despues le acompaño en las guerras de Castilla, i fue herido en la batalla de Toro. Murio amanos de los moros gouernando Arzila en la sierra de Farrobo, i dexo ilustre memoria de su esfuerco en los anales Portugueses. Caso con Doña Guiomar hija de Don Fernando Duque de Bergança, i de la duquesa Dona Juana de Castro. Algunas memorias q' he visto impresas desta familia, dizen q' no quedaron hijos deste matrimonio, mas fuelo Doña Beatriz de Meneses q' heredo la casa de su padre, i casó con Francisco Coutiño quarto Conde de Marialva, i dellos nacio la infanta Doña Guiomar Coutiño, muger del Infante Don Fernando hijo del Rey Don Manuel, i de la Reiña Doña Maria hija de los Reyes Catolicos, i hermano del Rey Don Juan el 3.º de Portugal, i de la emperatriz Doña Isabel muger del Emperador Carlos V, i madre del Rey Don Felipe II. No quedo descendencia deste matrimonio, q' a lograrle fueram oi Reyes de Portugal sus descendientes como, nietos del Infante Don Fernando mayor q' el Cardenal Don Henriquez Rey q' fue de aquel Reino. No es memoria esta para quien escribe de continuo genealogias.

Fue el hijo 2.º del Conde Duarte, Don Garcia de Meneses, que siguiendo el camiño de las letras, fue juntamente Obispo de Evora, i de la guarda, compatibles ambos beneficios antes del concilio de Trento, fue ambizioso, i de animo inquieto, i tuvo grandes brios de soldado. En las ocasiones aventajo a los de mayor opinion, no solo en las guerras de Portugal con Castilla pero tambien en Italia, donde pasó por General de la armada de socorro, q' el Rey Don Alonso el quinto embió a la ciudad de Otranto contra turcos. No le faltava ingenio i agudesa. Era letrado, i

tan singular humanista, q' en esta ocasion tuvo una oracion delante de la Santidad de Sixto quarto con tanta propriedad i seduccion en lengue latina, q' oyendola Pomponio hombre docto de aquellos tiempos, filosofo estoico en los costumbres, i menosprecio de todo, se bolvio al Pontifice como admirado i le dixo: *Beatissimo Padre quien es este Barbaro q' abla con tanta elegancia.* Ridicula jactancia de aquella nacion. Anda oi en manos de muchos este panegirico, i otras obras suyas escritas con gran pureza, i elegancia. Mas todos estes progressos desdoro el fin q' vino a tener en el Castillo de Palmela con vehementes sospechas de veneno por una conspiracion de que fue acusado con el Duque de Viseu hermano mayor del Rey Don Manuel contra el Rey Don Juan el segundo.

Fue hijo 3.º de Don Duarte Conde de Viana, Don Fernando llamaronle narizes, por q' se las cortaron los moros en una pelea sirviendo en la frontera de Tanjar. Fue de los valerosos caualleros de su tiempo, como lo mostró en las ocassiones q' se offrecieron assi en Africa como en los lugares y guerras contra Castilla, mas no le libraron sus muchos servicios de seguir al Obispo su hermano en la muerte, q' le hizo dar por juscia el Rey Dom Juan por la misma culpa. Si bien la q' se le imputo fue solamente de no hauer descubierto es^te^ caso, por q' el nunca vino en el como se probo. Ablo al Rey menos comedidamente de lo que debiera, i esto ocasionó su muerte como lo dise Garcia de Resende con estas palabras: *Foi Dom Fernando de Menezes trazido diantre del Rey na Rocalás donde lhe fez hũa fala mui elegante como homem mui prudente, i esforçado caualleiro, e mui isento, na qual disse alguas palavras a el Rey, de q' ouve despraser e por isso senão houve con elle piadosamente como tinha em vontade.* Ya en el capitulo 51 hauia dicho unas palabras que sirven de grande apoyo a la lealtad deste cauallero como de testigo de vista de aquel successo. *Ainda*, (dixe) *q' mui claramente se provou q' Don Fernando de Meneses somente quando pello Duque con quem vivia, e pelo bispo seu irmao, lhe foi descuberto, lhe pezou mouite de o saber, e com palavras de lealdade, e muita prudencia sempre como bon Portuguez, e fiel vassallo del Rey o estranhou muite, e contradisse, gravemente, porem nad o descubrio por ser criado do Duque.* Casó Don Fernando con Doña Isabel de Castro hija de Don Diego de Castro el viejo progenitor de los Condes de Basto, i de su muger Doña Isabel Pereira. Tuvo muchos hijos, i de ellos procedem ilustrissimas casas en Portugal.

Fue el hijo quarto del Conde de Viana Don Juan de Meneses Mayordomo Mayor del Rey Don Juan el 2.º i del Rey Don Manuel, i su Alferez Mayor. Ayo del Principe Don Alonso hijo del Rey Don Juan el 2.º, i gouernador de su casa fue primero Conde de Tarouca, i despues de viudo gran prior del Crato de la orden de San Juan General de las Armadas de Portugal, i de la que fue de socorro a Venezia contra el Turco,

año 1501. Capitan General de Arzila, i de Tanjar, donde alcançó ilustres victorias, i cautivó a Benamare arabe valeroso, i capitan de mucho crédito señor de toda la sierra de Farrobo. Obró otras muchas asañas dignas de eterna memoria en servicio de quatro Reyes, Don Alonso el V, Don Juan el 2.°, Don Manuel, i Don Juan el 3.° q' satisfechos de sus muchos i señalados servicios le dieron el titulo de Conde de Tarouca, i el generalato de Tanjar en propriedad para su casa. Casó con Doña Juana de Villena hija de Fernan Telles de Meneses señor de Vñam Mayordomo mayor de la Reina Doña Leonor muger de Don Juan el 2.° i de su muger Doña Maria de Villena, hija de Martin Alonso de Mello señor de Ferreira, i Aves, guarda mayor del Rey Don Duarte. Proceden deste matrimonio sin otras casas, en titulo la de los condes de Tarouca Marqueses de Penalva, Ilustre por sangre, por meritos, por lealtad.

Tuvo el Conde de Viana un hijo bastardo, llamosse Don Pedro de Meneses, i llamaronle el Gallo. Casó con Doña Ines de Eça hija de Galiote Leitam señor de la Torre de Ota en el destrito de Alenquer, de quien huvo a Doña Beatriz Pereira muger de Manuel de Noroña hijo de Juan Gonçales de la Camara 2.° Capitan mayor perpetuo de la Isla de la Madera, y a Doña Maria q' casó con Francisco de Anaya, hijo heredero de Pedro de Anaya, Caualiero de Salamanca q' passó a Portugal, i una hija monja.

CAPITULO 53.°

Don Fernando de Noroña, segundo Conde de Villa-Real, General de Ceuta. Varios juicios sobre la entrega desta plaça a los moros por la libertad del Infante Don Fernando.

Agora continuare la succession de los Generales de Ceuta desde Don Fernando de Noroña, q' succedio en propriedad en este gouierno, i procurare abreviar mas los successos q' asta aqui, haciendo solamente memoria de los mas sustanciales de la guerra, e mesclando los politicos, q' fueron dignos de escribirse. Dio principio Don Fernando a su gouierno poco despues dol successo infelice del sitio de Tanjar no ay para q' detenernos en referir lo q' fue, i como sirvio a la corona antes, por q' lomas sustancial de su vida queda escrito con lo q' toca a su Real ascendencia, i assi resta continuar sus acciones.

Certificado el Rey Don Duarte de lo succedido en el sitio de Tanjar, escribio luego al Infante Don Enrique se bolviesse a Portugal como lo exercito, i a Don Fernando de Noroña q' cesasse la guerra contra los moros por no irritarlos contra la persona del Infante Don Fernando q' tenian en su poder. Cumpliole assi el Conde, i fue causa de con mas

orgullo se le atrebiessen, i continuassen las correrias, excediendo tanto en esta parte, q' se vio obligado a contravenir a la orden del Rey, i pelear con ellos varias veces en gran daño de las aldeas vecinas. Ocasiono esta resolucion al Infante mas aspero cautiverio, i continuaronse las tiranias de aquellos barbaros con mayor insolencia al passo q' se les dilatara el entregarles a Ceuta conforme a lo Capitulado.

Trató luego el Rey Don Duarte de tomar resoluccion en la libertad del Infante, i para este efecto convoco Cortes generales en Leiria, para el mes de Enero siguiente de 1438. Escribio a las ciudades, i villas de voto remitiessen sus Procuradores para tratar materias tocantes al estado del Reino, i negocios de Africa. Juntaronse los convocados al tiempo señalado con los Infantes Don Pedro, i Don Juan. Faltó Don Enrique porq' desde q' bolvio de Ceuta se metio en un lugar del Algarve, de donde no salio en muchos dias por el sentimiento del passado successo, en q' tuvo tanta parte. Juntas las cortes, el Doctor Juan do Cem, hiço un largo rasonamiento cuya sustancia fue acordar las Causas con q' el Rey se auia movido a continuar la guerra de Africa asistiendo sus hermanos: quanto trabajaron, i padecieron asta prometer la Ciudad de Ceuta, i todos los moros q' estuvieron Cautivos en el Reino por salvar aquel exercito, en q' todos se hallavan tam interessados, que para seguridad desta promesa hauia quedado el Infante Don Fernando en Berberia, i que aun q' el Rey en cumplimiento de lo prometido podia aver entregado Ceuta a los Moros, por su libertad, no le auia parecido executarlo, i perder tan importante joya de su corona sin darles cuenta primero, assi por considerarles tan principales miembros de aquel cuerpo, de que el era cabeça, como por haver sido ganada aquella ciudad por sus padres, i ser como hesencia propia de su valor; que por una, i otra causa procurarse buscar algum medio, con q' se evitassen cosas de tanto prejuicio para el Reino en General, i en particular, como era boluer Ceuta llave de España a poder de Infieles, q' tanta sangre hauia costado; o quedar en cautiverio perpetuo un Principe inocente, que auia perdido la libertad por salvar las vidas, i libertades de sus naturales. Esta fue la sustancia del rasonamiento, i luego el Rey ordeno diessen sus votos por escrito, señalandoles tiempo para q' lo hiziessen con mayor consideracion. Mando leer publicamente unos apuntamientos del Infante Don Fernando, q' estando aun en Arzila remitio al Rey, en q' como deseoso de la libertad, dava algunas razones, con q' mostrava no convenir al Rey, ni a sus Reinos sustentar a Ceuta. Escusava a los Moros de aver faltado al Contrato, como se dicia, i culpava a los Portugueses, q' fueron causa de q' se quebrantasse.

Regulandosse los votos, que por escrito dieron los Procuradores, i consejeros, se hallavan quatro pareceres distintos. Decian los primeros q' Ceuta se entregasse a los moros por libertad del Infante, visto que por el remedio, i salud de tan gran parte del Reino lo havia perdido offrecien-

dola con la vida a duro, i aspero cautiverio, i q' con esto se conseguia juntamente no quebrantar el contrato q' los Infantes, i caualleros tan señalados hauian hecho con los moros, i se evitaria la nota en q' el Reino podria incurrir con el mundo, tomando resolucion contraria. Siguieron este parecer los Infantes Don Pedro, i Don Juan con otras personas principales, i gran parte de los procuradores de las ciudades i villas del Reino. Lo segundo decia q' el Rey se hallava impossibilitado de entregar Ceuta sin la autorisacion del Pontifice, por q' quedariao profanadas las iglesias, q' se hauian erigido para el culto divino, i q' por la libertad de un solo hombre no se debian convertir en usos profanos. Fueron desta opinion el Arzobispo de Braga, concordando con el mayor numero de personas q' el de la primera. Decian otros q' se debia dilatar el rescate del Infante por algun tiempo, para q' cansados los Moros con la dilatacion viniessen a tratar del por dinero, i trueque de cautivos, i q' quando esto no se consiguiesse con dilatar la platica, podia el Rey convocar en su ayuda al Pontifice, i a los Principes Christianos para q' le ayudassen a libertad al Infante, i q' no conseguido el uno i otro medio, en ese caso se devia entregar Ceuta, procediendo el parecer de los mas consumados teologos e juristas, i el consentimiento del Pontifice. Los ultimos fueron de parecer, q' el Rey no podia dar por la libertad de su hermano una plaça tan importante a la Christiandad, ni aun por la del Principe su hijo si se hallasse en el mismo estado q' el Infante. Sustentó, i probó esta opinion el Conde de Arrayolos con eficaces razones, e muchas autoridades de la sagrada escretura, i santos padres, con q' llevó tras si gran parte de los votos por cauallero de maduro juicio, justo temeroso de Dios, i prudente, i como tal estimado del Rey i del Reino.

Cada qual de los consejeros referidos ponia el animo del Rey en mayor confusion, por q' si executava el voto de los Infantes, i dexava a Ceuta, hallava su parecer sospechoso, por q' eran hermanos suyos, i como tales parecia q' olvidados de los generales respectos atendian solamente al deseo natural de la libertad del q' les era tan conjunto en sangre, i en amor. Acordavasse q' quitar de su corona la ciudad de Ceuta era perder una de las joyas mas preciosas, i de mayor valor q' tenia, i q' el Rey su padre con tanta honra, i reputacion suya, i de todo el Reino hauia ganado; cuyo titulo, no solo puso entre los de su dominio llamandosse Rey de Portugal, i Sr. de Ceuta, mas le hiço gravar en su sepultura como uno de los mayores encomios; i q' con esta resolucion quedaria vana, aquella bien fundada jactancia, perdiendosse la reputacion de sustentar una tam importante placa, por la libertad de una persona mortal, q' podia perder la vida, luego q' la alcançasse. Por outra parte le apretava el dolor de ver aun hermano a quien amaba, mucho en tan duro i aspero cautiverio, auiendo por su servicio, i por la libertad de sus vassallos empeñado la vida en manos de tan crueles depositarios, i

le parecia ingratitud consentir en su muerte que era cierta, quien tanto le debia; ultimamente despues de varias contradiciones con los de su consejo, i con su mismo animo vino a determinarse en dilatar el rescate del Infante hasta dar cuenta al sumo Pontifice, i a los Reyes de Castilla, Aragon, Francia, i Inglaterra. A todos con muchas instancias pidio favor i consejo, i en ninguno halló mas que consuelos de la perdida, i persuasiones de q' no dexasse a Ceuta, por q' a todos importava que la sustentassen los Portuguesses. Persuadianle el rescate del Infante por dinero mas ninguno se los offrecian, en q' mostraron poca grandeça, i menos piedad con un Reino en cuyas fuersas, hallaron siempre todos los principes Catholicos amparo, i ayuda contra sus emulos.

Dio fin el Rey a las cortes de Leiria, i partio para Evora, donde supo como los moros, viendo q' se dilatava el entregarles a Ceuta, llevaron de Arzila al Infante a Fez, i q' empeçava a experimentar sus tiranias, i entendia q' hauian de aumentarse. Antes q' partiesse de Arzila escribio al Rei con lastimosas palabras el estado en q' se hallava suplicandole se acordasse de su libertad pues era su hermano, i padecia por su servicio, i por el bien de sus vassallos. Era el Rey grandemente humano, i assi le ocassionó esta carta muchas lagrimas considerando aver sido causa de q' el Infante se hallasse en aquel miserable estado, i costole esta consideracion una continua tristeza, i brevemente la vida. Partio el Infante para Fez en los ultimos de Marzo; i el aparato con q' le llevaron aquellos barbaros fue subirle en un rocin mui flaco, desherrado, un cabestro de soga de palma, i la silla en pedazos; pusieronle en la mano una vara para q' guiasse el rocin, todo por burlarse de la persona de aquel principe, a quien ellos quando le vencieron, i cautivaron devian decoro, como lo deue todo vencedor a semejantes personas, quanto mas q' el voluntariamente se puso en sus manos. Assim camino, concurriendo de todos los lugares, i aldeas vecinas innumerable multitud de pueblo a ver tal espetaculo, preguntando por el Rey de los Cristianos, i haziendole repetidas injurias, q' el sufria con admirable humildad, i constancia. El ultimo de Mayo llegó a Fez, i antes de entrar en la ciudad fue detenido, asta que con pregon publico, salio el pueblo todo a recebirle para mayor afrenta. Desta suerte como en triunfo fue llevado por las calles mas publicas de Fez, seguido de tanto pueblo, q' fue necesario a los soldados abrir camiño con los alfanges. Entregaronle a Lazareque privado del Rey Abdallá, i tan obsoluto dueño de su voluntad, q' no tenia aquel principe de Rey nada mas que el nombre. Este tirano, viendo q' en Portugal se dilatava la resolucion de la entrega de Ceuta empezo a tratarle malisimamente, i alos 4 meses de su llegada sobre la aspera prision en q' le tenia le hiço cargar de grillos, ocupandole unas vezes en cabar su huerta, i otras en limpiar sus cavallos, i cavallerizas, i para privarle de todo consuelo le apartó de sus criados i naturales. Desta suerte passo los años de esclavitud que

se puede llamar martirio, asta q' consumido de ambre, trabajo, i desamparo vino a adolecer mortalmente en un aposento, en q' le metieron solo, i sin luz faltandole en tanta miseria a quien quexarse, asta q' a los dias ultimos de su vida dexaron entrar en aquella oscura masmora a su confesor, i a su medico. En este desamparo, i tormento acabo la vida, apartando su alma de aquel fatigado cuerpo, q' el mismo con ayunos y penitencias trataba peor. A los 5 de julio de año 1443. Fue traido algunos despues a Portugal, i sepultado en el Real Convento de la Batalla, donde yase en magnifica sepultura venerado con opinion de santo, i resplandeciendo con muchos milagros. Su vida escribieron dilatadamente diferentes autores en libros particulares; refiere solamente lo q' del cantó el Principe de los Poetas Hespañoles en el canto quarto de sus luziadas cuyas estancias 52 y 53 bastan para hazer memorable al S.to Infante Don Fernando. Disi assi ablando del Reinado de Don Duarte.

52.

Vio ser cautivo o Santo irmao Fernando
q' a tan altas empresas aspirava.
q' por salvar o povo miserando
cercado ao sarraceno se entregava.
so por amor da patria esta passando
avida de senhora feita escrava
por nad se dar por elle aforte Ceyta.
mais o publico bem, q' o seu respeita

53.

Codro por q' o enemigo nad vencesse.
deixou antes vencerda morte avida.
Regulo por q' a patria nad perdesse
quiz mais aliberdad ver perdida
Este porq' se Hespaña nad temesse
a cauteveiro eterno se convida
Codro, nem Cursio ouuidos por espanto
nem os Deuos Leais fizeram tanto.

CAPITULO 54.°

Prosigue el gouierno de Don Fernando de Noroña; su muerte, i descendencia.

Bolbiendo a los años antecedentes (que discurri ligeramente asta el de 1443 por acabar de una vez con los successos del Infante) el de 1438 murio en la villa de Thomar el Rey Don Duarte a 9 del mes de Setiembre en edad de 47 años, reinó 5 y 25 dias. Su cuerpo fue llevado al convento Real de la Batalla, i su muerte sentida justamente de todo el Reino porq' fue sumamente benigno, i amigo de sus vassallos, i tan dotado de buenas partes, q' constituyen un excelente principe, q' entre todos no se pudo desear en el sino mejor fortuna. Fue casado con la Reina Dona Leonor, hija del Rey Don Fernando el 1.° de Aragon, hermano del Rey Don Alonso de Napoles, i de los Infantes de Aragon no poco celebrados en las historias. Nacieron deste matrimonio dos hijos y 4 hijas; Don Alonso q' le succedio, y fue el 5.° deste nombre entre nuestros Reyes; Don Fernando Duque de Viseu, Maestre de Christo, i de Santiago, Condestable de Portugal, i padre del gloriosisimo Rey Don Manuel; Dona Felipa q' de edad de doce años murio en Lisboa, Doña Leonor Emperatriz de Alemania, muger de Federico 3.° y madre de Maximiliano; Doña Catalina, q' estubo concertada para casar con Carlos Principe de Navarra, i despues con Duarte 4.° Rey de Inglaterra, i murio sin contraer matrimonio el año de 1460. Doña Juana Reina de Castilla, muger de Don Enrique quarto deste nombre.

Procedia Don Fernando de Noroña en su gouierno con varios successos en la guerra. Sabemos por mayor q' tubo en esta plaza muchos muy felices, mas no dexaron en memoria los escritores de aquel tiempo mas q' esta generalidad, i la pena a los curiosos de faltarles las noticias dellos. Es cierto q' no fue su esfuerço menor, q' el del Conde de Viana su suegro, por q' en discurso de ocho años q' gouernó esta plaça hizo hechos tan heroicos, i ganó tantas victorias, q' afirma el Rey Don Juan el segundo en la donacion q' hizo al Conde Don Pedro de Meneses su hijo, q' son dignos de eterna memoria, cuyo original se conserva en el archivo de la Casa de Villarreal, como la copia en el registro de sus mercedes folio 3 su fecha 27 de febrero 1489, pero bastara para eternizar su memoria el volor, i liberalidad con q' se porto en este gouierno con la Reina Viuda Doña Leonor de Portugal, q' desvalida de su hijo, i de los Infantes, i grandes del Reino se passó a Castilla, donde tenia a sus hermanos los Infantes de Aragon dueños de la voluntad del Rey Don Juan el 2.° cuyo

fauor pedia para apoderarse del gouierno de Portugal con la menor edad del Rey Don Alonso su hijo. Mejorosse en Castilla el partido del Condestable Don Alvaro de Luna, i a este passo declino el valimiento de los Infantes: i con esto se aminoraron, i acabaron del todo las esperanças de la Reina. Assi resolvio en retirarse a Toledo, donde fallando a todos, i vendiendo sus joyas para sustentarse, vino hallarse en tal miseria, i pobresa q' le fue forçoso para passar la vida acetar limosnas, q' la hacian algunos Prelados, i señores de Castilla. Tuvo Don Fernando de Noroña en Ceuta noticias de sus necesidades, i, ó llevado del parentesco q' con la Reina tenia, ó de las obligaciones, q' debio al Rey Don Duarte su marido, sin reparar en los mal afectos q' esta señora tenia en el Reino q' eran los mayores, i mas poderosos, la embio a visitar muchas vezes a Toledo con grandes cantidades de dinero, i regalos, accion digna de eternas alabanças, i q' debieran tener en la memoria los vassallos para imitarla en tales successos. La Reina, corrida ya de pedir, i cansada de esperar, entendiendo lo mal q' auia sido aconsejada en dexar a Portugal, donde tenia un hijo Rey, donde auia sido Reina, deseando volverse pidio al Conde de Arrayolos tratasse de su buelta con el Infante Don Pedro, q' era gobernador del Reino; por q' queria ponerse en sus manos, no ya Reina, mas como hermana menor suya olvidada de la ambicion, i contumacia con q' dexó unos vassallos q' tambien sabian servirla. Tratava el Conde de Arrayolos esta materia con gran calor, i desseo de q' se consiguiesse, quando atajo sus diligencias la muerte apresurada, q' sobrevino a la Reina en la misma de Toledo a los 19 de Febrero de año 1445.

Con esta accion (i esta bastava para hacerle grande) acabó el gouierno de Ceuta Don Fernando de Noroña por la muerte q' le sobrevino en aquella ciudad el año 1448(1), con sentimiento general. Não nos dexaron otras memorias los antiguos, siendo cierto q' en los años q' tubo este gouierno se offrecerian porfiados encuentros con los Moros, de cuya noticia nos privó la poca curiosidad de aquellos siglos, ó la sobrada desgracia deste Capitan, a quien no alcançó la dicha q' tubo su suegro en un Rey, q' hiciesse escribir sus hechos. Su elogio ascendencia, i descendencia queda escrita en la casa de Villarreal, i assi dire solamente por mayor las q'

(1) D. Fernando de Noronha morreu em princípios de 1445 e não em 1448 como D. Jeronimo de Mascarenhas aqui diz. Pela sua morte, foi eleito governador interino, Antonio Pacheco até que por carta datada de 14 de outubro de 1445, registada a fls. 42 v. do livro 25 da Chancelaria de D. Afonso V, foi nomeado Governador de Ceuta, D. Fernando de Bragança, Conde de Arrayolos, Marquez de Vilaviçosa e depois 2.º Duque de Bragança, o qual só em 1447 foi a Ceuta.

A morte de D. Fernando de Noronha, 1.º Conde de Villa Real, em 1445, está documentada na Carta regia de 18 de agosto de 1445, registada a fls. 36 da Chancelaria acima citada, na qual por morte deste governador é mandado entregar a D. Fernando de Bragança o Castello de Ceuta.

proceden deste cauallero por varonia, i luego passare a hablar en el successor q' tubo en este gouierno.

Procede de Don Fernando de Noroña por varonia en primer lugar la casa de Villarreal, en la forma q' mas largamente escrevi en al libro 2.°, donde se descendió con ella de padres a hijos asta nuestros tiempos presentes.

La casa de los Condes de Linares, por q' Don Antonio de Noroña, hijo 2.° de Don Pedro de Meneses primer marques de Villa Real, i de la Marquesa Doña Beatriz de Bergança hija de Don Fernando 2.° Duque de Bergança, i de la Duquesa Doña Juana de Castro; fue primer Conde de Linares, i caso con Doña Juana de Silva, hija de Don Diego da Silva primer conde de Portalegro, cuya casa se continuo por varania asta Don Fernando de Noroña 3.° Conde de Linares, q' murio sin sucession, habiendo sido casado con Dona Felipa de Saa, hija de Baltasar de Saa, gobernador del Brasil, por cuya causa heredó este titulo Doña Juana de Noroña, hija de Don Pedro de Meneses, i Noroña, i de Dona Maria de Vasconcellos i Meneses como 3.ª nieta de Don Antonio de Noroña primer Conde de Linares, q' estava casada con Don Miguel de Noroña, 4.° Conde deste titulo, General de Tanjar, virrei de la India del Consejo de Estado en el supremo de Portugal. General de las Galeras de Çecilia i España, hijo de Don Alonso de Noroña General de Ceuta i Tanjar, i de las armadas de Portugal, i de Doña Archangela Maria de Portugal. Deste matrimonio es hijo mayor Don Fernando de Noroña, q' en vida de su madre la condeça, es conde de Linares, i esta casado com Doña Mariana de Castro, hija de Don Manrique de Silva Marques de Gouvea, i Conde de Portalegre de la Camara de su Mg.ᵈ Mayordomo Mayor de la casa Real de Portugal, i de la Condeça Doña Juana de Melo su 2.ª muger.

La Casa de los Condes de Monsanto, porq' Don Juan de Noroña, hijo 2.° de Fernando de Noroña, 2.° Conde de Villarreal, cuyo es este elogio, i de la Condeça Doña Beatriz de Meneses, casó con Doña Juana de Castro, hija, i heredera de Don Alvaro de Castro, 1.° Conde de Monsanto, camarero Mayor del Rey Don Alonso el 5, i de la Condeça Doña Isabel de Acuña, 3.ª de Cascaes, i Louriñan, q' por muerte de su hermano el conde Don Juan heredo esta casa, i deste matrimonio procede por varonia Don Alvaro Perez de Castro, 5.° Conde de Monsalvo, casado la primera vez con Doña Maria de Portugal, hija de Don Nuño Alvarez de Portugal, Gouernador del Reino, i de Dona Juana de Portugal, i la 2.ª con Doña Barbara de Lima, dama de la Reina Doña Isabel de Borbon, hija de Don Antonio de Ataide 1.° Conde de Castro, i de Castañeira, i de la Condeça Doña Ana de Lima Sr.ª de Castro de Airo.

Proceden tambien de Don Fernando de Noroña en Portugal algunas casas sin titulo por varonia, i otras por linea no legitima, que seria cosa dilatada referir aqui pues lo hazen cumplidamente todos los nobiliarios del Reino.

CAPITULO 55.º

Sucede en el gouierno de Ceuta Don Fernando Conde de Arrayolos, despues 2.º Duque de Bergança, su elogio, i descendencia.

Por muerte de Don Fernando de Noroña, Conde de Villarreal fue nombrado para el gouierno de Ceuta Don Fernando Conde de Arrayolos, i despues Marques de Villa-viciosa; fue hijo 2.º de Don Alonso, 1.º Duque de Bergança, i de la Duquesa Doña Beatriz Pereira, hija del gran condestable Don Nuño Alvarez Pereira, i nieto por varonia del Rey Don Juan el 1.º de Portugal, i por q' su hermano mayor Don Alonso Conde de Ouren, i Marques de Valencia (el primero q' en Portugal tuvo titulo de marques) murio en vida del Duque su padre sin dexar descendencia legitima; vino nuestro General Don Fernando a ser el 2.º Duque de Bergança, Conde de Barcelos, i de Ourem. Fue cauallero de muchas partes, i de gran opinion con todos los del Reino: hallosse en la infelice jornada de Tanjar el año de 1437 haciendo officio de Condestable, i despues fue Presidente de la justicia en Portugal en la menor edad del Rey Don Alonso el 5.º portandosse en aquel puesto con suma prudencia, i atencion en los digustos, i descuciones q' tuvo entre el Infante Don Pedro, i el Rey Don Alonso su sobrino, i yerno sin querer seguir la pasion del Duque de Bergança su padre, i del Conde de Ourem su hermano mayor. Entro a gouernar la ciudad de Ceuta el año de 1448 (1) no nos quedo memoria de particulares successos suyos del tiempo q' tuvo el gouierno desta plaça mas de q' a los principios teniendo noticia de la tormenta q' corrian en Portugal las cosas del Infante Don Pedro su tio; obligado de su generoso espiritu, i de la amistad estrecha, q' con el Infante professava, por servir al Rey Don Alfonso, a quien sabia engañavan los emulos del Infante, se vino al Reino, i entro en Santaren, donde se hauia mudado el Rey con la Corte, por si podia componer estos desabrimientos, i aun q' su padre, i hermano eran los principales, i los q' mas deseavan, i procuravan su ruina, el se puso a negocear publicamente la concordia. El Duque de Bergança, i el Conde de Ourem intentavan desbiarle del Rey, procurando, q' ni le fauoreciesse, ni oyese mas al Conde, cuyo valor, i virtud eran incontrastables, perseverara en sus diligencias,

(1) D. Fernando de Bragança tomou conta do governo de Ceuta em princípios de 1447 onde esteve até 1448, conforme se depreende da investigação feita por D. Alexandre Correia da Franca na sua inédita *Historia de Ceuta*, da qual tantos elementos aproveitei para o estudo dos *Governadores Capitães Generaes de Ceuta*, que publiquei no 4.º volume da *Historia e Genealogia*.

procurando atraer a la Corte al Infante Don Pedro, q' se hallava en Coimbra, para q' personalmente persuadiesse su inosensia al sobrino. Adelanto tanto, i puso en tan buen estado esta platica, q' les convino a sus enemigos esparcir en Portugal una voz fingida con cartas supuesta de que todo el poder de Berberia venia con el Rey de Fez a sitiar a Ceuta. Esta ocasiono q' el Rey le ordenasse se bolviesse sin dilacion a su gouierno (1); con q' les fue forçoso obedecer, i dexar la materia de los conciertos sin conclusion alguna. A esto sobrevino la muerte del Infante en la nombrada batalla de Alfarroubeira, año 1449, i el Conde de Arrayolos asistio todo este tiempo en Ceuta; asta q' despues se bolvio a Portugal, dexando el Gouierno a Don Sancho de Noroña Conde de Odemira.

Prosiguio despues el Conde de Arrayolos generosamente el servicio de su Rei, i de la Corona: ya marques de Villaviciosa se hallo el año de 1458 con Don Alonso el 5.º en el sitio, i toma de Alcazar Seger, y ocupo vno de los principales puestos del exercito. Algunos años despues vino a servir de soldado en aquella plaça, gouernandola ain Don Duarte de Meneses Conde de Viana. Llevo lucido acompañamiento de Criados, i Caualleros, i 3 hijos mancebos, q' ya en aquella edad davan muestras de raro esfuerço. Asistio aqui pocos meses, por q' el Rey le llamó de priessa a Portugal; mas en ellos mostro su valor, i brio procurando ser el primero en los encuentros, i peligros. Heredo la casa de Bergança; el año 1461 acompañó al Rey Don Alonso el 5.º en la empresa q' intentó de Tanjar con infelice sucesso, hallandosse en los puestos de mayor confiança i peligro en todas las ocasiones q' se offrecieron de Ceuta en la Berberia.

Fue el Conde de Arrayolos Don Fernando por muerte de su padre 2.º Duque de Bergança, i casado con la Duquesa Doña Juana de Castro, hija, i heredera de Don Juan de Castro, señor del Cardenal, i otras muchas tierras. Nacieron deste matrimonio Don Fernando Duque q' fue de Bregança por muerte de su padre, i antes de Guimarães, Don Juan Marques de Monte Mayor, i Condestable de Portugal, Don Alonso Conde de Faro, i de Odemira, Don Alvaro Conde de Tentugal, Regidor de la justicia de Portugal, i Presidente de Castilla. Doña Isabel q' murio sin casar. Doña Beatriz muger de Don Pedro de Meneses 1.º marques de Villarreal: Doña Guiomar muger de Don Enrique de Meneses, Conde de Loule, i General del Alcaçar, i Arzila, en Africa, i Doña Catalina q' estuvo concertada de casar con Don Juan Coutiño, 3.º Conde de Marialva el que murio en la conquista de Africa.

Esta descendencia dexó el Conde de Arrayolos, 2.º Duque de Bragança, de la Duquesa Doña Juana de Castro su muger. Seria disgresion

(1) Em quanto D. Fernando veio a Portugal, foi substituido em Ceuta por Antonio Pacheco que já tinha desempenhado êste cargo como disse em nota anterior.

mui dilatada referir todas las ramas q' de este cauallero proceden, mas hare memoria de las casas q' del descienden por varonia de Españe.

Son en primer lugar la de Bergança, q' de padres a hijos desciende derechamente deste cauallero asta Don Juan 2.º deste nombre, y 8.º Duque de Bergança, q' casó con Doña Luiza Maria de Guzman, hija de Don Manuel Alonso Perez de Guzman, 8.º Duque de Medina Sidonia, i de la Duquesa Doña Juana de Sandoval, hija de Don Francisco Gomez de Sandoval, i Roxas, 1.º duque de Lerma.

La casa de los Condes de Oropesa, por q' Don Duarte hijo de Don Juan, 6.º Duque de Bergança, casó con Doña Beatriz de Toledo, marquesa de Jarandilla, hija heredera de Don Juan Alvarez de Toledo, i Ayala, 5.º Conde de Oropesa, i 2.º de Deleitosa, Sr. de Jarandilla, Cebolla, i las mas villas de su estado; i de Doña Luiza Pimentel, hija de Don Antonio Alonso Pimentel 6.º Conde de Benavente. Deste matrimonio proceden por varonia los Condes de Oropesa grandes de Castilla; cuya casa posue oi Don Duarte Alvarez de Toledo, Portugal, Monroi, i Ayala 7.º conde de Oropesa, Virrei de Navarra, i de Valencia, casado con Doña Ana Monica de Cordova Condesa de Alcandete, hija de Don Juan de Zuñiga Pimentel, Marques del Villar, i de Doña Antonia de Cordova i Velasco, hija i heredera de Don Francisco Fernandez de Cordova i Velasco, 3.º Conde de Alcandete, i de la Condesa Doña Ana Pimentel i Herrera su muger.

Los Condes de Lemos, por q' Don Dionis de Portugal hijo de Don Fernando 2.º deste nombre, y 3.º Duque de Bregança, i de la Duquesa Doña Isabel su muger, hermana del Rey Don Manuel de Portugal, ambos hijos del Infante Don Fernando, i de la Infanta Doña Beatriz su muger. Duque de Viseu, i condestable de Portugal, hijo del Rey Don Duarte, i de la Reina Doña Leonor Infanta de Aragon; casó en Castilla, con Doña Beatriz de Castro Osorio, 3.ª Condeça de Lemos, hija de Don Rodrigo de Castro Osorio, 2.º conde de Lemos, i de Doña Theresa Osorio hija de Don Pedro Alverez Osorio, 2.º Marques de Astorga, i de la Marquesa Doña Beatriz de Quiñones su muger. Possue oi esta casa Don Francisco Fernandez de Castro, 9.º Conde de Lemos, Virrei de Aragon viudo de Doña Antonia Giron, hija de Don Pedro Giron, 3.º Duque de Osuna, i de la Duquesa Doña Catalina Enriquez de Ribera, hija de D. Fernando Enriques de Ribera, Duque de Alcala, i de la Duquesa Dona Juana Cortes.

La casa de los Condes de Odemira, por q' Don Alonso Conde de Faro y 2.º Conde deste titulo, fue hijo de Don Fernando 2.º Duque de Bergança, i de la Duquesa Doña Juana de Castro, i del, i de su muger, Doña Maria de Noroña, hija heredera de Don Sancho de Noroña Conde de Odemira: de padres a hijos procedio esta casa por varonia asta parar a Don Sancho de Noroña 6.º Conde de Odemira, que casado con Doña Juliana de Lara, hija de Don Manuel de Meneses, i despues Duque

de Villarreal, i de la Duquesa Doña Maria Coutiño, murio sin descendencia, quedando extinta en nuestros dias la varonia de tan ilustre casa.

La casa de Vimiero: por q' Don Fernando de Faro hijo quinto, de Don Alonso Conde de Faro, i de Odemira, i de la Condeça Doña Maria de Noroña, fue Sr. de Vimieiro, i Mayordomo Mayor de la Reina Doña Catalina; i del, i de Doña Isabel de Melo su muger, hija de Gomez de Figueredo Proveedor mayor de Evora, i de su muger Doña Beatriz de Melo; procedio de padre a hijos Don Francisco de Faro, 1.º Conde de Vimieiro, q' casó con Doña Mariana de la Guerra hija de Pedro Lopez de Sousa, Señor de Alcoentre; cuyo hijo primogenito Don Fernando de Faro, q' sucedio en la casa, aun q' no en el titulo, casó en Castilla con Doña .... de Mendoça, hija i heredera de Don Juan Andres hurtado de Mendoça, quinto marques de Cañete, gentil hombre de la Cámara de su Mg.ᵈ, i de la Marquesa Dona Maria de Cardenas, hija mayor de Don Bernardino de Cardenas, 3.º Duque de Magueda, i de Doña Luiza Manrique de Lara, Duquesa proprietaria de Najera, i murio sin hijos.

La casa de los Condes de Faro, por q' Don Dionis de Faro, hijo de Don Fernando de Faro, señor de Vimeiro, i de Doña Isabel de Melo, casó con Doña Luisa Cabral, hija heredera de Juan Alvares Camiña, i fueron padres de Don Esteban de Faro, primer Conde de San Luis de Faro, q' en Doña Guiomar de Castro, hija de Don Juan lobo, baron de Aluito, i de Doña Leonor Mascareñas, huvo a Don Dionis de Faro, 2.º conde deste titulo, q' casó con Doña Madena de Lencastro, hija de los Duques de Aueiro Don Alvaro, i Doña Juliana de Lencastre, i deste matrimonio nacio Doña Juliana Maria de Faro, que heredó esta casa, i fue 3.ª muger de Don Miguel de Noroña, 2.º Duque de Camiña, Conde de Alcoutim, heredó la casa de Villareal.

La casa de los Marqueses de Ferreira, Condes de Tentugal, por q' Don Alvaro Señor de Tentugal, Regidor de la justicia de Portugal, i Presidente da de la de Castilla, fue hijo 4.º de Don Fernando, 2.º Duque de Bregança i de la Duquesa Doña Juana de Castro, i del, i de su muger Doña Felipa de Melo, hija i heredera de Don Rodrigo de Melo, conde de Olivença procedio la derecha descendencia desta casa con aquel titulo de conde, i despues con el de Marques de Ferreira asta Don Francisco de Melo, 3.º Marques de Ferreira, Conde de Tentugal, q' casó dos veces; la primera con Doña Maria de Moscoso, i saudoval su prima hermana, hija de Don Lope de Moscosso Osorio, 6.º Conde de Altamira, i de la Condesa Doña Leonor de Sandoval i Roxas, de quien no tubo hijos, i la 2.ª con Doña .... hija de Don Antonio Pimentel Marques de Tavora, i de la Marquesa Doña Isabel de Moscoso hermana de su primera muger, de cuyo matrimonio no quedó descendencia.

La de los Condes de Assumar en Portugal, Marques de Villascos en

Castilla, por q' Don Constantino de Bregança, hijo 3.º de Don Francisco de Melo, 2.º Conde de Tentugal, Marques de Ferreira, i de la Condesa Doña Eugenia de Bergança. hija de Don Jaime, 4.º Duque de Bergança, i de la duquesa Doña Juana de Mendoça, su 2.ª mujer, casó con Doña Beatriz de Castro, hija de Don Fernando de Castro, i de Doña Isabel Pereira su muger, de cuyo matrimonio nacio Don Francisco de Melo, Conde de Assumar, marques de Villescas, Gentil hombre de la Camara de S. M. de su consejo de Estado, Virrei de Sicilia, i Gouernador de los Estados de Flandes, Virrei i Capitan General de Aragon, i Cataluña, q' de la Condesça Doña .... de Villena, hija de Enrique de Sousa, 1.º Conde de Miranda, i de la Condesa Doña Antonia de Villena, huvo a Don Gaspar Constantino de Melo, que oy es 2.º Conde de Assumar.

La de los Condes de Gelvez: por q' Don Jorge de Portugal, hijo 2.º de Don Alvaro de Portugal, hermano de Don Rodrigo de Melo, 1.º Marques de Ferreira i de Doña Felipa de Melo, hija de Don Rodrigo de Melo Conde de Olivensa: fue 1.º Conde de Gelves, i Alcaide de los Alcazares de Sevilla, i casó dos vezes, la primera con Doña Guiomar de Vasconcellos, hija de Don Juan de Vasconcellos i Meneses, 2.º Conde de Penela en Portugal, de quien no tubo hijos, i la 3.ª con Doña Isabel Colon, hija de Don Diego Colon Duque de Veraguas, i Almirante de las Indias, i de la Duquesa Doña Maria de Toledo su muger; deste matrimonio entre otros hijos, fue el primogenito Don Alvaro de Portugal, q' sucedio en la casa, cuya varonia se acabo en Doña Leonor de Portugal 4.ª Condesa de Gelves, que caso con Don Fernando de Castro de la Camara de su Mg.ᵈ hijo de Don Fernando Ruiz de Castro 6.º Conde de Lemos y 2.ª vez con Don Diego Pimentel Virrei, i Capitan General del Reino de Aragon, hijo de Don Pedro Pimentel 2.º Marquez de Tavara; i de ninguno tubo hijos.

La de los duques de Veraguas, por q' Don Nuño de Portugal Colon hijo 2.º de Don Alvaro de Portugal 2.º Conde de Gelves, i de la Condesa Doña Leonor de Cordova, hija de Don Alvaro de Cordova de la Camara de Felipe 2.º y de Doña Maria de Aragon su muger, fue 4.º Duque de Veraguas, q' heredo por ser nieto de Doña Isabel Colon, muger de Don Jorge de Portugal 1.º conde de Gelves, hija de los Duques de Veraguas Don Diego Colon, i Doña Maria Toledo, cuya casa juntamente con la de Gelves, possue oi Don Pedro Nuño Colon, i Portugal sexto Duque de Veraguas, q' esta casado con Doña .... hija de Francisco Fernandez de la Cueva 7.º Duque de Albuquerque, i de la Duquesa Doña Victoria Colona.

Estas son las casas q' en Portugal, i en Castilla proceden por varonia del Conde de Arrayolos General de Ceuta. Omito la de los Condes de Vimioso, q' aun q' es rama de la de Bergança, tomó la sangre mas en la fuente por q' Don Alonso Conde de Ourem; i Marques de Valencia su progenitor, fue hijo de Don Alonso 1.º Duque de Bergança, i hermano de

Nuestro General, i por q' murio antes q' su padre no llegó a heredar la casa, dexando de Doña Beatriz de Sousa hija de Martin Alonso Souza un hijo q' se llamó Don Alonso q' fue Obispo de Evora, i padre de Don Francisco de Portugal 1.º Conde de Vimioso, q' casado 1.ª vez con Doña Beatriz de Villena hija de Rui Tellez de Meneses Mayordomo mayor de la Reina Doña Maria, muger del Rei Don Manuel, i 2.ª véz con la Condeça Doña Juana de Villena hija de Don Alvaro, Conde de Tentugal, fundó la ilustre casa de los Condes de Vimioso, q' se derivo hasta Don Alonso de Portugal, 5.º Conde deste titulo, casado con Doña Marta de Moura, hija de Don Christobal de Moura 1.º Marques de Castelo Rodrigo, Conde de Luminares, Gentil hombre de la Camara de Felipe 2.º su sumiller de Corpus, Comendador mayor de la Ordem de Alcantara, del Consejo de Estado de su Magestad; Virrey i Capitan General de Portugal, i grande de Castilla, i de la Marquesa Doña Margarita Corte Real.

CAPITULO 56.º

Don Sancho de Noroña, Conde de Odemira, General de Ceuta: gouierna esta plaça, en su tiempo el Infante Don Fernando hijo del Rey Don Duarte.

Succedio al Conde de Arrayolos en el gouiérno de Ceuta Don Sancho de Noroña Conde de Odemira por los años de 1450. Cavallero de valor, i experiencias militares, i de quien dexó algunas memorias escritas (1). Fue hermano de Don Fernando de Noroña, 2.º Conde de Villa-Real (2), y 2.º General de Ceuta (3), hijos ambos de Don Alonso

(1) Com êste primeiro govêrno de D. Sancho de Noronha, completam-se os primeiros dez govêrnos pela seguinte forma:

1.º D. Pedro de Menezes, 2.º Conde de Viana — 1415–1430.
2.º D. Duarte de Menezes, 3.º Conde de Viana — 1430–1434.
3.º D. Pedro de Menezes. 2.º Conde de Viana — 1434–1437.
4.º D. Duarte de Menezes, 3.º Conde de Viana — 1437–1438.
5.º D. Fernando de Noronha, 1.º Conde de Villa Real — 1438–1445.
6.º Antonio Pacheco — 1445–1447.
7.º D. Fernando, 2.º Duque de Bragança — 1447–1448.
8.º Antonio Pacheco — 1448.
9.º D. Fernando, 2.º Duque de Bragança — 1448–1450.
10.º D. Sancho de Noronha, 1.º Conde de Odemira — 1450–1452.

(2) Como por vezes já em notas anteriores tenho dito, D. Fernando de Noronha foi o 1.º Conde de Villa Real.

(3) D. Fernando de Noronha foi o 5.º Governador Capitão General de Ceuta e não o 2.º como evidentemente por engano D. Jeronimo de Mascarenhas aqui diz.

Conde de Gijon, i Noroña, i nietos por lo paterno del Rey Don Enrique el 2.º de Castilla, i por lo materno del Rey Don Fernando de Portugal, la primera memoria q' se offrece de su gouierno es del año siguiente de 1451.

A 5 del mes de Diciembre fue honrada la ciudad de Ceuta con la presencia de la Infanta de Portugal Doña Leonor Emperatriz de Alemania. Camiñava a celebrar sus dichosos desposorios, i obligada de contrarios vientos, tomó este puerto, i fue recebida del Conde Don Sancho, i de los fronteros della, con el aplauso, i alegria, a que les obligava aquella dicha. Las personas principales q' acompañavam a la Emperatriz eran, Don Alonso Marques de Valencia, i conde de Ourem, Don Luis Coutiño Obispo de Coimbra; Lope de Almeida, q' despues fue el 1.º Conde de Abrantes, Pedro Vaz de Melo, Rejidor da Justicia de Portugal, Alvaro de Sousa Mayordomo mayor, Alonso de Miranda, Gomez de Miranda, Don Diego de Castro, Fernando de Silveira, Martin Mendes de Berredo, i otros muchos señores i Caualleros principales. Iva por camarera mayor de la Emperatriz la Condessa Vieja de Villa Real con otras muchas señoras i damas de la primera noblesa del Reino, y constava la armada de dos Carracas, 6 naos grandes, i dos Caravelas. La emperatriz, todos los señores i señoras, i la mas gente fueron hospedados del Conde con la grandeça, q' a costumbro en muchas ocasiones, q' se le offrecieron semejantes, se detubieron. No quedó en memoria el dia q' salieron de Ceuta, si que llegaron al puerto de Liorne a primero de febrero del año siguiente de 1452. De aqui passó la Emperatriz a Sena, donde la esperaba el Emperador su esposo e Vlasdislao Rey de Vngria, i Bohemia, i Alberto Archiduque de Austria. El cardenal legado, con otros muchos señores Alemanes, vngaros i italianos. En testimonio perpetuo de aquel solemne recibimiento, la Republica de Sena hizo levantar un padron de marmol, que oi se conserva, con una inscripcion elegante, en que quedo memoria del contento, i triunfo de aquel dia. A los 8 de marzo entraron en Roma con gran aparato, i celebridad, i al siguiente dia fueron coronados del mano del Pontifice.

Assistia el año siguiente de 1452 en Evora el Rey Don Alonso y su hermano el Infante Don Fernando, ó por q' estava descontento de q' no se le lograssen algunas pretensiones, ó por q' deseava emplearse en la guerra de Africa determinó salir del Reino tiendo de edad 18 años. Para este efecto hizo aprestar secretamente um navio en la Foz de Gudiana, i salio de Evora la 3.ª octava de Natividade, llevando solamente en su compañia a Nuño de Acuña su camarero mayor; al Doctor Vasco Fernandes de Lucena, i a dos moços de su camara; i se embarco para Ceuta. No supo el Rey de su partida hasta el dia siguiente, de q' quedó con el sentimiento justo. Despachó luego por diferentes partes, caualleros, i criados suyos para q' le buscassen; mas el Infante receloso de q' le sigui-

essen, tomó el camiño de Mourab, villa en la Raya a la otra parte de Guadiano en la Betica, dando a entender q' su jornada era para Castilla. Partio el Rey sin dilacion aquella parte, i sabiendo q' el Infante auia seguido el camino del Algarve, se fue a Crasto Marin, donde supo q' se hauia embarcado. Recelando q' passasse a Italia, ordenó a Don Sancho de Noroña le tomasse el passo en el estrecho y le detuviesse, obedecio el Conde, i auiendo hallado le acompaño a la Plaça, hacia donde caminava con intento de ocuparse en la guerra de Africa. Recibiole con la ostentacion, q' merecia tal huesped, i auiendole entregado el gouierno en nombre del Rey su hermano, se partio luego al Algarbe a darle cuenta de como quedaba en aquella plaça gouernandola, i con intento de ser frontero con ella, mas hallando el Rey resolucion no convenia a su servicio, ni a la authoridade del Infante despachó luego al Conde, a Ceuta con sus hijos, al Conde de Atouguia, al Mariscal del Reino, i a otros caualleros principales para q' le persuadiessen la buelta a Portugal. Obedecio luego la orden de su hermano, i partiendo de Ceuta se fue a Beja, donde el Rey le esperaba, q' salio á recebirle tres leguas de aquella villa, (oy Ciudad) con grandes demostraciones de alegria, i le dio las villas de Beja, Moura i Serpa, merced no corta.

Fue dichosa para Ceuta la resolucion, i desabrimiento del Infante Don Fernando por q' fuera de aúer honrado esta plaça con su presencia, la acreditó con la memoria de auer sido gouernador, aun q' por tan breve tiempo. Fue hijo el Infante Don Fernando (tratemosle como general de Ceuta) del Rey, Don Duarte de Portugal vnico deste nombre, i de su muger la Reina Doña Leonor, Infanta de Aragon, hija del Rey Fernando 1.º de aquel Reino: fue duque de Viseu, maestre de las ordenes de Christo i Santiago, Condestable del Reino, i casó con Doña Beatriz... de hija de su tio el Infante Don Juan. Nacieron deste matrimonio la Reina Doña Leonor muger del Rey Don Juan el 2.º de Portugal su primo hermano, Doña Isabel q' casó con Don Fernando 2.º deste nombre Duque de Bergança, Doña Catalina que murio moça, Don Juan q' succedio a su padre en el titulo de Duque de Viseu, Don Diego que sucedio a su hermano en el titulo de Duque de Viseu, Don Duarte, Don Dionis, Don Simon que murieron moços, Don Manuel el ultimo q' vino despues a reinar en Portugal. Tubo una hija bastarda en un dama de la Reina Doña Leonor, su hija llamosse Leonor Fernandez, i casó despues con un cauallero castellano de apellido de Figueroa, deste matrimonio vi papeles autenticos, cuyas copias se conservan entre mis manuscritos, en q' fueron testigos el Cardenal Infante Don Enrique despues Rey de Portugal, la Infanta Doña Maria su hermana, y Don Antonio Prior del Crato, hijo del Infante Don Luis, i nieto del Rey Don Manuel. Proceden algunos caualleros en Portugal de aquella hija, i entre ellos Don Pedro Fernando de Figueroa del avito de Santiago asistente en esta Corte, i su hermano Don

.... Obispo de la Isla de la Madera. Vino a morir el Infante en la villa de Setuval de edad de 36 años en el de 1470 a 18 de Septiembre; fue sepultado en la ciudad de Beja en el monasterio de la Concepcion, q' su muger la Infanta Doña Beatriz auia fundado.

CAPITULO 57.º

Prosigue el gouierno de Ceuta el Conde de Odemira: entra en esta plaça el Rey Don Enrique quarto de Castilla.

FUE dichoso el gouierno de Don Sancho de Noroña Conde de Odemira por los muchos Principes q' le visitaron, como avemos visto, i veremos en el discurso desta historia. El año de 1456 pertence la jornada q' hiço a esta plaça el Rey Don Enrique 4.º de Castilla, memoria sin duda notable, i de q' no hizo mencion otra historia, q' la corre manuscrita de Alonso de Palencia, de la vida de aquel Rey en el cap. 27. Pondre aquilo q' de aquel capitulo pertenece a nuestra historia por sus mismas palabras, por q' creo seran agradables al lector las circunstancias q' alli se refierem, por no sabida ni alladas en otro autor: dice assi Alonso de Palencia:

«El dia siguiente se assentó el Real cerca de la villa de Estipona, en donde el Rey se apossento, i la hallo despoblada, como dicho es, i el marques de Villena suplico al Rey le hiciesse merced de aquella villa, i q' el la poblaria, i sostendria, i assi mandó el Rey a Juan Fernandez Galindo, i a Gonçalo de Sayavedra, q' mirassen bien aquella villa, que si era tal, q' se podria sustentar en el lugar donde estava, los cuales anduvieron toda al rededor, i la miraron, i dixeron al Rey, q' poniendosse en ella el recando q' ellos entendiam el marques por via, se podia bien amparar, i defender de los moros, i assi la dio luego el Rey al Marques, i la mandó bastecer de mantenimientos, q' en la hueste venian, i de armas, i desde alli enando el Rey a los grandes ya ohidos, q' con el alli venian, q' se fuessen con la gente la via de xeres, i q' desde la gente se fuessen cada uno a su tierra, i el Rey se fue por la costa de la mar, tomando la via de Gibraltar con asta 300 de acauallo, i como llegasse cerca de Gibraltar salieron del lugar asta 40 moros de acauallo, i el Rey embió a ellos el Comendador Gonçalo de Sayavedra, por q' le conocian bien por la vicindad de Tarifa, de donde el era Alcaide, i le dixo de como alli venia el Rey de Castilla por ver aquella tierra; i tambien les dixo de como el Rey auia abastecido a Estipona, la qual hauia hallado desamparada de los moros, i la hauia poblado, i abastecido de todo lo necesario, de lo cual

los moros huuieron grande enojo, i era entonces Alcaide de Gibraltar un buen cauallero moro q' se llamava Abencomira, el quál como supo la venida del Rey de Castilla, acordo de venir ahacer reverencia, para lo cual le envio a pedir seguro, i el Rey se le dio graciosamente, no solamente para entonces, sino para todas las veces q' quisiesse venir a verle, i hablar. Con lo cual seguró los mesajeros fueron mucho alegres, i mucho mas el Alcaide quando vido el seguro q' el Rey le embiava, i assi el Alcaide luego aparejo un presente para el Rey, de todas las frutas q' pudo hauer, i vino hacer reverencia con asta cinquenta moros mui bien adereçados, i el Alcaide mando meter luego barcos en la mar para pescar para hacer servicio al Rey, i assi se detubo el Rey gran parte del dia para ver la pesca, i a la noche se fue a dormir a una torre q' llaman de Cartagena, q' es una legua de Gibraltar; i como el Capitan de Ceuta, q' se llamava Don Sancho Conde de Odemira fuesse certificado por los navios, q' por mandamiento del Rey eran venidos sobre Malega, de como el Rey estaua alli, luego adereçó una fusta, y 4 Caravelas para a facer al Rey algun servicio; i como supiessen de su venida en Gibraltar, luego passó a hacer reverencia al Rey, i el Rey le recebio graciosamente, i le agradecio mucho su venida, i desde alli mando el Rey a Juan de Sayavedra natural de Sevilla, cauallero q' en de quedaua con la gente q' se fuesse con ella a Algeciras, i q' alli le esperasse, i el Rey se metio en el mejor nauio q' el Conde tenia, i acordó de passar no solamente a Ceuta, mas hallen de para ver el Reino de Fez, de lo que Gonçalo de Sayauedra, i Juan Fernandez Galindo, q' en de estavan tuvieron mui grande enojo, i dixeron al Rey q' ellos se maravillavan mucho de su Alteza de se querer meter en tan grande peligro sin causa, ni razon alguna, i q' mirasse bien q' la via de la mar era tan duchosa q' en una hora se hacian en ella mil mudamientos, i aun q' agora el tiempo parecia ser bueno, mui presto se podria mudar de tal manera que no se podria remediar, i q' allen de desto se hauia de mirar quanto era de dudar passar con gente estraña, mayormente en tierra, i Reino de infieles, i naturalmente enemigos de los Christianos, i q' assi le suplicavan i requerian q' no quissiesse hacer tal cosa, ni meterse en viaje tan peligrosa, del qual, aun q' con salud saliesse sería digno de grande reprehension de todos sus vassallos, i de quantos lo supiessen: con todo esso el Rey no ovio de nada deste, ni quiso tomar esse consejo sin ir su viaje; quando los dichos caualleros Gonçalo Sayauedra, i Juan Fernandes Galindo vieron al Rey q' no queria dexar su viaje, tomaron pleito omenaje, i juramento mui fuerte al Conde con las mayores firmezas, q' pudieron, q' el bolveria al Rey de Castilla con seguro, i santa paz en sus Reinos, guardandole Dios de los peligros de la mar, i con esto el Rey partio, i Miguel Lucas, i los dichos Comendadores, i algunos otros caualleros, i gentiles hombres de su cassa, i passaron con el a Ceuta, i Gonçalo Carrillo, i Juan de Sayavedra se fueron con la gente,

i quedava en tierra aposentar a las holguras entre el rio, q' dicen de la miel, i la villa vieja, i estuvieron alli dos dias, i de ai apoco que llegaron alli, llegó tambien el Marques de Villena, q' venia en busca el Rey, q' auia quedado como hemos dicho en Estipona, para le dexar a buen recando, i como supo q' el Rey hauia pasado a Ceuta, i certificado por algunos navios que hauian llegado seguro alla, quiso tambien passar con el Rey, i assi se metio en uno de aquellos navios, que auia traido la nueva, i siguio el mismo viaje, i passó a Ceuta, en donde el Rey con toda su gente fueron muy bien recibidos, i mui bien hospedados, i servidos con grande amor, i reverencia: el conde hiço el gasto al Rey, i a todos quantos con el hauian passado, i les dio largamente de todo q' huvieron menester. El Rey se detubo alli 4 dias por q' los vientos eran contrarios, i no pudo antes partir, i entre tanto que alli estuvo fue acorrer monte de leones, a tierra del Rey de Fez, por q' ai muchos en aquel Reino, i yendo el Rey a buscarlos, i pensando hacer su monteria, vino una muchedumbre de moros, q' venian a correr a Ceuta, i assi huvo el Rey de mudar de proposito, i bolverse a Ceuta antes q' el quisiera; i pensando q' por aventura por causa de los vientos se hauia de detener alli mas dias q' el queria embió a amandar a Juan de Sayavedra, i Gonçalo Carrillo, q' con la gente q' hauia quedado se fuessen a Tarifa, i q' lo esperassen alli, los cuales lo pussieron assi en obra; i como quiera q' la mar se mostrava mui alta, i con mucha furia i fortuna toda via el Rey pareciendole muchos dias auer estado alli, determino de no estar alli, i passar; i assi en esse mismo dia q' los otros auian llegado a Tarifa, llegó tambien el Rey, de lo cual, assi los caualleros q' con el venian, como los q' alli estavan esperando fueron mui alegres por le ver venir en salvo; i assi el Conde de Odemira dixo a Gonçalo de Sayavedra, i a Juan Fernandez Galindo que ellos huviessen por bien cumplido su omenaje, i juramento q' el Rey de Castillo era venido en salvamento en la villa de Tarifa.»

Esta resolucion (mas que admirada q' para imitarla) es sin duda notable por las circunstancias de q' la hallamos vestida la resolucion de un Rey, q' por su gusto se passó de España a Africa no solo menospreciando los riesgos, i peligros de la mar, mas metiendosse en una plaça fuerte de otro Rey con tanta confiança. El valor, i zelo, de los vassallos ai contradecir esta resolucion, i mostrar los inconvenientes della, i el medio q' eligieron para la seguridade de la persona de su Rey, ya q' no pudieron estorbarle la jornada, entregandole al Conde Don Sancho de Noroña, i tomandole pleito omenaje de q' le bolveria a Castilla; la magnanimidad del Conde en el hospedaje, la novedad de q' un Rey se entrasse por los montes de la Mauritania no con exercito formado a pelear con los moros, mas prevenido para matar leones como si fuera en el mas seguro bosque de sus Reinos: la puntualidad del Conde en bolverlo a Castilla, i entre-

garle a sus vassallos; circunstancias todas dignas de ponderacion, i q' bastaron a hazer grande la ciudad de Ceuta, quando le faltaran las minhas memorias q' se van referiendo en todas las edades. Debe Ceuta la referida unicamente al cronísta Alonso de Palencia, q' si se descuidara en escribirla perdiera la gloria q' ganó en ella este año de 1456.

CAPITULO 58.º

Pasa el Rey Don Alonso el quinto a Ceuta despues de la conquista de Alcaçar: successos suyos en esta plaça; fin del gobierno del Conde de Odemira.

Perdiosse la gran ciudad de Constantinopla el año 1453 y Calixto 3.º que presidia en la Iglesia con la vigilancia, i piedad de pastor universal, persuadio con mas zelo que fruto por sus legados a todos los Principes Christianos una liga contra turcos, q' andavan mui superiores en poder i fortuna; concluyosse en el de 1454 y tomaron la cruzada, q' era la insignia debaxo de q' auian de militar en aquella empresa. Fue el Rey Don Alonso 5.º de Portugal de los primeros q' la aceptaron, y armó buen numero de velas; pero despues de largas prevenciones por accidentes, i dudos q' huvo entre los Coaligados, se deshiço la vnion pudiendo poco los ruegos, i la solicitud del Pontifice. Viendosse el Rey con las armas en la mano las bolvio contra Berberia, auisandole antes Don Sancho de Noroña General de Ceuta, q' avia tenido nuevas q' el Rey de Fez venia sobre aquella ciudad con poderoso exercito. Esta fama paró em amenaças solamente; por dende el Rey mas ambicioso de gloria q' necesitado de otro motivo se fue a Lagos con su hermano el Infante Don Fernando, Don Pedro, hijo del Infante Don Pedro; el Marques de Villaviciosa, Don Fernando, i Don Juan sus hijos; Don Alvaro de Castro, Pedro Vaz de Melo, i otros muchos señores i fidalgos del Reino, donde con asistencia del Infante Don Enrique su tio junto una gruesa armada de 220 vassos, como quiere Ruy de Piña aun que Damian de Goes acrecienta mas de 60. En Sagres con el Infante Don Enrique le esperaba Don Sancho de Noroña con 4 fustas, pareciendole conveniente, i obligacion acompañarle en la jornada, en q' se portó con el valor q' siempre, siendo de los primeros en las ocasiones de mayor peligro.

Con este poder determinó ganar a Alcaçar Ceguer Ciudad en el Occeano Hercules entre Ceuta, i Tanjar con igual distancia, en lo mas augosto del estrecho de Gibraltar. Sucedio felizmente la jornada, por q' apocos dias del sitio (si bien fue valerosamente defendida la ciudad) la gano el Rey Don Alonso en la forma q' refierem muchas historias en .. del mes de .... de 1458. Eligio por primer general de aquella Plaza

a Don Duarte de Meneses aquel valeroso Heroe, cuyos hechos, i descendencia occuparon algunos de los capitulos antecedentes, i dispuestas las cosas convenientemente para la defensa, despacho con la nueva nauios a Portugal, i con los mas de la armada se fue a Ceuta, donde entró martes por la mañana 24 de Octubre. Alli acabo de concluir otras cosas, i remunero con dadivas, i mercedes a los q' sirvieron en esta ocasion. Fue esta vez la primera q' el Rey Don Alonso el V entró en la ciudad de Ceuta, i dexaron en memorias las historias de aquel tiempo, q' viendo un pueblo tan grande, tan Real, i de tan fuerte sitio, q' el Rey Don Juan su abuelo hauia ganado con otro semejante poder, convirtio la alegria de la victoria en profunda tristesa, pareciendole succeso de menos reputacion aver ganado a Alcaçar, a q' los moros llaman Ceguer, q' significa pequeño por diferencia de Alcaçar Quivir, que quiere decir grande, otra ciudad de la Mauritania, y assi con la ambicion de mas gloria concibio deseos de mayores empresas, que despues intentó valerosamente.

El Rey de Fez Mulei Abdala, sabiendo q' la ciudad de Alcaçar estava sitiada, procuró socorrerla en persona, mas entendiendo q' se auia perdido, se fue a Tanjar ajuntar alli gente para su restauracion. Hallavasse el Rey Don Alonso en Ceuta, i sabiendo los designios del de Fez socorrio a Don Duarte con armas, gente, i bastimentos. Aconsejaronle muchos q' se bolviessen al Reino, i no se detuviesse mas en Africa. Mas otros fueron de parecer q' teniendo al Rey de Fez tan cerca pareceria le obligava el temor a dar la buelta tan presto, i q' alli le desafiasse a una batalla, pues se hallava con exercito, poderoso, i afortunado, i q' no acetando el moro el desafio se podia bolver con reputacion. Como el Rey era valeroso i de pensamientos altivos, siguio facilmente este consejo, poniendolo en execucion, i assi embió a Martin de Tavora, i a Lope de Almeida con sus Reyes de Armas, tambores, i trompetas, con carta de desafio al Rey de Fez, q' auisado deste designio, ni dio entrada, ni quiso oir a los embajadores, antes les hico apartar de la playa a cañonasos.

Juntó el moro su poder, i puso sitio a Alcaçar en nueve de Noviembre de aquel año, trayendo gente de Granada, i Berberia, i por ser principe mas poderoso, i rico della junto campo de 100 V. combatientes. Passaron luego de Ceuta algunos caualleros al socorro, cuyos nombres es justo queden en memoria. Martin de Tavora hermano 2.º de Alvaro Perez de Tavora, cauallero de mucha calidad, valor, i vassallos: este bolviendo del desafio del Rey de Fez, se apartó del compañero en el camiño, i entro en Alcaçar, Juan da Silva, Don Diego de Silva, q' despues fue 1.º Conde de Portalegre; i Alonso Telles su hermano, Rodrigo de Sosa, i Juan de Sosa hermanos; Hernando Telles Aires de Miranda; Juan Rodriguez de Sa, Diego de Acuña, Rodrigo Casco de Vasconcelos, Juan Pinto, Duarte Serveira, Duarte de Melo, Gomes Aires, i otros muchos de igual calidad, i valor. Sin estos estavan en Alcaçar Don Alonso de Vas-

concelos, nieto del infante don Juan, hijo del Rey Don Pedro, i de la Reina Doña Ines de Castro, Don Enrique de Meneses primogenito de Don Duarte, Vasco Martines de Sousa Chichorro, Don Pedro de Noroña, Don Pedro de Eza, i Don Juan su hermano, Don Alvaro de Ataide. Nuño Vas de Castelo branco Montero mayor, i Gonçalo Vas de Castelobranco su hermano, Alonso Pereira Repostero mayor, Alvaro de Faria Comendador del Casal, Rodrigo, Juan i Pedro Borges. Juan Pestaña, Rodrigo de Melo hijo de Martin Alonso de Melo, q' despues fue primer Capitan General de Tanjar i Conde de Olivencia, Rodrigo Lopez Coutiño, Martin, i Diego Correa, Juan de Lima, Alonso de Miranda. Estevan da Gama, Padre de Don Vasco da Gama, 1.º almirante de la India, i Conde de Vidigueira, Alonso Hurtado de Mendoza con 3 hijos, i Rodrigo Gonçales de Castelobranco con cinco.

Determino el Rey socorrer a Alcazar personalmente, i para este efecto partio de Ceuta con toda la Armada; mas no pudiendo efectuarlo, ni aun introduzir bastimentos por el Rio, entendiendo q' su asistencia en aquel puerto era de poca utilidad a los sitiados, dando esperanças a Don Duarte de q' bolveria con mayor socorro, siguio su derrota a Portugal, i desembarcó en Algarbe, viniendosse a la Ciudad de Evora. Cincuenta y siete dias defendio Don Duarte de Meneses aquella plaça con gran valor. Refiriera los successos del sitio, sino fuera mi intencion caminar con los q' pertencem a Ceuta, y no los refirieran las historias de Portugal cumplidamente; pero no passare en silencio, q' viendose Don Duarte en sumo aprieto de gente, municiones i bastimentos, aviso al Conde Don Sancho de Noroña el estado en q' se encontrava, i aun q' este cauallero le trocava tanto aquel socorro rehuso hacerlo desabridamente, acordandosse entonces de enemistades antiguas q' hauia entre el i Don Duarte; accion de q' fue generalmente notado, i con rason pues quando no le obrigara a lo contrario el servicio de su Rey, bastaran las obligaciones de cauallero, para no faltar en ocasion tan preciosa astro q' se valia de su amparo. Finalmente sin el socorro de Don Sancho prosiguio, para mayor gloria suya, Don Duarte de Meneses, la defensa de su Plaza alcançando gloriosos successos en las salidas, i en la resistencia de los asaltos, asta que el Rey de Fez hauiendo perdido 3 V. hombres en 53 dias, q' duró el sitio, le alzo casi de repente a 2 de enero de 1459.

Hasta el año de 1460 (1) juzgo q' gouerno la plaça de Ceuta el Conde Don Sancho de Noroña, por q' en el siguiente, halló, q' la gouernaba Don Pedro de Meneses Marques de Villarreal. Passo Don Sancho a Portugal, i continuando los servicios a la corona, año de 1463 acompaño

(1) D. Sancho de Noronha nesta segunda estada em Ceuta de 1456 a 1460, constituiu o 12.º govêrno, tendo sido o 11.º govêrno desempenhado pelo Infante D. Fernando.

al Rey Don Alonso el 5.º en la empresa q' intento de Tanjar con infelice successo; i en esta jornada le dio el Infante Don Fernando, Maestre de la Orden de Santiago la encomienda mayor della. Caso con la condeça Doña Mencia de Sousa hija de Gonçaleanes de Sousa, señor de Mortagoa y deste matrimonio nacio una sola hija, q' se llamó Doña Maria de Noroña. Esta casó con Don Alonso Conde de Faro, hijo 3.º de Don Fernando 2.º Duque de Bergança, i de la Duquesa Doña Juana de Castro. Con esto se perdio la varonia del Conde, i prosiguio el Condado de Odemira en aquella rama de la casa de Bergança asta Don Sancho de Noroña 6.º Conde de Odemira, q' casado con Doña Juliana de Lara, hija de Don Manuel de Meneses 5.º Marques, i despues Duque de Villa-Real, i de la Duquesa Doña Maria Coutiño, murio sin descendencia, quedando en nuestros dias exhinta la varonia desta casa. Huvo el Conde Don Sancho fuera deste matrimonio un hijo llamado Don Luis de Abrome *(sic)* de quien proceden en Portugal algunas ramas deste apellido.

CAPITULO 59.º

Don Pedro de Meneses, 3.º Conde de Villa-Real (1), *General de Ceuta, passa a Portugal, e queda con el gouierno de dicha plaça Pedro de Albuquerque: buelve segunda vez el Conde.*

El año de 1461 halló en las historias gouernando a Ceuta Don Pedro de Meneses 3.º Conde de Villarreal, i aun q' se ha hecho en esta historia dilatada relacion desta casa siempre en los señores della se renova a la memoria de sus padres, i abuelos paternos i maternos. Fue hijo Don Pedro de Meneses de Don Fernando de Noronha 2.º Conde de Villarreal, Capitan General de Ceuta, i de la Condeça Doña Beatriz de Meneses, nieto por lo paterno de Don Alonso conde de Gijon; i Noroña, i de Doña Isabel hija bastarda del Rey Don Fernando de Portugal; nieto por lo materno de Don Pedro de Meneses conde de Viana, 1.º Conde de Villarreal y 1.º general de Ceuta, Alferez Mayor de Portugal, i de la condeça Doña Margarita de Miranda, hija de Don Martin de Miranda Arzobispo de Braga.

Quedo por muerte del Conde su padre de tierna edad, i assi no continuo inmediatamente en el gouierno de Ceuta, i fueron generales Don Fernando Conde de Arrayolos, despues duque de Bergança, i Don Sancho de Noroña Conde de Odemira; aquel como suegro, i este como tio de Don Pedro. El año de 1461 le habilito el Rey Don Alonso el Quinto

(1) D. Pedro de Menezes foi o 2.º Conde de Vila Real e não o 3.º como a maioria dos historiadores dizem. Este erro já vai argumentado em notas anteriores.

para el gouierno desta plaça, siendo de edad de 20 años, por las muchas partes, i vertudes, q' concurrian en su persona, como se ve de la carta de su nombramiento cuya copia se halla en el libro de las mercedes de su casa folio 28 i de la original q' se conserva en el archivo della, i de la carta del Conde de Odemira q' se halla en el mismo libro fl.s 13 y 14. Concediole el Rey este gouierno con los poderes q' fueron concedidos al conde de Odemira, q' eran todos los q' el Rey tendria si estuviesse en aquella plaça, i q' pudiesse dar las propriedades d'ella i su destrito por cartas suyas sin ser necesaria otra confirmacion, i tuviesse el quinto de todas las presas. El mismo Rey Don Alonso el 5.º por outra carta de 12 de Abril de 1462 concedio al Conde todas las libertades i prerrogativas q' para este gouierno fueron concedidas a los infantes Don Fernando, i Don Enrique quando en tiempo del Rey Don Duarte passaron a Africa, i q' pudiesse dar todos los officios de la ciudad, concediendole todas rentas della, como consta en la donacion original, q' se conserva en el archivo desta casa, com su copia en el libro de las mercedes della folio 30. Entro pues en el gouierno desta plaça Don Pedro, i continuando con el valor, i dicha de sus gloriosos abuelos, empezo juntamente a exerser este puesto, i a alcançar siñaladas victorias. Despues de otras sujetó las sierras de Benihassen, i Benitelid, que algunos llaman Chebrit, i quedaron sus moradores tributarios a Portugal (servicio de singular reputacion para su corona) i estando el Rey en Torres vedras le presento una copa hecha del oro deste tributo, q' fue el primero q' pagaron los Berberiscos a los Portugueses, como en presagio de los muchos que auia de rendirle aquella parte de Africa por el valor deste cauallero, i sus descendientes.

El año siguiente de 1462 passaua a Portugal el Conde, porq' halló gouernada esta plaça por Pedro Albuquerque (1); i por hauer sido general della será razon q' demos alguna noticia deste cauallero. Era de la familia de los Acuñas, q' tanta nobleça dío a Portugal, y de quien tantas i tan ilustres ramas, i casas titulares proceden en Castilla, i hermano del Conde de Penamacor Lope de Albuquerque. Pedro Vaz de Acuña, hijo 7.º de Vasco Martines de Acuña, i de Doña Teresa de Albuquerque su 2.ª muger, fue señor de Anjeja, de Pineiro, i Figueiredo, i otras tierras, casó con Doña Ana de Ataide, hija de Martin Gonçales de Ataide, Alcaide de Chaves: nacieron deste matrimonio Juan de Albuquerque successor en la casa; Pedro de Alburquerque q' murio moço, i Doña Isabel de Alburquerque, muger primera de Fernan Pereira señor de la tierra

(1) Pedro de Albuquerque foi o 14.º Governador. Foi durante o seu govêrno que se negociou com o primeiro tratado de comércio entre portugueses e habitantes de África o qual começou a ter execução em 10 de abril de 1463. No 2.º volume da *Historia e Genealogia* publiquei um estudo sôbre êste tratado.

St. Maria, Juan de Alburquerque heredando la casa de su padre, casó con Doña Catalina Pereira, hija de Juan Alvarez Pereira Sr. de la Sierra de Santa Maria, de cuyo matrimonio nacieron Pedro de Alburquerque, Conde de Penamacor, q' heredó la casa, Henrique de Alburquerque, q' tambien vino a heredarla, por la razon q' luego se dira, i murio sin descendencia, auiendo sido casado con Doña Catalina Enriques, hija de Don Fernando Enriques Sr. de las Alcaçovas.

Pedro de Albuquerque hijo de Juan de Albuquerque, i de Doña Catalina Pereira, i hermano mayor del Conde de Penamacor Lope de Albuquerque, fue cauallero de singular esfuerço como lo mostro en las operaciones militares de su tiempo. Por serlo, i por la calidad de su persona quando el Conde de Villa Real passó a Portugal quedo haciendo el officio de General de Ceuta, i exercia este puesto el año de 1462. No quedo otra memoria suya, sino q' lo era en la ocasion en q' Don Juan Perez de Guzman 1.º Duque de Medina Sidonia Sitiava a Gibraltar, por q' desde alli, pidio socorros repetidas veces a Pedro de Albuquerque, i a Don Duarte de Meneses q' gouernava Alcaçar, i por q' Pedro de Albuquerque hubo primero el aviso le retardó al Conde, queriendo llevar la gloria de socorros primero al Duque, como lo hizo. Mas lo q' se debio a Don Duarte, i la confiança que los moros del hicieron, entregando la plaça sobre su palabra, se dixo en el elogio deste cauallero, donde se puede ver como en lugar mas propio.

Esta es la unica memoria q' hallo del gouierno de Don Pedro de Alburquerque, que duró pocos meses, por q' ya el año siguiente de 1463 hallamos al Conde de Villarreal de buelta en esta plaça. Fue Pedro de Alburquerque Alcaide de Sabugal, i Alfayates, i despues Almirante de Portugal por merced del Rey Don Juan el 2.º casó con Doña Catalina de Acosta hermana del cardenal Don Jorge de Acosta, i no dexo hijos. Sirvio en la fronteras de Africa muchos años con gran valor, i despues en las guerras contra Castilla; mas vino a deslustrar la fama que hauia gañado con sus hechos, siendo uno de los q' conspiraron con el Duque de Viseu contra el Rey Don Juan el 2.º Descubriose la conjuracion, de q' resulto la muerte del Duque, i los castigos en los culpados. Pedro de Alburquerque aun que luego fue preso en Lisboa, i llevado al tribunal supremo de justicia donde le procesaron, i fue oido en presencia del Rey, a quien hiço una oracion mui grave, i sentida, por q' era mui elocuente. Alegó sus servicios i hechos en las guerras, mas nada le aprobecho, por q' fue sentenciado a degollar en Montemayor el nuevo año de 1483.

El de 1463 tratava el Rey Don Alonso el 5.º con menos consideracion q' debiera en negocio de tanto peso la empresa de Tanjar. Fue uno de los principales movedores desta resolucion el conde de Villa-Real Don Pedro, como aquel a quien debia caber tanta parte desta gloria; i si bien

los mas prudentes contradecian la jornada, el Rey se resolvio emprenderla personalmente. Passó primero a Ceuta el Conde Villarreal para ver la disposicion de las casas, i auiendosse informado de todo aseguró de nuevo al Rey del successo, con q' finalmente se determinó su passaje. Tuvo tanta industria el de Villarreal, q' deseando sumamente hallarse en esta empressa, i ser el principal a quien se debiesse el successo, dispuso q' el Rey le rogasse, i q' le hiciesse muchas mercedes de cosas de la corona que pretendia como hiso antes de la partida a Ceuta.

Llevo en su compañia el Conde a su muger como quien iba de assiento, con q' disposo mejor los intentos q' llevava a ella. Poco despues passó a Tarifa i a Gibraltar a conducir alguna gente a Ceuta, de que remitio luego 150 cavallos y 30 infantes, por que era su intento assi q' supiesse q' el Rey estava sobre Tanjar, salir desde Ceuta con un grueso considerable a darle calor. Mas la jornada del Rey, i del Infante, se dilató de manera q' no pudieron ocultarse a los moros las prevenciones q' hacian en Ceuta, i la gente forastera q' entrava en esta plaça.

CAPITULO 60.°

Passa el Rey Don Alonso el 5.° a Ceuta: successos que tubo en esta plaça sobre la conquista de Tanjar.

PARTIO el Rey de Lisboa lunes 7 de noviembre deste ano de 1463 y llegó a lagos miercoles, prosiguio su viage sin detenerse: corrio tan recia tempestad la armada, q' estubo a riesgo de perderse toda; mas derrotados algunos vassos el Rey entró en Ceuta con pocos, i el resto de la flota recojido en diferentes puertos de España se vino despues ajuntar alli, adonde saliendo el Rey fue en publica procesion arendir las gracias a Sancta Maria de Africa hermita que auia edificado el Infante Don Enrique. Partio sin detenerse de Ceuta a Alcaçar con todo su gruesso; i de aquella plaça intentó ganar a Tanjar, mas hallandosse esta ciudad sobradamente prevenida con tan repetidas amenaças, no cojio otro fructo de la empresa sin el conocimiento de q' le hauia aconsejado bien el Conde de Viana, q' siempre contradixo esta resolucion.

Perdio alguna gente, i sin otro successo bolvio a Alcazar; i de alli a Ceuta, q' por este tiempo era verdaderamente corte de Portugal, pues tan visitada se hallava de principes, i de los mejores del Reino.

Si el gouierno del Conde de Odemira fue dichoso por visitarle un Rey de Castella en Ceuta aora hallaremos otro de Aragon dentro de sus murallas, por q' no envidie aquella dicha, el conde de Villarreal, cuyo gouierno se escribe aora. Hallavanse por este tiempo los catalanos en

diferencias, i guerras con el Rey Don Juan de Aragon, de cuya obediencia habian salido por causa de la muerte del Principe Don Carlos, que decian hauiam sido de veneno, i de orden de su madrastra Dona Juana por q' su hijo Don Fernando succediesse en aquellos estados, como succedio. Llamaron en esta ocasion a Don Pedro condestable de Portugal, hijo del Infante Don Pedro, i nieto del Rey Don Juan el 1.º como a legitimo successor de la casa de Aragon, i Cataluña, por q' su madre la Infanta Isabel era hija mayor de Don Jaime Conde de Urgel pretenso Rey de Aragon, i de la Infanta Doña Isabel hija de Don Pedro 4.º de aquel Reino; i pretendian prefiriesse en la succession del al infante Don Fernando. Como este negocio era arduo, i el condestable dotado de grande prudencia, antes q' respondiesse a los Catalanes, consultó la respuesta con algunos caualleros Portugueses amigos suyos. Estos le aconsejaron que no solamente debia acetar la offerta, mas esforçar su derecho por las armas, acudiendo personalmente a lo que tanto le importava, i q' le convenia mas perder la vida entan honrada empresa, q' vivir en Portugal entre los disfavores q' experimentava. Determinosse Don Pedro a condescer con los Catalanes en lo q' le offrecian; i para prendas de su voluntad les embió el sello de sus armas. Todas estas circunstancias estuvieron ocultas hasta q' el Rey hiço su jornada a Ceuta, de q' siendo auisados los catalanes se mitieron dos galeras a esta plaça con pretexto de q' ivan a tratar, para que Don Pedro se fuesse en ellas a Cataluña, mas no quiso executar accion tan grande sin dar primero cuenta al Rey su primo y cuñado.

Pidiole audiencia en presencia del Infante su hermano, del conde de Villarreal, i de Payo Rodriguez contador mayor de Lisboa. En ella con palabras de gran modestia, i obediencia refirio por extenso los lances que hauian passado entre el y los catalanes, como hauian venido aquellas galeras a buscarle, para q' se fuesse a coronar a Barcelona, i la honra q' le resultava de dar de un vassallo para Rey de un Reino tan ilustre, q' le suplicaua le diesse licencia para acudir luego a lo q' tanto le convenia. No se pudo escusar el Rey de concedela, si bien la procurava dilatar. Andubo finisimo en esta ocassion el Conde de Villarreal, por ser grandemente aficionado y reconocido a Don Pedro por las mercedes q' hauia recebido de su padre: presentole luego q' alcançó la licencia, una bajella de gran valor, i q' podia estimarla bien quien se hallava tan proximo a coronarse. Sirviole con otras muchas alajas de estimacion; mas no paró en esto su reconocimiento i gratitud, por q' estando despues Don Pedro en Cataluña, le socorrio diferentes veces con partidas de cauallos, i dinero para las guerra q' tenia con los aragoneses. Este reconocimiento no hallo en otro cauallero Portugues, siendo tantos los que a su padre debian sus mayores medras.

Trataba por este tiempo el Rey Don Alonso de passarse a Gibraltar

averse con el Rey Don Enrique de Castilla, q' se hallava en aquella plaça, i temiendo el condestable q' destas visitas resultassen algunas dudas en su jornada, por q' el Rey Don Enrique era tambien opisitor a Aragon; i viendo q' el Rey le dilatava la licencia, procuró una noche hablarle, mas el entendiendo su determinacion se escuso de oirle, remitiendo la audencia para outro dia. Con este se resolvio el condestable a partir sin licencia, como lo executo aquella misma noche en una de las galeras q' le esperaban dexando una carta al Rey, i escrita con gran sumision, i modestia la causa de su partida, i leales intentos, q' llevava de servirle siempre. Llegó a Barcelona, i fue coronado, i obedecido, mas durole poco tiempo la corona, por q' brevemente fue muerto con veneno q' le dieron sus vassallos sepultaronle en la iglesia mayor de aquella ciudad donde jase.

Mientras esto passaba en Ceuta, el Infante Don Fernando, q' se auia quedado en alcaçar, aconsejado de los emulos de lo conde de Viana, contra parecer suyo, i sin licencia del Rey, determino bolver segunda vez a Tanjar, como lo executó. Siendo el Rey auisado deste intento, por q' el yerro fuesse menor, despachó a Vasco Martines Chichorro su capitan de los Ginetes con alguna caualleria para q' se agregara a la gente del Infante. Tras el partio en persona con 800 cauallos, i alguna Infanteria; i un dia antes de amanecer llegó a los Medaos junto a Tanjar, aviendo caminado sin apearse 15 leguas, i no hallando al Infante, por q' auia ido por otro camino, creyo con la facilidad, que creya todo lo q' era de su convenencia, que Tanjar estava ocupado por los nuestros. Quando el infante llegó avista de Tanjar estava ya ocupado el Rey en recorrer todo el campo, i por no descubrise se embosco aquel dia, embiando al mariscal a reconocer el campo, asta q' en el siguiente se efectuasse lo q' tenia determinado. Toposse el mariscal con el Rey, a quien conto lo q' hauia passado, i el enojado del successo, i mucho mas con el hermano, sin querer encontrarle se fue a Alcaçar. Vinose el infante tras el Rey por aplacarle; i no passó su enojo de una reprehension menos aspera de lo q' el infante merecia.

De Alcasar pártio el Rey otra vez a Ceuta con determinacion de verse con el Rey Don Enrique de Castilla, q' se hallava en Gibraltar, i el Infante se quedo en Alcaçar, donde otra vez incitado del Conde de Odemira, i de otros a bolver a intentar la empressa de Tanjar, passó a Ceuta a alcançar del Rey su hermano licencia, i aun q' desconfiado de conseguirla la obtuvo, i sin descubrirlo a persona alguna (por q' el Conde de Viana q' se hallava en Ceuta no se offreciesse acompañarle) se passó luego a Alcaçar, partio a 19 de Henero del año de 1464 con toda la gente descontenta, como quien prevenia el successo, q' les amenaçaua; aumentaronse los temores en todos quando llegados a la cabeça q' llaman de Almenara, vieron un cometa de largas i sangrientas crines, q' seguia a la

Luna en mitad de su claridad sobre Tanjar. Caminavan todos tan tristes con este presagio tan tristes interiormente, q' apenas davan passo q' no juzgassen era para lá sepultura. Entonces Gomez Freire Cauallero de conocida calidad, i prudencia, dixo en altas voces aquellas palabras, q' tan en memoria quedaron á los Portugueses: *A! noche fatal, i desdichada, para quien te aparejas.*

Llegados a Tanjar arrimaron las escalas a las murallas con gran valor i resolucion, i subiolas cantidad considerable de gente; mas como la plaça estava tan prevenida con las continuas amenaças, rebatieron los moros el asalto con singular valor, i dicha, por q' en todos los q' subieron hicieron miserable estrago, impidiendo juntamente a los segundos la entrada. Viendo el Infante la tormenta que corrian a los primeros aventureros dentro de las murallas, i q' perecian sin remedio, si bien vendian muy caras las vidas, quiso subir tambien, mas el Conde de Odemira, i el Comendador Mayor de Christo le desviaron deste intento, diciendole q' no consentirian que Tanjar fuesse tantas veces tumba de los Infantes de Portugal. Con estas i otras persuasiones le apartaron, aconsejandole, aun q' tarde, q' se recojiesse a Alcaçar, por q' entonces hallaron aquella plaça inespugnable. Trescientos Portuguesses los mas valerosos perecieron en este asalto, los doscientos muertos, i los cem cautivos. Los muertos de mayor cuenta fueron Don Gonçalo Coutiño Conde de Marialva, Don Rodrigo Coutiño su hijo bastardo; Don Jorge de Castro hijo de Don Alvaro de Castro, q' despues fue conde de Momsanto; Don Juan de Saa, Rui Diaz de Lobo, Pedro Coello, Pedro de Sousa su hermano, Fernan Vaz de Cortereal; Fernan de Macedo; Pedro de Macedo su hermano, Gomez Freire de Andrade, el q' dixo las palabras referidas, Alvaro de Saa, Rui Paez, Pedro Paez, hijos de Payo Rodriguez contador mayor de Lisboa, i otros muchos soldados de noble sangre. Delos cautivos fueron los principales Don Fernando Coutiño Mariscal del Reino, Fernan Tellez, Diego da Silva, Rui Lopes Coutiño; Diego da Silva, que despues fue 1.° conde de Portalegre, Juan Falcon, Garcia de Melo; Don Alvaro de Lima, i otros muchos, gran perdida para el Reino de tan valerosos soldados, i en el interes, considerable dado, por lo que costaron sus rescates.

CAPITULO 61.°

Visitas en Gibraltar de los Reyes de Portugal i Castilla. Siniestros successos de Don Alonso en Ceuta asta bolver al Reino. Fin del gouierno del Conde de Villarreal.

HALLAVASSE el Rey de partida de Gibraltar, donde por medio del Conde de Ledesma auia concertado verse con el Rey de Castilla; mas antes de partirse tuvo nueva del infelice successo de Tanjar.

Sin embargo del sentimiento justo q' le causo, no quiso dexar la jornada, i se embarcó acompañado del Conde de Guimares, i de Don Juan su hermeno, q' despues fue marques de Monte Mayor, de los condes de Monsanto, y Atouguia; Prior del Crato, i otros señores, i criados de su caza. Llhego a Gibraltar donde fue recebido del Rey Don Enrique con las demostraciones de alegria q' merecia tal huesped. En estas vistas pidio Don Enrique al Portuguez confederacion, i amistad contra el Infante Don Alonso su medio hermano, offreciendole casar con la Infanta Doña Isabel su hermana, q' despues fue Reina Catholica de Castilla, i a Doña Juana su hija Princesa jurada de Castilla con Don Juan Principe de Portugal. Sobre esto se hicieron acuerdos jurados en manos de Don Jorge de Acosta Obispo de Evora, q' despues fue Arçobispo de Lisboa, i cardenal de la Santa Iglesia; los cuales por la natural inconstancia del Rey Don Enrique no tubieron efecto. Despedido Don Alonso de Don Enrique, bolvio a Ceuta, i siendo aconsejado que se fuesse al Reino, determino primero correr, i ver la campaña de Arzila, q' deseava mucho unir a la corona. Partio para este efecto a Alcaçar, i con el infante su hermano passó la tierra por el puesto de Alfeixe, i en amaneciendo dieron en unas aldeas q' hallaron despobladas con el auiso de su entrada, corrieron toda aquella campaña, i cautivando grande numero de moros, i recogiendo mucho ganado, i despejos, siendo ya de noche passaron el Rio de Tagadarte, junto a el a la parte de Alcaçar se alojaron aquella noche, q' fue tan llaviosa, e crecio tanto el rio de manera, q' sino le hubiera passado corriera conocido riesgo nuestra gente, por la multitud de moros q' acudio al rebato. Con esta ocasion no pudo el Rey ver a Arsila, de que quedó sentido, i mucho mas quando supo q' sus vecinos estavan determinados a no defenderse, i entregarsela si llegasse. Desde alli se bolvio a Ceuta donde declaró su buelta a Reino, despidiendo la gente q' consigo tenia.

En esta occassion succedio en Ceuta la competencia de jurisdicion, q' refieren algunos de nuestros historiadores, entre el Infante Don Fernando, i los caualleros Militares de las ordenes de Christo i Santiago. Era aquel principe Maestre de ambas ordenes, i como tal quando se offrecio esta jornada mandó a todos los caualleros dellas con edictos publicos q' le acompañassem y aun que es cierto q' le siguieron voluntariamente con el exemplo de su persona, y el del Rey Don Alonso con todo, como este negocio tocava a jurisdicion, i los caualleros militares de aquel tiempo professabam mayor celo q' oi, despues q' fueron despedidos, i tubieron licencia para bolverse a sus casas, hicieron en Ceuta junta de ambas ordenes, i dellas eligieron a Gonçalo Gomes de Valadares, Comendador de la de Christo; i Martin Vas de Mascareñas Comendador de la de Santiago, Caualleros de mucha prudencia, i valor, para q' requiriesen al Infante no estar acostumbrados a semejantes violencias, siendo accion

voluntaria, i libre seguir a los maestre en ocasion de guerra, q' no fuesse declarada en los estatutos. El Infante no solo los escucho agradablemente, mas examinando los estatutos, i previlegios sin remitirlos a otros, ni dilatarlo, vino en lo q' pedian, i con esto se passó a Portugal con la mayor parte de la Armada.

Hallavasse el Rey con harto disgusto en Ceuta por los siniestros sucsos q' le siguieron en aquella jornada; i no cansada la Fortuna de perseguirle le traxo a las manos, del ultimo, i tan costoso, por q' desde el principio hasta el fin fuesse infelice. Tubo auiso que podia hacer grande presa en las aldeas de la sierra de Benacufu, i como deseava ocassiones en q' mostrar su valor determinó intentar esta empressa, ordenando a Don Duarte de Meneses Conde de Viana, i General de Alcaçar, q' se hallava en Ceuta asistiendo a sus negocios, q' le acompañasse. El conde obedecio aun q' con poco gusto, por q' viendosse sin criados, i sin los soldados, q' estavan enseñados a su disciplina, temio el successo desta entrada. Eeforçauansse su temores con la memoria de averle dicho un gran judiciario en Portugal, q' sería muerto debaxo del gouierno de otro Capitan. Partio el Rey de Ceuta con 800 cauallos, i poca infanteria, i la primera noche se alojo junto al castillo de Almuñecar. Acompañabanle el Duque de Bergança; el Conde de Guimares, i Don Alonso q' despues fue conde de Faro; sus hijos, el Conde de Villarreal; Don Alonso de Vasconcelos, q' despues fue conde de Penela; el Conde de Monsanto, el de Viana, Don Enrique de Meneses su hijo q' fue conde de Loule, i otros muchos caualleros. Con esta gente en diferentes tropas partio de Ceuta, i entro de noche en la sierra, q' para la gente de apie era aspera y fragosa, y mucho mas para la caualleria. Empeçaron a correr la tierra, quando ya los moros hauiam sentido su entrada. Estos pussieron en la sierra a las mugeres, i hijos por asegurarlos, i empeçaron a escaramuçar con tanta valor, i vizarria, q' aun q' con grandisimo daño de su parte de muertos, i heridos, mataron, i hirieron algunos Portuguesses, q' se señalaron como siempre. El Rey passando por lo mas alto de la sierra se hallo en una aldea en que tomó un breve descanso, i mandó a Lope de Almeida, i al Adalid, q' con lo q' estava junto de presa caminassen asta la falda de la sierra, i alli le esperassen. Poco despues partio con mas espacio del q' convenia en tierra tan peligrosa, i desde alli, para caminar com menos embaraço, despidio toda la gente de apie para Tetuan, donde determinava reposar aquella noche. Desta suerte continuó la jornada, siguiendole siempre algunos cauallos moros con poco estruendo; i pareciendole a el Rey q' mas vendrian a offrecerle paz, q' apelear, se separó, i se puso a hablar mui despacio con ellos, preguntandoles, si querian darle obediencia. Pidieron tiempo para comunicarlos con sus vecinos, q' ya se ivan juntando en gran numero, mas viendo el Rey q' tardavan la respuesta continuo su marcha, i subio un cerro fragoso con la mayor

parte de la cavalleria. Caminava en la Retaguardia el Conde de Villarreal no poco apartado del Rey i con poca gente, mas viendole el Conde de Guimaraes su cuñado en aquel peligro, pidio licencia para socorrerle con algunas bocas de fuego. El Rey tenia tambien poca, i embió orden al de Villarreal para q' se adelantasse, i incorporase con el mas el Conde como tan valeroso, i experimentado en aquella guerra, i en los ardides de los moros, respondio q' dexasse aquel puesto, i continuasse la marcha, q' el se recogeria con honra, y daño de los moros. En este dia mostró este cauallero mayor esfuerço, i valor, q' en todas las ocasiones passadas, por q' ademas de recogerse con orden, hizo muchas bizarras bueltas con grandissimo daño de los moros, estos crecian mas con los socorros de las aldeas vecinas, i seguian al Rey y al Conde con grandes voces esperando a darle batalla en lo llano. Salio el Rey de la Sierra, i cargaron sobre el tantos barbaros q' le obligaron a hacer bueltas, q' executó, con singular valor, hiviendo por su mano a muchos, i matando cuerpo a cuerpo un vizarro moro q' se le acerco mas, pero como se aumentavan por instantes, i nuestra gente se minorava, por q' muchos olvidados del peligro en q' dexavan a su Rey, i a su general desampararon el campo, resolucion en q' hallaron algunos el peligro mas cierto. Viendosse el Rey en este aprieto, i siendo obligado de los principales, q' le acompañavan a q' se apartasse de todo, bajando de la sierra a lo llano, dio orden a Don Duarte de Meneses Conde de Viana, para q' fuesse entreteniendo a los moros con la mayor parte dela caualleria, mientras el salia de la sierra. No acetó de buena gana el Conde aquella comision, i respondio, *q' no quisiera en tal ocasion encargarse deste cuidado, por q' no tenia sus soldados q' le conocian, i sabian obedecerle, i q' si aquella gente q' le encargaua teiniendo a el presente q' era su Rey, no le obedecio, menos lo harian a sus ordens, mas pues lo mandava daria la vida, con mucho gusto por perderla en su servicio.* Sin otra replica hizo una recia buelta, pero no le engaño su recelo, porq' lo mismo fue moverse el Rey, q' desampararle al Conde la mayor parte de la gente sin q' lo pudiesse remediar. Fue luego herido y su cauallo muerto. Acudio el conde de Monsanto su cuñado, procurando darle otro cauallo, mas acertó a traes los loros de los estribos tan largos, q' como el Conde era pequeño de cuerpo, no pudo por mas q' lo procuró con la pierna derecha a la silla, antes llegando al cauallo con la espuela, le echo de si, i quedo sin esperanças de salvarse viendosse en este estado pidio al Conde de Monsanto se salvase, i quedo alli peleando gran espacio, vendiendo su vida por muchas muertes. Assi acabó este valerosso General en parte q' no pensaba, sin la compañia de los soldados q' le conocian, i sabian obedecerle en las ocasiones. Al tiempo q' cayo fue socorrido, aun q' sin efecto, de un buen criado, q' se llamava Nuño Martines de Villalobos natural de Evora, q' perdio la vida por socorrer en el cavallo, de q' se apeo a su señor. El cuerpo del

Conde fue luego hecho pedazos, por q' no huvo moro q' no procurasse vengarse de los muchos daños q' le hauia hecho en la Berberia; assi en esta Plaza de Ceuta mientras sirvio con su padre, i despues cuando la gouerno como en la de alcaçar los años q' fue general della. El Rey se vino recogiendo tan apretado q' el estandarte q' traia Duarte de Almeida, fue muchas veces abatido; i sino fuera por el valor del Alferez, i por el esfuerço de Rui de Sousa, q' muchas veces lo defendio, se perdiera. Murieron alli Diego de Silveira escrivano de la puridad, el mayor puesto q' hauia en Portugal en lo Politico. Fernan de Sousa Alcaide de Guimaraes, Luis Mendes de Vasconcelos, Pedro Gonçales secretario del Rey, i otros muchos, i esforçados caualleros. El Rey q' de los moros se hallava tan seguido, quiso hacer otra vuelta por experimentar su fortuna pero los nobles q' le acompañavan, se lo estorbaron, i hicieron passasse una ribera, donde llego el Conde de Villarreal, q' siempre hauia quedado atras, guardandole las espaldas con gran valor librandole con riesgo propio de muco peligros, a q' estubo expuesto aquel dia. Merecio q' el Rey le dixesse entonces estas palabras: *Conde, toda la fe se conserva oi en vos.* Desde alli contra el parecer de muchos se fue el Rey alojar a Tetuan, i al otro dia partio para Ceuta, donde llamando a Don Enrique de Meneses hijo del Conde de Viana le consolo de la muerte de su padre con promesas de muchas mercedes, i honras q' despues cumplio enteramente, haciendole conde de Valencia, i despues de Loule. Partio luego de Ceuta para Portugal, i auiendo llegado con propera viaje al Reino tubo en Evora la Pascua deste año, q' fue el de 1464.

Hasta aqui corren las memorias q' he hallado, del gouierno del Conde de Villarreal en Ceuta. Passó a Portugal, sin duda con el Rey por q' despues hallo nuevo general en esta plaça, i los progresos de su vida como los muchos servicios q' hiço ala corona quedon referidos en su elogio quando escribi la casa de Villarreal asta el año de 1499. En todo el tiempo q' asistio en este gouierno dio singulares muestras de su esfuerço, i alcanço grandes victorias, i por ellas el Rey Don Alonso el V y el Rey Don Juan el 2.° le hicieron muchas mercedes, i dieron muchas tierras, jurisdiciones, i rentas tomando por principal motivo sus notorios hechos en Africa como se ve de las mismas donaciones, q' se conservan originales en el archivo de su casa, fue su credito tan grande entre los moros, q' tratando el Infante Don Pedro quando gouernava a Portugal en la menor edade del Rey Don Alonso el V, libertar al infante Don Fernando por la entrega de Ceuta, Don Fernando de Meneses ninguna confiança tenia en lo q' se le tratava, ni esperava se le cumpliesse palabra alguna; i en quanto a su descendencia procedeu por varonia del Conde (que despues fue marques de Villarreal) la misma casa de Villarreal, i da de los condes de Linares, como se dixo en el elogio de su padre, no la de Monsanto por que procede de hermano suyo.

CAPITULO 62.º

Juan Rodriguez de Vasconcelos, i Ribeiro General de Ceuta. Elogio suyo, i casas que en Portugal proceden por varonia.

Este año de 1464 hallo ya gouernada esta plaça por Juan Rodrigues de Vasconcelos, i Ribeiro, q' debia nombrar el Rey Don Alonso el V quando el Conde de Villarreal passó a Portugal, ó en su compañia, ó pocos meses despues. Fue hijo de Rui Vazques Ribeiro de Vasconcelos, Señor de Figueiró, i Pedrogao, i de las villas de Viaña de Lima, Couran, Nobrega, i otras jurisdiciones, i de Doña Violante de Sousa, i Vasconcelos; Rui Vazques de Vasconcelos fue hijo de Rui Mendes de Vasconcelos, Señor de las mismas Villas, i Merino mayor de entre Duero, i Miño; i de Maria Ribeira, como dicen unos, ó de Costanza Alvares como afirman otros. Dona Violante de Souza q' era su madre era hija de Don Felipe Lope Dias de Souza Gran Maestre de la orden de Christo, hijo de Alvaro Dias de Sousa, i de Doña Maria Tellez de Vasconcelos, i Meneses, hermana de la Reina de Portugal Doña Leonor Tellez.

Las pocas noticias q' se conservan deste general en particular del tiempo q' gouernó a Ceuta, i las q' constan de los servicios, q' hiço en la guerra, nadia las podra referir mejor q' el autor de la familia de Vasconcellos, el Doctor Juan Salgado de Araujo, Abbad de las iglesias de Pera, refiere sus mismas palabras q' dicen.

Juan Rodriguez de Vasconcelos, i Ribeiro hijo de Rui Vasques Ribeiro de Vasconcelos, por muerte de su padre quedó mi niño, i como tubo edad conveniente sirvio en las guerras de Africa al Rey Don Alonso el 5.º y le acompaño todas las veces q' passó aquella conquista. Fue gouernador, i Capitan General de Ceuta, ocupassion en q' mostró gran valor militar, en todas las ocasiones de rebatos, y prudencia civil en el gouierno politico de aquella tan importante Plaza. Mostró finalmente en todo, quanto en generosa virtud se esparcia a sus ilustrisimos progenitores.

Quando el Rey Don Alonso el V passó a las guerras de Castilla, mando llamar a Juan Rodriguez de Vasconcelos, sacandole para este efecto de la Plaça de Ceuta, el qual dexando en ella a su hijo mayor Ruy Mendez de Vasconcellos, llevó consigo a otros dos hijos, q' eran Pedro de Souza Ribeiro de Vasconcelos, y Diego de Souza de Vasconcelos, q' dexando las armas siguio la iglesia, e fue Obispo de Porto, i Arzobispo de Braga, i en la batalla de Toro se hallo con el Principe Don Juan q'

por su prudente experiencia, quiso el Rey acompañasse al Principe en la jornada.

Era este cauallero de los primeros de Portugal no digo en sangre (esto ya esta claro) mas en virtud, autoridad, y en las otras condiciones, q' ya apuntamos: por este respeto se aconsejavan los Reyes con el como lo hicieron Don Alonso el 5.º, i Don Juan el 2.º cuyas vidas alcançó no con menos dicha dellos q' de la suya. Y quando estava en Figueiró, su villa, i concurrian materias de estado, i guerra, le embiavan los Reyes a pedir su parecer. Fue señor de la casa de su padre, y casó con Doña Blanca de Meneses, hija de Rui Gomez de Silva, Alcaide mayor, de Campo mayor, i tubo estos hijos: Rui Mendez de Vasconcelos, de quien hablara el capitulo siguiente, Pedro de Sousa Ribeiro progenitor de los señores de Pombal en la forma q' luego veremos. Diego de Sousa de Vasconcelos Obispo de Porto, i Arçobispo de Braga, Doña Catalina de Silva, q' casó con Duarte Galvan, varon benemerito de ilustre memoria, q' murio en el mar Roxo yendo de embaxador del Rey Dom Manuel de Preste Juan, i hermano de Don Juan Galvan Obispo de Coimbra, i despues Arzobispo de Braga. De aquel cauallero fue 2.ª muger Doña Isabel de Meneses, q' casó con Vasco Fernandez de Gouvea Sr. de Almendra, i Valledas Alcaide de Castre Rodrigo, i segunda vez con Don Juan de Noroña hijo de Juan de Norona Alcaide mayor de Obidos. Doña Violante de Silva, q' casó con Jorge de Aguiar, q' murio yendo a la India, Capitan, i Cabo de una armada; para limpiar de corsarios al mar de Arabia q' los Reyes de Portugal trahian contra piratas armadas en los mares de Oriente: tanto alcançava la poderosa mano de los nuestros esclarecidos, i valerosos Principes, q' muchos con formidables exercitos, i maquinas militares, desde cinco mil leguas de distancia estavan viviendo al compas de nuestra voluntad, ó airada, ó favorable, para poder vivir en suas propias tierras, i navegar sus propios mares. Doña Maria de Silva, q' casó en Salamanca con Fernando Nieto, Cauallero que era castellano.

Las casas q' proceden por varonia de Juan Rodriguez de Vasconcelos son en primer lugar, la de los señores de Figueiro, i Pdrogao, q' vino aparar en Doña Juana de Vasconcelos, hija de Rui Mendes, i de su muger Doña Isabel Galvan, q' casó con Luis de Alcaçova Carnero, hijo mayor de Pedro de Alcaçova Carnero Conde, y Comendador de la Idaña veedor de hazienda del Rey Don Sebastian, i su embaxador a Castilla, gouernador de Portugal, i de su muger Doña Catalina de Sousa, nacio deste matrimonio Pedro de Alcaçova de Vasconcelos, q' heredó esta casa i casó con Doña Maria de Meneses, hija de Jorge Melo Coutiño, i de su muger Doña Ana Manuel de Villena, cuya hija q' heredó la casa, es Doña Ana de Vasconcelos i Meneses q' estava casada con Francisco de Vasconcelos 1.º Conde de Figueiro Mayordomo de la Reina nuestra señora.

La de los Condes de Castel Milhor, por q' Don Pedro da Silva Vasconcellos, 2.º hijo de Rui Mendez de Vasconcellos, i nieto deste Juan Rodriguez General de Ceuta, casó con Doña Isabel de Soto mayor hija de Gomez Ferreira, Portero mayor del Rey Don Alonso el V y de su muger Doña Theresa de Soto mayor, i deste matrimonio se continuo la varonia hasta Rui Mendes de Vasconcelos 1.º Conde de Castel Milhor, Señor de las Villas de Vallellos, i Almendras, Mayordomo de la Reina de España Doña Margarita de Austria, cuya succession paró en hembra casada con persona de la misma varonia como se vera mas adelante.

La de los Alcaides de Pombal, por q' Pedro de Sousa Ribeiro i Vasconcelos hijo 2.º de nuestro General Juan Rodriguez de Vasconcelos, i de su muger Doña Blanca de Meneses, fue Alcaide i Comendador de Pombal de la ordem de Christo, i caso con Doña Juana de Lemos hija de Gomez Martines de Lemos señor de la Trofa, i de su muger Doña Maria de Meyra, cuyo descendiente por varon fue Luis de Souza Ribeiro de Vasconcelos, q' succedio en esta alcaldia, y encomienda, y casó con Doña Maria de Moura, hija de Fernan Rodriguez de Almada, Provedor de la casa da India, i de su muger Doña Isabel de Moura, de cuyo matrimonio es hijo Juan Rodriguez de Vasconcelos, 2.º Conde de Castel-milhor: este casó con Doña Maria de Vasconcelos, i Lencastre, hija de Simon Gonçales de la Camara, Conde de la Calleta, i de la Condeça Doña Maria de Meneses hija de Ruy Mendes Vasconcelos primer conde de Castel melhor, i de Doña Isabel de Meneses, y assi se unio la casa de Castel melhor con la de los Alcaides de Pombal.

CAPITULO 63.º

Rui Mendes de Vasconcelos, i Ribeiro general de Ceuta.
Sitio famosso que defendio valerossamente gouernando esta Plaça.

Ruy Mendes de Vasconcelos Ribeiro sucedio a su padre en el gouierno de Ceuta, i su noblesa por ambas lineas queda referida en el capitulo antecedente. Su eloglo escribise con las palabras del Doctor Juan Salgado de Araujo, q' no pueden mejorar-se, i por q' el es el unico q' escribe con extension el memorable sitio de Ceuta, q' defendio este cauallero, es su discurso el q' sigue.

Uno de los caualleros memorables de q' esta clarissima familia recibe particular adorno, i resplandor eternizado en la fama heroico, q' Rui Mendes de Vasconcelos Ribeiro de q' hablamos en este capitulo. El qual por su valor i generosidad grangeo en vida respeto i amor en los coraçones de los Portugueses, uno de los dones q' Dios nuestro señor no

repartio en todos, i q' la gente Portuguessa apenas concede a alguno, sino es sobre la muerte. Era este cauallero, Gouernador y Capitan General de Ceuta, quando succedio el gran cerco de aquella plaça, q' auiendo tenido muchos por autonomasia, quedaron, siempre llamando el grande, i fue desta manera.

Andava en guerras, Portugal i Castilla, quando el Rey Don Fernando el Catholico por diuidir las armas del Rey de Portugal, Don Alonso, q' llamaron el Africano, embio a situar a Ceuta, i lo fue por mar al tiempo q' el Rey de Fez con numeroso exercito la sitiava por tierra, i fue uno de los memorables cercos q' se han uisto en muchas edades. En el se mostró Rui Mendez de Vasconcelos valerosissimo, i prudente capitan. Era mui virtuoso, i tenia muchos amigos, i en particular vno en Gibraltar (no se nombra) q' sabiendo la deliberacion del Rey Catholico dio aviso a Ruy Mendes. Tanto puede la amistad cultivado por un varon excelente.

Estava Ceuta con poca gente por hauerla sacado de alli el Rey Don Alonso para la guerra de Castilla. No menos le faltava municiones, i bastimientos. Acudio Rui Mendes al reparo de todos con superior diligencia, haciendo terraplenos, i otras defensas en los muros, i traer bastimentos, q' le embió de Andaluzia en una noche aquel cauallero su amigo. Y sucedio q' aun mismo tiempo fue acometida la playa por mar con la armada castellana, i por tierra con el exercito del Rey de Fez, poderossisimo. Procuró Rui Mendez de Vasconcelos impedir la desembarcacion a los castellanos. Para este objeto iba saliendo con alguna gente de la poca con q' se hallava. Aviendo passado una puerta de la ciudad, llegando a pasar otra de una cerca vieja, cayo desde la muralla una piedra i q' dando un serio golpe en la lança, q' un paje lle llevava delante al ombro, a tiempo que la punta le quedaba sobre la cabeça; le vino a herir en ella tal mal, q' le impidio totalmente el curso q' llevava. Ordenó todavia (con acuerdo) aun capitan q' continuasse en sù nombre, dandole para esto su cauallo, y armas a dos criados, q' si bien pelearon con valor perdieron las vidas, con q' Rui Mendes, quedó parecido a Achiles, quando en la batalla de Toya, embió primero con sus armas a Patroclo, quedando misteriosamente reservado para mejor ocasion, i pareciendole luego dicha lo q' hauia parecido desgracia. Por q' este era el dia en q' el enemigo llevava la Plaza en las manos, si este valeroso capitan passara adelante en aquella hora, q' fuera la última de su vida, como lo fue de los embiados, por la disforme desigualdad del numero, q' rara vez dexa de oprimir ala virtud.

Començosse la ciudad a batir de tierra por los moros, i de mar por los castellanos, a la parte q' llaman de Almina. Diorenle fortissimos combates. La artilleria con q' se hallava Mendes, eran unes pocos, e pequeños cañones de hierro, como en tiempos en q' se usavan poco estos

mortales instrumentos. Tampoco tenia artillero alguno, ni aun hombre q' osasse poner fuego aquellas quasi inuteles bombardas. Andava Doña Isabel de Galvan, muger de Rui Mendes de Vasconcelos, con sus criadas, i con otras mugeres, i hijas de Capitanes, i soldados, sirviendo calderas de aceite hirviendo, piedras, i otras cosas necesarias a la defensa. Y passando por el muro, vio aun soldado con una cuerda encendida, sin atreverse a dar fuego a una bombarda arrebatole interpidamente la cuerda de las manos, i incendiendo un cañon de aquellos, subito mató dos hombres, q' fueron solo los q' esta ocasion murieron con nuestra artilleria. Perdoneme los soldados portugueses esta memoria de su frialdad, q' se puede llamar dichosa, por auer sido motivo de q' saliesse aqui a luz del mundo una heroina Portuguessa, mostrosse q' tambien sabia quemar polvora, como pastillas en un estrado, si bien ninguna fueron tan olorosas como esta polvora a lo menos en el tiemplo de la fama. No le falto a Marco Antonio para el colmo de sus glorias, siño que Doña Isabel hubiera dado a su Cleopatra una licion de no tener miedo a los conflictos militares, por q' con esto no le huyera ella del de Lencate, ni le hiciera perder la honra en huida.

Durava el cerco, i estavan las municiones acabadas, i el sustento consumido. Supolo, el Rey Catholico, a lo menos presumido; embió a Ruy Mendes aquel cauallero de Gibraltar, q' sabia era su amigo, para q' le diesse la plaça, i q' le haria uno de los mayores señores en estado, i renta de Castilla. Dado el recado, dixó Rui Mendes. Antes que respondervos quero que como amigos respondais a esto. Si el Rey mi Sr. me enbiara a prometervos la mitad de Portugal, por q' le entregasedes la fortaleza de Gibraltar de q' sois Alcaide, hicierades traicion a vuestro Rey! Respondio, ni por todo el mundo. Luego (dixo Rui Mendes) como vos siendo tan amigo me decis q' sea traidor a mi Rey, i a mi Patria? No hayo tal (replico el) sino q' a esso tengo respondido con lo q' os dixe de mi. La respuesta al Rey fue: que se espantava de q' un tan alto, i virtuosso Principe persuadiesse a un cavallero q' fuese traidor a su Rey. Que la fortaleza no la entregaria sino por muerte con defensa della asta el ultimo trance. Tal es la licencia q' llega a dar la lealtad heroica a un ualor magestuosso en despreciar muchos por la honra para reprehender y desengañar a la magestad poderosa, a oflerecer estados por su comodidad. Tales la lealtad Portuguesa, quanto mas en la sangre ilustrissima de Vasconcelos.

Continuaron los combates, i viendosse Rui Mendes de Vasconcelos, sin remedio humano para defender la plaça, por estar abierta, el sin gente, sin armas, i sin sustento alguno, hizo al cingenio sustituto del caudad, y de la fuerça, q' le faltavan, usando de una prudente estratagema. Fingio q' queria venir a trato con el Rey de Fez: hiso seine a los moros para q' embiassen algunos a tratar con el de algunos medios. Parecio al

moro q' el Capitan queria darse, i le embió dos Alcaides. A los quales dixo, q' admitiessen a su Rey, q' el Capitan de aquella fortaleza era Christiano, i q' hauiendo de entregarla no podia ser a moros sin resistir su ley, i a su crédito. Que se la entregava al Rey de Castilla, q' era cristiano; pero q' desta resolucion le dava cuenta primero, para q' considerasse q' el Principe de Castilla era poderossisimo Rex, i señor de muchos Reinos, q' si la fortaleza, quedava en su poder; ya via quan poca esperança podia quedar a los moros de recuperarla en algun tiempo, i q' si la fortaleza seguia posuyndola el Rey de Portugal menos poderosso, i de poca gente les quedara la esperança de ganarla en otra ocasion, y q' assi considerasse bien qual de los Reyes le convenia tener por defensor de la Plaça, el de Castilla, o el de Portugal; i q' si le pareciesse el de Portugal alçasse el cerco, i le embiasse vituallas por su dinero que con esto defenderia la plaça de los ataques de los Castellanos.

I al mismo tiempo embió un recado al Rey Catholico, diciendole q' quando Ceuta estava sitiada a su Real persona convenia ayudar a defenderla, aun q' de Rey enemigo, pues al fin era Christiano, i redundava en favor de la Christiandad. Que ha entraga la plaça al Moro, i a Dios tomara por testigo, de q' su Alteza lo ocasionava. El Rey Don Fernando, pareciendole q' las señas q' el Capitan hauia hecho a los moros era para entregarles la plaça, deponiendo (con zelo digno del titulo de Catholico) el intento q' alli le truxo, i la ira con q' se hallava, para q' aquella plaça no diesse otra vez en manos de enemigos de la fe, embió a decir a Rui Mendes, q' per ningun caso se diesse al Moro, por q' no solo alçava el cerco, sino q' lo socorreria si fuesse menester.

Entrando el Moro en consejo, halló convenirle mas el estar Ceuta en manos de los Portugueses q' de Castellanos, por las razones q' el Capitan le dezia, i le mandó responder q' no diesse la plaça a Castellanos, por q' alçava el cerco, i q' podia embiar per los bastimentos q' quisiesse, q' se los mandaria vender. Pero faltava el dinero a Rui Mendes, i le embió en rehenes a su hijo vnico q' a este tiempo no tenia otro, con q' abastecio la plaça, i se alçaron los moros, i quedó Ceuta libre del mayor peligro en q' se ha visto, despues q' fue ganada a los moros. Al entrar yo a referir esta estratagema dixe q' auia sido prudente, i dixe poco por q' fue en excesso de la prudencia, i del pensar heroico. Alabele el silencio, i entre tanto digamos llanamente, q' la industria valerossisima deste constante heroe en esta ocasion hiço cesar la fama de los q' toda la antiguedad celebra. Varones,,(sin duda) ha tenido el Reino de Portugal en todas las edades (que en varios conflictos, y aprietos) apesar del tiempo i de la embidia se colocaron en lo mas sublime de la gloria humana, i a su patria en el Principados de las naciones, por aquello q' se llama produccion de valerossos hijos: pero todos (a ninguno deseo insinuar menor) quedarian grandes con aplaudir las sobras de obras q' en esta ocasion usó

nuestro Rui Mendes de Vasconcelos i Ribeiro, mas q' mucho sin el igualo su talento con este caso, con las obligaciones de hombre, y Portugues ilustre; quando en el auia uisto una matrona que excedio los de muger.

CAPITULO 64.º

Prosiguen los sucessos de Rui Mendes de Vasconcelos en Ceuta hasta el fin de su gouierno.

Despues deste sitio gouernó a Ceuta Rui Mendes de Vasconcelos muchos años, porq' en el de 81 halló su buelta a Portugal reinando ya Don Juan el 2.º y en todo este tiempo pocas memorias desta plaça.

El territorio q' se hauia dado a su iglesia luego q' fue erigida fueron las dos administraciones de Valencia del Miño, q' pertencia a Tui, i la de Olivencia, q' tocava a Badajoz, y como el Obispado de Ceuta, quedó inmediato a la sede Apostolica, apelavase de la sentencia de sus Obispos inmediatamente a Roma. Auia en esto inconvenientes grandes: remedioles el Sumo Pontifice Sixto 4.º y por una bula expedida el año siguiente de 1475 hiço Ceuta sufraganea a Praga quando a lo q' tocava a las tierras q' tenia entre Duero y Miño en la Comarca de Valencia, q' era todo lo que queda entre los dos Rios Miño e Lima, encomendando por otro breve la misma iglesia, i su obispo a los Arzobispos de Braga. En esta sujeccion perseveró Ceuta, asta que dexó de ser suya la administracion de Valencia, quando se incorporó en la iglesia de Braga, siendo arzobispo Don Diego de Souza, y Obispo de Ceuta Don Fray Enrique de Coimbra.

Año 1476 succedio la entrada en esta plaça del Rey Don Alonso el 5.º quando passó a Francia a pedir soccorros al Rey .... contra Castilla, gouernavala entonces Rui Mendes mas no dexaron em memoria los escritores las particularidades de la entrada del Rey en ella, mas de q' compedidos de temporales contrarios, queriendo passar el estrecho, tomó aquel puerto, donde se detuvo pocos dias, passando a Francia con su armada, cuyos successos en aquellas partes refieren largamente las historias de aquel tiempo.

Todas estas particularidades passan en silencio nuestras coronicas en quanto a los successos de Ceuta. El Rey Don Alonso auiendose buelto de Francia sin los socorros q' esperava, i q' muchas veces le offrecieron, i ajustadas las pases con Castilla, murio en el palacio de Cintra el año de 1481 a 28 de agosto dia del gran doctor de la iglesia San Agustin. Su cuerpo fue llevado al convecto Real de la Batalla, donce yaze en honori-

fica sepultura en medio del Capitulo de aquella sumptuosidad. Reino 43 anos, i murio de 49. Fue casado con Doña Isabel hija del Infante Don Pedro su tio, hijo del Rey Don Juan el 1.º de Portugal, i hermano del Rey Don Duarte su padre. Nacieron deste matrimonio el Principe Don Juan, q' murio niño, la infanta Doña Isabel, q' murio en el monasterio de Aveiro de la ordem de Santo Domingo, de cuya admirable vida, i santidad andam diferentes tratados impresos, i yo discurrire alguno dia con mais noticias, i Don Juan, q' le sucedio en el Reino en este año de 1481.

Passó en este tiempo a Portugal Rui Mendes de Vasconcelos, donde el Rey Don Juan el 2.º le recibio con las honras q' hacia a quien acudia a sus obligaciones, a medida de la exuberancia con q' Rui Mendez lo hizo. Embiole por capitan de 400 lanzas para entrar por Castilla, aun q' no huvo efecto, por q' se efectuaron las pazes. En lugar de una Real satisfaccion le mandó servir de nuevo dandole para su casa la Alcaidia de la villa de Penamacor, q' era frontera de Castilla, q' juntó a su estado de Figueiro i Pedrogao.

Quando casó el principe Don Alonso con la princesa Doña Isabel hija de los Reyes Catholicos, llamó el Rey a Rui Mendes para las fiestas q' se hauian de celebrar, q' fueron de las mas ostentosas q' se vieron. En ellas se aventajo con tanto extremo, q' paró los gastos desta ocasion empeño su estado, i fue tanta la ostentacion, q' alabandosse de grandes estas fiestas en una conversacion de señores, acudio el entendido conde de Portalegre Don Diego de Silva, su tio, hermano de su madre deciendo, fueron tan grandes las fiestas q' en ellas se perdio mi sobrino Rui Mendes. Ninguno gana gloriosa fama sin perder abundante hacienda. Esto quiso decir con galanteria el distiguido Conde.

Casó con Doña Isabel Galvan hermana de su cuñado Duarte Gavan, i del Arzobispo de Braga Don Juan Galvan secretario supremo, i despues de la punidad del Rey Don Alonso el quinto, plaça q' antes, i despues pretendiam, i ocupavan prelados, i titulos del Reino, asta q' con la union de las coronas se hiço menos conocida por menos exercitada. Nacieron de aquel matrimonio estos hijos, Juan Rodriguez Ribeiro de Vasconcelos, Pedro da Silva de Vasconcelos, Manuel Tellez de Meneses, q' despues de servir en Africa fue ala India donde en tiempo del Virrej Don Francisco de Almeida, i del Grande Alonso de Albuquerque hiço señalados servicios. Antonio de Meneses q' siguio la Iglesia, i fue capellan del Rey Don Manuel, frai Jeronimo Galvan de la orden de San Jeronimo, i Jeronimo de Sousa, q' con muchos servicios en la India murio sin succession. Doña Maria de Meneses muger de Juan Rodriguez Pereira llamado Marramaque, señor de Cabeceiras de Basto, Doña Blanca de Meneses q' casó .... Las casas q' proceden por varonia deste cauallero, son la de Figueiró, i la de Castel milhor, la de Pombal no porq' viene de un hermano suyo.

CAPITULO 65.º

El Beato Amadeo de Portugal fundador de la Congregacion de los Amadeos en Italia, i Doña Beatriz da Silva su hermana fundadora de la Religion de la concepcion en España fueron naturales de Ceuta.

FUE dichoso para Ceuta el año de 1483 por q' en el dio un santissimo hijo a la gloria de la Religiossisima congregacion de los Amadeos en Italia. Aqui tendra lugar solamente la prueba de su patria, q' la relacion de sus virtudes he escritos libros particulares. Escrivi ya como Rui Gomes de Silva, Alcaide mayor de Campo mayor, Progenitor de los Condes de Portalegre Marqueses de Gouvea, se alló con el Rey Don Juan el primero en la conquista desta Plaça, i quedo sirviendo en compania del Conde Don Pedro de Meneses su primero general. Era este cauallero de la ilustrissima familia de los Silvas, descendiente por varonia de Don Gutierrez Aldesete de Silvas, q' fue el primero deste apellido q' entró en Portugal, donde tubo gran lugar, i nombre. Fue hijo Rui Gomes de Silva, ayo del Rey Don Fernando de Portugal Alcaide de Guimaraes, i de Doña Sancha Martínes, hija de Martin Redondo de Siguiras, i de Dona Leonor Rodriguez, hija de Rui Mendes de Mello, no refiero lo ilustre de su ascendencia por andar tan notoria en los libros de genealogia. Tambien escrivi como Rui Gomez de Silva casó en Ceuta con Doña Isabel de Meneses, hija bastarda del Conde Don Pedro de Meneses. Deste matrimonio fueron hijos Pedro de Silva, Alcaide mayor de Campo mayor, i Angela como su padre, Fernan de Silva, Alcaide mayor de Alter do Cham. Diego de Silva de Meneses, premier conde de Portalegre, mayordomo mayor del Rei Don Manuel su veedor de hacienda, y escrivano de la puridade, señor de Gouea, Celorico de la Beira, i San Roman Alonço Tellez de Silva Alcaide mayor de Campo mayor, i Angela por merced del Rey Don Alonso el Quinto. Juan de Meneses de Silva, de quien escrivo aora. Nacieron tambien de aquel matrimonio, Doña Blanca de Meneses muger de Alvaro de Souza, mayordomo mayor de la casa Real de Portugal. Doña Maria de Meneses muger de Gil de Magalhanes senor de Puenta de la Barca; Doña Leonor, e Doña Catalina q' no casaron. Y doña Beatriz de Silva q' en Castilla fundó la Religion de la Concepcion en España.

Los q' escriben la vida de Amadeo contentos la generalidad con reconocerle Portugues, i hijo de tan ilustres padres passan en silencio el lugar propio de su nacimiento, si bien no faltan quien lo prohije a Campo mayor, en la provincia de Alentejo viendo a su padre Alcaide mayor de

aquella villa, no considerando quantos años despues de hauer los hijos q' tuvo se fue a vivir della: yo juzque (i soi el primero q' lo escrivo) q' fue natural de Ceuta dicha ignarada asta ahora de sus mismo naturales y estrangeros.

Casó en Ceuta Rui Gomez de Silva con Doña Isabel de Meneses el año de 1418 que sera el punto fixo de nuestro conputo. Mas largamente lo dexó escrito, e concuerda con esta memoria, i año lo q' escribio Gomeseanes de Zurara Choronista de aquel siglo.

Despues de casado quedó Rui Gomes de Silva sirviendo en Ceuta. Vimosle en el desbarato de los Gazules quando tercera vez corrieron su campaña, victoria en q' tuvo Rui Gomez la mayor parte, i de que hiço memoria Gomeseanes. Luego le hallamos en el sitio q' el Rey de Fez puso a Arzila Plaza de Çalabençala; i la embaxada que llevó de parte del conde offreciendole socorro, successo de q' tambien se acordó Gomezeanes. En todo lo mas q' se offrecio asta el año de 1425 se halló Rui Gomez. Referi la mucha parte q' tuvo el dia 19 de Agosto deste año en la victoria q' alcançaron los Portugueses de los moros, i largamente escribi sus hazañas. Assi estuvo sirviendo Ruy Gomez en Ceuta asta el año de 1430 en q' por el mes de Abril partio el Conde Don Pedro de Meneses para Lisboa dexando el gouierno a su hijo Don Duarte, i para q' le aconsejasse, i asistiesse a Rui Gomez su yerno, i aduierte un escritor de nuestros tiempos ablando desta jornada q' el conde le fió este cuidado por la muçha experiencia q' hauia adquerido de aquella guerra por hauer sido frontero en ella desde su conquista asta aquel tiempo. Gouerno Rui Gomez en compañia de su cuñado Don Duarte en tanto q' el Conde Don Pedro assistio en Portugal, q' fue hasta los principios del año de 1434 en q' bolvio a Ceuta, segun dexó escrito, i lo assienta el mismo autor en el lugar citado.

Asta el año de 1434 me basta q' assistiesse Rui Gomez de Silva en Ceuta para prueva de mi intento. Si continuo el servicio mas años discurrillo ahora basta sacar de los referidos tres conclusiones. Que Rui Gomez entró en Ceuta el año de su conquista que fue el de 1415. Que casó en la misma plaça el de 1418, i que continuó sirviendo en ella el de 1434 q' fue el mismo en q' el Conde Don Pedro de Meneses bolvio de Portugal a continuar su gouierno. Resta saber aora el año en q' nacio pai Amadeo su hijo.

Ninguno de los q' escribieron su vida señala el año propio de su nacimiento, y assi es necesario valerme de otro computo para acertarle. Todos conforman q' passó a Italia acompañando a la Emperatriz Doña Leonor Infanta de Portugal muger de Federico Tercero, i quando hico esta jornada tenia veyente años de edad, desta opinion es pai Oracio fala en la vida de Amadeo q' estampo en Milan sacadas de las coronicas de Italia de su orden, donde alega otros muchos autores q' sigue. La empera-

triz passó a Italia el año de 1451. En este concuerdan los autores nacionales y extrangeros, i yo lo dexo aduertido en esta historia el mismo año, por q' de passo estuvo esta princesa en Ceuta. Luego si Amadeo pasó a Italia el año de 1451 y era entonces de veyente años de edad, se saca por conclusion infalible q' nacio el año de 1431. En este gouernava Ceuta su padre en compañia de Don Duarte de Meneses su cuñado, cuyo gouierno empeco el año antecedente de 1430, y acabó el de 1434 q' fue en q' bolvio de Portugal el Conde Don Pedro de Meneses a continuar su gouierno, siguiesse luego de todo lo dicho que fray Amadeo nacio en la ciudad de Ceuta el referido año de 1431.

Quando los escritores de su vida le dieron patria si esta aun q' fuera con muchos fundamentos de authoridad, el de la computacion de los años tan ajustado como el q' queda hecho, bastara para apoyo y seguridad de mi opinion, y quando no bastara del año cierto de su nacimiento, hiciera argumento de mucha fuerza la consideracion de q' casando su padre en Ceuta, i assistiendo tantos años despues en esta plaça nacerian sin duda todos sus hijos en ella. Este argumento bastará contra cualquier Author q' le señelara otra patria (sino mostrava con q' fundamento lo afirmava) y fuera suficiente para convercerle, mas no me valgo del aora pudiendo apoyarle mucho, por q' en el primero dexó clara esta materia, i quitada qualquiera razón de duda.

Que Doña Beatriz de Silva, hermana de Amadeo naciese en Ceuta tiene la misma evidencia, i aun mas por q' señalan los q' escrivieron su vida el año propio de su nacimiento, i aun q' con variedad siguiendo qualquiera de las opiniones se prueva claramente hauer sido esta su dichosa patria. Fray Pedro de Salazar en la historia de la provincia de Castilla de la Religion Serafica, escriviendo la vida desta sierva de Dios, disse q' murio el ano de 1490, siendo de edad de sessenta años, segun este computo, quitando de los noventa, sesenta vino a nacer Doña Beatriz el de 1430 q' es el mismo en q' su padre Rui Gomes assistia al gouierno de Ceuta, i assi es evidente q' nacio en esta plaça.

Hace diferente cuenta, aun q' mas a nuestro favor fray Francisco de Vivar Religioso Cisterciense en el tratado que intituló Historias admirables, por q' concordando en el año de la muerte de Doña Beatriz con Salazar q' fue el de 1490 afirma q' murio de edad de sessenta i seis años (y a esta opinion me ajusto mas, por q' averiguo mejor este author la puntualidad de los años). Siendo estos assi quitados sesenta y seis de noventa, nacio Doña Beatriz el de 1424 q' viene aprobar evidentemente q' nacio en Ceuta segun el computo del casamiento de sus padres, i los muchos años q' despues se detuvieron en esta plaça sin intermision.

CAPITULO 66.º

Don Antonio de Noroña General de Ceuta, despues primero Conde de Liñares

A Rui Mendes de Vasconcelos succedio en el cargo de General de Ceuta Don Antonio de Noroña, q' despues fue el primer Conde de Liñares, a lo que entiende en el mismo año de 1481 por q' no hallo en las historias aotro general intermedio asta el de 1481 en q' descubrimos la primer memoria de Don Antonio. Fue hijo de Don Pedro de Meneses 3.º (1) conde y 1.º marques de Villarreal, i de la marquesa Doña Beatriz, nieto por lo paterno de Don Fernando de Noroña 2.º (2) conde de Villarreal, i de la condeça proprietaria deste titulo Dona Beatriz de Menezes, por lo materno de Don Fernando 2.º Duque de Bergança, i de la Duquesa Dona Juana de Castro Señora del Cadaval.

Fue Don Antonio Cauallero de singular valor, como lo mostró en todas las ocasiones militares, i aun q' es cierto tubo muchas el tiempo q' governó, las olvidaron nuestras historias, acordandosse solamento de la pelea en q' fue cautivo. Hizo el año de 1488 una entrada a los aduares vecinos, q' le succedio a los principios prosperamente, mas retirandosse con la pressa q' era grande de gente, i ganados, los moros sentidos de tanta perdida salieron en su busca con numero aventajado, hizo alto sin reparar en la muchedumbre, i bolviendo al enemigo se entró con tanto valor en lo mas vivo de la escaramuça, q' los contrarios (sobreviniendo muchos de refresco) tubieron lugar de cercarle, i aun q' el y sus compañeros se defendieron valerosamente; como eran pocos fue preso despues de mui herido, i con las narices cortadas; i muertos Christobal de Melo Alcaide perpetuo de la ciudad de Evora, Cauallero de gran valor; Simon de Sosa hijo del Comendador mayor de Christo; Martin Vazques de Acuña Sr. de Tauora, Hernando Coutiño, y otros cautivos, cuyo successo hizo mas sentida esta perdida por ser todos de lo mas calificado de Portugal, i assi lleuo este fracaso de luto y lagrimas el Reino. Acudio el Rey proptamente aremediar el daño, tratando luego del rescate de los cautivos, i por q' Ali Barraje no hauia pagado el suyo, i q' sus rehenes estava todauia detenido en Tanjar en poder de Don Juan de Meneses, q' le cautivo; tubo inteligencias este moro, para traer a su poder a Don Antonio de Noroña, a los otros q' con el cautivaron, i offreciendolos en

(1) 2.º e não 3.º Conde de Villa Real.
(2) 1.º e não 2.º Conde de Villa Real.

paga de su rescate se trocaron igualmente los cautivos con los rehenes i por este medio cobro libertad Don Antonio, bolviendose a su gouierno.

Este Ali Barraje era mui valerosso i de mucha esperiencia en la guerra señor de muchos vassallos en la Berberia. El año passado de 1487 a 11 del mes de Octubre corrio con 400 cavallos a Tanjar, gouernando aquella plaça Don Juan de Meneses, q' despues fue Conde de Tarouca Prior del Crato, i Mayordomo mayor del Rey Don Juan el 2.º, peleo Don Juan, i vencio, prendiendo a Ali Barraje con 5 heridas e aotros moros de cuenta. Murio aquel dia Cide Omar tio de Barraje, hombre de gran estimacion entre los suyos, i soldado de estimable opinion, i valor, i otros 40 moros principales. Ali Barraje concerto luego su rescate en 15 v. doblas 10 cautivos christianos, y 20 cauallos Berberiscos; i para negociarle se fue a Berberia, dexando en rehenes a dos hijos, i aotros moros principales, que despues cobraron libertad por el caso referido anteriormente.

Garcia de Resende cronista del Rey Don Juan el 2.º referiendo este successo añade, q' llegando la nueva al Rey en Benavente, socorrio luego a Ceuta, i embió otro general, pero no le nombra, descuido sin duda considerable pues faltó en noticia tan sustancial q' no podia ocultarse a qualquier diligencia, i de menos disculpa pues fue aquel author testigo de vista de todos los successos q' escribio. Puse particular estudio en descubrir este General, q' sin duda seria persona grande, pues le embió el Rey paro reparo de tan considerable daño; mas no le pudo lograr; i assi continuare en el gouierno de Don Antonio de Noroña, despues que cobró libertad, a quien hallo gouernando el año de 1490.

Ali Barraje, procurava tomar por trato la ciudad de Ceuta; auialo comunicado por medio de sus confidentes, con un Lope Sanchez, soldado q' servia en ella. Este se fingia traidor disponiendo tratos con el moro; mas dava todos los avisos al general, i el al Rey. Passó tan adelante la platica, i llegó a fiarse tanto Berraje de Lope Sanchez, q' vino apersuadirse Don Antonio y el Rey tambien, se podia disponer de manera la materia q' cojiessen a Barraje dentro en la Plaça. Ajustó el Rey los medios convenientes para este fin, embiando a Ceuta a Don Fernando de Meneses hijo, i heredero del marques de Villarreal, i hermano mayor de Don Antonio, persona de grandes meritos, i q' despues fue 2.º marques de Villarreal. Recebidas las instrucciones y ordenes recebidas navegó a Ceuta con 50 velas, q' con gran brevedad se aprestaron en el Algarve proveidas de todo, i en ellas mucha gente escogida. Con este poder llegó a Gibraltar, auiasse adelantado a Ceuta Fernan de Pina, Escrivano de la Camara para desde alli avisar a Don Fernando de los accidentes, q' sobreviniessen al trato para conforme aellos disponian su entrada. De ninguno otro aviso entonces á Don Fernando sino q' entrasse en Gibraltar de noche por q' no fuesse sentido, i descubierta la materia q' se tratava finjidamente con Barraje, mas no tuvo efecto esta, ó por q' el moro no

se fió del Portugues, ó por q' temia el successo incierto de aquella empresa. Procuró con esto Don Fernando, viendo q' se dilatava el principal objeto de la jornada emplear aquel poder en outra empresa, i comunicandolo de Gibraltar con el General de Ceuta su hermano, ajustaron por consejo de los caualleros mas principales, i soldados de mayor experiencia, q' fuessen a destruir a Targa, ciudad en aquella costa de Berberia. Auiendosse informado partio Don Fernando con su flota hacia a aquella parte vispera de Ramos de aquel año, juntamente con otros navios de Ceuta i de Castilla q' se juntaron para aquella empresa. Ivan em todos 2 v. infantes, i solo 150 cauallos. Hizo q' la gente saliesse a tierra con tan buen orden, i disposicion q' la ciudad fue entrada, i sin resistencia, por q' los moros viendo lo repentino de aquella conquista, i juzgando ser el poder mayor la desampararon, i subieron alas serranias vecinas sin embargo de q' algunos fueron muertos, i otros cautivos. La poblacion fue destruida, i quemada, i talada toda la campaña, perdida de suma consideracion para los moros. Dentro de la ciudad armó caualleros Don Fernando a Don Enrique, i a Don Diego sus hermanos, y a otros muchos. Hallaronse en el puerto 25 navios grandes y pequeños, i en las Taracanas cantidad considerable de artilleria, polvora, i salitre; muchas armas i pertrechos de guerra, cobraron libertad muchos cautivos christianos; 30 dellos entraron en nuestro exército en Ceuta, los otros passaron a Castilla, i con el despojo de la ciudad, q' fue considerable entró nuestra gente en Ceuta, en Viernes santo con el contento q' se dexa considerar; pues se consiguio un intento de tanta reputacion, i provecho sin q' huviesse de nuestra parte, ni muerto ni aun herido de que Don Fernando de Meneses cobró la merecida reputacion, de prudente, valeroso i afortunado.

Con su entrada en Ceuta cesó el govierno de Don Antonio de Noroña su hermano, por q' desde entonces exercio el oficio de General. Sirvio Don Antonio despues q' passó a Portugal en todas las ocasiones de importancia. Por orden del Rey Dom Manuel fue por capitan mayor de la armada q' embió a hazer la fortaleza de la Mamora, q' despues dexó por orden del mismo Rey, el qual obligado de sus muchos servicios le dio titulo de conde de Linares, el de su escribano de la puridad. Fue casado con Doña Juana de Silva, hija de Don Diego de Silva primer conde de Portalegre, i de la condeça Dona Maria de Ayala: nacieron deste matrimonio Don Fernando i Don Diego de Noroña, que murieron moços, Don Ignacio de Noroña, q' casó con Doña Isabel de Ataide, hija de Don Vasco da Gama, Conde de Vindigueira, i Almirante de la India, i no heredó la casa de su padre; Don Francisco de Noroña, q' fue 2.º Conde de Linares, i Embaxador en Francia, i casado con Doña Violante d'Andrade, hija de Fernan Dalvares de Andrade, del Consejo del Rey Don Juan el 3.º su escrivano de hacienda, i Tesorero Mayor del Reino, Don

Pedro de Meneses, q' casó con Dona Lucrecia de la guarda hija de Juan de la guardia, Dean en la Sancta Iglesia de Braga; Doña Maria de Noroña, muger del grande Alonso de Albuquerque Gobernador de la India; y Dona Margarita de Silva, muger de Don Juan de Meneses Sr. de Cantanede, i otros hijos q' murieron moços.

Procede de Don Antonio de Noroña 1.º Conde de Linares, i General de Ceuta, la casa de los Condes de Linares q' ha recaido en embra, i la posse oi la Condeça Doña Ignacia de Noroña en la forma que queda escrito.

CAPITULO 67.º

Gouierno de Don Fernando de Meneses despues segundo marqués de Vilarreal. Passa al Reino, i queda gouernando en su absencia algune años el general Pedro Barbas.

Assistio Don Fernando de Meneses (1) pocos dias en compañia de su hermano Don Antonio, mas segun lo dan a entender las coronicas gouerno este poco tiempo, assi por ser hermano mayor, como por heredero de la casa de Villa Real, a q' andava vinculado este puesto.

Fue Don Fernando de Meneses hijo de Don Pedro de Meneses primer Marques de Villarreal, i de la marquesa Doña Beatriz, nieto por su padre de Don Fernando de Noroña 2.º Conde de Villarreal, y de la Condeça Dona Beatriz de Meneses, hija del primer Conde de Villarreal Don Pedro de Meneses (2) primer general de Ceuta: nieto por su madre de Don Fernando Conde de Arrayolos 2.º Duque de Bergança, General tambien

(1) D. Fernando de Meneses foi, segundo o produto das minhas investigações, o 20.º governador de Ceuta.

Em nota ao capitulo 56.º dei a lista dos primeiros dez governadores e agora com o tempo provavel des seus governos vou dar a lista do 11.º ao 20.º:

11.º Infante D. Fernando, Duque de Vizeu e de Beja — 1456.
12.º D. Sancho de Noronha, 1.º Conde de Odemira — 1456-1460.
13.º D. Pedro de Menezes, 1.º Marquez de Villa Real — 1461-1462.
14.º Pedro de Albuquerque — 1462-1463.
15.º D. Pedro de Menezes, 1.º Marquez de Villa Real — 1463-1464.
16.º João Rodrigues de Vasconcellos Ribeiro — 1446-1479.
17.º Rui Mendes de Vasconcellos Ribeiro — 1479-1481.
18.º D. João de Noronha — 1481-1487.
19.º D. Antonio de Noronha, 1.º Conde de Linhares — 1487-1490.
20.º D. Fernando de Menezes, 2.º Marquez de Villa Real — 1491-1509.

Na referida nota ao capitulo 56.º está errada a data do governo do 10.º Governador D. Sancho de Noronha, pois que foi 1450-1456 e não 1450-1452.

(2) D. Pedro de Menezes, como em notas anteriores demonstrei, não foi Conde de Villa Real.

desta plaça, y de la duquessa Doña Juana de Castro hija, y heredera de Don Juan de Castro Sr. de Cadaval y otras muchas tierras.

Despues del successo de Targa, que queda referido, no satisfechos los brios de Don Fernando, i deseando hacer otros servicios mayores a Dios y ala Corona, por q' el trato de Barraje q' le hauia llevado a Ceuta estava derecho, trató con Don Martin de Tavora, General de Alcaçer ceguer, y com Manuel Paçaña q' gouernava a Tanjar, de destruir un lugar llamado Camice situado en las mas altas i asperas sierras de la Berberia, a q' los moros por la fortaleza del sitio, y por q' hasta entonces no les hauiam acometido los fronteros, llamavan el lugar encantado. Para executar mejor esta jornada se juntaram todos en Alcaçar de donde partieron cerca de quatrocientos cauallos i mil i ducientos a pie. Despues de aver llegado junto al lugar, viendo los q' mas entendiam de aquella guerra las peligrosas entradas de la sierra, ducharon de acometerle. Mas Don Fernando mandó se executassen, y en conformidad desta resolucion repartio la gente, y hiço el acometimiento por diferentes partes, executandosse con tanto valor sin embargo de la resistencia de los moros, q' subieran ala sierra, i entraron el lugar. Desampararonle al punto los enemigos para salvarse en la sierra; mas aprovecholes poco la prevencion, por q' esta estava tomada por todas partes, i pocos dellos escaparon de muertos, ó cautivos; el lugar fue saqueado, i quemado, i ala retirada por ser la tierra aspera y fragosa, en q' no se podia pellear con desembaraço, ni ser socorridos, vnos dotros, murieron setenta portugueses con los q' hauian perdido la vida en la entrada dela sierra, i del lugar. De los moros murieron quatrocientos, i quedaron cautivos ciento. El despojo fue grande por ser el lugar rico, y no menor la presa de cauallos y ganado. Todo se repartio igualmente en Alcaçar, adonde se recogio mucha gente. De aqui se bolvio Don Fernando a Ceuta, y en breves dias al Reino, donde fue recebido con grandes honras del Rey Don Juan el 2.º su elogio, sus acciones y descendencia queda escrita, i assi no necessito repetirlo e continuare con los successos de la plaça.

Bolviendosse el marques Don Fernando a Portugal, dexó encargado el gouierno a un criado suyo llamado Pedro Barbas, q' residio en el algunos años. El de 1508 escrivio el Rey Don Manuel una carta al Marques q' oi se conserva original en el archivo de su casa, en q' le ordena ponga en el gouierno al Conde de Alcoutim, Don Pedro su hijo por tener edad suficiente; y declara en ella ser el Gouierno de Ceuta el mas importante de Africa. Yo juzgo q' no tuvo efecto la ida del Conde, assi por q' el año siguiente de 1509 consta de muchas memorias manuscritas, gouernar por entones Pedro Barbas, como por q' Damian de Goes, autor atento, i diligente, da principio al gouierno del Conde en el año de 1512 y fin en el de 1517. Portanto se debe entender, q' el mandato referido del Rey Don Manuel tubo algun estorbo, i quedó continuando por esta causa en

el gouierno Pedro Barbas asta el año de 1512. Quien fuesse este caualdero no puedo afirmarlo con certedumbre; mas no hay ducha ser padre de Fernan Rodriguez Barbas valeroso soldado en la India. Consta de los cargos q' el Rey Don Juan el 3.º dio al gouernador de aquel estado Lope Vaz de Sampayo: Refiere uno dellos q' esto consta, i de la calidad, i servicios dese cauallero. Preguntole el Rey: *Por q' quitaisteis el galean a Manuel Brito, y le disteis a Fernan Rodriguez Barbas, criado del marques: Responde Lope Vas de Sampayo. Es verdad por q' di dos viajes a Manuel de Brito, en q' hico mucho provecho, i por q' V. A. me encargava repartiesse el provecho entre todos, i por q' Fernan Rodriguez es mui hidalgo, i mui valeroso, i criado de V. A., i mui pobre, i auia servido muy bien en aquellas partes, i su padre en Ceuta, i su abuelo en Aragon con sesenta cauallos por orden del Rey Don Alonso de cuyo consejo era.* De esclarecido elogio sirve esta memoria a Pedro Barbas general en interin de Ceuta, pues no solo consta de su calidad sino tambien de sus servicios, y los de su padre i hijo. De tales criados como este se servian los marqueses de Villarreal, porq' sin desdoro de ellos podian fiarles el mismo puesto q' ellos ocupavan con el beneplacito de los Reyes. Del gouierno deste cauallero ai pocas memorias en los libros, siendo de tantos años: referire las q' he hallado con asta pena de q' hayam quedado en olvido las q' pudieramos tener de su valor, i prudencia; q' uno y otro supone la dilatada continuacion de su generalato.

La ciudad de Tetuan, a q' los africanos llaman Tetevain, tiene su asiento en la ribera del Rio Çuz, q' baja de la sierra del Atlante mayor, y metiendose en el mar 7 leguas a levante de Ceuta, pierde su nombre, donde se haze la barra q' llaman de Tetuan. La ciudad esta una legua de la playa, Rio arriba, sitio ameno, y hermoso cercado de arboles; conoce por sus fundadores a los africanos naturales; los romanos la señorearon; los godos a tubyeron por suya, los arabes Mahometanos la ganaron quando perdieron a España. Tubo gran riquesa en aquel tiempo por los muchos baxelles de piratas q' se armavan en sus puertos contra las costas i seguridad de Europa. En el ano 1400 arribó a su playa una armada de Castilla; pusso en esclavitud toda su gente, y por el suelo todos los edificios, sin quedar viviente alguno q' pudiesse dar testimonio de su ruina. Assi estuvo despoblada mas de 90 años, asta q' el Rey Catholico ganó la ciudad de Granada, que fue el de 1491. Un moro granadino q' llamavan Almandiri, y passó a Africa con el Addeli el Chiquito, pidio al Rey de Fez se la dexasse reedificar, y poblar para hacer della guerra a los christianos de Ceuta, y se la concedio. Reparó con esto los muros lo mejor q' pudo, y edificó un castillo fuerte, donde se recogia, corriendo de ordinario las fronteras de Ceuta, Alcaçar y Tanjar, con quatrocientos cauallos andaluces q' hauian llevado de España, i con otras gentes q' se le juntavan daquellas sierras con daño considerable de nues-

tras fronteras. Armó tambien algunos bajeles en el Rio de Tetuan, con q' enfestava las costas de España, y era tan belicoso y hacia tanto daño en todas partes, q' huvo tiempo q' traia 3000 christianos cautivos trabajando en la fabrica de los muros. Muerto este pagano le succedio un nieto no menos belicoso, y a este otros q' fueron señores de Tetuan. Resultaron despues en la ciudad dos parcialidades, cuyo successo referire adelante.

Año 1495 passó desta a mejor vida domingo 25 de octubre en ..... de Reino del Algarve Don Juan 2.º deste nombre y 13.º de los Reyes de Portugal, principe digno de loable memoria, pues en el hallaron siempre los buenos premio y los malos castigos. Vivio 41 años menos 4 meses; i reinó 14 y 2 meses. Diso la Reina Catholica Dona Isabel, cuando supo su muerte: *Agora murio el hombre q' yo tenia en mayor estimacion.* Y en otra ocassion dixo del: *Tales haga Dios a mis hijos.* Tal concerto hauia formado de su valor, i virtudes, bastante prueva de q' fueron grandes, pues merecieron la aprobacion de tal Reina. Fue casado con Dona Leonor hija del Infante Don Fernando su tio, y huvo della al Principe Don Alonso, que siendo casado con la princesa Don Isabel hija mayor de los Reyes Catholicos. Murio desastradamente corriendo un cauallo en Santaren año de 1491. Siendo de edad de 16 años. Por esta causa succedio el Reino el invictissimo Rey Don Manuel Principe felizissimo, con cuyo gouierno continuara nuestra historia. Aun q' al Rey Don Juan el 2.º faltó succession ligitima, dexó conservada su memoria, y posteridad en la Real casa de los duques de Aueyro.

Asta aeste tiempo del Rey Don Manuel de gloriosa memoria florecio la conquista de Africa y la defensa de las plaças, q' en su costa ocupavan los Portugueses con tal estremo q' no traian otra cosa los Reyes de Portugal en el sentido. Passaron muchas veces personalmente a Africa, preciandosse tanto desta conquista, q' el Rey Don Alonso el 5.º grangeo el renombre de Africano, y assi asta este tiempo fueron grandemente premiados los hechos heroicos, q' los Portugueses hicieron en la defensa de Ceuta, y en la dilatacion de la conquista de Africa, reciviendo del Rey Don Alonso el 5.º, del Rey Don Juan el 2.º su hijo, i del Rey Don Manuel amplissimas mercedes, particularmente los marqueses de Villarreal, q' alcançaron por estas causas muchas donaciones con q' aumentaron su casa. Mas con las nuevas conquistas de India, Brasil, Angola y otras de la Corona Portuguessa, enflaquecio tanto la de Africa en tiempos del Rey Don Juan el 3.º q' totalmente se borro de su memoria, i de los Reyes sus successores el premio del esfuerço y valentia de nuestros portugueses africanos, con q' se enfriassen de manera q' en pocos años se pusieron las cosas de Africa en olvido, particularmente despues q' el Rey Don Juan el 3.º dexó a los moros Azamor, Zafin, Alcaçar, i Arzila, y aun asi tomaramos q' este olvido se continuara en los Reyes, mas rebentó des-

pues la memoria tantos años oprimida con mayor violencia en el Rey Don Sebastian para eterno delor de la gente portuguessa.

Por los años 1500 los moros de Belibin en España, lugar junto ala costa de la mar, cerca de Marbella, i otros tuvieron trato con un renegado para q' truxesse algunas fustas de Berberia con q' pudiessen passar a Africa, mas este usando de grande astucia se fue a Ceuta, i concerto con un vecino de la Plaça, q' se llamava Pedro de Jaen, q' se juntasse con el con dos fustas, i viniessem por aquellos moros; i con este auiso vinieron por Gibraltar, y se concertaron con un hombre de aquella villa, llamado Alonso Guerri, para q' les hiciesse compañia con otras dos fustas suyas. Juntos todos se pusieron ala boca de un Rio q' passa por junto a Belibin, y como llevavan consigo muchos q' sabia la lengua arabica, quando los moros vieron las fustas se embarcaron luego con sus haciendas, mujeres, i hijos, entrando en ellas mas de cien personas, con este engaño fueron llevados a Gibraltar, y vendidos por esclavos, los q' poco antes se hallavan libres, y con hacienda.

El año 1511 reinando en Aragon y Castilla el Rey Don Fernando el Catholico, guardava la costa de Granada con algunas galeras el Capitan Berenger de Olms y hallandosse en Marbella tuvo aviso de q' el Rey de Fez, iva a Ceuta con exercito poderosso assi de caualleria como de infanteria. En esta misma ocasion, partian Rodrigo Bazan, Pedro Lopos de Orosco el Zagal, i el Capitan Hernando de Valdes con alguna gente de Ordenança, i con la del Reino de Granada a quemar las fustas de los moros, q' se recogian en el Rio de Tetuan, de donde salian a infestar las costas de Andaluzia. Con esta nueva acordaran todos de ir a socorrer a Ceuta, quando llegaron a esta plaça tuvieron aviso cierto de q' el Rey de Fez, auia passado con su exercito a sitiar a Tanjar; y assi dexando el Zagal a un hijo en Ceuta con la gente de Marbella, passaron con las galeras a Tanjar; llegaron aquella plaça, antes q' amaneciesse, y hecharon seiscientos hombres en tierra, entrando con ellos en Tanjar, fue esto como un sabado a 18 del mes de Octubre deste año, y en tam buena ocasion, q' tenian los moros la ciudad mui apertada, por q' hauian hecho gran daño con la artilleria en las murallas, y passaron sus estancias junto a las minas q' hauian hecho, guarneciendolas con gran número de escopetas y ballestas. Governava aquella plaça Don Duarte de Meneses, q' con la llegada del socorro cobró nuevo aliento para la defensa, lo mismo hicieron los fronteros, q' eran tres mil hombres y los moros aun q' no desmayaron de rendir la Plaça, dexaron entonces el combate, i atendieron a fortificar sus estancias con animo de no leuantar el sitio. Siete dias despues q' llegó el socorro, Rodrigo Bazan; Pedro Lopez de Orosco el Zagal con su gente, Mossen Juanot de Olms, i Mossen Fineller Caualleros Catalanes con algunos soldados de las galeras subieron ala villa vieja para hacer una salida, y la executaron con tanto valor q' recebieron daño con-

siderable los enemigos; quedando muertos, y heridos los principales, i entre ellos 4 Alcaydes y el Alguacil Mayor del Rey de Fez, i les hicieron desamparar aquella estancia. Recogieron los capitanes su gente con buen orden atrabesando por el camiño q' hauia entre la mar y la muralla, i por estar la marea creciente se corogieron con arto trabajo. El dia siguiente salio Don Luis de Meneses hermano del General Don Duarte con la caualleria a escaramuçar con los Moros, i se portó con tanto valor q' el Rey de Fez perdio la esperança de aquella empresa. El dia siguiente mandó levantar su Real; y el Capitan de las Galeras, i los otros bolvieron a Gibraltar con la honra de aver socorrido tan valerosamente aquella ciudad.

Estas son los memorias q' he podido descubrir de Ceuta del tiempo q' la gouernó por el Marques Don Fernando, Pedro Barbas. Es cierto se nos ocultan muchas, q' le grangearon opinion de valeroso en los años de su gouierno, q' podra, añadir el q' escriviese los successos deste tiempo avista de los archivos de Portugal, de cuyas noticias no he podido valerme para esta historia por la falta de comunicacion de aquel Reino.

CAPITULO 68.º

Don Pedro de Meneses Conde de Alcoutin,
despues tercero Marques de Villarreal, General de Ceuta.
Origen de los Xerifes de Africa.

El año de 1512 entró en la plaça de Ceuta por su general Don Pedro de Meneses conde de Alcoutin; y admierte Damian de Goes en la cronica del Rey Don Manuel, q' servio este puesto cinco años, i seguiu esto gouerno asta el de 1517. Fue Don Pedro de Meneses hijo primogenito, i heredero de Don Fernando de Meneses segundo marques de Villarreal, i de la marquesa Dona Maria Freire de Andrada, nieto por parte de padre de Don Pedro de Meneses primer Marques de Villa-Real, i de la marquesa Doña Beatriz hija de Don Fernando segundo Duque de Bergança, nieto por su madre de Juan Freire de Andrada, señor de Alcoutin, y de Doña Leonor de Silva, hija de Pedro Gonçales de Silva Veeder de Hacienda del Rey Don Juan el 1.º y del Rey Don Duarte.

Luego q' Don Pedro llegó a Ceuta, como esforçado, i brioso, imitando a sus gloriosos ascendientes, empeçó a inquietar a los moros con diferentes entradas, y correrias, causandolos de manera, q' dexavan las propias casas y aldeas, y se recojian a las villas cercadas para seguridad de sus personas, i haciendas. Desta generalidad hiço memoria la cronica citada de Damian de Goes, especificando solamente el successo q' tubo

en Julio del año de 1514 y otro de 1.º de octubre del mismo año. Salio de Ceuta con su gente, y llegó hasta las atalayas de Tetuan, de donde volvio victorioso con muchos cautivos, accion tan sensible para los moros q' muchos desampararon la villa, i se fueron para Fez, y otros se entregaron en Ceuta. Entre ellos fueron tres caualleros principales, uno del linaje de los Almohades de Tetuan, y dos hijos de Ali Barras Sr. de la misma Ciudad: estos trataron despues con el Rey de Portugal, q' se passara en Africa se harian sus vassallos, y traerian aquellas comarcas todas a su obediencia, i devocion, mas nunca se concluyo cosa alguna en esta materia. Otras entradas hiço Don Pedro de menos importancia, i por esto no hago memorias della. A primero de octubro del mismo a o tubo un successo de mas consideracion. Supo q' dos hermanos del Rey de Fez, venian sobre Ceuta con 10:000 lanças, y muchos peones, y otra mucha gente por mar. Entró con esta gente en el campo de Ceuta; armó dos emboscadas, mandando a la gente de apie, q' navegava en veinte seis barcas q' navegan junto ala playa para q' atacassen a los nuestros si salian aveyente cinco Almogavares, q' hecharon de las emboscadas para correr alas atalayas. Corrieron los Almogavares, i salio el Conde a su oposicion con ciento, i treyenta cauallos, ordenando a quince q' los siguiesse, como lo hicieron, asta descubrir una emboscada, donde salieron algunos moros, siguiendolos tan de cerca q' les obligaron a recogerse para el conde. Este viendo q' aquellos Moros seguian otros muchos, se fue recogiendo para los vallados, mas no lo pudo hacer sin q' entrassen juntamente con el ducientos, i cinquenta moros a cauallos enemigos: bolvió sobre ellos con toda la gente q' tenia, y entre todos se trabó una cruel, i tan bien reñida batalla, q' murieron cerca de duzientos moros, quedando de los nuestros heridos treyenta i seis, i uno muerto. Quando mas trabada estava la pelea, llegaron los dos hermanos del Rey de Fez con el resto de la gente, i multitud de gastadores para derribar los vallados; y con esto se entraron tanto, q' los nuestros se huvieron de retirar en buen orden peleando a tiempo q' ya auian llegado las barcas, i desembarcada su gente para atajar la retirada, entendiendo, q' sin ducha los tomarian en medio, i los destruirian, por q' segun el poder q' los hermanos del Rey de Fez trayan, y la poca gente q' hauia en la Ciudad se persuadieron q' con poca dificultad saldrian lo q' intentaran. Mas el successo fue tan contrario q' les sirvieron las barcas solamente de llevar los cuerpos muertos de los suyos, recogiendosse con gran tristesa, por q' perdieron algunas personas de gran authoridad i nobleça. Con esto se recogieron asi los de las barcas, como los hermanos del Rey de Fez con toda su caualleria, i de passo corrieron el campo de Arzilla, levando de mas de 600 cabeças de ganado sin q' pudiessen resistirles la Plaça por la mucha gente q' tenian los moros.

No hallo en las historias otros successos del tiempo q' gouernó Don

Pedro de Meneses conde de Alcoutin, solo se sabe q' el año de 1517 passó al Reino, y succediendo al Marques Don Fernando su padre, fue tercer marques de Villa-Real, continuando la linea desta casa con ilustre descendencia que queda escrita.

CAPITULO 69.º

Gouierno de Gomes de Silva de Vasconcelos General de Ceuta, varios reencuentros con los moros: muerte del Rey Dom Manuel.

Al conde de Alcoutin Don Pedro de Meneses succedio en el gouierno Gomes Silva de Vasconcelos (1), de quien hallo la primera memoria año de 1520. Confiesso con dolor averse ocultado a mis diligencias, y estudio quien fuesse este cauallero, i q' se malograron las de muchos curiosos, a q' recurri para suplir la falta de mis noticias, siendo cierto q' debia de ser de los principales de Portugal, assi por lo q' se ve de sus apellidos, como por la calidad de las personas q' ocuparon siempre este puesto. No ay memoria suya ni en la familia de los Silvas, ni en la de Vasconcellos, habiendo sido buscadas con arta atencion, i cuidado. El mismo se puso en descubrirle entre las otras familias del Reino; mas salieron vanas mis diligencias, no sacando dellas otro fruto, mas el consuelo de confesarme algunos curiosos auer intentado en otro tiempo la misma averiguacion sin efecto; y assi proseguiré con los successos desta Plaça, dexando esta añadidura, como otras muchas q' deben faltar a mis cortas noticias algo q' se depusiere a enmendar esta historia, o levantar el edificio della mas lustrosso sobre las canjas q' vai abriendo con estas memorias.

Al tiempo q' Gomez de Silva gouernava esta Plaça auia en Tetuan dos hermanos corsarios de nombre llamados los Xaerones, q' en quatro años antecedentes auian hecho grandes males, y daños a Ceuta, Larache, Gibraltar, y a otros puestos de España y Africa, estos determinaron con dos fustas q' tenian bien armadas hacer alguna presa de consideracion en Ceuta, con este intento se vino a meter el uno entre los Illeos de Santa Catalina, y el valle del agua, quedando el otro poco apartado. Tuvo aviso desto Gomes de Silva por una de las escuchas de la Almina, y hizo armar luego dos bergantines, cuyo gouierno entregó a Andres de

(1) Entre o govêrno de D. Pedro de Meneses e o govêrno de Gomes da Silva de Vasconcelos, em 1518, foi Governador de Ceuta, D. João da Silva, Conde de Portalegre.

Vasconcelos, ya Miguel de Silva, sus hijos, para q' rodeando a la Almina diessen repentinamente sobre el enemigo. Ordeno a Miguel de Silva q' era el menor embistiesse el primero, i el lo executo con gran valor; mas los moros se alteraron poco con el nuevo successo, antes le esperaron firmes asta q' Miguel de Silva les abordó. Estando asi junto le embistieron valerosamente, y entraron algunos con tanta resolucion en el bergantin q' la mayor parte de los Portugueses se metieron debaxo de la cubierta. Gomes de Silva q' caminava con la caualleria viendo el aprieto en q' se encontrava su hijo, hizo señas al otro para q' acudiesse a su hermano; mas antes q' el llegasse Miguel de Silva con otros, echaron los moros del bergantim, y le apartaron de la fusta, successo q' animio a los q' se hauian escondido, saliendo en su socorro. Puso Miguel de Silva el bergantin, en orden, i animando de nuevo a su gente embistio segunda vez la fusta enemiga, y entre unos, i otros se trabó tan reñida batalla, q' huvo no pocos heridos y muertos de una i otra parte, de la nuestra murio el patron del bergantim, y un hijo suyo, y un soldado, y quedo mal herido Pedro Vieira soldado de valor. Cuatro de los moros mas animosos entraron segunda vez nuestro bergantin por la proa, a cuya oposicion acudio Miguel de Silva, y con la lança q' traya, atrabeso por la garganta al Capitan q' era el mayor de los hermanos corsarios, de q' luego cayo muerto. Tomando otra lança echo los tres q' hauian entrado en el bergantin, vno de los cuales fue mortalmente herido. Acudio luego a la popa a tomar consejo del patron de lo q' hauia de obrar, le halló muerto, y queriendo saber se fue a Pedro Vieira, le halló mortalmente herido, pero aun pudo decirle q' dexasse el combate, y queriendo seguir su consejo, y conociendo los moros el intento, embistieron estos tercera vez al bergantim, a tiempo q' ya llegava de socorro Andres de Vasconcelos. Tuvieron vista de los moros y tomaron la buelta de Bullones; mas Miguel de Silva les siguio con nuevo animo, y cargó sobre la fusta enemiga por tierra hasta q' la hico encallar en la playa junto al puesto donde le esperaba Gomes de Silva con toda la caualleria. Los moros viendosse perdidos se hecharon al agua, y se ahogaron todos, menos ocho q' se rindieron, quedando la fusta en poder de Miguel de Silva, q' obró todo lo referido antes q' su hermano pudiesse llegar a socorrerle. Fue este successo a 8 de Março de 1520. A los 12 del mismo mes salio el General Gomes de Silva a ssesenta moros de acavallo q' aquel dia dieron vista a Ceuta, i los siguio asta el puerto de Negron, y Paul de Almuñacar. De alli hasta dos leguas de Tetuan, adonde al passar de una ribera alcancaron los moros, de q' mataron algunos, escapandosse los otros casi nadando. En este lugar cayo Antonio Pereira con su cavallo, sobre quien bolvieron algunos moros q' no hauian passado, la Ribera, mas Miguel de Silva le socorrio tan prontamente con otros cinco compañeros, q' aun q' recebio una lançada peligrosa en una pierna libró de aquel peligro a An-

tonio Pereira, socorrieron a Miguel de Silva, Andres de Vasconcellos, y Pedro Mendes su hermanos con otra gente q' les seguia. y trabaron con los moros una bien reñida escaramuça, de q' salieron heridos algunos de los nuestros. Viendosse apretados los moros passaron la ribera. mas no quiso seguirles Gomes de Silva por hallarse tan cerca de Tetuan, y ver se juntavan muchos moros para oponersele y tomarle los passos en la retirada. Assi se bolvio a Ceuta sin otra perdida q' la de algunos heridos.

Este mismo año de 1520 determinó el Rey Don Manuel hacer reconocer la barra de Tetuan, y fabricar en ella un castillo fuerte, para q' con este freno hiciessen los moros de aquella parte menos daño en las costas de Hespaña. Supo el Emperador Carlos V desta determinacion, y hallandosse en el puerto de la Coruña para embarcarse para Flandes, escribio une carta al Rey Dom Manuel con fecha 5 de mayo deste año en q' le pedia muy afectuosamente q' por bien de la Christiandad, guarda i defensa de los Reinos de Castilla, i Portugal pussiesse en execucion aquel intento lo mas presto posible, para evitar los males y daños q' los moros de aquellas partes hacian en toda costa del estrecho de Gibraltar, y fuera del, i q' sino pudiesse executarlo luego le diesse licencia para el mandarlo hacer. Don Manuel le respondio q' su intento era proseguir en aquella empressa; i q' hauia dispuesto todo lo necesario para darla principio. Eligio para esta jornada a Don Pedro Mascareñas, a quien el Rey dio ocho navios latinos con voz de socorrer la Plaça de Arzila, por auer auiso de q' el Rey de Fez queria sitiarla. Partio Don Pedro de Lisboa alos principios de Abril, y por q' sobrevinieron vientos contrarios, tomó el puerto de Tanjar, de donde remitio dos caravelas de su compañia a Arzila, con bastimentos, i por no perder tiempo se fue a Ceuta, donde llegó a 22 de Abril. Detubosse en esta plaça dos dias solamente, y en dos bergantines q' le hiço equipar Gomes de Silva, partio y fue amanecer en la boca del Rio de Tetuan, y aun q' fueron sentidos de los guardas del Rio, no dexó por eso Don Pedro de entrar con los bergantines, y sondar el canal de la barra, y ver muy despacio todo aquel sitio para la fundacion del Castillo; recogiosse a Ceuta, escrivio al Rey Don Manuel en seis de mayo dandole las informaciones de su comission para la nueva fabrica. De Ceuta se fue Don Pedro de Mascareñas a Arzila, que gouernava Don Juan Coutiño su cuñado, y le socorrio de todo lo que necesitava aquella plaça, de donde se bolvio al Reino, y hizo relacion al Rey de su viaje. En esta ocasion fue nombrado General de los galeras y galeones del Reino para guardar la costa del estrecho, donde anduvo asta el fin del verano. Mas adelante hare particular memoria de Don Pedro de Mascareñas.

A 13 del mes de Deciembre del año de 1521 passó desta a mejor vida en la ciudad de Lisboa Don Manuel el unico deste nombre e catorse en

orden de los Reyes de Portugal, Principe felicissimo quando se hallava en el mas prospero estado que podia desear. Havia descubierto, i conquistado todas las provincias maritimas desde el estrecho de Gibraltar asta los mares de Arabia, Persia, India, Islas de Ceilan, Camatra, Sara, Maluco, hasta la China y Legueos. Murio de edad de cinquenta i dos años, seis meses, i trese dias; y reinó venti seis, un mes, y diesnueve dias, con aplauso y dicha general de sus vassallos. Fue casado tres veces la primera con la Princesa Doña Isabel hija mayor de los Reyes Catolicos Don Fernando, i Doña Isabel, q' antes hauia sido mujer de Don Alonso Principe de Portugal. Por este matrimonio fue jurado Dom Manuel Principe de Castilla i de Leon. Tubo de la Princesa Doña Isabel al principe Don Miguel q' murio niño de 22 meses, i fuera si se lograra, heredero de toda España menos de Navarra. Casó segunda vez con Doña Maria infanta, y hermana de la misma Reina Doña Isabel su primer muger de quien tuvo estos hijos; el Principe Don Juan q' succedio en la Corona; la infanta Doña Isabel Emperatriz de Alemania, y Reina de Castilla y Aragon muger del emperador Carlos V y madre de Felipe II, Doña Beatriz muger de Carlos 3.º Duque de Saboya, El Infante Don Luis Duque de Beja, i condestable de Portugal, el infante Don Fernando, q' casó con Doña Guiomar Coutiño, hija heredera de Don Francisco Coutiño conde de Marialva, y de Doña Beatriz de Meneses Condesa de Loule. El infante Don Alonso Cardenal de la Santa Iglesia Arzobispo de Braga, de Evora y Lisboa, y ultimamente Rey del mismo Reino. El Infante Don Duarte q' casó con Doña Isabel hija del Duque de Bergança. Casó el Rey Manuel tercera vez con la infanta Doña Leonor hija del Rey Don Felipe primero de Castilla, Archiduque de Austria, i hermano del emperador Carlos 5.º, i nacieron deste matrimonio el infante Don Carlos q' murio niño, y la infanta Doña Maria Princesa dotada de singulares virtudes, q' murio sin casar. Succediole en el Reino el Principe Don Juan, q' fue 3.º deste nombre y quince en orden de Reys de Portugal, en cuyo gouierno se continuará la historia de Ceuta.

Con esto cesan las memorias del Gouierno de Gomes de Silva de Vasconcelos general de Ceuta; tres hijos suyos van nombrados en este Capitulo, con q' crese em mi la confusion, y el dolor de no hauer podido descubrir quien fuesse, constandonos de hijos suyos, i de tales apellidos.

CAPITULO 70.°

Succede en el gouierno de Ceuta Don Juan de Noroña hijo del marques Don Fernando, matanle los moros en una batalla.

Succedio en el gouierno de Ceuta a Gomes de Silva Vasconcelos Don Juan de Noroña, i de algunas memorias de los libros antiguos parece q' gouernava el año de 1521. Fue hijo de Don Fernando de Meneses 2.° Marques de Villa Real, i de la marquesa Doña Maria Freyre: nieto por su padre de Don Pedro de Meneses primero marques de Villa Real, y de la marquesa Doña Beatriz, hija de Don Fernando 2.° Duque de Bergança; por su madre de Juan Freire de Andrada, i de Doña Leonor de Silva hija de Pedro Gonçales Malafaya Veedor de hacienda del Rey Don Juan el 1.° y del Rey Don Duarte.

Fue poco dichoso este general, por q' no quedo del otra memoria q' la de auerle muerto los moros en una refriega el año de 1524, sin que nos conste el modo ni la ocassion de su muerte, ordinaria desdicha de los generales de Africa, q' concurrieron en tiempo del Rey Don Juan el tercero, cuyo coronista Francisco de Andrade, contento con referir las memorias de las Indias q' ya corrian difusa, y elegantemente escritas por el ansigne historiador Juan de Barros, dexó en perpetuo olvido las de Africa, y del Reino, de q' mas se necesitava, siendo todo aquel tiempo abundantissimo de successos politicos, i militares.

No fue casado Don Juan de Noroña mas tuvo en Guiomar Diaz doncella de Ceuta, dos hijos naturales, q' fueron Don Antonio de Noroña tambien General desta plaça algunos dias, i despues Virrey de la India; y Don Andres de Noroña Capellan mayor del Principe Don Juan hijo del Rey Don Juan el 3.° Abad de Gaifan, Obispo de Portalegre, y ultimamente de Plasencia, cuyo elogios, como hijos de Ceuta, tendran lugar propio en esta historia; del primer año de su gouierno, i del segundo el de su muerte.

CAPITULO 71.º

Gouierno de Don Nuño Alvares de Norona.
Martirio del Bemaventurado Fray Andres Espoleto,
i ultima conversion de San Juan de Dios en Ceuta.

Por muerte de Don Juan de Noroña succedio en el gouierno de Ceuta su hermano Don Nuño Alvares de Noroña (1), hijo tambien de Don Fernando, segundo Marques de Villarreal, i de la marquesa Doña Maria Freire; como se dixo mas largamente en los elogios de su hermano. Gouernó muchos años, y en esto conforman las historias, y nobiliarios de Portugal, si bien no dexaron memoria de los successos de su tiempo, desdicha que por la mayor parte acompañó a los generales, q' militaron en el del Rey Don Juan el tercero por culpa de su cronista, que esfuerça lloremos repetidas veces.

En tiempo deste general honró a la ciudad de Ceuta asistiendo a ella no pocos dias el insigne Martir pay Andres Espoleto de San Francisco que padecio glorioso martirio en la ciudad de Fez el año de 1532. Tuve tanta parte Ceuta en este Sancto por el tiempo q' la honró, por el exemplo con q' vivió en ella, i por hauerla tomado por medio i passo de su gloriosso Martirio, q' la hariamos agravio si la privaramos desta memoria. Fue Fray Andres Espoleto religioso menor de la observancia natural de una villa cerca de la ciudad de Espoleto. Entró sacerdote en la Religion, i deseoso de la corona del martirio, i de la salvacion de las almas, con licencia de su general se passó a la Isla de Corcega, donde entonces un dia la peste con gran vehemencia. Hizo alli particulares servicios a nuestro señor, administrando a las almas la obra espiritual de la doctrina, i sacramentos, i la temporal sirviendo a todos en aquella enfermedad mortal.

Acabada esta santa obra se embarcó en una nao de ginovezes que passava a tierra de moros para poder predicar la Fe, mas impedida de contrarios ventos arribó a Genova, no pudiendo tener efecto los santos deseos de Fray Andres. De Genova vino a Hespaña para passar con mas facilidad a Africa, y assistiendo algunos dias con los religiosos de Andaluzia, les dio exemplo de gran espiritu, oracion y humildad. Em-

(1) Por morte do Governador D. João de Noronha, voltou a governar Ceuta seu irmão D. Pedro de Menezes, 3.º Marquez de Vila Real em 1524. Por vinda dêste Governador para o Reino, voltou a governar Ceuta, Gomes da Silva de Vasconcelos de 1525 a 1529.

barcosse i passó a la ciudad de Ceuta, donde se detuvo muchos dias en el convento de su orden, dexando edificados en su santa vida a los Religiosos del q' despues referian, i aun q' con muchas raçones trabajaron divertirle de passar a tierra de moros, no pudieron mudarle de su proposito, y assi passó a la ciudad de Fez, donde estava el Rey de aquel Reino. lo q' succedio en su predicacion a los moros, i judios por convertirlos a nuestra Santa Religion, y los milagros q' obró en esta santo ministerio cuentan difussamente los chronistas de la serafica, en cuyos escritos puede verlo el curioso, q' ami me toca solamente referir su assistencia en Ceuta. Finalmente murio apedreado, i quemado por la predicacion de la fe, padeciendo glorioso martirio, con singular constancia, un viernes del mes de Enero del año de 1532. De sus venerables reliquias se pudo hacer solomente un pie q' Don Fernando de Meneses, (hijo de Don Duarte) cautivo entonces en Fez, y en cuya casa estava el santo martir, remetio a la Reina de Portugal Dona Catalina... .... Fue dichoso el gouierno de Don Nuño de Alvarez de Noroña, por succeder en esta plaça la milacrosa, i vitima combersion de San Juan de Dios, Portugues insigne natural de Monte mayor el nuevo Provincia de Alentejo, i fundador de la Religion de la hospitalidad de los pobres enfermos. Assistio en esta ciudad el sancto por los años de 1537. Referire los successos de su assistencia en esta ciudad, segun lo escrive su insigne chronista nuestro Portuguez Don fray Antonio de Gouea Obispo de Cirene, Religioso de la orden de San Augustin. Despues de varios successos, q' el siervo de Dios tuvo en los principios de su vida, intento passar a Africa (que vencia el zelo q' tenia de pelear por la fe los peligros con q' la vida militar le amenaçava): con este intento allandosse en Andaluzia se passó a Gibaltar, donde alló cierto cavallero portuguez, q' passava a Ceuta a cumplir el destierro, en q' hauia sido condenado. Este llevava consigo a su muger, i quatro hijas doncellas: embarcado llevó en su compañia al bendito Juan de Dios no imaginando q' llevava el remedio de su familia, y suyo, por q' llegados a Ceuta con la mudança del temple del aire, y tierra todos cayeron enfermos. No tirava sueldo el pobre cauallero, i teniendo por punto de honra no descubrir a nadie sus necesidades, las padecia mui grandes con su familia. Apuraba la paciencia del padre, ver perecer a su mujer e hijas sin poderlas remediar: al fin quitando el velo al empacho llamó aparte al bendito Juan de Dios, y le dio cuenta del estado en q' se hallava, y aun q' el socorro q' le pedia le pareciesse costosso como tan necesitado se atrevia a decirselo, y era no obstante hauer entrado en aquella frontera a servir al Rey de soldado, desde adelante le michasse con el exersicion de peon en las obras de fortificacion della, para con el jornal que ganasse ayudar a sustentar su necesidade, i familia. No fueron necesarias muchas raçones para persuadir al piadosso varon lo q' el aflijido cauallero proponia, antes tuvo por arbitrio venido

del cielo la ocasion de trocar la milicia del mundo por la del cielo, i mas siendo en provecho de proximos tan necesitados, i despues se mostrava grandemente agradecido al Sr. por auerle dado esta ocasion, en q' pudiesse servirle, disiendo q' tenia para si q' por este medio vino a merecer algo de lo mucho, q' la divina providencia le comunico despues. En resolucion con mucha energia se assentó por peon de las obras, y con mayor gusto traia todas las noches lo q' ganava de dia, q' era lo suficiente para sustentar aquella desgraciada familia, q' toda se mostrava agradecida, y el cauallero en particular, q' no cesava de dar gracias al Sr. viendo el camiño q' busca para su remedio. Persevero en este exersicio algunos meses sin q' se cansasse, i sobrandole la voluntad de continuar el officio, en desgracia del pobre cauallero vino a faltar la ocasion, cessando la obra por algunos dias, y con ella el remedio de su casa. Escaso lo dava el jornal del Bendito Juan a toda aesta familia, mas tambien le vino a faltar, y al cauallero casi del todo la paciencia, llegando a vacilar como huyria de tan desdichada casa (como aquel a quien mas atormentavan los males de toda ella) ya queria desampararla; por q' no se atrevia aver lo que en ella passava: ya temia dexarla por no perder de vista las prendas q' tanto amava. Conocio el Bendito Juan en su amo la afliccion de coraçon, i nuevamente compadecido procuró animarle, y con palabras mas eficaces, i elocuentes le decia: q' tuviesse confiança en Dios, q' no se olvidava del mas vil gusanillo del campo, ni del mas desdichado animalejo de la tierra, i del q' para todos abria su liberal mano, q' no la cerraria para aquellos, para quien tenia abierto el pecho: que no estava librado el remedio en solo el jornal, q' en las obras ganava, q' otras ocasiones hauia de q' podia esperar el socorro necesario, i mientras no se hallava otra el iva a vender los ferreralhos, que tenia cuyo precio le ofrecia en lugar del jornal q' le faltava. Quedó admirado el cauallero de ver lo que el Bendito Juan le offrecia: mirandole una, i otra vez, i pareciendole un angel embiado de cielo para remedio de su familia, i le respondio. En verdad Juan q' si la charidad se perdiesse se podria hallar en vos. Continuava el siervo de Dios el exersicio de peon en las obras de fortificacion, no con poco gusto considerando la ganancia espiritual, q' del empleo del jornal sacava, gastandolo en el sustento del pobre cauallero, i su familia, mas o q' el demonio le embidiasse, o q' Dios le quisiesse traer aparte, donde procurasse el remedio no de tan pocos sino de muchos, i mui necesitados pobres, permitio el successo q' veremos, por q' le fue ferçoso dexar a Ceuta y passar a Gibraltar, i fue assi. Entre los demas compañeros q' le ayudavan en la obra, andava uno q' auia venido a aquella frontera, q' no ganava sueldo, i obligado de la necesidad servia de peon, como nuestro Bendito Juan de Dios. En la conversacion q' adiario tenia supo ser natural de Evora, tan cercana de su patria, q' no dista mas de cinco leguas. Esta raçon q' entre los q' se encuentran en tierra estraña tiene fuerça en

el exercicio, i trato cotidiano les hizo a los dos travar estrecha amistad (y fue de parte de Juan de Dios muy verdadera) dandosse cuenta de sus vidas uno a otro, comunicandosse los designios como suelen hacerse entre verdaderos amigos, mas faltó en el principal el otro, encubriendo por su daño el q' tenia de passar a Tetuan, i hazerse moro, combidado de la soltura de la vida de otros semejantes, y cansado del continuo trabajo, i aborrecible exercicio de peon, o para decirlo mas propiamente instigado por el demonio, i mereciendole el por otras culpas q' Dios le permitiesse caer en esta passandosse alos moros, y trocando nuestra verdadera fe por su perfida secta, no se despidio del amigo, dandole cuenta de su intento, q' si se la diera, a buen seguro q' con sus amonestaciones, i buenos consejos, le hiciera mudar de intento, i siendo necesario con la propia vida le impidiera tan infelice jornada: pero el desdichado resuelto en hacerla, evitó los medios q' se la podian impedir.

No se puede creer el sentimiento q' tan impensado, i desdichado successo causó en el Bendito Juan de Dios no hauia cosa con q' consolarse, creciendo tanto el dolor en la imaginacion, q' le parecia tener culpa en la q' su compañero auia cometido (q' suelen los humildes juzgarse culpados aun en las materias en q' estan inocentes) dava voces al cielo, llorava sin consuelo, acusava el poco cuidado q' tuvo de su hermano, pareciendole q' por su descuido se apartava del gremio de la iglesia con manifesto daño de su alma. Poniale asechanzas el demonio, i hechando mano de la ocassion, le aumentaua el escrupulo haciendole crer q' era mui culpado en la perfidia de su compañero, i como tenia pocas letras, i mucha flaquesa, dando riendas ala imaginacion, se allo en un estado peligrosso persuadido del Demonio a que desesperasse pues su compañero ya no tenia remedio por su malicia, q' ni el lo merecia por su descuido, i q' si se hauia de perder q' lo acertado era seguir las pisadas de su mal amigo, haziendosse moro como el, por q' lograsse lo q' le restava de vida con gusto, i libertad. Testigos ai q' disponem q' el mismo demonio, q' interiormente le ponia estas imaginaciones, en figura de un gallardo moço le truxo una carta, fingindo ser de su mal amigo, en q' le persuadia con estas i otras raçones, q' con mucha priessa le fuesse a buscar para q' experimentasse la diferencia q' hauia del estado prospero, en q' se hallava, al de miserable peon, en q' solia servir. No dudo q' este astuto enemigo barruntando quien auia de ser este Bendito Juan de Dios en lo futuro, trabajasse lo possible para impedirlo. Mas en valde se cansa, por que aun q' Dios Nuestro Sr. permite q' sus siervos sean tentados, para q' conozcan su flaqueza, les suebe acudir a tiempo, q' mas necesitados estan de socorro. Assi lo hizo con su bendito siervo embiando a su alma una particular luz de nueva gracia, con q' pudo conocer los engaños del demonio, i el peligro, en q' se veya, inspirandole a procurar el remedio, de q' el no se hauia olvidado, aun en la confusion de la tentacion, q' padecio

por q' sino la derecho al principio, siempre con lagrimas pedia a Nuestro Señor le socorriesse; hiçolo Dios por medio de un Religioso docto de la orden del Serafico Padre San Francisco, con el cual confessó mui despacio, descubriendole sus llagas, y manifestandole el estado de aquella inoportuna tentacion le hauia traido, i de tal modo se supo acusar, q' el prudente confesor parecio conveniente obligarle desde luego q' dexasse Ceuta, i se passasse a España. El servio de Dios prometio hacerlo, por q' aun q' juzgava de si, q' perdia mil vidas antes q' la fe; acusosse como fiaco; obedecio como santo, i cumplio el mandato como prudente. Una sola dificultad hallava, y era q' partiendo de Ceuta, dexava a sus amos, i sentido grandemente por la falta q' el jornal haria su pobreza. Mas considerando el riesgo de su alma, atropelló el cuidado, q' le dava el remedio de la necesidade agena, para que nadie sea tan necio, q' con el peligro de su consciencia, pretenda socorrer a otro, q' aun q' es grande la obligacion al prójimo, es mucha mayor la de nuestras almas, y assi el Bendito Juan mientra tuvo segura la conciencia q' acosta de su sudor, y trabajo sustentava la casa de sus amos, mas interviniendo el riesgo de su alma, la huvo de dexar, i partir, despidiendosse del, i de sus hijas, tomando su licencia, y a Dios por testigo quanto sentia dexar a el y aellas con tan poco remedio, mas que assi convenia a su conciencia, i q' el señor q' le ordenava era poderosso para remediar por otra vida las necesidades de aquella casa, i q' el tendria cuidado de encomendarla a Dios continuamente, sintio el amo, i la familia toda esta resolucion, entendiendo que no les costaba menos q' el sustento de todos añadiendo la perdida de su compañia q' era digna de estimar; mas viendole tan determinado, bien entendieron q' alguna ocasion forçosa, le obligava, y assi mostrandosse agradecidos por lo passado, y enternecidos por lo prezente, se despidieron del rogandole les avissasse donde quiera q' estuviesse de si, i de los buenos successos, el lo prometio, y con el mismo cuidado procurar nuevas suyas, i de la mejora de su estado, q' en breve tiempo alcançó el aflixido cauallero, sin duda por oraciones de tal criado; embiandole el Rey de Portugal el perdon de su delito, i alçandole el destierro, en q' le hauia condenado.

Este fue el successo de San Juan de Dios en Ceuta que merece particular lugar en esta historia; resumiera lo mas de su sancta vida, si fuera materia propia deste asupto, i si no estuviera en tantos libros en q' puede verla y admirarla el curioso.

Gouernó Don Nuño Alvarez de Noroña a Ceuta asta el año de 1538 en q' le succedio su hermano Don Alonso de Noroña. Passó Don Nuño a Portugal, i fue veedor de Hacienda, i despues mayordomo mayor de la Reina Dona Catalina muger del Rey Don Juan el tercero. Fue casado con Doña Maria de Noroña hija de Don Martin de Castelo-blanco primer conde de Villa-nueva, i de la condeça doña Mencia de Noroña hija de

Juan Gonçales de la Camara Capitan de la Isla de la madera, y no quedó descendencia deste matrimonio.

CAPITULO 72.º

Sucede Don Alonso de Noroña en el gouierno de Ceuta. Ilustre mission del P.e Juan Nuñes Bareto aesta ciudad, i gloriosos efectos della en la de Tetuan.

El año de 1538 succedio en el gouierno de Ceuta Don Alonso de Noroña hijo quarto de Don Fernando segundo marques de Villarreal, i de la Marquesa Doña Maria Freire de Andrada, cuya ascendencia, queda escrita en los elogios de sus hermanos q' con Don Alonso fueron quatro los generales desta plaça. De los primeros años de su gouierno ai poca ó ninguna memoria en las historias, y la primera q' hallo, es de la mision q' hiço a Africa por Ceuta el Padre Juan Nuñes Barreto natural de la ciudad del Porto, de compañia de Jesus, q' despues fue Patriarcha de la Ethiopia. Resumise en este capitulo lo q' algunos lo hacen difussamente, i con muchas particularidades el mui R.do P.e Eusebio Neriemberg en el primer tomo de sus varones ilustres escriviendo la vida deste siervo de Dios.

El serenissimo Rey Don Juan el tercero, pidio a los superiores de la compañia del niño Jesus algunos religiosos para embiar a Africa, para q' ayudassen a los christianos cautivos, i otros q' con la ley de Christo tenian mas estragadas las costumbres, q' si estuvieran en la Mahoma. Fue escojido para esta trabajossa jornada el P.e Juan Nuñes Barreto, q' aunq' nuevo en la Religion se aventajaba a muchos antiguos en Spirito y Zelo; fue el Padre Luis Gonçales de la Camara, que acabava de ser Rector de Coimbra, i despues fue assistente de las Provincias de la Corona de Portugal en Roma, en donde a peticion de la Reina Doña Cathalina, q' entonces gouernava el Reino de Portugal, vino a ser maestro de su Nieto el Rey Don Sebastian, acompaño a ambos un hermano Coadjutor llamado Ignacio Vogado digno tambien por su virtud de aquella empressa. Partieron de Portugal a pie atrabesando la Andaluzia, asta q' embarcados tomaron puerto en Ceuta. Estrenaron en esta ciudad las primicias de su zelo: mudaronla bien en otra con sus ferverosos sermones, continuas confesiones, i trabajos. Admiro tanto esta mudança el General Don Alonso de Noroña que escribio al Provincial de Portugal, padre Simon Rodriguez dandole muchas gracias de hauerle embiado tan admirables varones q' en tan breve hicieron religiosa una ciudad tan perdida, i viciossa con la licencia y costumbres militares, q' los q' antes eran

peores q' los mismos moros, a quien mas venian en deshonestidad, q' en armas, ya se hauian mudado no solo como hombres christianos, sino en Religiossos, i q' se podia decir en verdad, q' los reales de los soldados libres se hauiam vuelto en claustros de christianos Religiosos. Añadia q' hauia escrito al gouernador moro para q' les diesse salvo-conduto para passar a Tetuan, a ayudar la multitud de Cautivos, q' alli hauia, pero que tenia mucho del fervor de aquellos siervos de Dios no se pusiessen a predicar publicamente contra Mahoma para que los martirizassen, q' aun q' a ellos les estaria bien, seria con perjuicio de los pobres cautiuos q' tenian extrema necesidad de su ayuda, i doctrina, y assi les suplicava mandasse aquellos zelosissimos padres no se dexassem llevar de su fervor, ni predicasen en las plaças contra Mahoma, sino q' se contentassen con ayudar a los cautivos en sus Masmorras, i desdichas: q' entendiessen q' este consejo q' le daua era mucho servicio de Dios, i q' en pago del le pedia no sacasse de Africa, mientras el estuviesse en el gouierno aquellos admirables varones. Hizolo assi el Padre Simon Rodriguez, i para q' tubiessen mas libre entrada, les embió el Rey por Redenptores aquellos miserables cautivos con dinero bastante para q' rescatassen muchos. Llegaron a Tetuan con gran peligro de la vida en q' les pusieron unos salteadores moros, i aun q' fuera para los siervos de Dios de gran goço perderla en tan sancta demanda, dieron muchas gracias a su divina Mag.d de hauerles librado dellos por medio de gran numero de mercaderes que retiraron los ladrones. A la primera entrada de la ciudad de Tetuan, les pago el Sr. el trabajo del camino en darles luego mas que padecer. Acometianlos los muchachos moros, como perros rabiosos, corrianlos por las calles, dezianles mil valdones tirandoles lodo, i tronchos, davanles de puñadas, no se tenian por fiel a Mahoma, quien no asestasse en ellos la mano. Los padres como mansos corderos en medio de fieros lobos sufrian con mas q' paciencia las contumelias, q' padecian por Christo, visitaron luego las masmorras, i calaboços, i otras estancias de cautivos, i quanto quedavan los padres atonitos de la miseria doblada de cuerpo i alma, tanto estavan ellos contentos del alivio q' les hauia embiado el cielo. Los siervos de Dios les acudian, y servian como esclavos, por q' se apreciaban de serlo de Christo; pero no solo los enfermos les causaba compasion, sino los mismos sanos, q' eran inumerables; llenavan las plaças de Tetuan descoloridos, i transidos de hambre, no comian en todo el dia sino un pedaço de pan de Zeruna, q' es una semilla desabrida, i de mala digestion, lo q' tenian mucho era de maldiciones agrentas, palabras injuriosas, golpes crueles, desapiadados azotes, largo trabajo todo el dia en pero estavan ocupados en varias obras, unos como bestias traiam al deredor las mullas de las tahonas, otros llevavan cargas con azemilas; otros asian las obras del campo, y estavan de sol a sol (y mas el de Africa) segando. Con este trabajo, y hambre no parecian algunos,

sino unos esqueletos desenterrados. Si eran grandes estas calamidades del cuerpo, mucho mayores eran las del alma, por q' con el poco trato de Dios, y avista de los malos exemplos de los moros, nunca reinaron mas en ellos, que quando cautivos, de los quales estauan mas presos de sus cadenas, i mas esclavos de sus apetitos q' los mismos moros. Movidos los padres a compasion, dexaron la possada q' tenian con los mercaderes Portugueses, y se fueron a bivir con aquellos tristes hombres en sus mismos calaboços, i mazmorras, donde recogidos de noche les pudiessen ayudar mejor. Alli les trataban de su alma, consolavan a los mas afligidos, repenaban a los mas desbocados, conciliaban a los mas enemistados, hacian a todos rezar, i rezaban con ellos. No fue poco lo q' passaran los siervos de Dios en esta ocupacion, y menos sentian el trabajo suyo q' el ageno, y el quebranto de su corazon viendo a tantos christianos en aquella imagen de muerte, i del infierno debaxo de tierra, i tan rendidos del cansacio del dia, que apenas auia quien pudiesse bolver su aflixido cuerpo de un lado a otro, ni tenesse en los pies, ni aun extender los braços. La hediondes de tantos hombres trabajadores juntos en aquel lugar cerrado, era insufrible: las cadenas q' traian al cuello, i a los pies, hacian con cualquier movimiento tenebroso ruido en aquella obscuridad, i densas nieblas de las noches, i de los calaboços, en los cuales todo era de una tela de noche, i dia. La primera vez q' entró en esta imagen del Infierno el Padre Juan Nuñes Barreto dixo con mucha raçon aquellas palabras del Psalmo 87: *posuerunt me in lacu inferiori, in tenebris, e in vmbra mortis.* Sobre las cuales hizo una platica de gran consuelo, i provecho a los cautivos, repartiendo entre todos buena cantidade de limosna. Cayo mui presto malo el Padre Luis de la Camara del excesivo trabajo, i assi fue necesario tornarse a Ceuta, de donde huvo di passar a Portugal por consejo del su mismo compañero para negociar mayor socorro aquellos miserables. Quedosse solo el padre Juan Nuñez animado no solo a trabajar por los dos, pero por muchos hombres. Reduxo muchos renegados ala Iglesia, de donde se hauian desunido; convirtio a dolor de sus pecados a cautivos que hacian mucho tiempo no se hauian confesado, conservó a muchos por q' no perdiessen la fe, i no solo redimio las almas redimidas por Jesus, pero los cuerpos de muchos alcançandoles la libertad i empeñandosse por esto. En sabiendo q' alguno se convertia moro no paraba asta reduzirlo, si otro estava flaco no cesava asta confirmarle en la fe, o rescatarle dando mucho mas dinero del que dava por otros cautivos. Con los enfermos hacia officio de medico, con los heridos cirujano, curandoles sus llagas, y aplicandoles medicamentos, con unos y otros de cocinero aderecendoles la comida con gran charidad su comida, i llevandosela a sus calaboços, ó carceles con pasmo de los mismos moros. Mas se espantaron quando vieron q' edifico dos hospitales para los enfermos y aprendio algunas reglas de medicina de un medico cautivo,

para poder curar el mismo ya q' no hauia otro q' lo hiciesse. Era tan notable su piedad que quando veya algun aflijido, por q' no podia con el desmedido trabajo, i desfallecia antes de cumplir la tarea q' les señalavan los amos, por q' no les tratasen mal, y açotassen, cumplia su occupacion, ó cabando la tierra, ó llevando las cargas a cuestas, ó trayendo la tahana, haciendo el santo sacerdote de Christo, no solo los mas humildes officios de los hombres, sino de las bestias haciendosse esclavo de los esclavos mismos. Estava en estos officios humildes y trabajosos tan contento, que no deseava sino quebrarse alli toda la vida, olvidado de Europa eternamente, i assi lo procuró mui de veras en los superiores, escriviendoles apretadas cartas sobre su asistencia entre aquella miseria i barbaria quien en Portugal podia luzir mucho. La estima que hacia de la trabajosa occupacion q' tenia, y el desseo de continuarla se hecha bien de ber por las cartas que refiere el author citado. en quien las puede leer el curiosso. Ganó este gran varon en las obras de tan heroico zelo, y humildad, opinion de santo entre aquella gente, en saliendo por las calles se venian todos a el, vnos le pedian la mano para besarsela, i aun q' la negava humilde se la tomavan por fuerça, los q' no podian mas se contentavan con besarle el vestido, ó tocarle com la mano, otros se le incavan de rrodillas, i postravan a sus pies, asta el mismo gouernador moro le estimava mucho, y miraba con afabilidad y respeto. Generalmente tenia tanto credito con los moros, q' le fiavan todos, prestandole dineros para redimir cautivos, embiavanles sus esclavos para q' los curassen en su hospital, i quando queria rescatar alguno, con sola su palavra, se le davan los amos; pero gano este credito acosta de su mucha paciencia, por q' alos principios le escupian ala cara, davanle bofetones, i pedradas, i algunas veces de palos, i açotes como hacian con sus esclavos. Pero el invencible sufrimiento del siervo de Dios domó el animo fiero de los barbaros, i se hacia revenrenciar de los q' a Dios no lo hacian. Fue igual su opinion, i authoridad al fruto, q' con ella causava; por respeto suyo no hauia juegos en los calaboços, i carceles, i quito de los esclavos la costumbre de jurar, i vino a introducir en todos tanta compostura, i amor ala virtud, q' no parecian sino religiosos, recebian los sacramentos amenudo, eran muchos los q' comulgavan dos veces por semana, i estavan tan contentos con el author de su reformacion i bien, q' decian q' estando alli el Padre Juan Nuñez, no se les dava de estar en el cautiverio muchos años. No se estrechava su gran charidad a los esclavos solos, antes se extendio a los infieles, destos, unos eran reneganados, otros moros; habian tambien muchos judios, pero los mas obstinados, i assi prendio menos en ellos la doctrina evangelica. Todos estos tres generos de gente, aun q' malditos de Dios, le respetavan tanto, q' por las heroicas obras q' en el veyan, venian adudar se su propia ley, i sin mas sermon q' sus exemplos les persuadia q' so la fe de Christo, en q' se exercitavan

tan raras virtudes era la verdadera. Pero la cudicia e los vicios estorbavan a muchos q' no se quedassen mas q' en esta duda. A otros buscava el mismo padre, otros le buscavan a él para comunicar sus escrupulos y tratar de la Religion verdadera. Persuadioles con eficacia de la verdad en la fe christiana, rindiendosse muchos, assi moros naturales como renegados, los cuales embiaba luego a Ceuta; ayudandole para esto los judios, q' le reverenciavan, estimavan y amavan, si bien fueron con los q' menos pudo recabar, sino es (lo q' menos deseava) su estimacion y respeto. Deseava hacer el siervo de Dios obtener igual fruto con esta gente de corazon duro, como hacia con los moros; para esto se metia en sus sinagogas, i predicando a Christo, confirmando ser el verdadero mesias con muchos lugares de los Profetas. Convertio al mas docto Rabino de su ley, i apenas huvo mas q' otro judio q' se reduxesse a los cuales embio a Ceuta para q' se bautizassen. Determinado estava de no salir de Africa toda su vida, pero la misma charidad q' le detenia le saco fuera. Viosse empeñado con muchos cautivos q' hauia redimido sobre su palabra, vio q' era necesario redimir mas, i q' no le embiavan de Portugal el dinero suficiente, veya los peligros de cuerpo y alma q' algunos corrian, i para sacarlos destos era menester sacarlos primeros delos del cuerpo, i assi se determino en passar una vez a Portugal para ser procurador de aquellos miserables, i aflixidos hombres, i bolver despues con bastante caudad para libertad a muchos. Passó a Lisboa para negociar el precio ablo al Rey Don Juan con raro zelo i prudencia llegó de limosna 20.000 escudos negocio para los cautivos lo q' queria, i para si lo q' mas aborrecia, por q' aficionado el Rey a su persona, i santidad viendole q' respondia a la admirable fama, q' hauia ganado entre todos asta Lisboa el buen olor de Christo, i fragancia de sus heroicas virtudes, nò le quiso dexar volver a Africa sino servirse del para la mayor empressa q' entonces se offrecia en la christiandad, qual fue la reducion de los estendidiximos Reinos de la Ethiopia por la buena disposicion en q' entonces estava su emperador Claudio. Hizole nombrar patriarca de aquel dilatado imperio. Passó a la India donde acabó la vida, hauiendo obrado con su catolico zelo lo q' diffussamente escriven las historias de su sagrada Religion, y las del Reino de Portugal. Fue su muerte año de 1562 a 17 de como escriven unos, ó a 20 como afirman otros del mes de Dęziembre.

CAPITULO 73.º

Prossigue el gouierno de Don Alonso de Noroña passa a Alcaçar a hazer la fortificacion del Seynal. Successos desta jornada hasta recojerse a Ceuta.

En 12 de febrero del año de 1549 tuvo aviso el Rey Don Juan el 3.º de q' el Xerife Mulei Hamet auia ganado a sus hermanos la ciudad de Fez, i q' estava señor de todo el reino, i como siempre tuvo delante de los ojos el perjuicio q' podia seguirse a las fronteras de Africa, de q' estubiessen los dos poderosos Reinos de Fez, i de Maruecos unidos, i sujetos a un solo señor, particularmente al Xarife q' era celocissimo para hacer la guerra a los christianos, trabajo siempre para impedirlo por todos los medios q' pudo valiendosse de muchos para aydar al Rey de Fez, i sustentarle contra el poder del Xerife; mas viendole aora que Dios por sus ocultos juicios hauia ordenado otra cosa, quanto mas crecido considerava el poder del Xerife, tanto mayor fue su cuidado de asegurar las plaças de Africa de un tan poderosso enemigo. Crecian los recelos con la nueva q' tuvo de q' el Xarife juntava gente, i municiones, i hazia nuevas fundaciones de ardilleria, de cuyo animo, i sobervia conocia, q' tratava de dar a entender a los moros, q' el intento, con q' se hauia movido a conquistar aquellos Reinos, no hauia sido codicia, sino antes deseo de libertad a Africa de la subjecion de los Portugueses. Con estas nuevas se resolvio a proveer las plaças de aquellas fronteras segun la necesidad de cada una. Solamente las de Ceuta y Mazagan se hallavan entonces bastantemente fortificadas; todas las demas necesitavan de reparo, particularmente la de Alcaçar Ceguer, sobre quien se decia bajaria el Xarife, por q' tenia puerto acomodado para los navios de remos, q' determinava traer en el estrecho. Para remedio destos rezelos hizo el Rey consejo, en q' entraron demas de los consejeros ordinarios muchos soldados de experiencia en las guerras de Africa. Resolviosse entre todos seria conveniente fortificar el seynal, monte q' señorea la villa, y hazer en el un fuerte antes q' llegasse a ocupar el Xarife, por q' dependia deste puesto la total defensa, i seguridad de Alcaçar. Resuelto esto en el consejo; como lo mas q' importava era la brevedad, escrivio a Don Alonso de Noroña General de Ceuta, cometiendole la fabrica del seynal; auisole q' quedava juntando cinco mil quiñientos hombres para esta empressa, de los cuales quatro mil eran soldados, los mil gastadores, i los trescientos officiales mecánicos; i por q' receleba q' el Xarife, como tan inteligente en las materias de guerra se adelantaria en ganar este puesto,

i seria despues dificultoso echarle del; encargava a Don Alonso, q' si pudiesse antes de llegar aquella gente acometer esta empressa con algunos fronteros, i moradores de Ceuta, i Alcacar lo hiciesse luego, dexando aquel puesto bien fortificado asta q' llegasse la gente para la obra del castillo. Luego llamó el Rey a Luis de Loureiro, q' tenia mucha platica de la Guerra de Africa, i le embió a Andaluzia a levantar quiñientos soldados para Tanjar, i quatrocientos para Arcila, i los mas de q' se necesitava para la obra del Seynal con fama de q' los levantasse para Ceuta, Alcaçar, i para las otras fronteras ordenandole q' como tuviesse esta gente junta, i las municiones, i bastimientos q' se le encargavan se passasse a Ceutá a verse con Don Alonso de Noroña para tratar con el de la materia del Seynal. A Don Alonso de Portugal hijo del Conde de Vimioso, q' servia por el padre el officio de Veedor de Hacienda de Africa encargó todos lo apresto q' se hauian de hacer en Lisboa, i pusso tanta diligencia en esta materia, q' brevisamente embarcó la gente q' estava a su cuidado con las municiones i bastimentos necesarios.

Estimó Don Alonso de Noroña la comision del Rey como materia tan de su servicio, i bien del Reino particularmente por los grandes poderes q' le embio para esta empressa, i como la experiencia le habia enseñado quanto importa para los buenos successos de la guerra la brevedad, i diligencia, luego q' tuvo la carta del Rey se despuso a obedecerle sin esperar por la gente q' le hauia de remitir de Lisboa, i de Andalucia, se partio de Ceuta con algunos caualleros, q' alli se hallavan, q' fueron Don Fernando de Noroña su hijo, Don Pedro de Noroña, Don Juan de Abranches, Aires Gomez de Brito, Christobal de Melo; Felipe de Aguilar, Luis Alvarez de Acuña, Luis de Brito, y Ruiz de Melo, i algunos moradores de Ceuta escogidos, i llegaron a Alcaçar a 4 de Abril. Auia llegado a esta plaça Luis de Loureiro con mil soldados, Miguel de Arruda maestre de aquella obra, i algunos navios de bastimentos.

Luego q' Don Alonso desembarco en Alcaçar subio al monte del Seynal para ver la disposicion del sitio, i auiendo señalado el lugar mas acomodado para la fortificacion se bolvio a Alcaçar, y el mismo dia subio segunda vez al Seynal con los caualleros q' le acompañavan, i con mil soldados, i tomó la possession de aquel sitio, i la misma noche se passavan a el algunos caualleros, q' estavan por fronteros en aquella placa, q' fueran Bernaldin de Carvallo, Don Jorge de Sousa, y Don Pedro de Sousa. El dia siguiente por la mañana hiço decir Don Alonso una misa de la Santa Cruz q' oyeron todos con mucha devocion, i acabada esta ceremonia se empecó la obra del fuerte de madera, q' crecio brevemente por lo mucho q' se trabajava, i con la gente, officiales, i bastimentos, q' cada dia llegavan de Portugal, i Andalucia. Prosiguiosse la obra pacificamente, sin q' el Xarife tratasse de impedirla; seria la causa hallarse divertido entonces, y ocupados en las cosas de Fez; de suerte q'

se puso la obra en grande altura sin q' se tocasse un arma, q' inquietase a los nuestros. Con esta nueva despachó Don Alonso un correo al Rey, dandole cuenta de todo lo sucedido, nueva para el, i para todo el Reino de mucho gusto, por q' lo q' se juzgava entonces de la importancia de aquella obra.

Tres dias despues de empeçada llegaron al Alcaçar, el Duque de Arcos, i el conde de Castellar con otros caualleros castellanos, en dos galeras, a offrecerse para assistir en aguella guerra, q' de Don Alonso fueron recebidos con la estimacion, q' merecian tales huespedes. Subieron luego a ver la obra q' se hauia empeçado, y alli publicamente se offrecio al Duque para acudir al servicio del Rey con su persona, y estado todas las vezes q' fuesse necesario, accion q' el Rey le agradecio luego con la estimacion q' era justo. Auian llegado ya a este tiempo dos compañias de Andaluzia, de q' eran capitanes Miguel Doncel, y Jorge Vieira, con q' llego el numero de soldados a dos mil, i el dia q' llego el Duque de Arcos al Seinal, le hiço con ellos Don Alonso una hermosa muestra, mas viendo el Duque q' no se necesitava alli de su persona se volvio a Hespaña. Este mismo dia rebolviendosse una piedra, donde se hauia de hacer un traves, se halló una cruz labrada, q' a todos lleno de buenas esperanças, particularmente por hauer succedido en viernes dia dedicado aquella sancta señal y sabiendolo el Rey tubo particular gusto con la nueva teniendolo por buen pronostico de lo q' deseava, y mando le llevassen un debujo con la misma forma que habia sido hallada.

Cada dia se examinava, y se desputava mas sobre la fortificacion del Seynal, y assi empecaron a nacer dudas, i dificultades en la prosecucion desta obra i particularmente en la q' se determinava hacer de cal, i canto despues de haberse acabado la de madera, assi en quanto al lugar, como en la grandessa. En el consejo se considerara tambien dos intentos principales, q' podia aver en esta obra; el uno si se aria tan grande q' pudiesse recoger la gente toda de Alcaçar sin añadir nuevos gastos; el otro q' pues el principal fin era defender el Rio, e impidir al Xarife el uso, i provecho del, si bastaria hazarse alli un castillo roquero, q' seria obra de menos costa, i serveria bastantemente para el mismo intento. No quiso el Rey resolverse en estas dudas sin escribir primero a Don Alonso de Noroña, mandandole le avisasse distintamente del parecer q' tenia en esta materia, i en medio desta ducha no se olvidava del deseo q' tenia de hacer guerra al Xarife i la ocasion de hauer juntado tanta gente en el Seynal, le movio a considerar se podria intentar con ella alguna empressa de provecho. Escrivio a Don Alonso q' si le pareciesse despues de tener la obra de madera en perfeccion, intentasse saquear a Tetuan, aesta propuesta respondio Don Alonso q' la gente tenia en el Seynal, en cantidad era mucha, pero en calidad, no buena para hacer fundamento della, i q' se necesitava de mucha mas vieja para aquella empressa por ser la

ciudad grande, estar fortificada, i tener en sus contornos mas de veyente mil lanças, i muchas aldeas de gente belicosa, q' sin embargo le parecia necesario buscar algun medio para repremir la presuncion y orgullo del Xarife. Con esta respuesta, ponderando el Rey la calidad de la materia, desistio del pensamiento q' tenia, y viendo q' cada dia resultavan nuevas dudas en su consejo sobre las obras del Seynal, i q' por la variedad de pareceres, no podia resolverse en ellas, determinó embiar a Alcaçar a Don Pedro de Mascareñas, de cuya experiencia, entendimiento, y zelo fiava le daria informacion verdadera de todo, y quiso q' le acompañasse Don Juan Mascareñas su sobrino general q' hauia sido de Diu, i q' defendio el segundo sitio de aquella plaça con el valor, i dicha q' refieren las historias, i por q' la de Tanjar necesitava de fortificarse ordenó a Don Pedro fuesse primero a ella para informarle de lo q' se debia hazer, i q' despues de estar en el Seynal, se fuesse a Ceuta, i hiciesse la misma diligencia en esta plaça q' en Tanjar. Con esta comision partieron de Lixboa, Don Pedro y Don Juan Mascareñas en tres navios, y llegaron a Tanjar el 25 de julio del año corriente de 1549 dia del Apostol Santiago. Detubosse en esta plaça con Don Pedro de Meneses su general informandosse particularmente de lo q' necesitava en ella, assi en lo de la fortificacion, como en lo de la guarnicion, i de todo hiço particulares avisos al Rey. De aqui partio a Alcaçar a ver la obra del Seynal, adonde llegó 7 de agosto: informasse particularmente de todo, oyendo la dificultades q' representava Don Alonso de Noroña, i las personas inteligentes q' hauia visto aquella obra, i en todos se ajustó q' seria demasiado costossa, i de mas peligro q' provecho, auiendo reconocido menudamente todos los inconvenientes q' se offrecian assi para la fabrica, como para sustentarla despues. De todo avisó Don Pedro Mascareñas al Rey haciendo relacion q' firmaron el, Don Alonso de Noroña, Don Juan Mascareñas, siendo todos de parecer q' lo mas acertado seria desamparar la plaça cegando la barra de su ria para q' los moros no pudiessen servirse della com embarcaciones grandes, q' era el incoveniente q' se consideró en Portugal quando se ganó aquel puerto. Con esta resoluccion, auiendo noticias q' aquel grande corsario Dargut Arraez auia entrado en el estrecho, mandó el Rey a Don Pedro Mascareñas, q' juntando todos los navios y galeras q' se hallavan en las Plaças, se incorporasse con Don Bernardino de Mendoça, i fuesse a pelear con el; mas despues se supo q' no era verdadero aquel viso, y viendo Don Pedro q' ya no era necesaria su persona en Alcaçar se passó a Ceuta a informarse de la fortificacion de aquella plaça, i de todo lo q' necesitava para hacer una relacion al Rey. De Ceuta se fue al puerto de Santa Maria y de alli a Malaga averse con el Rey Moro de Velez, q' alli se hallava pidiendo socorro a los Reyes de Castilla, i Portugal, contra el Xarife, q' le hauia desposeido del Reino, con q' se detuvo asta los 27 de setiembre, i de aqui se bolvio al puerto de Santa Maria, y

de aqui a Lisboa. La determinacion q' el Rey tomó en las cosas de Alcaçar fue q' se desocupasse la villa de toda la gente inutil para la guerra, quedando unicamente, quiñientos hombres de guarnicion, y entre ellos treyenta de acauallo, q' derribassen todas las casas, i q' la piedra dellas la echassen en el rio en frente de la villa; y en esta conformidad escrivio al capitan Alvaro de Caruallo, q' luego se viniesse a Portugal con su muger, i ayudasse a embarcar a todos los vecinos, ó para Tanjar ó para Ceuta, ó para el Reino segun escogiesse cada ano, y a Bernaldino de Carvallo su hermano ordenó quedasse gouernando los quiñientos hombres q' hauia de guarnicion en Alcaçar, encargandole mucho trabajasse en la obra de cegar el rio, q' era lo principal cosa de aquel negocio, como luego se puso por obra. I por q' entendia q' el gasto de tanta gente como estava en el Seynal era escusado, assi por estar la obra de madera en buena altura, q' podia defenderse con menos gente, como por q' la resolucion de la q' se hauia de hacer en el Seynal quedava para la entrada del verano siguiente por la experiencia de los puertos q' se hauia de haceren aquel imbierno, odenó a Don Alonso de Noroña q' dexando el gouierno del fuerte al capitan Antonio Leyte con gente escogida, se bolviesse a Ceuta, como lo hiço. Poco despues mandó por consejo de muchos desamparar a Alcaçar, dexando entupida la barra de su puerto en la manera q' se refiere en su historia de q' no importa hacer relacion en esta.

CAPITULO 74.º (1)

Alguno tiempo despues de llegado a Ceuta Don Alonso de Noroña se concertó con Alvaro de Carvalho General de Alcaçar ceguer para q' juntos corriessen a Tetuan. Ofrecioseles ocasion oportuna i fue q' tuvo aviso Don Alonso de Noroña de q' el Xarife auia desbaratado al Rey de Fez, i le tenia prezo, i conquistado a Cale, Mequinez, i Tedula, i con su campo victorioso marchava a Fez, cuya tierra le obedecia ya assi como Tetuan, cuyo gobernador Hacen partia con la gente de aquella plaça para ayudar al Xarife. Parecio buena esta ocasion a Don Alonso para correr a Tetuan, y assi avissó a Alvaro de Carvallo, q' al punto partio de Alcaçar, i entró en Ceuta. Salieron los dos generales desta plaça la misma noche q' se juntaron en ella; i tomando el camino de Tetuan fueron sentidos quando ya se acercavan al lugar; mas no por eso dexaron de proseguir su camino, antes llegaron a vista della sin impedimento. Llegados a este paraje, quedando Don Alonso en una lla-

(1) Este capitulo, no original, não tem titulo, constando porêm da continuação do governo de D. Affonso de Noronha.

nura, tomó Alvaro de Carvallo una eminencia q' se llama el Bogiarral, de donde despidio a su hermano Gil Fernandez con venticinco cavallos para q' retirasse algun ganado q' tuviesse vista, succdiole dichossamente, juntandosse otra vez los generales. Auian acudido ya mil moros y quarenta cauallos, q' incorporados en lugar acomodado proferiaron desalojar nuestra gente con las armas de fuego mas sin efecto. Con esto prosiguieron los generales el camino hacia Tetuan asta ponerse junto a las murallas, aun q' con conocido riesgo de la artilleria, i viendo el limitado poder de los moros por la poca gente que salia de la plaça, por q' la mayor parte acompañava a Hacen en socorro del Xarife, determinaron no perder aquella ocasion sin hacer algun daño considerable. Mas para informarse mejor del estado de sus cosas, despidio Don Alonso treinta cauallos para q' tomassen lengua. Estos se dieron tan buena maña que se recogieron con doce cautivos, i todos confirmaron en ser cierto el aviso de auer ido a Fez, Hacen. Con esto decidieron quemar los navios enemigos q' alli huviesse, q' era el maior daño q' podian hacer a los moros; y lo q' mas deseavan los fronteros da Ceuta, y los vecinos de las costas de Hespaña por los daños q' de ellos recebian continuamente. Para executarlo con mas desembaraço parecio dar primero en Benamede, aldea grande a la ribera del rio para q' ocupados los moros en acudir a su defensa tubiessen los nuestros lugar de executar su determinacion. Partieron los dos generales con la cavalleria para emprender juntos este designio; mas hallando menos treinta cauallos de los de Ceuta fue preciso q' Don Alonso quedasse con alguna gente, para recoger, e incorporar a los q' faltavan. Alvaro de Carvallo executó la diversion de la aldea con su gente, i quarenta cauallos de Ceuta, dio en ella, y cautivo en los primeros lanzes 12 moros, y algun ganado sin recibir daño; con esto empeco a retirar-se para q' los moros le siguiessen, como lo hicieron, sacolos a campaña rasa, i los embistio con tan buena dicha, q' cayeron treinta y tres muertos, quedando siete heridos de los nuestros. A este tiempo llegó Don Alonso con socorro, pero ne osaron los moros embistir, con q' nuestra gente tubo lugar de executar el intento de quemar los navios, hizolo sin contradicion, y perecian en las llamas una galeota, de veyente dos bancos, dos fustas, nueve bergantines y cinco barcas. Quando esto se obrava se desmandaron algunos soldados de Ceuta, y viosse obligado Don Alonso a recogerlos, acompañole, Gil Fernandez de Carvallo a tiempo q' salian de Tetuan numero considerable de gente con animo de venir a las manos con el en las viñas, mas viendo Alvaro de Carvallo, q' estava ocupado en quemar las naves, acudio, i fue causa de q' los moros se retirasen, i tomassen el camino de la falda de la sierra. Con esto siguieron los nuestros el de Ceuta, mas llegando a una ribera vieron q' baxavan moros en su busca en número de dos mil, hiço luego Don Alonso una buelta a ellos por un passo, q' les enseño un morisco, mas viendo el

enemigo q' este camino estava descubierto se pusieron en huida esparcidos por el campo, i seguidos de nuestra gente, q' mató considerable numero, mas con tal desorden q' parecio a Alvaro de Carvalho juntar como pudo veyente cinco cavallos, i buscar a Don Alonso para incorporarse con el. Cuando caminava hacerlo vio unas altas peñas coronadas de una compañia de 150 moros, i tan inacesibles, q' no podia llegar a la cumbre sino por un camino solo, i viendo q' los moros q' estavan en la sierra se juntavan para socorrer a estos, procuró romperlos antes q' llegasse el socorro. Embistioles con tal valor, q' muchos se dexaron de caer de las peñas a tiempo q' ya Don Alonso los embestia por la parte de abajo. Mas aun q' parecieron muchos, otros se defendieron con la fragosidad del terreno. Alvaro de Carvalho, como caminava por terreno mas desembaraçado, se llegó mas a ellos, i aun q' les hiço daño grande, no le recebio pequeño de los arcabuces, i ballestas, q' hirieron alguna de nuestra gente, con q' se vio obligado a retirarse. Todos los caualleros de Ceuta, i Alcaçar pelearon con valor, mas quedo particular memoria de Felipe Aguilar Cauallero castellano. A los dos generales parecio contentarse con los hecho, y recogerse a Ceuta, assi por estar los cauallos cansados como por los muchos moros q' acudian de las aldeas vecinas, y assi caminaron en buen orden, i sin estorbo con veyntecinco cautivos dexando muchos muertos en el campo, sin q' huviesse de nuestra parte daño alguno mas que de heridos.

Con este successo rematan las historias el gouierno de Don Alonso de Noroña. Tubole con general aplauso asta el año de 1549, en q' llegaron nuevas de Portugal ser muerto Don Juan de Castro, gouernador de la India, y quedar gouernando aquel estado Garcia de Saa. Siendo preciso nombrar persona cual se necesitava para aquel puesto, puso los ojos el Rey en Don Alonso, en quien concurrian las partes, i calidades, q' podian desearse en tal ocasion. Llegole la nueva a Ceuta, andando visitando las obras de la ciudad, y siendole dada la carta, se fue al punto a orar a la iglesia de Nuestra Senora de Africa, i quedo en memoria q' dio albricias al portador un cauallo, un vestido de escarlata e cinquenta cruzados. Hizose luego prevencion, i partio para el reino dexando encargado el gouierno por orden del Rey a Don Antonio de Noroña su sobrino.

Como llegó Don Alonso a Lisboa, le concedio el Rey para honrarle mas el titulo de Virrey, con q' partio a tres de mayo, y llego a Cochin por fin de octubre del año de 1550. Gouernó el estado de la la India con mucho acierto hasta 23 de Setiembre del año 1554 en q' entró a sucederle el Virrey Don Pedro Mascareñas. Alcanço gloriosas victorias de los enemigos de aquel estado, q' se refieren difusamente en diferentes libros, particularmente en la decada 6.º del Assia de Diego de Couto. Partio para Portugal a 15 de Henero de 1555 donde uivio muchos años,

i tan pobre q' despues de tener 70 años sirvio ga la Infanta Doña Maria, hija del Rey Don Manuel, de su mayordomo mayor, i gouernador de su casa. Fue comendador de San Martin de Bañagas, San Cipriano, i rio tuerzo de la orden de Christo: murio de mas de 75 años con muchos meritos, i mal premiados; aviendo sido casado con Doña Maria de Eça, hija de Don Fernando de Miranda, i de Doña Catalina de Eça. Nacieron deste matrimonio Don Fernando de Noroña q' sucedio en la casa valeroso soldado en la India y Capitan General de Ceuta, cuyo elogio se escribira en su lugar. Don Miguel de Noroña q' vino a succeder a su hermano por no dexar succesion, fue comendador de los Olallas de la orden de Christo, Guarda mayor de la salud del Reino año 1578. Aposentador mayor, y copero mayor de Portugal, i de su muger Dona Juana de Villena, hija de Don Francisco Coutiño comendador de la isla de Santa Maria, dexó dilatada descendencia, q' oi se conserva en los señores deste apellido, q' goçan del titulo de Condes de Liñares por casamiento de Don Miguel de Noroña su nieto con Doña Ignaçia de Noroña Sr. propietaria desta casa, como dixe otras veces. Don Juan de Eça q' siguio la iglesia, Don Jorge de Noroña Comendador de la ordem de Christo, q' de su muger doña Isabel de Noroña, hija de Anton Martines de Noroña, no dexó descendencia. Doña Catalina de Eça dama de la Reina Dona Cathalína muger del Rei Don Juan el 3.º q' casó con Don Rodrigo de Melo hijo, y heredero de Don Francisco de Melo segundo Conde de Tentugal sin succession (1).

(1) D. Affonso de Noronha foi, segundo o produto das minhas investigações, o 29.º e 31.º governador de Ceuta.

Em nota aos capitulos 56.º e 67.º dei a lista dos primeiros vinte governadores e agora com o tempo provável dos seus governos vou dar a lista do 21.º ao 30.º:

21.º Pedro Barba Alardo — 15[illegible]-1512.
22.º D. Pedro de Menezes, 3.º Marquez de Villa Real — 1512-1517.
23.º D. João da Silva, Conde de Portalegre — 1518.
24.º Gomes da Silva de Vasconcellos — 1519-1521.
25.º D. João de Noronha — 1522-1524.
26.º D. Pedro de Menezes, 3.º Marquez de Villa Real — 1524.
27.º Gomes da Silva de Vasconcellos — 1525-1529.
28.º D. Nuno Alvares Pereira de Noronha — 1529-1539.
29.º D. Affonso de Noronha, Vice-Rei da India — 1540-154[illegible].
30.º D. Nuno Alvares Pereira de Noronha — 1549.

CAPITULO 75.º(1)

Dexamos en el gouierno a Don Anton de Noroña quando Don Alonso se vino a embarcar para la India con el puesto de Virrei. Era la voluntad del Rei Don Juan q' Don Anton quedasse en Ceuta por la experiencia q' tenia de su valor i cordura, mas llegando Don Alonso al Reino, i tratando de los aprestos de su viaje, i de las personas q' auia de llevar en su compañia para emplear en la India, pidio entre otras cosas al Rei le diesse licencia para llevar a Don Anton y la alcanço, con q' fueron pocos los dias q' gouerno a Ceuta, ni sabemos successo alguno de aquel breve gouierno. Entregole a Jorge Vieira vecino della, i se vino a Portugal a tratar de su viaje, fue don Anton de Noroña, no solo general sino hijo de Ceuta, i por una, i otra causa merece particular elogio en esta historia, i mas siendo uno de los famosos heroes q' dio Portugal, i assi escrivise en este capitulo lo q' he podido alcançar por los libros de los servicios que hiço a la coroña.

Era hijo natural, i primero de Don Juan de Noroña Capitan General de Ceuta el q' fue muerto por los moros año de 1524 q' era hijo segundo de Don Fernando de Meneses segundo marques de Villarreal, i de la marquesa Doña Maria Freire de Andrada. Hubole Don Juan en Ceuta, muchos nobilarios ignoran la madre, otros mas atentos dicen fue Guiomar Dias doncella noble de la misma ciudad, yo añado q' se llamo Guiomar Dias de Villalobos por q' allo dos hermanos suyos deste apellido ambos valerosos soldados en la India, de uno, i otro ase memoria Diego de Couto en diferentes lugares de sus Decadas. Cuando el año de 1555 Don Anton dio la batalla a Xacoli Aga Capitan del Idalian, escrive cuanto se señalo en ella Andres de Villalobos, tio suyo hermano de su madre. Año 1559 acudio desde Goa al socorro de la isla de Baharem q' estava sitiada por los turcos Vicente Dias de Villalobos; i aduierte el mismo coronista ser tio de Anton de Noroña hermano de su madre, y assi consta el apellido q' tocava a este cauallero por la linea materna, que aun oi se conserva con lustre en Ceuta y en Algarve.

Sirvio Don Anton de Noroña algunos años en las guerras de Ceuta gouernando aquella plaça Don Alonso de Noroña, su tio, hermano de su padre. Quedo gouernandola, como dixe por orden del Rey Don Juan quando Don Alonso fue nombrado Virrey de la India, mas poco despues por conveniencias de su servicio le hiço passar a aquel estado a peticion

(1) Este capitulo, como o 74.º, no original, não tem titulo, consistindo porêm do governo de D. Antão de Noronha.

de su tio. Hizolo el año de 1550, a tiempo q' los turcos teniam opressos con sus armas a los Reys de Ormuz i de Bazorá, q' pidieron socorro al Virrey Don Alonso, i el se le embio el año de 1551 con mil i dusientos hombres en dies y nueve baxelles a las ordenes de Don Anton, q' peleo con ellos en la fuerça de Califa i los vencio. Ganada la plaça la entregó al capitan del Rey de Ormuz, mas no atreviendose a sustentarla la pusieron por el suelo. Obrado esto navegó hasta la boca de Eufrates para socorrer al de Bazorá, pero el timido de q' iba avassallarle con el reboço de socorrerle, no lo quiso admitir. Para acudir en persona a las alteraciones de Ceylan compuso una armada de 70 vassos, Don Alonso, nombrando capitan a Don Anton al frente de tres mil Portugueses, q' peleando con el Rey de Ceitavaca presto le pusieron en huida, i la ciudad se concedio a saco, q' fue precioso. Passó despues año 1552, Don Alonso contra el principe de Chembé: la armada fue capaz de quatro mil hom bres, i uno de los capitanes Don Anton: el principe se puso en cobro, y el Virrei se contento con talarle la campaña. Año 1554 se allo con el Virrei Don Pedro Mascareñas en la jornada en q' fue a llevar Malacan, a quien hauia dado el Reyno de Visapor, i le fue a meter en la possesion de el. Fue Don Anton gouernando uno de los troços, en q' se diuidio el exercito, i quedó con seiscientos hombres governando la fortaleça de Ponda, gouernandola asta el año de 1555, bolvio aquella parte Francisco Barreto Gouernador de la India, q' hauia succedido por muerte de Don Pedro Mascareñas, i teniendo necesidad de la persona de Don Anton para mayores empleos, dexando a otro capitan en su lugar le troxo consigo a Goa, donde le despachó luego con dos mil infantes e alguna caualleria a tomar la possesion, i poner en obediencia a todos los estados y pueblos de Correan, hiçolo con valor, i prudencia asta venir a la batalla con Xacoli Aga capitan valeroso del Idalcan, a quien ronpio venciendole, i desbaratandole su exercito q' constava de siete mil infantes, i no poca caualleria. Aqui estuvo algunos dias asta q' el gouernador le mando se recogiesse a Goa con toda su gente por las nuevas q' tenia del gran poder con que el Idalcan baxava con toda su gente, i aun q' Don Anton prometio defenderlas, huvo de obedecer, i se recogio a Goa a vista del enemigo marchando con toda la gente. Año 1556 acompaño al gouernador Francisco Barreto en aquella notable armada, con q' passó al Norte a la conquista de las fortalezas de Assari y Manorá, y estando el gouernador en Bacain, embiando a Antonio Muniz Barreto a expugnarlas, ordenó a Don Anton le fuesso dando valor con una armada de diez navios, para q' mas se facilitasse esta empressa, como lo hiço succediendo todo con felicidad. El mismo año acompaño segunda vez al gouernador, por capitan de un troço de su exercito, quando passó a tierra firme en busca del exercito del Idalcan, con q' vino a batalla, rompiendole, i venciendole, ocasion en q' Don Anton se portó con singular calor. Año 1557 le acom-

paño tambien por capitan de un navio de remo de su armada quando segunda vez passó al Norte contra el Inisamoxa. Llegó con el gouernador Achaul con aquel poder q' obligo al enemigo a haser las pazes con los Portugueses, q' alli se trataron, i ajustaron con gran honra del estado. De Chaul le embió Francisco Barreto a gouernar a Ormuz para donde estava despachado, i partio a exerser este puesto asta Abril de 1558, tuvole algunos años, y en el de 1559 teniendo aviso q' una poderosa armada del Turco hauia vasado contra la fortaleça de Baharem en la costa de Arabia, embio de socorro a su sobrino Don Juan de Noroña con diez navios bien pertrechados con muchos bastimentos, y municiones, y auiso a Don Alvaro de Silveira q' con toda su armada acudiesse a este socorro como hiço, i hauiendo succedido las cosas prosperamente en aquella isla, despues en una batalla, q' Don Alvaro de Silveira dio a los turcos, fue desbaratado i muerto. Tuvo Don Anton aviso desta desdicha, y acudio a vengarla personalmente con una tan grande armada q' caussó la admiracion de los turcos. Tuvolos sitiados en la misma Isla. i los reduxo a tal estado q' cometieron partidos para q' les dexasse salir libres. Salieron pagando primero dose mil ducados para los gastos de aquella armada, con q' quedo libre la isla de Baharem, i Don Anton con la honra de tan ilustre hecho. Bolviosse a Ormuz, i acabado el trienio de su gouierno sin otro successo notable, mas con reputacion grande el año 1561 e recogiendosse a Goa se partio en el mismo al Reino, fue esta jornada ocasion de q' el año de 1564 no quedasse gouernando la India por muerte del Virrey don Francisco Coutiño Conde de Redondo, por q' abriendosse la primera succession salio nombrado Don Anton y por hauerse venido al Reino se abrio la segunda, en q' estava Juan de Mendoça, pero lo q' en aquella ocasion perdio lo gano brevemente con mas authoridad, por q' no sabiendosse aun en el Reino la muerte del Conde de Redondo, le nombro el Rey Don Sebastian para q' le succediesse con el titulo de Virrei. Partio de Lisboa en Março de 1564 y llegando a Goa a 3 de Septiembre del mismo año, tomó el gouierno de Juan de Mendoça, q' entonces lo tenia. Lo primero q' hiço fue socorrer la plaça de Cananor, q' estava sitiada, embió por capitan a Don Antonio de Noroña, y entrando el año de 1565 otro socorro a orden de Don Paulo de Lima q' no pudo llegar por q' encontró enemigos, q' si bien fueron destroçados por el, le fue preciso bolver a repararse a Goa; al fin huvo de pelear Don Antonio con casi cien mil hombres, y con el deguello de cinco mil liberto la plaça. En Columbo huvo otro sitio tan desesperado q' llegaron los Portugueses a salar cadaveres enemigos para servirles de pasto, mas bolvieronse las cosas de manera, q' no fue menester usar del. En Daman hubo tambien gran trabajo pero finalmente quedarmos victoriosos. El año de 1566 vino el Achem potentissimo sobre Malaca, i retirosse con perdida. El de 1567 despachó Don Anton diferentes armadas para varias partes, y

huvo los successos acostumbrados, y el fue en persona contra la Reina de Olala, y en vispera de Reyes de 1568 fue la ciudad vencida, huvo en esta ocasion maravillosos hechos; fundó aqui la fortalesa de Mangalor, con q' dexó assegurado nuestro dominio, en esta parte, i domada aquella reina. Bolbio el Achen sobre Malaca, siendo gouernador desta plaça Don Lioniz Pereira (que despues toparemos General de Ceuta) y obro en su defensa prodigios militares de varon, intrepido, i magnanimo. Inquietaron mucho al Virrey los habitadores de la isla de Salsete por conservarse en sus idolatrias, pero el los humilló con las armas. En Maluco huvo prosperas, i aduersas fortunas, asta q' llegado a la India por fin del ano 1568 Don Luis de Ataide, succedio en el Virreinato a Don Anton de Noroña, q' fue uno de los mas benemeritos capitanes, i Virreis q' tuvo aquel estado. El año 1569 se embarcó para venirse al Reino mas no lo dejó la muerte, q' le sobrevino en la navegacion. Hiço su testamento antes de la partida en Goa, y declaro q' siendo Dios servido llevarle en el viaje dexava veyente mil maravedis de renta en cada um año para q' se diga una misa cotidiana en la Sancta Iglesia de Ceuta por su padre Don Juan de Noroña, q' esta enterrado en su capilla mayor, a quien mataron los moros siendo general desta ciudad, otros veyente mil moravedis para q' se diga otra misa por su alma, en la misma capilla, y ordena q' se le corte el braço derecho, y se entierre en ella a la parte de la Epistola en frente de su padre, fue tenida por notable esta disposion suya, por q' hauiendose le dado a firmar un papel quando era virrei, conociendo ser injusto lo q' firmava, i firmandolo a instancia de un pariente suyo dixo: *Mano q' tal firma bien merece cortarla.* Dexó mas doscientos mil maravedis de renta para q' se den en cada un año a diez soldados pobres vecinos de Ceuta a cada uno a veyente mil maravedis con obligacion de q' oigan todos los dias, dos misas en la misma iglesia, y resen un Pater Nostre y un Ave Maria por el alma de su padre, i otro tanto por la suya. Todo lo dexó a disposicion de su hermano Don Andres de Noroña Obispo de Plazencia, para q' lo dispusiesse en la forma q' mejor le pareciesse, i nombrasse en su vida estas diez plaças, i por su muerte el successor de la casa de Villa-Real, la renta para estos legados, dio el Rey Don Sebastian perpetuamente en la Alfandiga de Ceuta, i cobró cinco cuentos de maravedis de principal. Este juro se pagó mucho en Ceuta, mas faltando los rendimientos, se passó al Algarve, donde se pagó efectivamente asta el año del levantamiento de Portugal. Casó Don Anton de Noroña con doña Ines de Castro dama de la Reina doña Catalina hija de Don Manuel Pereira trecer conde de la Feira, i de su segunda muger la condeça, Doña Francisca Henriquez, i no tuvo succession (1).

(1) Pelo conteudo dêste capítulo se depreende que D. Jeronimo de Mascarenhas não completou o seu plano em referência a esta história de Ceuta. No capítulo 5.º

CAPITULO 76.º (1)

Quando Don Anton de Noroña passó a Portugal a embarcarse con el Virrey Don Alonso dexó encargado el gouierno de Ceuta a Jorge Vieira, ciudadano noble de aquella ciudad, y soldado de valor hijo de Pedro Vieira tambien natural de Ceuta; de quien hace algu-

descrevendo minuciosamente a Praça de Ceuta, vê-se que o fez em 1648 como declara.

Referindo-se neste capítulo 75.º aos serviços de D. Antão de Noronha como Vice-Rei da India, chega até ao ano de 1580, pois que se refere que os legados de D. Antão de Noronha foram cumpridos «asta el año del levantamiento de Portugal», e afinal trata dos governadores só até 1553. Era de esperar pois que este trabalho de D. Jeronimo de Mascarenhas, se estivesse completo, terminasse em 1648, ano em que o escreveu.

O facto de não terem êstes últimos capítulos um título como os anteriores, faz supôr que não concluisse esta obra, e mesmo porque na obra do mesmo autor *Viage de la Serenissima Reyna Doña Maria Ana de Austria,* dando com a designação *Razon de outros Escritos del Auctor*, o catálogo dos seus trabalhos, refere-se a esta *Historia de Ceuta* deprendendo-se pelo título, que outros assuntos seriam tratados, como por exemplo, a parte referente aos Prelados.

No referido catálogo o título desta obra é nos seguintes termos: *Historia de la ciudad de Ceuta (Vnica Plaza de Portugal, y sus conquistas, que couservou la debida obdiencia al Rey N. S.), sus sucessos militares, y Politicos; memorias de sus Santos y Prelados, y Elogios de sus capitanes generales.*

Outra prova de que esta obra não está completa ou que falta ainda descobrir um segundo volume, é que D. Jeronimo de Mascarenhas, ainda no capítulo 75.º diz, referindo-se a D. Lioniz (Dionisio) Pereira — «que despues toparemos general de Ceuta» — e de facto, D. Dionisio Pereira, foi governador de Ceuta de 1578-1580.

(1) Este capítulo, como o 74.º e 75.º, não tem título no original, consistindo êste porêm dos govêrnos de Jorge Vieira e D. Pedro de Menezes.

D. Jeronimo de Mascarenhas para a construção desta sua obra não consultou os livros da Veduria de Ceuta e de outros arquivos da mesma Praça, de que Alexandre Correia da Franca, autor de uma *Historia de Ceuta,* que se conserva manuscrita e inédita, e da qual tenho uma cópia, fez uma grande análise.

No meu estudo *Governadores Capitães Generaes de Ceuta,* publicado no 4.º volume da *Historia e Genealogia*, demonstro que D. Pedro de Menezes morreu em 1553, transcrevendo um documento que, com o n.º 39 do maço 91 da parte 1.ª do Corpo Cronológico, existente na Torre do Tombo, é assinado pelo governador de Ceuta Martim Correa da Silva, em 9 de novembro de 1553; portanto a morte do governador D. Pedro de Menezes foi de facto em 1553 e não em 1554 como insiste D. Jeronimo de Mascarenhas.

Em 1553 houve em Ceuta quatro governadores, havendo notícia de em abril ser governador D. Pedro da Cunha, em agosto João Rodrigues Pereira e, em novembro, já ali se encontrava Martim Correia da Silva, que se conservou neste cargo até 1555 em que foi rendido por Jorge Vieira.

D. Jeronimo de Mascarenhas dá este Jorge Vieira como rendendo D. Antão de No-

nas veces memorias la cronica del Rey Don Manuel. Gouernó Jorge Vieira, asta q' el Rey nombro Capitan General a Don Pedro de Meneses,

o que é um engano, pois quem o rendeu em 1549 foi o acima referido Martin Correia da Silva, que foi duas vezes governador.

Em nota aos capítulos 56.°, 67.° e 75.° dei a lista dos primeiros trinta governadores e agora com o tempo provável dos seus govêrnos vou dar a lista do 31.° ao 75.°, que foi o último governador de Ceuta Portuguesa.

31.° D. Affonso de Noronha, Vice-Rei da India — 1549.
32.° D. Antão de Noronha, Vice-Rei da India — 1549.
33.° Martim Correa da Silva — 1549-1550.
34.° D. Pedro de Menezes — 1550-1553.
35.° D. Pedro da Cunha — 1553.
36.° João Rodrigues Pereira — 1553.
37.° Martim Correa da Silva — 1553-1555.
38.° Jorge Vieira — 1555-1557.
39.° D. Fernando de Menezes — 1557-1562.
40.° João Alvares de Azevedo — 1562.
41.° D. Fernando de Menezes — 1562.
42.° D. Miguel de Menezes, 4.° Marquez de Villa Real — 1562-1563.
43.° D. Fernando de Menezes — 1563-1564.
44.° Pedro da Cunha — 1564-1565.
45.° Francisco Pereira — 1566-1567
46.° D. Manuel de Menezes e Noronha, 6.° Conde, 5.° Marquez e 1.° Duque de Villa Real — 1567 a 1574.
47.° Diogo Lopes da Fonseca — 1574-1577.
48.° D. Manuel de Menezes e Noronha, 1.° Duque de Villa Real — 1577-1578.
49.° D. Dionizio Pereira — 1578-1580.
50.° Jorge Pessenha — 1580-1586.
51.° Gil Annes da Costa — 1586-1591.
52.° Francisco de Andrade — 1591-1592.
53.° D. Miguel de Menezes, 7.° Conde, 6.° Marquez e 1.° Duque de Caminha — 1592-1594.
54.° D. Mendo Rodrigues de Ledesma — 1594-1597.
55.° D. Miguel de Menezes, 1.° Duque de Caminha — 1597-1601.
56.° D. Affonso de Noronha — 1602-1605.
57.° D. Miguel de Menezes, 1.° Duque de Caminha — 1605-1606.
58.° D. Luiz de Noronha e Menezes, 8.° Conde e 7.° Marquez de Villa Real — 1616-1622.
59.° D. Miguel de Menezes, 1.° Duque de Caminha — 1623.
60.° Antonio da Costa Albuquerque — 1623-1624.
61.° Doze Cavalleiros de Ceuta — 1624.
62.° D. Francisco de Mascarenhas, 1.° Conde da Torre — 1624-1625.
63.° Gonçalo Correa Alcoforado — 1625.
64.° D. Miguel de Menezes, 1.° Duque de Caminha — 1625-1626.
65.° D. Diniz de Mascarenhas de Lencastre — 1627.
66.° Jorge de Mendonça Pessanha — 1627-1634
67.° Braz Telles de Menezes — 1634-1636.
68.° Fernando Telles de Menezes — 1637.
69.° D. Francisco de Almeida — 1637-1641.
70.° D. João Fernandes de Cordova — 1641-1644. *(Segue a nota).*

a quien el marques de Villa-Real, auia presentado para este puesto como acostumbravan entonces. Dispussose Don Pedro al viaje, i despues de ordenar sus cosas y las q' tocavan a la ciudad, en q' se detuvo algunos dias, partio a la entrada de Junio con su muger y casa, i llegó pocos despues a Ceuta.

Era Don Pedro de Meneses hijo quinto de Don Antonio de Noroña primer conde de Linares Capitan General de Ceuta, i escrivano de la puridad del Rey Don Manuel, i de la condeça Doña Juana de Silva su muger, nieto por su padre de Don Pedro de Meneses segundo marques de Villa-Real, i de la marquesa Doña Beatriz hija de los Duques de Bergança, i por su madre de Diego de Silva de Meneses primer conde de Portalegre, i de la condeça D.ª Maria de Ayala su muger.

No quedo otra memoria del gouierno de Don Pedro, mas q' la de su muerte, q' referire luego, mas tenemos una de su tiempo, q' basta hacerle feliz, q' fue hauer estado sirviendo en esta plaça Luis de Camones, principe de los poetas Hespañoles, i escrito en ella algunas de sus mas valiosas poesias. No fuera justo passar en silencio una de las mayores glorias de Ceuta, qual es esta, i assi escriviré lo q' se me offrece en este particular. Embarcosse Luis de Camoes para la India el año de 1550. Iantes desta jornada estuvo en Ceuta. Seria de 18 años quando se enamoro de

71.º D. Luiz de Lencastre. Marquez de Malagon — 1645–1646.

72.º D. João Soares de Alarcão e Mello, Marquez de Torcifal e Conde de Torres Vedras — 1646–1653.

73.º D. João Fernandes de Souto Maior e Lima, Marquez de Tenorio — 1653–1661.

74.º D. Jeronimo de Noronha, Conde de Castello Mendo — 1662–1665.

75. D. Pedro da Cunha, Marquez de Sentar — 1665–1672.

Foi este o último governador de Ceuta Portuguesa por esta Praça ter passado à Coroa de Castella pelo tratado de pazes de 1668. Por ser bastante interessante e por emfim, ser o documento que dá conhecimento aos habitantes de Ceuta que deixaram de ser portuguezes, vou terminar as minhas notas à *Historia de Ceuta* de D. Jeronimo de Mascarenhas, por transcrever a Carta da Rainha Mãe de Carlos II de Castella, datada de 19 de maio de 1668:

«Juez, Bescadores, Contador, Adalid, Escribanos de los Cuentos y Matricula, Almojarifes, Fidalgos, Capitanes y demás oficiales de la Justicia, Guerra y Hacienda y demás personas y moradores de mi siempre Noble y Leal Ciudad de Ceuta: En la paz que ajustado con Portugal, he dispuesto quedeis agregados á la Corona de Castella, deseando manifestar en esto el amor particular que os tengo, correspondiente al que con tanta fineza haveis mostrado en todas ocasiones al servicio del Rey mi hijo, lo cual tendre siempre presente, para favorecervos y honrarvos en las que se ofreciesen de vuestra conveniencia y mayor satisfacion de vuestros naturales, en cuya consciencia he mandado, se os guarden las Leyes y costumbres con que os habeis gobernado hasta ahora y tendré particular atencion à vuestra conservacion, para lo cual se continuará el asiento de manera que no experimenteis ninguna falta y espero que vos continuareis los afectos de vuestro celo con aquel afecto que hasta aqui, de su Magestad. Madrid 19 de maio de 1668. (a.) Yo la Reina. Por mandado de su Magestad, (a.) Don Diego de la Torre.

Doña Cathalina de Athaide Dama de Palacio; por estos amores fue desterrado de la Corte, i juzgosse q' vivio entonces en Santaren; bolvio a la Corte y prosiguiendo sus amores fue desterrado a Ceuta: alli sirvio con sus armas como valiente soldado. En una batalla naval con los moros, le llevo un ojo una centella resurtida de un cañon, q' se disparo cerca del, este successo describe en su cancion 10. Estancia 9, assi:

Desta arte a vida em outra fui trocando
eu nam: mas o destino fue eirado:
que eu inda assi, por outra a nam̃ trocara
fezme deixar o patrio ninho amado
passando o longo mar, q' amenaçando
tantas veces me esteve a vida cara.
Agora experimentando a furia rara
de marte que com os olhos quiz q' logo
visse, e tocasste o acerbo perto seu.
En este escudo meu
a pintura veram do infesto logo,
agora peregrino vago errante,
vendo naçoes, linguageño, e costumes,
ceos varios, calidades differentes.

Las estancias antecedentes a esta tratan de sus amores, y esta de como por ellos fue desterrado de la Patria, y como en una batalla le provó luego Marte en los ojos por la rason ya dicha, aqui no declara fuesse en Ceuta este successo: pero de la orden con q' procede se ve claro; por q' el hiço dos viajes por mar una de Lisboa a Ceuta, y esta fue la primera, i la q' hablo en los primeros versos, otra fue de Lisboa a la India, y en esa explica bien q' perigrino vago, errante vio despues naciones varias, i varios cielos q' son lo q' ve en tan largo viaje, y esta cancion escrivio el Poeta despues de buelto de la India mui alo ultimo de su años por q' refiere en ella todo lo passado de su vida.

De su primer destierro para Santarem (segun parece) dexó memoria en la elegia tercera; del segundo para Ceuta en la segunda que empieca:

Aquella que de amor descomedido

y que fue escrito en esta plaça consta claramente de los versos siguientes:

As veces cuido em mj se a novidade
E estranheza da terra con a mudança.
Se poderam mudar hua vontade.
E com isto afiguro vermo va
a nova terra, o novo trato humano
a estrangeira gente, estranha husança.
Subome ao monte q' Hercules Thebano
do altissimo Calpe diuidio

dando camino ao mar Mediterrano
Dali estou tanteando aonde vio
o pomar das Hesperides matando
aserpe q' seu passo resistio
En outra parte estou afigurando
o poderoso Antheo, que derribado
maes força se lhe estava acrescentando.
Mas do Hercules braço sogigado
no ar deixou a vida, nam podendo
da madre terra ja ser ajudado
E nem com isto em fim, q' estou dizendo
nem com as armas tam continuadas
de lembranças passadas me defendo.

Bien se dexava ver desta Elegia q' estava el Poeta en Ceuta quando la escrivio, i q' servia con sus armas, parece q' escrivio estos versos poco despues de llegado, por si fuera mas adelante hiciera memoria del conflicto en que perdio el hojo, de q' hace en la caucion ya referida. Esta elegia escribio a Don Antonio de Noroña hijo de Don Francisco de Noroña segundo Conde de Liñares, i sobrino de nuestro general q' era hijo del primer conde. Don Antonio tendria entonces la misma edad q' el poeta, q' seria de asta veyente años, y era su Mecenas, como se ve q' a este cauallero endereço mas Poemas q' a otro alguno: a el fue escrito el soneto 12 de la Centuria primera, y el 29 de la segunda (hablo segun la la disposicion en q' lo tiene con las obras añadidas. Manuel de Faria y Souza) y esta elegia 2 y las primeras octavas, q' parece fueron escritas despues de bolver de Ceuta: y la mitad primera de la primera egloga totalmente admirable: esta, i los dos sonetos escribio en la India a su muerte, q' fue el año de 1554 como luego dirimos. Las eglogas quinta, i septima, tambien fueron dedicadas a Don Antonino; aquella escrita en Lisboa antes de passar a Ceuta, y en Ceuta esta segun parece. Andava entonces enamorado Don Antonio de Doña Margarita de Silva hija de Don Garcia de Almeida hijo de Don Juan de Almeida segundo conde de Abrantes. Este nombre de Margarita, disfarçava el poeta con el de Margida en la estancia 27 de la Egloga primera donde llora la muerte de Don Antonio, i dise q' la causa de su passaje a Africa fueron estos amores, por q' su padre por aportarle dellos, le embio a servir a Ceuta, donde le mataron los moros. Tambien parece q' el poeta escribio en Ceuta su Oda 1.º maravillosa por lo q' la estancia lo dice assi:

Nam fugas, nam, de mi ah nam te escondas
de hu taj fiel amante
olha como suspiram estas ondas
e como o velho Atlante
o seu collo arrogante
moue piadossamente
ouuindo a minha voz fraca, e doente.

puedesse asegurar q' fuessen escritos en Ceuta estos versos pues disse q' daua oidos a su canto, i si se condolia de sus lastimas el monte Atlas, por q' sabida cosa es (y ya diximos artas veces) q' alli se llevanta este monte, i corresponde todo este alo q' dixe en la elegia segunda que como ya mostramos fue escrita en Ceuta y q' lo fuese tambien la egloga Septima, parece del estilo q' es de lo mayor suyo, cosa q' no logro antes de partir para Ceuta, como se ve de la quinta, q' antes desto dedicó a Don Antonio, por q' tenia entonces mui pocos años, i aun q' siempre fue grande el ingenio, la poca edad siempre se descubre en los escritos.

Gouernava Don Pedro de Meneses a Ceuta con el aplauso general de sus vecinos, i temor de los berberiscos, q' sovervio con la espugnacion de la villa del Cabo de Aguer, i despoblacion de otras ciudades, i lugares q' tenian los portugueses en las Mauritanias, (de donde en tiempo del felicissimo Rey Don Manuel con singular gloria de su corona se les hacia cruelisima guerra) corrian nuestras fronteras, pretendiendo vengar las victorias poco antes alcançadas de las armas Portuguessas. Haciales oposicion Don Pedro con tan valor q' no solo impedia sus correrias, mas les inquietava en sus propias casas sacando dellas cautivos, i ganados por muchas veces, si bien de todos los successos de su tiempo no mas quedo otra memoria de particular q' la de su muerte q' succedio en la primavera del año de 1554. Murio algunos meses antes el Principe Don Juan padre del Rey Don Sebastian, i de la vecindad destos successos, y de hauerlos cantado juntos Luis de Camoes anteponiendo la muerte de Don Pedro de Meneses a la del Principe Don Juan q' succedio en fin del año de 1553 an tomado algunos motivo para afirmar auer sucedido la de Don Pedro a los principios deste año mas engañamse porq' succedio el referido de 54 como expresamente lo dise Luis de Marmol, author del mismo tiempo, y parece de otras muchas memorias. Destas dudas ha sido la causa el intolerable descuido del cronista Francisco de Andrada, q' en la vida del Rey Don Juan el 3.º q' llegó asta el año de 1557 se olvido de contar este successo, siendo una de las cosas mas notables de aquel tiempo, i q' le corria precisa obligacion de referir, tanto por lo q' tocava a su officio como por lo q' deuia a su sangre por ser Don Antonio de Noroña (uno de los caualleros muertos en aquel dia) su sobrino hijo de su hermana, i de Don Francisco de Noroña segundo conde de Liñares, hermano de Don Pedro de Meneses; assi q' lo escribiese aqui sera sacado de algunos fragmentos conferidos, i junto con la tradicion q' los vecinos de Ceuta tienen de sus padres q' lo vierón.

Tenia el Xarife Atahomat por Alcaides en Larache Arrahobentuchas y en Tetuan el Hasein con mucha gente de guerra; hauian grangeado opinion de valientes por las rotas q' hauian dado a los Generales de Tanjar Luis de Loureiro y Luis de Silva, i viniendo a correr a Ceuta con numeroso exersito, no pareciendo a Don Pedro de Meneses bastante

prueba de su animo, pelear en los puestos donde solia, les embio adesafiar offreciendosse a pelear buscandoles donde ellos eligiessen: Acetado por los moros el desafio, conociendo les venia la ocasion a las manos, se despuso el General para la jornada. Contradesia esta resolusion como temeraria el Adalid Diego Nabo (que como refiere Marmol no hauia un año q' habia salido de Cautiuo) persona de grande esfuerço, y experiencia adquirida con el largo discurso de la guerra, de aquellas fronteras, mostrando con evidencia al general, el peligro a q' se exponia buscando al enemigo tan superior en gente, i tan lexos de nuestro campo, donde en qualquier aduersidad pudiera tener el socorro mas cerca; mas Don Pedro llevado de su bizarria, o del destino fatal q' le llevaba a la muerte, no admiro tan sano consejo juzgando la prudencia del Adalid por demasiada, i embiando por la costa los bergantines salio con ciento treyenta cauallos, en q' entravan lo mas lucido de los fronteros, assi de los q' residian sirviendo encomiendas, como de los vecinos. Tomó la delantera el Adalid, Diego Nabo, con un troço de cauallos asta passar el pequeño Rio de Castillejo distante una legua de la ciudad, q' en esta parte desagua en el Occeano, i llegando al monte de la Condeça, sitio q' dio nombre a esta desgracia se descubrieron los Alcaides con excesivo numero de caualleria, i Infanteria cuya vista hizo reparar a Don Pedro en su desacierto, i queriendo remediarlo a tiempo q' pudiera padecer peligro su reputacion, lo comunico con el Adalid q' con animo seguro i constante le respondio: *q' despues de hauer estado alli el remedio era perder las vidas con honras,* y dando espuelas al cauallo embistio con su gente a los moros, con q' se trabó una sangrienta batalla, empeçando a disparar los vergantines sus vestos, tan infelizmente, q' causaron mas daño en los nuestros q' en el enemigo. Contavan algunas personas ancianas de Ceuta, q' los reflexos de las espadas y alfanjes fueron de suerte con los rayos del sol, q' hazian parecer a los q' estavan mirando desde las murallas, una semejanza de llamas de fuego; duro la pelea gran rato sin declararse la victoria, supliendo la desigualdad del numero, el esfuerço de nuestra gente, asta q' al tomar de una buelta fue muerto el adalid Diego Nabo, con cuya muerte tomaron los moros mayores animos, cargaron con todo el grueso del ejercito sobre el general, y siendo desbarato, viniendo a socorrerle su sobrino Don Antonio de Noroña fueron ambos muertos con todos los q' le acompañavan, i solo se libró de la furia de los infieles el guia del general q' truxo la noticia a la plaça. Executaron los moros en los muertos muchas crueldades, propias de sus barbaros pechos, de q' dio testimonio la sangre q' muchos años esmalto aquellos corpos, i cortandoles las cabeças las embiaron por trofeo al Xarife. Causó la nueva desta desgracia general sentimiento en la corte Portuguessa, q' duró con demostraciones tragicas muchos dias. A este assumpto y en particular a la muerte de Don Antonio hiço Luis de

Camoes estando en la India aquella excelente egloga de Vmbrano, y Frondelio, en q' no solo suplio la falta del chronista, pero la escribio con tantas ventajas q' no tienem nuestros heroes en esta parte q' embidiar la dicha de Archiles, quedando con inimitable estilo su memoria eternizada en la posteridad. Era Don Antonio de Noroña uno de los caualleros cortezanos en aquella edad por sus muchas partes. Galanteo a la dama referida, q' lo era de la Reina Doña Catalina, a quien el poeta celebra con el nombre de Marsida, q' casó despues en el Reino ilustremente, i por diuertirle el conde su padre destos amores, le embio a Ceuta a servir con su tio Don Pedro de Meneses, donde le esperava la muerte; en q' se vee lo poco q' previenen los mortales los successos humanos. Tambien el venerable Francisco de Saa de Miranda, escrivio otra egloga a la muerte de su hijo mayor, Gonçalo Mendez de Saa, muerto en la misma ocasion, y no solo los ingenios lusitanos ocuparon las plumas en lamentar esta tragedia, mas en la Andaluzia se cantaron en este tiempo romances a este proposito en q' a la usança de aquel siglo se cuenta todo el successo y el año en q' fue, q' es el ya referido de 1554. Algunos años despues de hauer succedido esta desgracia, viniendo a esta plaça un moro a convertirse hijo de un Xeque principal de Berberia, q' en el bautismo se llamó Manuel de Meneses, nombre del general q' estava en Ceuta, entonces marques, y despues Duque de Villarreal, dixo q' la causa que le hauia movido dexar su ley, hauia sido ver algunas noches en aquella parte en donde mataron nuestra gente una gran luz, y con ella muchos mancebos hermossissimos armados de armas resplandecientes cantando con suavidad sobrenatural, i q' admirado desta vista hauia preguntado a su padre lo q' aquello era, i le respondio q' eran los christianos q' alli hauian sido muertos, i de aqui tomó occasion la gente vulgar para persuadirse a q' se veyan alli visiones celestiales, i aun q' esto no meresca credito, bien puede juzgarse piedosamente obrara Dios maravillas por aquellos q' derramaron su sangre por la gloria, i exaltacion de su santo nombre.

Fue casado Don Pedro de Meneses dos veces, la primera con Doña Lucrecia de la Guarda hija del Prothonotario Juan de la Guarda, Dean de Braga, de quien tuvo a Don Antonio q' murio moço, y a Doña Juana de Silva muger de Don Martino de Castelo-blanco Señor de Villanueva de Portiman. Doña Maria que murio niña, y Doña Catalina muger de Andres de Albuquerque hijo de Manuel, i de su muger Doña Camila de Noroña. Casó segunda vez con Doña Constancia de Guzman (q' despues fue camarera mayor de la Doña Maria hija del Rey Don Manuel) hija de Francisco de Guzman, mayordomo mayor de la misma Infanta i de su muger Dona Ana de Blasfet señora flamenca dama de la Reina Doña Leonor, tercera muger del Rej Don Manuel, i hermana del Emperador Carlos quinto. Tuvo deste matrimonio a Don Antonio de Meneses, q'

casado con Doña Juana de Castro hija de Don Jeronimo de Castro, i de su muger Dona Celia Henriquez, dexó ilustre descendencia. Dona Maria muger 2.ª de Don Alonso de Noroña, quinto conde de Odemira sin succession, i doña Ana que murio niña.

FIN.

INDICE

(1) *Este capitulo, no original, não tem titulo, constando porêm da continuação do governo de D. Affonso de Noronha.*

(2) *Como o antecedente não tem titulo, consistindo porem do governo de D. Antão de Noronha.*

(3) *Tambem não tem titulo, mas consta dos governos de Jorge Vieira e D. Pedro de Menezes e da estada de Luiz de Camões em Ceuta.*

NOTAS

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DT 329 C5M2 1918
Mascarenhas, Jeronymo de
Históría de la ciudad de Ceuta

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 13 27 16 01 008 3